

HELENA P. BLAVATSKY

ÍSIS SEM VÉU

COISAS VELHAS COM NOMES NOVOS

VOLUME I

UNIVERSALISMO

1. COISAS VELHAS COM NOMES NOVOS

“Ego sum qui sum.”

Axioma da Filosofia Hermética

“Começamos a investigar no ponto em que as modernas conjecturas recolhem as suas asas incrédulas. E, para nós, aqueles eram os elementos comuns da Ciência que os sábios de hoje desdenham como quimeras desvairadas ou com que se desesperam como se fossem mistérios insondáveis.”

BULWER-LYTTON, *Zanoni*.

A CABALA ORIENTAL

Existe em algum lugar, neste vasto mundo, um livro antigo – tão antigo que os nossos modernos arqueólogos poderiam examinar-lhe as páginas durante um tempo infinito sem contudo chegarem a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual ele foi escrito. É a única cópia original que existe atualmente. O mais antigo documento hebraico sobre a ciência secreta – a *Siphra Dzeniouta* – foi compilado a partir desse livro, e isso numa época em que já o consideravam uma relíquia literária. Uma de suas ilustrações representa a Essência Divina emanando de Adão¹ como um arco luminoso que tende a formar um círculo²; depois de atingir o ponto mais alto de sua circunferência, a glória inefável endireita-se novamente, e volta à Terra, trazendo no vórtice um tipo superior de Humanidade. Quanto mais se aproxima de nosso planeta, mais a Emissão se torna sombria, até que, ao tocar o solo, ela é tão negra como a noite.

1. O nome é empregado no sentido da palavra grega *anthropos*.

2. [Erro por Adão emanando a Essência Divina. Ver *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*, p.45, para correção.]

Os filósofos herméticos de todos os tempos têm sustentado a convicção, baseada, como alegam, em setenta mil anos de experiência³, de que a matéria, devido ao pecado, tornou-se, com o passar do tempo, mais grosseira e mais densa do que era quando da primitiva formação do homem; de que, no princípio, o corpo humano era de natureza semi-aérea; e de que, antes da queda, a humanidade comunicava-se livremente com os universos invisíveis. Mas, depois, a matéria tornou-se uma formidável barreira entre nós e o mundo dos espíritos. As mais antigas tradições esotéricas também ensinavam que, antes do Adão místico, muitas raças de seres humanos viveram e morreram,

cada uma dando por sua vez lugar a outra. Teriam sido os tipos precedentes mais perfeitos? Teriam alguns deles pertencido à raça *alada* de homens mencionada por Platão no *Fedro*? Cabe à ciência resolver um problema que é de sua especial alçada. As cavernas da França e as relíquias da idade da pedra fornecem um ponto de partida.

3. As tradições dos cabalistas orientais afirmam que a sua ciência é ainda mais antiga. Os modernos cientistas podem duvidar da asserção e rejeitá-la. Mas eles *não podem* provar que ela é falsa.

À medida que o ciclo prosseguia, os olhos dos homens foram mais e mais se abrindo, até o momento em que ele veio, tanto quanto os próprios Elohim a conhecer “o bem e o mal”. Depois de alcançar o seu apogeu, o ciclo começa a retroceder. Quando o arco atingiu um certo ponto que o colocou em paralelo com a linha fixa de nosso plano terrestre, a Natureza forneceu ao homem “vestes de *pele*”, e o Senhor Deus “os vestiu”.

Essa crença na preexistência de uma raça mais espiritual do que aquela a que pertencemos atualmente pode ser reconstituída desde as mais antigas tradições de quase todos os povos. No antigo manuscrito quíxua, publicado por Basseur de Bourbourg – o *Popol Vuh*⁴ –, os primeiros homens figuravam como uma raça dotada de razão e de fala, que possuía uma visão ilimitada e que conhecia de imediato todas as coisas. De acordo com Fílon, o Judeu⁵, o ar está repleto de uma hoste de espíritos invisíveis, alguns dos quais são livres do mal e imortais, e outros são perniciosos e mortais. “Dos filhos de EL nós descendemos, e filhos de EL voltaremos a ser.” E a declaração inequívoca do gnóstico anônimo que escreveu *O evangelho segundo São João*, de acordo com a qual “todos os que O receberam”, isto é todos os que seguiram praticamente a doutrina esotérica de Jesus, tornar-se-iam “filhos de Deus”, aponta para a mesma crença. “Não sabeis que sois *deuses*”?⁶, exclamou o Mestre. Platão descreve admiravelmente no *Fedro*⁷ o estado anterior do homem, e aquele ao qual ele há de retornar: antes e depois da “perda das asas”; quando “ele vivia entre os deuses, e ele próprio era um deus no mundo aéreo”. Desde a mais remota Antiguidade, as filosofias religiosas ensinaram que todo o universo estava repleto de seres divinos e espirituais de diversas raças. De uma delas, no correr do tempo, proveio ADÃO, o homem primitivo.

4. [Parte III, cap. II, p. 199-201.]

5. [*De gigantibus*, § 2 e segs; *De opificio mundi*, § 3.]

6. [*João*, X, 34.]

7. [246 C, 248 C.]

Os calmuques e algumas tribos da Sibéria também descrevem em suas lendas criações anteriores à nossa presente raça. Estes seres, dizem eles, eram dotados de conhecimentos quase ilimitados, e em sua audácia ameaçaram rebelar-se contra o Grande Espírito Chefe. Este, para punir-lhes a presunção e humilhá-los, aprisionou-os *em corpos*, e assim lhes obstruiu os sentidos. Eles podem escapar dos corpos, mas apenas através de longo arrependimento, autopurificação e progresso. Seus *xamãs*, como acreditam, gozam ocasionalmente dos poderes divinos que originalmente todos os seres humanos possuíam.

TRADIÇÕES ANTIGAS CONFIRMADAS POR PESQUISAS MODERNAS

A Biblioteca Astor, de Nova Iorque, foi recentemente enriquecida com o fac-símile de um Tratado Médico Egípcio, escrito no século XVI a.C. (ou, mais precisamente, em 1552 a.C.), quando, segundo a cronologia comumente adotada, Moisés tinha apenas vinte e um anos de idade. O original foi escrito sobre a casca interior do *Cyperus papyrus*, e o Prof. Schenk, de Leipzig, não apenas o declarou autêntico, como também o considerou o mais perfeito jamais visto. Consiste numa simples folha de papiro amarelo-escuro da mais fina qualidade, de trinta centímetros de largura e mais de vinte metros de comprimento, que forma um rolo dividido em 110 p., todas cuidadosamente numeradas. Foi adquirido no Egito, em 1872-1873, pelo arqueólogo Ebers, de “um próspero árabe de Luxor”. O *Tribune* de Nova Iorque, comentando o fato, diz: O papiro “traz evidências internas de ser um dos seis *Livros herméticos sobre Medicina*, mencionados por Clemente de Alexandria”.

O editor diz ainda “Ao tempo de Jâmblico, em 363 a.C., os sacerdotes do Egito exibiram 42 livros que atribuíram a Hermes (Thuti). Destes, segundo aquele autor, 36 continham a história de todo o conhecimento humano; os seis restantes tratavam da anatomia, da patologia, das afecções dos olhos, dos instrumentos cirúrgicos e dos medicamentos⁸. O *Papiro de Ebers* é incontestavelmente uma destas antigas obras herméticas”.

[8. Clemente de Alexandria assegura que em seu tempo os sacerdotes egípcios possuíam quarenta e dois Livros Canônicos. \[Strom., VI, iv.\]](#)

Se um raio de luz tão claro foi projetado sobre a ciência egípcia antiga, pelo encontro accidental (?) do arqueólogo alemão com um “próspero árabe de Luxor”, que luz solar não penetraria nas negras criptas da história mercê de um encontro igualmente fortuito entre um outro próspero egípcio e outro intrépido estudante da Antiguidade?!

As descobertas da ciência moderna não estão em desacordo com as mais antigas tradições que atribuem uma incrível antiguidade à nossa raça. Nos últimos anos, a Geologia, que até então não podia admitir traços de homens anteriores ao período terciário, descobriu provas incontestáveis de que a existência humana precede a última glaciação da Europa – mais de 250.000 anos! Eis aí um osso duro de roer para a Teologia patristica, mas um fato admitido pelos filósofos antigos*.

* Esta frase é muito ambígua. A última glaciação da Europa aconteceu há 10.000 anos, de acordo com alguns cientistas. É mais provável que H. P. B. queira dizer que a existência humana antecede a última glaciação por 250.000 anos. Depois que ela o disse, no entanto, essa data tem sido consideravelmente retrocedida. (N. do Org.)

Além disso, utensílios fósseis foram exumados ao lado de restos humanos, o que demonstra que o homem caçava em tempos tão remotos e sabia como fazer uma fogueira. Mas o último passo ainda não foi dado nessa busca da origem da raça; a ciência estacou repentinamente, e aguardava novas provas. Infelizmente, a Antropologia e a Psicologia não têm o seu Curvier; nem os geólogos nem os arqueólogos são capazes de construir, a partir dos pedaços fragmentários descobertos até o presente, o esqueleto perfeito do homem triplo – físico, intelectual e espiritual. Visto que os utensílios fósseis do homem se tornam mais toscos e rudes à medida que a Geologia penetra mais fundo nas entranhas da Terra, parece uma prova da Ciência que quanto mais próximos ficamos da origem do homem, mais selvagem e bruto ele deve ser. Estranha lógica! Acaso a descoberta dos restos encontrados na caverna de Devon prova que não existiam então raças contemporâneas que fossem altamente civilizadas? Quando a atual população da Terra tiver desaparecido, e algum arqueólogo, ao procurar a “raça vindoura” do futuro distante, escavar utensílios domésticos de um de nossos índios ou das tribos da Ilha de Andaman, poderá ele legitimamente concluir que a humanidade do século XIX estava “emergindo da Idade da Pedra”?

Até há pouco era moda falar das “insustentáveis concepções de um passado inculto”. *Como se fosse possível esconder atrás de um epigrama as pedreiras intelectuais graças às quais as reputações de muitos filósofos modernos foram esculpidas!* Assim como Tyndall está sempre pronto a desdenhar dos filósofos antigos – de cujas idéias mais de um cientista renomado retirou a honra e o crédito –, os geólogos parecem cada vez mais inclinados a ter por estabelecido que todas as raças arcaicas estavam contemporaneamente num estado de estúpida barbárie. Mas nem todas as nossas maiores autoridades concordam com essa opinião. Alguns dos mais eminentes sustentam exatamente o contrário. Max Müller, por exemplo, diz: “Muitas coisas ainda nos são incompreensíveis, e a linguagem hieroglífica da Antiguidade revela apenas metade das intenções inconscientes da mente. Entretanto, cada vez mais a

imagem do homem, em qualquer clima que o encontremos, se levanta até nós, nobre e pura desde o início; aprendemos a entender os seus erros, começamos a interpretar os seus sonhos. Por mais longe que possamos remontar às pegadas do homem, mesmo nos maíus baixos estratos da História vemos o dom divino de um são e sóbrio intelecto que lhe pertence desde o início, e a idéia de uma humanidade a emergir lentamente das profundezas da brutalidade animal não mais pode ser sustentada”⁹.

9. *Chips from a German Workshop*, “Comparative Mythology”, vol. II, P. 8.

O PROGRESSO DA HUMANIDADE CARACTERIZADO POR CICLOS

Como se pretende que não é filosófico pesquisar as causas primeiras, os cientistas se ocupam atualmente em considerar os seus efeitos físicos. O campo da investigação científica acha-se então confinado pela natureza física. Assim que os seus limites forem atingidos, a investigação deverá parar, e cumprirá recomeçar o trabalho. Com todo o respeito que devemos aos nossos homens eruditos, eles são como o esquilo em sua jaula giratória, pois estão condenados a dar voltas e mais voltas em torno da sua “matéria”. A ciência é uma poderosa potência, e não cabe a nós, pigmeus, questioná-la. Mas os “cientistas” não são a própria ciência encarnada, assim como os homens de nosso planeta não são o próprio planeta. Não temos o direito de pedir ao “filósofo dos dias de hoje” que aceite, sem discussão, uma descrição geográfica do lado escuro da Lua, nem temos o poder para obrigá-lo a tal. Mas se, num cataclismo lunar, um dos seus habitantes fosse arrojado de lá para a atração de nossa atmosfera, e desembarcado, são e salvo, nas portas do Dr. Carpenter, este poderia ser justamente acusado de faltar ao seu dever profissional se deixasse escapar esta ocasião para resolver um problema físico.

Para um homem de Ciência, recusar a oportunidade de investigar um novo fenômeno, venha este na forma de um homem da Lua, ou na de um fantasma da quinta de Eddy, é igualmente repreensível.

Provenha este resultado do método de Aristóteles ou do método de Platão, não devemos nos demorar para investigá-lo; mas é um fato que as naturezas interna e externa do homem eram perfeitamente conhecidas pelos antigos andrólogos. Sem embargo das hipóteses superficiais dos geólogos, estamos começando a recolher quase diariamente as provas que corroboram as asserções desses filósofos.

*Eles dividiam os intermináveis períodos da existência humana sobre este planeta em ciclos, durante um dos quais a Humanidade gradualmente atingiu o ponto culminante da mais alta civilização e gradualmente recaiu no mais abjeto barbarismo**. A altura à qual a raça, em sua fase progressiva, muitas vezes chegou, pode ser francamente presumida pelos maravilhosos monumentos da Antiguidade, ainda visíveis, e pelas descrições dadas por Heródoto de outras maravilhas de que não restou nenhum traço¹⁰. Mesmo em sua época as gigantescas estruturas de muitas pirâmides e de templos mundialmente famosos eram apenas montes de ruínas. Dispersados pela infatigável mão do tempo, eles foram descritos pelo Pai da História como “as testemunhas veneráveis da glória antiquíssima de ancestrais mortos”. Ele “evita falar das coisas divinas” e dá à posteridade apenas uma descrição imperfeita de oitava de algumas extraordinárias câmaras subterrâneas do Labirinto, onde jaziam – e ainda jazem – ocultos os restos sagrados dos Reis Iniciados.

* O seguinte excerto de *The Mahatma Letters to A.P. Sinnet*, Carta XVIII, p.120-21, tem grande importância na sua relação com o texto do primeiro parágrafo do Capítulo I e com estas linhas. Para citar as palavras do Mestre K. H.:

“Ver ‘Ísis’, Capítulo I – ‘(...) a divina Essência [Purusha] como um arco luminoso’ começa a formar um círculo – a cadeia mahamanvantárica; e, tendo alcançado o ponto mais alto (ou o seu primeiro ponto de partida), dobra-se para trás novamente e volta à Terra (o primeiro globo) trazendo um tipo superior de Humanidade no seu vórtice – ‘por sete vezes. Aproximando-se de nossa Terra, torna-se cada vez mais indistinto até que, tocando o solo, torna-se escuro como a noite –’ isto é, ele é matéria *externamente*, estando o Espírito ou Purusha ocultado pela blindagem dos cinco primeiros princípios. Veja agora estas três linhas sublinhadas; em vez de ‘Humanidade’, leia *raças humanas*, e, por ‘civilização’, leia *evolução espiritual daquela raça específica* e você terá a verdade que deve estar oculta naquele incipiente estágio tentativo da Sociedade Teosófica”. (N. do Org.)

10. [*History*, “*Euterpe*”, § 148 e segs.]

Podemos ainda fazer uma idéia da alta civilização atingida em alguns períodos da Antiguidade pelas descrições históricas da época dos ptolomeus, embora nesse tempo se considerasse que as artes e as ciências estavam em decadência, e que muitos dos seus segredos já perdidos. Nas recentes escavações de Mariette-bey, aos pés das pirâmides, estátuas de madeira e outras relíquias foram exumadas, mostrando que muito tempo antes das primeiras dinastias os egípcios tinham atingido uma perfeição e um refinamento artístico capazes de excitar a admiração dos mais ardentes apreciadores da arte grega. Bayard Taylor descreve tais estátuas numa de suas conferências, e conta-nos que a beleza das cabeças, ornamentadas com olhos de pedras preciosas e sobranceiras de cobre, é insuperável. Bem abaixo da camada de areia na qual repousavam os restos que figuram nas coleções de Lepsius, de Abbott e do Museu Britânico, encontram-se ocultas as provas tangíveis da doutrina hermética dos ciclos de que já falamos.

O Dr. Schliemann, helenista entusiasta, encontrou recentemente, em suas escavações em Troada, numerosas evidências dessa ascensão gradual que vai da barbárie à civilização e novamente da civilização à barbárie. Se os antediluvianos foram de tal modo mais versados do que nós em algumas ciências e se tiveram perfeito conhecimento de artes importantes que temos por *perdidas*, porque então deveríamos tanto relutar em admitir a possibilidade de que eles poderiam ter igualmente se sobressaído no conhecimento psicológico? Tal hipótese deve ser considerada tão razoável como qualquer outra até o momento em que uma evidência irrefutável for descoberta para destruí-la.

Todo verdadeiro *savant*¹¹ admite que em muitos aspectos o conhecimento humano ainda está em sua infância. Será porque nosso ciclo começou numa época relativamente recente? *Estes ciclos*, segundo a filosofia caldaica, *não abrangem toda a Humanidade num único e mesmo tempo*. O Prof. Draper confirma parcialmente esta teoria ao dizer que os períodos em que a Geologia “julga conveniente dividir o progresso do homem na civilização não são épocas abruptas (intransponíveis) que se mantêm simultaneamente para toda a raça humana”; ele dá como exemplo os “índios nômades da América”, que “só estão emergindo da idade da pedra”¹². Assim, mais de uma vez os homens de Ciência confirmaram involuntariamente o testemunho dos antigos.

11. Em francês, no original. (N. do T.)

12. *Conflict between Religion and Science*, p.199.

CIÊNCIA SECRETA ANTIGA

Qualquer cabalista que esteja a par do sistema pitagórico dos números e da Geometria pode demonstrar que as idéias metafísicas de Platão se basearam em princípios estritamente matemáticos. “As verdadeiras matemáticas”, diz o *Magicon*^{13*}, “são algo com que as ciências superiores têm estreita relação; as matemáticas ordinárias não passam de uma fantasmagoria ilusória, cuja tão louvada infalibilidade provém apenas disso – dos materiais, das condições e das referências em que elas se fundamentaram.” Cientistas que acreditam adotaram o método aristotélico apenas porque se esquivam, quando não fogem, dos particulares demonstrados nos universais, glorificam o método da filosofia indutiva, e rejeitam o de Platão, que consideram insubstancial. O Prof. Draper lamenta que alguns místicos especulativos como Amônio Saca e Plotino tenham tomado o lugar “de muitos geômetras do antigo museu”¹⁴. Ele esquece que a Geometria, a única dentre todas as ciências a proceder dos universais para os particulares, foi precisamente o método empregado por Platão em sua filosofia. Desde que a ciência exata confine as suas

observações às condições físicas e proceda como Aristóteles, ela certamente não poderá errar. Mas, embora o mundo da matéria seja ilimitado para nós, ele ainda é finito; e assim o materialismo girará para sempre num círculo vicioso, incapaz de elevar-se acima do que a circunferência permitir. A teoria cosmológica dos números que Pitágoras aprendeu dos hierofantes egípcios é a única capaz de reconciliar as duas unidades, matéria e espírito, e de fazer com que uma demonstre matematicamente a outra.

13. [*Maγικov oder das geheime System einer Gesellschaft unbekannter Philosophen, etc.* (anônimo), Frankfurt und Leipzig, 1784.]

* O título completo dessa obra bastante rara é: *Maγικov oder das geheime System einer Gesellschaft unbekannter Philosophen unter einzelne Artikel geordnet, etc. Von einem unbekanntem des Quadratscheins, der weder Zeichendeuter noch Epopt ist.* Frankfurt und Leipzig, 1784, 8vo. (Museu Britânico, 8610.aa.4.)

Esta obra foi publicada, como o título o indica, por “Um Desconhecido da Luz Quadrilátera”. Contém idéias mais precisamente surpreendentes e extraordinárias que, todavia, são familiares aos estudiosos do ocultismo. Trata da Evolução Setenária da Natureza, da clarividência, da psicomетria e do significado oculto dos números, além de ensinamentos ocultos. É bastante provável que esta obra tenha tido origem num grupo de martinistas. O Dr. Franz Hartmann (assinando-se como “Um budista americano”) apresentou a essência desta obra numa série de excertos traduzidos e condensados nas páginas de *The Theosophist* (vol. V, abril, junho e julho, 1884). (N. do Org.)

14. [Draper, *op. cit.*, cap. I, p. 26.]

Os números sagrados do universo em sua combinação esotérica resolvem os grandes problemas e explicam a teoria da radiação e o ciclo de emanações. As ordens inferiores, antes de se transformarem nas ordens superiores, devem emanar das ordens espirituais superiores, e, ao chegarem ao ponto de retorno, devem reabsorver-se novamente no infinito.

A Fisiologia, como tudo neste mundo de constante evolução, está sujeita à revolução cíclica. Como ela parece atualmente emergir com dificuldades das sombras do arco inferior, um dia poderá ser demonstrado que ela atingiu o ponto mais alto da circunferência muito tempo antes da época de Pitágoras.

Mochus, o Sidônio, fisiólogo e professor da ciência anatômica, floresceu muito antes do Sábio de Samos¹⁵; e este recebeu as instruções sagradas dos discípulos e descendentes daquele. Pitágoras, o filósofo puro, versado profundamente nos maiores fenômenos da Natureza, nobre herdeiro das tradições antigas, cuja grande contribuição foi libertar a alma dos grilhões dos sentidos e forçá-la a realizar os seus poderes, deverá viver eternamente na memória humana.

15. [Antes da época de Tróia. Cf. Estrabão, *Geogr.*, livro XVI, cap. II, § 24.]

O véu impenetrável do segredo arcano cobria as ciências ensinadas nos santuários. Esta é a causa do desprezo moderno para com os filósofos antigos. Até mesmo Platão e Filon, o Judeu, foram acusados por muitos comentadores de inconsistências absurdas, e no entanto o plano que sustenta o labirinto das contradições metafísicas tão desconcertantes para o leitor do *Timeu* é mais do que evidente. Mais foi alguma vez Platão lido compreensivamente por qualquer um dos que comentam os clássicos? Eis a questão que se impõe em decorrência das críticas encontradas em autores como Stalbaum, Schleirmacher, Ficino (tradução do latim), Heindorf, Sydenham, Buttman, Taylor e Burges, para não mencionar as autoridades menores. As alusões veladas do filósofo grego às coisas esotéricas embaraçaram visivelmente esses comentadores no mais alto grau. Eles não apenas sugerem com um desvergonhado sangue-frio que, em certas passagens difíceis, era uma outra fraseologia que se pretendia sem dúvida empregar, como também fazem as modificações! A linha órfica:

“Do canto, a ordem da sexta raça fecha” –

que só pode ser interpretada com uma referência à sexta raça desenvolvida na evolução sucessiva das esferas¹⁶, diz Burges: “(...) foi, evidentemente, tirada de uma cosmogonia *na qual se acreditava que o homem foi o último a ser criado*”¹⁷. Quem edita uma obra não tem a obrigação de pelo menos entender o que diz o seu autor?

16. Em outro lugar explicamos com alguma minúcia a Filosofia Hermética da evolução das esferas e as suas diversas raças.

17. G. Burges, *The Works of Plato*, vol. IV, *Philebus*, p. 107, rodapé [Libr. Class. de Bohn.]

Na verdade, nossos críticos modernos, mesmo aqueles que são isentos de preconceitos, consideravam os filósofos antigos desprovidos da profundidade e do perfeito conhecimento das ciências exatas de que o nosso século tem tanto orgulho. Coloca-se até mesmo em dúvida que eles tenham conhecido o princípio científico fundamental: *ex nihilo nihil fit*. Se afinal suspeitaram a indestrutibilidade da matéria – dizem tais comentadores –, foi menos em virtude de uma fórmula solidamente estabelecida do que por um raciocínio intuitivo e por analogia.

Sustentamos a opinião oposta. As especulações desses filósofos sobre a matéria estavam abertas à crítica pública: mas os seus ensinamentos a respeito das coisas espirituais eram profundamente esotéricos. Obrigados assim por juramento a guardar o segredo e silêncio religioso sobre os assuntos concernentes às relações entre o espírito e a matéria, eles rivalizaram uns com os outros nos engenhosos métodos para ocultar as suas verdadeiras opiniões.

A doutrina de *Metempsicose* foi amplamente ridicularizada pelos homens da Ciência e rejeitada pelos teólogos; entretanto, se ela fosse convenientemente compreendida em sua aplicação à indestrutibilidade da matéria e à imortalidade do espírito, ter-se-ia reconhecido que ela é uma concepção sublime. Não deveríamos estudar a questão colocando-nos no ponto de vista dos antigos, antes de nos aventurarmos a desacreditar os seus mestres? A solução do grande problema da *eternidade* não diz respeito nem à superstição religiosa nem ao materialismo grosseiro. A harmonia e a uniformidade matemática da dupla evolução – espiritual e física – foram elucidadas exclusivamente nos números universais de Pitágoras, que construiu seu sistema inteiramente com base na chamada “fala métrica” dos *Vedas* hindus. Foi só recentemente que um dos mais zelosos eruditos sanscritistas, Martin Haug, empreendeu a tradução do *Aitareya-Brâhmana* do *Rig-Veda*, que era até então completamente desconhecido; estas explicações estabelecem, incontestavelmente, a identidade entre os sistemas pitagórico e bramânico. Em ambos, a significação esotérica deriva do número: no primeiro, da relação mística de cada número com tudo que é inteligível para a mente do homem; no segundo, do número de sílabas com que cada verso dos *Mantras* é formado. Platão, ardente discípulo de Pitágoras, adotou tão completamente este sistema a ponto de sustentar que o dodecaedro foi a figura geométrica empregada pelo *Demiurgo* para edificar o Universo¹⁸. Algumas dessas figuras tinham uma significação particularmente solene. Por exemplo, o número *quatro*, de que o dodecaedro é triplo, era tido como sagrado pelos pitagóricos. É o quadrado perfeito e nenhuma das linhas que o limitam cruza outra em qualquer ponto. É o problema da justiça moral e da equidade divina geometricamente expressas. Todos os poderes e todas as grandes harmonias da natureza física e espiritual repousam no quadrado perfeito, e o nome inefável dAquele que, de outro modo, permaneceria indizível era substituído pelo número sagrado “4”, o mais inviolável e solene juramento entre os antigos místicos – a *Tetraktys*.

18. [*Timeu*, 55 c.]

Se a metempsicose pitagórica pudesse ser completamente explicada e comparada com a moderna teoria da evolução, seria possível suprir todos os “elos perdidos” da corrente desta última. Mas qual de nossos cientistas consentiria em perder seu precioso tempo com as divagações dos antigos? Não obstante as provas em contrário, eles negam não apenas aos povos dos períodos arcaicos mas também aos filósofos antigos qualquer conhecimento do sistema heliocêntrico. Os “veneráveis bedes”, os agostinhos os lactantii parecem ter sufocado, com sua ignorância dogmática, toda fé nos teólogos mais antigos dos séculos pré-cristãos. Mas agora a Filologia e uma relação mais estreita com a literatura sânscrita nos permitiram defendê-los dessas imerecidas imputações.

Nos *Vedas*, por exemplo, encontramos prova positiva de que já em 2000 a.C. os sábios hindus e os eruditos devem ter tido conhecimento da rotundidade de nosso globo e do sistema heliocêntrico. Eis por que Pitágoras e Platão tão bem conheceram esta verdade astronômica; pois Pitágoras obteve seu conhecimento na Índia, ou de homens que lá estiveram, e Platão repetia fielmente os seus ensinamentos. Citaremos duas passagens do *Aitareya-Brâhmana*.

No “*Mantra da Serpente*”¹⁹, o *Brâhmana* declara o seguinte: este é o Mantra que foi visto pela Rainha das Serpentes, *Sarpa-râjñî*; porque a Terra (*iyam*) é a Rainha das Serpentes, assim como é a mãe e a rainha de tudo que se move (*sarpati*). No princípio, ela (a Terra) tinha apenas uma cabeça (redonda), sem cabelos (*calva*), isto é, sem vegetação. Ela ouviu então este *Mantra* que confere àqueles que o conhecem o poder de assumir todas as formas que possam desejar. Ela “pronunciou o *Mantra*”, isto é, sacrificou aos deuses; e, em consequência, obteve imediatamente uma aparência multicolor; tornou-se variegada, e capaz de produzir qualquer forma que desejasse, *mudando uma forma em outra*. Este *Mantra* começa com as palavras “*Âyam gâuh prisnir akramî*” (X, 189).

[19. Do texto sânscrito do Aitareya-Brâhmanam, livro V, cap. IV, § 23. \[Ed. De Haug.\]](#)

A descrição da Terra na forma de uma cabeça *redonda* e *calva*, que era *macia* no princípio e se tornou *dura* apenas após ter sido assoprada pelo deus Vâyu, o senhor do ar, sugere forçosamente a idéia de que os autores dos livros védicos sagrados sabiam que a Terra era *redonda* ou esférica; além disso, que era no princípio uma massa *gelatinosa* que gradualmente se resfriou sob a influência do ar e do tempo. Eis o que concerne ao conhecimento sobre a esfericidade de nosso globo; apresentaremos agora o testemunho em que baseamos nossa asserção de que os hindus estavam perfeitamente a par do sistema heliocêntrico, há pelo menos 4000 anos.

No mesmo tratado, o *hotri* (sacerdote) é instruído como se devem repetir os *Sâstras*, e como se devem explicar o nascer e o por do Sol. Ele diz: “O *Agnishtoma* é aquele (deus) que queima. O Sol *jamais se levanta ou se põe*. Quando as pessoas pensam que o Sol está se levantando, ele *não está*; elas estão erradas. Ao chegar ao fim do dia, ele produz dois efeitos opostos, fazendo a noite para o que está acima e o dia para o que está do outro lado. Quando elas (as pessoas) acreditam que ele se levanta pela manhã, o Sol faz apenas isso: ao atingir o fim da noite, ele se põe a produzir dois efeitos opostos, fazendo o dia para o que está acima, e a noite para o que está do outro lado. O Sol, na verdade, *jamais se põe*; e não se põe para aquele que tem este conhecimento (...)”²⁰.

20. *Ibid.*, livro III, iv, 44.

Esta sentença é tão conclusiva que o tradutor do *Aitareya-Brâhmana*, o Dr. Haug, viu-se obrigado a comentá-la. Ele diz que a passagem contém “a negação da existência do nascer e do pôr-do-sol”, e que o seu autor supõe que o Sol “permanece sempre em sua elevada posição”²¹.

21. *Ibid.*, vol. II, p. 242, nota.

Num dos mais antigos *Nivids*, Rishi Kutsa, um sábio hindu da mais remota Antiguidade, explica a alegoria das primeiras leis impostas aos corpos celestes. Por ter feito “o que não deveria fazer”, Anâhita (Anaitis ou Nana, a Vênus persa), que representa a Terra na lenda, é condenada a girar em torno do Sol. Os *sattras*, as sessões sacrificiais²², provam de modo incontestável que, desde o século XVIII ou XX a.C., os hindus fizeram consideráveis progressos na ciência astronômica. Os *sattras* duravam um ano, e eram “uma imitação do curso anual do Sol. Dividiam-se”, diz Haug, “em duas partes distintas, cada qual consistindo de seis meses de trinta dias cada uma; entre as duas, ocorria o *Vishuvam* (equador ou dia central), cortando os *sattras* em duas metades, etc.”²³.

22. *Ait. Brâhm.*, livro IV.

23. *Op. cit.*, Introd. p. 46.

Este erudito, embora atribua a composição do conjunto dos *brâhmanas* ao período que vai de 1400 a 1200 a.C., é de opinião que o mais antigo destes hinos pode ser situado no início da literatura védica, entre os anos 2400-2000 a.C. Ele não vê razão para considerar os *Vedas* menos antigos do que os livros sagrados dos chineses²⁴. Como o *Shu-King*, ou *Livro da História*, e as canções sacrificais do *Shi-King*, ou *Livro das Odes*, têm uma antiguidade demonstrada que remonta a 2200 a.C., nossos filólogos deverão reconhecer muito breve que quanto ao conhecimento astronômico os hindus antediluvianos foram os seus mestres.

24. *Ibid.*, p. 47

Em todo caso, há fatos que provam que certos cálculos astronômicos eram tão corretos entre os caldeus da época de Júlio Cesar como o são hoje. Quando o calendário foi reformado pelo Conquistador, descobriu-se que o ano civil se coadunava tão pouco com as estações, que o verão adentrava pelos meses de outono e os meses de outono por todo o inverno. Foi Sosígenes, o astrônomo caldeu, quem restabeleceu a ordem na confusão, recuando em noventa dias o dia 25 de março, e assim fazendo este dia corresponder ao equinócio da

primavera; e foi Sosígenes ainda que fixou a duração dos meses *tal como ela existe ainda hoje*.

Na América, o exército de Montezuma descobriu que o calendário dos astecas concedia um número igual de dias e de semanas a cada mês. A extrema correção de seus cálculos astronômicos era tão grande, que *nenhum erro* foi neles descoberto durante as verificações posteriores, ao passo que os europeus que desembarcaram no México em 1519 estavam, graças ao calendário juliano, aproximadamente dez dias adiantados em relação ao tempo correto.

É às traduções escrupulosas e inestimáveis dos livros védicos e às pesquisas pessoais do Dr. Haug, que devemos a corroboração das pretensões dos filósofos herméticos. Pode-se facilmente provar a época de Zaratustra Spitama (Zoroastro) é de uma antiguidade incalculável. Os *brâhmanas*, aos quais Haug atribui quatro mil anos, descrevem a disputa religiosa entre os antigos hindus que viveram no período pré-védico e os iranianos. Os combates entre os *devas* e os *asuras* – os primeiros representando os *hindus* e os últimos os iranianos – são minuciosamente descritos nos livros sagrados. Como o profeta iraniano foi o primeiro a se levantar contra o que ele chamava a “idolatria” dos brâmanes, e a designá-los como *devas* (demônios), a que época remontava então essa crise religiosa?

O VALOR INESTIMÁVEL DOS VEDAS

“Essa luta”, responde o Dr. Haug, “deve ter se afigurado tão antiga aos autores dos *brâhmanas* como façanhas do Rei Artur aos escritores ingleses do século dezenove.”²⁵

25. [Haug, *op. cit.*, p. 52.]

Não houve um só filósofo de alguma notoriedade que não tenha sustentado a doutrina da metempsicose – tal como foi ensinada pelos brâmanes, pelos budistas e mais tarde pelos pitagóricos, em seu sentido esotérico –, quer ele a tenha ou não expresso de maneira inteligível. Orígenes e Clemente de Alexandria, Sinésio e Calcídio, todos acreditavam nela; e os gnósticos, reconhecidos incontestavelmente pela História como um grupo de muito refinados, eruditos e esclarecidos homens²⁶, todos professavam a crença na metempsicose. Sócrates comungava doutrinas idênticas às de Pitágoras; e ambos, para expiar a sua filosofia divina, morreram de morte violenta. O vulgo sempre foi o mesmo em todos os tempos. O materialismo foi e será sempre cego às verdades espirituais. Esses filósofos sustentavam, com os hindus, que Deus infundiu na matéria uma porção de seu próprio Espírito Divino, que anima

e move cada uma das partículas. Eles ensinavam que o homem tem *duas almas*, de natureza diversa e totalmente distinta: uma perecível – a Alma Astral, ou o corpo fluídico interno – e outra incorruptível e imortal – a *Augoeides*, ou porção do Espírito Divino; que a alma astral ou mortal morre a cada mudança gradual no limite de toda nova esfera, tornando-se com cada transmigração mais purificada. O homem astral, por mais intangível e invisível que possa ser aos nossos sentidos mortais e terrestres, é ainda constituído de matéria, embora sublimada. Aristóteles, embora por razões políticas particulares tenha mantido um prudente silêncio a respeito de certos temas esotéricos, expressou muito claramente sua opinião sobre o assunto. Acreditava que as almas humanas são emanações de Deus e que elas são finalmente reabsorvidas na Divindade. Zenão, o fundador do Estoicismo, ensinava que existem “duas qualidades eternas em toda a natureza; uma, ativa, ou masculina, e outra, passiva, ou feminina: a primeira é éter puro e sutil, ou Espírito Divino; a outra é em si mesma totalmente inerte até a sua união com o princípio ativo. O Espírito Divino, ao agir sobre a matéria, produz o fogo, a água, a terra e o ar; e é o único princípio motor de toda a natureza. Os estóicos, como os sábios hindus, acreditavam na absorção final²⁷. São Justino acreditava que as almas emanam do seio da divindade, e Tatiano, o Assírio, seu discípulo, declarava que “o homem é tão imortal quanto o próprio Deus”²⁸.

26. Ver Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. I, cap. XV.

27. [Diog. Laert., *Vidas*, “Zenão”, § 68 e segs.]

28. [*Oratio ad Graecos*, 15.]

MUTILAÇÕES DOS LIVROS SAGRADOS JUDAICOS TRADUZIDOS

O versículo profundamente significativo do *Gênese*: “E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra eu dei uma *alma viva* (...)” deveria chamar a atenção de todos os eruditos hebreus capazes de ler a Escritura no original, e demovê-los de seguir a tradução errada, na qual se lê: “em que *há vida*”²⁹.

29. [*Gênese*, I, 30.]

Desde o primeiro capítulo até o último, os tradutores dos Livros Sagrados judaicos interpretaram mal este significado. Eles mudaram a ortografia do nome de Deus, como prova Sir W. Drummond. Assim, *EI*, se corretamente escrito, deveria ler-se *AI*, pois no original está – *AI*, e, segundo Higgins, esta palavra significa o deus Mitra, o *Sol*, o conservador e o salvador. Sir W. Drummond mostra que *Beth-EI* significa a Casa do *Sol* em sua tradução literal,

e não de Deus. “*El*, na composição de tais nomes cananitas, não significa *Deus*, mas *Sol*.”³⁰ “Foi assim que a Teologia desfigurou a antiga Teosofia e a Ciência, a antiga Filosofia.”³¹

30. Sir W. Drummond, *Oedip. Judaic*, p. 221, 270.

31. A absoluta necessidade que tiveram os primeiros padres e os teólogos posteriores de perpetrar essas piedosas fraudes torna-se evidente, se considerarmos que, mantendo-se a palavra *Al* como no original, tornar-se-ia muito evidente – salvo para os iniciados – que o *Jeová* de Moisés e o *Sol* eram idênticos. As multidões, que ignoram que os antigos hierofantes consideravam o nosso *Sol visível* apenas como um emblema do *Sol central*, invisível e espiritual, teriam acusado Moisés – como muitos de nossos comentadores já o fizeram – de adorar os corpos planetários; em suma, de Sabeísmo.

Por não compreenderem este grande princípio filosófico, os métodos da Ciência moderna, embora exatos, a nada levarão. Não há um só de seus ramos que possa demonstrar a origem e o fim das coisas. Em vez de investigar o efeito a partir de sua fonte primeira, o seu progresso se dá ao inverso. Os tipos superiores, como ele ensina, resultam da evolução dos tipos inferiores. Ela parte do fundo do ciclo, conduzida passo a passo no grande labirinto da natureza por um fio de matéria. Assim que este se rompe e a pista se perde, ela recua, assustada, diante do Incompreensível, e confessa a sua *impotência*. Não procediam assim Platão e seus discípulos. Para eles, *os tipos inferiores são simplesmente as imagens concretas dos tipos abstratos superiores*. A alma, que é imortal, tem uma origem aritmética, assim como o corpo tem uma origem geométrica. Esta origem, enquanto reflexo do grande ARCHAEUS universal, é dotada de movimento próprio e difunde-se a partir do centro sobre cada corpo do microcosmo.

Foi a triste compreensão dessa verdade que fez Tyndall confessar quão impotente é a Ciência, mesmo sobre o mundo da matéria. “O conjunto primitivo de átomos, do qual dependem as ações subsequentes, burla um poder mais aguçado do que o do microscópio. Devido apenas à sua excessiva complexidade, e antes que a observação possa ter direito de opinar sobre o assunto, o intelecto mais bem-treinado e a imaginação mais refinada e disciplinada *retiram-se perplexos da contemplação do problema*. Ficamos mudos de espanto em razão do estupor que nenhum microscópio pode dissipar, não apenas duvidando do poder de nosso instrumento como também conjecturando se possuímos os elementos intelectuais que nos permitirão lutar com as últimas energias estruturais da Natureza.”³²

32. [*Frag. of Science: “Scientific Use of the Imagination”*, p. 153-54: ed.1872.]

A figura geométrica fundamental da Cabala – essa figura que a tradição e as doutrinas esotéricas nos dizem ter sido dada pela própria Divindade a Moisés no Monte Sinai³³ – contém em sua grandiosa, porque simples, combinação a

chave do problema universal. Essa figura contem em si todas as outras. Para aqueles que são capazes de dominá-la, não há necessidade de exercitar a imaginação. Nenhum microscópio pode ser comparado à intensidade da percepção espiritual.

33. *Êxodo, XXV, 40.*

E mesmo para aqueles que não são versados na GRANDE CIÊNCIA, a descrição, dada por um psicômetro infantil bem-preparado, da gênese de um grão, de um fragmento de cristal ou de qualquer outro objeto – vale todos os telescópios e microscópios da “Ciência exata”.

Deve haver mais verdade na aventureira pangênese de Darwin – a quem Tyndall qualifica de um “especulador que voa alto” – do que nas hipóteses tímidas e limitadas deste último; o qual, em conjunto com outros pensadores de sua classe, cerca a imaginação “com as firmes fronteiras da razão”³⁴. A teoria de um germe microscópico que contém em si “um mundo de germes menores” estende-se, num sentido pelo menos, ao infinito. Ela ultrapassa o mundo da matéria e começa inconscientemente a se aventurar pelo mundo do espírito. Se aceitamos a teoria da evolução das espécies de Darwin, descobrimos que o seu ponto de partida está colocado à frente de uma porta aberta. Somos livres para ficar com ele, ou para cruzar a soleira, atrás da qual repousa o ilimitado e o incompreensível, ou melhor, o *Indizível*. Se nossa linguagem mortal é inadequada para expressar o que o nosso espírito entrevê francamente no grande “*Além*” – enquanto estamos nessa Terra –, ela *deve* fazê-lo até certo ponto na eternidade sem tempo.

34. [Tyndall, *op. cit.*, p. 154.]

Não se dá o mesmo com a teoria do Prof. Huxley sobre “A Base Física da Vida”. Indiferente à formidável quantidade de “nãos” dos cientistas alemães, seus colegas, ele cria um *protoplasma* universal cujas células transforma nas fontes sagradas do princípio da *vida*. Tornando tal princípio idêntico tanto no homem vivo como no “carneiro morto”, na urtiga como na lagosta; encerrando, na célula molecular do protoplasma, o princípio da vida, e dele excluindo o influxo divino que ocorre em cada uma das sucessivas evoluções, o Prof. Huxley fecha todas as saídas possíveis. Com uma hábil tática ele converte as suas “*leis e fatos*” em sentinelas, confiando-lhes a guarda das saídas. O estandarte sob o qual ele as reúne traz como inscrição a palavra “necessidade”; mas assim que ele é desfraldada, o Prof. Huxley zomba da divisa e a qualifica de “uma sombra vazia de minha própria imaginação”³⁵.

35. *On the Physical Basis of Life. Uma Preleção por T. H. Huxley.*

As doutrinas fundamentais do Espiritualismo, diz ele, “estão fora dos limites da investigação filosófica”. Seremos bastante audazes para contradizer tal asserção, e dizemos que elas estão muito mais dentro desses limites do que o protoplasma de Huxley. Ainda mais que elas oferecem fatos palpáveis e evidentes da existência do *espírito*, e as células protoplasmáticas, uma vez mortas, não apresentam absolutamente nada das origens ou das bases da vida, como este autor, um dos poucos “pensadores de proa do presente”, nos quer fazer acreditar³⁶.

36. *Ibid.*

Os antigos cabalistas não se demoravam numa hipótese, se a base desta não estivesse estabelecida sobre a rocha sólida das experiências comprovadas.

Mas a exagerada subordinação aos fatos físicos ocasiona a pujança do materialismo e a decadência da espiritualidade e da fé. Ao tempo de Aristóteles, era essa a tendência de pensamento dominante. E embora o preceito délfico ainda não tivesse sido completamente eliminado do pensamento grego, e alguns filósofos ainda sustentassem que “para saber o que o homem *é*, devemos saber o que o homem *foi*,” o materialismo já tinha começado a corroer a fé pela raiz. Os próprios mistérios haviam se degenerado ao extremo em meras especulações sacerdotais e fraudes religiosas. Poucos eram os verdadeiros adeptos e iniciados, os herdeiros e os descendentes daqueles que foram dispersados pelas espadas conquistadoras de vários invasores do Antigo Egito.

O tempo predito pelo grande Hermes em seu diálogo com Esculápio tinha deveras chegado³⁷; o tempo em que estrangeiros ímpios iriam acusar o Egito de adorar monstros, em que nada iria sobreviver de suas instituições, a não ser as inscrições gravadas na pedra sobre os monumentos – enigmas incríveis para a posteridade. Seus escribas sagrados e seus hierofantes erravam sobre a Terra. Obrigados pelo medo da profanação dos santos mistérios a procurar refúgio entre as confrarias herméticas – conhecidas mais tarde sob o nome de *essênios* –, seus conhecimentos esotéricos foram então mais do que nunca sepultados profundamente. A espada triunfante do discípulo de Aristóteles removera de sua trilha de conquista todo vestígio de uma outrora pura religião, e o próprio Aristóteles, tipo e protótipo de sua época, embora instruído na ciência secreta dos egípcios, pouco conheceu desses soberanos resultados de milênios de estudos esotéricos.

37. [Cf. T. Taylor, *Select Works of Plotinus*, Londres, 1817, p. 553-56, rodapé; e L. Ménard, *Hermès Trismégiste*, Paris, 1867, livro II, cap. IX.

Como aqueles que viveram ao tempo dos psaméticos, nossos filósofos de hoje “levantam o véu de Ísis” – pois Ísis é apenas o símbolo da Natureza. Contudo, eles só vêem as suas formas físicas. A alma que elas ocultam escapa-se-lhes aos olhos; e a Mãe Divina não lhes responde. Anatomistas há que, por não descobrirem nenhum espírito atrás da massa dos músculos, da rede de nervos ou da matéria cinzenta que levantam com a ponta do escalpelo, afirma agora que o homem não tem alma. Eles são tão míopes em sua sofisticaria quanto o estudante que, confinando as suas pesquisas à letra morta da Cabala, se dá o direito de dizer que ela carece de um espírito vivificante. Para ver o homem verdadeiro que outrora animava o indivíduo que ele tem diante de si na mesa de dissecação, cumpre ao cirurgião olhar com outros olhos além dos de seu corpo. Portanto, a verdade gloriosa ocultada sob os escritos hieráticos dos antigos papiros só pode ser revelada para aquele que possui a faculdade da intuição – a qual, se chamamos a razão de olho da mente, pode ser definida como o olho da alma.

Nossa ciência moderna reconhece um Poder Supremo, um Princípio Invisível, mas nega a existência de um Ser Supremo, de um Deus pessoal³⁸. Logicamente, pode-se contestar que existe uma diferença entre as duas idéias, pois, no presente caso, *o Poder e o Ser são idênticos*. A razão humana imagina com dificuldade um Poder Supremo inteligente, se não o associa à idéia de um Ser Inteligente. Não esperamos que as massas ignorantes tenham uma clara concepção da onipotência e da onipresença de um Deus Supremo sem dotar tais atributos de uma gigantesca projeção de sua própria personalidade. Mas os cabalistas jamais consideraram o invisível EN-SOPH, senão como um *Poder*.

38. Prof. J. W. Draper, *Hist. of the Conflict, etc.*, p. 24.

Portanto, nossos positivistas modernos estão atrasados há milhares de anos em sua prudente filosofia. O adepto hermético pretende simplesmente demonstrar esta proposição: o simples bom senso recusa admitir a possibilidade de que o universo seja o resultado do acaso. Ele acharia menos absurdo admitir que os problemas de Euclides foram formados inconscientemente por um macaco brincando com figuras de Geometria.

Pouquíssimos cristãos compreendem a Teologia judaica, se é que sabem qualquer coisa a seu respeito. O *Talmud* é o mais obscuro dos enigmas, mesmo para a maior parte dos judeus, e os eruditos hebreus que o compreendem não fazem alarde de seus conhecimentos. Os livros cabalísticos são ainda menos compreendidos por eles, visto que, em nossos dias, há mais cristãos do que judeus buscando resgatar as grandes verdades contidas nesses livros. Quão menos conhecida ainda o é a Cabala do Oriente, a Cabala universal! Seus adeptos são poucos; mas esses herdeiros escolhidos dos

sábios que descobriram em primeiro lugar “as verdades astrais que brilhavam no grande Shemaia da tradição caldaica”³⁹ solucionaram “o absoluto” e descansam agora de sua gigantesca tarefa. Eles não podem ir além do conhecimento que foi permitido aos homens desta Terra; e nenhum destes eleitos pode ultrapassar a linha traçada pelo dedo da própria Divindade. Os viajantes encontram estes adeptos nas margens do Ganges sagrado, roçaram-nos nas ruínas mudas de Tebas e nas misteriosas câmaras desertas de Luxor. Nestas salas, sobre cujas volutas azuis e douradas os signos bizarros chamam a atenção sem que o seu sentido misterioso jamais tenha sido penetrado pelos visitantes desocupados, os adeptos foram vistos, mas raramente reconhecidos. Memórias históricas constataram a sua presença nos *salons*⁴⁰ brilhantemente iluminados da aristocracia européia. Eles foram encontrados ainda nas planícies áridas e desoladas do Grande Saara, assim como nas cavernas de Elefanta. Podemos descobri-los em toda parte, mas eles só se deixam reconhecer por aqueles que devotaram as suas vidas ao estudo desinteressado e que não pretendem voltar atrás.

39. Bulwer-Lytton, *Zanoni*, III, cap. V.

40. Em francês, no original. (N. do T.)

Maimônides, o grande teólogo e historiador judeu que, numa certa época, foi quase deificado por seus concidadãos e, mais tarde, tratado como um herético assinala que quanto mais o *Talmud* parece absurdo e vazio de sentido, mais sublime é o seu significado secreto. Este homem sábio demonstrou vitoriosamente que a Magia Caldaica, a ciência de Moisés e de outros sábios taumaturgos, baseava-se totalmente num extenso conhecimento dos diversos e hoje esquecidos ramos da ciência natural. Perfeitamente a par dos recursos dos reinos vegetal, animal e mineral, versados na Química e na Física ocultas, psicólogos e fisiólogos, por que ficarmos espantados se os iniciados e os adeptos instruídos nos santuários misteriosos dos templos podiam operar maravilhas que, mesmo em nossos dias esclarecidos, pareceriam sobrenaturais? É um insulto à natureza humana difamar a Magia e as ciências ocultas tratando-as como imposturas. Acreditar que durante tantos milhares de anos uma metade do gênero humano praticou o embuste e a fraude com a outra metade equivalente a dizer que a raça humana é composta quase exclusivamente de malfeitores e de idiotas incuráveis. Ora, qual é a nação em que a Magia não foi praticada? Em que época foi ela inteiramente esquecida?

Nos mais antigos documentos que hoje possuímos – os *Vedas* e as *Leis de Manu*, mais antigas ainda –, encontramos muitos ritos mágicos praticados e permitidos pelos brâmanes.⁴¹ O Tibete, o Japão e a China ensinam até hoje o que ensinavam os antigos caldeus. O clero desses respectivos países prova, além disso, o que eles ensinam, ou seja: que a prática da pureza moral e física,

e de algumas austeridades, desenvolve o poder total da alma para a auto-iluminação. Concedendo ao homem o controle sobre o seu próprio espírito mortal, tais práticas lhe dão verdadeiros poderes sobre os espíritos elementares que lhe são inferiores. No Ocidente, descobriremos que a Magia remonta a uma época tão recuada como a do Oriente. Os druidas da Grã-Bretanha a praticavam nas criptas silenciosas de suas grutas profundas; e Plínio consagrava mais de um capítulo à “sabedoria”⁴² dos líderes celtas. Os semoteus – os druidas gálicos – professavam tanto as ciências espirituais como as ciências físicas. Eles ensinavam os segredos do universo, a marcha harmoniosa dos corpos celestes, a formação da Terra e, sobretudo, a imortalidade da alma⁴³. Em seus bosques sagrados – academias naturais construídas pela mão do Arquiteto Invisível – os iniciados se reuniam, na hora tranquila da meia-noite, para aprender o que o homem foi e o que será⁴⁴. Não precisavam de iluminação artificial, nem de gás malsão, para alumiar os seus templos, pois a casta deusa da noite projetava os raios mais prateados sobre as suas cabeças coroadas de folhas de carvalho; e os bardos sagrados vestidos de branco sabiam como conversar com a rainha solitária da voluta estrelada⁴⁵.

41. Ver o Código publicado por *Sir William Jones*, cap. VI, xi.

42. Plínio, *Hist. Nat.*, XXX, i; XXIX, xii, etc.

43. Pomponius Mela [*De situ orbis*] atribui-lhes o conhecimento das mais elevadas ciências.

44. Caesar, *Comentários*, VI, 14.

45. Plínio, *Hist. Nat.*, XVI, xvc; XXX, iv.

Sobre o solo morto desse longo passado agora desaparecido, estão os carvalhos sagrados, agora secos e despojados de sua significação espiritual pelo hálito envenenado do materialismo. Mas, para o estudante do saber oculto, sua vegetação é tão verdejante e luxuriosa e plena de verdades profundas e secretas como nos tempos em que o druida supremo operava curas mágicas e, segurando o ramo de agárico, cortava com sua foice de ouro o ramo verde do carvalho-mãe. *A Magia é tão antiga quanto a Humanidade*. É tão impossível indicar a época de seu início como fixar o dia em que o primeiro homem nasceu. Toda vez que um escritor quis vincular a introdução da magia num país a algum personagem histórico, as descobertas posteriores vieram demonstrar que as suas idéias eram infundadas. Consideraram alguns que Odin, o sacerdote e monarca escandinavo, teria dado início à prática da Magia por volta de setenta anos antes da era cristã. Mas demonstrou-se facilmente que os ritos misteriosos das sacerdotisas chamadas *voilers*, *valas*, eram muito anteriores a essa época⁴⁶. Alguns autores modernos procuraram provar que Zoroastro foi o fundador da Magia, porquanto foi ele o fundador da religião dos

magos. Amiano Marcelino, Arnóbio, Plínio e outros historiadores antigos demonstram conclusivamente que ele foi apenas um reformador da arte mágica tal como era praticada pelos caldeus e pelos egípcios⁴⁷.

46. Münter, *On the most Ancient Religion of the North before the Time of Odin. Mémoires de la Société des Antiquaires de France*. Tomo II, p. 230-31.

47. Amiano Marcelino, XXIII, vi, 31-32. [C.f. Plínio, XXX, iv; Arnóbio, *Adv. Gent.*, 1, 5, 52.]

Os maiores professores de Teologia concordam em reconhecer que todos os livros antigos foram escritos simbolicamente e numa linguagem inteligível apenas aos iniciados. O esboço biográfico de Apolônio de Tiana é um exemplo disso. Como qualquer cabalista o sabe, tal esboço enfeixa toda a Filosofia Hermética, e forma, em muitos aspectos, a contrapartida das tradições que nos foram deixadas pelo rei Salomão. Ele se assemelha a um conto de fadas, mas, como no caso deste, às vezes os fatos e os acontecimentos históricos são apresentados ao mundo sob as cores da ficção. A viagem à Índia representa alegoricamente as provas de um neófito. Seus longos diálogos com os brâmanes, os sábios conselhos destes e os diálogos com o coríntio Menipo, se interpretados, reproduziriam o catecismo esotérico. Sua visita ao império dos sábios, sua entrevista com o rei Hiarchas, o oráculo de Anfiarau, explicam de maneira simbólica muitos dos dogmas secretos de Hermes. Bem compreendidos, eles nos abririam alguns dos segredos mais importantes da natureza. Éliphas Lévi assinala a grande semelhança que existe entre o rei Hiarchas e o fabuloso Hiram, de quem Salomão obteve os cedros do Líbano e o ouro de Ofir. Gostaríamos de saber se os maços modernos, mesmo os “Grandes Conferencistas” e os mais inteligentes artesãos das lojas importantes, compreendem que *Hiram* é aquele cuja morte eles combinaram vingar.

Se pomos de lado os ensinamentos puramente metafísicos da *Cabala*, se desejamos dedicar-nos somente ao ocultismo físico e aos chamados ramos terapêuticos, os resultados poderiam ser proveitosos a algumas de nossas ciências modernas, como a Química e a Medicina. Diz o professor Draper: “Às vezes, não sem surpresa, deparamo-nos com idéias *que nos gabamos de ter visto nascer em nossa época*”⁴⁸. Essa observação, feita a propósito dos escritos científicos dos sarracenos, aplicar-se-ia ainda melhor aos *Tratados* mais secretos dos antigos. A Medicina moderna, mesmo ganhando muito no lado da Anatomia, da Fisiologia, da Patologia, e ainda da Terapêutica, perdeu imensamente em razão da sua estreiteza de espírito, do seu rígido materialismo e do seu dogmatismo sectário. Uma escola, em sua miopia obstinada, ignora tudo o que as outras escolas desenvolvem; e todas são concordes em não conhecer as grandes concepções sobre o homem ou sobre a natureza desenvolvidas pelo mesmerismo ou pelas experiências feitas com o

cérebro na América – cujos princípios não se coadunam com um tolo materialismo. Cumpriria convocar os médicos rivais das diversas escolas a fim de reunir as noções atualmente adquiridas pela ciência médica, e mesmo assim acontece com frequência, depois de os melhores práticos terem esgotado em vão a sua arte sobre um paciente, surgir um mesmerista ou um “médiu curador” que efetua a cura! Aqueles que estudam os antigos livros de Medicina, desde a época de Hipócrates até a de Paracelso e Von Helmont, encontrarão um grande número de fatos fisiológicos e psicológicos perfeitamente estabelecidos e de meios ou remédios curativos que os médicos modernos se recusam orgulhosamente a empregar⁴⁹. Mesmo no que respeita à cirurgia, os práticos modernos confessaram humilde e publicamente que não podem rivalizar, sequer de longe, com a destreza maravilhosa dos antigos egípcios na arte de fazer bandagens. As centenas de metros de ataduras que envolvem uma múmia das orelhas aos artelhos separados foram examinadas pelos principais cirurgiões de Paris, e, embora os modelos estivessem sob os seus olhos, eles foram incapazes de realizar algo semelhante.

48. [Draper, *op. cit.*, p. 118.]

49. Em alguns aspectos, os nossos modernos filósofos, que acreditam que fizeram novas descobertas, podem ser comparados ao “cidadão muito sagaz, muito instruído e muito polido” que Hipócrates encontrou um dia em Samos e que descreve com muito espírito. “Informou-me ele”, prossegue o Pai da Medicina, “que havia descoberto recentemente uma erva até então desconhecida na Europa ou na Ásia, e que nenhuma doença, por mais maligna e crônica que fosse, poderia resistir às suas maravilhosas propriedades. Procurando ser por minha vez gentil, deixei-me persuadir a acompanhá-lo à estufa na qual ele havia transplantado o maravilhoso específico. O que encontrei foi uma das plantas mais comuns da Grécia, a saber, o alho – a planta que entre todas é a que menos pretensões tem às virtudes curativas.” [Hipócrates, *De optima praedicandi ratione item iudicio operum magni*, livro I.]

É possível observar na Coleção Egíptológica de Abbot, em Nova Iorque, numerosas evidências da destreza que os antigos exibiam em diversos ofícios manuais. Citaremos, entre outros, a arte de fazer rendas; e, como dificilmente se esperaria que os sinais da vaidade das mulheres estivessem lado a lado com os da força do homem, há também amostras de cabelo artificial e ornamentos dourados de diferentes espécies. O *Tribune* de Nova Iorque, comentando o conteúdo do *Papiro de Ebers*, diz: – “De fato, não há nada de novo sob o Sol. (...) Os caps. 65, 66, 79 e 89 mostram que tônicos e tinturas capilares, analgésicos e mata-pulgas já estavam em uso há 3.400 anos”.

Quão poucas de nossas últimas pretensas descobertas são realmente novas, e quantas pertencem aos antigos, eis o que afirma clara e eloquentemente, embora de maneira sucinta, o nosso eminente autor de assuntos filosóficos, o Prof. John W. Draper. Sua obra *Conflict between Religion and Science* – um grande livro com um péssimo título – formiga de fatos análogos. À p. 13, ele cita algumas descobertas dos filósofos antigos, as quais suscitaram a

admiração da Grécia. Na Babilônia, havia uma série de observações astronômicas dos caldeus que remontava há 1.903 anos e que Calístenes enviou a Aristóteles. Ptolomeu, o rei-astrônomo do Egito, possuía um registro babilônico dos eclipses que datava de 747 anos antes da nossa era. Como assinala com razão o Prof. Draper: “Longas e ininterruptas observações foram necessárias para verificar alguns desses cálculos astronômicos que chegaram até nós. Assim, os babilônios determinaram a duração do ano tropical com um erro de 25 segundos; seu cálculo do ano sideral acusa a diferença de apenas dois segundos a mais. Eles descobriram a precessão dos equinócios. Conheciam as causas dos eclipses e, com a ajuda de seu ciclo, chamado *saros*, podiam predizê-los. Seus cálculos do valor desse ciclo, que compreendia mais de 6.585 dias, tinha um erro de dezenove minutos e trinta segundos”.

“Tais fatos fornecem a prova irrefutável da paciência e da habilidade com as quais a Astronomia foi cultivada na Mesopotâmia e de que, apesar dos instrumentos inadequados, esta ciência atingiu uma perfeição que não se deve desprezar. Esses antigos observadores fizeram um catálogo das estrelas, dividiram o zodíaco em doze signos; separaram o dia e a noite em doze horas. Devotaram-se, por longo tempo, como diz Aristóteles, à observação das ocultações das estrelas pela Lua. Corrigiram as idéias a respeito da estrutura do sistema solar, e conheceram a ordem de localização dos planetas. Construíram relógios solares, clepsidras, astrolábios, gnomos.”

Falando do mundo das verdades eternas que se ocultam “no mundo das ilusões transitórias e das não-realidades”, diz o Prof. Draper: “Esse mundo não será descoberto graças às vãs tradições que nos transmitiram a opinião dos homens que viveram nos albores da civilização, nem no *sonhos dos místicos* que se acreditavam inspirados. Ele será descoberto através das investigações *da Geometria, e das interrogações práticas à Natureza*”⁵⁰.

⁵⁰. [Draper, *op. cit.*, p. 33.]

Exatamente. A conclusão não poderia estar mais bem expressa. Esse eloquente escritor fala-nos uma verdade profunda. Contudo, ele não nos fala *toda* a verdade, pois não a conhece. Ele não descreveu a natureza e a extensão dos conhecimentos ensinados nos mistérios. Nenhum povo posterior foi tão proficiente na Geometria quanto os construtores das pirâmides e de outros monumentos gigantescos, antediluvianos e pós-diluvianos. Por outro lado, ninguém jamais os igualou na interrogação prática à Natureza.

Uma prova inegável disso é o significado de seus incontáveis símbolos. *Cada um desses símbolos é uma idéia concretizada – que combina a concepção do Divino Invisível com o terreno e o visível.* Um deriva estritamente do outro, por

analogia, de acordo com a fórmula hermética – “como embaixo, assim é em cima”. Seus símbolos mostram grande conhecimento das ciências naturais e um estudo prático do poder cósmico.

Quanto aos resultados práticos a tirar “das investigações geométricas”, felizmente para aqueles que se consagram ativamente a esse estudo, não precisamos mais nos contentar com meras conjecturas. Em nossos dias, um americano, o Sr. George H. Felt, de Nova Iorque, que, se continuar como começou, será um dia reconhecido como o maior geômetra desta época, obteve, apenas com a ajuda das premissas estabelecidas pelos antigos egípcios, resultados que exporemos com as suas próprias palavras*. “Em primeiro lugar”, diz o Sr. Felt, “o diagrama fundamental ao qual se pode referir toda a geometria elementar, plana ou sólida; produzir sistemas aritméticos de proporção de modo geométrico; identificar essa figura com todos os vestígios de arquitetura e de escultura nos quais ela foi seguida de maneira maravilhosamente exata; determinar que os egípcios a utilizaram como base de todos os cálculos astronômicos sobre os quais seu simbolismo religioso foi quase inteiramente fundado; descobrir seus rastros entre todos os remanescentes da arte e da arquitetura gregas; descobrir cabalmente a sua marca nos registros sagrados judeus, de modo a provar peremptoriamente que estes foram estabelecidos a partir dessa figura; descobrir que todo o sistema foi descoberto pelos egípcios após investigações de dezenas de milhares de anos nas leis da Natureza, e que este sistema poderia com razão ser chamado de ciência do universo.” Tais premissas lhe permitiram “determinar com precisão problemas de Fisiologia hoje apenas presumidos; expor pela primeira vez um sistema de filosofia maçônica que se imponha, conclusivamente, como Ciência e Religião fundamentais, destinada a ser a última”; e, finalmente, acrescentaríamos, provar por testemunhos oculares que os escultores e arquitetos egípcios obtiveram os modelos das delicadas figuras que adornam as fachadas e vestibulos dos templos, não nas fantasias desordenadas de seus próprios cérebros, mas das “raças invisíveis do ar”, e de outros reinos da Natureza, que o Sr. Felt, como eles, *pretende* tornar visíveis recorrendo aos seus próprios processos químicos e cabalísticos.

* George H. Felt era um engenheiro de Nova Iorque, que possuía muito talento mas era de um temperamento bastante caprichoso. Estava presente à reunião de 7 setembro de 1875, quando a constituição da Sociedade Teosófica foi proposta, e pronunciou uma conferência intitulada “The Lost Canon of Proportion of the Egyptians, Greeks and Romans”. Ver as *Old Diary Leaves* do Cel. Olcott, vol. I, p. 115-17 e 126-31 para outros dados sobre ele. Existem algumas cópias de um anúncio ilustrado bastante elaborado de uma obra de Felt que estaria no prelo e que trataria do seu tema favorito, mas é bastante provável que ela nunca tenha sido publicada, e não se encontrou nenhum sinal de um manuscrito inédito. (N. do T.)

Schweigger prova que os símbolos de todas as mitologias têm base e essência científicas⁵¹. Foi apenas através das recentes descobertas das forças físicas

eletromagnéticas da Natureza que alguns entendidos em Mesmerismo, como Ennemoser, Schweigger e Bart, na Alemanha, o Barão Du Potet e Regazzoni, na França e na Itália, conseguiram estabelecer, com rigorosa precisão, a verdadeira correlação que existe entre cada *Theomythos* e uma dessas forças. O dedo idéico, que tantã importância teve na arte mágica de curar, consiste num dedo de ferro que é alternativamente atraído e repelido por forças magnéticas naturais. Na Samotrácia, ele produziu prodígios de cura, devolvendo os órgãos afetados ao seu estado normal.

51. J. S. C. Schweigger, *Einleitung in die Mythologie auf dem standtpunkte des Naturwissenschaft, etc.*, Halle, 1836.

Bart vai mais longe do que Schweigger na interpretação dos sentidos dos mitos antigos, e estuda a questão sob os aspectos espiritual e físico. Ele trata extensamente dos dáctilos frígios, esses “mágicos e exorcistas das doenças”, e dos teurgistas cabírios. E diz: “Enquanto tratamos da íntima união dos dáctilos com as forças magnéticas, não nos limitamos necessariamente à pedra magnética e nossas idéias a respeito da Natureza não fazem mais do que lançar uma vista d’olhos sobre o magnetismo em conjunto. Assim se compreende, então, como os iniciados, que a si próprios se chamavam *dáctilos*, despertaram o assombro das gentes com as suas artes mágicas, operando, como fizeram, milagres de natureza curativa. A isto eles próprios acrescentaram muitos outros conhecimentos que o clero da Antiguidade tinha o hábito de praticar: o cultivo da terra e da moralidade, o progresso da arte e da ciência, os mistérios e as consagrações secretas. Tudo isso foi feito pelos sacerdotes cabírios, e *por que não guiados e ajudados pelos misteriosos espíritos da Natureza?*”⁵² Schweigger é da mesma opinião, e demonstra que os fenômenos da antiga teurgia eram produzidos por poderes magnéticos “sob a orientação dos espíritos”.

52. Ennemoser, *The History of Magic*, Londres, 1854, vol. II, p. 65.

Apesar do seu aparente politeísmo, os antigos – pelo menos os das classes esclarecidas – eram totalmente monoteístas; e isso, séculos e séculos antes dos dias de Moisés. Nos *Papiros de Ebers* esse fato é mostrado de maneira definitiva nas seguintes palavras, traduzidas das primeiras quatro linhas da Lâmina I: “Eu vim de Heliópolis com os grandes seres de Het-aat, os Senhores da Proteção, os mestres da eternidade e da salvação. Eu vim de Saïs com as Deusas-Mães, que me protegeram. O Senhor do Universo disse-me como libertar os deuses de todas as doenças mortais”. *Os homens eminentes eram chamados de deuses pelos antigos*. A deificação dos homens mortais e dos falsos deuses é tanto uma prova contra o seu monoteísmo como as construções monumentais que os modernos cristãos erigem aos seus heróis é uma prova de seu politeísmo. Os americanos do presente século considerariam

absurda a posteridade se, três mil anos depois, ela os classificasse entre os idólatras devido às estatuas erguidas em honra do seu deus Washington. A Filosofia Hermética era tão cercada de mistério que Volney afirma que os antigos adoravam os seus grosseiros símbolos materiais como se eles fossem divinos em si mesmos; no entanto, eles eram considerados apenas como uma representação dos princípios esotéricos. Dupuis também, depois de ter devotado muitos anos ao estudo do problema, desprezou o círculo simbólico e atribuiu sua religião simplesmente à astronomia. Eberhart (*Berliner Monatschrift*) e muitos outros escritores alemães deste e do último século tratam a Magia de um modo bastante irreverente, acreditando que ela se origina do mito platônico do *Timeu*. Mas como, sem a posse do conhecimento dos mistérios, teria sido possível a esses ou a quaisquer outros homens desprovidos de sutilíssima intuição de um Champollion descobrir, atrás do véu de Ísis, a metade esotérica do que está oculto a todos os que não são adeptos?

Ninguém contesta o mérito de Champollion como egiptólogo. Ele declara que tudo faz crer que os antigos egípcios eram profundamente monoteístas. E confirma em seus mínimos detalhes a exatidão das obras do misterioso Hermes Trismegisto, cuja antiguidade se perde na noite dos tempos. Ennemoser diz também: “Heródoto, Tales, Parmênides, Empédocles, Orfeu e Pitágoras foram ao Egito e ao Oriente a fim de se instruírem na Filosofia Natural e na Teologia”. Foi lá também que Moisés adquiriu seus conhecimentos, e Jesus passou os primeiros anos de sua vida.

Lá se reuniam os estudantes de todas as nações antes da fundação de Alexandria. “Por que razão”, acrescenta Ennemoser, “se veio a conhecer tão pouco dos mistérios? No curso de tantos séculos e entre tão diferentes épocas e povos? A resposta está no silêncio universalmente rigoroso do iniciado. Outra causa se acha na destruição e perda completa de todos os relatos escritos do conhecimento secreto da mais remota Antiguidade.” Os livros de Numa, descritos por Tito Lívio, que consistiam de tratados sobre a Filosofia Natural, foram encontrados em seu túmulo; não se permitiu divulgá-los, por receio de que revelassem os mais secretos mistérios da religião do Estado. O senado e os tribunos do povo determinaram que esses livros fossem queimados e tal decisão foi publicamente executada⁵³.

53. *Hist. of Magic*, vol. II, p. 9, 11.

A MAGIA VISTA SEMPRE COMO UMA CIÊNCIA DIVINA

A Magia era considerada uma ciência divina que permitia a participação nos atributos da própria Divindade. “Ela desvenda as operações da Natureza”, diz Filon, o Judeu, “e conduz à contemplação dos poderes celestiais”⁵⁴. Mais tarde, o abuso e a sua degeneração em feitiçaria a transformaram num objeto de abominação geral. Devemos, por isso, considerá-la apenas como era no passado remoto, quando toda religião verdadeira se baseava no conhecimento das forças ocultas da Natureza. Não foi a classe sacerdotal da Pérsia antiga que instituiu a Magia, como se acredita comumente, mas sim os magi, que dela derivam o nome. Os mobeds, sacerdotes dos pãrsis – os antigos ghebers –, chamam-se, ainda hoje, *magoi*, no dialeto dos pehlvis⁵⁵. A Magia surgiu no mundo com as primeiras raças de homens. Cassiano menciona um tratado, muito conhecido nos séculos IV e V, que se atribuía a Cam, o filho de Noé, que por sua vez o teria recebido de Jared, a quarta geração após Seth, o filho de Adão⁵⁶.

54. Philo Judaeus, *De specialibus legibus*, 4.

55. *Zend-Avesta*, vol. II, cap. IX, p. 506.

56. Joannes Cassianus, *Collationes Patrum*, parte I, col. VIII, cap. 21.

AS CONQUISTAS DE SEUS ADEPTOS E AS HIPÓTESES DE SEUS DETRATORES MODERNOS

Moisés devia seus conhecimentos à mãe da princesa egípcia Termutis, que o salvou das águas do Nilo. A mulher do Faraó, Batria, era ela própria uma iniciada⁵⁷ e os judeus lhe devem a guarda de seu profeta, “educado em toda a ciência dos egípcios e poderoso em palavras e ações”⁵⁸. Justino, o Mártir, baseando-se na autoridade de Trogo Pompeu, apresenta José como alguém que adquiriu um grande conhecimento das artes mágicas entre os sacerdotes do Egito⁵⁹.

57. Gilbert Gaulmin, *De vita et morte Moysis, etc.*, p. 199.

58. *Atos dos Apóstolos*, VII, 22.

59. Justino, *Hist. Philippic.*, livro XXXVI, cap. II.

Os antigos sabiam muito mais a respeito de certas ciências do que os nossos modernos sábios. Embora a alguns destes repugne reconhecê-lo, mais de um cientista pelo menos já o confessou. “O grau dos conhecimentos científicos

existentes nos primórdios da sociedade era muito mais elevado do que os modernos estão dispostos a admitir”, diz o Dr. A. Todd Thomson, editor de *Occult Sciences*, de Salverte; “mas”, acrescenta, “essa ciência ficou confinada aos templos, cuidadosamente velada aos olhos das gentes e comunicada apenas ao clero”. Falando da *Cabala*, o erudito Franz von Baader assinala que “não apenas nossa salvação e sabedoria mas também a nossa própria ciência nos vêm dos judeus”. Mas por que não completa ele a sentença e informa ao leitor de quem os judeus adquiriram os seus conhecimentos?

Orígenes, que pertenceu à escola platônica de Alexandria, declara que Moisés, além dos ensinamentos da aliança, divulgou alguns importantíssimos segredos “providos das profundezas mais ocultas da lei” aos setenta anciãos. Ele lhes ordenou que transmitissem tais segredos apenas àqueles que julgassem dignos.

São Jerônimo designa os judeus de Tiberíades e de Lida como os únicos mestres do método místico de interpretação. Finalmente, Ennemoser expressa a firme opinião de que “ao escritos de Dionísio, o Areopagita, inspiraram-se visivelmente na *Cabala judia*”. Se considerarmos que os gnósticos e os cristãos primitivos não eram senão os discípulos dos essênios sob um novo nome, tal asserção nada tem de surpreendente. O Prof. Molitor faz justiça à *Cabala*. Diz ele:

“O tempo da inconsequência e da frivolidade, tanto na teologia como nas ciências, passou, e visto que o racionalismo revolucionário nada deixou atrás de si, a não ser o seu próprio vazio, depois de ter destruído tudo o que é positivo, parece ter chegado a hora de dirigir novamente a nossa atenção para a misteriosa revelação que é a fonte viva de onde nos deverá chegar a salvação. (...) os mistérios do antigo Israel, que contêm todos os segredos do moderno Israel, deveriam servir especialmente (...) para estabelecer a Teologia sobre profundos princípios teosóficos, e para dar uma *base firme* a todas as ciências do espírito. Eles abririam um novo caminho (...) em direção ao obscuro labirinto dos mitos, mistérios e códigos das nações primitivas. (...) Somente essas tradições encerram o sistema das escolas dos profetas, as quais não foram fundadas *mas apenas restauradas* por Samuel, e não tinham por objetivo senão guiar os discípulos para a sabedoria e para o conhecimento superior e, quando fossem julgados dignos, iniciá-los *nos mais profundos mistérios*. Entre esses mistérios figurava a Magia, que tinha uma dupla natureza – magia divina e magia demoníaca, ou arte negra. Cada um desses ramos divide-se novamente em duas classes, a ativa e a contemplativa; na primeira, o homem procura colocar-se *en rapport*⁶⁰ com o mundo para aprender as coisas ocultas; na segunda, ele procura ganhar poder sobre os espíritos; na primeira, realizar ações *boas e benéficas*; na segunda, fazer toda sorte de atos diabólicos e desnaturados”⁶¹.

60. Em francês, no original. (N. do T.)

61. Molitor, *The Philosophy of History*, tradução de Howitt, p. 285.

O clero das três principais igrejas cristãs, a grega, a romana e a protestante, confunde-se com todos os fenômenos espirituais que se manifestam através dos chamados “médiuns”. E de fato há não muito pouco tempo as duas últimas igrejas queimaram, enforcaram e de muitas maneiras assassinaram todas as vítimas indefesas através de cujos corpos os espíritos – e às vezes as forças cegas ainda inexplicadas da Natureza – se manifestavam. À testa das três igrejas, sobressai a Igreja de Roma. Suas mãos estão vermelhas com o sangue inocente de vítimas inumeráveis derramado em nome dessa divindade semelhante a Moloch que chefia o seu credo. Ela está pronta e ansiosa para recomeçar. Mas os seus pés e mãos estão atados pelo espírito de progresso e de liberdade religiosa do século XIX que ela condena e amaldiçoa diariamente. A Igreja greco-russa é a mais doce e a mais cristã em sua simples e primitiva, ainda que cega, fé. A despeito do fato de que jamais houve uma união prática entre as Igrejas grega e latina e de que as duas se separaram há muitos séculos atrás, os pontífices romanos parecem invariavelmente ignorar tal fato. Eles arrogaram imprudentemente para si uma jurisdição sobre os países de religião grega e protestante. “A Igreja insiste”, diz o Prof. Draper, “em que o Estado não tem direitos sobre o que ela declara estar sob o seu domínio e em que, sendo o Protestantismo uma mera rebelião, não tem direito a nada; em que mesmo nas comunidades protestantes o bispo católico é o *único* pastor espiritual *legal*”⁶². Decretos desprezados, encíclicas não lidas, convites para concílios ecumênicos ignorados, excomunhões ridicularizadas – nada disso parece contar. Somente o seu atrevimento lhe iguala a persistência. Em 1864, chegou-se ao cúmulo do absurdo quando o Papa Pio IX excomungou e fulminou publicamente o seu anátema contra o Imperador Russo, por ser um “*cismático* desgarrado do seio da Santa Madre Igreja”⁶³. Nem o imperador, nem os seus ancestrais, nem a Rússia desde que foi cristianizada, há um milhar de anos, jamais consentiu em filiar-se aos católicos romanos. Por que não reclamar a jurisdição eclesiástica sobre os budistas do Tibete, ou sobre as sombras dos antigos hicsos?

62. *Hist. of the Conflict, etc.*, p. 329.

63. Ver *Gazette du Midi e Le Monde* de 3-5-1864.

Os fenômenos mediúnicos ocorreram em todos os tempos, na Rússia como em outros países. Esta força ignora diferenças religiosas, ri-se das nacionalidades e invade, sem convite, qualquer individualidade, seja esta a de uma cabeça coroada ou a de um pobre mendigo.

O próprio Vice-Deus atual, o Papa Pio IX, não pôde evitar a presença desse hóspede incômodo. Nos últimos cinquenta anos Sua Santidade foi notoriamente sujeita a acessos verdadeiramente extraordinários. No interior do Vaticano, dão-lhes o nome de *visões Divinas*; fora, os médicos os chamam de acessos epilépticos; e os boatos populares os atribuem a uma obsessão dos fantasmas de Peruggia, Castelfidardo e Mentana!

“Brilham as luzes azuladas: é meia-noite,
Gotas frias e terríveis cobrem minha trêmula carne,
Sinto que as almas de todos a quem causei a morte
Se aproximam de minha tenda. (...)”⁶⁴

64. Shakespeare, *Richard III*, ato V, cena 3.

O Príncipe de Hohenlohe, tão célebre durante o primeiro quarto deste século por seus poderes de cura, era um grande médium. De fato, esses fenômenos e poderes não pertencem a nenhuma época e a nenhum país em particular. Fazem parte dos atributos psicológicos do homem – o microcosmo.

Durante séculos os *klikushi*⁶⁵, os *yurodiviy*⁶⁶ e outras criaturas miseráveis foram afligidos por doenças estranhas, que o clero e o vulgo russo atribuem à possessão pelo demônio. Eles invadem a entrada das catedrais, sem ousar penetrar o seu interior, com medo de que os demônios que os possuem os joguem violentamente ao solo. Voroneg, Kiev, Kazan e todas as cidades que possuem relíquias taumatúrgicas de santos canonizados ou de imagens miraculosas abundam desses médiuns inconscientes. Pode-se vê-los sempre, reunidos em grupos hediondos e desocupados em torno das portas e dos vestibulos. Em certos momentos da celebração da missa pelo sacerdote oficiante, como na aparição dos sacramentos, ou no começo da oração e do coro “*Ejey Cherouvim*”, esses semidementes ou médiuns se põem a cantar como galos, a latir, a mugir ou a zurrar, e, ao final, caem em convulsões terríveis, “*O maldito não pode tolerar a santa oração*”, é o piedoso comentário. Movidas pela compaixão, algumas almas caridosas oferecem fortificantes aos “pobres aflitos”, e lhes dão esmolas. Ocasionalmente, um padre é convidado a exorcizá-los e, nesse caso, ele executa a cerimônia por amor e caridade, ou pelas moedas de prata, segundo as suas disposições sejam mais ou menos cristãs. Mas essas infortunadas criaturas – que são médiuns, pois às vezes profetizam e têm visões, quando o acesso é genuíno⁶⁷ – jamais são molestadas por causa de seu infortúnio. Por que os perseguiria o clero ou os odiaria e denunciaria o povo como feiticeiros e mágicos odiosos? O senso comum e a justiça indicam que se há alguém a punir, não será certamente a vítima que mal pode consigo mesma, mas os demônios que lhe controlam as ações. O pior que pode acontecer ao paciente é o padre inundá-lo de água benta e ocasionar-lhe um resfriado. Se esse remédio é ineficaz, o *klikusha* é deixado à graça de Deus e amparado por amor e caridade. Supersticiosa e

cega como é, a fé que obedece a tais princípios merece algum respeito e não pode jamais ofender o homem ou o *verdadeiro* Deus. Não sucede o mesmo, porém, com os católicos romanos; é por essa razão que eles, e em segundo lugar o clero protestante – com exceção de alguns de seus proeminentes pensadores –, serão questionados nesta obra. Desejamos saber sobre o quê fundam eles o seu direito de tratar os espiritualistas e cabalistas hindus e chineses da maneira como o fazem; por que os condenam, em companhia dos infieis – criaturas de sua própria invenção –, tal como a prisioneiros sentenciados, aos fogos inextinguíveis do inferno.

65. Literalmente, os que *guincham* ou uivam.

66. Os semidementes, os *idiotas*.

67. Mas não é sempre esse o caso, pois alguns dos mendigos fazem disso um comércio regular e rendoso.

Longe de nós a mais ligeira falta de respeito – menos ainda uma blasfêmia – para o Poder Divino que chamou à vida todas as coisas, visíveis e invisíveis. Não ousamos sequer compreender a sua majestade e a sua ilimitada perfeição. Basta-nos saber que *Ele* existe e que *Ele* é totalmente sábio. Basta-nos possuir em comum com todas as outras criaturas um lampejo de *Sua* essência. O poder supremo a quem reverenciamos é o princípio infinito e eterno – o grande “SOL ESPIRITUAL CENTRAL” pelos atributos e efeitos visíveis de cuja VONTADE estamos cercados – o Deus dos antigos e dos modernos videntes. Só podemos estudar-lhe a natureza nos mundos evocados por seu poderoso FIAT. Seus próprios dedos traçaram a revelação em figuras imperecíveis da harmonia universal sobre a face do cosmos. É esse o único evangelho INFALÍVEL que reconhecemos.

Falando dos antigos geógrafos, Plutarco assinala nas *Vidas*⁶⁸ que eles “amontoavam nas bordas de seus mapas as partes do mundo que não conheciam, acrescentando notas marginais para dizer que atrás desses pontos existiam apenas desertos arenosos *repletos de animais selvagens* e de *pântanos impenetráveis*”. Não fazem o mesmo os nossos teólogos e cientistas? Enquanto os primeiros povoam o mundo invisível de anjos e de demônios, nossos filósofos tentam persuadir os seus discípulos de que onde não há *matéria* não há *nada*.

68. “Teseu”, § 1.

Quantos de nossos inveterados céticos não pertencem, não obstante o seu materialismo, às Lojas Maçônicas? Os irmãos da Rosa-Cruz, praticantes misteriosos da Idade Média, ainda existem – mas apenas no nome. Eles podem “derramar as lágrimas no túmulo de seu respeitável Mestre, Hiram

Abiff”, mas eles procuram em vão o verdadeiro lugar “em que o ramo de murta foi colocado”. A letra morta está só, o espírito fugiu. Eles são como os coros ingleses ou alemães da ópera italiana que descem no quarto ato do *Ernani* na cripta de Carlos Magno para cantar a sua trama numa língua que lhes é completamente desconhecida. Assim também os nossos modernos cavaleiros do Arco Sagrado podem descer toda noite, se quiserem, “através dos nove arcos nas entranhas da Terra” – eles “jamais descobrirão o Delta sagrado de Henoc.” Os “Senhores Cavaleiros do Vale do Sul” e os do “Vale do Norte” podem tentar assegurar-se de que “a iluminação desce sobre suas mentes”, e de que, à medida que progridem na maçonaria, “o véu da superstição, do despotismo, da tirania” e assim por diante não mais obscurece as visões de suas mentes. Mas essas são palavras vazias, na medida em que eles negligenciam a mãe Magia, e voltam as costas à sua irmã gêmea, o Espiritualismo. Na verdade, “Senhores Cavaleiros do Oriente”, podeis “deixar vossos assentos e sentar-vos no chão em atitudes de dor, com as cabeças repousando nas mãos”, pois tendes boas razões para deplorar o vosso destino. Desde que Phillipe Le Bel destruiu os Cavaleiros Templários, ninguém apareceu para esclarecer as vossas dúvidas, apesar dos reclamos em contrário. Na verdade, vós sois “errantes longe de Jerusalém, procurando o tesouro perdido da cidade santa”. Vós o encontrastes? Ai de nós, não! pois o lugar santo foi profanado, as colunas da sabedoria, da força e da beleza foram destruídas. Por isso, “errareis nas trevas” e viajareis em humildade”, entre as florestas e as montanhas, à procura da “Palavra perdida”. “Passai!” – vós jamais a encontrareis enquanto limitardes vossa peregrinação aos sete ou mesmo sete vezes sete, pois “viajais na escuridão”, e essa escuridão só pode ser dissipada pela luz da tocha flamejante da Verdade que apenas os legítimos descendentes de Ormasde carregam. Só eles podem ensinar-vos a pronúncia verdadeira do nome revelado de Henoc, Jacó e Moisés. “Passai!” Antes que vosso S.V. aprenda a multiplicar 333, e a *bater* em vez disso 666 – o número da Besta Apocalíptica –, fareis bem em observar a prudência e em agir “*sub rosa*”.

Para demonstrar que as noções sustentadas pelos antigos a respeito da divisão da História humana em ciclos não careciam inteiramente de bases filosóficas, terminaremos este capítulo apresentando ao leitor uma das mais antigas tradições da Antiguidade concernentes à evolução de nosso planeta.

Ao término de cada “grande ano”, que Aristóteles – de acordo com Censorino⁶⁹ chamava o *maior*, e que consiste de seis sars⁷⁰, nosso planeta está sujeito a uma completa revolução física. Os climas polares e equatoriais mudam gradualmente de lugar. Os primeiros avançam lentamente para a linha equatorial, e a zona equatorial (com sua vegetação exuberante e seus enxames de vida animal) toma o lugar dos desertos gelados dos pólos. Essa mudança de clima é necessariamente acompanhada por cataclismos, tremores

de terra e outras convulsões cósmicas⁷¹. Visto que os leitos dos oceanos se deslocam, ao final de cada decamilênio e por volta de um *Neros*, ocorre um dilúvio semi-universal como o dilúvio legendário de Noé. Os gregos chamavam esse ano de *helíaco*, mas ninguém, fora do santuário, tinha com detalhes uma idéia exata de sua duração. O inverno desse ano chamava-se cataclismo ou dilúvio – o verão, *ecpyrosis*. As tradições populares ensinaram que durante essas estações o mundo é alternativamente queimado e depois inundado. Isso é pelo menos o que nos ensinam os *Fragmentos astronômicos* de Censorino e Sêneca. A incerteza dos comentadores a respeito da duração desse ano era tanta que nenhum deles, exceto Heráclito e Lino, que lhe atribuíram, o primeiro 10.800 anos e o segundo 13.984 anos, se aproximou da verdade^{72*}. De acordo com a opinião dos sacerdotes babilônicos, corroborada por Eupolemo⁷³, “a cidade de Babilônia foi fundada pelos que se salvaram da catástrofe do dilúvio; *eram os gigantes*, e construíram a torre de que se fala na História”⁷⁴. Esses gigantes, que eram grandes astrólogos e receberam de seus pais, “os filhos de Deus”, uma completa instrução nas coisas secretas, instruíram, por sua vez, os sacerdotes a deixarem nos templos todos os registros do cataclismo periódico de que eles próprios eram testemunhas. Foi assim que os altos sacerdotes chegaram ao conhecimento dos *grandes* anos. Quando lembramos, além disso, que Platão no *Timeu*⁷⁵ fala de um velho sacerdote egípcio que repreendeu a Solon por ignorar o fato de que houve vários desses dilúvios, como o grande dilúvio de Ogyges, podemos facilmente compreender que essa fé no *Heliakos* era uma doutrina sustentada pelos sacerdotes iniciados de todo o mundo.

69. *De die natali*, cap. XVIII.

70. Webster declara muito erradamente que os caldeus chamavam *saros* – o ciclo dos eclipses, um período de cerca de 6.586 anos – ao “tempo de revolução do nó lunar”. Beroso, ele próprio um astrólogo caldeu do Templo de Belo na Babilônia, fixa a duração de um *sar*, ou *saro*, em 3.600 anos; um *neros*, em 600 anos; e um *sossus*, em 60 anos. (Ver Cory, *Anc. Fragm.*, p. 32-35, 329-30: Beroso (fragmento de Abydenus), “On the Chaldean Kings and the Deluge”; e frag. De Téon de Alexandria em MS. ex cod. reg. Gall. gr. n- 2.390, fl. 154. Também Eusébio, *Chronicon*, I, vi.)

71. Antes de rejeitarem essa teoria – por mais tradicional que seja –, os cientistas deveriam explicar por que, ao fim do período terciário, o hemisfério norte sofreu uma redução de temperatura de tal ordem que transformou completamente a zona tórrida num clima siberiano. Tenhamos em mente que o *sistema heliocêntrico nos vem da Índia setentrional*; e que os germes de todas as grandes verdades astronômicas foram trazidos de lá por Pitágoras. Como não temos uma demonstração matematicamente correta, uma hipótese é tão boa quanto a outra.

72. Censorinus, *De die natali*, cap. XVII, Sêneca, *Nat. Quaest.*, III, 29.

* Aqui o texto foi consideravelmente embaralhado, pelos revisores ou por outra pessoa. Em vez de alterá-lo, acrescentamos a seguinte explicação:

O *De Die natali*, cap. xviii, de Censorino, inclui a seguinte passagem:

“(…) Est praeterea annus, quem Aristoteles maximum potius, quam magnum, adpellat; quem Solis, Lunae, vagarumque quinque stellarum orbis conficiunt, cum ad idem signum, ubi quondam simul fuerunt, una referuntur, cujus anni hiems summa est κατακλισμός, quam nostri diluvionem vocant; aestas autem έκπύρωσις, quod est mundi incendium. Nam his alternis temporibus mundus tum exignescere, tum exaulescere videtur. Hunc Aristarchus putavit esse annorum vertentium duum millium cccclxxxiv; Aretes Dyrrachinus, quinque millium DLII; Heraclitus et Linus, decem millium C; Dion, X.M.C XXCIV; Orpheus, CMXX; Cassandrus, tricies sexies centum millium. Alii vero infinitum est, nec unquam in se reverti existiarunt”.

Eis a tradução literal dessa passagem:

“(…) Faz mais de um ano que Aristóteles prefere dizer com mais clareza: o que os circuitos do Sol, da Lua e dos cinco planetas combinam e produzem, quando são trazidos de volta ao mesmo signo [do zodíaco] ou constelação em que antes estiveram juntos. A intensidade do inverno neste ano é o *cataclysmos* que os nossos autores [romanos] chamam dilúvio; o seu verão é a *Conflagração*. Alternando tais crises, o universo sofre incandescência ou, antes, é consumido pelo fogo e pela inundação. Aristarco considera que este ano consiste de 2.484 anos rotatórios; Aretes de Dyrrachium, de 5.552; Heráclito e Lino, de 10.200; Dion, de 10.284; Orfeu, de 100.020(?); Cassandro, de 3.600.000(?). Outros acham que ele deve ser infinito, e que nunca retorna à sua posição”.

Considerando-se o fato de que alguns numerais romanos eram usados com traços horizontais para indicar valores numéricos superiores, e que muitos copistas através dos séculos passados cometeram erros acidentais ou resultantes de incompreensão, é impossível termos certeza do valor exato das cifras implicadas. Na tradução francesa de Nisard, temos, por exemplo, 10.800 em vez de 10.200; 10.884 em vez de 10.284; e 10.020 para Orfeu. Nos *Ancient Fragments* (2-ed., 1832, p. 323-24), de Cory, temos um valor de 13.984 para Dion, em vez de 10.284; 120.000 para Orfeu; e 136.000 para Cassandro.

É bastante provável que H.P.B. tenha usado para *Ísis sem véu* tanto o texto francês de Nisard quanto o texto inglês de Cory. Com ajuda dos revisores, o resultado final foi grandemente insatisfatório. Além disso, o próprio assunto é extremamente confuso e impreciso devido à maneira pela qual os numerais eram escritos naquela época e aos prováveis erros dos copistas. (N. do Org.)

73. Eusébio, *Praep. evang.*, livro IX, cap. XVII (418) [cf. Cory, p 57.]

74. Isso está em flagrante contradição com a narrativa bíblica, que nos conta que o dilúvio foi enviado precisamente para destruir esses *gigantes*. Os sacerdotes babilônicos não tinham *nenhuma* razão para inventar mentiras.

75. [22.]

Os *Neros*, o Brihaspati ou os períodos chamados yugas ou kalpas, são problemas vitais a resolver. O Satya-yuga e os ciclos budistas de cronologia se traduzem por números que fariam arrepiar um matemático. O Mahâ-kalpa abarca um número incontável de períodos que remontam a muito antes das eras antediluvianas. Seu sistema compreende um kalpa ou grande período de 4.320.000.000 anos, que eles dividem em quatro yugas mais curtos, assim distribuídos:

1° – Satya-yuga	1.728.000 anos
2° – Tretâ-yuga	1.296.000 anos
3° – Dvâpa-yuga	864.000 anos
4° – Kali-yuga	432.000 anos
Total	4.320.000 anos*

que perfazem uma idade divina ou Mahâ-yuga. Setenta e um Mahâ-yugas fazem 306.720.000 anos, aos quais se acrescenta uma *samdhyâ* (ou o tempo durante o qual o dia e a noite se confundem, aurora e crepúsculo), que equivale a um Satya-yuga, ou 1.728.000 anos, e que perfaz um manvantara de 308.448.000 anos⁷⁶; catorze manvantaras perfazem 4.318.272.000 anos, aos quais se deve acrescentar uma *samdhyâ* para começar o kalpa, ou seja, 1.728.000 anos, o que perfaz o kalpa ou grande período de 4.320.000.000 anos. Como estamos agora apenas no Kali-yuga da vigésima oitava idade do sétimo manvantara de 308.448.000 anos, resta-nos ainda muito tempo de espera antes de chegarmos à metade do tempo destinado ao mundo.

* Intencionalmente ou não, há aqui uma clara confusão nesses números que, pertencentes à redação do próprio texto, não podem ser atribuídos ao revisor. Este é um daqueles casos em que H.P.B., nos primeiros estágios da sua obra, tentou ocultar mais do que revelava. O número 4.320.000 é a extensão do *Mahâ-yuga*. Um *kalpa*, ou Dia de Brahmâ, é igual a um milhão de Mahâ-yugas, a saber, 4.320.000.000 anos.

O parágrafo, como um todo, é suficientemente claro, e uma leitura cuidadosa não descobrirá nenhum erro, mas as suas primeiras linhas, imediatamente seguidas como estão pela tabulação numérica, são ambíguas; donde esta nota para eliminar uma possível incompreensão do que H.P.B. quer dizer.

O termo *samdhyâ* significa união, juntura, especialmente uma juntura entre o dia e a noite, e deriva da raiz verbal *samdhâ*. A sua forma adjetival é *sâmdhyâ*. Outros termos cognatos são *sandhânsa* e *sâmdhyansa*. (N. do Org.)

76. Coleman, que realiza este cálculo [*Mythology of the Hindus*, p. XVIII, Londres, 1832], permitiu que um sério erro escapasse ao revisor; a duração que se dá ao manvantara é de 368.448.000 anos, o que representa justamente 60.000.000 de anos a mais.

Estas cifras não são fantasiosas, mas fundamentadas em cálculos astronômicos, como o demonstrou S. Davis⁷⁷. Muitos cientistas, Higgins entre outros, apesar de suas pesquisas, caíram em completa perplexidade ao tentar decidir qual desses era o ciclo *secreto*. Bunsen demonstrou que os sacerdotes egípcios, que fizeram as anotações cíclicas, as mantinham sempre no mais profundo mistério⁷⁸. Talvez a sua dificuldade provenha do fato de que os cálculos dos antigos se aplicavam igualmente ao progresso espiritual e ao

progresso físico da Humanidade. Não será difícil compreender a estreita correspondência estabelecida por eles entre os ciclos da Natureza e os da Humanidade, se tivermos em mente a sua crença nas constantes e todopoderosas influências dos planetas sobre os destinos da Humanidade. Higgins acreditava com razão que o ciclo do sistema indiano de 432.000 anos é a verdadeira chave do ciclo secreto. Mas seu insucesso em decifrá-lo é evidente, pois, por pertencer ao mistério da criação, este ciclo é o mais inviolável de todos. Ele foi reproduzido em figuras simbólicas apenas no *Livro dos números caldeu*, cujo original, se ainda existe, certamente não se encontra nas bibliotecas, pois constituía um dos antigos *Livros de Hermes*⁷⁹, cujo número até o presente não foi determinado.

77. S. Davis, "On the Astronomical Computations of the Hindus", em *Asiatic Researches*, II, 225 e segs.; e G. Higgins, *Anacalypsis*, I, 176.

78. Bunsen, *Egypt's Place in Universal History*, vol. I, p. 24.

79. Os quarenta e dois Livros Sagrados dos egípcios que Clemente de Alexandria [*Strom.*, VI] afirma terem existido em sua época eram apenas uma parte dos *Livros de Hermes*. Jámblico [*De mysteriis*, VIII, 1], com base na autoridade do sacerdote egípcio Abammon, atribui 1.200 de tais livros a Hermes, e Manetho 36.000. Mas o testemunho de Jámblico, sendo ele um neoplatônico e um teurgista, é naturalmente rejeitado pelos críticos modernos. Manetho, que Bunsen tinha na mais alta consideração como um "personagem puramente histórico" (...), com o qual "nenhum dos historiadores nativos que lhe seguem pode ser comparado (...)" (ver *Egypt's Place*, I, p. 97), subitamente se transforma num pseudo Manetho assim que as idéias por ele apresentadas se chocam com os preconceitos científicos contra a Magia e o conhecimento oculto defendidos pelos antigos sacerdotes. Nenhum arqueólogo, contudo, duvida por um instante da quase inacreditável antiguidade dos livros herméticos. Champollion mostra grande respeito por sua autenticidade e exatidão, ambas corroboradas por muitos dos mais antigos monumentos. E Bunsen aduz provas irrefutáveis de sua época. Graças às suas pesquisas, por exemplo, sabemos que antes dos dias de Moisés existiu uma linhagem de sessenta e um reis, a qual precedeu o período mosaico com uma civilização de muitos milhares de anos que se pode facilmente investigar. Estamos, portanto, autorizados a acreditar que as obras de Hermes Trismegisto existiam muitos anos antes do nascimento do legislador judeu. "Estilos e tinteiros foram encontrados nos monumentos da quarta Dinastia, a mais antiga do mundo", diz Bunsen. Se o eminente egiptólogo rejeita o período de 48.863 anos antes de Alexandre, ao qual Diógenes Laércio [*Vidas*, "Proemium", § 2] remonta os registros dos sacerdotes, ele está evidentemente mais embaraçado com [a alusão daquele aos seus 373 eclipses (parciais ou totais ou quase totais) do Sol, e 832 da Lua] os 10.000 anos de observações astronômicas, e assinala que, "no caso de serem reais, elas devem ter-se estendido por mais de 10.000 anos" (Bunsen, *op. cit.*, p. 14). "Sabemos, contudo", acrescenta, "graças a uma de suas próprias antigas obras astronômicas (...), que as genuínas tradições egípcias concernentes ao período mitológico falavam de *miríades* de anos." [*Ibid.*, p. 15.]

Empregando o cálculo do período secreto do Grande Neros e dos Kalpas hindus, alguns cabalistas, matemáticos e arqueólogos que nada sabiam dos cômputos secretos ampliaram de 21.000 para 24.000 anos a duração do grande ano, supondo que o último período de 6.000 anos se aplicava apenas à renovação de nosso globo. Higgins dá como razão para isso o fato de que se

supunha antigamente que a precessão dos equinócios ocorria apenas depois da marcha de 2.000, não 2.160, anos num signo, o que daria para a duração do grande ano quatro vezes 6.000, ou 24.000 anos. “Assim se explicariam”, diz ele, “os ciclos imensamente extensos, pois que com este grande ano ocorreria o mesmo que com o ano comum; depois de ter girado ao redor de um ciclo imensamente extenso, ele retornaria de novo ao ponto antigo.” Higgins, portanto, explica os 24.000 anos da seguinte maneira: “Se o ângulo que o plano da elíptica faz com o plano do equador tivesse diminuído de modo gradual e regular, como se supunha até muito recentemente, os dois planos teriam coincidido ao cabo de cerca de dez idades, 6.000 anos; em dez idades, 6.000 anos mais tarde, o Sol estaria situado em relação ao hemisfério sul como ele agora o está em relação ao hemisfério norte; em dez idades, 6.000 anos mais tarde, os dois planos teriam novamente coincidido; e, em dez idades, 6.000 anos mais tarde, ele estaria situado como agora está, depois de um lapso de cerca de vinte e quatro oitenta e cinco mil anos ao todo. Quando o Sol chegasse ao equador, as dez idades ou seis mil anos teriam terminado, e o mundo seria destruído *pelo fogo*; quando ele chegasse ao ponto meridional, seria destruído pela água. E assim ele seria destruído ao final de cada 6.000 anos, ou dez *Neros*” [80](#).

[80. G Higgins, *Anacalypsis*, vol. I, p. 209.](#)

Esse método de calcular por *Neros*, sem levar em consideração o segredo em que os antigos filósofos, que pertenciam exclusivamente à ordem sacerdotal, mantinham o seu conhecimento, deu lugar aos maiores erros. Ele induziu os judeus, assim como alguns platônicos cristãos, a afirmarem a destruição inevitável do mundo ao fim de 6.000 anos. Gale mostra a que ponto essa crença estava enraizada entre os judeus. O mesmo método induziu também os cientistas modernos a rejeitarem completamente as hipóteses dos antigos. Ele deu origem à formação de inúmeras seitas religiosas que, como os adventistas de nosso século, vivem sempre à espera da próxima destruição do mundo.

Como nosso planeta gira todos os anos uma vez em redor do Sol e ao mesmo tempo uma vez a cada vinte e quatro horas sobre o seu próprio eixo, atravessando assim círculos menores dentro de outro maior, a obra dos períodos cíclicos menores se cumpre e se reinicia nos limites do Grande Saros.

A revolução do mundo físico, segundo a antiga doutrina, é acompanhada de uma revolução análoga no mundo do intelecto – uma vez que tanto o mundo espiritual como o físico caminham por ciclos.

Vemos, dessarte, na História, uma sucessão alternada de fluxos e de refluxos na maré do progresso humano. Os grandes reinos e impérios do mundo, depois de atingirem o ponto culminante de sua grandeza, declinam, de acordo

com a mesma lei que os faz ascenderem; até que, ao atingir o ponto mais baixo, a Humanidade se reafirma e sobe novamente, e a altura de seu esforço, devido a essa lei de progressão ascendente por ciclos, é um pouco mais elevada do que o ponto do qual ela tinha antes descido.

A divisão da História da Humanidade em Idades do Ouro, da Prata, do Cobre e do Ferro não é uma ficção. Vemos o mesmo fenômeno reproduzir-se na literatura dos povos. Uma idade de grande inspiração e de produção inconsciente é invariavelmente seguida de uma idade de crítica e de consciência. Uma fornece os materiais para o intelecto analítico e crítico da outra.

Assim, todas as grandes personalidades que se erguem como gigantes na história do gênero humano, como Buddha-Siddharta, e Jesus, no reino das conquistas espirituais, bem como Alexandre, o Macedônio, e Napoleão, o Grande, no reino das conquistas físicas, são apenas imagens refletidas de tipos humanos que viveram há dez mil anos, no decamilênio precedente, reproduzidas pelos misteriosos poderes que controlam os destinos de nosso mundo. Não existe uma única personalidade proeminente nos anais da história sagrada ou profana cujo protótipo não se possa encontrar nas tradições, metade fictícias, metade reais, das religiões e das mitologias de outrora. Tal como a estrela que, brilhando a uma distância incomensurável acima de nossas cabeças, na imensidade sem limites do céu, se reflete nas águas límpidas de um lago, assim a imagem dos homens antediluvianos se reflete nos períodos que podemos enfeixar num retrospecto histórico*.

* Este assunto extremamente místico e oculto, relacionado aos fatos mais recônditos do ocultismo superior, foi parcialmente elucidado por H.P.B. no seu capítulo intitulado "The Doctrine of Avatâras" que, junto com outras matérias, foi originalmente posto de lado e não utilizado por ela. Foi publicado em 1897 como parte do volume intitulado *The Secret Doctrine*, vol. XIV dos *Collected Writings* e as *The Mahatma Letters to A. P. Sinnet*. Carta XVII, P. 117, em que K.H. diz: "Até que Ele [Buddha] *domine* cada decimilênio (melhor dizer e acrescentar 'já dominou' um indivíduo escolhido que subverteu os destinos das nações. Ver *Ísis*, vol. I p. 34 e 35, último e primeiro parágrafos dessas páginas)". (N. do Org.)

"Como em cima, assim é embaixo. O que foi retornará novamente. Como no céu, assim na terra."

O mundo é sempre ingrato para com seus grandes homens. Florença erigiu uma estátua a Galileu, mas pouco fala de Pitágoras. O primeiro encontrou um guia já pronto nos tratados de Copérnico, o qual foi obrigado a lutar contra o sistema universalmente admitido de Ptolomeu. Mas nem Galileu nem a moderna astronomia descobriu a colocação dos corpos planetários. Milhares de anos atrás, essa colocação era ensinada pelos sábios da Ásia Central, e daí foi trazida por Pitágoras, não como uma hipótese mas como uma ciência

demonstrada. “Os números de Pitágoras”, diz Porfírio, “eram símbolos hieroglíficos, por intermédio dos quais ele explicava *todas* as idéias concernentes à natureza de todas as coisas.”⁸¹

81. *Pythagorae vita*, Amsterdam, 1707. Cf. H. Jennings, *The Rosicrucians*, 1870, p. 49 (p. 35, 3- ed.).

É pois, sem dúvida, apenas à Antiguidade que devemos nos dirigir para conhecer a origem de todas as coisas. Quão justa é a opinião de Hargrave Jennings quando fala das pirâmides e quão verdadeiras são as suas palavras quando diz: “Seria portanto razoável concluir – numa época em que o conhecimento estava no auge, e em que os poderes humanos eram, em comparação com os nossos no presente, prodigiosos – que todos esses efeitos físicos indomitáveis e *difícilmente críveis* – como as descobertas dos egípcios – foram consagrados a um erro? Que as miríades do Nilo eram tolos trabalhando nas trevas, e que toda a magia de seus grandes homens foi um embuste, e que nós, desprezando o que chamamos suas superstições e seu poder dissipado, somos os únicos sábios? Não! Há muito mais nessas velhas religiões do que provavelmente jamais se supôs na audácia da moderna negação, na confiança destes tempos de ciência superficial, e no escárnio destes dias sem fé. Não compreendemos os tempos antigos. (...) Vemos assim como se pode fazer para conciliar a prática clássica com os ensinamentos pagãos – como mesmo o gentio e o judeu, a doutrina mitológica e a (assim chamada) doutrina cristã se harmonizam na fé geral baseada na Magia. Que a Magia é de fato possível, essa é a moral deste livro⁸².”

82. Hargrave Jennings, *The Rosicrucians*, 1870, p. 99-100, 101-02.

É possível. Trinta anos atrás, quando as primeiras pancadas de Rochester despertaram a atenção entorpecida para a realidade de um mundo invisível; quando a branda chuva de pancadas gradualmente se tornou uma torrente que inundou o mundo inteiro, os espiritistas tiveram que combater apenas duas potências – a Teologia e a Ciência. Mas os teósofos, em adição a estas, têm que se haver com o mundo em geral e com os espiritistas em primeiro lugar.

“Existe um Deus *pessoal* e existe um Demônio *pessoal!*” troveja o pregador cristão. “Anátema para aquele que ousa dizer não!” “Não existe nenhum Deus pessoal, salvo a matéria cinzenta em nosso cérebro”, replica desdenhosamente o materialista. “E não existe nenhum demônio. Seja considerado um triplo idiota aquele que diz sim.” Enquanto isso, os ocultistas e os *verdadeiros* filósofos não prestam atenção alguma aos dois combatentes, mas mantêm-se perseverantemente no seu trabalho. Nenhum deles acredita no absurdo Deus apaixonado e volúvel da superstição, mas todos acreditam no bem e no mal. Nossa razão humana, emanção de nossa mente finita, é certamente incapaz

de compreender uma inteligência divina, uma entidade infinita e eterna; e, segundo a lógica estrita, o que transcende o nosso entendimento e permaneceria absolutamente incompreensível para os nossos sentidos não pode existir para nós; portanto, *não* existe. Essa tão finita razão concorda com a Ciência, e diz: “Não existe nenhum Deus”. Mas, por outro lado, nosso *Ego*, que vive, pensa e sente independentemente de nós em nosso esquite mortal, faz mais do que acreditar. Ele *sabe* que existe um Deus na Natureza, pois o único e invencível Artífice de tudo vive em nós como nós vivemos n’Ele. Nenhuma fé dogmática e nenhuma ciência exata é capaz de desenraizar este sentimento intuitivo inerente ao homem depois que este o compreendeu plenamente em si mesmo.

A natureza humana é como a Natureza universal em seu horror ao vácuo. Ela sente uma aspiração intuitiva pelo Poder Supremo. Sem um Deus, o cosmos lhe pareceria semelhante a um mero cadáver sem alma. Proibido de buscá-lo onde apenas os Seus vestígios seriam encontrados, o homem preencheu o penoso vazio com o Deus pessoal que os seus mestres lhe edificaram com as ruínas esparsas dos mitos pagãos e com as filosofias encanecidas da Antiguidade. Como explicar, de outro modo, o desenvolvimento rapidíssimo de novas seitas, algumas das quais ultrapassam o cúmulo do absurdo? A Humanidade tem uma necessidade inata e irrefreável que *deve* ser satisfeita em qualquer religião que suplante a teologia dogmática indemonstrada e indemonstrável de nossos séculos cristãos. Trata-se do anseio pelas provas da imortalidade. Como disse Sir Thomas Browne: “(...) a mais pesada pedra que a melancolia pode lançar a um homem é dizer-lhe que ele está no fim de sua natureza, ou que não existe um estado futuro para vir, em direção ao qual este parece progredir, a não ser que tivesse sido feito em vão”⁸³. Que uma religião qualquer, capaz de oferecer tais provas sob a forma de fatos científicos, se apresente: o sistema atual ver-se-á colocado na alternativa de corroborar seus dogmas com os mesmos fatos ou de perder o respeito e a afeição da cristandade. Muitos sacerdotes cristãos foram forçados a reconhecer que *não* existe uma fonte *autêntica* da qual a certeza numa existência futura possa ser extraída pelo homem. Como poderia, então, ter-se mantido essa crença, durante séculos incontáveis, senão porque, entre todas as nações, civilizadas ou bárbaras, homens *forneceram* as provas demonstrativas? Não é a existência mesma de tal crença uma evidência de que o filósofo reflexivo e o selvagem insensato foram compelidos a reconhecer o testemunho de seus sentidos? De que se, em casos isolados, uma ilusão espectral pode ter resultado de causas físicas, por outro lado, em milhares de casos, aparições de pessoas mantiveram diálogo com muitos indivíduos, os quais as viram e ouviram coletivamente, e não poderiam estar todos enfermos da mente?

83. [*Pseudodoxia Epidemica*, Londres, 1646.]

O ANSEIO DO HOMEM PELA IMORTALIDADE

Os maiores pensadores da Grécia e de Roma consideravam tais aparições como fatos demonstrados. Eles distinguiram as aparições pelos nomes de *manes*, *anima* e *umbra*: os *manes* descem, após a morte do indivíduo, ao mundo inferior; a *anima*, ou espírito puro, sobe ao céu; e a *umbra* (o espírito ligado à Terra), sem repouso, vaga ao redor de seu túmulo, já que a atração da matéria e a afeição pelo seu corpo nele predominam e lhe impedem a ascensão às regiões superiores.

“Terra legit *carnem* tumulum circumvolat *umbra*,
Orcus habet *manes*, *spiritus* astra petit”,

diz Ovídio, ao falar dos três componentes das almas*.

* À página 69 do vol. I – Tomo II de *Ísis sem véu*, H.P.B. cita dois outros versos deste poema, e todos os quatro versos são atribuídos a Lucrécio. Ela também os cita em dois outros artigos escritos por ela (cf. *Collected Writings*, vol. VII, p. 199 e 201), atribuindo-os, respectivamente, a Ovídio e a um “poeta latino”.

Estes versos foram citados por Gougenot des Mousseaux em seu *Les hauts phénomènes de la magie*, Paris, 1864, p. 146, rodapé. Des Mousseaux não indica a sua fonte, embora eles sejam citados imediatamente após alguns outros versos de *De rerum naturae*, de Lucrécio. A despeito de uma exaustiva pesquisa, tais versos não foram encontrados nem em Lucrécio nem em Ovídio. (N. do Org.)

Mas todas essas definições devem ser submetidas à cuidadosa análise da Filosofia. Muitos de nossos pensadores não consideram que as numerosas modificações na linguagem, a fraseologia alegórica e a evidente discrição dos antigos escritores místicos, que eram obrigados a jamais divulgar os segredos solenes do santuário, puderam infelizmente iludir os tradutores e comentadores. Eles leram literalmente as frases do alquimista medieval; e mesmo a velada simbologia de Platão é comumente mal-interpretada pelo erudito moderno. Um dia, eles poderão saber mais, e assim perceberão que o método de extrema necessidade foi praticado tanto na antiga como na moderna filosofia; que desde as primeiras idades do homem as verdades fundamentais de tudo o que nos é permitido saber na Terra estavam na segura guarda dos adeptos dos santuários; que a diferença nos credos e na prática religiosa foi apenas externa; e que os guardiães da primitiva revelação divina, que deu solução a todo problema que está no domínio do intelecto humano, estavam unidos por uma maçonaria universal da Ciência e da Filosofia que formava uma corrente ininterrupta em redor do globo. Cabe à Filologia e à Psicologia encontrar a ponta do fio. Isto feito, ver-se-á que a corrente do mistério pode ser desemaranhada, afrouxando-se um único laço dos antigos sistemas religiosos, e a cadeia do mistério pode ser destrinchada.

O esquecimento e a recusa dessas provas conduziram algumas mentes elevadas como Hare e Wallace, e outros homens de poder, para o rebanho do moderno espiritualismo. Ao mesmo tempo, compeliram outros, congenitamente desprovidos de intuições espirituais, para um materialismo grosseiro que figura sob vários nomes.

Mas não vemos utilidade em prosseguir neste assunto. Pois, apesar da opinião de muitos de nossos contemporâneos de que houve um único dia de saber, em cuja aurora floresceram os antigos filósofos e cujo brilho meridiano nos pertence a todos; e apesar de o testemunho de muitos dos pensadores antigos e medievais se ter revelado sem valor para os modernos pesquisadores, como se o mundo datasse apenas do primeiro ano de nossa época, e como se todo o conhecimento fosse de produção recente, não perderemos a esperança e a coragem. O momento é mais oportuno do que nunca para revisar as filosofias antigas. Arqueólogos, filósofos, astrônomos, químicos e físicos estão cada vez mais se aproximando do ponto em que serão forçados a levá-las em consideração. A ciência física já atingiu os seus limites de exploração; a teologia dogmática vê secarem as suas fontes de inspiração. A menos que os sinais nos enganem, aproxima-se o dia em que o mundo receberá as provas de que apenas as religiões antigas estavam em harmonia com a Natureza, e de que a ciência abarcava tudo o que pode ser conhecido. Segredos longamente mantidos poderão ser revelados, livros longamente esquecidos e artes, durante muito tempo perdidas, poderão ser novamente trazidos à luz; papiros e pergaminhos de importância inestimável surgirão nas mãos de homens que pretenderão tê-los desenrolado das múmias, ou tê-los encontrado nas criptas soterradas; tábuas e colunas, cujas revelações esculpidas desconcertarão os teólogos e confundirão os cientistas, poderão ser desenterradas e interpretadas. Quem conhece as possibilidades do futuro? Uma era de desilusão e de reconstrução vai começar – não, já começou. O ciclo quase cumpriu o seu curso; um novo ciclo está prestes a começar, e as futuras páginas da história do homem não só conterão a plena evidência, como também conduzirão à plena prova de que:

“Se devemos acreditar em algo dos ancestrais,
É que os espíritos desceram para conversar com o homem,
E lhe revelaram segredos do mundo desconhecido.”

LIVRO 4

TEOLOGIA II

CAPÍTULO VIII

AS SOCIEDADES SECRETAS

O ZOAR E O RABINO SHIMON. (L. 4. Pg. 9)

A maior, dentre as obras cabalísticas dos hebreus - o *Zohar*, - foi compilada pelo Rabino Shimon bem Yohai. De acordo com alguns críticos, esse trabalho foi feito alguns anos antes da era cristã; segundo outros, só após a destruição do templo. Todavia, ele só foi completado pelo filho de Shimon, o Rabino Eleazar, e por seu secretário, o Rabino Abba, pois a obra é tão imensa e os assuntos nela tratados são tão abstrusos, que nem mesmo a vida inteira desse Rabino, chamado o Príncipe dos cabalistas, seria suficiente para essa tarefa. Devido ao fato de se saber que ele possuía esse conhecimento, como o da *Merkabah*, que lhe assegurou o recebimento da "Palavra", sua vida foi posta em perigo e ele teve de fugir para o deserto, onde viveu numa caverna durante doze anos, cercado por discípulos fiéis, até a sua morte assinalada por sinais e maravilhas.

Na venerável seita dos tannaim, os homens sábios, houve aqueles que ensinaram, na prática, os segredos e iniciaram alguns discípulos no grande mistério final. Mas o *Mishnah Hagigâh*, segunda seção, diz que o conteúdo da *Merkabah* "só deve ser confiado aos sábios anciões". A *Gemara* [do Hagigâh] é ainda mais dogmática. "Os segredos mais importantes dos mistérios não eram revelados a todos os sacerdotes. Só os iniciados os recebiam". E vemos então que o mesmo grande sigilo prevalecia em toda religião antiga.

Como vemos, nem o *Zohar* nem qualquer outro tratado cabalístico contém doutrina puramente judaica a própria, sendo um resultado de milênios de pensamentos, é patrimônio comum dos adeptos de todas as nações que viram o Sol. Não obstante, o *Zohar* ensina mais ocultismo prático do que qualquer outra obra sobre esse assunto; não como ele foi traduzido e comentado por vários críticos, mas com os sinais secretos de suas margens. Esses sinais contem as instruções ocultas necessárias às interpretações metafísicas e aos absurdos aparentes em que acreditou tão completamente Josefo, que nunca foi iniciado e que expôs a *letra morta* tal como a recebera.

A verdadeira magia prática contida no *Zohar* e em outras obras cabalísticas só deve ser utilizada por aqueles que as podem ler *interiormente*. Os apóstolos cristãos - pelo menos aqueles que operavam "milagres" (*) à vontade - deviam estar inteirados desta ciência.

São João alude claramente à poderosa "cornalina branca" - uma gema bastante conhecida pelos adeptos como "*alba petra*" ou pedra da iniciação, sobre a qual se gravava quase sempre a palavra "*prêmio*" e que era dada ao candidato que vencia com sucesso as provas preliminares por que um neófito deveria passar. O fato é que nada menos do que o *Livro de Jó*, bem como o *Apocalipse*, é simplesmente uma narrativa alegórica dos mistérios e da iniciação ali de um candidato, que é o próprio João. Nenhum maçom de grau superior, versado nos diferentes graus, o compreenderá de maneira diferente. Os números *sete*, *doze* e outros são outras tantas luzes lançadas sobre a obscuridade da obra. Paracelso afirmava a mesma coisa alguns séculos atrás. E quando vemos "o semelhante ao Filho de um homem" dizer (*Apocalipse II, 17*): "ao vencedor darei de comer o *maná oculto* e uma PEDRA BRANCA com um novo nome escrito" - a palavra - "que *não conhece* senão *quem o recebe*", qual Mestre maçom titubeará em reconhecer essas palavras "JAH-BUH-LUN".

HÓSTIA, UMA TRADIÇÃO PRÉ-CRISTÃ. (L. 4. pág. 11).

Nos mistérios míticos pré-cristãos, os candidatos que triunfavam intrepidamente das "*doze provas*", que precediam a iniciação, recebiam um pequeno bolo redondo ou hóstia de pão azimo que simbolizava, *em um dos seus significados*, o disco solar, e era tido como pão celeste ou "*maná*" e que tinha figuras desenhadas sobre ele. Um *carneiro* ou um *touro* era morto e, com o seu sangue, o candidato era aspergido, como no caso da iniciação do imperador Juliano. As *sete* regras ou mistérios - representados no *Apocalipse* como sete selos que são abertos "em ordem" - eram então confiados ao "nascido de novo". Não há dúvida de que o Vidente de Patmos referia-se a essa cerimônia.

A origem dos amuletos católicos romanos e das "reliquias" abençoadas pelo Papa é a mesma do "Conjuro Efésio", ou caracteres mágicos gravados numa pedra ou desenhados sobre um pedaço de pergaminho, dos amuletos judaicos com versículos da Lei, chamados *phylacteria*, e dos encantamentos maometanos com versos do *Corão*. Todos eles usados como conjuros mágicos protetores e utilizados por todos os crentes. Epifânio, o digno ex-marcosiano, que fala desses encantamentos - quando eram usados pelos maniqueus como amuletos, isto é, coisas colocadas ao redor do pescoço (*periapta*) - e dessas "encantações e *trapaças semelhantes*", não pode lançar uma nódoa sobre a "*trapaça*" dos cristãos e dos gnósticos sem incluir aí os amuletos católicos romanos e papais.

Devemos um capítulo aos jesuítas neste capítulo sobre as sociedades secretas, pois mais do que qualquer outra, eles são um corpo secreto e têm uma velha ligação mais estreita com a Maçonaria atual - na França e na Alemanha pelo menos - do que as pessoas geralmente sabem. O clamor de uma moralidade pública ultrajada ergueu-se contra essa Ordem desde o seu nascimento. Apenas quinze anos haviam passado desde a bula [papal] que promulgara a sua constituição, quando os seus membros começaram a ser transferidos de um lugar para outro. Portugal e os Países-Baixos desfizeram-se deles em 1578; a França em 1594; Veneza em 1606; Nápoles em 1622. De São Petersburgo, eles foram expulsos em 1816, e, de toda a Rússia, em 1820.

Os jesuítas causaram mais danos morais neste mundo do que todos os exércitos infernais do mítico Satã. Toda extravagância dessa observação desaparecerá quando os nossos leitores da América, que sabem pouco sobre eles, forem inteirados dos seus princípios (*principia*) e regras que constam de várias obras escritas pelos próprios jesuítas. Pedimos licença para lembrar ao público que cada uma das afirmações foram extraídas de manuscritos autênticos ou fôlios impressos por esse distinto corpo. Muitas delas foram copiadas de um grande Quarto publicado, verificado e coligido pelos Comissários do Parlamento Francês. As afirmações ali reunidas foram apresentadas ao Rei a fim de que, como enuncia o *Arrest du Parlement du 5 Mars 1762*, "o filho mais velho da Igreja fosse conscientizado da perversidade dessa doutrina. (...) Uma doutrina que autoriza o Roubo, a Mentira, o Perjúrio, a Impureza, toda Paixão e Crime, que ensina o Homicídio, o Parricídio e o Regicídio, destruindo a religião a fim de substituí-la pela superstição, favorecendo a *Feitiçaria*, a Blasfêmia, a Irreligião e a Idolatria (...), etc." Examinemos as idéias dos jesuítas sobre a *magia*. Escrevendo a esse respeito em suas instruções secretas, Antonio Escobar diz:

"É lícito (...) fazer uso da ciência adquirida *por meio do auxílio do diabo*, desde que seja preservada e não utilizada em proveito do diabo, pois *o conhecimento é bom em si mesmo e o pecado de adquiri-lo foi eliminado*". Portanto, por que um jesuíta não enganaria o Diabo, já que engana tão bem os leigos?

"*Os astrólogos e os adivinhos estão ou não obrigados a restituir o prêmio de sua adivinhação, quando o evento não se realizar?* Eu reconheço" - observa o bom Padre Escobar - "que a primeira opinião não agrada de maneira alguma, porque, quando o astrólogo ou adivinho exerceu toda diligência *na arte diabólica* que é essencial a seu propósito, ele cumpriu a sua tarefa, seja qual for o resultado. Assim como o médico (...) não é obrigado a restituir os honorários (...) se o paciente morrer, tampouco o astrólogo deve devolver os seus (...) exceto quando ele não se esforçou ou ignora sua arte diabólica, porque, quando ele se empenha, ele não falha".

Essa nobre fraternidade, à qual muitos pregadores têm negado veementemente o fato de ser *secreta*, tem provado sê-lo. Suas constituições foram traduzidas, para o latim pelo jesuíta Polanco e impressas, no Colégio da Companhia, em Roma, em 1558. "Elas foram zelosamente mantidas em segredo e a maior parte dos próprios jesuítas só conhecia extratos delas. *Elas nunca foram reveladas antes de 1761, quando publicadas pelo Parlamento Francês* [em 1761, 1762], no famoso processo do Padre La Valette". Os graus da Ordem são: I. Noviços; II. Irmãos Leigos ou Coadjuvantes temporais; III. Escolásticos; IV. Coadjuvantes espirituais; V. Professos de Três Votos; VI. Professos de Cinco Votos. "Há também uma classe secreta, conhecida apenas do Geral e de alguns poucos jesuítas fieis, que, talvez mais do que qualquer outra, tenha contribuído para o poder terrível e misterioso da Ordem", diz Nicolini. Os jesuítas reconhecem, dentre as maiores conseqüências de sua Ordem, o fato de Loiola ter conseguido, por um memorial especial do Papa, uma petição para a reorganização daquele instrumento abominável e repugnante de carnificina por atacado - o infame tribunal da Inquisição.

Mas devemos ver quais são as suas regras principais. Diz MacKenzie: "A Ordem possui sinais secretos e senhas diferentes para cada um dos graus a que os membros pertencem e, como não levam nenhuma vestimenta particular, é difícil reconhecê-los, a menos que eles próprios se revelem como membros da Ordem; eles podem apresentar-se como protestantes ou católicos, democratas ou aristocratas, infieis ou beatos, segundo a missão especial que lhes foi confiada. Seus espiões estão por toda parte, pertencem a todas as classes da sociedade e podem parecer cultos e sábios ou simplórios e mentecaptos, conforme mandam as

regras. Há jesuítas de ambos os sexos e de todas as idades; é bastante conhecido o fato de que membros da Ordem, de família distinta e de educação refinada, trabalham como criados para famílias protestantes e fazem outras coisas de natureza similar para melhor servir aos interesses da Sociedade.

SIMÃO O MAGO DISCÍPULO DA SAMÁRIA. (L. 4 pág. 15))

Simão, o Mago, era sem dúvida um discípulo dos tannaim da Samaria; a reputação que adquiriu com os seus prodígios, que lhe valeram o título de “o Grande Poder de Deus”, testemunha eloqüente em favor da habilidade dos seus mestres. As calúnias tão cuidadosamente disseminadas contra ele pelos autores e compiladores desconhecidos dos *Atos* e de outros escritos não podem danificar a verdade a ponto de ocultar o fato de que nenhum cristão podia rivalizar com ele em ações taumatúrgicas. É absolutamente ridícula a história de que ele, durante um vôo aéreo, teria caído e quebrado as pernas e cometido suicídio. Em vez de pedir mentalmente que isso acontecesse, por que os apóstolos não pediam que lhes fosse permitido superar Simão em maravilhas e milagres, para assim provarem facilmente a superioridade de seu poder e converterem milhões ao Cristianismo? A posteridade só ouviu um lado da história. Tivessem tido os discípulos de Simão uma única oportunidade, e acharíamos, talvez, que foi Pedro que quebrou as suas pernas, se não soubéssemos que esse apóstolo era prudente demais para se aventurar até Roma. Segundo a confissão de muitos escritores eclesiásticos, nenhum apóstolo operou essas “maravilhas sobrenaturais”. Naturalmente as pessoas piedosas dirão que isso prova precisamente que foi o “Diabo” que operou por intermédio de Simão.

Simão foi acusado de blasfêmia contra o Espírito Santo, porque o apresentou como o “Espírito Santo, a Mens (Inteligência) ou a mãe de tudo”. Mas encontramos a mesma expressão no *Livro de Enoc*, em que, em contraposição ao “Filho do Homem”, ele diz “Filho da Mulher”. No *Codex* dos nazarenos, e no *Zohar*, bem como nos *Livros de Hermes*, a expressão é usual; e até no apócrifo *Evangelho dos Hebreus* lemos que o próprio Jesus admitiu o sexo do Espírito Santo ao usar a expressão “*Minha mãe, o Pneuma Santo*”.

Como é possível, então, acusar Simão, o Mago, de ser ele um blasfemador, se ele apenas fez aquilo que a sua consciência invencivelmente lhe ordenou ser verdadeiro? E, em que aspecto os hereges, ou mesmo os infieis da pior espécie, são mais repreensíveis do que os jesuítas - os de Caen, por exemplo - que dizem:

“(A religião cristã) é (...) evidentemente crível, mas não *evidentemente verdadeira*. Ela é evidentemente crível, pois é evidente que quem quer que a abrace é prudente. *Ela não é evidentemente verdadeira*, porque ou ela ensina obscuramente ou as coisas que ela ensina são obscuras. E aqueles que afirmam que a religião cristã é evidentemente verdadeira vêm-se obrigados a confessar que ela é evidentemente falsa (*Posição 5*).

“Donde se infere -

“1. Que *não* é evidente - que haja agora qualquer religião verdadeira no mundo.

“2. Que *não* é evidente - que, de todas as religiões existente sobre a terra, a religião católica seja a única verdadeira; viajastes por todos os países do mundo, ou conheceis as religiões que aí se professam? (..)

(.....)

“4. Que *não* é evidente que as previsões dos profetas fossem fundadas por inspiração de Deus; pois que refutação faríeis contra mim, se nego que eram profecias verdadeiras, ou se afirmo que eram apenas conjecturas?

“5. Que *não* é evidente que os milagres eram reais, que foram elaborados por Cristo; embora ninguém possa prudentemente negá-los (*Posição 6*).

“Tampouco é necessária aos cristãos uma crença explícita em Jesus Cristo, na Trindade, em todos os Artigos de Fé e no Decálogo. A única crença explícita que era necessária aos últimos (os cristãos) é 1, Em Deus; 2, Em um Deus recompensador” (*Posição 8*).

A profecia de Hermes é menos equívoca do que as alegadas profecias de Isaías, que facilitaram um pretexto para que se qualificasse de demônios, os deuses de todas as nações. Mas os fatos são mais fortes, às vezes, do que a fé mais robusta. Tudo que os judeus aprenderam, eles o receberam de nações mais velhas que a deles. Os magos caldaicos foram os seus mestres na doutrina secreta e foi durante o cativeiro da Babilônia que aprenderam os preceitos, tanto metafísicos, quanto práticos. Plínio menciona três escolas de magos: uma fundada em uma época desconhecida; outra, estabelecida por Osthane e Zoroastro; a terceira, por Moisés e Jennes. E todo o conhecimento possuído por essas escolas diferentes, fossem elas mágicas, egípcias ou judaicas, derivou da Índia, ou antes de ambos os lados do Himalaia. Mais do que um segredo perdido repousa sob as vastas extensões de areia do deserto de Gobi, no Turquestão Oriental e os sábios do Khotan preservam tradições estranhas e o conhecimento da Alquimia.

A ALMA UM SER OBJETIVO POR SI MESMA. (L. 4. pág. 18).

O Barão Bunsen demonstra que "a origem das preces e dos hinos antigos do *Livro dos Mortos* egípcios é anterior a Menes e pertence, provavelmente, à dinastia pré-menita de Abydos, entre 3100 e 4500 a.C.". O erudito egiptólogo remonta a era de Menes, ou Império Nacional, ao ano 3059 a.C. e demonstra que "o sistema de adoração e da mitologia osiriana já estava formado" antes da era de Menes.

Encontramos nos hinos dessa época pré-edênica cientificamente estabelecida (pois Bunsen leva muitos séculos para trás o ano da criação do mundo, 4.004 a.C., fixado pela cronologia bíblica) lições precisas de moralidade, idênticas em substância e na forma e na expressão muito parecidas, com aquelas que foram pregadas pôr Jesus no seu Sermão da Montanha. É o que se pode inferir das investigações levadas a efeito pelos egiptólogos e hierologistas mais eminentes. "As inscrições da décima segunda Dinastia estão plenas de formas ritualistas", diz Bunsen. Extratos dos *Livros Herméticos* foram encontrados em monumentos das dinastias mais antigas e "não são incomuns os trechos de um ritual antigo, nos da décima segunda dinastia. (...) Alimentar o faminto, dar de beber ao sedento, vestir o nu, cremar o morto (...) constituíam a primeira tarefa de um homem piedoso (...). A doutrina da imortalidade da alma é tão antiga quanto ao período de 3100 e 4500 a.C..

É mais antiga ainda, talvez. Ela data da época em que a alma era um ser objetivo e, portanto, não podia ser negada pôr si mesma; em que a Humanidade era uma raça espiritual e a morte não existia. Por volta do declínio do ciclo da vida, o homem-espírito etéreo caiu no doce cochilo da inconsciência temporária em uma esfera para despertar na luz ainda mais brilhante de um esfera mais elevada. Mas ao passo que o homem espiritual se esforça continuamente para ascender cada vez mais à sua fonte de origem, passando pelos ciclos e esferas da vida individual, o homem físico tem de descer com o grande ciclo da criação universal até se revestir das vestes terrestres. Então a alma foi de tal maneira sepultada sob a vestimenta física, na tentativa de reafirmar a sua existência, exceto nos casos de naturezas mais espirituais, que, em cada ciclo, ela se tornou cada vez mais rara. Embora nenhuma das nações pré-histórica tivesse pensado em negar a existência ou a imortalidade do homem interior, o "Eu" Real. Devemos ter em mente os ensinamentos dos antigos filósofos: só o Espírito é Imortal - a alma, *per se*, não é eterna, nem divina. Quando ligada muito estritamente ao cérebro físico do seu envoltório terrestre, torna-se gradualmente uma mente finita, o mero princípio da vida animal e senciente, o *nephesh da Bíblia* hebraica.

A doutrina da natureza trina do homem está tão claramente definida nos livros herméticos quanto no sistema platônico, ou ainda nas filosofias budista e bramânica. E este é um dos ensinamentos mais importantes e menos conhecido das doutrinas da ciência hermética.

Os mistérios egípcios, tão imperfeitamente conhecidos pelo mundo, e aos quais poucas e breves alusões são feitas nas *Metamorfoses* de Apuleio, ensinaram as maiores virtudes. Eles revelaram ao aspirante aos mistérios "mais elevados" da iniciação aquilo que muitos dos nossos estudantes hermetistas modernos procuram em vão nos livros cabalísticos e que os ensinamentos obscuros da Igreja, sob a direção da Ordem dos Jesuítas, nunca poderão revelar. Comparar, então, as antigas sociedades secretas dos hierofantes, com as alucinações artificialmente produzidas desses poucos seguidores de Loiola, por mais sinceros que eles fossem no começo de sua carreira, é um insulto para com as primeiras.

Um dos obstáculos mais difíceis para a iniciação, entre os egípcios, como entre os gregos, era ter cometido um assassinato em qualquer grau. Um dos maiores títulos para admissão na Ordem dos Jesuítas é um assassinato em defesa do jesuitismo. "As crianças podem matar os seus pais, se estes as compelirem a abandonara fé católica."

JULGAMENTO DA ALMA PELOS EGÍPCIOS, APÓS A MORTE FÍSICA. (L. 4. pág. 20).

No Egito, todas as cidades importantes estavam separadas do cemitério por um lago sagrado. A mesma cerimônia de julgamento que o *Livro dos Mortos* descreve como ocorrendo no mundo do Espírito era realizada na terra, durante o sepultamento da múmia. Quarenta e dois juizes ou assessores reuniam-se na margem do lago e julgavam a "alma" falecida segundo as suas ações praticadas quando estava no corpo; só depois de uma aprovação unânime por parte do júri *post-mortem* é que o barqueiro, que representava o Espírito da Morte, poderia levar o corpo do defunto absolvido até o local do seu repouso. Depois, os sacerdotes retornavam aos recintos sagrados e instruíam os neófitos sobre o provável drama solene que se desenrolava no reino invisível para o qual a alma se dirigia. A imortalidade do espírito era fortemente inculcada pelo Al-om-jah. O *Crata Repoa* descreve, como segue, os sete graus da iniciação.

Depois de um julgamento preliminar em Tebas, onde o neófito deveria passar por muitas provas, chamadas de "Doze provas", era-lhe ordenado governar suas paixões e nunca, em momento algum, deveria afastar de seu pensamento a idéia de Deus. Depois, como um símbolo da peregrinação da alma impura, ele

devia subir várias escalas e vagar às escuras numa caverna com muitas portas, todas fechadas. Se triunfava dessas terríveis provas, recebia o grau de *Pastophoros*, sendo que o segundo e o terceiro grau eram chamados de *Neocoris* e *Melanêphoros*. Levado a uma vasta cripta subterrânea abundantemente povoada de múmias ali colocadas com muito aparato, ele era deixado defronte a um ataúde que continha o corpo mutilado de Osíris coberto de sangue. Esse era o salão chamado “Portão da Morte” e com certeza é a esse mistério que aludem algumas passagens do *Livro de Jó* (XXXVIII, 17) e porções da *Bíblia* quando nela se fala desses portões. No capítulo X, damos a interpretação esotérica do *Livro de Jó*, que é um poema da iniciação *par excellence*.

“Os portões da morte se abriram para vós?
Ou vistes as portas da sombra da morte?”

pergunta o “Senhor” - isto é, o Al-om-jah, o Iniciador - de Jó, aludindo a esse terceiro grau da iniciação.

Quando o neófito vencida os terrores desse julgamento, era conduzido ao “Salão dos Espíritos” para ser por eles julgados. Entre as regras nas quais era instruído, era-lhe ordenado “*nunca desejar ou procurar vingança; estar sempre pronto a ajudar um irmão em perigo, mesmo com risco de sua própria vida; enterrar todos os mortos; honrar seus pais acima de tudo; respeitar os anciões e proteger os mais fracos que ele e, finalmente, ter sempre em mente a hora da morte e a da ressurreição num corpo novo e imperecível*”. Pureza e castidade eram altamente recomendadas e *o adultério era punido com a morte*.

Então o neófito egípcio tornava-se um *Kistophoros*. Nesse grau, o nome-mistério IAÔ era comunicado a ele. O quinto grau era o de *Balahate* e então ele era instruído por Hórus em alquimia, *chemi*. No sexto, era-lhe ensinada a dança sacerdotal no círculo, ocasião em que era instruído em astronomia, pois a dança representava o curso dos planetas. No sétimo grau, era iniciado nos mistérios finais. Após uma aprovação final num edifício isolado, o *Astrônomo*, como era agora chamado, emergia desses aposentos sagrados chamados *Maneras* e recebia uma cruz - *o Tao* - que, por ocasião de sua morte, devia ser colocada sobre o peito. Ele era um hierofante.

OS RITUAIS DOS EGÍPCIOS. (L. 4. pág. 21).

No *Ritual Funerário* dos egípcios, encontrado entre os hinos do *Livro dos Mortos*, e que é chamado por Bunsen de “esse livro precioso e misterioso”, lemos um discurso do defunto, agora sob a forma de Hórus, que detalha tudo e que ele realizou para seu pai Osíris. Entre outras coisas, a divindade diz:

30 Dei-vos *Espírito*.
31 Dei-vos *Alma*.
32 Dei-vos *poder*.
33 Dei-vos [força].

Em outro lugar, a entidade, chamada de “Pai” pela alma desencarnada, representa o “espírito” do homem; pois o versículo diz: “Fiz minha alma falar com *seu Pai*”, seu *Espírito*.

Os egípcios consideravam o seu *Ritual* como uma inspiração essencialmente Divina; em síntese, o mesmo que os hindus modernos em relação aos *Vedas* e os judeus modernos quanto aos livros mosaicos. Bunsen e Lepsius mostram que o termo *hermético* significa inspirado, porque é Thoth, a própria Divindade, que fala e revela ao seu eleito entre os homens a vontade de Deus e os arcanos das coisas divinas. Nesses livros há passagens inteiras que se diz terem sido “escritas pelo próprio dedo de Thoth, são obras e composição do grande Deus”. “Num período posterior, o seu caráter hermético ainda é mais distintamente reconhecido e, num ataúde da 26ª Dinastia, Hórus anuncia ao morto que ‘o próprio Thoth lhe trouxe os livros das suas obras divinas’, ou escritos herméticos”.

Dado que sabemos que Moisés era um sacerdote egípcio, ou pelo menos ele era versado em toda a sua *sabedoria*, não devemos nos espantar que ele escrevesse no *Deuteronômio* (IX, 10) que “E o *Senhor* me entregou duas tábuas de pedra escritas pelo dedo de DEUS”; ou que leiamos no *Êxodo*, XXXI, 18 que “E Ele [o *Senhor*] deu a Moisés (...) duas tábuas do testamento, tábuas de pedra, escrita pelo dedo de Deus”.

Nas noções egípcias, como nas de todas as outras fês fundamentais na filosofia, o homem não era apenas, como afirmam os cristãos uma união de alma e corpo; ele era uma trindade de que o espírito fazia parte. Além disso, aquela doutrina o considerava composto de *kha* - corpo; *khaba* - forma astral, ou sombra; *ka* - alma animal ou princípio vital; *ba* - a alma superior; e *akh* - inteligência terrestre. Havia ainda um sexto princípio chamado *sha* - ou múmia; mas as suas funções só tinham início após a morte do corpo. Após a devida purificação, durante a qual a alma, separada do seu corpo, visitava com frequência o cadáver mumificado do seu corpo físico, essa alma astral “tornava-se um Deus”, pois ela era finalmente absorvida na

Alma do mundo”. Transformava-se numa das divindades criadoras, “o deus do Phtah”, o Demiurgo, um nome genérico para os criadores do mundo, traduzido na *Bíblia* como Elohim. No *Ritual, a alma* boa ou purificada, “em conjunto com seu espírito superior ou não-criado”, é mais ou menos a vítima da influência tenebrosa do dragão Apophis. Se chegou ao conhecimento final dos mistérios celestiais e infernais - a *gnoses*, isto é, reunião completa com o espírito -, ela triunfará dos seus inimigos; se não, a alma não pode escapar à sua *segunda morte*. Essa morte é a dissolução gradual da forma astral nos seus elementos primários, aos quais já aludimos diversas vezes ao longo desta obra. Mas essa sorte terrível pode ser evitada pelo conhecimento do “Nome Misterioso” - a “Palavra”, dizem os cabalistas.

Mas, então qual a pena vinculada à negligência do seu conhecimento? Quando um homem leva uma vida naturalmente pura e virtuosa, não há castigo algum, exceto uma permanência no mundo dos espíritos até que se encontre suficientemente purificado para recebê-la do seu “Senhor” Espiritual, um da Hoste poderosa. Por outro lado, se a “alma” *, enquanto um princípio semi-animal queda-se imóvel e cresce inconsciente de sua metade subjetiva - o Senhor - e proporcionalmente ao desenvolvimento sensual do cérebro e dos nervos, ela mais cedo ou mais tarde se esquecerá da sua missão divina na Terra. Como o *Vurdalak*, ou Vampiro, do conto sérvio, o cérebro se alimenta e vive e se fortifica às expensas do seu parente espiritual. Então, a alma já semi-inconsciente, agora completamente embriagada pelos vapores da vida terrena, perde os sentidos e a esperança de redenção. É incapaz de vislumbrar o esplendor do espírito superior, de ouvir as admoestações do “Anjo guardião” e de seu “Deus”. Ela só pretende o desenvolvimento e uma compreensão mais completa da vida natural, terrena; e, assim, só pode descobrir os mistérios da natureza física. Suas penas e seus temores, sua esperança e sua alegria - tudo isso está estritamente ligado à sua existência terrestre. Ela ignora tudo o que pode ser demonstrado pelos órgãos de ação ou sensação. Começa por se tornar virtualmente morta; morre completamente. Está *aniquilada*. Tal catástrofe pode ocorrer, muitas vezes, muitos anos antes da separação final do princípio *vital* do corpo. Quando chega a morte, seu férreo e perigoso domínio se debate com a *vida*; mas há mais alma a liberar. A única essência dessa última já foi absorvida pelo sistema vital do homem físico. A morte implacável libera apenas um cadáver espiritual; no melhor dos casos, um idiota. Incapaz de se elevar para regiões mais altas ou de despertar da letargia, ela se dissolve rapidamente nos elementos da atmosfera terrestre.

Os videntes, homens corretos que lograram a ciência mais elevada do homem interior e do conhecimento da verdade, têm, como Marco Antônio, recebido instruções “dos deuses”, em sonhos ou por outros meios. Auxiliados pelos espíritos mais puros, aqueles que moram nas “regiões da bem-aventurança eterna”, eles observam o processo e advertiram repetidamente a Humanidade. O ceticismo pode provocar com zombarias; a *fé*, baseada no *conhecimento* e na ciência espiritual, acredita e afirma.

No século atravessamos amiúdam-se os casos dessas mortes de almas. A todo momento tropeçamos com homens e mulheres desalmados. Não é estranho, portanto, no presente estado de coisas, o gigantesco fracasso dos últimos esforços de Hegel e Schelling no sentido de elaborar a construção metafísica de um sistema. Quando os fatos, palpáveis e tangíveis do Espiritismo fenomenal, acontecem todo o dia e a toda hora e, não obstante, são negados pela maior parte das nações “civilizadas”, existe pouca chance para a aceitação de uma metafísica puramente abstrata por parte dessa massa sempre crescente de materialistas.

A PALAVRA PERDIDA.(L. 4. pág. 24).

No livro intitulado *La manifestation à la lumière*, de Champollion, há um capítulo sobre o *Ritual* que está cheio de diálogos misteriosos que a alma mantém com vários "Poderes". Num desses diálogos é mais do que expressiva a potencialidade da "Palavra". A cena ocorre na "Câmara das Duas Verdades". O "Portal", a "Câmara da Verdade", e mesmo as várias partes do portão, dirigem-se à alma, que se apresenta para admissão. Todos lha negam, a menos que ela lhes pronuncie os nomes misteriosos. Que estudiosos das Doutrinas Secretas não reconheceria nesses nomes a identidade, em significação e propósito, com aqueles que se encontram nos *Vedas*, nas últimas obras dos brâmanes e na *Cabala*?

Magos, cabalistas, místicos, neoplatônicos e teurgos de Alexandria, que ultrapassaram os cristãos em suas consecuições na ciência secreta; brâmanes ou samaneus (xamãs) da Antigüidade e brâmanes modernos; budistas e lamaístas - todos eles declararam que um determinado poder se agrega a esses vários nomes, que pertencem a uma única Palavra inefável. Mostramos, por experiência própria, quão profundamente está enraizada até em nossos dias na mente popular de toda a Rússia a crença de que a Palavra opera "milagres" e está no centro de toda façanha mágica. Os cabalistas conectam misteriosamente a *Fé* com ela. Assim fizeram os apóstolos baseando as suas afirmações nas palavras de Jesus, que diz: "Se tiverdes fé, como um grão de mostarda (...) nada vos será impossível" [*Mateus*, XVII, 20]; e Paulo, repetindo as palavras de Moisés, afirma

que "perto está a PALAVRA na tua boca e no teu coração esta é a *palavra da fé* (*Romanos*, X, 8). Mas quem, exceto os iniciados, pois orgulhar-se de compreender sua significação total?

A FORÇA CONTIDA NOS MANTRAS. (L. 4 pág. 25.)

A força contida nos *Mantras* e na *Vâch* dos brâmanes é tão acreditada hoje quanto no começo do período védico. O "Inefável Nome" de todo e de toda religião relaciona-se aquilo que os maçons afirmam se os caracteres misteriosos que simbolizam os nomes ou tributos pelos quais a Divindade era conhecida pelos iniciados. A Palavra Omnífica traçada por Enoch nos dois deltas de ouro puríssimo, sobre os quais gravou dois dos caracteres misteriosos, talvez seja mais conhecida pelos "gentios" humildes e incultos do que pelos Grão-sacerdotes e Grão Z. dos Capítulos Supremos da Europa e da América. Mas não entendemos porque os companheiros da Arca Real lamentariam tão amarga e tão continuamente a sua perda. A palavra M. M., como eles mesmo dirão, só contém consoantes. Por isso, duvidamos que algum deles tenha aprendido a pronuncia-la, ou a tivessem aprendido se, em vez de a corromper, ela tivesse sido extraída da abóbada secreta". Todavia, acredita-se que o neto de Ham conduziu ao país de Mezraim o delta sagrado do Patriarca Enoch. Portanto, é só no Egito e no Oriente que a "Palavra" misteriosa deve ser procurada.

OS TEMPLÁRIOS MODERNOS. (L. 4 pág. 32.)

Os templários modernos e antigos não existe, no melhor dos casos, outra analogia senão a adoção de certos ritos e certas cerimônia de caráter puramente *eclesiásticos* astutamente incorporados pelos clero à Grande Ordem antiga. Após essa desconsagração, ela foi perdendo gradualmente seu caráter primitivo e simples até a sua ruína total. Fundada em 1118 pelos cavaleiros Hugues de Payens e Geoffroy de Saint-Adhémar, com o fito nominal de proteger os peregrinos, o seu verdadeiro objetivo era a restauração do primitivo culto secreto. A versão da história de Jesus e do Cristianismo primitivo foi revelada a Hugues des Payens pelo Grande-Pontífice da Ordem do Templo (da seita nazarena ou joanita), chamado Teocletes, que a ensinou depois a outros cavaleiros da Palestina, dentre os membros mais elevados e mais intelectuais da seita de São João, que foram indiciados nos seus mistérios. A liberdade de pensamento intelectual e a restauração de uma religião universal eram seu objetivo secreto. Presos ao voto de obediência, pobreza e castidade, eles foram no início os verdadeiros cavaleiros de João Batista, vivendo no deserto e se alimentando de mel e gafanhotos. Assim a tradição e a versão cabalística verdadeira.

É um erro afirmar que a Ordem só se tornou anticatólica posteriormente. Ela o era desde o princípio e a cruz vermelha sobre manto branco, a veste da Ordem, tinha a mesma significação para os iniciados de todos os outros países. Ela apontava para os quatro pontos cardeais do compasso e era o emblema do universo. Quando, mais tarde, a Irmandade foi transformada numa Loja, os templários, a fim de escapar às perseguições, tinham de realizar as suas próprias cerimônias no maior segredo, geralmente no salão de alguma corporação, mais freqüentemente em cavernas isoladas ou choças erguidas no meio de bosques, ao passo que a forma eclesiástica de culto era celebrada publicamente nas capelas pertencentes à Ordem.

Embora fossem infamemente caluniosa muitas das acusações feitas contra eles por ordem de Felipe IV, os seus pontos principais eram corretos, do ponto de vista do que é considerado como *heresia* pela Igreja. Os templários atuais, adentrando tão estritamente como fazem à *Bíblia*, não podem pertencer ser descendentes diretos daqueles que não acreditam em Cristo, seja como homem-Deus, seja como o Salvador do mundo; que rejeitavam o milagre do seu nascimento e os que foram operados por ele; que não acreditam na transubstanciação, nos santos, nas relíquias sagradas, no purgatório, etc. O Jesus Cristo era, em sua opinião, um falso profeta, mas o homem Jesus era um Irmão. Consideravam João Batista com seu patrono, mas nunca o tiveram no conceito em que o tem a *Bíblia*. Reverenciavam as doutrinas da Alquimia, da Astrologia, da Magia, dos talismã cabalísticos e seguiam os ensinamentos secretos dos seus chefes do Oriente. "No último século", diz Findel, "quando a Franco-maçonaria supôs erroneamente ser uma filha do templarismo, era muito difícil acreditar na inocência da Ordem dos cavaleiros templários. (...) Com essa intenção, não só lendas e acontecimentos sem registro foram fabricados, mas também se tentou sufocar a verdade.

A verdade é que a maçonaria moderna difere muito radicalmente daquilo que foi uma vez a fraternidade secreta universal na época em que os adoradores brâmanicos do AUM intercambiavam sinais e senhas com os devotos do TUM e em que os adeptos de todos os países da terra eram "Irmãos".

Qual era, pois, esse nome misterioso, essa "palavra" poderosa por cuja potência os hindus e os iniciados caldeus e egípcios operavam maravilhas? No capítulo CXV do *Ritual Funerário* egípcio, intitulado "O Capítulo da Vinda do Céu (...) e do Conhecimento das Almas de Annu (Heliópolis), Hórus diz: "Conheci as Almas de Annu. Os mais gloriosos não passarão (...) a menos que os deuses me dêem a PALAVRA". Em outro hino, a alma, transformada, exclama: "Que me seja aberto o caminho para Re-stau. Eu sou o Supremo,

vestido como Supremo. Eu cheguei! Eu cheguei! Deliciosos me são os reis de Osíris. Crio à água [pelo poder da *Palavra*]. (...) Não vi os segredos ocultos (...) Confiei no Sol. Sou puro. Sou adorado por minha pureza" (CXVII-CXIX, Capítulo da ida ao Re-stau e do regresso de lá). Em outro lugar, o envoltório da múmia expressa o seguinte: "Sou o Grande Deus [espírito] que existe por si mesmo, o criador do *Seu Nome* (...) sei o nome desse Grande Deus que está aí" [cap. XVII].



Os inimigos de Jesus o acusam de ter operado milagres e os seus próprios apóstolos o apresentam como um expulsador de *demônios* por graças do poder do INEFÁVEL NOME. Os primeiros acreditam firmemente que Jesus o roubou do Santuário. "E ele expulsou os espíritos com sua *espada* e curou todos os que estavam doentes" (*Mateus*, XVIII, 16). Quando os governadores judaicos perguntaram a Pedro (*Atos*, IV, 7-10). "Graças a que poder, ou graças a que *nome*, vós o fizestes?", Pedro responde: "Graças ao NOME de Jesus Cristo de Nazaré". Mas este nome significa o nome de Cristo, como os intérpretes nos querem fazer acreditar, ou ele significa "graças ao NOME que estava de posse de Jesus de Nazaré", o iniciado, que foi acusado pelos judeus de tê-lo aprendido, porém que só o aprendeu com a iniciação! Além disso, ele afirma repetidamente que tudo o que faz, ele o faz em "*Nome de Seu Pai*", não em seu próprio.

O TEMPLO DO REI SALOMÃO. (L. 4. pág. 40).

Se houve ou não um templo real com esse nome - que os arqueólogos decidam; mas nenhum erudito versado no jargão antigo e medieval dos cabalistas e alquimistas duvidará de que a descrição detalhada de *I Reis* é puramente alegórica. A construção do Templo de Salomão é a representação simbólica da aquisição gradual da sabedoria *secreta* ou magia; a ereção e o desenvolvimento do espiritual a partir do terreno; a manifestação do poder e do esplendor do espírito no mundo físico por meio da sabedoria e do gênio do construtor. Esse, ao se tornar um adepto, é um rei mais poderoso do que o próprio Salomão, o emblema do sol ou a própria *LUZ* - a luz do mundo subjetivo real, brilhando na escuridão do universo objetivo. Esse é o "Templo" que deve ser edificado sem que *o som do martelo ou de qualquer ferramenta seja ouvido na casa enquanto esteja "em construção"*.

No Oriente, essa ciência chama-se, em alguns lugares, o Templo "de sete pisos" e, em outros, o "de nove pisos"; cada piso corresponde alegoricamente a um grau do conhecimento adquirido. Em todos os países do Oriente, onde quer que a magia e a religião-sabedoria seja estudada, seus praticantes e estudiosos são conhecidos por Construtores - pois eles constroem o templo do conhecimento, da ciência secreta. Os adeptos ativos são chamados de Construtores operativos, ao passo que os estudantes, ou neófitos, são denominados *especulativos* ou teóricos. Os primeiros exemplificam em obras e seu controle sobre as forças da natureza inanimada e animada; os outros estão se aperfeiçoando nos rudimentos da ciência sagrada.

A frase atribuída a Jesus - "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" -, desfigurada como está por traduções errôneas ou interpretações incorretas, indica claramente o seu significado real. Já mostramos a significação de *Peter e de Petra* para os hierofantes - a interpretação transmitida pelo iniciador ao futuro intérprete escolhido. Uma vez familiarizado com seu conteúdo misterioso, que lhe revelava os mistérios da criação, o iniciado tornava-se um *construtor*, pois se inteirava do *dodecahedron*, ou a figura geométrica com que o universo foi construído. Ao que apresenta em iniciações prévias a respeito do uso da regra e dos princípios arquitetônicos acrescentava-se uma cruz, cujas linhas perpendicular e horizontal se sobrepunham para formar a fundação do templo espiritual e cuja intercessão, ou ponto central primordial, representava o elemento de todas as existências, a primeira idéia concreta da divindade. A partir desse momento ele podia, como Mestre-construtor (ver *I Coríntios, III, 10*), erigir um templo de sabedoria, naquela pedra de *Petra*, para si mesmo; e, tendo-o construído, permitir que "outros ali construíssem".

O hierofante egípcio recebia uma capacete quadrado, que devia vestir sempre, e um esquadro (ver as insígnias dos maçons), sem os quais não podia apresentar-se em nenhuma cerimônia. O *Tao* perfeito formado pela perpendicular (raio masculino descendente, ou espírito), uma linha horizontal (ou matéria, raio feminino) e o círculo mundano eram atributos de Ísis, e, só por ocasião da sua morte, a cruz egípcia era colocada sobre o peito da múmia do iniciado. Esses capacetes quadrados são usados até hoje pelos sacerdotes armênios. É verdadeiramente estranha a pretensão de que a cruz seja um símbolo genuinamente cristão introduzido em nossa era, quando se sabe que Ezequiel marca com o *signa thao* (como está traduzido na *Vulgata*) as testas dos homens de Judá que temiam ao Senhor (*Ezequiel, IX, 4*). No hebraico antigo, esse sinal era traçado assim: (Cruz inclinada para a  deretia), mas, nos hieróglifos egípcios originais, como uma cruz cristã perfeita. 
Também no *Apocalipse*, o "Alfa e o Ômega" (espírito e matéria), o primeiro e o último, estampa o nome de seu Pai nas testas dos *eleitos*. (*Apocalipse, VII, 2, 3; xxiv, 1.*)

E se nossos argumentos estiverem errados, se Jesus não era um iniciado, um Mestre-contrutor, ou Mestre-maçom, como agora é chamado, como é que nas catedrais mais antigas encontramos a sua efígie com as insígnias maçônicas? Na Catedral de Santa Croce, em Florença, sobre o porta principal, pode-se ver a figura de Cristo segurando um esquadro perfeito em sua mão.

Os "mestres-construtores" sobreviventes da arte operativa do Templo verdadeiro andam literalmente *seminus e semidescobertos* - não por causa de uma cerimônia pueril, mas porque, como o "Filho do homem", eles não têm onde reclinar a cabeça - embora sejam os possuidores vivos da "Palavra". Serve-lhes de "reboque" o cordão triplo sagrado de certos brâmanes-sannyâsins, ou o fio com que certos lamas penduram suas *pedras yu* que, embora pareçam talismãs sem valor, nenhum deles trocaria por todas as riquezas de Salomão e da rainha de Sabá. A vareta de bambu de sete nós do faquir pode tornar-se tão poderosa quanto a vara de Moisés "que foi criada no crepúsculo e sobre a qual foi gravado o grande e glorioso NOME, por cujo poder operou maravilhas em Mizraim".

Verdadeiramente, a magna e omnífica palavra da Arca Real, "*por longo tempo perdida mas agora encontrada*", cumpriu sua promessa profética. A senha desse grau já não é "SOU O QUE SOU". É apenas "Fui mas não sou!"

A PALAVRA JEHOVAH, SEU SIGNIFICADO. (L. 4, pág. 45).

Forneceremos algumas provas do que afirmamos, e demonstrar que a palavra Jehovah, tão cara aos maçons, poderá substituir, mas nunca ser idêntica ao nome mirífico perdido. Os cabalistas sabem disso tão perfeitamente, que, em sua cuidadosa etimologia de mostrar sem sombra de dúvida que se trata de apenas um dos muitos sucedâneos do Nome real e que é composto do nome duplo do primeiro andrógino - Adão e Eva (ou Yodh), Vau e He-va - a serpente fêmea como um símbolo da Inteligência Divina que procede do Espírito Criador. Assim, Jehovah não é o Inefável Nome. Se Moisés tivesse dado ao Faraó o "nome" *verdadeiro*, este último não teria respondido como o fez, pois os Reis-Iniciados egípcios o conheciam tão bem quanto Moisés, que o aprendera com eles. O "Nome" era àquela época propriedade comum dos adeptos de todas as nações do mundo e o Faraó certamente o conhecia, pois é mencionado no *Livro dos mortos*. Mas, em vez disso, Moisés (se aceitarmos literalmente a alegoria do *Êxodo*) dá ao Faraó o nome *Yeva*, expressão ou forma do nome divino usada por todos os *Targuns*. Donde a resposta do Faraó: "Quem é este *Yeva*, para que eu obedeça, a sua voz e deixe Israel sair?"

"Jehovah" data apenas da inovação masorética. Quando os rabinos, com temor de que pudessem perder as chaves de suas próprias doutrinas, compostas até então exclusivamente de consoantes, começaram a inserir os pontos representativos das vogais nos seus manuscritos, eles ignoravam completamente a pronúncia verdadeira do NOME. Em conseqüência, deram-lhe o som de *Adonai* e a grafia *Ja-ho-vah*. Assim, esta última é apenas uma fantasia, uma adulteração do Inefável Nome. E como eles o podiam conhecer? Certamente, em cada nação, os sumos sacerdotes o tinham em sua posse e o transmitiam aos seus sucessores, como o faz o Brahmâtma hindu antes da sua morte. Unicamente uma vez ao ano, no dia da expiação, permitia-se que o sumo sacerdote o pronunciasse num sussurro. Passando por trás do véu, indo a câmara interior do santuário, o Santo dos Santos, com lábios trêmulos e olhos baixos - ele invocava o NOME terrível. A cruel perseguição movida contra os cabalistas, que receberam as sílabas preciosas como prêmio de toda uma vida de santidade, deveu-se à suspeita de que eles abusariam dele.

A CABALA ORIENTAL E A "DOCTRINA SECRETA". (L. 4, pág. 46).

Os *Evangelhos* apócrifos e *Jasher* são uma série de contos religiosos, em que um milagre sucede a outro milagre, e se narram as lendas populares como foram criadas pela primeira vez, sem considerar qualquer cronologia ou dogma. Ambos são pedras angulares das religiões mosaica e cristã. É evidente que existia um *Livro de Jasher* anterior ao *Pentateuco* mosaico, pois ele é mencionado em *Josué*, *Isaias* e *2 Samuel*.

Em nenhum outro lugar se mostra tão claramente a diferença entre os eloístas e os jeovistas. Jehovah é aqui aquilo mesmo que dele falam os ofitas, um Filho de Ialdabaôth, ou Saturno. Neste Livro, os magos egípcios, quando o Faraó lhes perguntou "Quem é esse de que Moisés fala como o *Eu sou?*", respondem que "temos ouvido que o Deus dos hebreus é um filho do sábio, o filho de reis antigos" (cap. LXXXIX, 45). Pois bem, aqueles que afirmam que *Jasher* é uma fantasia do século XII - e nós acreditamos firmemente nisso - deveriam explicar o curioso fato de que, ao passo que o texto acima *não* se encontra na *Bíblia* a resposta a ele *está*, e *está*, além disso, vazada em termos inequívocos. Em *Isaias*, XIX, 11, o "Senhor Deus" lamenta-se furiosamente ao profeta e diz: "Certamente os príncipes de Zoan *são tolos*, o conselho dos sábios conselheiros do Faraó *está-se tornando estúpido*; como direis ao Faraó que eu sou o filho do sábio, o filho de antigos reis?"

- o que é evidentemente uma réplica. Em *Josué*, X, 13, faz-se uma referência a *Jasher*, em corroboração da asserção ultrajante de que o Sol e a Lua estavam parados até que o povo se vingasse. "Não está escrito no *Livro de Jasher*?" diz o texto. E em *2 Samuel*, I, 18, o mesmo livro é novamente citado. "Vede", diz ele, "está escrito no *Livro de Jasher*". Evidentemente, *Jasher* deve ter existido; devia ser considerado uma autoridade; deve ter sido mais velho que *Josué*; e, dado que o versículo de *Isaias* aponta infalivelmente para a passagem citada acima, temos pelo menos, com muita razão, de aceitar a edição corrente de *Jasher* como uma transcrição, um excerto ou um compilação da obra original, como temos de reverenciar o *Pentateuco* septuagista como os anais sagrados hebraicos primitivos.

De qualquer modo, Jeová não é o Ancião dos Anciões a que alude o *Zohar*, pois o vemos, nesse livro, aconselhando-se com Deus Pai em relação à criação do Mundo. "O senhor da obra falou ao Senhor. Façamos o homem à nossa imagem" (*Zohar*, I, fol. 25). Jeová é apenas o Metatron e talvez nem seja o mais superior dos Aeons, mas apenas deles, pois aquele a quem Onkelos chama *Memra*, a "Palavra", não é o Jeová exotérico da *Bíblia*, nem Yahve, o Ser Supremo.

Foi o sigilo dos cabalistas primitivos, ansiosos por esconder à profanação o Nome verdadeiro, e, mais tarde, a prudência que os alquimistas e os ocultistas medievais foram compelidos a adotar para salvar suas vidas - foi isso que causou a confusão inextricável dos Nomes divinos. Foi isso o que levou o povo a aceitar o Jeová da *Bíblia* como o nome do "Deus vivente Único". Todo ancião ou profeta judeu, e até mesmo outros homens de qualquer importância, conhecem a diferença; mas, como a diferença reside na vocalização do "nome", e a sua pronúncia correta leva à morte, nenhum iniciado o revelou ao povo comum, pois não queria arriscar a sua vida ao ensiná-lo. Assim, a divindade sinaítica foi aos poucos sendo considerada idêntica a "Aquele cujo nome só é conhecido do sábio". Quando Capellus traduz "quem quer que pronuncie o nome de Jehovah sofrerá pena de morte", ele comete dois erros. O primeiro ao acrescentar a letra final *h* ao nome, se ele quer que essa divindade seja considerada masculina ou andrógina, pois a letra torna o nome feminino, como realmente devia ser, considerado que é um dos nomes de Binah, a terceira emanção; seu segundo erro está em afirmar que a palavra *nokeb* significa apenas pronunciar *distintamente*. Em consequência, o nome bíblico Jehovah deve ser considerado apenas um *sucedâneo* que, pertencendo a um dos "poderes", veio a ser visto como do "Eterno". Há um erro evidente (um dos muitos) em um dos textos do *Levítico*, que foi corrigido por Cahen e que prova que a interdição não concernia de maneira alguma ao nome exotérico de Jehovah, cujos numerosos nomes também podiam ser pronunciados sem se incorrer em qualquer pena de morte. Na viciosa versão inglesa, a tradução diz: "E aquele que blasfemar o nome do Senhor, será certamente condenado à morte", *Levítico*, XXIV, 6. Cahen traduz mais corretamente por: "E aquele que blasfemar o nome do *Eterno*, será condenado", etc. O "Eterno" é algo mais elevado do que o "Senhor" exotérico e pessoal.

Como nas nações gentias, os símbolos dos israelitas estavam relacionados, direta e indiretamente, ao culto do Sol. O Jehovah exotérico da *Bíblia* é um deus *dual*, como os outros deuses; e o fato de Davi - que ignora completamente Moisés - glorificar seu "Senhor" e lhe assegurar que o "Senhor é um grande Deus, e um grande Rei acima de todos os deuses", deve ter grande importância para os descendentes de Jacó e de Davi, mas seu Deus nacional não nos interessa de maneira alguma. Para nós, o "Senhor Deus" de Israel merece o mesmo respeito que Brahmã, Zeus ou qualquer outra divindade secundária. Mas recusamos, muito enfaticamente, reconhecer nele a Divindade adorada por Moisés ou o "Pai" de Jesus, ou mesmo o "Inefável Nome" dos cabalistas. Jehovah talvez seja um dos *Elohim*, que estavam implicados na *formação* (que não é criação) do universo, um dos arquitetos que construíram a partir da matéria preexistente, mas ele nunca foi a Causa "Incognoscível" que criou (*bara*) na noite da Eternidade. Esses Elohim primeiro formam e bendizem, para depois *amaldiçoar e destruir*; como um desses Poderes, Jehovah é alternadamente benéfico; num momento ele pune e depois se arrepende. É o contratripo de muitos dos patriarcas - de Esaú e de Jacó, os gêmeos alegóricos, emblemas do duplo princípio manifestado da Natureza. É assim que Jacó, que é Israel, é a coluna esquerda - o princípio feminino de Esaú, que é a coluna direita e o princípio masculino. Quando luta com Malach-Iho, o Senhor, é este que se transforma na coluna direita, a quem Jacó-Israel chama Deus, embora os intérpretes da *Bíblia* tenham tentado transforma-lo num mero "anjo do Senhor" (*Gênese*, XXXII). Jacó vence-o - como a matéria costuma vencer o espírito - mas seu *músculo* é deslocado na luta.

O nome de Israel deriva de Isaral ou Asar, o Deus-Sol, conhecido como Suryal, Sûrya e Sur. Isra-el significa "o que luta com Deus". "O Sol que acende sobre Jacó-Israel" é o Deus-Sol Isaral, que fecunda a *matéria* ou Terra, representada pelo Jacó-feminino. Como de costume, a alegoria tem mais de um significado oculto na *Cabala*. Esaú, Aesaou, Asu também é o Sol. Como o "Senhor", Esaú luta com Jacó e não vence. O Deus-Sol primeiro luta contra ele e depois se eleva sobre ele em sinal de aliança.

"E quando passou por Penuel, *o Sol se ergueu sobre ele* e ele [Jacó] *coxeava de uma perna*" (*Gênesis, XXXII, 31*). *Israel*-Jacó, oposto ao seu irmão Esaú, é *Samael* e "os nomes *Samael* e *Azâzêl* e *Satã*" (o opositor).

Se nos afirmassem que Moisés não estava familiarizado com a filosofia hindu e, portanto, não pôde tomar Siva, regenerador e destruidor, como modelo para o seu Jehovah, então teríamos de admitir que havia alguma intuição universal miraculosa que propiciou que toda a nação escolhesse para sua divindade nacional exotérica o tipo dual que encontramos no "Senhor Deus" de Israel. Todas estas fábulas falam por si mesmas. Shiva, Jehovah, Osíris - todos são símbolos do princípio ativo da Natureza *par excellence*. São as forças que presidem a formação ou *regeneração* da matéria e a sua destruição. São os tipos da Vida e da Morte, sempre fecundados e decompondo sob a influência da *anima mundi*, Alma intelectual Universal, espírito invisível mas onipresente que está por trás da correlação de forças cegas. Só esse espírito é imutável; portanto as forças do universo, causa e efeito, estão sempre em harmonia perfeita com essa grande Lei Imutável. A Vida Espiritual é o princípio primordial *superior*; a Vida Física é o princípio Primordial *inferior*, mas eles são apenas uma única vida em seu aspecto dual. Quando o Espírito se desliga completamente dos grilhões da correlação e sua essência se torna pura para se reunir à CAUSA, ele pode - quem pode dizer se ele realmente o deseja - vislumbrar a Verdade Eterna. Até então, não construíamos ídolos à nossa imagem e não confundamos a sombra com a Luz Eterna.

CAPÍTULO IX

OS VEDAS E A BÍBLIA

OS OBJETIVOS DOS MITOS. (L. 4 pág. 57)

"OS mitos", diz Horácio em sua *Ars Poética*, "foram inventados pelos sábios para fortalecer as leis e ensinar as verdades morais." Ao passo que Horácio procurou esclarecer o espírito e a essência dos mitos antigos, Euhemerus pretendia, ao contrário, que "os mitos eram a história legendaria dos reis e dos heróis, transformados em deuses pela admiração dos povos". Foi esse último método que os cristãos seguiram inferencialmente, quando concordaram com a aceitação dos patriarcas euhemerizados, e os confundiram com homens que houvessem realmente existido.

Mas, em oposição a essa teoria perniciosa, que produziu tantos frutos amargos, temos uma longa série dos grandes filósofos que o mundo produziu: Platão, Epicarmo, Sócrates, Empédocles, Plotino, Proclus, Damasceno, Orígenes, e mesmo Aristóteles. Este último confirmou plenamente a verdade do que dizemos, ao afirmar que uma tradição da mais alta Antiguidade, transmitida à posteridade sob a forma de mitos variados, ensina-nos que os princípios primários da Natureza devem ser considerados como "deuses", pois o *divino* permeia toda a Natureza. Tudo o mais, detalhes e personagens, foram acrescentados posteriormente para uma compreensão mais clara do vulgo, e sempre com o objetivo de reforçar as leis inventadas no interesse comum.

Os contos de fadas não pertencem exclusivamente às amas; toda a Humanidade - exceto os poucos que em todas as épocas lhes compreenderam o sentido secreto e tentaram abrir os olhos supersticiosos - ouviu tais contos numa forma ou outra, e, depois de os transformar em símbolos sagrados, chamaram o resultado de RELIGIÃO!

O SISTEMA MÍTICO RELIGIOSO, TEM BASE NO SISTEMA NUMÉRICO. (L. 4. pág. 57).

Começaremos com o livro da *Gênese*, e buscaremos seu sentido secreto nas tradições bramânicas e na Cabala caldaico-judaica.

A primeira lição das Escrituras que nos ensinaram em nossa infância afirma que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo. Por tal motivo, acredita-se que uma solenidade peculiar esteja vinculada ao sétimo dia, e os cristãos, adotando as rígidas observâncias do Sabbath judaico, no-lo impingiram, com a substituição do primeiro, e não do sétimo dia da semana.

Todos os sistemas de misticismo religioso se baseiam nos números. Para Pitágoras, a Monas, a unidade, emanando a Diada, e assim formando a trindade, e a quaternidade, o *Arba-il* (o *quatro místico*), compõe o número sete. A sacralidade dos números tem início no grande Primeiro - o UM -, e termina apenas com o zero - símbolos do círculo infinito que representa o universo. Todos os números intermediários, em qualquer combinação, ou mesmo multiplicados, representam idéias filosóficas, desde o esboço impreciso até o axioma científico definitivamente estabelecido, que se relacionam a um fato físico ou moral da natureza. Eles são uma chave para as antigas concepções sobre a cosmogonia, em seu sentido amplo, que inclui o homem e as coisas, e a evolução da raça humana, tanto espiritual como fisicamente.

O mundo *sete* é o mais sagrado de todos, e é, indubitavelmente, de origem hindu. Tudo que tinha alguma importância foi calculado e moldado nesse número pelos filósofos arianos - tanto as idéias como as localidades. Assim, eles tinham os:

Sapta-Rishis, ou sete sábios, que simbolizam as sete raças primitivas e diluvianas (pós-diluvianas, como dizem alguns).

Sapta-Lokas, os sete mundos inferiores e superiores, donde provinha cada um dos Rishis, e para onde retornava gloriosamente antes de alcançar a beatitude final da Moksha.

Sapta-Kulas, ou sete castas - com os brâmanes pretendendo representar os descendentes diretos da mais elevada de todas.

Além disso, há também *Sapta-Puras* (sete cidades sagradas); *Sapta-Dvîpas* (sete ilhas sagradas); *Sapta-Samudras* (os sete mares sagrados); *Sapta-Parvatas* (as sete montanhas sagradas); *Sapta-Aranyas* (os sete desertos); *Sapta-Vrikshas* (as sete árvores sagradas); e assim por diante.

Na Magia caldaico-babilônia, esse número reaparece de modo tão notável quanto entre os hindus. O número é *dual* em seus atributos, i.e., sagrado em um de seus aspectos, torna-se nefasto sob outras condições. Tal é o caso da seguinte encantação, que encontramos gravada nas tabuinhas assírias, e agora fielmente interpretadas.

"A tarde de mau-agouro, a região do céu, que produz a desgraça (...)

"Mensagem da peste.

"Depreciador de Nin-Ki-gal.

"Os sete deuses do vasto céu.

"Os sete deuses da vasta terra.

"Os sete deuses das radiosas esferas.

"Os sete deuses das legiões celestes.

"Os sete deuses maléficis.

"Os sete fantasmas - maus.

"Os sete fantasmas de flamas maléficis (...)

"Demônio mau, *alal* mau, *gigim* mau, *tilol* mau (...) deus maus, *maskim* mau.

"Espírito de sete céus, lembrai-vos (...) Espírito de sete terras, lembrai-vos (...) etc."

Esse número reaparece igualmente em quase todas as páginas do *Gênese* e em todos os livros mosaicos, e encontramos-lo de forma notável (ver o capítulo seguinte) no *Livro de Jó* e na *Cabala* oriental. Se os semitas hebreus o adotaram tão facilmente, devemos inferir que não o fizeram às cegas, mas com pleno conhecimento de seu sentido secreto; é por essa razão que eles devem ter adotado as doutrinas de seus vizinhos "pagãos". É, portanto, natural que busquemos na filosofia *pagã* a interpretação desse número, que reaparece novamente no Cristianismo com os *sete* sacramentos, as *sete* igrejas na Ásia Menor, por *sete* pecados capitais, nas *sete* virtudes (quatro cardeais, e três teológicas), etc.

Teriam as *sete* cores primárias do arco-íris vistas por Noé outro significado além da aliança entre Deus e o homem para refrescar a memória deste último? Para o cabalista, pelo menos, elas têm significado inseparável dos sete trabalhos da Magia, as sete esferas superiores, as sete notas da escala musical, os sete números de Pitágoras, as sete maravilhas do mundo, as sete eras, e os sete passos dos maçons, que levam ao Santo dos Santos, depois de passar pelos vãos do *três* e do *cinco*.

De onde procede portanto a identidade desses números enigmáticos, que se acham em todas as páginas das Escrituras judaicas, assim como em todo *ola* e *sloka* dos livros budistas e bramânicos? De onde vêm esses números que são a alma do pensamento de Pitágoras e de Platão, e que nenhum orientalista não-iluminado, e nenhum estudante da Bíblia jamais foi capaz de penetrar? Mesmo que tivessem eles a chave, não a saberiam utilizar. Em parte alguma como na Índia foi tão bem compreendido o valor místico da linguagem humana, ou tão perfeitamente entendido ou explicado o seu efeito sobre a ação humana, como pelos autores dos *Brâhmanas* mais antigos, em que, não obstante a sua remota antiguidade, se expõem de forma assaz concreta as especulações metafísicas abstratas de seus próprios ancestrais.

Tal é o respeito que os brâmanes mostravam pelos mistérios sacrificais que, segundo sua concepção, o próprio mundo veio à existência como consequência de uma "palavra sacrificial" pronunciada pela Primeira Causa. Essa palavra é o "Inefável Nome" dos cabalistas.

O segredo dos *Vedas*, por mais "Conhecimento Sagrado" que estes possam ser, é impenetrável sem a ajuda dos *Brâhmanas*. Corretamente falando, os *Vedas* (que estão escritos em verso e distribuídos em quatro livros) constituem essa porção chamada de *Mantra*, ou orações mágicas, e os *Brâhmanas* (que são em prosa) contêm a sua chave. Ao passo que apenas a parte do *Mantra* é sagrada, a porção dos *Brâhmana* contém todas as exegeses teológicas, as especulações e as explicações sacerdotais. Nossos orientalistas, repetimos, jamais farão qualquer progresso substancial na compreensão da literatura védica enquanto não derem o devido valor a obras que agora desprezam, a *Aitareya-Brâhmana* e a *Kaushîtiki-Brâhmana*, que pertencem ao *Rig-Veda*.

OS MITOS ANTIGOS. (L. 4 pág. 65.)

Entrementes, esquecidos das pretensas autoridades, tentamos examinar, nós mesmos, alguns desses mitos antigos. Procuraremos uma explicação na interpretação popular, e sentiremos nosso caminho com a ajuda da lâmpada mágica de Trismegistro - o misterioso número *sete*. Deve haver alguma razão para esse número tenha sido universalmente aceito como um número de cálculo. Para todos os povos antigos, o Criador, ou Demiurgo, estava assentado sobre o sétimo céu. "Se tivesse de falar da iniciação em nossos Mistérios sagrados", diz o Imperador Juliano, o cabalista, "que os caldeus consagraram ao *Deus dos sete raios, cuja veneração exaltava as almas*, diria coisas desconhecidas, *muito desconhecidas do vulgo*, mas bem conhecidas dos *Abençoados Teurgistas*". Em Lido, afirma-se que "Os caldeus chamam ao Deus de IAÔ, e TSABAÔTH é ele amiúde chamado, pois *Aquele* que está sobre as sete órbitas [céus, ou esferas], esse é o Demiurgo".

Precisamos consultar os pitagóricos e os cabalistas para aprender a potencialidade desse número. Exotericamente, os sete raios do espectro solar são representados concretamente no deus de sete raios Heptaktys *. (* O mesmo que IAO). Esses sete raios, resumidos em TRÊS raios primários, a saber, o vermelho, o azul e o amarelo, formam a trindade solar, e simbolizam respectivamente o espírito-essência. A ciência também reduziu recentemente os sete raios a três primários, corroborando assim a concepção científica dos antigos de pelo menos uma das manifestações visíveis da divindade invisível, e o sete dividido numa quaternidade e numa trindade.

Os pitagóricos chamavam o número sete de veículo da vida, como se ele contivesse corpo e alma. Eles explicavam tal ponto dizendo que o corpo humano consistia de quatro elementos principais, e que a alma é tripla, compreendendo razão, paixão e desejo. A PALAVRA inefável era considerada a Sétima Palavra, a mais alta de todas, pois há seis substitutas menores, cada qual pertencendo a um grau de iniciação. Os judeus derivaram seu Sabbath dos antigos, que o chamavam de dia de *Saturno* e o consideravam maléfico, e não dos últimos dos israelitas quando cristalizados. Os povos da Índia, da Arábia, da Síria e do Egito observavam semanas de sete dias; e os romanos aprenderam o método hebdomadário dessas nações estrangeiras quando elas se tornaram sujeitas ao Império. Foi apenas no século IV que as calendras, as nonas e os idos romanos foram abandonados, e as semanas empregadas em lugar; e os nomes astronômicos dos dias, tais como *dies Solis* (dia do Sol); *dies Lunae* (dia da Lua), *dies Martis* (dia de Marte); *dies Mercurii* (dia de Mercúrio); *dies Jovis* (dia de Júpiter), *dies Veneris* (dia de Vênus), e *dies Saturni* (dia de Saturno) provam que a semana de sete dias não foi emprestada dos judeus. Antes de examinar cabalisticamente esse número, propomos analisar o ponto de vista do Sabbath judaico-cristão.

Quando Moisés instituiu o *yom sheba*, ou *Shebang* (Shabbath), a alegoria do Senhor Deus que repousa de seu trabalho de criação no sétimo dia era apenas um *disfarce*, ou, como expressa o *Zohar*, um manto, para ocultar o verdadeiro significado.

Os judeus computavam então, como o fazem hoje, os seus dias pelo número, do seguinte modo: dia, o *primeiro*; dia, o *segundo*; e assim por diante; *yom a'had*; *yom sheni*; *yom shelishi*; *yomrebi'i*; *yom `hamishi*; *yom shishshi*; *yom shebi'i*.

O *sete* hebraico, que consiste de três letras, sh, b, ô, tem mais de um significado. Em primeiro lugar, ele significa século, *idade* ou ciclo, *Sheb-ang*; Sabbath, pode ser traduzido por *idade antiga*, e também por *descanso*, e no antigo copta *Sabe* significa *sabedoria*, *saber*. Os arqueólogos modernos descobriram que como no hebraico shib, também significa *de cabeça grisalha*, e que por conseguinte o dia do *Saba* era o dia em que os "homens de cabeça grisalha", ou os "pais antigos" de uma tribo tinham o costume de fazer reuniões para concílios ou sacrifícios.

Portanto, a semana de sei dias e o sétimo, o período do dia de *Sapta* ou *Saba*, é da mais alta antigüidade. A observância dos festivais lunares na Índia mostra que essa nação também mantinha encontros hebdomadários. A cada novo quadro, a Lua produz alterações na atmosfera, e por isso certas modificações também são produzidas por todo o nosso universo, das quais as meteorologias são as mais insignificantes. Por ocasião do *sétimo* e mais poderoso dos dias prismáticos, os adeptos da "Ciência Secreta" se encontravam, como o faziam há milhares de anos, a fim de se tornarem os agentes dos poderes ocultos da Natureza (emanações do Deus operante), em consonância com os mundos invisíveis. É nessa observância do sétimo dia pelos sábios antigos - não por causa do dia de descanso da Divindade, mas por que eles lhes compreenderam o poder oculto - que repousa a profunda veneração de todos os filósofos pagãos pelo número *sete* que eles chamam de "venerável", o número sagrado. A *Tetraktys* pitagórica, reverenciada pelos platônicos, consistia num *retângulo*, representado este último - a Trindade - uma encarnação da *Mônada* invisível - a unidade, e era tal nome tão sagrado que só se podia pronunciá-lo dentro das paredes de um Santuário.

A observância ascética do Sabbath cristão pelos protestantes não passa de pura tirania religiosa, e, conforme tememos, faz muito mais mal do que bem. Ela data, na verdade, apenas da *Lei* de Carlos II, que proibia qualquer "comerciante, artífice, operário, camponês, ou outra pessoa" de "fazer qualquer trabalho mundano, etc., etc., no dia do Senhor. Os puritanos levaram tal coisa ao extremo, aparentemente para assinalar seu ódio ao catolicismo romano e episcopal. Não estava nos planos de Jesus distinguir um tal dia, como se pode constatar não apenas por suas palavras, como também por seus atos. Ademais, os cristãos primitivos não observavam esse preceito.

Quando Trifon, o *Judeu*, censurou os cristãos *por não terem um Sabbath*, o que lhe respondeu o mártir? "A nova lei vos mandará um perpétuo Sabbath. *Por passardes um dia na ociosidade, julgai-vos religioso*. O Senhor não se agrada com tais coisas. Se o *perjuro e o fraudulento* se arrependerem, se o *adúltero* se reformar, *guardarão eles o Sabbath que mais agrada a Deus* (...) Os elementos nunca descansam,

e não guardam nenhum Sabbath. Se antes de Moisés não houve necessidade de guardar o Sabbath, tampouco haverá depois de Jesus Cristo".

A EMANAÇÃO DA CAUSA SUPREMA. (L. 4. pág. 67).

A *Heptaktys* (ou IAHO) não é a Causa Suprema, mas simplesmente uma emanção dEle - a primeira manifestação visível do Poder Não Revelado. "Seu *Sopro* Divino, que, surgindo violentamente, se condensou, brilhando com radiância, até que se transformou em Luz, e assim se tornou visível aos sentidos externos", diz John Reuchlin. Tal é a emanção do Supremo, o Demiurgo, uma multiplicidade numa *unidade*, os *Elohim*, que vemos *criando* nosso mundo, ou antes moldando-o, em seus dias, e descansando no *sétimo*. E quem são esses *Elohim*, senão poderes evemerizados da Natureza, os fieis mensageiros manifestos, as leis daquEle que é lei e harmonia imutável?

Eles demoram no sétimo céu (ou mundo espiritual), pois foram eles que, segundo os cabalistas, formaram sucessivamente os seis mundos materiais, ou melhor, os seis esboços de mundos, que precederam o nosso, que, conforme dizem, é o *sétimo*. Se, deixarmos de lado a concepção metafísico-espiritual, prestarmos atenção apenas ao problema religioso-científico da criação em "seis dias", no qual nossos melhores eruditos da *Bíblia* tanto meditaram em vão, poderemos, talvez, desentranhar o sentido oculto dessa alegoria. Os antigos eram filósofos, congruentes em todas as coisas. Assim, eles ensinaram que cada um desses mundos, tendo alcançado a sua evolução física, e atingido - graças a nascimentos, crescimento, maturidade, velhice e morte - o fim de seu ciclo, retornaram à sua forma subjetiva primitiva de terra *espiritual*, servindo, doravante, por toda a eternidade, como morada daqueles que a haviam habitado como homens, e mesmo animais, porém que serão agora espíritos. Essa idéia, embora seja tão difícil de provar quanto a de nossos teólogos relativa ao Paraíso, é, pelo menos, um pouco, mas filosófica.

Assim como o homem, e como todas as outras coisas vivas sobre ele, nosso planeta está sujeito à evolução espiritual e física. De um impalpável *pensamento* idéia sob a Vontade criativa d'AquEle de quem nada sabemos, e que só podemos conceber obscuramente na imaginação, este globo tornou-se fluido e semi-espiritual, e então se condensou mais e mais, até que o seu desenvolvimento físico - matéria, o demônio tentador - o compeli a tentar sua própria faculdade criadora. A *Matéria* desafiou o ESPÍRITO, e a Terra teve também a sua "Queda". A maldição alegórica sob a qual ele trabalha é que ele apenas *procria, e não cria*. Nosso planeta físico é apenas o servo do espírito, seu patrão. "Maldita é a terra (...) espinhos e cardos ela produzirá", dizem os *Elohim*. "Na dor parirás teus filhos." Os *Elohim* dizem isto à terra e à mulher. E essa maldição perdurará até que a menor partícula de matéria sobre a terra tenha sobrevivido a seus dias, até que todo grão de pó se tenha transformado, pela transformação gradual através da evolução, numa parte constituinte de uma "alma viva", e até que esta tenha completado o arco cíclico, e finalmente se deponha - se próprio *Metatron*, ou Espírito Redentor - aos pés do patamar superior dos mundos espirituais, como na primeira hora de sua emanção. Além, repousa o grande "Abismo" - UM MISTÉRIO!

Deve-se lembrar que toda cosmogonia tem uma *trindade* de trabalhadores à sua testa - Pai, espírito; Mãe, Natureza, ou matéria; e o universo manifestado, o Filho, ou resultado de ambos. O universo, assim como cada planeta que ele compreende, passa também por quatro idades, como o próprio homem. Todos têm sua infância, sua juventude, sua maturidade e sua velhice, e essas quatro idades, acrescentadas a três outras, perfazem novamente o sete.

A GÊNESE DA BÍBLIA JUDAICA, AS TENTATIVAS DE CRIAÇÃO DO MUNDO. (L. 4. pág. 68).

Os capítulos introdutórios do *Gênese* nunca pretenderam apresentar sequer uma remota alegoria da criação de *nossa* terra. Eles consistem (capítulo I) numa concepção metafísica de algum período indefinido na eternidade, quando tentativas sucessivas estavam sendo feitas pela lei de evolução para a formação de universos. Essa idéia consta com clareza do *Zohar*: "Houve mundos que pereceram assim que vieram à existência; eram informes e chamavam-se *chispas*. Assim, o ferreiro, quando amolga o ferro, deixa que as *chispas* voem em todas as direções. As *chispas* são os mundos primordiais que não podem continuar, porque o *Ancião Sagrado* [Sephirah] ainda não assumira a sua forma [de sexos opostos ou andróginos] de rei e rainha [Sephirah e Cadmo] e o Mestre não se tinha ainda posto a trabalho".

Os seis períodos, ou "dias" do *Gênese* referem-se à mesma crença metafísica. Cinco de tais infrutíferas tentativas foram feitas pelos *Elohim*, mas a sexta resultou em mundo como o nosso (i.e., todos os planetas e muitas estrelas são mundos, e habitados, embora não como nossa Terra). Tendo formado este mundo por fim no sexto período, os *Elohim* descansaram no *sétimo*. Assim, o "Sagrado", quando criou o

presente mundo, disse: "Este me agrada; os anteriores não me agradavam". E os Elohim "viram tudo que ele havia feito, e consideraram que *era* bom. E a tarde e a manhã foram o sexto *dia*". - *Gênese*, I, 31.

O leitor deverá lembrar-se de que no Capítulo IV se explicou o sentido do "dia" e da "noite" de Brahmâ. O primeiro representa um certo período de atividade cósmica; a segunda, um período igual de repouso cósmico. Num, os mundos estão em evolução, e passam pelas quatro idades de existência; noutro, a "inspiração" de Brahmâ reverte a tendência das forças naturais; o visível dispersa-se gradualmente; instala-se o caos; e uma longa noite de repouso revigora o cosmo para o seu termo seguinte de evolução. Na manhã de um desses "dias", os processos formativos atingem gradualmente o seu clímax de atividade; à tarde, os mesmos processos diminuem imperceptivelmente, até que chega o *pralaya* (período de repouso), e, com ele, a "noite". Uma manhã e uma tarde constituem de fato um dia cósmico; e era num "dia de Brahmâ" que pensava o autor cabalista do *Gênese* quando dizia: "E a tarde e a manhã foram o primeiro (ou quinto, ou sexto, ou qualquer outro) *dia*". Seis dias de evolução gradual, um de repouso, e então - a tarde! Desde a primeira aparição do homem sobre a *nossa* terra, tem sido o tempo um Sabbath eterno de repouso para o Demiurgo.

As especulações cosmogônicas dos primeiros seis capítulos do *Gênese* se demonstram nas raças dos "filhos de Deus", "gigantes", etc., do capítulo VI. Propriamente falando, a história da formação de nossa Terra, de nossa "criação", como a chamam de forma assaz inadequada, começa com o resgate de Noé das águas do dilúvio. As tábuas caldaico-babilônicas recentemente traduzidas por George Smith não deixam nenhuma dúvida do que passava pela mente daqueles que liam esotericamente as inscrições. Ishtar, a grande deusa, fala na coluna III da destruição do *sexto* mundo, e do surgimento do sétimo, nos seguintes termos:

"Por seis dias e noites, dominaram o vento, o dilúvio e a tempestade.

"No *sétimo* dia, a tempestade se acalmou, e cessou o dilúvio,

"que a tudo havia destruído como um terremoto,

"Ele fez o oceano secar-se, e pôs fim ao vento e ao dilúvio. (...)

"Eu percebi a costa no limite do mar. (...)

"Ao país de Nizir veio a nau [argha, a Lua].

"a montanha de Nizir deteve a nau. (...)

"O *primeiro* dia, e o *segundo* dia, a montanha de Nizir fez o mesmo. (...)

"O *quinto*, o *sexto*, a montanha de Nizir fez o mesmo.

"No curso do *sétimo* dia

"Enviei uma pomba e ela foi. A pomba foi e voltou, e (...) o corvo foi (...) e não voltou. (...)

"Ergui um altar no topo da montanha.

"cortei *sete* ervas, e em sua base depus bambus, pinhos e especiarias. (...)

"os deuses acudiram como moscas para o sacrifício.

"Da antigüidade *também o grande Deus* em seu curso.

"o grande fulgor [o Sol] de Anu criou. Quando a glória desses deuses sobre o amuleto em torno do meu pescoço eu não deixaria (...), etc.

Tudo isso tem uma relação puramente astronômica, mágica e esotérica. Quem quer que leia essas tábuas reconhecerá de pronto o conteúdo bíblico, e julgará, ao mesmo tempo, quando foi desfigurado o grande poema babilônico por personagens eveméricas - degradadas de suas elevadas posições de deuses em simples patriarcas. O espaço nos impede de entrar profundamente nessa caricatura bíblica das alegorias caldaicas. Lembraremos apenas ao leitor que pela confissão das testemunhas mais insuspeitas - como Lenormant, primeiro o inventor e depois o campeão dos acádios - a tríada caldaico-babilônica colocada sob Ibon, a divindade *não revelada*, é composta de Anu, Nuab e Bel. Anu é o caos primordial, o deus, simultaneamente, do tempo e do mundo, a matéria incriada do princípio fundamental de todas as coisas. Quando a *Nuah*, ele é, de acordo com o mesmo orientalista:

"(...) a inteligência, diremos de bom grado o *verbum*, que anima e fecunda a matéria, que penetra o universo, que o dirige e o faz viver; e Nuah é ao mesmo tempo o rei do *princípio úmido*; o *Espírito que se move sobre as águas*".

Não é isto evidente? Nuah é Noé, *que flutua sobre as águas*, em sua arca, sendo esta o emblema de argha, a Luz, o princípio feminino; Noé é o "espírito" que cai na matéria. Assim que desce à Terra, ele planta uma vinha, bebe do vinho e se embreda; i. e., o espírito puro fica intoxicado na medida em que é finalmente aprisionado na matéria. O sétimo capítulo do *Gênese* não passa de outra versão do primeiro. Assim, enquanto este diz: "(...) e as trevas cobriam o abismo. E o espírito de Deus pairava sobre as águas", no sétimo capítulo lê-se: "(...) e as águas subiram (...) e a arca [com Noé - o espírito] flutuava sobre as águas". Assim, Noé, se

[identificado com] o Nuah caldeu, é o espírito que vivifica a *matéria*, que ademais é o caos representado pelo Abismo ou as Águas do Dilúvio. Na lenda babilônica, é Ishtar (Astoreth, a Luz) que é encerrada na arca e que envia uma pomba (emblema de Vênus e de outras deusas lunares) em busca de terra seca. E enquanto nas tábuas semíticas é Xisuthros ou Hasisadra que é "levado à companhia dos deuses por sua piedade", na *Bíblia* é Enoch que caminha com os deuses e é por eles levado "para sempre".

A existência sucessiva de um incalculável número antes da subsequente evolução do nosso próprio planeta, constitui uma crença de todos os povos antigos. A punição dos cristãos, por terem despojado os judeus de seus registros e recusado a verdadeira chave para a sua interpretação, teve início nos primeiros séculos. E assim é que encontramos os santos padres da Igreja trabalhando com uma cronologia impossível e com os absurdos da interpretação literal, ao passo que os rabinos eruditos estavam a par do significado real de suas alegorias. Não apenas no *Zohar*, mas também em muitas outras obras cabalísticas aceitas pelos talmudistas, tal como *Midrash Berêhith Rabbah*, ou o *Gênese* universal, que, com o *Merkabah* (o carro de Ezequiel), compõem a *Cabala*, pode-se encontrar a doutrina segundo a qual toda uma série de mundos evolui do caos, e é sucessivamente destruída.

AS ALEGORIAS DA "QUEDA DO HOMEM". (L. 4. pág. 70).

As doutrinas hindus falam de dois *Pralayas*, ou dissoluções; uma universal, o *Mahâ-Pralaya*, a outra parcial, ou *Pralaya* menor. Isto não diz respeito à dissolução universal que ocorre ao fim de todo "Dia de Brahmâ", mas aos cataclismos geológicos ao fim de todo ciclo menor de nosso globo. Esse dilúvio histórico e local da Ásia Central, cujas tradições podem ser traçadas em todos os países, e que, de acordo com Bunsen, ocorreu por volta do ano 10.000, nada tem a ver com o Noé, ou Nuah, mítico. Um cataclismo parcial ocorre ao término de toda "idade" do mundo, dizem elas, e não destrói a este, mas apenas lhe modifica a aparência geral. Novas raças de homens e animais e uma nova flora têm origem na dissolução das precedentes.

As alegorias da "queda do homem" e do "dilúvio" são as características mais importantes do *Pentateuco*. Elas são, por assim dizer, o Alfa e o Ômega, as chaves superiores e inferiores da escala de harmonia na qual ressoa o majestoso hino da criação da Humanidade, pois revelam àquele que interroga a *Zura* (figurado, *Gematria*), o processo da evolução humana desde a entidade espiritual mais elevada até o homem pós-diluviano mais inferior; como nos hieróglifos egípcios, em que cada signo da escrita pictográfica que não pode ser relacionado a uma determinada figura geométrica circunscrita deve ser rejeitado, por se tratar de um véu erguido deliberadamente sagrado, muitos dos detalhes da *Bíblia* podem ser tratados com base no mesmo princípio, aceitando-se uma parte apenas quando responde aos métodos numéricos ensinados na *Cabala*.

O dilúvio figura nos livros hindus apenas como uma tradição. Não tem nenhum caráter sagrado, e o encontramos no *Mahâbrârata*, nos *Purânas*, e ainda antes no *Satapatha*, um dos últimos *Brâhmanas*. É mais do que provável que Moisés, ou quem quer que tenha escrito por ele, utilizou esses relatos como base de sua própria alegoria propositadamente desfigurada, acrescentando-lhe ademais a narrativa caldaico-berosiana. No *Mahâbrârata*, reconhecemos Nimrod sob o nome do *King Daitya*. A origem da fábula grega dos Titãs escalando o Olimpo, e a da outra sobre os construtores da Torre de Babel que procuram alcançar o céu, achase no ímpio *Daitya*, que lança imprecações contra o relâmpago do céu, e tenta conquistar o próprio céu com seus poderoso guerreiros, trazendo dessa forma para a Humanidade a ira de Brahmâ. "O Senhor então resolveu", diz o texto, "castigar as suas criaturas com uma terrível punição que serviria como uma advertência para os sobreviventes, e os seus descendentes."

Vaivasvata (que na *Bíblia* torna-se Noé) salva um pequeno peixe, que vem a ser um *avatâra* de Vishnu. O peixe avisa ao justo homem que o bloco está prestes a ser submerso, que tudo que o habita deve perecer, e ordena-lhe que construa um barco no qual embarcará, com toda a sua família. Quando o barco está pronto, e *Vaivasvata* encerrado nele com sua família, *com as sementes das plantas e com os pares de todos os animais*, e a chuva começa a cair, um gigantesco peixe, armado com um corno, se coloca à testa da arca. O santo homem, seguindo suas ordens, amarra uma corda ao seu corno, e o peixe guia o navio com segurança através dos elementos em revolta. Na tradição hindu, o número de dias durante os quais durou o dilúvio *concorda exatamente com o relato mosaico*. Quando os elementos se acalmaram, o peixe depôs a arca no topo do Himâlaya.

Muitos comentadores ortodoxos afirmam que essa fábula foi emprestada das *Escrituras* mosaicas. Mas, se um cataclismo *universal* como esse tivesse ocorrido à memória humana, alguns dos monumentos egípcios, dos quais muitos são de uma tremula antiguidade, teriam com certeza registrado essa ocorrência, justamente com a da desgraça de Cão, Canaã e Mizraim, seus pretensos ancestrais. Mas até o presente não se encontrou a menor alusão a tal calamidade, embora Mizraim certamente pertença à primeira geração pós-

diluviana, se é que ele próprio não seja pré-diluviano. Por outro lado, os caldeus preservaram a tradição, como o testemunha Berosus, e hindus antigos possuem a lenda tal como dada acima. Ora, há apenas uma explicação para o extraordinário fato de que de duas nações civilizadas e contemporâneas como Egito e Caldéia, uma não tenha preservado nenhuma tradição a respeito, embora tivesse um interesse direto a ocorrência - se acreditamos na *Bíblia* -, e a outra sim. O dilúvio relatado na *Bíblia*, em um dos *Brâhmanas*, e nos *Fragmentos* de Berosus, dá notícia do dilúvio parcial que, por volta do ano 10.000, segundo Busen, e de acordo também com as computações Bramânicas do Zodíaco, mudou toda a face da Ásia Central. Portanto, os babilônios e os caldeus poderiam ter tido dele conhecimento através de seus misteriosos convidados, batizados por alguns assiriólogos de acádios, ou, o que é ainda mais provável, eles próprios talvez tenham sido os descendentes daqueles que haviam habitado as localidades submersas. Os Judeus tornaram a narrativa dos caldeus, assim como tudo o mais; os brâmanes podem ter registrado as tradições das terras que invadiram, e que eram talvez habitadas antes de eles terem dominado o Puñjâb. Mas os egípcios, cujos primeiros colonos vieram evidentemente da Índia setentrional, tinham menos razões para registrar o cataclismo, visto que ele talvez jamais os tenha afetado, exceto indiretamente, pois o dilúvio se limitou à Ásia Central.

Burnouf, comentando o fato de que a história do dilúvio se acha apenas em um dos *Brâhmanas* mais modernos, pensa também que ela deve ter sido tomado pelos hindus das nações semitas. Contra tal suposição, enfileiram-se todas as tradições e costumes dos hindus. Os Âryas, e especialmente os brâmanes, jamais tomaram o que quer que seja dos semitas, e aqui somos apoiados por uma dessas "testemunhas involuntárias", como chama Higgins aos partidários de Jeová e da *Bíblia*. "Jamais vi coisa alguma na história dos egípcios e dos judeus", escreve o Abade Dubois, após quarenta anos residindo na Índia, "que me induzisse a acreditar que uma das nações ou qualquer outra na face da Terra se tenha estabelecido mais cedo do que os hindus e particularmente os brâmanes; portanto, não posso acreditar que estes últimos tomados seus ritos de nações estrangeiras. Pelo contrário, deduzo que eles os extraíram de uma fonte original e própria. Quem quer que conheça algo do espírito e do caráter dos brâmanes, e sua majestade, o seu orgulho e extrema vaidade, a sua distância e seu soberano desrespeito por tudo o que é estrangeiro e pelo que eles não podem orgulhar-se de ser os inventores, concordará comigo em que tal povo não pode ter consentido em tomar seus costumes e regras de conduta de um país alienígena."

A fábula que menciona o primeiro avatâra - Matsya - diz respeito a outro *yuga*, diferente do nosso, o primeiro aparecimento da vida animal; talvez, quem sabe, ao período devoniano de nossos geólogos. Ela com certeza corresponde melhor a esse período do que o ano 2348 a.C.! Além disso, a própria ausência de qualquer menção ao dilúvio nos livros mais antigos dos hindus sugere um poderoso argumento quando só podemos nos haver com inferências, como neste caso. "Os *Vedas e Manu*", diz Jacolliot, "esses monumentos do antigo pensamento asiático, existiam muito tempo antes do período diluviano; *esse é um fato indiscutível, e tem todo o valor de uma verdade histórica*, pois, além da tradição que mostra o próprio Vishnu salvando os *Vedas* do dilúvio - tradição que, não obstante a sua forma lendária, deve certamente repousar num fato real -, é bem evidente que nenhum desses livros sagrados faz menção ao cataclisma, ao passo que os *Purânas* e o *Mahâbhârata*, e um grande número de outras obras mais recentes, o descrevem com profusão de detalhes, o que é uma prova da anterioridade dos primeiros textos. Os *Vedas* não deixaram certamente de conter uns poucos hinos sobre o terrível desastre que, mais do que todas as outras manifestações naturais, deve ter impressionado a imaginação das pessoas que o testemunharam.

"Nem teria Manu, que nos dá uma completa narrativa da criação, com uma cronologia das eras divinas e heróicas, até o aparecimento do homem sobre a Terra - deixando passar em silêncio um evento de tal importância. (...) *Manu* (livro I, sloka 35) dá os nomes de dez eminentes santos a quem chama de *prajâpatis*, em quem os teólogos bramânicos vêem profetas, ancestrais da raça humana, e os pânditas simplesmente consideram como os dez reis poderosos que viveram no Krita-yuga, ou a idade do bem (a "era de ouro" dos gregos)."

O último desses *prajâpatis* é Nârada.

"Enumerando a sucessão desses seres eminentes que, de acordo com Manu, governaram o mundo, o velho legislador bramânico os designa como descendentes de *Bhrigu*: *Svârochisha*, *Auttami*, *Tâmasa*, *Raivata*, o glorioso *Châkshusha*, e o filho de *Vivasvat*, cada um dos quais se tornou digno do título de Manu (legislador divino), título que pertencia igualmente aos *Prajâpatis* e a todo grande personagem da Índia primitiva. A genealogia detém-se nesse nome.

"Ora, segundo os *Purânas* e o *Mahâbhârata*, foi sob um descendente desse filho de *Vivasvat*, de nome *Vaivasvata*, que ocorreu o grande cataclismo; cuja lembrança, como se verá, passou à tradição, e foi trazida pela emigração a todos os países do Oriente que a Índia colonizou desde então.(...)

"Visto que a genealogia dada por Manu pára, como vimos, em Vivasvat, segue-se que essa obra [a de Manu] nada sabia, seja de Vaivasvata, seja do dilúvio."

A História fala-nos da corrente de imigração ao longo do Indo, e da sua posterior invasão do Ocidente, como populações de origem hindu abandonando a Ásia Menor para colonizar a Grécia. Mas a História não diz uma única palavra sobre o "povo eleito" ou sobre as colônias gregas que teriam penetrado a Índia antes dos séculos V e IV a.C., época em que encontramos as primeiras e vagas tradições que fazem algumas das problemáticas tribos *perdidas* de Israel tomar, na Babilônia, a rota para a Índia. Mas mesmo se a história das dez tribos fosse digna de crédito, e, se provasse que as tribos existiram tanto na história sagrada como na profana, isso não ajudaria na solução do problema. Colebrooke, Wilson e outros eminentes indianistas mostram que o *Mahâbhârata*, se não o *Satapatha-Brâhmana*, em que a história também figura, é anterior à época de Ciro - e, por conseguinte, anterior à época possível do surgimento de qualquer das tribos de Israel na Índia.

A ANTIGÜIDADE DOS LIVROS SAGRADOS DO EGITO. (L. 4. pág. 75).

Lendas, mitos, alegorias, símbolos, se pertencem à tradição hindu, caldaica ou egípcia, são lançados à pilha como ficção. Dificilmente são eles honrados com uma pesquisa superficial sobre suas relações possíveis com a astronomia ou os emblemas sexuais. Os mesmos mitos - quando e por que mutilados - são aceitos como Escrituras Sagradas, mais - como Palavra de Deus! É isso História imparcial? É isso justiça para com o passado, o presente ou o futuro? "Não poderemos servir a Deus e a Mammon", disse o Reformador, há dezenove séculos. "Não podemos servir à verdade e ao preconceito público", deveríamos dizer com mais propriedade ao nosso próprio século. Contudo, nossas autoridades pretendem estar a serviço da primeira.

Há poucos mitos em qualquer sistema religioso que não tenham um fundamento histórico e científico. Os mitos, como afirma corretamente Pococke, "revelam-se agora como fábulas, apenas na medida em que *não os compreendemos*; e como verdades, na medida em que eram outrora *entendidos*. Nossa ignorância consiste em ter feito da história um mito; e esta ignorância é uma herança helênica, consequência da vaidade helênica.

Bunsen e Champollion já demonstraram que os livros sagrados do Egito são muito mais antigos do que a parte mais antiga do *Livro Gênese*. E uma pesquisa mais cuidadosa parece agora corroborar a suspeita - que para nós é uma certeza - de que as leis de Moisés são cópias do código do *Manu* bramânico. Portanto, segundo todas as probabilidades, o Egito deve sua civilização, suas instituições civis e suas artes, à Índia.

Sabido é que os orientistas não se puseram de acordo quanto à época de Zoroastro, e, enquanto a questão não ficar estabelecida, será talvez mais seguro acreditar implicitamente nos cálculos bramânicos pelo Zodíaco, do que nas opiniões dos cientistas. Há a de Bunsen, que situa Zoroastro na Bactriana, e a emigração dos bactrianos ao Indo em 3794 (a.C.), e o nascimento de Moisés em 1392 (a.C.). Mas é difícil situar Zoroastro antes dos *Vedas*, considerando que toda a sua doutrina já se acha nos *Vedas*. Na verdade, ele demorou no Afeganistão por um período mais ou menos problemático antes de cruzar o Puñjâb; mas os *Vedas* foram iniciados neste último país. Eles indicam o progresso dos hindus, assim como o *Avesta* o dos iranianos. E há a de Haug, que atribui o *Aitareya-Brâhmanam* - um comentário especulativo bramânico sobre o *Rig-Veda*, muito mais recente do que o *Veda* - ao período entre 1400 e 1200 a.C., ao passo que os *Vedas* são por ele situados entre os anos 2000 e 2400 a.C. Max Müller sugere cautelosamente certas dificuldades nessa computação cronológica, mas não a nega em absoluto. Seja como for, e supondo que o *Pentateuco* foi escrito pelo próprio Moisés - embora dessa forma ele teria por duas vezes registrado sua morte -, se Moisés nasceu como acredita Bunsen, em 1392 a.C., o *Pentateuco* não poderia ter sido escrito *antes dos Vedas*. Especialmente se Zoroastro nasceu em 3784 a.C. Se, como afirma o Dr. Haug, alguns dos hinos do *Rig-Veda* foram escritos antes de Zoroastro ter realizado seu cisma, por volta de 3700 a.C., e Max Müller diz que "os zoroastristas e os seus ancestrais partiram da Índia durante o período védico", como podem algumas partes do *Antigo Testamento* remontar à mesma data, "ou até antes dos hinos mais antigos do *Veda*"?

Concordam em geral os orientistas em que os âryas, em 3000 a.C., ainda estavam nas estepes a leste do Cáspio, e unidos. Rawlinson *conjectura* que eles "migraram para leste" oriundos da Armênia como centro comum, ao passo que duas correntes congêneres a migrar, uma para norte, além do Cáucaso, e outra para oeste, além da Ásia Menor e da Europa. Ele acredita que os âryas, num período anterior ao século XV antes de nossa era, estavam "sediados na região banhada pelo Indo Superior". Daí os âryas védicos migraram para o Puñjâb, e os âryas zêndicos para oeste, estabelecendo os países históricos. Mas essa, como as demais, é uma hipótese, e como tal é dada.

Ademais, diz Rawlinson, seguindo evidentemente a Max Müller: "A história primitiva dos âryas constitui por muitos séculos uma lacuna absoluta." Mas muitos brâmanes eruditos declararam ter encontrado

traços da existência dos *Vedas* já em 2100 a.C.; e Sir William Jones, tomando como guia os dados astrológicos, situa o *Yajur-Veda* em 1580 a.C. Isso seria ainda "antes de Moisés."

É na suposição de que os âryas não deixaram o Afeganistão pelo Punjãb antes de 1500 a.C. que Max Müller e outros sábios de Oxford puderam estimar que partes do *Velho Testamento* remontam à mesma data, ou até antes, dos hinos mais antigos do *Veda*. Por conseguinte, enquanto os orientistas não nos puderem indicar a data correta em que Zoroastro, nenhuma autoridade será mais bem considerada no que respeita à época dos *Vedas* do que os próprios brâmanes.

Sendo por demais sabido o fato de que os judeus tomaram muitas de suas leis dos egípcios, examinemos quem eram os egípcios. Em nossa opinião - que é, naturalmente, a de uma pobre autoridade -, eles eram os indianos antigos, e em nosso primeiro volume citamos passagens do historiador Kullûka-Bhatta que corroboram tal teoria. É o seguinte o que entendemos por Índia antiga:

Nenhuma região no mapa - exceto talvez a antiga Cítia - é mais incertamente definida do que a que leva a designação da Índia. A Etiópia é talvez o único paralelo. Ela era a pátria das raças cuchitas e camitas, e situava-se a leste da Babilônia. Tinha outra o nome de Indostão, quando as raças negras, adoradoras de *Bala-Mahâdeva* e *Bhavânî-Mahâdevî*, dominavam esses países. A Índia dos primeiros sábios parece ter sido a região localizada nas nascentes do Oxus e do Jaxartes. Apolônio de Tiana cruzou o Cáucaso ou o Hindus Kush, onde encontrou um rei que o dirigiu à morada dos sábios - descendentes talvez daqueles a quem Amiano chama de "Brachmanas da Índia Superior", e a quem Hystaspes, o pai de Dario (ou, mais provavelmente, o próprio Darius Hystaspes), visitou; e, tendo sido instruído por eles, infundiu seus ritos e idéias nas observações mágicas. Essa narrativa sobre Apolônio parece indicar Caxemira como a região que ele visitou, e os *Nâgas* - após a sua conversão ao Budismo - como seus mestres. Nessa ocasião, a Índia ariana não se estendia além do Punjãb.

A nosso ver, o maior obstáculo que se antepõe no caminho do progresso da etnologia sempre foi a tríplice progênie de Noé. Na tentativa de reconciliar as raças pós-diluvianas com a descendência genealógica de Sem, Cam e Jafé, os orientistas cristianóides se lançaram a uma tarefa impossível de cumprir. A arca de Noé da *Bíblia* tem sido um leito de Procusto no qual eles procuram a tudo amolar. A atenção foi desastre desviada das verdadeiras fontes de informações no que respeita à origem do homem, e uma alegoria meramente local foi erroneamente tomada como um relato histórico emanado de uma fonte inspirada. Estranha e infeliz escolha! Dentre todos os escritos sagrados das nações básicas, oriundas do berço primitivo da Humanidade, o Cristianismo escolheu para seu guia os registros e as escrituras nacionais do povo menos espiritual talvez da família humana - o semita. Um ramo que nunca foi capaz de desenvolver, a partir de seus numerosos idiomas, uma língua capaz de encarnar as idéias do mundo moral e intelectual; cuja forma de expressão e cuja inclinação mental jamais conseguiu se elevar mais alto do que as figuras de linguagem puramente sensuais e terrestres; cuja literatura nada deixou de original, nada que não foi tomado do pensamento ariano; e cuja ciência e filosofia carecem totalmente das nobres características que caracterizam os sistemas altamente espirituais e metafísicos das raças indo-européias (jaféticas).

Busen mostra que o camita (a língua do Egito) era um depósito da Ásia ocidental, que continha os *germes* do semítico e que, portanto, "testemunhavam a primitiva unidade das raças semíticas e arianas". Devemos lembrar, a esse respeito, que os povos da Ásia sudoeste e ocidental, incluindo os medas, eram todos âryas. No entanto, ainda não se provou quem foram os mestres originais e primitivos da Índia. O fato de que esse período está agora fora do alcance da história documentária não exclui a probabilidade de nossa teoria de que esses mestres pertencia à poderosa raça de construtores, chamada etíopes orientais ou âryas de pele negra (a palavra *Ârya* significa simplesmente "guerreiro nobre", um "bravo"). Eles governaram de modo supremo toda a Índia antiga, enumerada mais tarde como possessão daqueles que os nossos cientistas chamam de povos de fala sânscrita.

Esses hindus, ao que se *supõe*, teriam entrado no país oriundos do noroeste; *conjectura-se* que alguns deles teriam trazidos consigo a religião bramânica, e a língua dos conquistadores era provavelmente o sânscrito. Nossos filósofos trabalharam com esses três magos dados desde que a imensa literatura sânscrita foi anunciada por Sir William Jones - e sempre com os três filhos de Noé torcendo o pescoço. Tal é a ciência *exata*, livre de preconceitos religiosos! Na verdade, a etnologia teria sido a maior ganhadora, se esse trio noético tivesse sido posto ao mar antes de a arca alcançar a terra firme!

Os etíopes são geralmente classificados no grupo semita; mas veremos em seguida que essa classificação não se lhes enquadra bem. Consideraremos também a sua possível vinculação à civilização egípcia, que, como assinala um autor, parece ser dotada da mesma perfeição desde os tempos primitivos, não tendo experimentado a evolução e o progresso, como no caso dos outros povos. Por razões que agora aduziremos, estamos preparados para afirmar que o Egito deve a sua civilização, sua comunidade e suas artes

- mormente a arte da construção - à Índia pré-védica, e que foi uma colônia dos âryas de pele escura, ou aqueles que Homero e Heródoto chamam de etíopes orientais, *i. e.*, os habitantes da Índia setentrional, que trouxe ao Egito sua já adiantada civilização nas eras pré-cronológicas que Bunsen chama de pré-menitas, mas que corresponde aos tempos históricos.

Em *Índia in Greece* de Pococke, encontramos o seguinte sugestivo parágrafo: "O relato completo das guerras travadas entre o chefe solar, Oosras (Osíris), o Príncipe dos Guclas, e 'TU-PHOO', corresponde na verdade ao simples fato histórico das guerras entre os apianos, ou tribos do Sol de Oudh, e o povo de 'TU-PHOO', ou TIBETE, que era, de fato, de raça lunar, e budista, e inimigos de Râma, e dos 'AITYO-PIAS', ou povo de Oudh, posteriormente os 'AITH-IO-PIAS' da África".

Lembramos ao leitor a esse respeito que Râvana, o gigante, que, no Râmâyana, trava uma batalha com Râma Chandra, é mostrado como Rei de Lanka, o antigo nome do Ceilão; e que o Ceilão, naqueles dias, formava parte talvez do continente da Índia setentrional, e era povoado pelos "etíopes orientais". Conquistada por Râma, o filho de Dasaratha, o Rei Solar do antigo Oudh, uma colônia desse povo migrou para o norte da África. Se, como muitos supõem, a *Iliada* de Homero e muito do seu relato da guerra de Tróia foi plagiada do *Râmâyana*, então as tradições que surgiram como base a esta última obra devem datar de uma tremenda antiguidade. Deixa-se assim uma ampla margem à história pré-cronológica por um período durante o qual os "etíopes orientais" podem ter estabelecido a hipotética colônia de Mizra, como a sua alta civilização indiana.

Que há mais consangüinidade entre os etíopes e as raças arianas de pele escura, e entre estas e os egípcios, eis algo que ainda está para ser provado. Descobriu-se recentemente que os antigos egípcios eram de tipo caucasianos, e que a forma de seus crânios é puramente asiática. Se sua pele era de cor menos escura do que a dos etíopes modernos, os próprios etíopes devem ter tido outrora uma tez mais clara. Ofato de que, para os reis etíopes, a ordem da sucessão dava a coroa ao sobrinho do rei, *ao filho de sua irmã*, e não ao seu próprio filho, é extremamente sugestivo. É esse um velho costume que prevalece até hoje na Índia setentrional. O Râjâ não é sucedido por seus próprios filhos, mas pelos *filhos de sua irmã*.

De todos os dialetos e idiomas que se acredita serem semitas, só o etíope é escrito da esquerda para a direita, como o sânscrito e o indo-ariano.

Assim, contra a teoria que atribui a origem dos egípcios a uma antiga colônia indiana, não há nenhum impedimento mais grave do que o desrespeitoso filho de Noé, Cam - ele próprio um mito. Mas a forma primitiva do culto religioso egípcio, de seu governo, de sua teocracia e de seu clero, seus usos e costumes, tudo indica uma origem indiana.

LENDAS ANTIGAS DA HISTÓRIA DA ÍNDIA. (L. 4. pág. 80).

As lendas mais antigas da história da Índia mencionam duas dinastias, atualmente perdidas na noite do tempo; a primeira era a dinastia dos reis, da "raça do Sol", que reinou em Ayôdhyâ (atual Oudh); a segunda, a da "raça da Lua", que reinou em Prayâga (Allâhâbad). Quem quer que desejar informações sobre o culto religioso desses reis primitivos deverá ler o *Livro dos mortos*, e todos as peculiaridades que dizem respeito ao culto do Sol e aos deuses do Sol. Nunca se faz qualquer menção a Hórus ou Osíris sem os relacionar com o Sol. Eles são os "Filhos do Sol"; "Senhor e Adoradores do Sol" é o seu nome. "O Sol é o criador do corpo, o genitor dos deuses que são *os sucessores do Sol*". Pococke, em sua engenhosa obra, advoga com firmeza a mesma idéia, e tenta estabelecer ainda mais firmemente a identidade entre as mitologias egípcia, grega e indiana. Ele mostra que o chefe da raça solar de Râjpur - na verdade, o grande Cuclo-pos (Cíclope, ou construtor) - recebia o nome de "O Grande Sol", na mais antiga tradição hindu. Esse Príncipe Gok'la, o patriarca das vastas fileiras de inaquenses, diz ele, "esse 'Grande Sol', foi deificado em sua morte, e de acordo com a doutrina indiana da metempsicose, supôs-se que duas alma transmigrou para o touro 'APIS', o 'SERA-PIS' dos gregos, e o 'SOORA-PAS', ou 'Chefe do SOL', dos egípcios (...) *Osíris*, mais propriamente *Oosras*, significa tanto "um touro", quanto "um raio de luz". *Soora-pas* (SERA-PIS), o CHEFE DO SOL", pois o Sol em sânscrito é Sûrya. A obra *La Manifestation à la Lumière*, de Champollion, fala em todos os seus capítulos, das duas Dinastias dos Reis do Sol e da Lua. Mais tarde, esses reis foram deificados e transformados, após a morte, em divindades solares e lunares. Seu culto foi a primeira corrupção da grande fé primitiva que considerava justamente o Sol e os seus ígneos raios dadores de vida como o símbolo mais apropriado para nos lembrar da presença universal daquele que é mestre da Vida e da Morte. Tal fé pode ser rastreada atualmente em todo o globo. Tratava-se da religião dos antigos brâmanes védicos, que chamam, nos hinos mais antigos do *Rig-Veda*, a Sûrya (o Sol) e a Agni (o fogo), de "regente do universo", "senhor dos homens", e "rei sábio". Era o culto dos magos, dos zoroastristas, dos egípcios e dos gregos, chamassem-no eles de Mithra, ou Ahura-Mazda, ou Osíris, ou Zeus, mantendo-o em honra de seu parente mais próximo, Vesta, o puro fogo celestial. E essa religião acha-se também no culto solar peruano; no sabeianismo e na

heliolatria dos caldeus, na "pira ardente" mosaica, na reverência dos chefes dos povos para com o Senhor, o "Sol", e mesmo na ereção abramica dos altares de fogo e nos sacrifícios dos judeus monoteístas a Astarte, a Rainha do Céu.

Até o presente, com todas as controvérsias e pesquisas, a História e a Ciência permanecem como sempre nas trevas, no que respeita à origem dos judeus. Eles podem muito bem ser os Chandâlas ou Pariahs, exilados da Índia antiga, os "pedreiros" mencionados por Vina-Snati, Veda-Vyâsa e Manu, ou os fenícios de Heródoto, ou os Hyksôs de Josefo, ou os descendentes dos pastores pâli, ou uma mistura de todos esses. A *Bíblia* denomina os tiranos de povo consanguíneo, e vindica o domínio sobre eles.

Há na Bíblia mais de um personagem importante cuja biografia lhe aponta o caráter de herói mítico. Samuel é o personagem da Comunidade Hebraica. Ele é o *doppel* de Sansão, do Livro dos Juizes, como se verá - sendo ele o filho de Ana e EL-KAINA, como Sansão o foi de Manua ou Manoah. Ambos eram caracteres fictícios, como agora o indica o livro revelado; um era o Hércules hebreu, e o outro Ganesa. Credita-se a Samuel a façanha de ter estabelecido uma república, destruindo o culto cananita de Baal e Astarte, ou Adônis e Vênus, e estabelecendo o de Jeová. Como o povo pedia um rei, ele ungiu a Saul, e, depois dele, a Davi de Belém.

Davi é o rei Arthur israelita. Realizou grandes façanhas e estabeleceu um governo na Síria e em Iduméia. Seu domínio se estendeu à Armênia e à Assíria, a norte e nordeste, ao Deserto sírio e ao Golfo Pérsico, a leste, à Arábia, ao sul e ao Egito e ao Levante, a oeste. Somente a Fenícia não estava incluída.

Sua amizade com Hirão parece que ele fez sua primeira expedição à Judéia partindo desse país. E sua longa permanência em Hebron, a cidade dos Cabiri (*Arba*, ou quatro), parece implicar igualmente que ele estabeleceu uma nova religião no país.

Depois de Davi, veio Salomão, poderoso e luxurioso, que procurou consolidar o domínio que Davi havia obtido. Como Davi era um adorador de Jeová, um templo a Jeová (Tukht-i-Sulaiman) foi edificado em Jerusalém, ao passo que os santuários a Maloch-Hércules, Chemosh e Astarte foram erguidos no Monte das Oliveiras. Tais santuários perduraram até Josias.

Em seguida, armaram-se conspirações. Revoltas estalaram em Iduméia e Damasco; e Ahijah, o profeta, liderou o movimento popular que resultou na deposição da casa de Davi e na coroação de Jeroboão. Desde então predominaram os profetas em Israel e prevaleceu o culto do bezerro em todo o país; os sacerdotes dominaram a frágil dinastia de Davi, e o lascivo culto local se estendeu a todo o país. Após a destruição da casa de Ahab, e do fracasso de Jehu e seus descendentes em unir o país sob um único comando, tentativa foi feita em Judá. Isaías havia posto fim à linha direta na pessoa de Ahaz (*Isaias*, VII,9), colocado no trono um príncipe de Belém (*Miquéias*, V, 2, 5). Era este Ezequiel. Ao subir ao trono, convidou ele os chefes de Israel a unirem-se numa aliança contra a Assíria (2 *Crônicas*, XXX, 1, 21; XXXI, 1, 5; 2 *Reis*, XVIII, 7). Estabeleceu, a que parece, um colégio sagrado (*Provérbios*, XXV, 1), e, posteriormente, modificou o culto (A referência às *Crônicas* parece estar errada e a referência aos *Provérbios* não é corroborada pelo texto em si mesmo).

Isto demonstra que são míticas as histórias de Samuel e Davi e Salomão. Foi por essa época que muitos dos profetas que também eram letrados começaram a escrever.

O país foi finalmente dominado pelos assírios, que encontraram o mesmo povo e as mesmas instituições que os da Fenícia e de outras nações.

Ezequiel não era filho natural, mas adotivo de Ahaz. Isaías, o profeta, pertencia à família real, e acreditava-se que Ezequiel era seu genro. Ahaz recusou aliar-se ao profeta e ao seu partido, dizendo: "Não tentarei ao Senhor" (*Isaias*, VII, 12). Declarou o profeta: "Se não acreditardes, não permaneceréis" - prenunciando a deposição de sua linhagem direta. "Aborreceis a meu Deus", replicou o profeta, predizendo o nascimento de uma criança por uma *almeh*, ou mulher do templo, antevendo ainda que, antes de ela atingir a maturidade (*Hebreus*, V, 14; *Isaias*, VII,16; VIII, 4), o rei da Assíria dominaria a Síria e Israel. Essa é a profecia que Irineu procurou relacionar a Maria e Jesus, e a razão por que a mãe do profeta nazareno é representada como pertencente ao templo e consagrada a Deus desde a sua infância.

Numa segunda canção, Isaías, celebrou o novo chefe, sentado no trono de Davi (IX, 6, 7; 1), que deveria fazer voltarem às casas os judeus que a aliança havia mantido cativos (*Isaias*, VII, 2-12; *Joel*, III, 1-7; *Abdias*, 7,11, 14). Miquéias - seu contemporâneo enunciou o mesmo evento (IV, 7-13; V, 1-7). O Redentor também deveria vir de Belém; em outras palavras, seria da casa de Davi; e deveria resistir à Assíria com a qual Acáz se aliara, e também reformar a religião (2 *Reis*, XVIII 408). Isso Ezequias fez. Ele era neto de Zacarias, o vidente (2 *Crônicas*, XXVI, 5), o conselheiro de Usias; e assim que subiu ao trono, restaurou a religião de Davi, e destruiu os últimos vestígios da de Moisés, i. e., a doutrina *esotérica*, declarando "nossos pais caíram sob a espada" (2 *Crôn.*, XXIX, 6-9). Ele tentou em seguida uma união com a monarquia do Norte,

havendo então um interregno em Israel (2 Crôn, XXX, 1,2,6; XXXI, 1,6, 7). Ele teve sucesso mas isso resultou numa invasão do rei da Assíria. E houve então um novo *régime*. Tudo isso mostra o curso de duas correntes paralelas no culto religioso dos israelitas; uma que pertence à religião do Estado e que adota exigências políticas; e outra, que é pura idolatria, resultante da ignorância da verdadeira doutrina esotérica pregada por Moisés. Pela primeira vez, desde que Salomão as construiu, "os planos foram tomados".

Foi Ezequias o esperado Messias da religião exotérica do Estado. Ele foi o rebento do tronco de Jessé, que libertaria os judeus de um deplorável cativo, sobre o qual os historiadores hebreus parecem fazer silêncio, evitando cuidadosamente qualquer menção a esse fato particular, porém que os irascíveis profetas imprudentemente revelam. Se Ezequias esmagou o culto exotérico de Baal, ele também arrancou violentamente o povo de Israel da religião de seus pais, e dos ritos secretos instituídos por Moisés.

Foi Dario Hystaspes quem pela primeira vez estabeleceu uma colônia persa na Judéia, cujo chefe foi talvez Zoro-Babel. "O nome *Zoro-Babel* significa "a semente ou o filho da Babilônia" - como Zoro-astro, é a semente, filho ou príncipe de Ishtar". O próprio Sião recebia o nome de Judéia, e havia uma Ayôdhyâ, na Índia. Os templos de *Shalom*, Paz, eram numerosos. Por toda a Pércia e o Afeganistão os nomes de Saul e Davi eram comuns. A "Lei" é atribuída por sua vez a Ezequiel, a Esdras, a Simão o Justo, e ao período asmoniano. Nada definitivo, por toda parte contradições. Quando o período asmoniano teve início, os principais defensores da Lei foram chamados de asidues ou kasdim (caldeus), e posteriormente de fariseus ou pharsi (parsis). Isso indica que as colônias persas foram estabelecidas na Judéia e governaram o país, ao passo que todos os povos mencionados nos livros *Gênese e de Josué* aí viveram como uma comunidade (ver *Esdras*, IX,1).

Não há nenhuma história real no *Velho Testamento*, e as únicas informações históricas que se podem recolher são aquelas que se acham nas indiscretas revelações dos profetas. O livro, como um todo, deve ter sido escrito em diversas épocas, ou antes inventado como uma autorização para algum culto posterior, cuja origem pode ser traçada com facilidade em parte dos mistérios órficos, e em parte dos antigos ritos egípcios com os quais Moisés estava familiarizado desde a sua infância.

O SIMBOLISMO DA ARCA DE NOÉ. (L. 4. pág. 84.)

Noé, ou Nuah, como todas as manifestações evemerizadas do Irrevelado - Svâyambhuva (de Svayanbhû) -, era andrógino. Por isso, em algumas passagens, ele pertencia à Tríada puramente feminina dos caldeus, conhecida como "Nuah, a Mãe universal". Já mostramos em outro capítulo que toda Tríada masculina tem a sua contraparte feminina, um em três, como a anterior. Ela era o complemento passivo do princípio ativo, o seu *reflexo*. Na Índia, a *Trimûrti* é reproduzida na *Sakti-trimûrti*, feminina; e na Caldéia, Ana, Belita e Davkina corresponde a Anu, Bel, Nuah. As três primeiras resumindo-se numa só - Belita.

"Deusa soberana, senhora do abismo inferior, mãe dos deuses, rainha da fecundidade."

Enquanto unidade primordial, donde *tudo* provém, belita é *Tiamat*, o mar, a mãe da *cidade de Erch* (a grande necrópole caldaica), portanto, uma deusa infernal. No mundo dos astros e dos planetas, ela é conhecida como Ishtar ou Astoreth. Portando, ela é idêntica a Vênus, e a todas as outras Rainhas do Céu, às quais bolos e pães são ofertados em sacrifício, e, como sabem todos os arqueólogos, à *Eva* a mãe de tudo o que vive, e a Maria.

A Arca, na qual se preservam os germes de todas as coisas necessárias para repovoar a Terra, representa a sobrevivência da vida, e a supremacia do espírito sobre a matéria, através do conflito das forças opostas da Natureza. Na carta Astro-Teosófica do Rito Ocidental, a Arca corresponde ao umbigo, e é colocada no lado esquerdo, o lado da mulher (a Lua), um de cujos símbolos é a coluna esquerda do templo de Salomão - Boaz. O umbigo está relacionado com o receptáculo no qual se frutificam os germes da raça. A Arca é a *Argha* sagrada dos hindus, e, portanto, podemos perceber com facilidade a sua relação com a arca de Noé, quando aprendemos que a *Argha* era um vaso oblongo, utilizado pelos sumo-sacerdotes como cálice sacrificial no culto de Ísis, Astarte e Vênus-Afrodite, todas as quais eram deusas dos poderes gerativos da Natureza, ou da matéria - representando simbolicamente, portanto, a Arca que contém os germes de todas as coisas vivas.

Admitamos que os pagãos tinham e têm agora - como na Índia - símbolos estranhos, que, aos olhos dos hipócritas e dos puritanos, parecem escandalosamente imorais.

Ao descrever o culto dos egípcios, diz a Sra. Lydia Maria Child: "Essa reverência pela produção da Vida introduziu no culto de Osiris o emblema sexual, tão comum no Indústão. Um colossal imagem dessa espécie foi apresentada ao seu templo em Alexandria, pelo Rei Ptolomeu Philadelphus. (...) A reverência pelo mistério da vida organizada levou ao reconhecimento de um princípio masculino e feminino em todas as coisas espirituais ou materiais. (...) Os emblemas sexuais presentes em todas as esculturas de seus templos

pareceriam impuros se descritos, mas *nenhuma mente limpa e séria* poderá contemplá-la sem testemunhara óbvia simplicidade e solenidade com que o assunto é tratado.

A água do dilúvio, que na alegoria representa o “mar” simbólico, Tiamat, simboliza o caos turbulento, a matéria, chamado “o grande dragão”. De acordo com a doutrina gnóstica e Rosa-cruz medieval, a mulher não estava incluída no plano inicial da criação. Ela resultou da fantasia impura do homem, e, como dizem os hermetistas, é “uma intrusa”. Gerada por um pensamento impuro, ela veio à existência na *demoníaca* “sétima hora”, quando os verdadeiros mundos “sobrenaturais” já haviam passado, e os mundos “naturais” ou *ilusórios* começavam a evoluir no “microcosmo descendente”, ou, em termos mais claros, no arco do grande ciclo. Originalmente “Virgo”, a Virgem Celestial do Zodíaco, se tornou “Virgo-Scorpio”. Mas, ao desenvolver sua companheira, o homem a dotou involuntariamente de seu próprio quinhão de espiritualidade, e o novo ser a quem sua “imaginação” havia trazido à vida tornou-se o seu “Salvador” dos laços de Eva-Lilith, a primeira Eva, que tinha um quinhão maior de matéria em sua composição do que o primitivo homem “espiritual”.

Portando, a mulher figura na cosmogonia relacionada com a “matéria”, ou *o grande abismo*, como a “Virgem do Mar”, que esmaga o “Dragão” sob seus pés. O “Dilúvio” recebe também amiúde, na fraseologia simbólica, o nome de “o grande Dragão”. Para quem está familiarizado com essas doutrinas, fica mais do que sugestivo saber que para os católicos a Virgem Maria é não só a padroeira dos marinheiros cristãos, mas também a “Virgem do Mar”. Assim era Dito, a padroeira dos marinheiros fenícios, e, juntamente com Vênus e outras divindades lunares - tendo a Lua uma forte influência sobre as marés - a “Virgem do Mar”. *Mar*, o “Mar”, é a raiz do nome Maria. A cor azul, que simbolizava para os antigos o “Grande Abismo” ou o mundo material, e portanto o mal, tornou-se sagrada para a nossa “abençoada Senhora”. É a cor da “Notre Dame de Pais”. Devido à sua relação com a serpente simbólica, tinham aversão por essa cor os ex-nazarenos discípulos de João Batista, os atuais mandeus de Basra.

Entre as belas gravuras de Maurício, há uma que representa Krishna esmagando a cabeça da serpente. Uma mitra de três pontas lhe cobre a cabeça (simbolizando a Trindade), e o vencido reptil envolve o corpo do deus hindu. Essa gravura mostra de onde proveio a inspiração para a caracterização de uma história posterior extraída de uma pretensa profecia. “Porei uma hostilidade entre ti a mulher, e entre a tua linhagem e a dela; e ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o *calcanhar*.”



A primeira figura representa Krishna esmagando a cabeça da Serpente; e, na segunda a Serpente ferindo o calcanhar de Krishna. (O *arant* egípcio também é representado com os braços estendidos na forma de um crucifixo, e esmagando a “Serpente”; e Hórus (o Logos) é representado cortando a cabeça do dragão, Tifon ou Apófis. (O termo *orant* confundiu um grande número de estudiosos teosóficos e parece ter sido um tropeço para um ou dois editores anteriores de Ísis sem véu. Alguns especulavam sobre ter sido o nome de algum deus ou alguma divindade. A palavra deriva do latim *orans*, - *antis*, part. Pres. De *orare*, orar. Na arte grega antiga, é usado para uma figura feminina em postura de prece. Na arte cristã primitiva, era uma figura, geralmente feminina, que tinha as mãos reunidas como que em oração. Essa figuras são muito comuns em catacumbas e a postura era vista como especialmente significava, porque lembrava a posição de Cristo na cruz. Essas figuras também podem ser encontradas no simbolismo egípcio. N. Org.).

Mas quão estranhamente elástico e quão adaptável a tudo se revelou essa filosofia mística depois da era cristã! Quando foram os fatos, irrefutáveis, irrefragáveis, e inquestionáveis, tão pouco capazes de restabelecer a verdade do que em nosso século de casuísmo e de velharia cristã? Se prova que Krishna era conhecido como “Bom Pastor”, séculos antes do ano 1 d.C., que ele esmagou a Serpente Kâlianâga, e que foi crucificado - tudo isso não é senão uma antecipação profética do futuro! Se mostram o escandinavo Thor, que esmagou a cabeça da Serpente com sua maça em forma de cruz, e Apolo, que matou Píton, as mais impressionantes semelhanças com os heróis das fábulas cristãs - tornam-se eles apenas concepções originais de mentes “pagãs”, “trabalhando sobre as antigas profecias dos Patriarcas relativas ao Cristo, pois estavam integradas na única Revelação universal.”

O dilúvio é portanto, a “Velha Serpente”, ou o grande abismo da matéria, o “dragão do mar” de Isaías (XXVII, 1), o mar que a arca cruza em segurança em seu caminho ao monte da Salvação. Mas, se ouvimos falar da arca de Noé, e da *Bíblia* em suma, é porque a mitologia dos egípcios estava à disposição de Moisés (se é que Moisés escreveu qualquer coisa da *Bíblia*), e porque ele estava familiarizado com a história de Hórus, que navegava em seu barco de forma serpentina, e que mata a Serpente com sua lança, e com o

sentido oculto dessas fábulas, e sua origem real. É por essa razão também que encontramos no *Levítico*, e em outras partes de seus livros, páginas inteiras de leis idênticas às de *Manu*.

Os animais embarcados na arca são as paixões humanas. Eles simbolizam certas provas de iniciação, e os mistérios que foram instituídos em muitas nações em homenagem a essa alegoria. A arca de Noé deteve-se no décimo sétimo dia do *sétimo* mês. Temos aqui novamente o número, assim como nas “feras limpas” que ele colocou em número de *sete* na arca. Falando sobre os mistérios aquáticos de Biblos, diz Luciano: “No topo de um das duas colunas edificadas por Baco, fica um homem por *sete* dias”. Ele supõe que tal era feito em honra de Deucalião. Elias, quando orava no topo do Monte Carmelo, enviou um servo para observar uma nuvem no mar, e repete “Retorna sete vezes, Na sétima vez, o servo lhe diz: “Eis que sobre do mar uma nuvem pequena com a mão de um homem”

“Noé é uma *revolutio* de Adão, assim como Moisés é uma *revolutio* de Abel e Seth”, diz a *Kabala*; vale dizer, uma repetição ou outra versão da mesma história. A grande prova disso é a distribuição dos caracteres na *Bíblia*. Por exemplo, a começar de Caim, o primeiro assassino, todo *quinto* homem em sua linha de descendência é um assassino. Assim, vieram Enoch, Irad, Mehujael, Mathusalém, e o *quinto* é *Lemech*, o segundo assassino, e ele é o pai de Noé. Desenhando-se a estrela de cinco pontas de Lúcifer (que tem seu ponto coronal voltado para baixo), e escrevendo o nome de Caim sob a ponta inferior, descobrir-se-á que todo quinto nome - que será desenhado sob o de Caim - é o de um assassino. No *Talmude*, essa genealogia é dada por inteiro, e treze assassinos se enfileiram na linha sob o nome de Caim, Isso *não* é uma coincidência. Siva é o Destruidor, mas é também o *Regenerador*. Caim é um assassino, mas é também o criador de nações, o inventor. Essa estrela de Lúcifer é a mesma que *João* vê cair na Terra em se *Apocalipse*.

Em Tebas, ou Theba, que significa arca - Sendo TH-ABA sinônimo de Kartha ou Tiro, Ástu ou Atenas, e Urbs ou Roma, e significando também “cidade”-, encontram-se as mesmas folheações descritas nas colunas do templo de Salomão. A folha de oliva bicolorida, a folha de figueira de três lobados, e a folha de louro lanceolada tinham todas sentido tanto esotérico, como populares ou vulgares, para os antigos.

As pesquisas dos egiptólogos apresentam outra corroboração da identidade entre as alegorias da *Bíblia* e as terras dos Faraós e dos caldeus. A cronologia dinástica dos egípcios, registrada por Heródoto, Manetho, Eratosthenes, Diodorus Siculus, e aceita por nosso arqueólogos, dividia os períodos da história egípcia sob quatro cabeçalhos gerais: O domínio dos deuses, dos semideuses, dos heróis e dos homens mortais. Combinando os semideuses e os heróis numa única classe, Bunsem reduz os períodos a três: Os deuses regentes, os semideuses ou heróis - filhos de deuses, mas nascidos de mães mortais - e os manes, que foram os ancestrais das tribos humanas. Essas subdivisões, como todos podem perceber, correspondem perfeitamente aos Elohim bíblicos, filhos de Deus, gigantes e homens noéticos mortais.

Diodorus de Sicília e Berosus dão-nos os nomes dos doze grandes deuses que governam os doze meses do ano e os doze significados do zodíaco. Esses nomes, que incluem Nuah, são por demais conhecidos para merecerem um repetição. O Jano de duas faces estava também à testa dos doze deuses, e nas figuras que o representam ele segura as chaves dos domínios celestes. Depois de todos esses terem servido como modelos para os patriarcas bíblicos, ainda prestaram um outro serviço - especialmente Jano - ao fornecerem uma cópia a São Pedro e aos seus doze apóstolos, o primeiro do qual também tinha duas faces em sua negação, e igualmente era representado segurando as chaves do Paraíso.

OS PATRIARCAS DA BÍBLIA. (L. 4, pág. 87).

A afirmação de que a história de Noé não passa de uma outra versão, em seu sentido oculto, da história de Adão e seus três filhos, pode ser comprovada em todas as páginas do livro *Gênese* Adão é o protótipo de Noé. Adão *cai* porque come o fruto proibido do conhecimento *celeste*; Noé porque experimenta o fruto *terrestre*, representando o suco da uva o abuso do conhecimento numa mente não equilibrada, Adão é privado de seu envoltório espiritual; Noé, de suas vestes terrestres; e a *nudez* de ambos os faz sentirem-se envergonhados. A iniquidade de Caim é repetida por Cam. Mas os descendentes de ambos são mostrados como sendo os mais sábios das raças da Terra, e recebem por essa razão os nomes de "serpentes" e "filhos de serpente", o que significa *filhos da sabedoria*, e não de Satã, como alguns sacerdotes gostariam de entender a palavra. A inimizade entre a "serpente" e a "mulher" só foi estabelecida na medida em que este "mundo do homem" mortal e fenomênico "nasceu da mulher". Antes da queda carnal, a "serpente" era *Ophis*, a sabedoria divina, que não precisa de matéria para procriar os homens, sendo a Humanidade totalmente espiritual. Daí a guerra entre a serpente e a mulher, ou entre o espírito e a matéria. Se, em aspeto material, a "velha serpente" é matéria, e representa Ophiomorphos, em seu sentido espiritual ela se torna Ophis-Christos. Na magia dos antigos sírios-caldeus, ambos estão reunidos no signo zodiacal do andrógino de Virgo-Scorpio, e podem ser devidos ou separados sempre que necessário. Assim como a origem do "bem e do mal", o sentido dos S.S. e

Z.Z. sempre foi intercambiável, e se em algumas ocasiões os S.S. sobre os selos e os talismã sugerem a má influência serpentina e denotam um designio de magia *negra* para com os outros, noutras ocasiões eles podem ser encontrados sobre as taças sacramentais da Igreja e indicam a presença do Espírito Santo ou da sabedoria pura.

Os madianitas eram tidos como homens *sábios*, ou filhos de serpentes, assim como os cananitas e os camitas, e tal era o seu renome que vemos Moisés, o *profeta, guiado e inspirado pelo "Senhor"*, curvando-se diante de Hobab, o filho de Raguel, o *madianita*, e implorando-lhe para ficar com o povo de Israel; "Não nos abandones, eu te peço, *pois conheces os lugares onde devemos acampar NO DESERTO, e tu serás os nossos olhos*". Além disso, quando Moisés envia espiões para explorar a terra de Canaã, eles trazem como uma prova da sabedoria (cabalisticamente falando) e da excelência da terra *um ramo com um cacho de uvas*, cujo peso tornou necessário que dois homens o transportassem pendente de um vara. Além disso, acreditam: "Lá, vimos os filhos de ANAC". Estes são os *gigantes*, os filhos de Anac, "*que são descendentes dos gigantes*, e tinham a impressão de sermos gafanhoto diante deles e assim também lhes parecíamos".

Anace é Henoc, o patriarca, que *não morre*, e que é o primeiro possuidor do "nome mirífico", segundo a *Cabala* e o ritual da franco-maçonaria.

Comparando os patriarcas bíblicos com os descendentes de Vaisvasvata, o Noé hindu, e as antigas tradições sânscritas sobre o dilúvio, no *Mahâbhârata* bramânico, descobrimo-los espelhados nos patriarcas védicos que são os tipos primitivos com base nos quais todos os outros foram modelados. Mas antes de fazer a comparação, é preciso compreender os mitos hindus em seu verdadeiro significado. Cada uma dessas personagens míticas tem, além de um significado astronômico, um sentido espiritual ou moral, e antropológico ou físico. Os patriarcas não são apenas deuses evemerizados - os pré-diluvianos correspondendo aos grandes *doze* deuses de Berosus, e aos *dez* Prajâpatis, e, os pós-diluvianos, aos sete deuses da famosa tábua da Biblioteca de Nínive, - mas representam também os eões gregos, as Sefiroth cabalísticas, e os signos zodiacais, enquanto tipos de raças humanas. Explicaremos agora essa variação do *dez* ao *doze*, provando-a com a própria autoridade da *Bíblia*. Eles não são os primeiros deuses descritos por Cícero, que pertencem à hierarquia dos poderes superiores, os Elohim - mas se enfileiram antes na segunda classe dos "doze deuses", os *Dii minores*, e que são os reflexos terrestres dos primeiros, entre os quais Heródoto coloca Hércules. Mas, por causa do grupo dos doze, Noé graças à sua posição no ponto de transição, pertence à Triade babilônica superior, Nuah, o espírito das águas. Os demais são idênticos aos deuses inferiores da Assíria e da Babilônia, os quais representam a ordem inferior de emanações, que, sob a direção de Bel, o Demiurgo, o ajudavam em sua obra, tal como os patriarcas que assistiam a Jeová - o "Senhor Deus".

Além desses, muitos dos quais eram deuses *locais*, as divindades protetoras dos rios e das cidades, havia quatro classes de genii. Ezequiel, em sua visão, fá-los amparar o trono de Jeová. Esse fato, se identifica o "Senhor Deus" judeu com um dos deuses da trindade babilônica, relaciona, ao mesmo tempo, o atual Deus cristão com a mesma Triade, visto que são esses quatro querubins, se o leitor estiver lembrado, que Irineu faz Jesus cavalgar, e que são mostrados como os companheiros dos evangelistas.

Percebe-se com grade clareza a influência cabalística hindu sobre o livro de *Ezequiel* e sobre o *Apocalipse* na descrição das quatro bestas, que simbolizam os quatro reinos elementares - terra, ar, fogo, e água. Como é sabido, elas são as esfinges assírias, mas essas figuras também estão gravadas nas paredes de quase todos os pagodes hindus.

O autor do *Apocalipse* copia fielmente em seu texto (ver cap. IV, vers. 7) o pentagrama de Pitágoras, do qual o admirável esboço de Éliphas Lévi é reproduzido adiante.



Adeusa Indu Ardhanârî (ou, como se poderia grafar com mais propriedade, Ardhanârî, visto que o segundo *a* é pronunciado quase como o inglês *o*) é representada tendo à sua volta as mesmas figuras. Ela se assemelha exatamente à "roda do Adonai" de Ezequiel, conhecida como "Os Querubins de Ezequiel", que indica, sem nenhuma dúvida, a fonte de onde o profeta hebreu tirou suas alegorias. Por conveniência da comparação, colocamos a figura no pentagrama. * (**ARDHA-NÂRÎ** (Sânc.) - Literalmente: "meio mulher". Shiva representado como andrógino, metade macho e metade fêmea; um tipo de energias masculinas e femininas combinada.)

Acima dessas feras estão os anjos ou espíritos, divididos em dois grupos: os Igili, ou seres celestiais, e os Am-anaki, ou espíritos terrestres, os gigantes, filhos de Anac, de quem se queixaram os espiões a Moisés.

A *Kabbala Denudata* dá aos cabalistas um relato muito claro - embora confuso aos profanos - das permutações ou substituições de uma pessoa a outra. Assim, por exemplo, diz que "as centelhas" (a centelha ou alma espiritual) de Abarão foram tomadas de Miguel, o chefe dos Eões e emanações superior da Divindade - tão superior de fato que, aos olhos dos gnósticos, Miguel é idêntico a Cristo. E no entanto Miguel e Henoc são a mesma pessoa. Ambos ocupam o ponto de junção da cruz do Zodíaco como "homem". A centelha de Issac era a de Gabriel, o chefe da hoste angélica, e a centelha de Jacó foi tomada de Uriel, o chamado "fogo de Deus", o espírito de penetração mais aguda em todo o Céu. Adão não é o Cadmo, mas Adão *Primus*, o *Microprosopos* (Palavra grega, significa a "Face Menor"). Num de seus aspectos, ele é Enoque, o patriarca terrestre e pai de Mathusalém. Ele que "caminha com Deus" e "não morreu", é o Henoc espiritual, que simboliza a Humanidade, eterna em espírito e eterna na carne, embora esta *morra*. Morte, mas apenas como um novo nascimento, pois o espírito é imortal; portanto, a Humanidade não pode morrer, já que o *Destruidor* se tornou o *Criador*, sendo Henoc o símbolo do homem dual, espiritual e terrestre. Daí seu lugar no centro da cruz astronômica.

Mas foram os hebreus os criadores dessa idéia? Acreditamos que não. Toda nação que possuía um sistema astronômico, e especialmente a Índia, tinha pela cruz a mais alta reverência, pois ela era a base geométrica do simbolismo religioso dos seus *avatâras*; da manifestação da Divindade, ou do Criador, em sua criatura, o HOMEM; de Deus na Humanidade e da Humanidade em Deus, como espíritos. Os monumentos mais antigos da Caldéia, da Pérsia e da Índia exibem a cruz dupla ou de oito pontos. Esse símbolo, que se encontra com facilidade, como todas as outras figuras geométricas da natureza, tanto nas plantas quanto nos flocos de neve, levou o Dr. Lundy, em seu misticismo supercristão, a chamar essas flores cruciformes que formam uma estrela de oito pontas pela junção das duas cruzes de - "*Estrela Profética da Encarnação*, que une céu e terra, Deus e homem". Tal frase está muito bem expressa; mas o velho axioma cabalístico, "Em cima, como embaixo", seria mais apropriado, pois revela o mesmo Deus para toda a Humanidade, e não apenas para um punhado de cristãos. Trata-se da cruz *Cósmica* do Céu, reproduzida na Terra pelas plantas e pelo homem dual: o homem físico que suplanta o "espiritual" no ponto de junção do qual está o mítico Libra-Hermes-Enoch. O gesto de uma mão que aponta para o Céu é contrabalançado pelo de outra que aponta para a terra; gerações incontáveis abaixo, regenerações incontáveis acima; o visível apenas como manifestação do invisível; o homem de pó abandonado ao pó, o homem de espírito renascido no espírito; tal é a humanidade finita que é o Filho do Deus Infinito. Abba, o Pai; Amona, a Mãe; o Filho, o Universo. Essa Tríada primitiva se repete em todas as teogonias. Adão-Cadmo, Hermes, Henoc, Osíris, Krishna, Ormasde ou Christos são todos uma mesma personalidade. Eles ficam como *Metatrons* entre o corpos e a alma - espíritos eternos que redimem a carne pela regeneração da carne *abaixo*, e da alma pela regeneração *acima*, em que a Humanidade caminha uma vez mais com Deus.

O símbolo da cruz ou do *Tao* egípcio **T** (Símbolo antigo da imortalidade e da vida), é muito anterior à época atribuída a Abarão, o pretense antepassado dos israelitas, pois, do contrário, Moisés não poderia tê-lo aprendido dos sacerdotes. E que o Tao era tido como sagrado pelos judeus, assim como por outras nações "pagãs", prova-o um fato admitido tanto pelos sacerdotes cristãos como pelos arqueólogos infieis. Moisés, em *Êxodos*, XII, 22, ordena a seu povo que marque as *ombreiras e os lintéis* das casas com sangue, para que o "Senhor Deus" não se engane e castigue alguns do povo eleito, no lugar dos condenados egípcios. E essa marca é um *Tao*! A mesma *cruz* manual egípcia, com a metade de cujo talismã Hórus desperta os mortos, tal como vê na ruína de uma escultura em Dendera. Quão gratuita é a idéia de que todas essas cruzes e símbolos foram proferidos inconsciente de Cristo, prova-o plenamente o caso dos judeus graças a cuja acusação Jesus foi condenado à morte. Assinala, por exemplo, o mesmo erudito autor em *Monumental Cheistianity* que "os próprios judeus conheciam esse signo de salvação antes de rejeitarem ao Cristo"; e em outro lugar afirma que "a vara de Moisés, utilizada em seus milagres diante do Faraó, era, sem dúvida, essa *crux ansata*, ou algo semelhante, *empregada também pelos sacerdotes egípcios*". Portanto, cabe inferir logicamente que 1ª., se os judeus cultuavam os mesmos símbolos que os pagãos, não eram melhores do que estes; e 2ª., que, tão versados como eram no simbolismo oculto da cruz, em face de sua espera por séculos do Messias, eles no entanto rejeitaram tanto o Messias cristão, quanto a Cruz cristã, então deve ter havido algo de errado com ambos.

Aqueles que "rejeitam" a Jesus como "Filho de Deus" não eram pessoas que ignoravam os símbolos religiosos, nem os poucos saduceus ateístas que o condenaram à morte, mas sim, homens instruídos na sabedoria secreta, que conheciam tanto a origem quanto o sentido do simbolismo cruciforme, e que rejeitaram tanto o emblema cristão quanto o Salvador nele suspenso, porque não queriam ser partidários dessa blasfema imposição sobre o povo comum.

Quase todas as profecias sobre Cristo são creditadas aos patriarcas e aos profetas. Se uns poucos destes últimos podem ter existido como personagens reais, todos os primeiros não passam de mito. Tentaremos prova-lo por meio da interpretação oculta do Zodíaco, e da relação de seus signos com esses homens antediluvianos.

Se o leitor tiver em mente as idéias hindus sobre a cosmogonia, dadas no Capítulo IV (do Livro Ísis Sem Véu, volume III), melhor compreenderá a relação entre os patriarcas bíblicos antediluvianos e esse enigma dos comentadores - "a roda de Ezequiel". Assim, recorda-se: 1^a., que o universo não é uma criação espontânea, mas uma evolução da matéria preexistente; 2^a., que ele não é senão uma dentre as infinitas séries de universos; 3^a., que a eternidade é recortada em grandes ciclos, em cada um dos quais ocorrem doze transformações de nosso mundo, causadas alternadamente pelo fogo e pela água. De sorte que quando um novo período menor se inicia, a Terra se modifica de tal forma, mesmo geologicamente, que quase se transforma praticamente num novo mundo; 4^a., que no curso dessas doze transformações, a Terra se torna mais grosseira a cada passagem das seis primeiras, ficando tudo que há sobre ela - o homem inclusive - mais material, ao passo que nas seis últimas transformações ocorre o contrário, tornando-se tanto a Terra, como o homem, cada vez mais refinados e espirituais a cada mudança; 5^a., que quando o ápice do ciclo é atingido, ocorre uma dissolução gradual, e toda forma viva e objetiva é destruída. Mas quando esse ponto é alcançado, a Humanidade está apta a viver tanto subjetivamente, como objetivamente. E não só a Humanidade, mas também os animais, as plantas e os átomos. Após um período de descanso, dizem os budistas, por ocasião da autoformação de um novo mundo, as almas dos animais, e de todos os seres, exceto os que alcançaram o Nirvana supremo, retornarão à Terra novamente para concluir seus ciclos de transformação, e converter-se, por sua vez em homens.

Essa estupenda concepção, os antigos a sintetizaram para a instrução do povo comum, num simples plano pictórico - o Zodíaco, ou cinto celeste. Ao invés dos doze signos agora utilizados, havia originalmente apenas dez, conhecidos do público em geral, a saber: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem-Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Estes signos eram exotéricos. Mas além desses havia dois signos místicos, inseridos, o que só os iniciados sabiam, no meio ou no ponto de junção em que agora está *Libra*, e no signo agora chamado Escorpião, que segue a Virgem. Quando era necessário torná-los exotéricos, esses dois signos secretos eram acrescidos sob seus nomes atuais como véus para ocultar os verdadeiros nomes que davam a chave de todo o segredo da criação e divulgava a origem do "bem e do mal".

A verdadeira doutrina astrológica sabia ensinava secretamente que nesse duplo signo estava a explicação da gradual transformação do mundo, de seu estado espiritual e subjetivo para o estado "bissexuado" e sublunar. Os doze signos eram dessa forma divididos em dois grupos. Os seis primeiros chamavam-se de linha ascendente, ou linha do macrocosmo (o grande mundo espiritual); os seis últimos, de linha descendente, ou linha do microcosmo (o pequeno mundo secundário) - mero reflexo do primeiro, por assim dizer. Essa divisão chamava-se de roda de Ezequiel, e era completa da seguinte maneira: Primeiro vinham os cinco signos ascendentes (evemerizados nos patriarcas), Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, e o grupo se fechava com Virgem-Escorpião. Vinha então o ponto crucial, *Libra*, após o que a primeira metade do signo Virgem-Escorpião era duplicada e transferida para liderar o grupo inferior ou descendente do microcosmo que termina em *Peixe*, ou Noé (dilúvio). Para torna-lo mais claro, o signo de Virgem-Escorpião, que aparecia originalmente como, tornou-se simplesmente *Virgem*, e a duplicação, M, ou Escorpião, foi colocada depois de *Libra*, o sétimo signo (que é Henoc, ou anjo de Metron, ou *Mediador* entre o espírito e a matéria, ou Deus e homem). Ela se tornou Escorpião (ou Caim), signo ou patriarca que levou a *Humanidade à destruição*, segundo a teologia exotérica; mas, de acordo com a verdadeira doutrina da religião da sabedoria, ele indicou a *degradação de todo o universo em seu curso de evolução descendente do subjetivo ao objetivo*.

A invenção do signo de *Libra* é acreditada aos gregos, mas não se diz geralmente que foram apenas os iniciados dentre eles que fizeram uma alteração nos nomes comunicando a idéia e o nome secreto àquele "que sabiam", e deixando as massas em sua habitual ignorância. Não obstante, foi essa uma bela idéia, a de *Libra*, ou balança, que expressa, na medida do possível, sem desvendá-lo, a verdade total e última. Eles pretendiam com esse signo indicar que, quando o curso da evolução havia levado os mundos ao ponto máximo de materialidade, em que as terras e os seus frutos era mais toscos, e seus habitantes mais brutos, o ponto crucial havia sido alcançado - as forças estavam em equilíbrio. No ponto mais baixo, a centelha divina ainda cintilante do espírito começa a transferir o impulso ascendente. Os pratos da balança simbolizam esse equilíbrio eterno necessário a um universo de harmonia, de justiça exata, de equilíbrio entre as forças centrípetas e centrífugas, entre trevas e luz, espírito e matéria.

AS LENDAS BÍBLICAS REFEREM-SE À HISTÓRIA UNIVERSAL. (L. 4. pág. 93).

Esses signos adicionais do Zodíaco corroboram a nossa afirmação de que o Livro Gênese tal como agora o temos é muito posterior à invenção de Libra pelos gregos, pois observamos que os capítulos das genealogias foram remodelados para se adaptarem ao novo Zodíaco, e não o contrário. E foi esse acréscimo e a necessidade de ocultar a verdadeira chave que levou os compiladores rabínicos a repetirem os nomes de Henoc e de Lamech por duas vezes, como podemos agora observar na tábuca quenita. Dentre todos os livros da Bíblia, apenas Gênese remonta a uma imensa antiguidade. Os demais são adições posteriores, a mais antiga das quais surgiu com Hilkiyah, evidentemente a planejou com o auxílio de Huldah, a profetiza.

Como há mais de um sentido vinculado às histórias da criação e do dilúvio, não é possível compreender o relato bíblico sem a referência à história babilônica correspondente, ao passo que nenhuma delas será totalmente clara sem a interpretação bramânica e esotérica do dilúvio, tal como se encontra no *Mahâbhârata* e no *Satapatha-Brâhmana*. Foram os babilônicos que aprenderam os "mistérios", a língua sacerdotal e a sua religião dos problemáticos acadianos, que, segundo Rawlinson, vieram da Armênia - mas não foram os primeiros a migrar para a Índia. A evidência torna-se clara aqui. O Xisuthros babilônico, segundo mostra Movers, representava o "sol" no Zodíaco, no signo de Aquário, e Oannes, o homem-peixe, o semidemônio, é Vishnu em seu primeiro avatâra, o que dá assim a chave para a fonte dupla da revelação bíblica.

Oannes é o emblema da sabedoria esotérica e sacerdotal; ele vem do mar, visto que o "grande abismo", a água, simboliza, como há mostramos, a doutrina secreta. Foi por essa mesma razão que os egípcios deificaram o Nilo, à parte de o considerarem como o "Salvador" do país, devido às suas periódicas enchentes. Eles consideravam até mesmo os crocodilos como sagrados, por habitarem eles no "abismo". Os chamados "camitas" sempre preferiram ter as suas moradas perto dos rios e dos oceanos. A água foi o primeiro elemento a ser criado, de acordo com algumas antigas cosmogonias. O nome de Oannes era grandemente reverenciados nos relatos caldeus. Os sacerdotes caldeus trajavam chapéus semelhantes a cabeças de peixes, e capas de pele de savelha que representavam o corpo de um peixe.

"Tales", diz Cícero, "assegura-nos que a água é princípio de todas as coisas; e que Deus é essa Mente que formou e criou todas as coisas da água."

"No Início, o Espírito anima Céu e Terra,
Os campos aquáticos, e o brilhante globo de Luna, e
As estrelas de Titã. A mente instilada nos membros
Agita toda a massa, e se funde com a GRANDE MATÉRIA."

Assim, a água representa a dualidade do macrocosmo e do microcosmo, em conjunto com o ESPÍRITO vivificante, e a evolução a partir do cosmo universal do pequeno mundo. O dilúvio assinala, portanto, nesse sentido, a batalha final entre os elementos em conflito, que leva o primeiro grande ciclo de nosso planeta à sua conclusão. Essas períodos fundiram-se gradualmente uns nos outros, com a ordem provindo do caos, a desordem, e os tipos subsequentes de organismo evoluindo apenas quando as condições físicas da natureza estavam preparadas para o seu aparecimento, pois a nossa atual raça não poderia ter respirado na terra durante esse período intermediário, não tendo ainda as alegóricas túnicas de pele. (O termo "túnicas de pele" torna-se mais sugestivo quando sabemos que a palavra hebraica "pele" utilizada no texto original significa pele humana).

Nos capítulos IV e V do *Gênese* encontramos as chamadas gerações de Caim e Seth. Observemo-las na ordem em que figuram:

<u>De Seth</u>	<u>Linhas de Gerações</u>	<u>De Cain</u>
<u>Princípio do bem</u>		<u>Princípio do mal</u>
1. Adão		1. Adão
2. Seth		2. Caim
3. Enós		3. Henoc
4. Cainã		4. Irad
5. Mahalalil		5. Mehujael
6. Jared		6. Mathusael

7. Henoc
8. Mathuslém
9. Lamech
10. Noé

7. Lamech
8. Jubal
9. Jabal
10. Tabalcain

Tais são os dez patriarcas da *Bíblia*, idênticos aos parjâpatis hindus, e às Sefhiroth da *Cabala*. Dizemos *dez* patriarcas, não *vinte*, pois a linhagem de Caim foi urgida apenas no propósito de 1^a., pôr em prática a idéia do dualismo, sobre a qual se funda a filosofia de todas as religiões, pois essas duas tabelas geneológicas representam simplesmente os poderes ou princípios opostos do bem e do mal; e 2^a., lançar um véu sobre as massas não iniciadas. Acreditamos tê-las restaurado à sua forma primitiva, afastando esses véus premeditados.

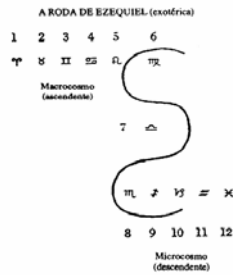
Se nos livrarmos, por conseguinte, dos nomes da linhagem de Caim que são apenas duplicações dos da linhagem de Seth, ou de qualquer outra, livramo-nos de Adão; de Henoc - que, numa genealogia, figura como pai de Irad, e, na outra, como filho de Jared; de Lamech, filho Metusael, ao passo que ele, Lamech, é filho de Mathusalém, na linhagem de Seth; de Irad (Jered), Jubal e Jabal, que, com Tibalcain, formam uma trindade em um, e esse um, o duplo de Caim; de Mehujael (que não é senão outra grafia de Mahalalil), e Metusael (Mathusalém). Resta assim, na genealogia de Caim do capítulo IV, apenas um nome, o de Caim, que - como primeiro assassino e fraticida - permanece em sua linhagem como pai de Henoc, o mais virtuoso dos homens, que não morre e é levado com vida. Voltamos à tábua de Seth, e descobrimos que Enós, ou Henoc, é o *segundo* depois de Adão, e pai de Caim (Cainam). Isto não é um acidente. Há uma razão evidente para essa inversão de paternidade, um desígnio palpável - o de criar confusão e dificultar a investigação.

Dizemos, portanto, que os patriarcas são simplesmente os signos do Zodíaco, emblemas, em seus múltiplos aspectos, da evolução espiritual e física das raças humanas, das era e das divisões do tempo. Na astrologia, as primeiras quartas "Casas", nos diagramas das "Doze Casas do Céu" - a saber, a primeira, a décima, a sétima e a quarta, ou o segundo quadrante interno com seus ângulos superiores e inferiores, chamam-se *ângulos*, por estarem dotados de grande força. Eles correspondem a Adão, Noé, Cain-am, e Henoc, Alfa, Ômega, mal e bem, que governam o todo. Além disso, quando divididos (incluindo os dois nomes secretos) em quatro *trígonos* ou tríadas, a saber: a ígnea, a aérea, a terrestre e a aquática, encontramos que a última corresponde a Noé.

Enoch e Lamech são duplicados na tábua de Caim para perfazer o número dez nas duas "gerações" da *Bíblia*, sem o emprego do "Nome Secreto"; e para que os patriarcas correspondem às dez Sefhîrôth cabalísticas, quadrando-se ao mesmo tempo com os dez, e posteriormente *doze*, signos do Zodíaco, de modo compreensível apenas aos cabalistas.

Tendo Abel desaparecido dessa linhagem, ele é substituído por Seth, que foi claramente uma idéia posterior sugerida pela necessidade de não fazer a raça humana descender inteiramente de um assassino. Esse dilema só foi percebido, ao que parece, quando a tabela de Caim estava completa, e assim se fez que Adão (depois do aparecimento de todas as gerações) gerasse esse filho, Seth. É sugestivo o fato de que, ao passo que o Adão bissexuado do capítulo V é feito à imagem e semelhança dos Elohim (ver *Gênese*, I, 27, e V, 1), Seth (V, 3) é gerado à "semelhança" de Adão, significando assim que havia homens de raças diferentes. É notável também que nenhum dado figure, na tabela de Caim, relativo à época ou a outros detalhes dos patriarcas, ao passo que o contrário é verdadeiro nas linhagens de Seth.

É claro que ninguém deveria descobrir, numa obra aberta ao público, os mistérios finais daquilo que foi preservado por incontáveis séculos como o maior segredo do santuário. Mas, sem divulgar a chave ao profano, ou sem ser tachado de indevida indiscrição, pode muito bem o autor erguer uma ponta do véu que oculta as majestosas doutrinas da Antigüidade. Descrevemos então os patriarcas tais como deveriam estar em sua relação com o Zodíaco, e observaremos a sua correspondência com os signos. O seguinte diagrama representa a Roda de Ezequiel, conforme é dada em muitas obras, entre outras em *The Rosicrucians*, de Hargrave Jennings:



A figura representa a Roda de Ezequiel (EXOTÉRICA).

Esses signos são (acompanhe os números):

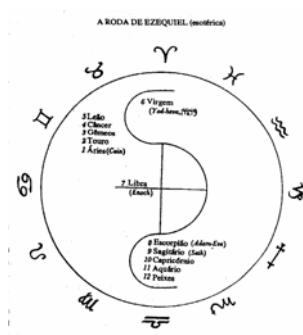
1, Áries; 2, Touro; 3, Gêmeos, 4, Câncer; 5, Leão; 6, Virgem; ou linha *ascendente* do grande ciclo de criação. Vêm, em seguida, 7, *Libra* - o "homem", que, embora se ache exatamente no ponto de interseção, conduz aos números 8, Escorpião; 9, Sagitário; 10, Capricórnio; 11, Aquário; e 12, Peixes.

Ao discutir os signos duplos de Virgem-Escorpião, observa Hargrave Jennings:

"Tudo isso é incompreensível, exceto no estranho misticismo dos gnósticos e dos cabalistas; e toda a teoria requer uma chave de explicação que a

torne inteligível, mas os ocultista negam absolutamente a existência de tal chave, visto que não lhes é permitido divulgá-la".

Essa dita chave deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema possa ser divulgado. Dar-lhe-emos apenas *um* giro, e dessa forma permitiremos ao profano um relance no mistério. Feliz aquele que puder compreendê-lo todo!



A figura representa a Roda de Ezequiel (ESOTÉRICA).

Para explicar a presença de Yod-'heva, ou do que é geralmente chamado de Tetragrama, e de Adão e Eva, bastará remeter o leitor aos seguintes versos do *Gênese*, com o seu sentido correto inserido nos colchetes.

1. "E Deus [os Elohim] criou o homem à sua [deles] imagem (...) macho e fêmea os [o] criou" - (cap. I, 27).

2. "Macho e fêmea os [o] criou (...) e deu-lhes [lhe] o nome de ADÃO" - (V, 2).

Quando a Trindade é tomada no início do Tetragrama, ela expressa a criação divina *espiritual*, i. e., sem qualquer pecado carnal: tomada em seu termo oposto, ela expressa a esse último; é feminina. O nome de Eva compõe-se de três letras, o do Adão primitivo ou celestial é escrito com uma única letra,

Jod ou Yode; por conseguinte, não se deve ler Jeová, mas Ieva, ou Eva. O Adão do primeiro capítulo é espiritual, portanto puro, andrógino, Adão-Cadmo. Quando a mulher sai da costela esquerda do segundo Adão (do pó), a *Virgem* pura se separa, e, caindo "na geração", ou no ciclo inferior, torna-se Escorpião, emblema do pecado e da matéria. Ao passo que o ciclo ascendente assinala as raças puramente espirituais, ou os dez patriarcas antediluvianos, os Prajâpatis e a

Sephîrôth são conduzidos pela própria Divindade criadora, que é Adão-Cadmo, ou Yod-'heva. [Espiritualmente], o inferior [Jeova] é o das raças terrestres, conduzidas por Enoque ou *Libra*, o *sétimo*, que, por ser metade divino, metade terrestre, teria sido tomado com vida por Deus. Enoque, Hermes e Libra são uma mesma coisa. Todos representam as escalas da harmonia universal; a justiça e o equilíbrio estão colocados no ponto central do *Zodiaco*. O grande círculo dos céus, de que tão bem fala Platão no *Timeu*, simboliza o desconhecido como uma unidade; e os círculos menores que formam a cruz, por sua divisão no plano do anel zodiacal, representam, no ponto de sua interseção, a vida. As forças centrípetas e centrífugas, como símbolos do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria, da Vida e da Morte, o são também do Criador e do Destruidor - Adão e Eva, ou Deus e o Demônio. Nos mundos subjetivos, assim como no objetivo, elas são as duas forças que através de seu eterno conflito mantêm o espírito e a matéria em harmonia. Elas forçam os planetas a buscar seus caminhos, e os mantêm em suas órbitas elípticas, traçando assim a cruz astronômica em sua revolução através do Zodiaco. Em seu conflito, a força centrípeta, se prevalecesse, dirigiria os planetas e as almas vivas ao sol, protótipo do Sol Espiritual invisível, o Paramâtman ou grande Alma universal, seu pai, ao passo que a força centrífuga enxotaria os planetas e as *almas* para o espaço árido, muito longe do luminar do universo objetivo, fora do reino espiritual da salvação e da vida eterna, e para o caos da destruição cósmica final, e da aniquilação individual. Ela regula a ação das duas combatentes, e o esforço de ambas faz os planetas e as "almas vivas" traçarem um dupla linha diagonal em sua revolução através do Zodiaco e da Vida; e assim, preservando a rigorosa harmonia, no céu e na Terra visíveis e invisíveis, a forçada unidade de ambas reconcilia o espírito e a matéria, e Henoc permanece como um "Metatron" diante de Deus. Desde Henoc até Noé e seus três filhos, cada um representa um novo "mundo" (i.e., nossa Terra, a sétima) que após cada período de transformação geológica dá nascimento á outra raça distinta de homens e seres.

Caim conduz a linha ascendente, ou Macrocosmo, pois ele é o Filho do "Senhor", não de Adão (*Gênese*, VI, 1). O "Senhor" é Adão-Cadmo, Caim, o Filho de mente pecadora, não a progênie de carne e sangue. Seth, por outro lado, é o guia das raças da Terra, pois ele é o Filho de Adão, e gerado "à sua imagem e

semelhança" (*Gênesis*, V, 3). Caim é *Kenu*, assírio, palavra que significa "primôgenito", ao passo que a palavra em hebraico, indica "ferreiro", um "artífice".

Nossa ciência mostra que o globo passou por cinco fases geológicas distintas, cada qual caracterizada por um estado diferente, e estas são na ordem inversa, a começar do último: 1ª., o período Quaternário, em que o homem aparece como uma certeza; 2ª. o período Terciário, no qual o homem *pode* ter aparecido; 3ª., o período Secundário, o dos saúrios gigantes, os megalossauros, os ictiosauros e os plessiosauros - *sem nenhum vestígio do homem*; 4ª. o período Paleozóico, o dos crustáceos gigantes; 5ª. (ou primeiro): o período Azóico, durante o qual a vida orgânica ainda não havia aparecido.

E não há a possibilidade de ter havido um período (ou vários períodos) em que o homem *existia*, mas não como ser orgânico - não deixando por conseguinte nenhum vestígio para a ciência exata? O *espírito* não deixa esqueletos ou fósseis, e, no entanto, pouco são os homens na Terra que duvidam de que o homem possa viver tanto objetiva como subjetivamente. Para todos os efeitos, a teologia dos brâmanes, de venerável antigüidade, que divide os períodos formadores da terra em quatro eras e coloca, entre cada um deles, um lapso de 1.728.000 anos, harmoniza-se muito mais com a ciência oficial e as descobertas modernas do que as absurdas noções cronológicas promulgadas pelos Concílios de Nicéia (Ano de 325.) e Treto (Anos de 1545 a 1563.).

Os nomes dos patriarcas não eram hebraicos, embora eles possam ter sido hebraizados mais tarde; são evidentemente de origem assíria ou ária.

Assim, *Adão*, por exemplo, conforme explica a *Cabala*, é um termo conversível, e aplica-se a quase todo os outros patriarcas, assim como cada uma das Sefirôth às demais, e *vice-versa*. Adão, Caim e Abel formam a primeira *Triada* dos doze. Eles correspondem, na árvore sephirótica, à Coroa, à Sabedoria e à Inteligência; e na astrologia, aos três trigonos - o ígneo, o terrestre e o aéreo, fato esse que, se dispuséssemos de mais espaço para elucidá-lo, mostraria talvez que a astrologia merece tanto o nome de ciência como qualquer outra. Adão (Cadmô) ou Áries (carneiro) é idêntico a Amun, o deus egípcio de cabeça de carneiro, que fabrica o homem na roda de oleiro. Sua duplicação, por conseguinte - ou o Adão de pó - é também Áries, Amon, quando permanece à testa de suas gerações, pois ele fabrica mortais também "à sua semelhança". Na astrologia, o planeta Júpiter está relacionado com a "primeira casa" (Áries). A cor de Júpiter, tal como se vê nos "estágios das sete esferas", na torre de Borsippa, ou Birs Numrud, era *vermelha*; e no hebraico Adão, significa "vermelho", assim como "homem". O deus hindu Agni, que governa o signo de Peixes, próximo do de Áries, em sua relação com os doze meses (fevereiro e março), é pintado com um intenso vermelho, com duas faces (masculina e feminina), *três* pernas, e *sete* braços, perfazendo o todo o número doze. Assim, Noé (Peixes), que aparece nas genealogias como o décimo segundo patriarca, incluindo Caim e Abel, é novamente Adão sob outro nome, pois ele é o ancestral de uma nova raça da Humanidade; e os seus três filhos, um mau, um bom e um que partilha de ambas as qualidades, constituem o reflexo terrestre do superterrestre Adão e de seus três filhos. Agni figura nas imagens montado num carneiro, com uma tiara encimada por uma cruz.

Caim, que governa o Touro do *Zodiaco*, é também muito sugestivo. Touro pertence ao trigono terrestre, e a propósito desse signo não será demais lembrar ao leitor uma alegoria do *Avesta* persa. Reza a história que Ormasde produziu um ser fonte e protótipo de todos os seres do universo - chamado VIDA, ou Touro no *Zend*. Ahriman (Caim) mata esse ser (Abel), da semente do qual (Seth) novos seres são produzidos. Abel, no assírio, significa *filho*, mas em hebraico, significa algo efêmero, *sem valor*, e também um "ídolo pagão", pois Caim significa uma *estátua de herma* (um pilar, o símbolo da geração). Assim também, Abel é a contraparte feminina de Caim (masculino), pois eles são gêmeos e provavelmente andróginos, correspondendo o último à Sabedoria e o primeiro à Inteligência.

Ocorre o mesmo com todos os outros patriarcas. Enosh, é *Homo* novamente - um homem, ou o mesmo Adão, e Enoque, no acordo; e *Kain-an*, é idêntico a Caim. Seth, é Teth, ou Thorth, ou Hermes; e essa é a razão, sem dúvida, por que Josefo afirma que Seth era tão proficiente em astrologia, geometria e outras ciências ocultas. Antevendo o dilúvio, diz ele, ele gravou os princípios fundamentais de sua arte em dois pilares de tijolo e pedra, o mais recente dos quais "ele próprio [Josefo] viu na Síria em seu tempo". Por isso, está Seth identificado também com Enoque, a quem os cabalistas e os maçons atribuem o mesmo feito, e ao mesmo tempo com Hermes, ou Cadmo, pois Enoque, é idêntico ao primeiro; He-NOCH, significa um mestre, um indicador, ou um iniciado; na mitologia grega, Inachus. Já vimos o papel que ele exerce no Zodiaco.

Mahalalel, se dividirmos a palavra e escrevermos *ma-ha-lah*, significa terno, misericordioso, e corresponde, por conseguinte, à quarta Sefirah, *Amor* ou *Misericórdia*, emanada da primeira triada. *Irad*, ou *Iared*, é (menos as vogais) exatamente a mesma coisa. Se deriva do verso, significa *descida*; se de *arad*, significa prole, e corresponde assim perfeitamente às emanações cabalísticas.

Lamech, não é hebraico, mas grego. Lam-ach significa Lam - o pai -, e Olam-Ach é o pai da era; ou o pai daquele (Noé) que inaugura uma nova era ou período de criação após o *pralaya* do dilúvio, sendo Noé o símbolo de um novo mundo, o Reino (Malkhuth) das Sefiroth; é por isso que seu pai, que corresponde à nona Sefirôth, é a Fundação. Além disso, o pai e seu filho correspondem a Aquário e Peixes no Zodíaco, pertencendo o primeiro ao trígono aéreo e o segundo, ao aquático, e fechando dessa forma a lista dos mitos bíblicos.

Mas se cada patriarca representa, como já vimos, num sentido, como cada um dos Prajâpatis, uma nova raça de seres humanos ante-diluvianos; e se, como se pode provar facilmente, eles são as cópias dos *Saros*, ou eras, babilônicos, sendo estes, por sua vez, cópias das dez dinastiashindus dos "Senhores dos Seres", como quer que os consideremos, eles figuram entre as alegorias mais profundas jamais concebidas pelos espíritos filosóficos.

No *Nychthêmeron*, a evolução do universo e os seus sucessivos períodos de formação, juntamente com o desenvolvimento gradual das raças humanas, são ilustrados com perfeição nas doze "horas" em que se divide a alegoria. Cada "hora" simboliza a evolução de um novo homem, e é por sua vez dividida em quatro quartos ou eras. Essa obra mostra quão profundamente imbuída estava a filosofia antiga das doutrinas dos primeiros âryas, que foram os primeiros a dividir a vida em nosso planeta em quatro eras. Se remontarmos essa doutrina de sua fonte na noite do período tradicional até o Profeta de Patmos, não precisaremos nos desviar entre os sistemas religiosos de outras nações. Descobriremos que os babilônicos ensinavam que em quatro diferentes períodos surgiram quatro Oannes (ou sóis); que os hindus propunham quatro Yugas; que os gregos, os romanos e outros acreditavam firmemente nas idades do ouro, da prata, do bronze e do ferro, sendo, cada uma das épocas anunciada pelo surgimento de um salvador. Os quatro Buddhas dos hindus e os três profetas dos zoroastristas - Oshedâr-Bâmî, Oshedâr-Mâh e Saoshyant - precedidos por Zaratustra, são os símbolos dessas idades.

Na *Bíblia*, o próprio livro inicial nos diz que *antes que os filhos de Deus vissem as filhas dos homens*, eles viviam de 365 a 969 anos. Mas quando o "Senhor Deus" viu as iniquidades da Humanidade, decidiu conceder-lhes no máximo 120 anos de vida (*Gênese*, VI, 3). Para se explicar tal violenta oscilação na tabela da mortalidade humana, é necessário remontar essa decisão do "Senhor Deus" à sua origem. Essas incongruências que encontramos a cada passo na *Bíblia* só podem ser atribuídas ao fato de que o livro *Gênese* e os outros livros de Moisés foram alterados e remodelados por mais de um autor; e de que em seu estado original eles eram, com exceção da forma externa das alegorias, cópias fieis dos livros sagrados hindus. Em *Manu*, Livro I, 81 et seq., lê-se o seguinte:

"Na primeira era, não havia doença ou sofrimento. Os homens viviam por quatro séculos".

Isto foi no Krita ou Satya-yuga.

"O Krita-yuga é o símbolo da justiça. O *toro* que se assenta firmemente sobre as patas é a sua imagem; o homem se mantém fiel à verdade, e o mal ainda não lhe dirige as ações." Mas em cada uma das eras seguintes a primeira vida humana perde um quarto da sua duração, vale dizer, no Tretâ-yuga o homem vive 300 anos, no Davâpara-yuga 200, e no Kali-yuga, a nossa era, apenas 100 anos, no máximo. Noé, filho de Lamech - Olam-ach, ou pai da era - é a cópia destorcida de Manu, filho de Savayambhû, e os seis manus ou rishis oriundos dos "primeiros homens" hindus são os originais de Terah, Abarão, Isaac, Jacó, José e Moisés, os sábios hebreus que, a começar de Terah, teriam sido todos astrólogos, alquimistas, profetas inspirados e adivinhos, ou em termos mais profanos, porém mais claros, mágicos.

Se consultarmos o *Mishnah* talmúdico, descobriremos que o primeiro par divino emanado, o Demiurgo andrógino *Hkhmah* (ou *Hokhma-Akhamôth*) e *Binah*, construiu uma casa com *sete* colunas. Eles são os arquitetos de Deus - Sabedoria e Inteligência - e Seu "compasso e esquadro". As sete colunas são os futuros *sete* mundos, ou os *sete* "dias" primordiais da criação.

"Hokhmah imola suas vítimas". Essas vítimas são as incontáveis forças da natureza que precisam "morrer" (consumir-se) *para que possam viver*, quando uma força morre, é apenas para dar nascimento a outra força, sua prole. Ela morre mas vive em sua criação, e ressuscita a cada *sétima* geração. Os servos de *Hokhmah*, ou sabedoria, são as almas de ha-Adão, pois nele estão todas as almas de Israel.

Há *doze* horas no dia, diz o *Mishnah*, e é durante essas horas que se realiza a criação do homem. Essa frase seria incompreensível se não tivéssemos Manu para nos ensinar que esse "dia" abrange as quatro eras do mundo e tem a duração de *doze* mil anos divinos dos Devas.

"Os Criadores (Elohim) moldaram na segunda" hora "o contorno de uma forma mais corpórea do homem. Eles o separaram em duas partes e deram formas distintas a cada um dos sexos. Foi assim que os Elohim procederam em relação a toda coisa criada." Todo peixe, ave, planta, animal e homem era andrógino nessa primeira hora."

CAPÍTULO X

MITO DO DEMÔNIO

A DOCTRINA DA CONDENAÇÃO ETERNA. (L. 4. pág. 113).

OS pregadores batistas reunidos em 09 de abril de 1877, na Capela dos Marinheiros, em Olver Street. Muitos missionários estrangeiros estavam presentes. O Rev. John W. Sarles, do Brooklin, leu um discurso, em que defendia a proposição de que *todo gentio adulto que morrer sem o conhecimento do Evangelho está condenado para toda a eternidade*. De outra maneira, argumentou o reverendo ensaísta, o Evangelho é uma maldição, em vez de uma bênção, os judeus que crucificaram Cristo obraram com justiça e toda a estrutura da religião revelada cai por terra.

"O Irmão Stoddart, um missionário da Índia, endossou as opiniões do pastor do Brooklin, dizendo que os hindus era grandes pecadores. Certa vez, depois de ter ele pregado num mercado público, um brâmane se acercou dele e lhe disse: `Nós, os hindus, podemos avantajá-los o mundo em mentiras, mas este homem nos vence. Como pode ele dizer que Deus nos ama? Olhai para as serpentes venenosas, os tigres, os leões e todas as espécies de animais perigosos que nos rodeiam. Se Deus nos ama, por que Ele não os afugenta?"

"O Reve. Sr. Pixley, de Hamilton, N. Y., aderiu entusiasticamente à doutrina do ensaio do Irmão Sarles e solicitou 5.000 dólares para o ensino de jovens aspirantes ao sacerdócio."

E esses homens - não diremos que ensinam a doutrina de Jesus, pois isso seria insultar a sua memória, mas - são *pagos* para ensinar a sua doutrina! Podemos nos espantar com o fato de que pessoas inteligentes preferam a aniquilação a um fê fundamentada numa doutrina tão monstruosa? Duvidamos que qualquer brâmane respeitável confessasse o vício da mentira - uma arte cultivada apenas naquelas regiões da Índia britânica onde se encontram os cristãos. Mas desafiamos qualquer homem honesto desse imenso mundo a dizer se ele acha que o brâmane estava longe da verdade ao afirmar, em relação ao missionário Stoddart, que "este homem nos vence" em mentiras. Que mais poderia ele dizer, se este pregava a eles a doutrina da *condenação eterna*, porque, na verdade, haviam passado suas vidas sem ler um livro judaico, de que nunca haviam ouvido falar, ou sem procurar a salvação num Cristo de cuja existência eles nunca haviam suspeitado! Mas o clero batista, que precisa de alguns milhares de dólares, há de recorrer a representações terroríficas para acender o coração de sua congregação.

A MORAL DO CRISTIANISMO MODERNO. (L. 4. pág. 114).

O novo credo, portanto, tão como possa parecer, incorpora a essência mesma da crença da Igreja, tal como inculcada por seus missionários. Consideram-se menos ímpio, menos infiel, duvidar da existência pessoal do Espírito Santo, ou da Divindade de Jesus, do que questionar a personalidade do Diabo. Mas, está quase esquecido um resumo do *Koheleth*.* Quem cita as palavras de ouro do profeta Miquéias, ou parece preocupar-se com a exposição da Lei, tal como foi ouvida do próprio Jesus? Toda a moral do Cristianismo moderno se resume no mandamento de "temer o Diabo". (* *Eclesiástico*, XII, 13: ver Lang, *Commentary on the Old Testament*, ed. por Tayler Lewis, Edimburgo, 1870, p. 199:

"A grande conclusão ouvi: Temei a Deus
E seus mandamentos guardai,
Pois tudo isto é do homem.")

O clero católico e alguns dos paladinos da Igreja romana brigam ainda mais pela existência de Satã e de seus diabretes. Se des Mousseaux afirma a realidade objetiva dos fenômenos espiritistas com um ardor tão inflexível é porque, em sua opinião, esses fenômenos são a prova mais evidente do Diabo em função. Ele é mais católico do que o Papa, e sua lógica e suas deduções de premissas infundadas e não estabelecidas são singulares e provam um vez mais que o credo oferecido por nós expressa com grande eloquência a crença católica.

"Se a Magia", diz ele, "fosse apenas uma quimera, teríamos que dar uma adeus eterno a todos os anjos rebeldes, que agora perturbam o mundo; pois, assim, *não haveria demônios aqui*. E, se *perdemos nossos demônios*, PERDEREMOS também O NOSSO SALVADOR. Pois de que nos redimiria o Redentor? Por conseguinte, não existiria o Cristianismo!"

O Diabo é o gênio protetor do Cristianismo teológico. Tão "santo e reverenciado é seu nome" na concepção moderna, que ele não pode, exceto ocasionalmente no púlpito, ser pronunciado para não ferir os

ouvidos dos fieis. Da mesma maneira, antigamente, não era lícito pronunciar os nomes sagrados ou repetir o jargão dos mistérios, exceto no claustro sagrado. Mas conhecemos os nomes dos deuses samotrácios e não podemos precisar o número dos Kabiri. Os egípcios consideravam blasfemo pronunciar o epíteto dos deuses de seus ritos secretos. E mesmo agora, o brâmane só pronuncia a sílaba *Om* em pensamento silencioso, como os rabinos, o Inefável Nome. Por essa razão, nós que não exercemos tal veneração, fomos levados à cincada da adulteração dos nomes de HISIR e YAVA, nos abusivos Osíris e Jeová. Uma fascinação similar promete muito mais, como se pode perceber, para reunir as designações da personagem obscura de que tratamos; e, no uso familiar, é bastante provável que choquemos as sensibilidades peculiares de muitas pessoas que consideram uma blasfêmia a simples menção dos nomes de Diabo - o pecado dos pecados, que "nunca terá perdão" (Marcos, III, 29: "Aquele que blasfemar contra o Espírito Santo nunca jamais terá perdão, mas estará em perigo de condenação eterna")

Faz alguns anos um amigo nosso escreveu um artigo de jornal para demonstrar que o *diabolos* ou Satã do *Novo Testamento* denota a personificação de uma idéia abstrata e não um ser pessoal. Foi contestado por um clérigo, que concluiu sua réplica com uma expressão depreciatória: "Temo que ele tenha negado seu Salvador". Na sua tréplica, nosso amigo afirmou: "Oh, não! só negamos o Diabo". Mas o clérigo não conseguiu perceber a diferença. Em sua concepção do assunto, a negação da existência objetiva pessoal do Diabo era "o pecado contra o Espírito Santo.

É tarde para esperar que o clero cristão refaça e emende sua obra. Há muita coisa em jogo. Se a Igreja cristã abandonasse ou mesmo modificasse o dogma de um diabo antropomórfico, isso equivaleria a empurrar a carta da base de um castelo de cartas. Toda a estrutura ruiria. Os clérigos a que aludimos percebem que, após a abdicação de Satã como um diabo pessoal, o dogma de Jesus Cristo como a segunda divindade de sua Trindade sofreria a mesma catástrofe. Por incrível, ou mesmo horrendo, que pareça, a Igreja romana baseia sua doutrina da divindade de Cristo inteiramente no satanismo do arcanjo caído. Temos o testemunho do Padre Ventura, que proclama a importância vital desse dogma dos católicos.

Muitas almas zelosas e ardorosas revoltaram-se contra o monstruoso dogma de João Calvino, o papinha de Genebra, para quem *o pecado é a causa necessária do maior bem*. Essa afirmação foi apoiada, no entanto, por uma lógica como a de des Mousseaux e ilustrada pelos mesmos dogmas. A execução de Jesus, o homem-deus, na cruz, foi o crime mais horrendo do universo e foi necessário para que a Humanidade - esses seres predestinados à vida eterna - pudesse ser salva. D'Aubigné cita o que Martinho Lutero extraiu do cânone e o faz exclamar, em enlevo extático: "*O beata culpa, qui talem meruisti redemptorem!*" "Ó pecado abençoado, que mereceste esse Redentor". Percebemos agora que o dogma que parecia tão monstruoso é, afinal, a doutrina do Papa, de Calvino e de Lutero - os três são apenas um.

Maomé e seus discípulos, que tinham Jesus em grande respeito com um profeta, observa Éliphas Lévi, costumavam pronunciar, quando falavam dos cristãos, as seguintes palavras: "Jesus de Nazaré era verdadeiramente um profeta de Alá e um grande homem -, mas eis que todos os seus discípulos um dia enlouqueceram e fizeram dele um deus".

Max Müller acrescentou benevolmente: "Foi um erro dos padres antigos tratar os deuses gentios como demônios do mal e devemos ter cuidado de não cometer o mesmo erro em relação aos deuses hindus".

Mas Satã nos é apresentado como o arrimo e o esteio do sacerdotalismo - um Atlas, que sustenta em seus ombros o céu e o cosmo cristão. Se ele cair, então, em sua concepção, tudo estará perdido e voltará ao caos.

O DOGMA DO DIABO E DA REDENÇÃO. (L. 4. pág. 117).

Esse dogma do Diabo e da redenção parece ter sido baseado em duas passagens do *Novo Testamento*: "Para destruir as obras do Diabo é que o Filho de Deus veio ao mundo". "E então houve no céu uma guerra; Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e o Dragão com os seus anjos pelejavam e não prevaleceram; nem o seu lugar se achou mais no céu. E foi banido o grande Dragão, aquela velha serpente, chamada Diabo e Satã, que seduz a todo o mundo". Que nos seja permitido, então, explorar as teogonias antigas, a fim de verificar o que significavam essas expressões notáveis.

A primeira indagação refere-se ao fato de saber se o termo *Diabo*, tal como usado aqui, representa atualmente a maligna Divindade dos cristãos, ou uma força antagonica, cega - o lado escuro da Natureza. Com esta última expressão não queremos dizer que a manifestação de qualquer princípio do mal é *malum in se*, mas apenas a sombra da Luz, por assim dizer. As teorias dos cabalistas tratam dela como uma força que é antagonica, mas ao mesmo tempo essencial para a vitalidade, a evolução e o vigor do princípio do bem. As plantas poderiam perecer em seu primeiro estágio de existência se fossem exposta a um luz solar constante; a noite que alterna com o dia é essencial ao seu crescimento saudável e ao seu desenvolvimento. O bem, da

mesma maneira, deixaria rapidamente de sê-lo se não alternasse com seu oposto. Na natureza humana, o mal denota o antagonismo da matéria com o que é espiritual, e assim eles se purificam mutuamente. No cosmos, o equilíbrio deve ser preservado; a operação dos dois contrários produz a harmonia, tais como as forças centrípeta e centrífuga, e uma é necessária à outra. Se um delas cessar, a ação da outra se tornará destrutiva imediatamente.

A personificação denominada *Satã*, deve ser contemplada de três planos diferentes: o *Velho Testamento*, os padres cristãos e a antiga atitude gentia. Supõe-se que ele fosse representado pela Serpente do Jardim do Éden; não obstante, o epíteto de Satã não se aplica, em nenhum dos escritos sagrados hebraicos, nem a essa, nem a qualquer outra variedade de ofídios. A Serpente de Bronze foi adorada pelos israelitas como um deus, porque era o símbolo de Esmun-Asklepius, o Iao fenício. Na verdade, o caráter do próprio Satã é apresentado no Primeiro Livro de *Crônicas*, instigando Davi a contar o povo israelita, um ato depois declarado como tendo sido ordenado pelo próprio Jeová a inferência inevitável é a de que os dois, Satã e Jeová, eram tidos como idênticos.

Nas profecias de *Zacarias* encontra-se outra menção a Satã. Esse livro foi escrito num período posterior à colonização da Palestina e, por essa razão, pode-se supor que os assídeos devem ter trazido diretamente do Oriente essa personificação. É bastante conhecido o fato de que esse corpo de sectários estava profundamente imbuído das noções mazdeístas e que representava Ahriman ou Angra-Mainyur pelos deuses-nomes da Síria. Set ou Set-an, o deus dos hititas e dos hicsos, e Beel-Zebub, o oráculo-deus, mais tarde o Apolo grego. O profeta iniciou os seus trabalhos na Judéia, no segundo ano de Darius Hystaspes, o restaurador da adoração mazdeísta. Eis como ele descreve o encontro com Satã: "Depois mostrou-me o Senhor o sumo-sacerdote Jesus, que estava diante do anjo do Senhor, e Satã estava à sua direita para ser seu adversário. E o Senhor disse a Satã "O Senhor te reprima, ó Satã; e reprima o Senhor, que elegeu a Jerusalém! Acaso não é este um tição que foi tirado ao fogo?"

Percebemos que essa passagem, que citamos, é simbólica. Há duas alusões no *Novo Testamento* que indicam que assim deve ser. A *Espístola Católica de Judas* refere-se a isso com os seguintes termos: "Quando o arcanjo Miguel, disputando com o Diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não se atreveu a fulminar-lhe a sentença de blasfemo, mas disse 'O Senhor te reprima'". Vemos aqui o arcanjo Miguel mencionado como idêntico ao Senhor, ou anjo do Senhor, da citação anterior, e demonstra-se assim que o Jeová hebraico tem um caráter duplo, o secreto e o manifestado como o anjo do Senhor, ou o arcanjo Miguel. Uma comparação entre essas duas passagens deixa claro que "o corpo de Moisés" sobre o qual alternavam era a Palestina, que, como "a terra dos hititas", era o domínio peculiar de Seth, seu deus tutelar. Miguel, o paladino da adoração de Jeová, lutou com o Diabo ou Adversário, mas deixou o julgamento ao seu superior.

Belial, não deve ser considerado, nem como deus, nem como diabo. O termo BELIAL, é definido nos léxicos hebraicos como destruição, assolamento, esterilidade; a frase AISH-BELIAL ou homem-Belial significa um homem destruidor, daninho. Se Belial deve ser personificado para agradar nossos amigos religiosos, seríamos obrigados a fazê-lo distinto de Satã e a considera-lo como uma espécie de *Diakka* espiritual. Os demonógrafos, todavia, que enumeram nove ordens distintas de *daimonia*, fazem-no chefe da terceira classe - um conjunto de duendes, nocivos e imprestáveis.

Asmodeu tem origem puramente presa, não é nenhum espírito judaico. Bréal, autor de *Hercule et Cacus*, mostra que ele é o Eshem-daêva, o espírito maligno da concupiscência, de quem Max Müller nos diz ser "mencionado muitas vezes no *Avesta* como um dos *devas*", originalmente deuses, que se tornaram espíritos do mal.

Samuel é Satã; mas Bryant e outras autoridades demonstram ser ele o nome de *Simoom* - o verbo do deserto, e o *Simmom* é chamado Atabul-os ou Diabolos.

Plutarco observa que por Typhon se deve entender alguma coisa violenta, ingovernável e desregrada. O transbordamento do Nilo era chamado pelos egípcios de Typhon. O Baixo Egito é muito plano e quaisquer morretes erguidos ao longo do rio para evitar as inundações freqüentes eram chamados Typhonian ou *Taphos*; aí, a origem de Typhon. Plutarco, que era um grego rígido, ortodoxo, e que nunca foi conhecido como alguém que olhasse egípcios com muita simpatia, testemunha em seu *Ísis e Osíris* que, longe de adorarem o diabo (de que os cristãos os acusam), os egípcios mais desprezavam do que temiam Typhon. No seu símbolo de poder oposto e obstinado da natureza, acreditavam fosse ele uma divindade pobre, batida, semimorta. Assim, mesmo naquela remotíssima era, já havia *pessoas ilustradas o bastante para não acreditarem num diabo pessoal*. Como Typhon era representado em um de seus símbolos sob a figura de um asno, no festival dos sacrifícios em honra do sol, os sacerdotes egípcios exortavam os adoradores fiéis a não vestirem ornamentos de ouro sobre seus corpos para não alimentar com eles o *asno*!

PLATÃO EXPRESSA SUA OPINIÃO A RESPEITO DO MAL. (L. 4. pág. 119).

Três séculos e meio antes de Cristo, Platão expressou sua opinião a respeito do mal dizendo que "existe na matéria uma força cega, refratária, que resiste à vontade do Grande Artífice". Essa força cega, sob o influxo cristão, tornou-se fidedigna: foi transformada em Satã!

Sua identidade com Thyphon não pode ser posta em dúvida se lê o relato de *Jó* a respeito de sua semelhança com os filhos de Deus, diante do Senhor. Ele acusa Jó de ser capaz de maldizer o Senhor, após suficiente provocação. Assim também Typhon, no *Livros dos Mortos egípcio*, figura como acusador. A semelhança estende-se até os nomes, pois uma das designações de Typhon era *Seth*, ou *Set*; como *Shatan*, em hebraico, significa adversário. Em árabe, a palavra é *Shâtana* - ser adverso - perseguir - e Manetho diz que assassinou traiçoeiramente Osíris, em cumplicidade com os semitas (os israelitas). Este fato pode ter dado origem à fábula narrada por Plutarco, segundo a qual, na luta entre Hórus e Typhon, Typhon, com medo da maldade que cometera, fugiu por sete dias em um asno e, escapando, gerou os meninos Hierosolymus e Judaeus (Jerusalém e Judéia).

O Professor Reuvens refere-se a uma invocação a Typhon-Seth, e Epifânio diz que os egípcios adoravam Typhon sob a forma de um asno, ao passo que, de acordo com Busen, Seth "surgia gradualmente entre os semitas como pano de fundo de sua consciência religiosa". O nome de asno em copta, AO, é uma variante fonética de IAÔ, e assim o animal tornou-se um trocadilho-símbolo. Assim, Satã é uma criação posterior, nascida da fantasia ardente dos padres da Igreja. Por um revés da sorte, a que os deuses estão tão sujeitos quanto os mortais, Typhon-Seth caiu das alturas eminentes de filho deificado de Adão-Cadmo para a posição degradante de um espírito subalterno, um demônio mítico - um asno. Os cismas religiosos são tão poucos isentos de mesquinhez frágil e dos sentimentos vingativos da Humanidade quanto às querelas sectárias dos leigos. Prova desse fato nos é oferecida pela reforma zoroastriana, quando o Magismo se separou da velha crença dos brâmanes. Os brilhantes *devas* do *Veda* tornou-se, sob a reforma religiosa de Zoroastro, *devas*, ou espíritos do mal do *Avesta*. Até mesmo Indra, o deus luminoso, foi enviado às trevas para ser substituído, com uma luz mais brilhante, por Ahura-Mazda, a Divindade Sábia e Suprema.

A VENERAÇÃO DA SERPENTE. (L. 4. pág. 119).

A estranha veneração que os ofitas dedicavam à serpente que representava Cristos se tornará menos perplexa se os estudiosos lembrarem de que em todas as épocas a serpente foi o símbolo da sabedoria divina que mata para fazer ressurgir, destrói para melhor reconstruir. Moisés era descendente de Levi, uma tribo-serpente. Gautama Buddha pertence a uma linhagem-serpente, através da dinastia Nâga (serpente) e reis que reinou no Magadha. Hermes, ou o deus Tautos (Thoth), em seu símbolo-serpente, é Têt; e, de acordo com as lendasofitas, Jesus ou Cristos nasceu de uma serpente (sabedoria divina, ou Espírito Santo), isto é, tornou-se um filho de Deus por meio de sua iniciação na "Ciência da Serpente". Vishnu, idêntico ao egípcio Kneph, repousa sobre a serpente celestial de *sete* cabeças.

O dragão vermelho ou ígneo dos tempos antigos era a insígnia dos assírios. Ciro adotou-a deles, quando a Pérsia se apoderou do seu país. Os romanos e os bizantinos foram os próximos a assumi-la; e então o "grande dragão vermelho", além de ser o símbolo da Babilônia e de Nínive, tornou-se o de Roma.

A tentação, ou provocação, de Jesus é, todavia, a ocasião mais dramática em que surge Satã. Como que para provar a designação de Apolo-Esculápio e Baco, [como] *Diabolos*, ou filho de Zeus, ele também é chamado de *Diabolos*, ou acusador. A cena da provação foi o ermo. O deserto entre o Jordão e o Mar Morto era a morada dos "filhos dos profetas" e dos essênios. Estes ascetas costumavam sujeitar seus neófitos a provocações, análogas às *torturas* dos ritos mitricos, e a tentação de Jesus foi evidentemente uma cena dessa índole. Por essa razão, afirma-se no *Evangelho segundo São Lucas* [IV, 13, 14] que "o Diabolos, tendo completado a provação, deixou-o por tempo específico; e voltou Jesus em virtude do Espírito para a Galiléia. Mas o Diabo, neste exemplo, não é evidentemente nenhum princípio maligno, senão o princípio que exerce a disciplina. Os termos Diabo e Satã são empregados repetidas vezes neste sentido. (Ver 1 Coríntios, V, 2; 2 Coríntios, XI, 14; 1 Timóteo, I, 20). Assim, quando Paulo estava propenso a um júbilo excessivo em virtude da abundância de revelações ou descobertas epópticas, foi-lhe dado "na carne, um estímulo, o anjo de Satanás", para o esbofetear. (2 Coríntios, XII, 7. Números, XXII, 22, o anjo do Senhor é descrito como desempenhando o papel de um Satã a Balaam).

A HISTÓRIA DE SATÃ NO LIVRO DE JÓ. (L. 4. pág. 120).

A história de Satã, no *Livro de Jó*, tem um caráter familiar. Ele é introduzido como um dos "Filhos de Deus", que se apresentam diante do Senhor como numa iniciação mística.

Em todas estas cenas não se manifesta nenhum diabolismo que se supõe caracterizar o "adversário das almas".

É opinião de alguns escritores de mérito e erudição que o Satã do livro de *Jó* é um mito judaico, que contém a doutrina mazdeísta do Princípio do Mal. O Dr. Haug observa que "a religião zoroastriana apresenta uma afinidade muito estreita ou antes uma identidade, com muitas doutrinas importantes da religião mosaica e o cristianismo, tais como a personalidade e os atributos do diabo e a ressurreição dos mortos". A batalha do *Apocalipse* entre Miguel e o Dragão pode ser remontada, com igual facilidade, aos mitos mais antigos dos arianos. No *Avesta*, lemos sobre a luta entre *Thraêtaoma* e *Azhi-Dahâka*, a serpente destruidora. Burnouf esforçou-se por demonstrar que o mito védico de Ahi, ou a serpente, que lutou contra os deuses, foi gradualmente evemerizado, na "batalha de um homem peidoso contra o poder do mal", na religião mazdeísta. Segundo essas interpretações, Satã seria idêntico a Zohâk ou Azhi-Dahâka, que é uma serpente de três cabeças, uma das quais é humana.

De acordo com Josefo, os hicsos foram os ancestrais dos israelitas. Esse fato é, sem dúvida, substancialmente verdadeiro. As *Escrituras* hebraicas, que contam uma história um pouco diferente, foram escritas num período posterior e sofreram várias revisões antes que fossem promulgadas com qualquer grau de publicidade. Typhon tornou-se odioso no Egito e os pastores, "uma abominação". "No curso da vigésima dinastia foi tratado repentinamente como um demônio do mal, além de suas efigies e nome terem sido obliterados em todos os monumentos e em todas as inscrições onde haviam sido gravados".

A PROPENSÃO DE EVEMERIZAR OS DEUSES EM HOMENS. (L. 4. pág. 121).

Em todas as épocas, existiu a propensão de se evemerizar os deuses em homens. Mencionam-se túmulos de Zeus, Apolo, Hércules e Baco para demonstrar que eles foram originalmente apenas seres mortais. Sem, Cam, e Jafé são as personificações respectivas das divindades Shamas, da Assíria, Kham, do Egito, e Iapetes, o Titã. Seth era deus dos hicsos, Enoch, ou Inaco, dos argivos; e Abarão, Isaac e Judá têm sido comparados a Brahmâ, Ikshvaku e Yadu, do panteão hindu. Typhon caiu da divindade para a diabolicidade, tanto no seu caráter próprio de irmão de Osíris quando no Seth, o Satã da Ásia. Apolo, o deus do dia, tornou-se, na sua roupagem fenícia mais antiga, não mais Baal-Zebul, o Oráculo-deus, mas o príncipe dos demônios e finalmente o senhor do mundo subterrâneo. A separação do mazdeísmo, do vedismo, transformou os *devas*, ou deuses, em potências do mal. Indra, também, subordina-se a Ahriman na *Vendidad*, criado por ele com material extraído das trevas, junto com Shiva (Sûrya) e os dois Aswins. Até mesmo Jahi é o demônio da Luxúria - provavelmente idêntico a Indra.

As muitas tribos e nações tinham seus deuses tutelares e avaliavam os dos povos inimigos. A transformação de Typhon, Satã e Belzebus tem esse caráter. De fato, Tertuliano fala de Mithra, o deus dos Mistérios, como um diabo.

No capítulo doze [9,11] do *Apocalipse*, Miguel e seus anjos venceram o Dragão e seus anjos: "e o Grande Dragão foi precipitado na Terra, aquela Serpente Antiga, chamada Diabolos e Satã, que seduz a todo o mundo". E em seguida: "E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro". O Cordeiro, ou Cristo, tinha de descer ao inferno, o mundo dos mortos, e permanecer ali durante três dias antes de subjugar o inimigo, sendo o mito.

Miguel foi denominado pelos cabalistas e pelos gnósticos de "o Salvador", o anjo do Sol e o anjo da Luz. Ele era o primeiro dos Aeons (Espíritos Estelares) e bastante conhecidos dos antiquários como o "anjo desconhecido" representado nos amuletos gnósticos

O autor do *Apocalipse*, se não era um cabalista, deve ter sido um gnóstico. Miguel não foi uma personagem original de sua revelação (*epopteia*), mas o Salvador e Matador-do-dragão. As investigações arqueológicas o têm indicado como idêntico a Anubis, cuja efigie foi descoberta recentemente num monumento egípcio, com uma couraça e uma lança, no ato de matar o dragão que possui a cabeça e a cauda de uma serpente.

O estudioso de Lepsius, Champollion e outros egiptólogos reconhecerão imediatamente que Ísis é a "mulher com a criança", "vestida de Sol e com a Lua a seus pés", que o "grande Dragão feroz" perseguiu e a quem "foram dadas duas asas da Grande Águia de modo que pudesse fugir para o deserto". Typhon tinha a pele vermelha.

Os Dois Irmãos, os Príncipes do Bem e do Mal, aparecem nos mitos da *Bíblia*, bem como nos dos gentios, e assim temos Caim e Abel, Typhon e Osíris, Esaú e Jacó, Apolo e Píton, etc. Esaú ou Osu é representado, quando nascido, como "todo vermelho como uma veste felpuda". Ele é o Typhon ou Satã, que se opõe aos seu irmão.

Desde a mais remota antiguidade, a serpente foi venerada por todos os povos como a incorporação da sabedoria divina e como o símbolo do espírito e sabemos por Sanchoniathon que foi Hermes Thoth o primeiro

a considerar a serpente como "o mais espiritual de todos os répteis"; e a serpente gnóstica como as sete vogais sobre a cabeça não é senão uma cópia de Ananta, a serpente de sete cabeças sobre a qual repousa Vishnu.

A LENDA DO DRAGÃO SOB VÁRIOS ASPECTOS. (L. 4. pág. 123).

Na mitologia hindu, Vasuki, o Grande Dragão, cospe contra *Durgâ* um fluido venenoso que se estende por sobre a terra, mas, seu consorte, Shiva, faz a terra abrir sua boca para suga-lo.

Assim, o drama místico da virgem celestial perseguida pelo dragão que quer devorar seu filho não foi visualizado nas constelações do céu, como já foi mencionado, mas também foi representado na adoração secreta dos templos. Era o mistério do deus Sol e foi inscrito numa imagem negra de Ísis.

O menino Divino foi caçado pelo cruel Typhon. Na lenda egípcia, o Dragão persegue Thuêris (Ísis), enquanto esta tenta proteger seu filho. Ovídio descreve Dione (a consorte de Zeus pedágio original, e mãe de Vênus) a fugir de Typhon para o Eufrates, identificando assim o mito como pertencente a todos os países em que os mistérios eram celebrados. Virgílio canta a vitória:

"Salve, querido filho dos deuses, grande filho de Jove!
Recebi a suma honra; os tempos se avizinham;
A serpente morrerá!"

Alexandre Magno, alquimista e estudioso de ciências ocultas, bem como bispo da Igreja Católica Romana, declarou, entusiasmado pela astrologia, que o signo zodiacal da virgem celestial eleva-se acima do horizonte no vigésimo quinto dia do mês de dezembro, no momento assinalado pela Igreja para o nascimento do Salvador.

O signo e o mito da mãe e do filho eram conhecidos milhares de anos antes da era cristã. O drama dos Mistérios de Demeter representa Perséfone, sua filha, raptada por Plutão ou Hades para o mundo dos mortos; e quanto a mãe finalmente a descobre lá, foi instalada como rainha do reino das Trevas. Esse mito foi transcrito pela Igreja na lenda de Sant'Anna indo em busca de sua filha Maria, que fora levada por José para o Egito. Perséfone é descrita com duas espigas de trigo na mão; assim também Maria, nas imagens antigas; assim também a Virgem Celestial da constelação. Albumazar, o árabe, indica a identidade de muitos mitos da seguinte maneira:

"No primeiro decano da Virgem nasce uma donzela, chamada em árabe Aderenosa [Ardhhanâri?], isto é, virgem pura imaculada, a graça em pessoa, encantadora na postura, modesta no hábito, cabeleira flutuante, segurando em suas mãos duas espigas de trigo, sentada sobre um trono bordado, amamentando um menino eu alimentando-o justamente num lugar chamado Hebréia; um menino, quero dizer, chamado Iessus por determinadas nações, que significa Issa, a quem chamam também de Cristo em grego".

Por essa época, as idéias gregas, asiáticas e egípcias haviam sofrido uma transformação notável. Os Mistérios de Diôniso-Sabazius haviam sido substituídos pelo rito de Mithra, cujas "cavernas" sucederam as criptas do deus antigo da Babilônia à Bretanha. Serapis, ou Sri-Apa, do Ponto, usurpara o lugar a Osíris. O rei do Indostão Oriental, Asoka, abraçara a religião de Siddhârtha e enviara missionários à Grécia, à Ásia, à Síria e ao Egito para promulgar o evangelho da sabedoria. Os essênios da Judéia e da Arábia, os terapeutas do Egito e os pitagóricos da Grécia e da Magna Grécia eram evidentemente adeptos do novo credo. As lendas de Gautama sucederam os mitos de Hórus, Anubis, Adónis, Atys e Baco. Foram incorporados aos mistérios e aos Evangelhos e a eles devemos a literatura conhecida como os *Evangelhos e o Novo Testamento Apócrifo*. Foram guardados pelos ebionitas, nazarenos e outras seitas como livros sagrados, que podiam "mostrar apenas aos sábios"; e foram preservados até que a influência ofuscante da política eclesiástica romana os arrematasse.

Quando o sumo sacerdote Hilkiah encontrou o *Livro da lei, os Purânas* (Escrituras) hindus eram conhecidos dos assírios. Os assírios haviam dominado durante muito tempo a região compreendida entre o Helesponto e o Indo e talvez tenham empurrado os arianos da Bactriana para o Puñhab. O *Livro da lei* parece ter sido um *purâna*. "Os brâmanes cultos", diz William Jones, "pretendem que as seguintes cinco condições devam constituir um *purâna* verdadeiro:

"1ª. Tratar da criação da matéria em geral.

"2ª. Tratar da criação ou produção de material secundário e dos seres espirituais.

"3ª. Fornecer um resumo cronológico dos grandes períodos de tempo.

"4ª. Fornecer um resumo genealógico das famílias principais que reinaram sobre o país.

"5ª. Finalmente, fornecer a história de algum grande homem em particular."

É indubitável que quem quer que tenha escrito o *Pentateuco* se sujeitou a essas condições, bem como aqueles que escreveram o *Novo Testamento* estavam muito bem familiarizados com a adoração ritualista

budista, com as lendas e as doutrinas por meio dos missionários budistas que se contavam em grande número, naquela época, na Palestina e na Grécia.

Mas “nem Diabo, nem Cristo”. Este é o dogma básico da Igreja. Devemos perseguir os dois ao mesmo tempo. Há uma conexão misteriosa entre os dois, mais estreita do que talvez se supunha, que leva à identidade. Se aproximarmos os filhos míticos de Deus, todos aqueles que eram considerados como os “primogênitos”, eles se harmonizarão e se fundirão nesse caráter dual. Adão-Cadmo desdobra-se da sabedoria conceptiva espiritual em criativa, que desenvolve a *matéria*. O Adão feito de barro é o filho de Deus e Satã; e Satã também é um filho de Deus, de acordo com Jó.

AS ALEGORIAS DO LIVRO DE JÓ. (L. 4. pág. 125).

A alegoria de Jó, que já foi citada, se corretamente entendida, nos dá a chave para todo esse assunto do Diabo, sua natureza e seu ofício, e substancia nossas declarações. Que nenhum indivíduo piedoso se alarme com essa designação de alegoria. O mito era o método favorito e universal de ensinar nos tempos arcaicos. Paulo, escrevendo aos Coríntios, declara que toda a história de Moisés e dos israelitas era típica; e na sua *Epístola dos Gálatas* afirma que toda a história de Abraão, suas duas esposas e seus filhos era uma alegoria. De fato, segundo toda probabilidade, que raia à certeza, os livros históricos do *Velho Testamento* tinham o mesmo caráter. Não tomamos liberdade extraordinária com o *Livro de Jó*, quando damos a ele a mesma designação que Paulo dá às histórias de Abraão e Moisés.

Mas devemos, talvez, explicar o uso antigo da alegoria e da simbologia. A veracidade da primeira devia ser deduzida; o símbolo expressava alguma qualidade abstrata da Divindade, que os leigos podiam apreender facilmente. Seu sentido superior terminava aí e era empregado pela multidão, portanto, como uma imagem a ser utilizada em ritos idólatras. Mas a alegoria foi reservada para o santuário interior, onde só os eleitos eram admitidos. Donde a resposta de Jesus, quando os seus discípulos o interrogaram em virtude de ele ter falado à multidão por meio de parábolas. "A vós outros", disse ele, "vos é dado saber os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes é concedido. Porque ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado". Nos mistérios menores, lavava-se uma porca para exemplificar a purificação de neófito; a sua volta à lama indicava a natureza superficial da obra que fora realizada.

"O Mito é o pensamento não-manifestado da alma. O traço característico do mito é converter a reflexão em história (uma forma histórica). Como na epopéia, também no mito predomina o elemento histórico. Os fatos (os eventos externos) constituem freqüentemente a base do mito e neles se entrecem as idéias religiosas."

Toda a alegoria de Jó é um livro aberto para quem compreende a linguagem pictórica do Egito, tal como ela está registrada no *Livro dos mortos*. Na Cena do Julgamento, Osíris aparece sentado em seu trono, segurando em uma das mãos o símbolo da vida, "o garfo da atração", e, na outra, o leque báquico místico. Diante dele estão os filhos de Deus, os quarenta e dois assessores dos mortos. Um altar está imediatamente diante do trono, coberto de oferendas e rematado pela flor do lótus sagrado, sobre a qual se podem ver quatro espírito. Na porta de entrada, permanece a alma que está prestes a ser julgada, a quem Thmei, o gênio da Verdade, está recebendo a conclusão da provação. Thoth, segurando um junco, registra os procedimentos no Livro da Vida. Hórus e Anubis, diante da balança, inspecionam o peso que determina se o coração do morto equilibra ou não o símbolo da verdade. Num pedestal está um prostituta - o símbolo do Acusador.



A figura, mostra a Câmara de julgamentos de Asar (Osíris) - “A passagem do coração”.

A iniciação nos mistérios, como todas as pessoas inteligentes sabem, era uma representação dramática das cenas do mundo subterrâneo. Assim se desenvolve a alegoria de Jó.

Vários críticos têm atribuído a autoria desse livro a Moisés. Mas ele é mais antigo do que o *Pentateuco*. Jeová não é mencionado no poema; e, se o nome ocorre no prólogo, esse fato deve ser atribuído ou a um erro dos tradutores, ou à premeditação exigida pela necessidade posterior de transformar o politeísmo numa religião monoteísta. Adotou-se o plano muito simples de atribuir os mitos nomes de Elohim (deuses) a um único deus. Assim, em um dos mais antigos dos textos hebraicos de Jó (no cap. XII, 9), ocorre o nome de Jeová, ao passo que todos os outros manuscritos apresentam "Adonai". Mas Jeová está ausente do poema original. Em lugar desse nome encontramos *Al, Aleim, Ale, Shaddai, Adonai*, etc. Portanto, devemos concluir que ou o prólogo e o epílogo foram acrescentados num período posterior, o que é inadmissível por muitas razões, ou o texto foi adulterado, como o restante dos manuscritos. Assim, não encontramos nesse poema arcaico nenhuma menção à Instituição

Sabática; mas um grande número de referência ao número sagrado sete, do qual falaremos adiante, e uma discussão aberta o sabatismo, a adoração dos corpos celestes que prevalecia, naquela época, na Arábia. Satã é chamado no texto de um "Filho de Deus", membro do conselho que se apresenta diante de Deus, a quem induz a tentar a fidelidade de Jó. Nesse poema, mais claramente do que em qualquer outro lugar, vemos corroborado o significado da denominação Satã. É um termo para o ofício ou o caráter de *acusador público*. Satã é o Typhon dos egípcios, que grita suas acusações no Amenti; um ofício tão respeitável quanto o do promotor público em nossa época; e se, apesar da ignorância dos primeiros cristãos, ele se tornou posteriormente idêntico ao Diabo, isso não se faz com a sua convivência.



Na figura mostra a Cena Final na Câmara de Julgamentos - Hórus levando Ani até Osíris.

O *Livro de Jó* é uma representação completa da iniciação antiga e das provas que geralmente precedeu tão agusta cerimônia. O neófito se vê privado de tudo a que dava valor e afligido por uma doença abominável. Sua esposa o exorta a amaldiçoar Deus e a morrer; não há mais esperança para ele. Três amigos aparecem em cena para visitá-lo; Elifaz, o temanita culto, pleno do conhecimento "que os sábios receberam dos seus pais (...) as únicas pessoas a quem a terra foi dada"; Baldad, o conservador, que toma as coisas como elas vêm e que opina que a aflição de Jó é consequência de suas culpas; o Sofar, inteligente e habilidoso em "generalidades", mas de sabedoria superficial. Jó responde corajosamente: "Se eu errei, meu erro ficará comigo. Vós vos engrandeceis e me argüis com as minhas calamidades; mas foi Deus quem me aniquilou. (...) Por que me perseguis e não estais satisfeitos com minha carne destruída? Mas eu sei que meu Paladino vive e que num dia futuro ficará no meu lugar; e embora minha pele e tudo que a rodeia sejam destruídos, mesmo sem minha carne eu verei Deus. (...) Vós direis: 'Por que o molestamos?', pois a raiz da matéria está em mim!"

Essa passagem, como todas as outras em que se poderia encontrar alusões mais tênues a um "Paladino", "Libertador" ou "Vindicador", foi interpretada como uma referência direta ao Messias; além disso, esse versículo está traduzido da seguinte maneira nos *Septuaginta*:

"Pois eu sei que é eterno
Aquele que há de me libertar na Terra
Para restaurar esta minha pele que sofre estes males" etc.

Na versão do rei James, como foi traduzida, ela não guarda semelhança alguma com o original. Tradutores artificiosos deram "Eu sei que *meu Redentor viverá*", etc. E os *Septuaginta*, a *Vulgata* e o original hebraico devem ser considerados como a inspirada Palavra de Deus. Jó refere-se a seu próprio espírito *imortal* que é eterno e que, quando viu a morte, o libertará desse pútrido corpo terreno e o vestirá com um novo revestimento espiritual. Nos *Mistérios báquicos e eleusinos*, no *Livro dos mortos* egípcios e em todas as outras que tratam de assuntos ligados à iniciação, esse "ser eterno" tem um nome. Para os neoplatônicos era o *Nous*, o *Augoeides*; para os budistas é *Agra*; e, para os persas, *Feroher*. Todos eles são chamados de "Libertadores", "Paladinos", "Metatrons", etc. Nas esculturas míticas da Pérsia, o *feroher* é representado por uma figura alada que voe no ar sobre seu "objeto" ou corpo. É o Eu luminoso - o Átman dos hindus, nosso espírito imortal, o único que pode redimir nossa alma, e o fará, se o seguirmos em vez de sermos arrastados pelo nosso corpo. Portanto, nos textos caldaicos, lê-se "Meu *libertador*, *meu restaurador*", isto é, o Espírito que restaurará o corpo decaído do homem e o transformará numa vestimenta de éter. E é esse *nous*, *augoeides*, *Feroher*, *Agra*, Espírito dele mesmo, que o triunfante Jó verá sem sua carne - isto é, quando tiver escapado da sua prisão corporal -, e ao qual os tradutores chamam "Deus".

Não só existe a mínima alusão no poema de Jó a Cristo, como também se provou que todas as versões feitas por tradutores diferentes, que concordam com a do rei James, foram escritas com base em Jerônimo, que tomou estranhas liberdades em sua *Vulgata*. Ele foi o primeiro a enxertar no texto esse versículo de sua própria criação:

"Eu sei que meu Remidor vive,
E que no último dia eu me erguerei da terra,
E serei novamente recoberto de minha pele,
E em minha carne verei meu Deus".

Tudo o que lhe deve ter parecido uma boa razão para crer que *ele o sabia*, mas que outros *não* sabiam, e que, além disso, encontravam no texto uma idéia bastante diferente - isso só prova que Jerônimo decidira, com mais uma interpolação, reforçar o dogma de uma ressurreição "no último dia", e com a mesma pele e os mesmos ossos que possuía na terra. Trata-se na verdade de uma agradável perspectiva de "restauração". Por que não ressuscitar também com as mesmas roupas com que o corpo morre?

E como poderia o autor do *Livro de Jó* saber algo do *Novo Testamento* quando ignorava o *Velho*? Há uma ausência total de alusões a qualquer um dos patriarcas; foi sem dúvida obra de um *Iniciado*, pois que uma das três filhas de Jó recebeu um nome mitológico decididamente "pagão". O nome *Keren happuch* é traduzido de varas maneiras. Na *Vulgata* tem "chifres de antimônio"; e em LXX tem "chifre de Amalthea", a preceptora de Júpiter e uma das constelações, emblema de "chifre da plenitude". A presença no *Septuaginta* dessa heroína de fábula pagã mostra a ignorância dos transcritores em relação ao seu significado, bem como da origem esotérica do *Livro de Jó*.

Em vez de oferecer consolo, os três amigos do sofrido Jó tentam fazê-lo acreditar que merece sua desventura como uma punição por algumas transgressões extraordinárias que praticou. Respondendo veementemente a todas essas imputações, Jó jura que, enquanto tiver alento, manterá a sua causa.

Os três haviam tentado confundir Jó com alegações e argumentos gerais e ele lhes solicitou uma consideração dos seus atos específicos. Então surgiu o quarto: Eliú, o filho de Baraqueel, o buzita, da estirpe de Ram.

Eliú é o filho do hierofante; começa com uma repreensão e os sofisma de Jó se desvanecem com a areia que o vento do oeste leva.

"E Eliú filho de Baraqueel, disse: `Os grandes homens nem sempre são sábios (...) *há* um espírito no homem; *o espírito que está em mim* me constrange. (...) Deus fala uma vez, uma segunda, *embora o homem não perceba*. Num sonho; numa visão noturna, quando o sono profundo cai sobre o homem, em cochilos na cama; então ele abre os olhos dos homens e lhes dá suas instruções. Ó Jó, ouve-me; cala-te e eu te ensinarei a SABEDORIA."

E Jó diante das falácias dogmáticas de seus três amigos, no amargor do deserto, exclama: "Não há dúvida de que vós sóis *o* povo e a sabedoria morrerá convosco. (...) Todos vós sóis uns consoladores miseráveis. (...) Certamente falarei ao Todo-poderoso e com Deus desejo conversar. Mas vós sóis os que forjam as mentiras, vós sóis médicos de nenhum valor!" O devorado pelas chagas, o Jó que recebera as visitas e que para o clero oficial - que não oferecia outra esperança senão a condenação eterna - havia em seu desespero vacilado em sua fé paciente, respondeu: "Isso que vós sabeis, também eu sei *a mesma coisa*; não sou inferior a vós. (...) O homem que como flor cai e é pisado foge como a sombra e *jamaís permanece num mesmo estado*. (...) Quando o homem morrer, despojado que seja e consumido, *onde estará ele?* (...) Se um homem morrer, ele *viverá* novamente? (...) Quando se passarem alguns anos, então seguirei um caminho *de onde* não poderei retornar. (...) Oxalá se fizera o juízo entre Deus e o homem, como se faz o de um filho do homem com o seu vizinho!" Jó encontra alguém que responde ao seu grito de agonia. Ouve a SABEDORIA de Eliú, o hierofante, o mestre perfeito, o filósofo inspirado. De seus lábios rígidos brota a representação justa da impiedade de ter censurado o Ser SUPREMO pelos males da Humanidade. "Deus", diz Eliú, "é excelente em poder e em julgamento de justiça. *ELE não condenará*".

Enquanto o neófito se satisfazia com sua própria sabedoria mundana e irreverente compreensão da Divindade e Seus desígnios e enquanto dava ouvidos às sofisticarias perniciosas dos seus conselheiros, o hierofante se mantinha calado. Mas, quando essa mente ansiosa estava pronta para os conselhos e as instruções, sua voz se fez ouvir e ele fala com a autoridade do Espírito de Deus que o "constrange": "Certamente Deus não ouvirá *em vão*, nem o Todo-poderoso verá as causas de cada um. (...) Ele não respeitará aqueles que se dão por sábios".

Magnífica lição para o pregador da moda, que "multiplica palavras sem conhecimento"! Esta magnífica sátira *profética* deve ter sido escrita para prefigurar o espírito que prevalece em todas as denominações dos cristãos.

Jó escuta as palavras de sabedoria e então o "Senhor" responde a Jó "fora do redemoinho" da Natureza, a primeira manifestação visível de Deus: "Pára, Jó, pára! e considera as maravilhosas obras de Deus; *só por meio delas* podes conhecer Deus. `Com efeito, Deus é grande, e *não o conhecemos*', Ele que `faz pequenas as gotas d'água; *mas elas vertem segundo o vapor*"; não segundo o capricho divino, mas segundo leis estabelecidas e imutáveis; lei que "transferiu os montes e não é conhecida por eles; que move a terra; que ordena ao Sol *e o Sol não nasce*; e que selou as estrelas; (...) que faz coisas grandes e incompreensíveis, e maravilhosas, que não têm número. (...) Se ele vier a mim, eu não o verei; e se for, eu não o perceberei!"

Então, "Quem é este que obscurece os conselhos com palavras desprovidas de conhecimento?", diz a voz de Deus por meio de Seu porta-voz -, a Natureza. "Onde estava tu quando eu lançava os fundamentos da terra? dize-mo, se é que tens compreensão. Quem deu as medidas para ela, *se é que o sabes?* Quando os astros da manhã contavam todos juntos, e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo? (...) Estavas presente quando eu disse aos mares: `Até aqui podes vir, mas além daqui; até aqui tuas orgulhosas ondas poderão rolar'? (...) Sabes quem obriga a chuva a cair sobre a terra, *onde não havia homem algum*; no deserto, *onde não havia homem algum*? (...) Acaso poderás reunir as doces influências das Plêiades ou impedir a evolução de Orion? (...) Poderás *enviar os raios*, que possam ir e vos dizer `Aqui estamos'?"

"Então Jó respondeu ao Senhor." Ele compreendeu quais são os seus caminhos e os seus olhos estão abertos pela primeira vez. A Sabedoria Suprema desceu sobre ele; e, se o leitor ficar confuso diante deste PETROMA final da iniciação, pelo menos Jó, ou o homem "afligido" em sua cegueira, entendeu então a impossibilidade de caçar "Leviatã cravando-lhe um arpão no nariz". O Leviatã é a CIÊNCIA OCULTA, em que se pode pôr a mão, "*não mais do que isso*", e cujo poder e cuja "proporção conveniente" Deus não quer esconder.

"Quem pode descobrir a superfície de sua vestimenta? e quem entrará no meio da sua boca? Quem pode abrir as portas do seu rosto? Em roda dos seus dentes está o seu orgulho, e eles estão selados. O seu espirito é resplendor do fogo e os seus olhos como as pestanas da aurora". Que "faz brilhar *uma luz* atrás de si", para que se aproxime dele os que não têm medo. E então eles também verão "todas as coisas *altas*, pois ele é rei apenas sobre todo os filhos da soberba".

Jó, agora à guisa de retratação, responde:

"Eu sei que podes todas as coisas,
E que nenhum pensamento se te esconde.
Quem é este que fez uma exibição de sabedoria arcana
Sem nada saber dela?
Por isso falei sobre o que não compreendia
Coisas que estavam acima de mim, as quais não conhecia.
Ouve! suplico-te e eu falarei;
Perguntar-te-ei, e me responderás:
Eu te ouvi com meus ouvidos,
E agora te verei com meus olhos,
Por isso me repreendo a mim mesmo,
E me penitencio no pó e na cinza?"

Ele reconheceu seu "paladino" e se converteu de que havia chegado a hora da sua vindicação. Imediatamente o Senhor ("os sacerdotes e os juizes", *Deuteronomio*, XIX, 17) disse aos seus amigos: "Minha ira se voltou contra ti e contra teus dois amigos, porque não me haveis falado retamente diante de mim, como meu servo Jó . Então "o Senhor voltou-se para a penitência de Jó" e "lhe deu em dobro tudo quanto ele havia tido".

Assim, no julgamento [egípcio], o morto invoca quatro espíritos que residem no Lago de Fogo e é purificado por eles. Ele então é conduzido à sua morada celestial e é recebido por Athar e por Ísis e permanece diante de *Atum* (Átman a Centelha Divina que habita o Homem), o Deus essencial. Ele agora é *Turu*, o homem essencial, um espírito puro, e em consequência On-ait, o olho de fogo, e um companheiro dos deuses.

Esse grandioso poema de Jó era muito bem compreendido também pelos cabalistas. Enquanto muitos dos hermetistas medievais eram homens profundamente religiosos, eles eram, no fundo de seus corações - como os cabalistas de todas as épocas -, os inimigos mais mortais do clero. Como parecem verdadeiras as palavras de Paracelso quando exclamou, afligido por uma perseguição feroz e por calúnias, e incompreendido por seus amigos e por seus inimigos, maltratado pelo clero e pelos leigos:

"Ó vós de Paris, Pádua, Montpellier, Salerno, Viena e Leipzig! Não sóis mestres de verdade, mas confessores de mentiras. Vossa filosofia é uma mentira. Se quereis saber *o que realmente é a MAGIA*, procurai-a no *Apocalipse* de São João. (...) Posto que não podeis aprovar que vossos ensinamentos derivam da *Bíblia* e do *Apocalipse*, acabai com vossas farsas. *A Bíblia é a verdadeira chave e o verdadeiro intérprete*. João, não menos do que Moisés. Elias, Enoch, Davi, Salomão, Daniel, Jeremias e os outros profetas, eram um *mag*o, cabalista, um adivinhador. Se todos eles, ou pelo menos um dos que nomeei, vivessem agora, eu não duvidaria que faríeis deles um exemplo em vosso matadouro miserável e os aniquilariéis e, se fosse possível, o Criador de todas as coisas também!"

Paracelso demonstrou na prática que aprendeu algumas coisas misteriosas e úteis do *Apocalipse* e de outros livros da *Bíblia*, bem como da *Cabala*; e tanto o fez, que é chamado por muitos de o "pai da magia e fundador da física oculta da *Cabala* e do Magnetismo".

O DIABO SEGUNDO O VELHO TESTAMENTO, E SEU CONCEITO MODERNO. (L. 4. pág. 131).

Essa extensa ilustração pode mostrar que o Satã do *Velho Testamento*, o Diabolos ou Diabo dos *Evangelhos e das Epístolas* são personificações do princípio antagônico da matéria, necessariamente inerente a ele, e não mau no sentido moral do termo. Os judeus, vindo do país persa, trouxeram consigo a doutrina de *dois princípios*. Não puderam trazer o *Avesta*, pois ele não estava escrito. Mas eles - queremos dizer os *assideus* [chasiðim] e *parsis* - investiram Ormuzd com o nome secreto de Ahriman, com o nome dos deuses do lugar, Satã dos hititas e *Diabolos*, ou antes *Diobolos*, dos gregos. A Igreja primitiva, pelo menos sua parte paulina, a dos gnósticos e seus sucessores refinaram posteriormente as suas idéias e a Igreja católica as adotou, enquanto passava pelo fio da espada os seus promulgadores.

A Igreja protestante é uma reação contra a Igreja Católica Romana. Não é necessariamente coerente em suas partes, mas uma multidão de fragmentos que se chocam ao redor de um centro comum, atraindo-se e repelindo-se. Algumas partes se dirigem centripetamente para Roma, ou para o sistema que fez a velha Roma existir; outras ainda são empurradas pelo impulso centrífugo para longe da ampla região etérea de Roma, ou mesmo da influência cristã.

O Diabo moderno é o legado principal da Cibele romana, "Babilônia, a Grande Mãe das religiões idólatras e abomináveis da terra".

Mas talvez se pudesse argumentar que a teologia hindu, tanto bramânica quanto budista, está tão impregnada da crença em diabos objetivos quanto a própria cristandade. Há uma pequena diferença. A *sutiliza* mesma da mente hindu é uma garantia suficiente de que as pessoas educadas, a porção mais culta pelo menos dos teólogos bramânicos e budistas, consideram o diabo segundo uma outra luz. Para elas o Diabo é uma abstração metafísica, uma alegoria do *mal* necessário; ao passo que *para os cristãos o mito se tornou uma entidade histórica, a pedra fundamental sobre a qual se erigiu a Cristandade, com seu dogma de redenção*. Ele é tão necessário - como o mostrou des Mousseaux - para a Igreja, quanto a vesta do capítulo dezessete do *Apocalipse* para seu leitor. Os protestantes de fala inglesa, não considerando a Bíblia suficientemente explicativa, adotaram a *Diabologia* do celebrado poema de Milton, *Paradise Lost*, embelezando-a aqui e ali com trechos extraídos do celebrado poema de *Fausto*, de Goethe. John Milton, primeiramente um puritano e depois quietista e unitário, sempre considerou sua grande produção como uma obra de ficção, ainda que ajustada às linhas gerais de diferentes partes da Escritura. O Ialdavaôth dos ofitas foi transformado num anjo de luz e na estrela da manhã e feito o Diabo, no primeiro ato do *Diabolic Drama*. Assim, o capítulo doze do *Apocalipse* foi traduzido para o segundo ato. O grande Dragão vermelho foi identificado com a mesma ilustre personagem de *Lúcifer*, e a última cena é a sua queda, como a de Vulcano-Hefaios, do Céu, para a ilha de Lemnos; as hostes fugitivas e seu líder "caem no abismo tenebroso" do Pandemonium. O terceiro ato é o Jardim do Éden. Satã preside um concílio num salão erigido por ele para seu novo império e determina empreender uma expedição exploradora à procura do novo mundo. O ato seguinte refere-se à queda do homem, sua passagem pela Terra, o advento do Logos, ou Filho de Deus, e sua redenção da Humanidade, ou sua porção eleita, como se deu.

A MAGIA NOS TEMPOS. (L. 4. pág. 132).

Talvez devamos dar uma breve notícia do Diabo europeu. Ele é o gênio que intervém na bruxaria, na feitiçaria e em outros malefícios. Os padres, tomando a idéia dos fariseus, transformaram em diabos os deuses pagãos, Mithra, Serapis e outros. A Igreja Católica Romana denunciou a adoração antiga como comércio com os poderes da escuridão. Os *malefici* e as feiticeiras da Idade Média eram nada menos do que adeptos da adoração proscrita. A Magia nos tempos antigos fora considerada como ciência divina, sabedoria e conhecimento de Deus. A arte de curar nos templos de Esculápio e nos santuários do Egito e do Oriente sempre foi magia. Até mesmo Darius Hystaspes, que exterminou os magos medos e expulsou, da Babilônia para a Ásia Menor, os teurgos caldaicos, fora instruído pelos brâmanes da Ásia Superior e, finalmente, estabelecia o culto de Ormuzde, foi ele próprio denominado de instituidor do magismo. Tudo agora está mudado. A ignorância foi entronizada como a mãe da devoção. A erudição foi condenada e os sábios prosseguiram em sua obra científica como o perigo de suas vidas. Foram obrigados a expor suas idéias em uma linguagem enigmática compreendida apenas pelos seus adeptos e a aceitar o opróbio, a calúnia e a pobreza.

Os fiéis da adoração antiga foram perseguidos e condenados à morte por feiticeiros. Os albigenses, descendentes dos gnósticos, e os waldenses, precursores dos protestantes, foram caçados e exterminados sob acusação semelhante. O próprio Martinho Lutero foi acusado de conivência com Satã em pessoa. Todo o mundo protestante ainda está sob o peso da mesma imputação. Não há distinção nos julgamentos da Igreja entre dissensão, heresia e feitiçaria. E, exceto onde a autoridade civil lança sua proteção, eles representam ofensas capitais. A liberdade religiosa é vista pela Igreja como intolerância.

OS PRIMEIROS SÉCULOS CRISTÃOS E OS PRIMEIROS EVANGELHOS. (L. 4. pág. 133).

Relatada a biografia do Diabo desde seu primeiro acidente na Índia e na Pérsia, seu progresso entre os judeus e na *teologia* cristã antiga e recente até as últimas fases da sua manifestação, examinemos agora algumas opiniões dominantes nos primeiros séculos cristãos.

Avatares ou encarnações eram comuns às velhas religiões. Na Índia, os Avatares chegaram a constituir um sistema. Os persas esperavam Saoshyant e os escritores judaicos aguardavam um libertador. Tácito e Suetônio relatam que o Oriente, na época de Augusto, ardia de expectativa por uma Grande Personagem. "Assim, doutrinas tão óbvias para os cristãos eram os *arcanos supremos* do Paganismo". O Maneros de Plutarco era um menino de Palaestinus; seu mediador Mithras, o Salvador Osíris, é o Messias. Nas nossas "*Escrituras canônicas*" atuais descobrem-se os vestígios das adorações antigas; e nos ritos e nas cerimônias da Igreja Católica Romana encontramos as formas da adoração budista, suas cerimônias e sua hierarquia. Os primeiros *Evangelhos*, que já foram tão canônicos quanto os quatro atuais, contêm páginas tomadas quase integralmente das narrativas budistas, como podemos mostrar. Após as provas fornecidas por Burnouf, Cosma de Körös, Beal, Hardy, Schmidt e as traduções do *Tripitaka*, é impossível duvidar que todo o esquema cristão não emanasse de um outro. Os milagres da "Concepção Milagrosa" e outros incidentes se deixam ver claramente no *A Manual of Buddhism*, de Hardy [p. 141 e seguintes]. Compreendemos prontamente por que a Igreja Católica Romana está ansiosa para manter o vulgo na ignorância mais completa da *Bíblia* hebraica e da literatura grega. A Filosofia e Teologia comparada são seus inimigos mais mortais. As falsidades deliberadas de Irineu, Epifânio, Eusébio e Tertuliano tornaram-se uma necessidade.

Naquele tempo, parece que os *Livros sibílicos* gozavam de muita consideração. Pode-se perceber facilmente que eles foram inspirados na mesma fonte de onde brotaram as obras gentias.

Eis uma página de Gallaeus:

"Uma Nova Luz surgiu
Que, descendo do Céu, assumiu forma mortal.
Primeiro Gabriel apresentou sua poderosa pessoa sagrada,
Depois, dando a mensagem, dirigiu-se com palavras à Virgem:
Virgem, recebe Deus em teu peito puro. (...)
E a coragem voltou a ela e a PALAVRA entrou em seu útero.
Tornando-se encarnado e animado por seu corpo,
Formou-se uma imagem mortal e um MENINO foi criado
Por um parto da Virgem. (...)
A nova estrela enviada por Deus foi adorada pelos Magos.
A criança envolta em panos foi mostrada numa manjedoura ao obediente a Deus
E Belém foi chamada 'terra divina' da Palavra".

À primeira vista, essa passagem parece uma profecia do nascimento de Jesus. Mas não poderia ela referir-se a algum outro Deus criador? Temos expressões análogas relativas a Baco e a Mithras.

"Eu, filho de Zeus, vim ao país dos tebanos. Sou Baco, a quem partiu Semelê [a virgem], filha de Cadmo [o homem do Oriente], e, engendrado pela chama portadora do raio, assumi forma em vez de divina."

As *Dionisíacas*, escritas no século V, são úteis para tornar essa matéria mais clara e até mesmo para pôr em relevo sua conexão estreita com a lenda cristã do nascimento de Jesus:

"Perséfone-Virgem, não escapaste do casamento
E foste esposada nos epitalâmios do Dragão
Quando Zeus, todo enrolado e de aparência modificada,
Um Dragão-noivo transbordante de amor,
Deslizou para teu leito virginal
Agitando a barbas ásperas. (...) Pelos esponsais dracontianos etéreos,
O útero de Perséfone foi agitado por um jovem frutuoso.
E nasceu Zagreus, o Menino coroado de chifres."

Temos aqui o segredo da adoração ofita e a origem da fábula cristã posteriormente *revisada* da concepção imaculada. Os gnósticos foram os primeiros cristãos a possuir algo como um sistema teológico regular e é bastante evidente que Jesus é que foi adaptado para Cristos em sua teologia, e não foi a sua teologia que se desenvolveu a partir dos seus ditos e das suas ações. Seus ancestrais afirmam, antes da era cristã, que a Grande Serpente - Júpiter, o Dragão da Vida, o Pai e a "Divindade do Bem" - deslizará para o leito de Semelê e os gnósticos pré-cristãos, com uma modificação muito insignificante, aplicaram a mesma fábula ao homem Jesus e afirmaram que a mesma "Divindade do Bem", Saturno (Ialdabaôth), na forma do Dragão da Vida, deslizou por sobre o leito da menina Maria. A seus olhos, a Serpente era o Logos - Cristos, a encarnação da Sabedoria Divina, por meio de seu Pai Ennoia e sua Mãe Sophia.

"Agora minha mãe o Espírito Santo me tomou", diz Jesus no *Evangelho dos Hebreus*, assumindo seu papel de Cristos - o Filho de Sophia, o Espírito Santo.

"O Espírito Santo descerá sobre ti e o PODER do Supremo te cobrirá da sua sombra; e por isso mesmo a coisa *santa* que há de nascer de ti será chamada de Filho de Deus", diz o anjo (Lucas, I, 35).

"Deus (...) nos falou nestes dias por seu Filho, ao qual apontou como herdeiro de todas as coisas, e por quem fez os Aeons. (Emanações)."

Todas essas expressões são variações cristãs do versículo de Nonnus "(...) por meio do dracônteo etéreo", pois Éter é o Espírito Santo ou a terceira pessoa da Trindade - a Serpente com cabeça de falcão, o Kneph egípcio, emblema da Mente Divina, e a alma universal de Platão.

"Eu (Sabedoria) saí da boca do Altíssimo e *cobri com nuvem toda a terra.*"

Poimandres, o Logos, surge da Escuridão Infinita e cobre a terra com nuvens que, em forma de serpente, se espalham por sobre toda a Terra. O Logos é a *mais velha* imagem de Deus e é o Logos *ativo*, diz Filo. O Pai é o *Pensamento Latente*.

Sendo esta idéia universal, encontramos uma fraseologia idêntica para expressa-la entre os pagãos, os judeus e os cristãos primitivos. O *Logos* caldaico - persa é o Primogênito do Pai na cosmogonia babilônica de Eudemus. O "Hino a Eli, filho de Deus", inicia um hino homérico ao Sol. Sól-Mithra é uma "imagem do Pai", com o cabalístico Zeir-Anpîn.

Parece impossível, e todavia esta é a triste realidade, que, entre todas as várias nações da Antigüidade, não houve uma só que acreditasse num diabo pessoal mais do que os cristãos liberais do século XIX. Nem os egípcios, que Porfirio chama de "a mais erudita nação do mundo, nem os gregos, seus fiéis imitadores, caíram em absurdo tão grande. Podemos acrescentar que nenhum deles, nem mesmo os judeus antigos, acreditou no inferno ou numa condenação eterna mais do que no Diabo, embora nossas igrejas cristãs atribuam ao demônio tudo quanto se relacione com os gentios. Em todo lugar em que a palavra "inferno" ocorre nas traduções dos textos sagrados hebraicos, ela está distorcida. Os hebreus ignoravam essa idéia, mas os Evangelhos contêm exemplos freqüentes de compressões erradas. Assim, quando Jesus diz (*Mateus*, XVI, 18) "(...) e as portas do Hades não prevalecerão contra ela", o texto original apresenta "as portas da *morte*". Em nenhum lugar aparece a palavra "inferno" - aplicada com o significado de *condenação*, seja temporária ou eterna - utilizada no *Velho Testamento* com o sentido que lhe deram os forjadores desse dogma. "Tophet", ou "o Vale do Hinnom" não tem esse significado. O termo grego "Gehenna" tem um sentido bastante diferente e equivalente, na opinião de escritores competentes, ao Tártaro homérico.

O próprio Pedro nos dá prova desse fato. Em sua segunda *Epístola* (II, 4), o Apóstolo, no texto original, diz sobre os anjos pecadores, que Deus "os lançou ao Tártaro". Essa expressão, que lembra muito inconvenientemente a guerra entre Júpiter e os Titãs, foi alterada e agora, na versão do rei James, apresenta "os lançou no *inferno*".

No *Velho Testamento* as expressões "portas da morte" e "câmaras da morte" aludem simplesmente às "portas do túmulo", mencionadas especificamente nos *Salmos* e nos *Provérbios*. O inferno e seu soberano são ambos invenções do Cristianismo, contemporâneos do seu poder e do recurso à tirania. São alucinações nascidas dos pesadelos dos Antônios do deserto. Antes da nossa era, os sábios antigos conheciam o "Pai do Mal" e não o tratavam senão como asno, o símbolo escolhido de Typhon, "o Diabo". Triste degeneração de cérebros humanos!

Assim como Typhon era a sombra escura de seu irmão Osíris, Python é o lado mau de Apolo, o brilhante deus das visões, o vidente e adivinho. É o morto por Python, mas mata-o por sua vez, redimindo a Humanidade do pecado. Foi em memória dessa façanha que as sacerdotisas do deus-Sol se vestiam com peles de serpente, típicas do fabuloso monstro. Sob sua poderosa influência - a pele da serpente era considerada magnética -, as sacerdotisas caíam em transe magnéticos e "recebiam de Apolo as suas vozes", tornavam-se proféticas e proferiam oráculos.

Além disso, Apolo e Python são apenas um, e moralmente andróginos. As idéias do deus-Sol são todas duais, sem exceção. O Calor benéfico do Sol traz o germe à existência, mas o calor excessivo mata a planta. Quando toca a lira planetária de sete cordas, Apolo produz a harmonia; mas, como outros deuses-sóis, sob seu aspecto sombrio ele se torna o destruidor, Python.

Sabe-se que São João viajou pela Ásia, uma região governada pelos magos e imbuída de idéias zoroastrinas e, naqueles dias, repleta de missionários budistas. Se ele não tivesse visitado esses lugares e entrando em contato com os budistas, seria duvidoso acreditar que o *Apocalipse* pudesse ter sido escrito. Além das suas idéias do dragão, dá narrativas proféticas inteiramente desconhecidas dos outros apóstolos e que, relativas ao segundo advento, fazem de Cristo uma cópia fiel de Vishnu.

Assim, Ophios e Ophiomorphos, Apolo e Python, Osiris e Typhon e Cristos e a Serpente são termos equivalentes. Todos eles são Logos e um é ininteligível sem o outro, como não se poderia saber o que é dia, se não se conhecesse a noite. Todos são regeneradores e salvadores, um num sentido espiritual, o outro num sentido físico. Um assegura a imortalidade para o Espírito Divino; o outro a concede através da regeneração da semente. O Salvador da Humanidade tem de morrer, porque ele oculta à Humanidade o grande segredo do ego imortal; a serpente da *Gênese* é amaldiçoada porque disse à *matéria* "não morrerás". [III, 4]. No mundo do Paganismo, a contrapartida da "serpente" é o segundo Hermes, a reencarnação de Hermes Trismegistro.

Hermes é o companheiro constante e o instrutor de Osiris e Ísis. É a sabedoria personificada; como Caim, o filho do "senhor". Ambos construíram cidades, civilizaram e instruíram a Humanidade nas artes.

A ORIGEM DO MITO DO DRAGÃO. (L. 4. pág. 137).

A origem do mito do "Dragão", que ocupa um lugar importante no *Apocalipse* e na *Lenda dourada*, e da fábula sobre Simão Estilita convertendo o Dragão e inegavelmente budista e até mesmo pré-budista. Foram as doutrinas puras de Gautama que atraíram para o budismo os cachemirianos cuja adoração primitiva era a ofita, ou a adoração da Serpente. O olíbano e as flores substituíram os sacrifícios humanos e a crença em demônios pessoais. O Cristianismo herdou a degradante superstição de diabos investidos de poderes pestilentos e assassinos. O *Mahāvansa*, o mais antigo dos livros cingaleses, relata a história do rei Covercapal (cobra-de-capelo), o deus-serpente, que foi convertido para o budismo por um santo Rahat *; e desta lenda derivou seguramente a de Simão Estilita e seu Dragão, que faz parte da *Lenda Dourada*. * (Deixamos aos arqueólogos e aos filósofos a tarefa de decidir como a adoração de *Nāga* ou da Serpente pôde viajar da Cachemira para o México e se transformar na adoração do Nagal, que é também uma adoração da Serpente, e numa doutrina de licantropia.)

O Logos triunfa uma vez mais sobre o Dragão; Miguel, o arcanjo luminoso, chefe dos Aeons, vence Satã. * (Miguel, o chefe dos Aeons, também é "Gabriel, o mensageiro da Vida" dos nazarenos e o Indra hindu, o chefe dos Espíritos do bem, que venceram Vāsuki, o Demônio que se revoltou contra Brahmã.)

É digno de menção o fato de que, enquanto o iniciado mantiver em segredo "o que sabe", ele estará perfeitamente seguro. Isso acontecia nos tempos antigos e acontece agora. Tão logo o Deus dos cristãos, emanado do *Silêncio*, se manifestava como a *Palavra* ou Logos, este último se tornava a causa de sua morte. A serpente é o símbolo da sabedoria e da eloquência, mas é também o símbolo da destruição. Ousar, conhecer, querer e *calar*" são os axiomas caldeais dos cabalistas. Como Apolo e outros deuses, Jesus é morto por seu Logos *; ele se ergue novamente, mata-o por sua vez e se torna seu senhor. * (Ver o amuleto gnóstico chamado "Serpente Chnuphis", no ato de erguer sua cabeça coroada como as *sete vogais*, que são o símbolo cabalístico que significa "dom da fala para o homem", ou Logos.)

E agora que mostramos essa identidade entre Miguel e Satã e os Salvadores e Dragão de outros povos, o que pode ser mais claro do que todas essas fábulas filosóficas originadas na Índia, esse viveiro universal do misticismo metafísico? "O mundo", diz Ramatsariar em seus comentários sobre os *Vedas*, "começou com uma luta entre o Espírito de Deus e o Espírito do Mal, e em luta há de acabar. Após a destruição da matéria, o mal não mais existirá, deverá voltar ao nada".

Na sua *Apologia*, Tertuliano falsifica evidentemente toda doutrina e toda crença dos pagãos relativas aos oráculos e aos deuses. Chama-os, indiferentemente, de demônios e de diabos, acusando estes últimos de possuírem até mesmo as aves do ar! Que cristão ousaria duvidar de tal autoridade? Não afirmou o salmista que "Todos os deuses das nações são *ídolos*" e não explicou o Anjo das Escolas, Tomás de Aquino, com sua autoridade *cabalística*, a palavra *ídolos* por *diabos*? "Eles vêm até os homens", diz ele, "e os incitam a adorá-los, valendo-se de certas obras que parecem milagrosas".

Max Müller diz que a serpente do Paraíso é uma concepção que deve ter brotado entre os judeus e "difícilmente parece convidar a uma comparação com as concepções mais grandiosas do poder terrível de Vritra e de Ahriman no *Veda* e no *Avesta*". Para os cabalistas, o Diabo foi sempre um mito - o aspecto invertido de Deus ou do bem. O Mago moderno, Éliphas Lévi, chama o Diabo de *l'ivresse astrale*. É uma

força cega com a eletricidade, diz ele: e, falando alegoricamente, como sempre fez, Jesus observou que ele "considerava Satã como se fosse um raio caído do Céu".

Muito embora o catecismo cristão nos ensine que Satã *in própria persona* tentou nossa primeira mãe, Eva, num paraíso real, e na forma de uma serpente, que de todos os animais era o mais insinuante e o mais fascinante! Deus ordena a ela, como castigo, arrastar-se eternamente sobre seu ventre, e comer a poeira do chão. "Uma sentença", observa Lévi, "que em nada se parece às tradicionais chamas do inferno". Não levaram em consideração os autores dessa alegoria que a serpente zoológica real, criada antes de Adão e Eva, arrastava-se sobre seu ventre e comia a poeira do chão, antes que existisse qualquer pecado original.

Por outro lado, não foi Ophion, o Daimôn ou Diabo, como Deus, chamado *Dominus*? A palavra *Deus* (deidade) deriva da palavra sânscrita *Deva*, e Diabo provém do persa *deva* palavra substancialmente semelhante. Hércules, filho de Jove e de Alcmena, um dos deuses-sóis mais elevados e também o Logos manifesto, e, não obstante, representado numa dupla, como todos os outros.

O Agathodaimôn, o daemon beneficente, o mesmo que encontramos posteriormente entre os ofitas com a denominação de Logos, ou sabedoria divina, era representado por uma serpente que se mantinha ereta sobre uma *vara*, nos mistérios das Bacanais. A serpente com cabeça de falcão está entre os emblemas egípcios mais antigos e representa a mente divina, diz Deane.

No *Velho Testamento*, Jeová exibe todos os atributos do velho Saturno, apesar de suas metamorfoses de Adonais em Elói e em Deus dos Deuses, Senhor dos Senhores.

A TENTAÇÃO DE JESUS, E A DE BUDDHA. (L. 4. pág. 140).

Jesus é tentado na montanha pelo Diabo, que lhe promete reinos e glórias se prostasse e o adorasse (Mateus IV, 8, 9). Buddha é tentado pelo Demônio Wasawartti-Mâra, que lhe diz, no momento em que deixava o palácio de seu pai: "Fica, que possuíras as honras que estiverem ao teu alcance; não vás!" E com a recusa de Gautama em aceitar suas ofertas, rangeu seus dentes com raiva e prometeu vingar-se. Como Cristo, Buddha triunfa sobre o Diabao.

Nos mistérios báquicos, um *cálice consagrado*, chamado cálice de Agathodaimôn, passava de mão em mão entre os fieis após o jantar. O rito ofita de mesma descrição foi evidentemente tomado desse mistério. A comunhão, que consistia de pão e vinho, foi usada na adoração de quase todas as divindades importantes.

DIVINDADES PAGÃ QUE DESCERAM AO INFERNO. (L. 4. pág. 140).

Em relação com muitas divindades pagãs que, após a morte, e antes de sua ressurreição, desceram ao Inferno, seria útil comparar as narrativas pré-cristãs com as pós-cristãs. Orfeu fez a sua viagem, e Cristo foi o último desses viajantes subterrâneos. No *Credo* dos Apóstolos, que está dividido em doze frases ou *artigos*, que foram inseridos cada um por um apóstolo em paticular, segundo Santo Agostinho, a frase "Desceu ao inferno, no terceiro dia ressurgiu dos mortos" é atribuída a Tomé, talvez como uma expiação da sua incredulidade. Seja como for, diz-se que a frase é uma falsificação e não há evidência "de que esse Credo tenha sido modelado pelos apóstolos, ou pelo menos que existisse como credo em sua época".

Trata-se da adição mais importante que foi efetuada no Credo dos Apóstolos e data do ano 600. Esse artigo não era conhecido na época de Eusébio. O Bispo J. Pearson diz que ele não fazia parte dos credos antigos ou das regras de fé. Irineu, Orígens e Tertuliano não parecem conhecê-lo. Não é mencionado em nenhum dos Concílios realizados antes do século VII. Theodoret, Epifânio e Sócrates silenciam-se a seu respeito. Difere do *credo* de Santo Agostinho. Rufino afirma que, em sua época, ele não constava nem dos credos romanos nem dos orientais. Mas o problema se resolve quando lemos que séculos atrás Hermes falou da seguinte maneira a Prometeu, acorrentado no rochedo árido do Cáucaso:

"Teu tormento não cessará ATÉ QUE DEUS O SUBSTITUA EM TUA AFLIÇÃO E DESÇA AO LÚGUBRE HADES E ÀS PROFUNDEZAS SOMBRIAS DO TÁRTARO!"

Esse deus era Hércules, o "Unigênito", e o Salvador. E é ele que foi escolhido como modelo pelos padres engenhosos. Hércules - chamado Alexikakos porque converteu os malvados à virtude; *Soter*, ou Salvador, também chamado Neulos Eumêlos - o *Bom Pastor*, Astrochitôn, o vestido de estrelas, e o Senhor do Fogo. "Ele não sujeitou as nações pela força, mas pela *sabedoria divina* e pela persuasão", diz Luciano. "Hércules disseminou cultura e uma religião suave e destruiu a *doutrina da punição eterna* expulsando Cérbero (o Diabo pagão) do mundo inferior." E, como vemos, foi também Hércules quem libertou Prometeu (o Adão dos pagãos), pondo um fim à tortura infligida a ele por transgressões, descendo ao Hades e ao Tártaro. Como Cristo, ele apareceu como um *substituto para as aflições da Humanidade*, oferecendo-se em sacrifício numa pira funerária. "Sua imolação voluntária", diz Bart, "augurou o novo nascimento etéreo dos homens. (...) Com a libertação de Prometeu, e a ereção de altares, vemos nele um mediador entre os credos

antigos e os novos. (...) Ele aboliu o sacrifício humano onde quer que fosse praticado. Desceu ao reino sombrio de Plutão, como uma sombra (...) *ascendeu como espírito a seu pai, Zeus, no Olimpo*".

A Antigüidade estava tão marcada pela lenda de Hércules, que até mesmo os judeus *monoteístas* (?) daquela época, para não serem ultrapassados pelos seus contemporâneos, utilizaram-na na manufatura das fábulas originais. Hércules é acusado, em sua mitobiografia, de uma tentativa de roubo do oráculo de Delfos. No *Sepher Toledoth Yeshu*, os Rabinos acusam Jesus de roubar do seu Santuário o Nome Inefável!

A ADORAÇÃO DE BAAL PELOS ISRAELITAS. (L. 4. pág. 146).

Já se provou que os israelitas adoravam Baal, o Baco sírio, ofereciam incenso à serpente sabaziana ou esculápia e realizavam os mistérios dionisíacos. Mas, como poderia ser de outra maneira, se Typhon era chamado Typhon Sete, e Seth, o filho de Adão, é idêntico a Satã ou Sat-an, e se Seth era adorado pelos hititas? Menos de dois séculos a. C., os judeus reverenciavam ou simplesmente adoravam a "cabeça dourada de um asno" em seu templo; de acordo com Apion, Antíoco Epifanes levou-o consigo. E Zacarias ficou mudo quando da aparição da divindade sob a forma de um asno no templo!

Pleyte declara que El, o Deus-Sol dos sírios, dos egípcios e dos semitas, não é outro senão Set ou Seth, e que El é o Saturno primordial - Israel. Shiva é um Deus etiópico, da mesma forma que o Baal caldaico - Bel; portanto, ele também é Saturno. Saturno, El, Seth e Khîyûn, ou o Chiun bíblico de Amos, são uma única e mesma divindade e podem ser vistos no seu aspeto pior como Typhon, o Destruidor. Quando o panteão religioso assumiu uma expressão mais definida, Typhon foi separado do seu andrógino - a divindade *boa* - e caiu em degradação como um poder *intelectual* brutal.

Essas reações nos sentimentos religiosos de uma nação eram freqüentes. Os judeus adoraram Baal ou Maloch, o Deus-Sol Hércules, nos seus tempos primitivos - se é que tiveram tempos mais primitivos do que os persas e os macabeus - e então fizeram os seus profetas denuncia-los. Por outro lado, as características do Jeová mosaico exibiam mais da disposição moral de Shiva, do que um Deus benevolente e "que sofreu muito". Além disso, ser idêntico a Shiva não é pequena cortesia, pois ele é o Deus da sabedoria. Wilkinson descreve-o como o mais intelectual dos deuses hindus. Ele tem *três olhos* e, como Jeová, é terrível em sua vingança e sua cólera, às quais não se pode resistir. E, embora seja o Destruidor, é o "recriador de todas as coisas com perfeita sabedoria". É o tipo do Deus de Santo Agostinho que "prepara o *inferno* para os que espreitam os seus mistérios" e põe à prova a razão humana forçando-a a considerar, na mesma medida, suas boas e más ações.

Apesar das provas numerosas de que os israelitas adoravam um variedade de deuses e ofereciam sacrifícios humanos até um período posterior aos sacrifícios realizados pelos seus vizinhos pagãos, eles conseguiram esconder tais verdades à Humanidade. Sacrificaram vidas humanas até 169 a.C., e a *Bíblia* registra um grande número dessas ocorrências. Numa época em que os pagãos haviam abandonado essa prática abominável e haviam substituído o homem sacrificial por um animal, surge Jefté sacrificando sua própria filha em holocausto ao "Senhor".

A pluralidade dos deuses de Israel, está manifesta nessas denúncias. Seus profetas *nunca aprovaram a adoração sacrificial*. Samuel negou que o Senhor se agradasse com holocaustos e vítimas (I Samuel, XV, 22). Jeremias afirmou, inequivocamente, que o Senhor, Yava Tsabaôth Elohe Israel, nunca exigiu nada desse tipo, mas exatamente o contrário (VII, 21-4).

Mas esses profetas que se opuseram aos sacrifícios humanos eram todos eles *nazar* e iniciados. Esses profetas comandavam um oposição nacional aos sacerdotes, como mais tarde os gnósticos combateram os padres cristãos. É por essa razão que, quando a monarquia foi dividida, encontramos os sacerdotes em Jerusalém e os profetas no país de Israel. Até mesmo Acab e seus filhos, que introduziram a adoração tíria de Baal-Hércules e das deusas sírias em Israel, foram auxiliados e encorajados por Elias e Eliseu. Poucos profetas apareceram na Judéia antes de Isaías, depois de derrubada a monarquia setentrional. Eliseu ungiu Jeú, com o propósito de que ele exterminasse as famílias reais de ambos os países e, assim, unisse os povos sob uma única coroa. Quanto ao Templo de Salomão, desconsagrado pelos sacerdotes, nenhum profeta ou iniciado hebraico moveu uma palha sequer. Elias nunca foi lá, nem Eliseu, Jonas, Naum, Amos ou qualquer outro israelita. Enquanto os iniciados aderiam à "doutrina secreta" de Moisés, o povo, levado pelos seus sacerdotes, embebia-se de idolatria, exatamente como os pagãos. Foram as opiniões e interpretações populares de Jeová que os cristãos adotaram.

OS CRISTÃOS PRIMITIVOS. (L.4.pg.148).

Pois bem, pode-se perguntar então: "Considerando-se as muitas evidências de que a teologia cristã é apenas uma *miscelânea* de mitologia pagã, como relaciona-la à religião de Moisés?" Os cristãos primitivos,

Paulo e seus discípulos, os gnósticos e geralmente os seus sucessoras, distinguiram essencialmente Cristianismo e Judaísmo. Este último, na sua opinião, era um sistema antagonístico, e de origem mais baixa. "Vós recebestes a lei", diz Estevão, "por ministério dos anjos", ou Aeons, e não do Altíssimo. Os gnósticos, como vimos, ensinaram que Jeová, a Divindade dos judeus, era Ialdabaôth, o filho do antigo *Bohu*, ou Caos, o adversário da Sabedoria Divina.

A pergunta pode ser respondida muito facilmente. *A lei de Moisés, e o dito monoteísmo dos judeus, dificilmente poderá ser colocada para além de dois ou três séculos antes do advento do Cristianismo.* O próprio *Pentateuco*, podemos demonstrar, foi escrito e revisto depois dessa "nova partida", num período posterior à colonização da Judéia sob a autoridade dos reis da Pérsia. Os padres cristãos, em sua ânsia de harmonizar seu novo sistema com o Judaísmo e assim esvaziar o Paganismo, fugiram inconscientemente de Scylla e foram apanhados pelo remoinho de Charrybdis. Sob o estuco monoteísta do Judaísmo descobriu-se a mesma mitologia familiar do paganismo. Mas não devemos ver os israelitas com mais desaprovação por terem tido um Moloch ou por serem como os nativos. Nem devemos obrigar os judeus a fazer penitência por causa de seus pais. Eles tiveram seus profetas e suas leis e estavam satisfeitos com ambos. O presente testemunha um povo antes glorioso que leal e que nobremente se manteve unido graças à sua fé ancestral por ocasião das perseguições mais diabólicas. O mundo cristão tem estado num estado de convulsão desde o primeiro século até o atual; dividiu-se numa infinidade de seitas; mas os judeus continuam substancialmente unidos. Mesmo as divergências de opinião não destroem sua unidade.

As virtudes cristãs inculcadas por Jesus, no Sermão da Montanha, não são exemplificadas como deveriam ser no mundo cristão. Os ascetas budistas e os faquires indianos parecem ser os únicos que as inculcam e as praticam. Ao passo que os vícios achados, por caluniadores viperinos, ao paganismo são correntes entre os padres cristãos e as Igrejas cristãs.

O grande abismo entre o Cristianismo e o Judaísmo, apoiado na autoridade de Paulo, existe apenas na imaginação do devoto. Somo nada mais, nada menos, do que os herdeiros dos israelitas intolerantes dos tempos antigos; não dos hebreus da época de Herodes e do domínio romano, que, com todas as suas falhas, se mantinham estritamente ortodoxos e monoteístas, mas dos judeus que, sob o nome de Jeová-Nissi, adoravam Baco-Osiris, Dio-Nyssos, o multiforme Jove de Nysa, o Sinai de Moisés. Os demônios cabalísticos - alegorias do significado mais profundo - foram adotados como entidades objetivas e constituíram uma hierarquia satânica cuidadosamente elaborada pelos demonólogos ortodoxos.

A INTERPRETAÇÃO DE "INRI". O MITO DE BACO. (L. 4. pág. 149).

O mote rosicruciano *igne natura renovatur integra* [INRI], que os alquimistas interpretam como natureza renovada pelo fogo, ou matéria pelo espírito, tem sido imposto até hoje como *Iesus Nazareus rex Iudeorum*. A sátira sarcástica de Pilatos é aceita literalmente e os judeus a tomaram inadvertidamente como reconhecimento da realeza de Cristo; no entanto, se essa inscrição não for uma falsificação feita no período constantiniano, ela será uma ação dirigida a Pilatos, contra quem os judeus foram os primeiros a protestar violentamente. Interpreta-se I. H. S. como *Iesus Hominum Salvator e In hoc signo*, ao passo que **ΙΗΣ** e um dos nomes mais antigos de Baco. E mais do que nunca começamos a descobrir, à luz brilhante da Teologia comparada, que o grande propósito de Jesus, o iniciado do santuário interior, era abrir os olhos da multidão fanática para a diferença entre a Divindade suprema - o misterioso e nunca pronunciado IAÔ dos iniciados caldaicos antigos e dos neoplatônicos posteriores - e o Yahuh hebraico, ou Yaho (Jeová). Os Rosa-cruzes modernos, tão violentamente censurados pelos católicos, agora têm atirado contra eles, como a maior das suas responsabilidades, o fato de acusarem Cristo de ter destruído a adoração de Jeová. Melhor fora se ele o tivesse feito, pois o mundo não estaria tão irremediavelmente confuso após dezenove séculos de massacres mútuos, com trezentas seitas brigando entre si e com um Diabo pessoal reinando sobre uma cristandade aterrorizada.

Apoiado na exclamação de Davi, parafraseada na *Versão do Rei James* como "todos os deuses das nações são ídolos", isto é, diabos, Baco ou o "primogênito" da teogonia órfica - o Monogenes, ou o "unigênito" do Pai Zeus e Lorê - foi transformado, com o restante dos mitos antigos, num diabo. Por meio dessa degradação, os padres, cujo zelo piedoso só poderia ser ultrapassado por suas ignorâncias, forneceram inadvertidamente as provas contra si mesmo.

É o mito de Baco que manteve escondida durante longos e tenebrosos séculos a vindicação futura dos vilipendiados "deuses das nações" e a última chave do enigma de Jeová. A estranha dualidade de características divinas e mortais, tão conspícua na Divindade Sinaítica, começa a entregar seu mistério diante da pesquisa incansável de nossa época. Uma das contribuições mais recentes pode ser encontrada num artigo pequeno, mas altamente importante, publicado em *The Evolution*, um periódico de Nova Yorque, cujo

parágrafo final lança um raio de luz sobre Baco, o Jove de Nysa, que foi adorado pelos israelitas como Jeová do Sinai.

"Assim era o Jove de Nysa para os seus adoradores", conclui o autor. "Representava para eles o mundo da natureza do pensamento. Era o 'Sol da retidão, que trazia a saúde em suas asas', e não trazia apenas a alegria para os mortais, mas descortinava para eles a esperança que está além da mortalidade da vida imortal. Nascido de uma mãe humana, elevou-a do mundo da morte para o ar superno, para que fosse reverenciada e adorada. Sendo o senhor de todos os mundos, era em todos eles o Salvador.

"Assim era Baco, o Deus-Profeta. Uma mudança de culto, decretada pelo Assassino Imperador Teodósio, por ordem do Padre Espectral Ambrósio de Milão, modificou seu título para Padre das Mentiras. Sua adoração, antes universal, foi denominada *pagã* ou *local*, e seus ritos foram estigmatizados como feitiçeiros. Suas orgias receberam o nome de *Sabbath das Bruxas* e sua forma simbólica favorita, o pé bovino, tornou-se a forma representativa moderna do Diabo, com o casco rachado. O pai da família, que antes fora chamado de Beel-zebub, passou a ser acusado de manter relações com os poderes das trevas. Levantaram-se cruzadas, povos inteiros foram massacrados. A sabedoria e a erudição foram condenados como a magia e feitiçaria. A ignorância tornou-se a mãe da devoção hipócrita. Galileu penou durante longuíssimos anos na prisão por ensinar que o Sol era o centro do universo solar. Bruno foi queimado vivo em Roma em 1600 por restaurar a filosofia antiga; mas, apesar de tudo, a Liberlia converteu-se em festa da Igreja. Baco é um santo do calendário repetido quatro vezes e representado em muitos santuários nos braços de sua mãe deificada. Os nomes mudaram, mas as idéias perduraram inalteradas".

BACO - Exotéricamente e superficialmente, é o deus do vinho e da vindima, bem como da devassidão e do alvoroso. Porém, o significado **Esotérico** desta personificação é mais abstruso e filosófico. É o Osiris do Egito e tanto sua vida quanto sua significação pertencem ao mesmo grupo dos demais deuses solares, todos eles "carregando com a culpa", mortos e ressuscitados, como por exemplo Dionísio ou Atys de Frígia (Adónis ou o Tammuz sírio), como Ausonius, Baldur etc. Todos eles foram condenados à morte, pranteados e restituídos à vida. As festas em honra de Atys ocorriam nas *Hilarias*, celebradas na Páscoa "pagã"- o dia 15 de março. Ausonius, uma forma de Baco, era morto no equinócio de primavera (21 de março) e ressuscitava três dias depois. Tammuz, o duplo de Adónis e Atys, era pranteado pelas mulheres num "bosquezinho" que levava seu nome, "além de Beyhlehem, onde chorava o menino Jesus"- diz São Jerônimo. Baco é assassinado e sua mãe recolhe os pedaços de seu corpo dilacerado, como o fez Ísis com os de Osiris e assim sucessivamente. Dionysos Iacchus, destruído pelos titãs, Osiris, Krishna e todos os demais desceram ao Hades e retornaram. Astronomicamente todos eles representam o Sol; psiquicamente, são emblemas da "Alma" (o *Ego* em sua reencarnação), que sempre ressuscita; espiritualmente, todas as vítimas propiciatórias inocentes que expiam os pecados dos mortais, seus próprios invólucros terrenos e, na realidade, imagem poetizada do Homem Divino, a forma de barro animada por seus Deus. G. Teosófico E. Grond.)

CAPÍTULO XI

RESULTADOS COMPARADOS DO BUDISMO E DO CRISTIANISMO

CRENÇAS FILOSÓFICAS DO MUNDO PRÉ-CRISTÃO. (L. 4. pág. 160).

*N*ão havia ateus na Antigüidade, nem descrentes ou materialistas, no moderno sentido da palavra, e tampouco detratores fanáticos. Aquele que julga as filosofias antigas por sua fraseologia externa, e cita sentenças aparentemente ateísta dos escritos antigos, não merece o crédito como crítico, pois é incapaz de penetrar o sentido interno de sua metafísica. As concepções de Pirro, cujo racionalíssimo se tornou proverbial, só podem ser interpretadas à luz da mais antiga filosofia hindu. Desde Manu (*) até o último Svâbhâvika, (**) a sua característica metafísica principal sempre consistiu em proclamar a realidade e a supremacia do espírito, com uma veemência proporcional à negação da existência objetiva de nosso mundo material - fantasma passageiro de formas e seres temporários. As numerosas escolas fundadas por Kapila refletem sua filosofia de modo tão claro quanto as doutrinas deixadas, como um legado aos pensadores, por Timon, o "Profeta" de Pirro, como o chama Sexto Empírico. Suas concepções sobre o repouso divino da alma, sua orgulhosa indiferença pela opinião de seus colegas, sua recusa à sofisticaria, refletem em igual grau os raios perdidos da autocontemplação dos ginosophistas e dos *Vaibhâshikas* budista. Não obstante a pecha de "céticos" que se atribui tanto a ele como a seus seguidores, por causa de seu estado de constante dúvida e apenas porque levaram seus julgamentos finais a dilemas, com os quais os nossos modernos filósofos preferem tratar, como Alexandre, cortando o nó górdio, declarando o dilema uma superstição, homens como Pirro não podem ser chamados de ateus. Não mais do que Kapila, ou Giordano Bruno, ou ainda Spinoza, que também foram considerados ateus, ou então o grande poeta, filósofo e dialético hindu Veda-Vyâsa, o princípio de que tudo é uma ilusão - exceto o Grande Desconhecido e a Sua essência direta - foi adotado plenamente por Pirro. (* Manu o primeiro legislador um Ser Divino.). (** A mais antiga escola de Budismo existente.).

Essas crenças filosóficas se estendem como uma rede sobre todo o mundo pré-cristão; e a perseguição e as falsificações supervenientes formam a pedra angular de toda religião atualmente existente além do Cristianismo.

A teologia comparada é uma faca de dois gumes, e assim se tem revelado. Mas os advogados cristãos, inabaláveis diante das provas, forçam a comparação do modo mais sereno; as lendas e os dogmas cristãos, dizem eles, assemelham-se um tanto aos pagãos, é verdade; mas vede, ao passo que um credo nos ensina a existência de um Pai-Deus Todo-poderoso, dotado de plena sabedoria, o Bramanismo nos dá uma multidão de deuses menores, e o Budismo, nenhum; um é fetichismo e politeísmo, o outro pobre ateísmo. Jeová é o único Deus verdadeiro, e o Papa e Martinho Lutero são Seus profetas! Este é um dos gumes da faca, e este é o outro: a despeito das missões, a despeito dos exércitos, a despeito dos impingidos intercâmbios comerciais, os "pagãos" nada descobrem nos ensinamentos de Jesus - por mais sublimes que sejam - que Krishna e Gautama não tenham ensinado antes. E assim, para conquistar novos convertidos, e manter os poucos já vencidos por séculos velharias, os cristãos tacham os dogmas "pagãos" de mais absurdos do que os nossos, e os castigam adotando o hábito de seus sacerdotes nativos e praticando a "idolatria e o fetichismo" que eles tanto menosprezam nos "pagãos". A teologia comparada atua em ambos os caminhos.

QUATRO ESCOLAS DE TEOLOGIA BUDISTAS. (L.4.pg.164).

Há quatro escolas de Teologia budista. No Ceilão, no Tibete, e na Índia. Uma é mais panteísta do que ateísta, mas as três outras são puramente *teístas*.

As especulações de nossos filósofos baseiam-se na primeira. Quanto à segunda, à terceira e à quarta, seus ensinamentos variam apenas no modo externo de expressão.

Quanto às concepções práticas, e não teóricas, sobre o Nirvana, eis o que diz um cético racionalista: "Interroguei várias centenas de budistas nas próprias portas de seus templos, e não encontrei um só que não se esforçasse, jejuasse e se entregasse a toda sorte de austeridade para se aperfeiçoar e adquirir imortalidade, não para atingir a aniquilação final.

"Há mais de 300.000.000 de budistas que jejuam, rezam e trabalham. (...) Por que tachar esses 300.000.000 de homens de idiotas e tolos, por macerarem seus corpos e se imporem as mais terríveis privações de toda natureza, a fim de atingir a aniquilação fatal que os deve levar para parte alguma?"

Assim como esse autor, também nós interrogamos budistas e bramanistas, e lhes estudamos a filosofia. *Apavarga* significa algo muito diferente da aniquilação. Trata-se apenas de procurar tornar-se mais e

mais semelhante a Ele, de quem o devoto é apenas uma das refulgentes centelhas, tal é a aspiração de todo filósofo hindu, e a esperança do mais ignorante *nunca consiste em perder a sua individualidade*. "De outro modo", como outrora observou um estimado correspondente da autora, "a existência mundana e individual se assemelharia à comédia de Deus e à nossa tragédia; aprazaria a Ele que trabalhássemos e sofrêssemos, e morte para nós por sofrê-lo".

Ocorre o mesmo com a doutrina da metempsicose, tão distorcida pelos eruditos europeus. Mas quando o trabalho de tradução e análise fizer maiores processos, belezas religiosas serão descobertas nas antigas fés.

Prof. Whitney sublinhou em suas tradução dos *Vedas* a grande importância que essa obra concede aos cadáveres de seus fiéis, segundo se pode ler nas seguintes passagens, citadas da obra do Sr. Whitney, a propósito dos ritos funerários:

"Levanta-te e anda! Reúne todos os membros de teu corpo,
e não os deixes em abandono; teu espírito partiu, segue-o agora;
onde quer que ele te agrade, vai para lá".

(...)

"Reúne teus membros, e com ajuda dos ritos eu os modelarei para ti.

(...)

"Se Agni esqueceu algum membro ao enviar-te para o mundo
de teus pais, eu to darei de novo, para que com todos os teus
membros te regozijes no céu entre teus pais.

O "corpo" aqui referido não é o corpo físico, mas o *astral* - o que é uma grande distinção, como se pode ver.

Além disso, a crença na existência individual do espírito imortal do homem figura nos seguintes versos do cerimonial hindu de cremação e enterro.

"Aqueles que na esfera da terra permanecem estacionados;
os que moram nos reinos da felicidade;
os pais que por mansão têm a terra, a atmosfera e os céus.
Ante-céu se chama o terceiro céu
onde está o sólio de teus pais". - (Rig-Veda, X, 14.)

Visto o alto conceito que esses povos têm de Deus e da imortalidade do espírito do homem, não é de surpreender que uma comparação entre os hinos védicos e os estreitos e nada espirituais livros mosaicos resulte em vantagem para os primeiros na mente de todo erudito sem preconceitos. Mesmo o código de *Manu* é incomparavelmente superior ao do *Pentateuco* de Moisés, no sentido literal do qual todos os eruditos não iniciados dos dois mundos não conseguem encontrar uma única prova de que os antigos judeus acreditavam numa vida futura ou num espírito imortal no homem, ou de que o próprio Moisés ensinava tal coisa. No entanto, alguns eminentes orientistas têm começado a suspeitar que a "letra morta" oculta algo não aparente à primeira vista. Assim, conta-nos o Prof. Whitney que "quando observamos mais profundamente as formas do moderno cerimonial hindu não descobrimos a mesma discordância entre credos e preceitos; um não é explicado pelo outro", diz esse grande erudito americano. E acrescenta: "Somos forçados a concluir, ou que a Índia derivou seu sistema de ritos de alguma fonte estrangeira, e os praticou cegamente, sem cuidar de sua verdadeira importância, ou que esses ritos são o produto de outra doutrina de data mais antiga, tendo sido mantidos no uso popular depois da decadência do credo de que eles eram a expressão original".

Esse credo não decaiu, e sua filosofia oculta, tal como a entendem agora os hindus iniciados, é exatamente a mesma de há 10.000 anos. Mas podem nossos eruditos esperar seriamente que aqueles a revelem ao primeiro pedido; ou esperam ainda eles penetrar os mistérios da Religião Universal por seus ritos populares exotéricos?

Nenhum brâmane ou budista ortodoxo negaria o mistério da encarnação cristã; mas eles a compreendem à sua própria maneira, e como poderiam negá-lo? A pedra fundamental de seu sistema religioso são as encarnações da Divindade. Sempre que a Humanidade está prestes a cair no materialismo e na degradação moral, um Espírito Superior se encarna na criatura selecionada para o propósito. O "Mensageiro do Superior" liga-se à dualidade da matéria e da alma, e, completando-se assim a Tríada por meio da união de sua Coroa, nasce um Salvador, que ajuda a Humanidade a retornar ao caminho da verdade e da virtude. A Igreja cristã primitiva, imbuída de filosofia asiática, partilhava evidentemente da mesma crença - do contrário jamais teria erigido em artigo de fé o segundo advento, nem inventado a fábula do anti-Cristo como uma precaução contra as possíveis encarnações futuras. Nem teria imaginado que Melquisedeque foi um avatãra de

Cristo. Eles só precisariam folhear a *Bhagavad-Gitâ* para descobrir Krishna ou Bahgavat dizendo a Arjuna: “Aquele que me segue está salvo pela sabedoria e também pelas obras. (... Assim que a virtude declina no mundo, eu me torno manifesto para salva-lo”.

Na verdade, é muito difícil não partilhar essa doutrina das encarnações periódicas. Não tem o mundo testemunhado, em raros intervalos, o advento de personagens tão grandiosos como Krishna, Sakyamuni e Jesus? Como estes dois últimos caracteres de Krishna parece ter sido um ser real, deificado por sua escola em algum tempo no alvorecer da história, e inserido no quadro do venerando programa religioso. Comparai os dois Redentores, o hindu e o cristão, separados no tempo por um espaço de alguns milhares de anos; colocai entre eles Siddhârtha Buddha, que reflete Krishna e projeta na noite do futuro a sua própria sombra luminosa, com sujos raios foram esboçadas as linhas gerais do mítico Jesus, e de cujos ensinamentos os do Cristo histórico, e descobrireis que sob uma mesma capa idêntica de lenda poética viveram e respiraram três figuras humanas reais. O mérito individual de cada um delas ressalta do mesmo colorido mítico, pois nenhum caráter indigno poderia ter sido selecionado para a deificação pelo instinto popular, tão infalível e justo quanto desimpedido. O brocardo *Vox populi, vox Dei* foi outrora verdadeiro, embora falso quando aplicado à atual massa dominada pelo clero.

Kapila, Orfeu, Pitágoras, Platão, Basilides, Marcion, Amônio e Plotino fundaram escolas e semearam os germes de muitos e nobres pensamentos, e, ao desaparecerem, deixaram atrás de si o brilho de semideuses. Mas as três personalidades de Krishna, Gautama e Jesus surgiram como deuses verdadeiros, cada qual em sua época, e legaram à Humanidade três religiões edificadas na imperecível rocha dos séculos. O fato de que as três, especialmente a fé cristã, tenham sido adulteradas com o tempo, e de que a última seja quase irreconhecível, não se deve a nenhuma falha dos nobres reformadores. São os clérigo que se intitulam de cultivadores da “vinha do Senhor” que devem prestar contas à posteridade. Purificai os três sistemas da escória dos dogmas humanos, e a pura essência permanecerá a mesma. Mesmo Paulo, o grande, o honesto apóstolo, no ardor de seu entusiasmo, perverteu involuntariamente as doutrinas de Jesus, ou então seus escritos foram desfigurados depois de reconhecidos. O *Talmude*, o registro de um povo que, não obstante a sua apostasia do Judaísmo, sentiu-se compelido a reconhecer a grandeza de Paulo como filósofo e teólogo, diz a propósito de Aher (Paulo), no *Yerushalmi*, que “ele corrompeu a obra daquele homem”- ou seja Jesus.

Entretanto, antes que essa fusão seja realizada pela ciência honesta e pelas gerações futuras, lancemos uma vista d’olhos ao quadro atual das três legendárias religiões.

AS LENDAS DOS TRÊS SALVADORES

KRISHNA

Época: Incerta. A ciência européia teme comprometer-se. Mas os cálculos bramânicos a fixaram por volta de há 5.000 anos.

Krishna descendente de uma família real, mas é educado por pastores; é chamado de *Deus Pastor*. Seu nascimento e sua ascendência divina são mantidos em segredo de Kansa.

Encarnação de Vishnu, a segunda pessoa da Trimûrti (Trindade). *Krishna* foi adorado em Maturâ, no rio Jumná.

Krishna é perseguido por Kansa, Tirano de Madura, mas escapa miraculosamente. Na esperança de destruir a criança, o rei mata milhares de varões inocentes.

A mãe de *Krishna* foi Devakî, uma virgem imaculada (porém que havia dado à luz oito filhos antes de *Krishna*).

Krishna é dotado de beleza, onisciência e onipotência desde o nascimento. Produz milagres, cura os aleijados e cegos, e expulsa demônios. Lava os pés dos

GAUTAMA BUDDHA

Época: Segundo a ciência européia e os cálculos cingaleses, há 2.540 anos.

Gautama é o filho de um rei. Seus primeiros discípulos são pastores e mendigos.

Segundo alguns, uma encarnação de Vishnu; segundo outros, uma encarnação de um dos Buddhas, e mesmo de Âdi-Buddha, a Sabedoria Suprema.

As lendas budistas estão livres deste plágio, mas a lenda católica que o transforma em São Josafá mostra que seu pai, rei de Kapilavastu, matou inocentes jovens *cristãos* (!!).

A mãe de Buddha foi Mâyâ ou Mâyâdevî; não obstante o seu casamento, manteve-se virgem imaculada.

Buddha é dotado dos mesmos poderes e qualidades, e realiza prodígios semelhantes. Passa sua vida com mendigos. Pretende-se que *Gautama* era

JESUS DE NARARÉ

Época: Supõe-se que tenha sido há 1877 anos. Seu nascimento e sua ascendência real foram ocultados de Herodes, o tirano.

Jesus. Descende da família real de Davi. É adorado por pastores em seu nascimento, e é chamado de “Bom Pastor”. (Ver *Evangelho segundo São João*.)

Uma encarnação do Espírito Santo, portanto a segunda pessoa da Trindade, agora a terceira. Mas a Trindade só foi inventada 325 anos depois de seu nascimento. Foi a Mataria, Egito, e aí produziu os seus primeiros milagres.

Jesus é perseguido por Herodes, Rei da Judéia, mas escapa para o Egito guiado por um anjo. Para se assegurar de sua morte, Herodes ordena uma massacre de inocentes, e 40.000 crianças são mortas.

A mãe de *Jesus* foi Mariam, ou Miriam; casou-se com o marido, mas manteve-se virgem imaculada, embora tenha tido várias crianças além de *Jesus*. (Ver *Mateus, XIII, 55, 56*.)

Jesus tem os mesmos dons. (Ver os *Evangelhos e o Testamento Apócrifo*.) Passa sua vida com pecadores e publicanos. Expulsa igualmente os

Brâmanes, e, descendo às regiões inferiores (inferno), liberta os mortos, e retorna a Vaikuntha - o paraíso de Vishnu. Krishna era o próprio Deus Vishnu em forma humana.

Krishna cria meninos de carneiros, e *vice-versa*. Esmaga a cabeça da Serpente.

Krishna é Unitário. Persegue o clero, acusa-o de ambição e hipocrisia, divulga os grandes Segredos do Santuário - a Unidade de Deus e a imortalidade de nosso espírito. A tradição diz que ele caiu vítima de sua vingança. Seu discípulo favorito, Arjuna, nunca o abandona. Há tradições fidedignas segundo as quais ele morreu perto de uma árvore (ou cruz), sendo atingido no pé por uma flecha. Os eruditos mais sérios concordam em que a Cruz irlandesa, em Tuam, erigida muito antes da era cristã, e asiática.

diferente de todos os outros Avatâras, tendo todo o espírito de Buddha em si, ao passo que os demais tinham apenas uma parte (*ansa*) da divindade.

Gautama esmaga a cabeça da Serpente, e, i., abole o culto de Nâga por fetichismo; mas, como Jesus, faz da Serpente o emblema da sabedoria divina.

Buddha abole a idolatria; divulga os mistérios da Unidade de Deus e o Nirvana, cujo verdadeiro significado era conhecido apenas pelos sacerdotes. Perseguido e expulso do país, escapa da morte reunindo ao seu redor algumas centenas de milhares de crentes em seu Budado. Finalmente morre, cercado por uma hoste de discípulos, com Ânanda, seu primo e amado discípulo, o líder de todos eles. O'Brien acredita que a Cruz irlandesa em Tuam diz respeito a Buddha, mas Gautama jamais foi crucificado. Em muitos templos ele é representado sentado sob uma árvore cruciforme, que é a "Árvore da Vida". Em outra imagem, ele está sentado sobre Nâga, o Râjâ das Serpentes com uma cruz em seu peito.

demônios. A única diferença notável entre os três é que Jesus é acusado de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu, ao passo que os outros não. Jesus lava os pés de seus discípulos, morre, desce ao inferno, e sobe ao céu, depois de libertar os mortos.

Conta-se que *Jesus* esmagou a cabeça da Serpente, de acordo com a revelação original do *Gênese*.

Também transforma meninos em cabritos e cabritos em meninos.

Jesus rebela-se contra a antiga lei judaica; denuncia os Escribas e Fariseus, e a sinagoga por hipocrisia e intolerância dogmática.

Quebra o Sabbath, e desafia a Lei. É acusado pelos judeus de divulgar os segredos do Santuário. É condenado a morrer numa cruz (uma árvore).

Dos poucos discípulos que havia convertido, um o trai, um o nega, e os outros desertam por fim, exceto João, o discípulo que *ele amava*. Jesus, Krishna e Buddha, os três salvadores, morrem sobre ou sob *árvores*, e estão relacionados com cruces que simbolizam os triplices poderes da criação.

RESULTADO

Em meados do século XVIII, contavam essas três religiões com os seguintes números de seguidores:

DE KRISHNA

1º. Bramamistas: 60.000.000

DE BUDDHA

Budistas: 450.000.000

DE JESUS

Cristãos: 260.000.000 (Seg. Max Miller)

Tal é o estado atual dessa três grandes religiões. Cada uma das quais se reflete por sua vez em sua sucessora. Tivéssemos os dogmatizadores cristãos parado aqui, os resultados não teriam sido tão desastrosos, pois teria sido difícil, de fato, fazer um mau credo dos sublimes ensinamentos de Gautama, ou de Krishna, como *Bhagavat*. Mas eles foram adiante, e acrescentaram ao puro Cristianismo primitivo as fábulas de Hércules, Orfeu e Baco. Assim como os muçulmanos não admitem que seu *Corão* se baseia no substrato da *Bíblia* judaica, não confessam os cristãos que devem quase tudo às religiões hindus. Mas os hindus têm a cronologia para prová-lo. Vemos os melhores e mais eruditos de nossos lutando inutilmente por mostrar que as extraordinárias semelhanças - no que se refere à identidade - entre Krishna e Cristo se devem aos espúrios Evangelhos da *Infância* e do de *Santo Tomás*, que teriam "provavelmente circulado na costa do Malabar, e dado cor à história de Krishna". Por que não aceitar a verdade, e, invertendo o problema, admitir que Santo Tomás, fiel à política de proselitismo que caracterizou os cristãos primitivos, ao encontrar no Malabar o original do Cristo mítico em Krishna, tentou reunir os dois; e, adotando em seu evangelho (do qual todos os demais foram copiados) os detalhes mais importantes da história do Avatâra hindu, enxertou a heresia cristã na religião primitiva de Krishna. Para quem estiver familiarizado com o espírito do Bramanismo, a idéia de os brâmanes aceitarem qualquer coisa de um estrangeiro é simplesmente ridícula. Que eles, o povo mais fanático no que respeita aos assuntos religiosos, que, durante séculos, não pôde ser compelido a adotar o mais simples dos costumes europeus, sejam suspeitos de ter introduzido em seus livros sagrados lendas não averiguadas sobre um Deus estrangeiro, eis algo tão absurdamente ilógico que é realmente uma perda de tempo tentar contraditar a idéia!

O NOVO TESTAMENTO CONTEM CITAÇÕES DO LIVRO DOS MORTOS. (L. 4. pág. 174).

O próprio *Novo Testamento* formiga de citações e repetições do *Livro dos mortos*, e Jesus, se tudo o que seus quatro biógrafos lhe atribuem for verdadeiro - deve ter tido conhecimento dos Hinos Funerários egípcios. No *Evangelho Segundo São Mateus* descobrimos sentenças inteiras extraídas do *Ritual* antigo e sagrado que precedem a nossa era por mais de 4.000 anos.

Na parábola do *Reino dos Céus* (*Mateus*, XXV, 34-6), o *Filho do Homem* (Osíris é também chamado de Filho) senta-se no trono de sua glória, julgando as nações e diz aos justos: "Vinde, benditos de meu Pai, [o Deus], herdeiros do reino (...) Pois *tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber (...) estive nu e me vestistes*". E para completar à semelhança (*Mateus*, III, 12): João descreve Cristo como Osíris, "cuja pá (*vannus*) está em sua mão", e que "vai limpar sua eira e recolher seu trigo no celeiro".

Ocorre o mesmo em relação às lendas budistas. Em *Mateus*, IV, 19, diz Jesus: "Segui-me e eu vos farei *pecadores* de homens", referindo-se a passagem a um diálogo entre ele e Simão Pedro e André, seu irmão.

Em *Der Weise und der Thor*, de Schmidt, uma obra cheia de anedotas sobre Buddha e seus discípulos, extraídas todas dos textos originais, fala-se de um novo convertido à fé, que "havia sido apanhado pelo anzol da doutrina, como um peixe, que se pesca com a linha e a rede". Nos templos do Sião, a imagem do esperado Buddha, o Messias Maitreya, é representada com a rede de um pescador nas mãos, ao passo que no Tibete ele segura uma espécie de armadilha. A explicação para isso é a seguinte: "Ele [Buddha] esparge sobre o Oceano do nascimento e da morte a flor de Lótus da excelente lei como *uma isca*; com o laço da devoção, nunca arremessado em vão, ele pesca os seres vivos como peixes, e os leva ao outro lado do rio, onde está o verdadeiro saber".

REFERÊNCIAS SOBRE O SANTO SUDÁRIO. (L. 4. pág. 175).

Se entre os muitos feitos do Bispo de Cesaréia devemos incluir o conhecimento do cingalês, do pehlevi, do tibetano e de outros idiomas, não o sabemos; mas ele certamente transcreveu as cartas de Jesus e Abgarus, e a história do miraculoso retrato de Cristo impresso numa peça de roupa pelo suor de sua face, do Cânone budista. Na verdade, o bispo declarou que descobriu a carta escrita em siríaco, preservada entre os registros da cidade de Edssa, onde Abgarus reinou. Lembramos as palavras de Babrias: "O mito, ó filho do Rei Alexandre, é uma antiga invenção humana dos sírios, que viviam nos tempos antigos sob Ninus e Belus". Edessa era uma das antigas "cidades sagradas". Os árabes a veneram até hoje; e nela se fala o mais puro árabe. Eles a chamam ainda por seu antigo nome, Orfa, outrora a cidade *Arpha-Kasda* (Arphaxard), a sede de um Colégio de caldeus e magos, cujos missionários, chamados de Orpheus, daí trouxeram os Mistérios báquicos à Trácia. Muito naturalmente, Eusébio aí encontrou os contos que ele transformou na história de Abgarus, e a imagem sagrada impressa num tecido; pois a de Bhagavat, ou o abençoado Tathâgata (Buddha) foi obtida pelo Rei Bimbisâra. Comparada pelo Rei, Bhagavat projetou sua sombra nela. Esse pedaço de "miraculoso tecido", com sua sombra, ainda está preservado, dizem os budistas; "só a sombra é raramente vista".

A LENDA DE AMANDA, E O EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO. (L. 4. pág. 176).

De igual maneira, o autor gnóstico do *Evangelho segundo, São João*, copiou e metamorfoseou a lenda de Ânanda que pediu de beber a uma mulher Mâtamgî - o anti-tipo da mulher encontrada por Jesus no poço -, e a quem disse ela que, por pertencer a uma casta inferior, nada podia fazer por um santo monge. "Eu não te perguntei, minha irmã", responde Ânanda à mulher, "qual a tua casta ou tua família, eu apenas te peço água, se puderes me dar alguma." Essa mulher Mâtamgî, encantada e comovida até as lágrimas, arrepende-se, ingressa na Ordem monástica de Gautama, e torna-se uma santa, resgatada de uma vida de lascívia por Sâkyamuni. Muitas de suas ações posteriores foram utilizadas pelos forjadores cristãos para caracterizar Maria Madalena e outras santas e mártires.

"E quem der, nem que seja um copo de água fria a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá sua recompensa", diz o Evangelho (*Mateus*, X, 42). "Quem, com um puro coração, oferecer mesmo que seja um pouco de água, ou ofertar tanto à assembléia espiritual, ou der de beber ao pobre e ao necessitado, ou a um animal do campo, essa ação meritória não se perderá por muitos séculos", diz o Cânone budista.

Na hora do nascimento de Gautama Buddha, realizaram-se 32 prodígios. As nuvens ficaram imóveis no céu, as águas dos rios pararam de correr, as flores cessaram de germinar, os pássaros ficaram silentes e cheios de maravilha; toda a natureza ficou suspensa em seu curso, e plena de expectativa. "Uma luz sobrenatural se difundiu por todo o mundo; os animais pararam de comer; os cegos passaram a enxergar; os coxos e os mudos foram curados", etc.

Citemos agora o *Protevangelion*:

"Na hora da Natividade, quando José olhou para o ar, Eu vi [diz ele] as nuvens espantadas, e as aves do ar parando em meio ao seu vôo (...) E vi as ovelhas dispersas, *mas todas em silêncio* (...) e vi o rio, e observei as novilhas *com suas bocas perto da água, e tocando-a, mas sem a beber*.

"Então, uma nuvem brilhante ofuscou a caverna (...) Mas, de súbito, a nuvem transformou-se numa grande luz na caverna, de modo que seus olhos não puderam suportá-la (...) A mão de Salomé, que estava murcha, foi imediatamente curada (...) Os cegos enxergaram; os coxos e os mudos foram curados."

Quando foi à escola, o jovem Gautama, sem jamais ter estudado, superou completamente todos os seus competidores, não apenas na escrita, mas na Aritmética, na Matemática, na Metafísica, na luta, na arte do arco, na Astronomia, na Geometria, e finalmente venceu os seus próprios professores dando a definição das sessenta e quatro virtudes, que eram desconhecidas dos próprios mestres.

E eis o que diz novamente o *Evangelho da Infância*: "E quando ele [Jesus] tinha doze anos (...) um certo Rabino importante lhe perguntou, 'Lestes livros?' (...) e um certo astrônomo (...) perguntou ao Senhor Jesus se havia estudado Astronomia. E o Senhor Jesus lhe explicou (...) sobre as esferas (...) sobre a Física e a Metafísica. E também sobre coisas que a razão do homem jamais havia descoberto (...) A constituição do corpo, como a alma operava sobre o corpo, etc. (...) E o mestre ficou tão surpreso que disse: Creio que esse rapaz nasceu antes de Noé (...) ele é mais sábio do que todos os mestres!"

Os preceitos de Hillel, que morreu quarenta anos antes do nascimento de Cristo, aparecem antes como citações, do que expressões originais, no Sermão da Montanha. Jesus nada ensinou ao mundo que não tivesse sido convenientemente ensinado antes por outros instrutores. Ele começa seu sermão com certos preceitos puramente budistas que haviam encontrado aceitação entre os essênios, e eram geralmente praticados pelos *Orphikoi* e pelos neoplatônicos. Havia os filelenos, que, como Apolônio, devotavam suas vidas à pureza moral e física, e que praticavam o ascetismo. Jesus tenta inculcar em sua audiência o desprezo pelas riquezas do mundo; uma indiferença de faquir pelo dia seguinte; amor pela Humanidade, pobreza e castidade. Abençoa o pobre de espírito, o humilde, os que têm fome e sede de justiça, o misericordioso e os mansos, e, como Buddha, deixa uma pobre esperança para as castas orgulhosas no que se refere a seu ingresso no reino do céu. Todas as palavras desse sermão ecoam os princípios essenciais do budismo monástico. Os dez mandamentos de Buddha, que se acham num apêndice ao *Pratimoksha-Sûtra* (texto-burmês), são elaborados em toda a sua extensão em *Mateus*. Se desejamos conhecer o Jesus histórico, temos de pôr o Cristo mítico inteiramente de lado, e aprender tudo o que pudermos sobre o homem no primeiro Evangelho. Suas doutrinas, suas concepções religiosas, e suas maiores aspirações se acham concentradas em seu sermão.

A FILOSOFIA DO BUDISMO IGNORA IMAGENS E FETICHES. (L. 4, pág. 178).

A *filosofia* do Budismo ignora imagens e fetiches. Sua enorme vitalidade repousa em suas concepções psicológicas do eu *interior* do homem. O Caminho para o estado supremo da felicidade, chamado de Passagem para o Nirvana, abre suas trilhas através da vida espiritual, e não física, de uma pessoa, enquanto ela está nesta terra. A literatura budista sagrada aponta o caminho, estimulando o homem a seguir *praticamente* o exemplo de Gautama. Por conseguinte, os escritos budistas abrem uma corrente particular nos privilégios espirituais do homem, aconselhando-o a cultivar seus poderes para a produção de *meipo* (fenômeno) durante a vida, e para a obtenção do Nirvana no futuro.

Mas, voltando das narrativas históricas para as míticas, inventada igualmente sobre Krishna, Buddha e Cristo, encontramos o seguinte:

Apresentando um modelo para o avatâra cristão e para o arcanjo Gabriel, o luminoso Santushita (Bodhisattva) apareceu a Mahâ-mâyâ "como uma nuvem ao luar, oriundo do norte, e tendo em suas mãos um lótus branco". Ele lhe anunciou o nascimento de seu filho, volteando o leito da rainha por três vezes," (...) passou do deva-loka e foi concebido *no mundo dos homens*". A semelhança ficará ainda mais perfeita se examinarmos as ilustrações dos saltérios medievais, e os afrescos do século XVI (na Igreja de Jouy, por exemplo, na qual a Virgem é representada de joelhos, com as mãos erguidas para o Espírito Santo, e a criança por nascer miraculosamente através de seu corpo), pois descobriremos o mesmo tema tratado de modo idêntico nas esculturas de certos conventos no Tibete. Nos *Anis Páli-Budistas*, e em outros registros religiosos, afirma-se que Mâyâdevî e todas as suas servas eram constantemente gratificadas com a visão do Bodhisattva desenvolvendo-se quietamente no útero da mãe, e já esparguindo, de seu local de geração, sobre a Humanidade, "o resplandente luar de sua futura benevolência".

Ânanda, o primo e futuro discípulo de Sâkyamuni, é representado como se tivesse nascido ao mesmo tempo. Esse parece ter sido o original das antigas lendas sobre João Batista. Por exemplo, a narrativa páli relata que Maha-mâyâ, estando grávida do sábio, fez uma visita à mãe deste, como Maria o fez à mãe de Batista. Assim que ela entrou no aposento, o futuro Ânanda saudou o futuro Buddha-Siddhârtha, que respondeu à saudação; e de igual maneira o futuro João Batista pulou no útero de Isabel, assim que Maria entrou. E mais: Didron descreve uma cena de saudação, pintada nos postigos em Lyons, entre Isabel e Maria, na qual as duas crianças por nascer, ambas desenhadas fora das mães, se saúdam mutuamente.

Se retornarmos a Krishna e compararmos atentamente as profecias a ele relacionadas, recolhidas nas tradições ramatsariarianas do *Atharva*, dos *Vedângas* e dos *Vedântas*, com passagens da *Bíblia* e dos Evangelhos apócrifos, alguns dos quais pressagiam talvez a vinda de Cristo, descobriremos fatos muito curiosos. Eis alguns exemplos:

**COMPARAÇÕES ENTRE LIVROS HINDUS E LIVROS CRISTÃOS. (L.4.pg.179).
DOS LIVROS HINDUS**

1. "Ele (o Redentor) virá *coroadado de luzes*, saindo o puro fluido da grande alma (...) e dispersando as trevas" (*Atharva*).
2. "Na início do Kali-Yuga nascerá o filho da Virgem" (*Vedânta*).
3. "O Redentor virá, e os malditos *Rákshasas* procurarão refúgio no inferno mais profundo" (*Atharva*).
4. "Ele virá, e a vida desafiará a morte (...) e ele reviverá o sangue de todos os seres, regenerará todos os corpos e purificará as almas".
5. "Ele virá, e todos os seres animados, todas as flores, plantas, homens, mulheres, crianças, escravos (...) entoarão juntos o canto de alegria, pois ele é o Senhor de todas as criaturas (...) ele é infinito, pois é poder, pois é sabedoria, pois é beleza, pois é tudo e está em tudo.
6. "Ele virá, mais doce do que o mel e a ambrosia, mais puro do que o *cordeiro* sem mácula" (*Ibid.*).
7. "Feliz o ventre abençoado que o conceberá" (*Ibid.*).
8. "Pois Deus manifestará Sua glória, e proclamará Seu poder, e Se reconciliará com Suas criaturas" (*Ibid.*).
9. "É no ventre de uma mulher que o raio do esplendor divino receberá uma forma humana, e ela conceberá sendo virgem, pois nenhum contato a maculará" (*Vedângas*).

DOS LIVROS CRISTÃOS

1. "O Povo da Galiléia, que jazia nas trevas, viu uma grande luz" (*Mateus*, IV, 16, de *Isaias*, IX,1, 2).
2. "Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho" (*Isaias*, VII, 14, citado em *Mateus*, I, 23).
3. "E eis que Jesus de Nazaré, com o brilho de sua gloriosa divindade, expulsou os terríveis poderes das trevas e da morte" (*Nicodemos*, XVII, 3).
4. "Eu lhe dou a vida eterna e elas jamais perecerão" (*João*, X, 28).
5. "Regozijai, filha de Sião! grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo (...) Que riqueza! Que beleza a sua! O trigo fará crescer os jovens, e o mosto as virgens". (*Zacarias*, IX, 9, 17).
6. "Eis o cordeiro de Deus" (*João*, I 36). "Como um cordeiro, é conduzido ao matadouro". (*Isaias*, LIII, 7).
7. "Bendita és tu dentre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!" (*Lucas*, I, 42); "Feliz o ventre que te gerou"(XI. 27).
8. Jesus "manifestou Sua glória" (*João*, II, 11). "Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo"(2 *Coríntios*, V, 19).
9. "Por ser caso sem paralelos, sem qualquer poluição ou profanação, uma virgem que não conheceu a nenhum homem conceberá um filho, e uma donzela conceberá o Senhor" (*Evangelho do Nascimento de Maria*, III,5).

O ATHARVA-VEDA E SUA ANTIGÜIDADE. (L. 4. pág. 179).

Por muito que se exagere ou não a antigüidade do *Atharva-Veda* e dos outros livros, permanece o fato de que *essas profecias e a sua realização antecedem ao Cristianismo*, e que Krishna precede a Cristo. Isso é tudo que precisamos investigar.

Fica-se muito surpreendido ao se ler a obra *Monumental Crhistianity*. Seria difícil dizer se é mais forte a admiração pela erudição do autor, ou se o espanto em face de sua argumentação serena e inigualável. Ele reuniu um mundo de fatos que provam que as religiões, muito mais antigas do que o Cristianismo, de Krishna, Buddha e Osíris anteciparam até mesmo os símbolos mais insignificantes daqueles. Seus materiais provêm não de papiros forjados, nem de Evangelhos, interpolados, mas de esculturas nas paredes dos templos antigos, de monumentos, inscrições e outras relíquias arcaicas, apenas mutiladas pelos martelos dos iconoclastas, o cânone dos fanáticos, e os efeitos do tempo. Ele nos mostra Krishna e Apolo como bons pastores; Krishna segurando o *ânk* cruciforme e o *chakra*, e Krishna "crucificado no espaço", segundo suas expressão. Sobre essa figura - emprestada pelo Sr. Lundy de *Hindoo Pantheon*, de Moor -, pode-se dizer que ela é capaz de petrificar uma cristão de espanto, pois que se trata do Cristo crucificado da arte romana no mais alto grau de semelhança. Não falta uma única característica; e afirma o autor: [essa] imagem, eu a creio anterior ao Cristianismo (...) Ela se assemelha a um crucifixo cristão em muitos respeitos (...) O desenho, a atitude, e as marcas dos cravos nas mãos e nos pés indicam uma origem cristã, ao passo que a coroa parta de sete pontas, a ausência do bastão e da inscrição usual, e os raios de glória acima, parecem indicar uma origem diferente da cristã. Seria talvez o Homem-Vítima, ou o Sacerdote e a Vítima reunidos numa única pessoa, na mitologia hindu, que se ofereceu a si mesmo como sacrifício antes da criação dos mundos? Seria talvez o segundo Deus de Platão que se imprimiu no universo na forma da cruz? Ou seria esse homem divino que foi açoitado, torturado, agrilhoado, que teve os olhos arrancados, e que por fim (...) *foi crucificado*?" É tudo isso e muito mais. *A Filosofia Religiosa Arcaica* era universal.

Seja como for, o Dr. Lundy contradiz a Moor, e afirma que essa figura é a de *Vithobâ*, um dos avatâras de Vishnu, portanto de Krishna, e *anterior ao Cristianismo*, o que não é um fato fácil de refutar. E embora acredite que tal imagem antecipe o Cristianismo, ele pensa que ela não tem qualquer relação com Cristo! Sua única razão é que "num crucifixo cristão a glória sempre vêm da cabeça sagrada; aqui ela vem de cima, e detrás (...) O *Vithobâ* dos pânditas, dado a Moor, parece ser o Krishna crucificado, o deus pastor de Mathurâ (...) *um Salvador - o Senhor da aliança, assim como Senhor do céu e da Terra - puro e impuro, luz e*

treva, bom e mau, pacífico e belicoso, amistoso e colérico, manso e turbulento, misericordioso e vingativo, Deus e uma estranha mistura de homem, mas não o Cristo dos Evangelhos".

Ora, todas essas qualidades pertencem tanto a Jesus como a Krishna. O próprio fato de que Jesus foi um homem pelo lado da mãe - embora fosse um Deus - é igualmente corroborativo. Sua atitude para com a figueira e as suas contradições, em *Mateus*, onde por um lado promete paz na Terra e por outro a espada, etc., são provas a esse respeito. Sem dúvida alguma, essa imagem jamais pretendeu representar Jesus de Nazaré. Ela era a de Vithobâ, como informaram a Moor, e como, além disso, afirmam as *Escrituras Sagradas* hindus, Brahmâ, o sacrificador que é "ao mesmo tempo sacrificador e vítima"; ele é Brahmâ, vítima em Seu Filho Krishna, que veio para morrer na terra por nossa salvação, que realiza Ele mesmo o sacrifício solene [do Sarvamedha]." No entanto, é tanto o homem Jesus como o homem Krishna, pois ambos estavam unidos aos seus *Cristos*.

Temos assim que, o admitir as "encarnações" periódicas, ou deixar passar o Cristianismo como a maior impostura e o maior plágio de todos os séculos!

Quanto às *Escrituras* judaicas, apenas homens como o jesuíta de Carrière, um conveniente representante da maioria do clero católico, pode ainda ordenar a seus seguidores que aceitam apenas a cronologia estabelecida pelo Espírito Santo. É com base na autoridade deste último que ficamos sabendo que Jacó foi, com uma família de setenta pessoas, no total, fixar-se no Egito no ano de 2.298, e que em 2.513 - apenas 215 anos depois - essas setenta pessoas haviam aumentado tanto, que deixaram o Egito 600.000 fortes homens, aptos à guerra, "sem contar as mulheres e as crianças", o que, de acordo com a ciência da estatística, representa uma população total de dois a três milhões!! A história natural não registra nenhum paralelo de tal fecundidade, exceto nos arenques vermelhos. Depois disso, que riam os missionários cristãos, se puderem, da cronologia e dos cálculos hindus.

"Felizes são as pessoas, embora não as invejamos", exclama Busen, "que não se vexam de fazer Moisés marchar com mais de dois milhões de pessoas ao término de uma conspiração popular, nos alegres dias da 18ª Dinastia; que fazem os israelitas conquistar Canaã sob Josué, durante, ou antes, das mais formidáveis campanhas dos faraós conquistadores nesse mesmo país. Os anais egípcios e assírios, combinados com a crítica histórica da *Bíblia*, provam que o êxodo só poderia ter ocorrido sob o reinado de Menephthah, de modo que Josué não poderia ter cruzado o Jordão antes da Páscoa de 1.280, tendo ocorrido a última campanha de Ramsés III, na Palestina, em 1.281."

NARRATIVAS DE BUDDHA. (L. 4. pág. 181).

Retomemos, porém, o fio de nossa narrativa com Buddha.

Nem ele, nem Jesus jamais escreveram uma única palavra de suas doutrinas. Devemos tomar os ensinamentos dos mestres segundo o testemunho dos discípulos, e tomos portanto, o direito de julgar ambas as doutrinas de acordo como seu valor intrínseco. Onde mais repousa o peso da lógica constata-lo nos resultados dos freqüentes encontros entre os missionários cristãos e os teólogos budistas (*punghi*). Estes últimos sempre levaram a melhor sobre os seus oponentes. Por outro lado, o "Lama de Jeová" raramente consegue dominar seu temperamento, para grande deleite do Lama de Buddha, e demonstra praticamente sua religião de paciência, misericórdia e caridade insultando seus adversários com a linguagem menos canônica que se pode imaginar. Testemunhamo-lo repetidas vezes.

A despeito da notável semelhança entre os ensinamentos diretos de Gautama e Jesus, observamos que os seus respectivos seguidores partem de dois pontos de vista diametralmente opostos. O sacerdote budista, seguindo literalmente a doutrina ética de seu mestre, permanece assim fiel ao legado de Gautama, ao passo que o ministro cristão, distorcendo os preceitos registrados pelos quatro *Evangelhos*, ensina, não o que Jesus ensinou, mas as interpretações absurdas, e amiúde perniciosas, de homens falíveis - Papas, Luteros e Calvinos incluídos. Aqui estão dois exemplos selecionados de ambas as religiões. Deixamos ao leitor a tarefa de julgá-los:

"Não acrediteis em alguma coisa porque muitos falam dela", diz Buddha; "não penseis que isso é uma prova de sua verdade.

"Não acrediteis meramente porque a afirmação escrita de algum antigo sábio o disse; nunca estareis certos de que o escrito não foi revisado pelo dito sábio, ou de que se possa nele confiar. Não acrediteis em vossas fantasias, pensando que, *por ser extraordinária uma idéia, ela deve ter sido inculcada por um Devo, ou por algum ser maravilhoso.*

"Não acrediteis em conjecturas, isto é, escolhendo algo ao acaso como um ponto de partida, e dele tirando conclusões. Antes de contar o dois, o três, e o quarto, *tende bem fixo para vós o número um (...)*

"Não acrediteis meramente com base na autoridade de vossos mestres, nem acrediteis e pratiqueis simplesmente porque eles acreditaram e praticaram.

"Eu [Buddha] vos digo, deveis saber por vós mesmos que 'isto é mau, isto é punível, isto é censurado pelos sábios, a crença nisto não trará vantagens a ninguém, mas causará infelicidade'. E quando souberes isto, evitaí-o."

O CULTO DAS PALAVRAS, E O CULTO DAS IMAGENS, SUAS RELAÇÕES E CONSEQÜÊNCIAS. (L. 4. pág. 182).

"O culto das palavras é mais pernicioso do que o culto das imagens", assinala Robert Dale Owen. "A gramatolatria é a pior espécie de idolatria. Chegamos a uma era em que o literalismo está destruindo a fé (...). A letra mata.

"Não há um dogma da Igreja ao qual essas palavras possam ser mais bem aplicadas do que à doutrina da *transubstanciação*. "Quem come a minha carne e bebê o meu sangue tem a vida eterna", diz Cristo. "Dura é essa palavra", repetiram seus consternados ouvintes. A resposta *foi a de um iniciado*. "Isto vos ofende? (...) É o Espírito que vivifica; a carne para nada serve. As palavras [*rêmata*, ou ditos arcanos] que vos disse são espírito e Vida." [João, Vi, 54, 61, 63.]

A REPRESENTAÇÃO DO VINHO NOS MISTÉRIOS DO DEUS BACO. (L. 4. pág. 182).

Durante os mistérios, o vinho representava Baco, e o pão, Ceres. O iniciador-hierofante apresentava simbolicamente, antes da *revelação* final, vinho e pão ao candidato que tinha de comer e beber de ambos, em sinal de que o espírito viria vivificar a matéria, i.e., a sabedoria divina iria entrar em seu corpo através do que lhe seria revelado. Jesus, em sua fraseologia oriental, assimilava-se constantemente ao verdadeiro vinho (João, XV, 1). Além disso, o hierofante, o revelador do Petroma, era chamado de "Pais". Quando Jesus diz, "Bebei (...) este é o meu sangue", tinha ele em mente apenas uma comparação metafórica de si mesmo com a vinha, que produz a uva, cujo suco é seu sangue - vinho. Era essa uma indicação de que, tendo ele sido iniciado pelo "Pai", desejava também iniciar os outros. Seu "Pai" era o agricultor, ele a vinha, seus discípulos os ramos. Seus seguidores, por ignorarem a terminologia dos Mistérios, ficaram surpresos; eles tornaram suas palavras como uma ofensa, o que é de surpreender, considerando a proibição mosaica do sangue.

Há vários indícios, nos quatro evangelhos, para indicar qual era a esperança secreta e mais ardente de Jesus, com a qual comeu a ensinar e com a qual morreu. Em seu imenso e desprendido amor pela Humanidade, ele considerou injusto priva-la dos resultados do conhecimento adquirido por uns poucos. Esse resultado, ele o prega coerentemente - a unidade de um Deus espiritual, cujo templo está dentro de cada um de nós, e em quem vivemos assim como Ele vive em nós - em espírito. Esse conhecimento estava nas mãos dos adeptos judeus da escola de Hillel e dos cabalistas. Mas os "escribas", ou legisladores, tendo mergulhado gradualmente no dogmatismo da letra morta, há muito haviam se separado dos Tannaim, os verdadeiros mestres espirituais; e os cabalistas práticos eram mais ou menos perseguidos pela Sinagoga. Eis por que Jesus exclama: "Ai de vós, legisladores, *pois tomastes as chaves do conhecimento* à Gnose: Vós mesmos não entrastes, e impedistes os que queriam entrar" (Lucas, XI, 52). O sentido aqui é claro. Eles tomaram a chave, e não puderam tirar proveito dela, pois a *Masorah* (traição) se havia tornado um livro fechado, tanto para eles como para outros.

OS MISTÉRIOS DA RELIGIÃO BRAMÂNICA. (L. 4. pág. 183).

Os maiores mistérios da religião bramânica estão abarcados nesse magnífico poema, o *Bhagavad-Gîtâ*; e mesmo os budistas o reconhecem, explicando certas dificuldades dogmáticas à sua própria maneira. "Sê desprendido; subjuga teus sentidos e tuas paixões, que obscurecem a razão e conduzem à ilusão", diz Krishna a seu discípulo Arjuna, enunciando assim um princípio puramente budista. "Os pequenos homens seguem os exemplos, os grandes os dão (...) a alma deve libertar-se dos vínculos da ação, e agir absolutamente de acordo com a sua origem divina. *Só há um Deus*, e todas as outras *devatâs* são inferiores, e meras formas, poderes de Brahmâ ou de mim mesmo. A adoração por feitos *predomina sobre a da contemplação*."

Essa doutrina coincide perfeitamente com a de Jesus. Só a fé, que não é acompanhada de "obras", é reduzida a zero na *Bhagavad-Gîtâ*. Quanto ao *Atharva-Veda*, ele foi e ainda é preservado em tal segredo pelos brâmanes que constitui assunto de dúvida saber se os *orientalistas* têm uma cópia *completa* dele. Quem quer que tenha lido o que o Abade J. A. Dubois diz sobre o assunto poderá duvidar do fato. "Das últimas espécies" - o *Atharva* - "há pouquíssimas", diz ele, ao escrever os *Vedas*, "e muitas pessoas supõem que ele não existe mais. Mas a verdade é que ainda existem, sim, mas ocultas com mais cuidados do que outros, por medo de serem tomados como iniciados nos mistérios mágicos e outros terríveis segredos que segundo se acredita esta obra ensina".

SEGREDOS MÁGICOS, CONTIDOS NOS VEDAS. - A TRANSFERÊNCIA VOLUNTÁRIA DE VIDA DO HIEROFANTE AO CANDIDATO. (L. 4. pág. 184).

Mesmo entre os *epoptai* superiores dos *mistérios* maiores havia aqueles que nada sabiam do último e terrível rito - a transferência voluntária de vida do hierofante ao candidato. Em *Ghost-Land*, essa operação mística da transferência do adepto de sua entidade espiritual, após a morte de seu corpo, no jovem que ele ama como todo amor ardente de um pai espiritual, é descrita soberbamente. Como no caso da reencarnação dos lamas do Tibete, um adepto da ordem superior pode viver indefinidamente. Sua casca mortal se desgasta, não obstante certos segredos alquímicos que prolongam o vigor juvenil muito além dos limites usuais, embora o corpo raramente possa manter-se vivo além de dez ou doze anos. O velho envoltório é então esgotado, e o Ego espiritual forçado a deixá-lo, escolhe para sua morada um novo corpo, fresco e cheio do sadio princípio vital. Caso o leitor se sinta inclinado a ridicularizar essa afirmação, sobre o possível prolongamento da vida humana, poderemos remetê-lo às estatísticas de vários países. O autor de um excelente artigo na *Westminster Review* de outubro de 1850, é responsável pela asserção de que na Inglaterra há o exemplo autêntico de um certo Thomas Jenkins, que morreu com a idade de 169 anos, e o de "Old Parr", aos 152 anos (nascido em 1483 e morreu em 14 de novembro de 1635, *Dict. of National Biography* N. Org.); e na Rússia alguns camponeses são "conhecidos pelo fato de terem atingido 242 anos". Há também casos de centenários registrados entre os índios peruanos. Estamos ciente de que vários autores desacreditaram recentemente essas pretensões quanto a uma extrema longevidade, mas, no entanto afirmamos nossa crença em sua verdade.

Verdadeiras ou falsas, há "superstições" entre os povos orientais com que nunca sonharam Edgar Allan Poe ou Hoffmann. E essas crenças estão no próprio sangue das nações em que tiveram origem. Se cuidadosamente escoimadas dos exageros, descobriremos que elas encarnam uma crença universal nas almas astrais incansáveis e errantes chamadas de fantasmas e vampiros. Um Bispo armênio do século V, de nome Eznik, dá várias de tais narrativas numa obra manuscrita (Livro I, §20,30), preservada há cerca de trinta anos na biblioteca do Mosteiro de Etchmiadzin *. Entre outras, há uma tradição que data dos dias do paganismo, segundo a qual sempre que morre no campo de batalha um herói cuja vida ainda é necessária na terra, os aralezes, os deuses populares da antiga Armênia, fecham as feridas do cadáver e sopram nele até infundir-lhe nova e vigorosa vida física. Depois disso, o guerreiro se levanta, apaga todas as traços de suas feridas, e retoma seu lugar na luta. Mas seu espírito imortal parte; e para o resto de seus dias ele vive - como um templo deserto.

Uma vez iniciado o candidato no último e mais solene mistério da transferência de vida, o terrível *sétimo* rito da grande operação sacerdotal, que é a teurgia superior, não mais pertence ele a este mundo. Sua alma ficava então livre, e os *sete* pecados mortais que estavam à espera para devorar-lhe o coração, (pois a alma, liberada pela morte, estaria cruzando as *sete* câmaras e as *sete* escadas), não mais poderiam afligi-lo; ele havia passado pelos "catorze julgamentos", os *doze* trabalhos da hora final. (*Livro dos mortos*. Os hindus têm sete céus superiores e sete inferiores.)

Só o Sumo Hierofante sabia como realizar essa solene operação infundindo sua própria vida e sua alma astral no adepto escolhido por ele como seu sucessor, e que assim se tornava dotado de um vida dupla.

EXPLICAÇÕES SOBRE A PARÁBOLA DE JESUS "NASCER DE NOVO". (L. 4. pág. 185).

"Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (João, III, 3). Disse Jesus a Nicodemos: "O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito".

Essa alusão, tão ininteligível em si mesma, é explicada no *Satapatha-Brâhmana*. Ele ensina que um homem que se esforça pela perfeição espiritual deve ter *três* nascimentos: 1º, o físico, de seus pais mortais; 2º, o *espiritual*, através do sacrifício religioso (iniciação). 3º, seu nascimento final no mundo do espírito - na morte. Embora possa parecer estranho que devamos ir à antiga terra do Punjâb e às margens do Ganges sagrado em busca de um intérprete para as palavras ditas em Jerusalém expostas às margens do Jordão, o fato é evidente. Esse segundo nascimento, ou regeneração do espírito, após o nascimento natural do que é nascido da carne, pode ter espantado o legislador judeu. Não obstante, ele foi ensinado 3.000 anos antes do aparecimento do grande profeta Galileu, não apenas na Índia antiga, mas a todos os *epoptai* da iniciação pagã, que foram instruídos nos grandes mistérios da VIDA e da MORTE. Esse segredo dos segredos, segundo o qual a *alma* não esta soldada à carne, foi praticamente demonstrado no exemplo dos iogues, os seguidores de Kapila. Tendo emancipado suas almas dos grilhões da *Prakriti*, ou *Mahat* (a percepção física dos sentidos e da mente - numa palavra, criação), eles estão desenvolveram suas forças de alma e sua força de *vontade*, habilitando-se, assim, enquanto na terra, a comunicar-se com os mundos supernos e a realizar o que é erroneamente chamado de "milagres". Homens cujos espíritos astrais atingiram na terra o *naihsreyasa*, ou a

mukti, são semideus; espíritos desencarnados, eles alcançam *Moksha* ou *Nirvana*, e esse é o seu *segundo* nascimento espiritual.

Buddha ensina a doutrina de um novo ensinamento de modo tão claro quanto Jesus. Desejamos romper com os mistérios antigos, a cujo acesso as massas ignorantes não tinham direito, o reformador hindu, embora mantivesse um silêncio geral sobre mais de um dogma secreto, afirma claramente seu pensamento em várias passagens. Assim, diz ele: "*Algumas pessoas nascem novamente*; os pecadores vão ao Inferno; as pessoas virtuosas vão ao Céu; aqueles que estão livres de todos os desejos mundanos penetram no Nirvana" (*Dhammapada*, 126. Noutro lugar, Buddha afirma que é melhor acreditar numa vida futura, na qual se pode examinar a felicidade ou a miséria; pois se o coração acreditar nela, "ele abandonará o pecado e agirá virtuosamente; e mesmo se não houver ressurreição, uma tal vida terá um bom nome, e o respeito dos homens. *Mas aqueles que acreditam na extinção após a morte não deixarão de cometer os pecados*, porquanto nada esperam no futuro.

A EPÍSTOLA DOS HEBREUS TRATA DO SACRIFÍCIO DO SANGUE. (L.4.pg.186).

A *Epístola dos Hebreus* trata do sacrifício do sangue. "Onde existe um testamento", diz o autor, "*é necessária a morte do testador* (...) Sem o derramamento *de sangue* não há remissão. E também: "Cristo não se atribui a glória de *tornar-se sumo sacerdote*; mas ele a recebeu daquele que lhe disse: Tu és o meu filho, HOJE EU TE GEREI (*Hebreus*, V, 5). Essa é uma clara inferência de que 1ª., Jesus era considerado apenas à luz de um sumo sacerdote, como Melquisedeque - outro *avatâra*, ou encarnação de Cristo, de acordo com os Padres; e 2ª., que o autor pensava que Jesus se havia tornado um "Filho de Deus" apenas no momento de sua iniciação pela água; portanto, que ele não havia nascido deus, nem havia sido fisicamente gerado por Ele. Todo iniciado da "última hora" se torna, pelo próprio fato de sua iniciação, um filho de Deus. Quando Máximo, o Efésio, iniciou o Imperador Juliano nos mistérios de Mithra, ele pronunciou, como fórmula usual do rito, o seguinte: "Por este sangue, eu te lavo de teus pecados. A Palavra do Supremo entrou em ti, e Seu Espírito doravante repousará sobre o RECÊM-NASCIDO do Deus Superior (...) Tu és o filho de Mithra". "Tu és o '*Filho de Deus*'", repetiram os discípulos após o batismo de Cristo. Quando Paulo sacudiu a víbora no fogo sem sofrer nenhum mal, o povo de Melita disse: "que ele era *um deus*" (*Atos*, XXVIII, 6). "Ele é o filho de Deus, o Belo!", essa a fórmula utilizada pelos discípulos de Simão Mago, pois pensavam reconhecer nele o "grande poder de Deus"

O homem não pode ter nenhum deus que não esteja limitado por suas próprias concepções humanas. Quando mais amplo for o alcance de sua visão espiritual, mais poderosa será a sua divindade. Mas onde podemos encontrar uma melhor demonstração d'Ele do que no próprio homem; nos poderes espirituais e divinos que jazem adormecidos em todo ser humano? "A própria capacidade de imaginar a possibilidade de poderes taumatúrgicos é uma evidência de que eles existem", diz o Dr. A. Wilder. "O crítico, assim como o cético, geralmente é inferior à pessoa ou assunto que está sob sua consideração, e, por conseguinte, dificilmente será uma testemunha competente. *Se há falsificações, algo deve ter sido um original genuíno.*"

O sangue gera fantasmas, e suas emanções fornecem a certos espíritos os materiais necessários para moldar suas aparições temporárias. "O sangue", diz Lévi (Éliphas Lévi), "é a primeira encarnação do fluido universal; é a *luz vital* materializada. Seu nascimento é a mais maravilhosa de todas as maravilhas da natureza; ele vive apenas se transforma perpetuamente, pois é o Proteu universal. O sangue provém de princípios em que nada havia dele antes, e torna-se carne, osso, unhas (...) lágrimas, e respiração: Não pode se aliar nem à corrupção, nem à morte; quando a vida de vai, ele começa a se decompor; se souberes como reanima-lo, infundir vida nele por uma nova magnetização de seus glóbulos, a vida retornará. A substância universal, com o seu duplo movimento, é o grande arcano do ser; o sangue é o grande arcano da vida".

"O sangue", diz o hindu Ramatsariar, "contém todos os misteriosos segredos da existência, pois nenhum ser vivo pode existir sem ele. É profanar a grande obra do Criador o ato de comer sangue."

Por sua vez, Moisés, seguindo a lei universal e tradicional, proíbe comer o sangue.

Paracelso escreve que com os vapores do sangue é possível evocar qualquer espírito que desejamos ver; pois com suas emanções ele construirá uma figura, um corpo *visível* - apenas isso é feitiçaria. Os hierofantes de Baal faziam profundas incisões em seus corpos, gerando aparições abjetivas e tangíveis com seu próprio sangue. Os seguidores de uma certa seita na Pérsia, muitos dos quais podem ser encontrados nas colônias russas de Temir-Khân-Shura, e Derben, têm seus mistérios religiosos como o qual formam um largo círculo, e rodopiam à volta com uma dança frenética. Seus templos estão arruinados, e eles fazem o seu culto em grandes edificações provisórias, seguramente guardadas, e com o andar térreo profundamente fechado por areia. Todos vestem longos mantos, e suas cabeças descobertas e cuidadosamente raspadas. Armados de facas, eles logo atingem um estado de furiosa exaltação, e ferem a si mesmos e aos outros até que suas vestes

e a areia do chão estejam coalhadas de sangue. Antes do término do "mistérios", *todo homem terá uma companhia*, que rodopiará com ele. Às vezes, os dançarinos espectrais terão *cabelos em suas cabeças*, que os deixarão muito diferentes dos seus inconscientes criadores. Como prometemos solenemente jamais divulgar os principais detalhes dessa terrível cerimônia (que tivemos a permissão de presenciar por uma única vez), não insistiremos mais neste ponto.

HÁ TERRÍVEIS SEGREDOS NA NATUREZA. (L. 4. pág. 189).

Que á segredos terríveis na Natureza, eis algo em que podemos acreditar quando, como vimos no caso do *zangar'* russo, o feiticeiro não pode morrer, enquanto não passar a palavra a outro, e os hierofantes da Magia Branca realmente o fazem. Parece que o poder terrível da "Palavra" sé poderia ser confiado a um homem de um certo distrito ou corpo de pessoas ao mesmo tempo. Quando o Brahmâtma estava prestes a deixar o fardo da existência física, ele comunicava seu segredo ao seu sucessor, seja oralmente, seja por meio de um escrito colocado numa caixa seguramente aferrolhada e ao alcance apenas do legatário. Moisés "depôs as mãos" sobre seu neófito, Josué, nas solidões de Nebo, e partiu. Aarão inicia Eleazar no Monte Hor, e morre. Siddhârta-Buddha promete a seus mendigos que antes da morte viverá naquele que o merecer, abraça seu discípulo favorito, murmura em seu ouvido, e morre; e assim que a cabeça de João repousa no regaço de Jesus, é informado de que ele deverá demorar até a sua volta. Tal como as fogueiras de comunicação dos tempos antigos, que, acesas e extintas alternadamente no topo das montanhas, transmitiam certas informações por um longo trecho do país, vemos assim uma longa linhagem de homens "sábios", desde o início da história até os nossos tempos, comunicando a palavra da sabedoria aos seus sucessores diretos. Passando de profeta a profeta, a "Palavra" cintila como relâmpago, e, retirando embora para sempre o iniciador da visão humana, apresenta o novo iniciado. Entrementes, as nações se matam umas às outras em nome de outra "Palavra", uma substância vazia aceita literalmente por cada um delas, e mal interpretada por todas!

O QUE CRISTO REPRESENTA PARA O APÓSTOLO PAULO. (L. 4. pág. 192).

Peguemos Paulo, leiamos as poucas partes originais que nos restam dos escritos atribuídos a esse homem bravo, honesto e sincero, e vejamos se alguém pode encontrar nelas uma palavra que seja para mostrar que Paulo considerava a palavra Cristo como algo mais do que o ideal abstrato da divindade pessoal que habita no homem. Para Paulo, Cristo não é uma pessoa, mas uma idéia encarnada. "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura" *ele renasce*, como depois da iniciação, pois o Senhor é espírito - o espírito do homem. Paulo foi o único apóstolo que compreendeu as idéias secretas que subjazeiam aos ensinamentos de Jesus, Embora jamais o tenha encontrado pessoalmente. Mas Paulo se iniciou a si mesmo; e, decidido a inaugurar uma nova e ampla reforma, ele sinceramente elevou suas próprias doutrinas muito acima da sabedoria dos séculos, acima dos antigos Mistérios e da revelação final dos *epoptai*. Como comprova o Professor A. Wilder numa série de argutos artigos, *não foi Jesus, mas Paulo o verdadeiro fundador do Cristianismo*. "Foi em Antioquia que os discípulos receberam pela primeira vez o nome de cristãos, dizem os *Atos dos Apóstolos*, XI, 26. "Homens como Irineu, Epifânio e Eusébio transmitiram à posteridade a reputação de práticas inverídicas e desonestas; e o coração chora diante das histórias desse período", escreve o autor, num artigo recente. "Seja lembrado", acrescenta ele, "que quando os muçulmanos invadiram a Síria e a Ásia Menor pela primeira vez, foram vem recebidos pelos cristãos dessas regiões como libertadores da intolerável opressão das autoridades governantes da Igreja."

O CRISTIANISMO DE PEDRO, FOI SUPERADO PELO DE PAULO. (L. 4. pág. 193).

"O Cristianismo de Pedro não existe mais; o de Paulo o suplantou, e foi por sua vez amalgamado com as outras religiões do mundo. Quando a Humanidade for iluminada, ou as raças e famílias bárbaras forem suplantadas por aqueles de natureza e instintos mais nobres, as excelências idéias poderão se tornar realidades.

"O 'Cristo de Paulo' constituiu um enigma que evocou os mais ingentes esforços no sentido de sua solução. Ele era algo diverso de Jesus dos *Evangelhos*. Paulo prescindiu completamente de suas 'intermináveis genealogias'. O autor do quarto *Evangelho*, um gnóstico alexandrino, descreve Jesus como o que agora chamaríamos de um espírito divino 'materializado'. Ele era o Logos, ou Primeira Emanação - o Metatron (...) A 'mãe de Jesus', como a Princesa Mâyâ, Danaé, ou talvez Periktione, deu nascimento, não a uma criança, mas a um rebento divino. Nenhum judeu de qualquer seita, nenhum apóstolo, nenhum crente primitivo, jamais promulgou tal idéia. Paulo trata de Cristo antes como uma personagem, do que como uma pessoa. As lições sagradas das assembléias secretas personificavam amiúde o bem divino e a verdade divina numa forma humana, assaltada pelas paixões e pelos apetites da Humanidade, mas superior a eles; e essa

doutrina, emergindo da cripta, foi assimilada pelos ignorantes sacerdotes como a de uma concepção imaculada e uma encarnação divina."

BIOGRAFIAS:

Volumes I e II Teologia Ísis Sem Véu de HPB Editora Pensamento Ltda.

Livro O Sistema Solar de Arthur E. Powell Editora Pensamento Ltda.

O Homem Deus e o Universo de I. K. Taimni Editora Pensamento Ltda.

Compilado por Mario J.B. Oliveira.

VOLUME 2

CIÊNCIA II

CAPÍTULO IX

FENÔMENOS CÍCLICOS

O SENTIDO DA EXPRESSÃO TÚNICAS DE PELES. (L. 2. pág. 11).

Afirmam alguns filósofos antigos que as "túnicas de pele" que, segundo o terceiro capítulo do *Gênese*, foram dadas a Adão e Eva significam os corpos carnis com que os progenitores da raça humana foram vestidos na evolução dos ciclos. Sustentam eles que a forma física criada à semelhança de Deus tornou-se cada vez mais e mais grosseira, até atingir o fundo do que se pode chamar de último ciclo espiritual, e a Humanidade penetrou no arco ascendente do primeiro ciclo humano. Começou, então, uma série ininterrupta de ciclos ou *yugas*, permanecendo a duração precisa de cada um deles um mistério inviolável conservado nos recintos dos santuários e revelado unicamente aos iniciados. Assim a Humanidade entrou num novo ciclo, a idade da pedra, com a qual o ciclo precedente teve fim, começou gradualmente a se transformar numa idade superior. A cada sucessiva idade, ou época, os homens se refinaram mais e mais, até que o cume da perfeição possível em cada ciclo particular foi atingido. Então a onda em refluxo do tempo trouxe consigo os vestígios do progresso humano, social e intelectual. Os ciclos se sucedem aos ciclos por transição imperceptíveis; nações florescentes e altamente civilizadas cresceram em poder, atingiram o clímax do desenvolvimento, declinaram e extinguíram-se; e a Humanidade, quando o fim do arco cíclico mais baixo foi atingido, remergulhou na barbárie como no princípio. Reinos desmoronaram e as nações se sucederam às nações, do princípio até os nossos dias, as raças subindo alternadamente aos graus de desenvolvimento mais elevado e descendo até os mais baixos. Draper observa que não há nenhuma razão para supor que um ciclo se aplique a toda a raça Humana. Ao contrário, enquanto o homem numa parte do planeta está em estado de retrogressão, na outra ele pode estar progredindo em conhecimento e em civilização.

Quanto se assemelha a esta teoria a lei do movimento planetário, que força os astros a rodarem sobre seus eixos ; os diversos corpos a girarem em torno dos respectivos sóis; e todo o cortejo estelar a seguir um caminho comum em redor de um centro comum. Vida e morte, luz e trevas, dia e noite sucedem-se no planeta, enquanto este gira sobre seu eixo e percorre o círculo zodiacal, que representa os ciclos menores e maiores. Lembrai-vos do axioma hermético: "Em cima como embaixo; no céu como na terra".

VISÕES CLARIVIDENTES DE UM PASSADO REMOTO. - A TEORIA HERMÉTICA DA EVOLUÇÃO DO HOMEM. (L. 2. pág. 12).

O Prof. Denton submeteu, ao exame de sua esposa, um fragmento de osso fossilizado sem dar à Sra. Denton qualquer indicação do que era o objeto. Este suscitou-lhe imediatamente retratos do povo e cenas que o Prof. Dentron acredita pertencerem à idade da pedra. Ela viu homens extremamente semelhantes a macacos, com corpos muito peludos, e "como se o cabelo natural fizesse as vezes de roupas". "Duvido que eles possam ficar perfeitamente eretos; as articulações do quadril parecem indicar que não", disse ela. "Vejo ocasionalmente uma parte do corpo de um desses seres que parece comparativamente lisa. Posso ver a pele, que é mais branca (...) Não sei se ele pertence ao mesmo período. (...) à distância a face parece achatada; a parte inferior é proeminente; eles têm o que suponho que se chamam mandíbulas prognatas. A região frontal da cabeça é baixa, e a parte mais baixa é muito proeminente, formando uma saliência redonda em torno da frente, imediatamente acima das sobrancelhas. (...) Vejo agora um rosto que se parece ao de um ser humano, embora ainda tenha uma aparência simiesca. Todos parecem pertencer à mesma espécie, pois têm braços longos e corpos cabeludos".

Aceitem ou não os cientistas a teoria hermética da evolução do homem a partir de naturezas superiores e mais espirituais, eles próprios nos mostram como a raça progrediu do ponto mais baixo observado ao atual desenvolvimento. E, como toda a natureza parece ser feita de analogias, será desarrazoado afirmar que o mesmo desenvolvimento progressivo das formas individuais ocorreu entre os habitantes do universo *invisível*? Se esses maravilhosos efeitos foram causados pela evolução sobre o nosso pequeno planeta insignificante, produzindo homens pensantes e intuitivos a partir de tipos superiores da família dos

macacos, por que supor que os ilimitados reinos do espaço são habitados apenas por duplicatas espirituais desses ancestrais cabeludos, de braços longos e semipensantes, seus predecessores, e por seus sucessores até a nossa época? Naturalmente, as partes espirituais desses membros primitivos da família humana deveriam ser tão bárbaras e tão pouco desenvolvidas quanto os seus corpos físicos. Embora não tenham feito nenhuma tentativa de calcular a duração do “grande ciclo”, os filósofos herméticos sustentavam que, de acordo com a lei cíclica, a raça humana viva deve inevitável e coletivamente retornar um dia ao ponto de partida em que o homem foi vestido com “túnicas de pele”; ou, para expressá-lo mais claramente, a raça humana deverá ser finalmente, de acordo com a lei da evolução, *fisicamente* espiritualizada.

ADÃO UM SER ESPIRITUAL PURO E PERFEITO. (L. 2. pág. 14).

Começando como um ser espiritual puro e perfeito, o Adão do segundo capítulo do *Gênese*, não satisfeito com a posição a ele conferida pelo Demiurgo (que é o primogênito mais antigo, o Adão-Cadmo), este segundo Adão, o “homem de pó”, conspira em seu orgulho para, por sua vez, tornar-se Criador. Emanado do Cadmo andrógino, este Adão é ele também andrógino, pois, de acordo com as antigas crenças apresentadas alegoricamente no *Timeu* de Platão, os protótipos de nossas raças foram todos encerrados na árvore microcômica que cresceu e se desenvolveu dentro e sob a grande árvore cósmica ou macrocômica. Por se considerar que o Espírito Divino é uma unidade, não obstante os numerosos raios do grande sol espiritual, o homem tinha sua origem, como todas as outras formas, orgânicas ou inorgânicas, nesta Fonte de Luz Eterna. Ainda que rejeitássemos a hipótese de um homem andrógino, no que concerne à evolução física, o significado da alegoria em seu sentido espiritual permaneceria inalterado. Uma vez que o primeiro homem-deus, que simboliza os dois princípios da criação, o elemento dual masculino e feminino, não tinha noção do bem e do mal, ele não podia hipostasiar “a mulher”, pois ela estava nele como ele nela. Foi apenas quando, como resultado dos maus conselhos da serpente, a *matéria* se condensou e arrefeceu no homem espiritual em seu contato com os elementos, que os frutos da árvore humana - que é ela própria a árvore do conhecimento - se mostraram aos seus olhos. Desde esse momento, a união andrógina cessou, o homem emanou de si a mulher como uma entidade separada. Eles quebraram o elo entre o espírito puro e a matéria pura. A partir de então, eles não mais criarão *espiritualmente*, e apenas pelo poder de sua vontade; o homem tornou-se um criador físico, e o reino do espírito só pode ser conquistado por um longo aprisionamento na matéria. O sentido de Gogard, a árvore da vida helênica, o carvalho sagrado entre cujos ramos luxuriantes repousa uma serpente, que *não pode ser desalojada*, torna-se assim claro. Escapando do *ilus* primordial, a serpente cósmica torna-se mais material e cresce em força e poder a cada nova evolução.

O Primeiro Adão, ou Cadmo, o Logos dos místicos judeus, é idêntico ao Prometeu grego, que procura rivalizar com a sabedoria divina; e também ao Primander de Hermes, ou o PODER DO PENSAMENTO DIVINO, em seu aspecto mais espiritual, pois ele foi menos hipostasiado pelos egípcios do que pelos dois primeiros. Eles criam todos os homens, mas falham em seu objetivo final. Desejando dotar o homem de um espírito imortal, a fim de que, inserindo a trindade no um, ele pudesse gradualmente retornar ao seu primitivo estado primordial sem perder a individualidade, Prometeu falha em sua tentativa de roubar o fogo *divino*, e é condenado a explicar o crime no Monte Kazbeck. Prometeu é também o *Logos* dos antigos gregos, assim como Hércules. No *Códex nazareus* vemos Bahak-Zivo desertando do céu de seu pai e confessando que, embora seja o pai dos genii, é incapaz de “construir criaturas”, pois ele é tão pouco versado no que concerne a Orco como no que respeita ao “fogo consumidor desprovido de luz”. E Fetahil, uma das “potestades”, senta-se no “barro” (matéria) e espanta-se com o fato de o fogo vivo ter mudado tanto.

A REBELIÃO DE LÚCIFER. (L. 2 pág. 15).

Todos esses *Logois* que procuram dotar o homem de espírito imortal falham, e quase todo são representados sofrendo as mais diversas punições pela tentativa. Os primeiros padres cristãos, que, como Orígenes e Clemente de Alexandria, eram bastante versados na simbologia pagã e começaram suas carreiras como filósofos, sentiram-se muito embaraçados. Eles não podiam negar a antecipação de suas doutrinas nos mitos antiquíssimos. O último *Logos*, de acordo com os seus ensinamentos, também surgiu para mostrar à Humanidade o caminho da imortalidade; e em seu desejo de dotar o mundo de uma vida eterna através do fogo pentecostal, perdeu a vida de acordo com o programa tradicional. Assim se originou a desajeitadíssima explicação de que o nosso clero moderno se aproveita livremente, segundo a qual todos esses tipos míticos mostram o espírito profético que, pela graça de Deus, foi concedido até mesmo aos idólatras pagãos! Os pagãos, afirmam, representaram, em suas imagens, o grande drama do Calvário - daí a semelhança.

A alegoria da queda do homem e do fogo de Prometeu é também outra versão do mito da rebelião do orgulhoso Lúcifer, precipitado no poço sem fundo - o Orco (Inferno ou Mundo inferior). Na religião dos

brâmanes, Mahâsura, o Lúcifer hindu, torna-se invejoso da luz resplandecente do Criador, e à testa de uma legião de espíritos inferiores rebela-se contra Brahmâ, e lhe declara Guerra. Como Hércules, o fiel Titã, que ajuda Júpiter e lhe devolve o trono, 'Shiva, a terceira pessoa da trindade hindu, os precipita a todos da morada celestial no Honderah, a religião das trevas eternas. Mas aqui os anjos caídos se arrependem de sua má ação, e na doutrina hindu eles obtêm a oportunidade de progredir. Na história grega, Hércules, o deus do Sol, desce ao Hades para livrar as vítimas de suas torturas; e a Igreja cristã também faz o seu deus encarnado descer às sombrias regiões plutônicas e vencer o ex-arcanjo rebelde. Por sua vez os cabalistas explicam a alegoria de um modo semicientífico. O segundo Adão, ou a primeira raça criada que Platão chama de deuses, e a Bíblia de Elohim, não era de natureza tríplice como o homem terrestre: ele não era composto de alma, espírito e corpo, mas era um composto de elementos astrais sublimados em que o "Pai" soprou um espírito divino imortal. Este, devido à sua essência divina, lutou sempre para livrar-se dos liames dessa frágil prisão; eis por que os "filhos de Deus", em seus imprudentes esforços, foram os primeiros a traçar um modelo futuro para a lei cíclica. Mas o homem não deve ser "como um de nós", diz a Divindade Criadora, um dos Elohim "encarregados da fabricação do animal inferior". Foi assim que, quando os homens da primeira raça atingiram o cume do primeiro ciclo, eles perderam o equilíbrio, e seu segundo invólucro, as vestes grosseiras (o corpo astral), os arrojou ao arco oposto.

A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS QUE PRECEDERAM O HOMEM SOBRE A FACE DA TERRA. (L. 2. pág. 17).

Mas esta criação de seres, sem o necessário influxo do puro sopro divino sobre eles, que era conhecido entre os cabalistas como o "Fogo Vivo", produziu apenas criaturas de matéria e luz astral. (A luz astral, ou *anima mundi*, é dual e bissexuada. A sua parte masculina é puramente divina e espiritual: é a *Sabedoria*, ao passo que a porção feminina (o *spiritus* dos nazarenos) é maculada, em certo sentido, pela matéria, e, portanto, é maligna. É o princípio de vida de toda criatura viva, e fornece a alma astral, o *perispírito* fluídico, aos homens, aos animais, aos pássaros no ar e a tudo que vive. Os animais têm apenas o germe da alma imortal superior como um terceiro princípio. Este germe desenvolver-se-á somente através de uma série de inumeráveis evoluções, cuja doutrina está contida no axioma cabalístico: "Uma pedra transforma-se numa planta; a planta, num animal; o animal, num *homem*; o homem, num *espírito*; e o espírito, em um deus".) Assim foram gerados os animais que precederam o homem sobre esta Terra. Os seres espirituais, os "filhos da luz", que permaneceram fieis ao grande *Ferho* (a Primeira Causa de tudo) constituem a hierarquia celeste ou angélica, os Adonim, e as legiões dos homens espirituais *que nunca se encarnaram*. Os seguidores dos gênios rebeldes e insensatos, e os descendentes dos sete espíritos "ignorantes" criados por "Karabtanos" e o "spiritus", tornaram-se, com o correr do tempo, os "homens de nosso planeta", após terem passado por toda a "criação de cada um dos elementos. A partir dessa fase, nossas formas *superiores* evoluíram das *inferiores*. A Antropologia não ousa seguir o cabalista em seus vôos metafísicos *além* deste planeta, e é duvidoso que os seus mestres tenham a coragem de procurar o *elo perdido* nos velhos manuscritos cabalistas.

Foi assim, então, posto em movimento o *primeiro ciclo*, que em suas rotações *descendentes* troce uma parte infinitesimal das vidas criadas ao nosso planeta de *barro*. Chegando ao ponto mais baixo do arco do ciclo, que precedeu diretamente a vida sobre a Terra, a pura centelha divina que ainda restava em Adão fez um esforço para se separar do espírito astral, pois "o homem caia gradualmente na geração", e a camada carnal tornava-se mais e mais densa a cada ação.

E aqui começa um mistério, um *Sod* citando o *Latin lexicon* de Freund, IV,448 [em *Sod, Myst. of Adonai*, p. XII.); um segredo que o rabino Simeão não comunicava senão a pouquíssimos iniciados. Ele era representado uma vez a cada sete anos durante os mistérios da Samotrácia, e os seus registros se encontram auto-impressos nas folhas da árvore sagrada tibetana, a misteriosa KOUNBOUM, na Lamaseria dos santos adeptos.

NO OCEANO SEM LIMITES BRILHA O SOL CENTRAL. (L. 2. pág. 17).

No oceano sem limites brilha o Sol Central, Espiritual e *Invisível*. O universo é seu corpo, espírito e alma; e TODAS AS COISAS são criadas de acordo com este modelo ideal. Estas três emanções são as três vidas, os três degraus do *Pleroma* gnóstico, as três "Fases Cabalísticas", pois o ANTIGO dos antigos, o santo dos idosos, o grande En-Soph, "tem uma forma e em seguida não tem forma alguma". O Invisível "assumiu uma forma quando chamou o universo À Vida", diz o *Zohar*, o Livro do Esplendor. A *Primeira Luz* é a Sua Alma, o Sopro Infinito, Ilimitado e Imortal, sob cujo esforço o universo ergue o seu poderoso seio, para infundir vida *Inteligente* à Criação. A *Segunda* emanção condensa matéria cometária e produz formas no

círculo cósmico; põe os incontáveis mundos flutuando no espaço elétrico, e infunde o princípio de vida cego e *ininteligente*, em cada forma. A Terceira produz todo o universo da matéria física; e, como se afasta gradualmente da Luz Central Divina, seu fulgor se enfraquece e se transforma nas TREVAS e no MAL - a matéria pura, as "grosseiras purgações do fogo celestial" dos hermetistas.

O GRANDE CICLO DA MÔNADA. - A TEORIA DE DARWIN. (L. 2. pág. 18).

Quando o Invisível Central (o Senhor Ferho) viu os esforços para libertar-se da *Scintilla* divina, que não desejava ser lançada na degradação da matéria, ele lhe permitiu tirar de si própria uma *Mônada*, pela qual, ligada a ela pelo fio mais fino, a *Scintilla* divina (a alma) tinha que velar durante as suas incessantes peregrinações de uma forma a outra. Assim a *Mônada* foi lançada na primeira forma da matéria e daí encerrada em pedra; depois, no decorrer do tempo, através dos esforços combinados do *fogo vivo* e da *água viva*, ambos os quais brilhavam seu *reflexo* sobre a pedra, a *Mônada* escapou à prisão e surgiu à luz do Sol como um líquen. De modificações em modificações ela foi mais e mais alto; a *Mônada*, a cada nova transformação, tomou emprestado um pouco mais da radiação de sua mãe. *Scintilla*, de que se aproximava a cada transmigração. Pois "a Causa Primária quis que ela procedesse desse modo"; e destinou-a a subir e mais e mais até que sua forma física se tornasse novamente o Adão *de pó*, formado à imagem de Adão-Cadmo. Antes de sofrer a sua última transformação terrestre, a cobertura externa da *Mônada*, a partir do momento de sua concepção como embrião, passa, novamente, pelas fases dos vários reinos. Em sua prisão fluidica ela conserva uma vaga semelhança com os vários períodos de gestação como planta, réptil, pássaro e animal, até se tornar um embrião humano. No nascimento do futuro homem, a *Mônada*, radiando com toda a glória de sua mãe imortal que a vigia da sétima esfera, torna-se *sem sentido*. Ela perde todas as lembranças do passado, e só retorna gradualmente à consciência quando o instinto da infância dá lugar à razão e à inteligência. E quando a separação entre o princípio de vida (espírito astral) e o corpo tem lugar, a alma liberada - a *Mônada* - reencontra exultantemente o espírito paterno e materno, o radiante Augoeides, e os dois, fundidos em um, formam para sempre, como uma glória proporcional à pureza espiritual da vida terrestre passada, o Adão que completou o círculo de necessidade, e está livre do último vestígio de seu envoltório físico. A partir desse momento, tornando-se mais e mais radiante a cada passo de seu progresso ascendente, ele sobe pelo caminho brilhante que termina no ponto do qual ela partirá em torno do **GRANDE CICLO**.

Toda a teoria darwiniana da seleção natural está resumida nos primeiros seis capítulos no *Gênese*. O "Homem" do cap. I é radicalmente diferente do "Adão" do cap. II, pois o primeiro foi criado "macho e fêmea" - isto é, bissexuado - e à imagem de Deus; ao passo que o último, de acordo com o sétimo versículo, foi formado com o pó da terra, e tornou-se "uma alma vivente", depois que o Senhor Deus "soprou em suas narinas o sopro da vida". Contudo, *este Adão* era um ser masculino, e no vigésimo versículo somos informados de que "não se encontrou a auxiliar que lhe correspondesse". Os adonais, por serem puras entidades espirituais, não tinham sexo, ou melhor, tinham ambos os sexos reunidos em si, como seu Criador; e os antigos compreendiam isso tão bem que representaram muitas de suas divindades como bissexuais. O estudioso da Bíblia deve aceitar esta interpretação, sob pena de tornar as passagens dos dois capítulos mencionados absurdamente contraditórias. Não apenas estas duas raças de seres são claramente indicadas no *Gênese*, mas mesmo uma terceira e uma quarta se apresentam ao leitor no cap. IV, quando se fala dos "filhos de Deus" e da raça de "gigantes".

Uma coisa, pelo menos, ficou demonstrada no texto hebraico, a saber; que houve uma raça de criaturas puramente físicas; outra, de criaturas puramente espirituais. A evolução e a "transformação das espécies" necessárias para preencher a lacuna entre as duas foram deixadas a antropólogos mais capazes. Podemos apenas repetir a filosofia dos homens da Antiguidade, a qual diz que a união dessas duas raças produziu uma terceira - a raça adamita. Partindo das naturezas de ambos os pais, ela se adaptou igualmente a uma existência nos mundos material e espiritual. Aliada da metade física da natureza do homem está a razão, que lhe permite manter a supremacia sobre os animais inferiores, e subjugar a natureza para seus fins. Aliada da sua parte espiritual está a sua *consciência*, que lhe serve de guia infalível, não obstante as fraquezas dos sentidos; pois a consciência é essa percepção instantânea entre certo e errado, que só pode ser exercitada pelo espírito, que, por ser uma porção da Sabedoria Divina e da Pureza, é absolutamente pura e sábia. Suas inspirações são independentes da razão, e só podem manifestar-se claramente quando desembaraçadas pelas atrações inferiores de nossa natureza dual.

A RAZÃO, UMA FACULDADE DE NOSSO CÉREBRO FÍSICO. (L. 2. pág. 20).

Sendo a razão uma faculdade de nosso cérebro físico, faculdade que é justamente definida como a deduzir inferências de premissas, e sendo totalmente dependente da evidência de outros sentidos, não pode ser

uma qualidade diretamente pertinente ao nosso espírito divino. Este espírito *sabe* - portanto, que todo raciocínio que implica discussão e argumento seria inútil. Assim, uma entidade, se deve ser considerada como uma emanção direta do eterno Espírito da Sabedoria, só pode ser dotado dos mesmos atributos que a essência ou o todo de que faz parte. Portanto, é como um certo grau de lógica que os antigos teurgistas sustentavam que a parte racional da alma do homem (espírito) nunca entra inteiramente no corpo do homem, mas apenas o cobre mais ou menos com a sua sombra através da alma *irracional* ou astral, que serve como um agente intermediário, ou como um médium entre espírito e corpo. O homem que conquistou a matéria o suficiente para suavizar a luz direta que emana de seu *Augoeides* (O *Augoeides* é a radiação luminosa divina do *Ego*, que, quando encarnado, não é mais do que sua sombra pura. E, entre os neoplatônicos parece significar o "corpo astral".) brilhante sente a Verdade intuitivamente; ele não pode errar em seu julgamento, não obstante todos os sofismas sugeridos pela fria razão, pois está ILUMINADO. Portanto, a profecia, a perfeição e a chamada inspiração Divina são simplesmente os efeitos dessa iluminação proveniente do alto e causada pelo nosso próprio espírito imortal.

Os grandes sábios da Antiguidade, os da época medieval, e os autores místicos de nossos tempos modernos também foram todos *hermetistas*. Quer a luz da verdade os tenha iluminado graças à sua faculdade de intuição, quer como uma correspondência do estudo e da iniciação regular, virtualmente, eles aceitaram o método e seguiram o caminho traçado para eles por homens como Moisés, Gautama Buddha e Jesus. A Verdade, simbolizada por alguns alquimistas como *bálsamo do céu*, desceu em seus corações, e todos a colheram nos *picos das montanhas*, depois de estenderem *panos IMACULADOS de linho* para recebê-la; e assim, num sentido, eles obtiveram, cada um para si, e em seu próprio caminho, o *solvente universal*. O véu, que cobria o rosto de Moisés, quando, depois de descer do Sinai, ele ensinava ao seu povo a Palavra de Deus, não pode ser recolhido apenas pela vontade do Mestre. É preciso que os discípulos também removam o véu que "está sobre seus corações". Paulo di-lo; e suas palavras dirigidas aos Coríntios (*II Corínt., III, 14, 16.*) podem aplicar-se a todo homem e mulher, e em todas as épocas da história do mundo. Se "suas mentes se tornaram obscurecidas" pelas túnicas brilhantes da verdade divina, que o véu hermético seja retirado ou não do rosto do mestre, ele não pode ser retirado de seus corações, a menos que "eles se convertam ao Senhor". Mas esta última designação não deve ser aplicada a uma ou a outra das três pessoas antropomorfizadas na Trindade, mas ao "Senhor", - o Senhor, que é Vida e HOMEM.

O ETERNO CONFLITO ENTRE AS RELIGIÕES DO MUNDO. (L. 2. Pág. 21).

O eterno conflito entre as religiões do mundo - Cristianismo, Judaísmo, Bramanismo, Budismo - provém exclusivamente desta razão: apenas uns poucos conhecem a Verdade; os demais, não desejando retirar o véu de seus corações, imaginam que ela cega os olhos de seu vizinho. O deus de toda religião exotérica, incluindo o Cristianismo, não obstante as suas pretensões ao mistério, é um ídolo, uma ficção, e não pode ser outra coisa. Moisés, *cuidadosamente velado*, fala às multidões obstinadas de Jehovah, a divindade cruel, antropomórfica, como do altíssimo Deus, que oculta no fundo de seu coração a Verdade que "não pode ser dita ou revelada". Kapila golpeia com a espada afiada de seu sarcasmo os iogues bramânicos que em suas visões místicas pretendiam ver o ALTÍSSIMO. Gautama Buddha oculta, sob um manto impenetrável de sutilezas metafísicas, a Verdade, e é visto pela posteridade como *um ateu*. Pitágoras, com seus misticismo alegórico e sua metempsicose, é tido como um hábil impostor, e outros filósofos têm essa mesma reputação, como Apolônio e Plotino, dos quais se diz geralmente que são visionários, senão charlatões. Platão, muito provavelmente porque diz, no que toca ao Supremo, que "um assunto dessa espécie não pode ser expresso em palavras, como as outras coisas que podem ser aprendidas"; e porque faz Protágoras exagerar o uso dos "véus". A característica mais importante deste mistério aparentemente incompreensível reside talvez no hábito inveterado da maioria dos leitores de julgar uma obra por suas palavras e pelas idéias insuficientemente expressas, deixando seu espírito fora de questão. Como os milhares de raios divergentes de nosso globo de fogo, em que cada um deles conduz, não obstante, ao ponto central, assim todo filósofo místico, seja ele um entusiasta devotadamente piedoso como Henry More; um irascível alquimista que use expressões vulgares, como seu adversário, Eugênio Filaletes; ou um *ateu* (?) como Spinoza, todos têm um único e mesmo objetivo em vista - o HOMEM. É Spinoza, contudo, quem talvez forneça a chave mais certa para uma porção desse segredo não revelado. Enquanto Moisés proíbe "imagens esculpidas" DELE, cujo nome não deve ser tomado em vão, Spinoza vai mais longe. Ele infere claramente que Deus não deve ser *descrito*. A linguagem humana é totalmente insuficiente para dar uma idéia deste "SER" que é absolutamente único. Deixamos para o leitor julgar por si se é Spinoza ou a teologia cristã o que está mais certo em suas premissas e conclusões. Toda tentativa em contrário conduz uma nação a antropomorfizar a divindade em que acredita, e o resultado é aquele indicado por Swedenborg. Em lugar de estabelecer que Deus faz o homem segundo a sua própria

imagem, deveríamos em verdade dizer que "o homem *imagina* Deus de acordo com a sua imagem", esquecendo que ele erigiu o seu próprio reflexo para adoração.

OS ELEMENTAIS DECRITOS PORMENORIZADAMENTE. (L. 2. pág. 23).

As criaturas inferiores na escala dos seres são as criaturas invisíveis que os cabalistas chamam de "elementares". Existem três classes distintas de tais seres. A mais elevada, em inteligência e em discernimento, é a dos chamados espíritos terrestres. Basta dizer, por enquanto, que eles são as *larvas*, as sombras dos que viveram sobre a Terra, recusaram toda luz espiritual, permaneceram e morreram profundamente imersos no barro da matéria, e de cujas almas pecaminosas o espírito imortal gradualmente se afastou. A segunda classe é composta dos antitipos invisíveis dos homens *a nascer*. Nenhuma forma pode vir à existência objetiva - da mais alta à mais baixa - antes que o ideal abstrato desta forma - ou, como Aristóteles a chamaria, a *privação* desta forma - seja evocado. Antes que um artista pinte um quadro, todos os traços deste já estão em sua imaginação; e para que sejam capazes de discernir um relógio, este relógio particular deve ter existido em sua forma abstrata na mente do relojoeiro. Dá-se o mesmo com os futuros homens.

Segundo a doutrina aristotélica, existem três princípios de corpos naturais; privação, matéria e forma. Estes princípios podem aplicar-se neste caso particular. A ideação da criança que vai nascer localiza-se na mente individual do grande Arquiteto do universo - pois na doutrina aristotélica não se considera a ideação como um princípio na composição dos corpos, mas como uma propriedade externa em sua produção; pois a produção é uma modificação pela qual a matéria passa da forma que não tem para aquela que assume. Embora a ideação da forma futura de um relógio ainda não construído não seja uma substância, nem uma extensão, nem uma qualidade, nem qualquer espécie de existência, mesmo assim é algo que *é*, embora seus contornos, para existir, devam adquirir uma forma objetiva - em suma, o abstrato deve tornar-se concreto. Assim, logo que esta ideação da matéria é transmitida pela energia ao éter universal, ela se torna uma forma material, ainda que sublimada. Se a ciência moderna ensina que o pensamento *humano* "afeta simultaneamente outro universo simultâneo a este", como pode aquele que acredita numa Causa Primária Inteligente negar que o pensamento divino seja igualmente transmitido, pela mesma lei da energia, ao nosso mediador comum, o éter universal - a alma do mundo? E, sendo assim, segue-se que, uma vez lá, o pensamento divino se manifesta objetivamente, com a energia reproduzindo fielmente os contornos daquilo cuja "ideação" nasceu em primeiro lugar na mente divina. Apenas não se deve entender que este *pensamento* cria matéria. Não; ele cria apenas o plano da forma futura, uma vez que a matéria que serve para fazer este plano sempre existiu, e foi preparado para formar um corpo humano, através de uma série de transformações progressivas, com os resultados da evolução. As formas passam; as idéias que as criaram e o material que lhe deu objetividade ficam. Estes modelos, ainda desprovidos de espíritos imortais, são "elementais" - *embrião psíquicos*, propriamente dito - que, quando chega seu tempo, morrem no mundo invisível, e nascem no mundo visível como crianças humanas, recebendo *in transitu* o sopro Divino chamado Espírito que completa o homem perfeito. Esta classe não pode comunicar-se *objetivamente* com os homens.

A terceira classe são os "elementais", que jamais se transformam em seres humanos, mas ocupam um grau específico na escala de seres, e, em comparação com os outros, podem ser justamente chamados de espíritos da Natureza, ou agentes cósmicos da Natureza, uma vez que cada ser se acha confinado ao seu próprio elemento e nunca transgride os limites dos outros. São aqueles que Tertuliano chamava de "príncipes das potestades do ar".

Crê-se que esta classe possui apenas um dos três atributos do homem. Não tem espíritos imortais nem corpos tangíveis; apenas formas astrais, que participam, num grau notável, do elemento ao qual pertencem e também do éter. Eles são uma combinação da matéria sublimada e de uma mente rudimentar. Alguns são imutáveis, mas ainda não têm individualidade distinta, agindo coletivamente, por assim dizer. Outros, de alguns elementos e espécies, alteram-se sob uma lei fixa que os cabalistas explicam. O mais sólido de seus corpos é imortal o bastante para escapar à percepção de nossa visão física, mas não tão insubstancial que não possa ser perfeitamente reconhecido pela nossa visão interna ou clarividente. Eles não apenas existem e podem viver no éter, mas podem maneja-lo e dirigi-lo para a produção de efeitos físicos, tão facilmente quanto podemos comprimir o ar ou a água para o mesmo propósito com aparelhos pneumáticos e hidráulicos; e nessa ocupação eles são de bom grado ajudados pelos "elementares humanos". Mais do que isso; eles podem condensá-lo ao ponto de fazer corpos tangíveis para si, que, pelos seus poderes protéticos, podem fazer assumir a forma que desejarem, tomando como modelo os retratos que encontraram estampados na memória das pessoas presentes. Não é necessário que o circundante esteja pensando no momento na pessoa cujo retrato é apresentado. Sua imagem pode ter desaparecido muitos anos antes. A mente recebe impressões indeléveis mesmo de relações causais ou de pessoas encontradas apenas uma vez. Assim como alguns segundos de

exposição de uma chapa fotográfica sensível bastam para preservar indefinidamente a imagem do circunstante, o mesmo ocorre com a mente.

De acordo com a doutrina de Proclo, as regiões superiores, do zênite do universo à Lua, pertenciam aos deuses ou aos espíritos planetários, segundo suas hierarquias e classes. Os mais elevados dentre eles eram os doze *hyper-ouranioi*, ou deuses celestiais, que têm legiões internas de demônios subordinados aos seu comando. Eles são seguidos em ordem e poder pelos *egkosmioi*, os deuses intercósmicos, cada um dos quais preside um grande número de demônios, aos quais comunicam seu poder, transformando-o de um a outro à vontade. São evidentemente as forças personificadas da Natureza em sua correlação mútua, e estas últimas são representadas pela terceira classe ou os ‘elementais’ que descrevemos.

Mais adiante ele mostra, de acordo como o princípio do axioma hermético dos tipos e protótipos, que as esferas têm suas subdivisões e classes de seres como as esferas celestiais superiores, as primeiras estando sempre subordinadas às últimas. Ele afirma que os quatro elementos estão repletos de *demônios*, sustentando com Aristóteles que o universo é pleno e que não existe vácuo na Natureza. Os demônios da Terra, do ar, do fogo e da água são de uma essência fluída, etérea, semicorpórea. São estas classes que atuam como agentes intermediários entre os deuses e os homens. Embora inferiores em inteligência à *sexta* ordem dos demônios mais elevados, estes seres governam diretamente sobre os elementais e a vida orgânica. Eles dirigem o crescimento, o florescimento, as propriedades e as diversas transformações das plantas. Eles são as idéias ou virtudes personificadas derramadas do *hylê* celeste na matéria inorgânica; e, como o reino vegetal é um grau mais elevado que o reino mineral, estas emanções dos deuses celestiais tomam forma e existência na planta, e tornam-se *sua alma*. Isto é o que a doutrina aristotélica chama de *forma* nos três princípios dos corpos naturais, classificados por ele como privação, matéria e forma. Sua filosofia ensina que, além da matéria original, outro princípio é necessário para completar a natureza trina de toda partícula, e esse é a forma; um ser invisível, mas ainda, no sentido antológico da palavra, substancial, realmente distinto da matéria propriamente dita. Portanto, num animal ou numa planta, além dos ossos, a carne, os nervos, o cérebro e o sangue no primeiro, e além da matéria polposa, tecidos, fibras e seiva no segundo, sangue e seiva que, circulando pelas veias e fibras, nutrem todas as partes do animal e da planta; e além dos espíritos animais, que são os princípios de movimento; e da energia química que se transforma em força vital na folha verde, deve haver uma forma substancial, que Aristóteles chamava, no cavalo, a *alma do cavalo*, Proclo, o *demônio* de todo mineral, planta ou animal, e os filósofos medievais, os *espíritos elementares* dos quatro reinos.

Tudo isso é tido em nosso século como Metafísica e grosseira superstição. No entanto, segundo princípio estritamente ontológicos, há, nestas antigas hipóteses, alguma sombra de possibilidade, algum índice para os desconcertantes "elos perdidos" da ciência exata.

No Panteão hindu há nada menos do que 330.000.000 de várias espécies de espíritos, incluindo os elementais, que os brâmanes chamavam de *daityas*. Sabem os adeptos que estes seres são atraídos a certos quadrantes dos céus por algo dessa mesma propriedade misteriosa que faz a agulha magnética orientar-se para o norte, e certas plantas a obedecer à mesma atração. Acredita-se também que as diversas raças têm uma simpatia especial por certos temperamentos humanos, e que exercem mais facilmente o poder sobre uns do que sobre outros. Assim, uma pessoa biliosa, linfática, nervosa ou sangüínea é afetada favoravelmente ou não pelas condições da luz astral, que resulta de diferentes aspectos dos corpos planetários.

AS IDÉIAS DOS ANTIGOS CABALISTAS SOBRE O ESPÍRITO HUMANO. (L. 2. Pág. 27.).

Quanto ao espírito *humano*, as idéias dos mais antigos filósofos e cabalistas medievais, mesmo divergindo em alguns aspetos, concordam no conjunto; de modo que a doutrina de um pode ser considerada como a doutrina de outro. A diferença mais importante consiste na localização do espírito divino ou imortal do homem. Enquanto os antigos neoplatônicos sustentavam que o *Augoeides* (Eu luminoso Ego Superior) jamais desce hipostaticamente até o homem vivo, mas apenas projeta mais ou menos o seu fulgor sobre o homem interno - a alma astral -, os cabalistas medievais afirmavam que o espírito, desligando-se do oceano de luz e do espírito, entrava na alma humana, onde permanecia durante a vida aprisionado na cápsula astral. Esta diferença resultou da crença maior ou menor dos cabalistas cristãos na letra morta da alegoria da queda do homem. A alma, disseram eles, devido à queda de Adão, contaminou-se com o mundo da matéria ou Satã. Antes que ela pudesse comparecer com o espírito divino aprisionado à presença do Eterno, era preciso que ela se purificasse da impureza das trevas. Eles comparavam "o espírito aprisionado na alma a uma gota d'água encerrada numa cápsula de gelatina e lançada ao oceano; enquanto a cápsula permanece intacta, a gota d'água permanece isolada; destruindo o invólucro, a gota torna-se uma parte do oceano - sua existência individual cessou. Ocorre o mesmo com o espírito. Enquanto está encerrado em seu mediador plástico, a alma, ele tem uma existência individual. Destruída a cápsula, o que pode ocorrer devido às agonias de uma consciência

atormentada, ao crime e à doença moral, o espírito retorna à sua morada original. A sua individualidade cessou de existir".

A QUEDA NA GERAÇÃO EXPLICADA PELOS ANTIGOS FILÓSOFOS. (L. 2. pág. 28).

Por outro lado, os filósofos que explicavam, à sua maneira, a "queda da geração", encaravam o espírito como algo totalmente distinto da alma. Eles admitiam a sua presença na cápsula astral exclusivamente no que concerne às emanações ou aos raios espirituais do "ser luminoso". O homem e a alma deviam conquistar a imortalidade acendendo à unidade como a qual, em caso de sucesso, ambos finalmente se unem, e na qual se absolvem, por assim dizer. A individualização do homem após a morte dependia do espírito e não da alma e do corpo. Embora a palavra "personalidade", no sentido que se lhe dá comumente, seja um disparate, se aplicada literalmente à nossa essência imortal, esta, no entanto, 'e uma entidade distinta, imortal e eterna *per se*; e, como no caso dos criminosos sem remissão, em que o fio luminoso que une o Espírito à Alma desde o instante do nascimento de uma criança é violentamente cortado, e a entidade desencarnada é condenada a partilhar do destino dos animais inferiores, a dissolver-se gradualmente no éter, e a ter a sua individualidade aniquilada - mesmo assim o espírito permanece um ser distinto. Ele se torna um espírito planetário, um anjo, pois *os deuses dos pagãos ou os arcanjos dos cristãos*, emanações da Causa primeira, não obstante a afirmação arriscada de Swedenborg, *jamais foram ou serão homens*, pelo menos em nosso planeta.

Essa questão foi, em todos os tempos, o tropeço dos metafísicos. Todo o esoterismo da Filosofia Budista baseia-se neste misterioso ensinamento, compreendido por tão poucas pessoas e deturpado, completamente, por muitos dos mais sábios eruditos. Mesmo os metafísicos estão por demais propensos a confundir o efeito com a causa. Uma pessoa pode ter conquistado a sua vida imortal, e permanecer o mesmo *Eu Interior* que era sobre a Terra, por toda a eternidade; mas isto não implica necessariamente que ela deve permanecer o Sr. Fulano ou Beltrano que era na Terra, ou perder a sua individualidade. Portanto, a alma e o corpo terrestre do homem podem, no sombrio Além, ser absolvidos no oceano cósmico dos elementos sublimados, e cessar de sentir o seu *Ego*, se este *Ego* não mereceu elevar-se mais alto; e o espírito divino permanecer ainda uma entidade inalterada, embora a experiência terrestre de sua emanações possa ser totalmente obliterada no instante da separação de um veículo indigno.

Se o "espírito", ou a parte divina da alma, preexiste como um ser distinto por toda a eternidade, como Orígenes, Sinésio e outros padres cristãos ensinaram, e se é idêntico à alma metafisicamente objetiva, como poderia ele não ser eterno? Assim sendo, o que importa um homem levar uma vida animal ou uma vida pura se, faça o que fizer, nunca pode perder a sua individualidade? Esta doutrina é tão perniciososa em suas conseqüências como a da expiação vicária. Tivesse este último dogma sido demonstrado ao mundo sob a sua verdadeira luz, juntamente com a falsa idéia de que somos todos imortais, e a Humanidade tornar-se-ia melhor com a sua propagação. O crime e o pecado teriam sido evitados, não por medo ao castigo da Terra, ou a um inferno ridículo, mas em consideração àquilo que está enraizado profundamente em nossa natureza interior - o desejo de uma vida individual e distinta no Além, a certeza positiva de que não podemos alcançá-la se não nos "aproximamos do reino do céu pela força", e a convicção de que nem as preces humanas nem o sangue de um outro homem nos salvarão de destruição individual após a morte, a menos que estejamos firmemente unidos durante a nossa vida terrestre com o nosso próprio espírito imortal - nosso DEUS.

Pitágoras, Platão, Timeu de Locris e toda a escola alexandrina derivavam a alma da alma do mundo, e esta era, segundo os seus próprios ensinamentos - o éter; algo de uma natureza tão pura que só podia ser percebido pela nossa visão interior. Portanto, ela não pode ser a essência da Mônada, ou a *causa*, pois a *anima mundi* é apenas o efeito, a emanação objetiva daquela. O espírito humano e a alma são ambos preexistentes. Mas, enquanto o primeiro existe como uma entidade distinta, uma individualização, a alma existe como matéria preexistente, uma parte insciente de um todo inteligente. Ambos foram formados originalmente a partir do oceano eterno de Luz; mas, como já o disseram os teósofos, há no fogo tanto um espírito visível como um invisível. Eles faziam uma distinção entre a *anima bruta* e a *anima divina*. Empédocles acreditava firmemente que todos os homens e animais possuem duas almas; e em Aristóteles descobrimos que ele chama uma de alma raciocinante, e a outra de alma animal. De acordo com esses filósofos, a alma raciocinante provém de *fora* da alma universal, e a outra, de *dentro*. Essa região divina e superior, na qual localizaram a divindade suprema e invisível, consideravam-na eles (o próprio Aristóteles, inclusive) como um quinto elemento, puramente espiritual e divino, ao passo que à *anima mundi* propriamente dita como composta de uma natureza pura, ígnea e etérea difundida por todo o universo, em suma - o éter. Os estóicos, os maiores materialistas da Antigüidade, excetuavam o Deus Invisível e a Alma Divina (Espírito) de uma tal natureza corpórea. Epicuro, cuja doutrina, militando diretamente contra a intervenção de um Ser Supremo e dos deuses

na formação ou governo do mundo, o colocava muito acima dos estóicos no que respeita ao ateísmo e ao materialismo, ensinava, não obstante, que a alma é de essência pura e sensível, formada dos átomos mais suaves, mais refinados e mais puros, cuja descrição ainda nos conduz ao mesmo éter sublimado. Arnóbio, Tertuliano, Irineu e Orígenes, não obstante suas crenças cristã, acreditavam, com os mais modernos Spinoza e Hobbes, que a alma era corpórea, embora de uma natureza muito pura.

Essa doutrina da possibilidade de se perder a alma e, em consequência, a individualidade, é contrária às teorias ideais e às idéias progressivas de alguns espiritualistas, embora Swedenborg a aceite plenamente. Eles jamais aceitarão a doutrina cabalista que ensina que apenas pela observância da lei da harmonia essa vida individual futura pode ser obtida; e que quando mais o homem interior e exterior se desvia desta fonte de harmonia, cujo manancial reside em nosso espírito divino, mais difícil é para ele retomar o terreno perdido.

Mas, enquanto os espiritistas e outros partidários do Cristianismo têm pouca ou nenhuma idéia dessa possível morte e obliteração da personalidade humana, devido à separação da parte imortal da perecível, os swedenborguianos a compreendem plenamente.

Pitágoras ensinava que todo o universo é um vasto sistema de combinações matematicamente corretas. Platão mostra a divindade *geometrizando*. O mundo é sustentado pela mesma lei de equilíbrio e de harmonia sobre a qual foi erigido. A força centrípeta não se poderia manifestar sem a força centrífuga nas revoluções harmoniosa das esferas; todas as formas são o produto dessa força dual da Natureza. Assim, para ilustrar o nosso exemplo, podemos designar o espírito como a força centrífuga, e a alma como as energias centrípetas e espirituais. Quando em movimento centrípeta da alma terrestre que tende para o centro que a atrai; impedi-lhe a marcha bloqueando-a com uma quantidade de matéria mais pesada do que a que ela pode suportar, e a harmonia do todo, que era a sua vida, se destrói. A vida individual só pode prosseguir quando sustentada por esta força dupla. O menor desvio da harmonia a prejudica; quando ela está irremediavelmente destruída, as forças se separam e a forma gradualmente se aniquila. Após a morte do depravado e do perverso, chega o momento crítico. Se, durante a vida, o último e desesperado esforço do eu interior para reunir-se com o raio debilmente bruxuleante de seu pai divino é negligenciado; se esse raio é mais e mais ocultado pela espessa crosta da matéria, a alma, uma vez livre do corpo, segue as suas atrações terrestres, e é magneticamente atraída e retida pelo denso nevoeiro da atmosfera material. Ela começa, então, a cair cada vez mais baixo, até se encontrar, voltando à consciência, no que os antigos chamavam de *Hades* (O Reino das Sombras). A aniquilação de uma tal alma nunca é instantânea; pode durar séculos, talvez, pois a Natureza nunca age aos saltos e arrancos, e, visto que a alma astral é formada de elementos, a lei da evolução deve seguir seu curso. Começa então a terrível lei da compensação, o Yin-yuan dos budistas.

Esta categoria de espíritos chama-se "elementar terrestre" ou "material", em oposição às outras classes. No Oriente, eles são conhecidos como os "Irmãos das Trevas". Velhacos, abjetos, vingativos e desejosos de desferrar os seus sofrimentos sobre a Humanidade, eles se transformam, até a aniquilação final, em vampiros, em espíritos necrófagos e em refinados atores. Eles são as "estrelas" principais no grande palco espiritual da "materialização", cujos fenômenos eles desempenham com a ajuda das criaturas genuínas "elementais" mais inteligentes, que flutuam em redor e os acolhem com prazer em suas próprias esferas. Henry Khunrath, o grande cabalista alemão, representa, numa gravura de sua rara obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*, as quatro classes desses "espíritos elementares" humanos. Uma vez transposto o limiar do santuário de iniciação, uma vez que um adepto tenha erguido o "Véu de Ísis", a deusa misteriosa ciumenta, ele nada deve temer; mas saber que estará em constante perigo.

Embora o próprio Aristóteles, antecipando os fisiólogos modernos, considerasse a mente humana como uma substância material, e ridicularizasse os hilozoístas, ele acreditava plenamente na existência de uma alma "dupla", ou espírito e alma.

DUAS IMPORTANTES VERDADES SOBRE O PODER MÁGICO. (L. 2, pág. 32)

O que dissemos no capítulo introdutório e alhures a respeito dos médiuns e da tendência de sua Mediunidade não se baseia em conjecturas, mas em experiências e observações reais. Dificilmente haverá uma fase da Mediunidade, de qualquer outra espécie, de que não tenhamos visto exemplos durante os últimos vinte e cinco anos, em vários países. Índia, Tibete, Bornéu, Sião, Egito, Ásia Menor, América (Norte e Sul) e outras partes do mundo mostraram-nos as suas fases peculiares de fenômenos Mediúnicos e de poder mágico. Nossas variadas experiências ensinaram-nos duas importantes verdades, a saber, que para o exercício do poder mágico a pureza pessoal e o adestramento de uma força de vontade treinada e indômita são indispensáveis; e que os espiritistas jamais se podem assegurar da realidade das manifestações mediúnicas, a menos que elas se produzam à luz do dia e sob condições de controle tais que toda tentativa de fraude seja imediatamente descoberta.

A PRODUÇÃO DOS FENÔMENOS FÍSICOS. (L. 2. pág. 33).

Devido ao medo de sermos malcompreendidos, assinalaremos que enquanto, em regra, os fenômenos físicos são produzidos pelos espíritos da Natureza, por seu próprio movimento e para satisfazer a sua própria fantasia, alguns bons espíritos humanos desencarnados podem, não obstante, sob circunstâncias excepcionais, como a aspiração de um coração puro a ocorrência de alguma emergência favorável, manifestar a sua presença por qualquer um dos fenômenos, *exceto a materialização pessoal*. Mas é preciso que haja uma atração deveras poderosa para arrancar um espírito puro e desencarnado de sua morada radiante e arrojá-lo na atmosfera viciada de que escapou ao deixar o corpo terreno.

Os magos e os filósofos teúrgicos opunham-se energicamente à "evocação das almas". "Não a evoqueis [à alma], para que ao partir ela não retenha alguma coisa", diz Pselo.

"Cumpre -vos não olhá-lo *antes que o vosso corpo iniciado*,
pois, sempre encantando, elas seduzem a alma do [não] iniciado",

diz outro filósofo.

Eles se opunham por várias e boas razões. 1º) "É extremamente difícil distinguir um bom demônio de um mau", diz Jâmblico, 2º) Se uma alma humana consegue penetrar a densidade da atmosfera terrestre - sempre opressiva para ela e muitas vezes odiosa -, não pode ela, contudo, evitar incorrer num perigo que resulta da proximidade do mundo material; "ao partir, ela *retém* alguma coisa", vale dizer, contamina a sua pureza, o que a fará sofrer mais ou menos após a sua partida. Por isso, o verdadeiro teurgista evitará causar qualquer sofrimento a esse puro cidadão da esfera superior que não seja absolutamente necessário aos interesses da Humanidade. Somente o praticante da magia negra compele a presença, mediante os poderosos encantamentos da necromancia, das almas maculadas daqueles que levaram más vidas e estão prontos a secundar-lhes os objetivos egoístas. Os teurgistas empregavam substâncias químicas e minerais para afugentar os maus espíritos.

"Quando vires um demônio *terrestre* aproximando-se,
Gritai, sacrificai a pedra Mnízourin",

exclama um oráculo zoroastrino.

SOBRE AS MESAS GIRANTES. (L. 2 pág. 33)

No *Journal de magnétisme* do Dr. Morin, publicado há poucos anos em Paris, quando as "mesas girantes" faziam furor na França, uma curiosa carta foi publicada.

"Acreditei-me, senhor," escrevia o correspondente anônimo, "que não existem espíritos, fantasmas, anjos ou demônios *encerrados numa mesa*; mas todos esses podem nela se encontrar, pois isso depende de *nossa própria vontade* e imaginação. (...) Tal MENSAbulismo é um antigo fenômeno (...) malcompreendido por nós modernos, mas natural, e que diz respeito à Física e à Psicologia; infelizmente, ele teve que permanecer incompreensível até a descoberta da electricidade e da heliografia, pois, para explicar um fato de natureza espiritual, somos obrigados a nos basear num fato correspondente de ordem material. (...)

"Como todos sabemos, a chapa daguerreótípa deve ser impressionada não apenas pelos objetos mas também por seus reflexos. Ora, o fenômeno em questão que se poderia chamar de *fotografia mental*, produz, além das *realidades*, os sonhos de nossa imaginação, com tal fidelidade que com muita freqüência somos incapazes de distinguir uma cópia tirada de *alguém presente*, de um negativo obtido de uma *imagem*. (...)

A *magnetização* de uma mesa ou de uma pessoa é absolutamente idêntica em seus resultados; é a saturação de um corpo estranho pela electricidade vital *inteligente* pelo pensamento do magnetizador e dos presentes."

Nada pode dar uma melhor ou mais justa idéia do que a bateria elétrica que acumula o fluido e seus condutores para obter uma força *bruta* que se manifesta em centelhas de luz, etc. Assim, a electricidade acumulada num corpo isolado adquire um poder de reação igual à ação, seja para carregar, magnetizar, decompor, inflamar ou descarregar as suas vibrações a grande distância. Tais são os efeitos visíveis de electricidade *cega* ou rude produzida por elementos cegos - empregando-se a palavra cega pela própria mesa, por oposição à electricidade *inteligente*. Mas existe evidentemente uma electricidade correspondente produzida pela pilha cerebral do homem; esta *electricidade da alma*, este éter universal e espiritual que é a *natureza ambiente, intermediária do universo metafísico*, ou antes do universo *incorpóreo*, dever ser estudada antes de

ser admitida pela ciência, que, nada sabendo sobre ela, jamais conhecerá qualquer coisa do grande fenômeno da vida antes que o faça.

"Parece que, para manifestar-se, a eletricidade cerebral requer a ajuda da eletricidade estática ordinária; quando esta última está ausente da atmosfera - quando o ar está muito úmido, por exemplo - obtém-se muito pouco ou nada, seja das mesas, seja dos médiuns. (...)

"Nós, que conhecemos bem o valor do fenômeno (...) estamos perfeitamente seguros de que, após ter carregado a mesa com o nosso *efluxo* magnético, chamamos à vida, ou criamos, uma inteligência análoga à nossa, que como nós é dotada de uma vontade livre, pode falar e discutir conosco, com um grau de lucidez superior, considerando-se que a resultante é mais forte que os componentes, ou antes, o todo é maior que uma de suas partes. (...) Não devemos acusar Heródoto de nos contar mentiras quando lembra os fatos mais extraordinários, pois devemos considerá-los como tão verdadeiros e corretos quanto os demais fatos históricos que se encontram em todos os escritores pagãos da Antigüidade. (...)

"O fenômeno é tão velho quanto o mundo. (...) Os sacerdotes da Índia e da China praticavam-no antes dos egípcios e gregos. Os selvagens e os esquimós conhecem-no bem. Trata-se do fenômeno da fé, a única fonte de todo prodígio. `Servos-á concedido de acordo com a *vossa fé*' Aquele que enunciou esta profunda doutrina era verdadeiramente o verbo encarnado da Verdade; ele não se enganava, nem procurava enganar os demais; ele expunha um axioma que hoje repetimos, sem muita esperança de vê-lo aceito.

"O homem é um microcosmos, ou um pequeno mundo: ele carrega consigo um fragmento do grande *Todo*, um estado caótico. A tarefa de nossos semideuses é desembaraçar dele a parte que lhes pertence por um incessante trabalho mental e material. Eles têm sua tarefa a cumprir, a invenção perpétua de novos produtos, de novas moralidades, e o arranjo conveniente do material rude e informe fornecido a eles pelo Criador, que os criou à Sua Imagem, para que eles o criassem por sua vez e assim completassem aqui a Obra da Criação; um imenso trabalho que só terminará quando o *Todo* estiver tão perfeito que será como o Próprio Deus, e assim capaz de sobreviver-lhe. Estamos muito longe ainda desse momento final, pois poderemos dizer que tudo ainda está por fazer, por desfazer e por aperfeiçoar em nosso globo, instituições, maquinaria e produtos.

`Mens non solum agitat sed creat molem.'

A DUPLICIDADE DO UNIVERSO. (L. 2. pág. 35).

Vivemos, nesta vida, num centro intelectual ambiente, que mantém entre os seres humanos e as coisas uma solidariedade necessária e perpétua; todo cérebro é um gânglio, uma estação de um telégrafo *neurológico* universal em constante relação com a estação central e as outras através das vibrações do pensamento.

"O Sol Espiritual brilha para as almas assim como o Sol material brilha para os corpos, pois o Universo é *duplo* e segue a lei dos pares. O operador ignorante interpreta erroneamente os despachos divinos, e os transmite, com freqüência, de maneira falsa e ridícula. Assim, apenas o estudo e a ciência pura podem destruir as superstições e os absurdos difundidos pelos interpretes ignorantes sediados nas *estações de ensino* entre todos os povos deste mundo. Esses intérpretes cegos do *Verbum*, a PALAVRA, sempre tentaram impor aos seus pupilos a obrigação de afirmarem todas as coisas sem exame, *in verba magistri*.

"Ai de nós! Não desejaríamos outra coisa do que vê-los traduzir corretamente as vozes *interiores*, as quais nunca enganam senão aqueles que têm *falsos espíritos* em si. `É nosso dever', dizem eles, `interpretar os oráculos; somos nós que recebemos a missão exclusiva para isso, do céu, *spiritus flat ubi vult*, e só sobre nós ele sopra'.

"Ele sopra sobre todos, e os raios da luz espiritual iluminam todas as consciências (...) e, quando todos os corpos e todas as mentes refletirem igualmente essa luz, as pessoas verão muito mais claro do que agora."

OS ESPÍRITOS DA NATUREZA. (L. 2. pág. 36).

Embora os espiritistas procurem desacreditá-los tanto quanto possível, esses espíritos da Natureza são realidades. Se os gnomos, silfos, salamandras e ondinas dos Rosa-cruzes existiram em seus dias, eles devem existir agora.

Os cristãos chamam-nos "demônios", "diabinhos de Satã" e outros nomes igualmente característicos. Eles não são nada do gênero, mas simplesmente criaturas de matéria etérea, irresponsáveis, nem bons nem maus, a não ser quando influenciados por uma inteligência superior. É realmente extraordinário ouvir os devotos católicos injuriarem e desfigurarem os espíritos da Natureza, quando uma de suas maiores autoridades, Clemente de Alexandria, deles se serviu, descrevendo tais criaturas como elas realmente são.

Clemente, que foi talvez tanto um teurgista quanto um neoplatônico, e que se apoiava portanto em boas autoridades, assinala que é absurdo chamá-los de demônios, pois eles não passam de anjos *inferiores*, "cujos poderes residem nos elementos, movem os ventos e distribuem as chuvas e como tais são os agentes e sujeitos de Deus" Orígenes, que antes de se tornar um cristão pertenceu também à escola platônica, é da mesma opinião. Porfírio descreve esses demônios mais cuidadosamente do que qualquer outro.

Quando a possível natureza das inteligências manifestantes, que a ciência acredita ser uma "força psíquica", e os espiritualistas acreditam ser os espíritos análogos dos mortos, for mais bem-conhecida, os acadêmicos e os crentes voltar-se-ão aos antigos filósofos em busca de informação.

A TRINDADE DO HOMEM, E A DUALIDADE DOS ANIMAIS. (L. 2. pág. 37).

As pessoas asseveram que não existem macacos no mundo, porque os macacos não tem "alma". Mas os macacos têm tanta inteligência, ao que parece, quanto muitos homens; por que, então, teriam estes homens - de maneira alguma superiores aos macacos, espíritos imortais - e os macacos, não? Os materialistas responderão que num um nem outro têm espírito, mas que a aniquilação alcança a todos na morte física. Mas os filósofos espiritistas de todos os tempos concordam em que o homem ocupa um lugar um degrau acima que o animal, e possui este algo que falta a este último, seja ele o mais ignorante dos selvagens ou o mais sábio dos filósofos. Os antigos, como vimos, ensinavam que enquanto o homem é uma trindade de corpo, espírito astral e alma animal, o animal é apenas uma dualidade - um ser que tem um corpo físico astral que o anima. Os cientistas não reconhecem qualquer diferença entre os elementos que compõem os corpos dos homens e dos animais; e os cabalistas concordam com eles quando sustentam que os corpos astrais (ou, como os físicos os chamariam, "o princípio de vida") dos animais e dos homens são *idênticos* em essência. O homem físico é apenas o desenvolvimento mais elevado da vida animal. Se como nos dizem os cientistas, até mesmo o *pensamento* é matéria, e toda sensação de dor ou prazer, todo desejo transitório é acompanhado por uma perturbação do éter; e os profundos especuladores que escreveram *The Unseen Universe* acreditam que o pensamento é concebido "para agir sobre a matéria de outro universo simultaneamente a este"; por que, então, o pensamento grosseiro e brutal de um orangotango, ou um cão, imprimindo-se nas correntes etéreas da luz astral, da mesma maneira que o do homem, não asseguraria ao animal uma continuidade da vida após a morte, ou "um estado futuro"?

Os cabalistas sustentavam e ainda sustentam que não é filosófico admitir que o corpo astral do homem pode sobreviver à morte corporal, e, ao mesmo tempo, afirmar que o corpo astral do macaco se dissolve em moléculas independentes. O que sobrevive como uma *personalidade* após a morte do corpo é a *Alma Astral*, que Platão, no *Timeu* e no *Górgias*, chama de *Alma mortal*, pois de acordo com a doutrina hermética, ela rejeita as suas partículas mais materiais a cada modificação progressiva para uma esfera superior. Sócrates relata a Calicles que essa alma *mortal* conserva todas as características do corpo após a morte deste; ao ponto que um homem marcado de chicotadas terá o seu corpo astral "cheio de marcas e cicatrizes". O espírito astral é uma duplicata fiel do corpo, tanto no sentido físico como no espiritual. O Divino, o espírito mais elevado e *imortal*, não pode ser punido nem recompensado. Sustentar uma tal doutrina seria, ao mesmo tempo, absurdo e blasfemo, pois o espírito não é apenas uma chama alumada na fonte central e inextinguível de luz, mas, na verdade, uma parte dela, e da mesma essência. Ele assegura a imortalidade do ser astral individual na proporção do grau de interesse que este último tem em recebê-la. Desde que o homem *Duplo*, i.e., o homem de carne e espírito, se mantém nos limites da lei da continuidade espiritual; desde que a centelha divina nele se conserva, ainda que fragilmente, ele está no caminho de uma imortalidade num estado futuro. Mas aqueles que se resignarem a uma existência materialista, ocultando o fulgor divino irradiado por seus espíritos, no início da peregrinação terrestre, e emudecendo a voz acauteladora dessa sentinela fiel, a consciência, que serve de foco para a luz na alma - seres como esses, que abandonaram a consciência e o espírito, e cruzaram os limites da matéria, deverão naturalmente segui-lhe as leis.

A MORADAS DAS ALMAS, APÓS A MORTE. (L. 2. pág. 38).

A matéria é tão indestrutível e eterna quanto o próprio espírito imortal, mas apenas em suas partículas, e não em suas formas organizadas. O corpo de uma pessoa tão grosseiramente materialista, tendo sido abandonado por seu espírito antes da morte física, quando este evento ocorre, a matéria plástica, a alma astral, seguindo as leis da matéria cega, conforma-se de acordo com o molde que o vício gradualmente preparou para ela durante a vida terrena do indivíduo. Então, como diz Platão, ela assume a forma do "animal a que se assemelhou nos seus descaminho" durante a vida. "É uma antiga máxima", diz-nos ele, "que as almas que deixam a Terra vivem no Hades e retornam novamente e são *geradas dos mortos* (...). Mas aqueles que

levaram uma vida eminentemente santa, esses atingem uma MORADA superior e HABITAM AS PARTES MAIS ELEVADAS da Terra" (a região etérea). No *Fedro*, novamente, ele diz que quando os homens terminam as suas primeiras vidas (sobre a Terra), alguns vão para lugares de castigo *sob* a Terra. Essa região *abaixo* da Terra, os cabalistas não a entendem como um lugar inferior da Terra, mas sustentam que ela é uma esfera muito inferior em perfeição à Terra, e muito mais material.

De todos os especuladores que se ocuparam das aparências incongruências do *Novo Testamento*, apenas os autores de *The Unseen Universe* parecem ter entrevisto as suas verdades cabalistas, a respeito do *Geheenna* do universo. O *Geheenna*, que os ocultistas chamam de *Oitava* esfera (contando ao contrário), é apenas um planeta como o nosso, *que se vincula a este e que o segue em sua penumbra*; uma espécie de urna funerária, um "lugar em que todas as suas sujeiras e imundícies se consomem", para emprestar uma expressão dos autores acima mencionados, e em que todas os refugos da matéria cósmica que pertence ao nosso planeta estão num contínuo estado de remodelagem.

A IMORTALIDADE DO HOMEM. (L. 2 pág. 39).

A Doutrina secreta ensina que se o homem atinge a imortalidade, permanecerá para sempre a trindade que é em vida, e assim continuará por todas as esferas. O corpo astral, que nesta vida está recoberto por um grosseiro invólucro físico, torna-se - quando se livra dessa cobertura pelo processo da morte corporal - por sua vez o invólucro de um outro corpo mais etéreo. Este começa a se desenvolver a partir do instante da morte, e torna-se perfeito quando o corpo astral da forma terrestre finalmente se separa dele. Este processo, dizem eles, repete-se a cada nova transição de uma esfera a outra. Mas a alma imortal, "a centelha prateada", observada pelo Dr. Fenwick no cérebro de Margrave, e não encontrada por ele nos animais, jamais se modifica, mas permanece "indestrutível pelo que quer que seja que vem bater ao seu tabernáculo". As descrições que Porfirio, Jámblico e outros fazem dos espíritos dos animais, que habitam a luz astral, são corroborada pelas de muitos dos mais fidedignos e inteligentes clarividentes. Às vezes, as formas animais se tornam menos visíveis às pessoas presentes num círculo espiritual, materializando-se.

Se, após a morte corporal, existe uma outra existência no mundo espiritual, ela deve ocorrer de acordo com a lei de evolução. Ela toma o homem de seu lugar no ápice da pirâmide de matéria, e o deixa numa esfera de existência em que a mesma lei inexorável o acompanha. E se ela o acompanha, por que não o fariam todas as coisas da Natureza? Por que não os animais e plantas, que têm um princípio de vida, e cujas formas grosseiras se decompõem como a sua, quando esse princípio de vida os abandona? E se o seu corpo astral se torna mais etéreo ao chegar a outra esfera, por que não o deles? Eles, tanto quanto o homem, evoluíram da matéria cósmica condensada, e nossos físicos não vêem a menor diferença entre as moléculas dos quatro reinos da Natureza, que são assim especificado pelo Prof. Lenenhuma Conte:

4. Reino Animal.
3. Reino Vegetal.
2. Reino Mineral.
1. Elementos.

O processo da matéria de cada um desses planos ao plano superior é contínuo; e, segundo Lenenhuma Conte, "não há nenhuma força na Natureza capaz de elevar a matéria de um só golpe do n.º 1 ao n.º 3, ou do n.º 2 ao n.º 4, sem se deter e receber um suplemento de força, de uma espécie diferente, no plano intermediário".

Ora, arriscará alguém dizer que de um dado número de moléculas, *original e constantemente homogêneas, e todas energizadas pelo mesmo princípio de evolução*, uma certa parte pode ser transportada através desses quatro reinos até o resultado final de um homem imortal que evolui, e as demais partes não podem progredir além dos planos 1, 2 e 3? Por que não teriam *todas* essas moléculas um futuro igual de si; o mineral tornando-se planta, a planta animal, e o animal homem - se não *nesta* Terra, pelo menos em alguma parte dos incontáveis reinos do espaço? A harmonia que a Geometria e a Matemática - as únicas ciências exatas - demonstram ser a lei do universo, seria destruída se a lei da evolução só se exemplificasse perfeitamente no homem, e se detivesse nos reinos secundários. O que a lógica sugere, a psicometria prova; e, como dissemos antes, não é impossível que um monumento seja um dia erigido pelos cientistas a Joseph R. Buchanan, o seu descobridor moderno. Se um fragmento de mineral, uma planta fossilizada ou uma forma animal dá ao psicômetro retratos tão vívidos e precisos de seus estados anteriores, assim como um fragmento de osso humano dá os do indivíduo a qual pertenceu, isto parece indicar que o mesmo espírito sutil penetrou por toda a Natureza e que é inseparável das substâncias orgânicas e inorgânicas. Se o antropólogo, os fisiólogos e os psicólogos estão igualmente perplexos com as causas primeiras e últimas, e por descobrirem na matéria tantas semelhanças em todas as suas formas, e no espírito, abismos tão profundos de diferenças, isto se deve, talvez, ao fato de que suas indagações se limitam ao nosso globo visível, e eles não podem, ou não ousam, ir além. O espírito de um mineral, de uma planta ou de um animal pode começar a se formar aqui, e atingir o seu desenvolvimento final milhões de séculos depois, em outros planetas, conhecidos ou desconhecidos, visíveis ou invisíveis aos astrônomos. Pois, quem é capaz de contradizer a teoria acima sugerida de que a própria Terra, como as outras criaturas vivas a que deu origem, se tornará, ao final, e depois

de passar por todos os seus estágios de morte e dissolução, um planeta astral eterificado? “Em cima como embaixo”; a harmonia é a grande lei da Natureza.

A harmonia no mundo físico e matemático dos sentidos é justiça no mundo espiritual. A justiça produz harmonia, e a injustiça, discórdia; e a discórdia, na escala cósmica, significa caos - aniquilação.

Se há um espírito imortal desenvolvido no homem, deve haver um em todas as coisas, pelo menos em estado latente ou germinal, e é apenas uma questão de tempo que todos esses germes se desenvolvam completamente. Não seria uma grosseira injustiça um criminoso impenitente, que perpetrou um assassinio brutal no exercício de seu livre-arbítrio, possuir um espírito imortal que, com o tempo, poderá purificar-se do pecado e gozar de uma perfeita felicidade, e um pobre cavalo, inocente de qualquer crime, trabalhar e sofrer sob as torturas impiedosas do chicote de seu dono durante toda a vida e então aniquilar-se com a morte? Uma tal crença implica uma brutal injustiça, e só é possível entre as pessoas educadas no dogma de que tudo é criado para o homem, e de que só ele é soberano do universo; um soberano tão poderoso que para salvá-lo das conseqüências de suas más ações o Deus do universo precisou morrer para aplacar a sua própria cólera.

O USO DA PSICOMETRIA PARA PESQUISAS, SEU USO PELOS ANTIGOS. (L. 2, pág. 41).

Diz o Prof. Denton, ao falar do futuro da psicometria: "A Astronomia não desdenhará do concurso desse poder. Assim como novas formas de seres orgânicos se revelam, quando remontamos aos primeiros períodos geológicos, novos agrupamentos de estrelas, novas constelações serão descobertas, quando os céus desses períodos primitivos forem examinados pela visão penetrante dos futuros psicômetros. Um mapa acurado do firmamento durante o período siluriano pode revelar-nos muitos segredos que temos sido incapazes de descobri. (...) Por que não seríamos capazes de ler a história dos diversos corpos celestes (...) a sua história geológica, natural e, porventura, humana? (...) Tenho boas razões para crer que psicômetros treinados serão capazes de viajar de planeta em planeta, e verificar minuciosamente a sua condição atual e a sua história passada."

Heródoto conta-nos que na oitava das torres de Belo, na Babilônia, utilizada pelos sacerdotes astrólogos, havia uma câmara superior, um santuário, em que as sacerdotisas profetizantes dormiam para receber comunicações do deus. Ao lado do leito ficava uma mesa de ouro, sobre a qual se colocavam várias pedras, que Maneto nos informa terem sido todas aerólitos. As sacerdotisas desenvolviam a visão profética pressionando uma dessas pedras sagradas contra a cabeça e os seios. O mesmo ocorria em Tebas, e em Patara, na Lícia.

Isto parece indicar que a psicometria era conhecida e grandemente praticada pelos Antigos. Lemos em algum lugar que o profundo conhecimento que, segundo Draper, os Antigos Astrólogos Caldeus possuíam sobre os planetas e as suas relações, foi obtido mais pela adivinhação com o betylos, a pedra meteórica, do que pelos instrumentos astronômicos. Estrabão, Plínio e Helênico - todos falam do poder elétrico ou eletromagnético dos betyli. Eles eram reverenciados desde a mais remota Antigüidade no Egito e na Samotrácia, como pedras magnéticas "que continham almas que caíram do céu"; e os sacerdotes de Cibele usavam um pequeno betylos sobre seus corpos.

OS ELEMENTARES SEGUNDO OS FILÓSOFOS ANTIGOS. (L 2, pág. 41.)

Falando sobre os elementares, diz Porfírio: "Estes seres recebem honras dos homens como se fossem deuses (...) uma crença universal torna-os capazes de se tornar deveras malévolos: isto mostra que sua cólera se dirige contra aqueles que negligenciaram oferecer-lhes um culto legítimo".

Homero descreve-os nos seguintes termos: "Nossos *deuses* nos aparecem quando lhes oferecemos sacrifício (...) *sentando-se em nossas mesas, eles partilham de nossos repastos festivos*. Sempre que encontram um solitário fenício em viagem, eles *lhes servem como guias*, e manifestam a sua presença de outras maneiras. Podemos dizer que *nossa piedade* nos aproxima deles, assim como o crime e o derramamento de sangue unem os ciclopes e a feroz raça de gigantes". Isto prova que esses deuses eram afáveis e benéficos, e que fossem eles espíritos desencarnados ou seres elementares, não eram *diabos*.

A linguagem de Porfírio, que era um discípulo direto de Plotino, é ainda mais explícita no que toca à natureza desses espíritos. "Os demônios", diz ele, "são invisíveis; mas eles sabem *como vestir-se* com formas e configurações sujeitas a numerosas variações, que podem ser explicadas pelo fato de que sua natureza *tem muitos elementos corporais em si*. Sua morada está nas cercanias da Terra (...) e, *quando escapam à vigilância dos bons demônios, não há nenhuma maldade que não ousem cometer*. Um dia eles empregarão a força bruta; no outro, a *astúcia*". Mais adiante, ele comenta: "Para eles é um jogo infantil excitar em nós as paixões desprezíveis, inculcar doutrinas turbulentas às sociedades e às nações, provocar guerras, sedições e outras calamidades públicas, e dizer-nos em seguida 'que tudo isso é obra dos deuses'. (...) Esses espíritos passam o tempo enganando e iludindo os mortais, criando ilusões e prodígios ao seu redor; *a sua maior ambição é fazer as vezes de deuses e almas* [espíritos desencarnados]".

Jâmblico, o grande teurgista da escola neoplatônica, um homem versado na Magia sagrada, ensina que "os bons demônios nos aparecem *realmente*, ao passo que os maus demônios se manifestam apenas sob as *formas ilusórias de fantasmas*". Mais adiante, ele corrobora Porfírio, e afirma que "(...) *os demônios bons não temem a luz*, ao passo que os *perversos necessitam das trevas*. (...) As sensações que eles excitam em nós fazem-nos acreditar na presença e na realidade das coisas que eles mostram, embora estas coisas não existam".

Mesmo os teurgistas mais práticos encontraram, às vezes, algum perigo em suas relações com certos elementos, e Jâmblico afirma que "Os deuses, os anjos e os demônios, assim como as *almas*, podem ser convocados através da evocação e das preces. (...) Mas quando, durante as opressões teurgistas, um erro é cometido, cuidado! Não imagineis que estais em comunicação com divindades benéficas, que respondem à vossa fervorosa prece; não, pois eles são maus demônios, apenas sob a forma de bons! Pois os elementos freqüentemente se apresentam com a aparência de bons, e assumem uma posição muitíssimo superior àquela que realmente ocupam. Suas fanfarrônicas os traem".

CAPÍTULO X

FENÔMENOS CÍCLICOS

A EXISTÊNCIA E FORMAÇÃO DO UNIVERSO. (L. 2. pág. 51).

O primeiro era o princípio intelectual vivificador de todas as coisas; o caos, um princípio líquido informe, sem "forma ou sentido"; da união desses dois princípios veio a existir o universo, ou antes o mundo universal, a primeira divindade andrógina - cujo corpo é formado de matéria caótica - e a alma, feita de éter. De acordo com a fraseologia de um *Fragmento* de Herméias, "o caos, com esta união com o espírito, dotando-se de *sentido*, resplandeceu com prazer, e assim produziu a luz *Protogonos* (que-nasceu-primeiro)". Esta é a trindade universal, baseada nas concepções metafísicas dos antigos, que, raciocinando por analogia, fizeram do homem, que é um composto de intelecto e de matéria, o microcosmo do macrocosmo, ou o grande universo.

Este universo visível de espírito e de matéria, é apenas imagem concreta da abstração ideal; foi construído com base no modelo da primeira IDÉIA divina. Assim, o nosso universo existiu desde a eternidade em estado latente. A alma que anima esse universo puramente espiritual é o Sol Central, a mais elevada Divindade em si mesma. Não foi esta Divindade que construiu a forma concreta da idéia, mas o Seu primogênito; e, assim como ela foi construída com base na figura geométrica do dodecaedro, o primogênito "agradou-se em empregar doze mil anos na sua criação". Este número está indicado na cosmogonia tirrena, que mostra que o homem foi criado no sexto milênio. Isto está de acordo com a teoria egípcia de 6.000 "anos" (O leitor compreenderá que com "anos" se pretende dizer "eras", não meros períodos de 30 meses lunares cada um), e com o cômputo hebraico. Sanchoniathon, na sua *Cosmogonia*, afirma que quando o vento (espírito) se torna enamorado dos seus próprios princípios (o caos), uma união íntima se estabelece, cuja conexão foi chamada *Pothos*, e da qual surgiu a semente de todas as coisas. E o caos não conheceu a sua própria produção, pois era *desprovido de sentido*; mas de seu abraço com o vento foi engendrado *Môt*, ou o *Ilus* (o lodo). É dele que procedem os esporos da criação e da geração do universo.

Os antigos, que contavam apenas quatro elementos, fizeram do éter o quinto. Em virtude de a sua essência ter-se tornado divina pela presença inobservada, foi ele considerado um intermediário entre este mundo e o próximo.

MANIFESTAÇÕES DA ALMA. (L. 2. pág. 53).

Tudo o que há de organizado neste mundo, as coisas visíveis como as invisíveis, tem um elemento que lhe é próprio. O peixe vive e respira na água; a planta consome o gás carbônico, que nos animais e nos homens produz a morte; alguns seres foram feitos para viver em camadas rarefeitas de ar, outros existem apenas nas mais densas. A vida, para alguns, depende da luz do Sol; para outros, da escuridão; e é assim que a sábia economia da Natureza adapta uma forma viva a cada condição de existência. Essas analogias permitem concluir não só que não existe uma porção desocupada na Natureza universal, mas também que para cada coisa que tem vida são fornecidas condições especiais, e, tendo sido fornecidas, elas são necessárias. Assim, admitindo-se que há um lado invisível, as condições fixas da Natureza autorizam a conclusão de que essa metade está ocupada, como também a outra; e de que cada grupo de seus ocupantes está provido das condições indispensáveis de existência. O fato de que há espíritos implica que haja uma diversidade de espíritos; pois os homens diferem, e os espíritos humanos são apenas homens desencarnados.

Dizer que todos os espíritos são semelhantes, ou foram feitos para viver na mesma atmosfera, ou que possuem poderes iguais, ou são governados pelas mesmas atrações - elétricas, magnéticas, ódicas, astrais, não importa quais -, é tão absurdo quanto dizer que todos os planetas têm a mesma natureza, ou que todos os animais são anfíbios, ou que todos os homens podem ser alimentados com a mesma comida. Muitíssimo mais razoável é supor que, dentre os espíritos, as naturezas mais grosseiras descerão às alturas mais profundas da atmosfera espiritual - em outras palavras, estarão mais próximas da Terra. Ao contrário, as mais puras estarão mais longe.

Porfírio apresenta-nos alguns fatos repugnantes cuja veracidade está consubstanciada na experiência de todo estudioso de Magia. "Tendo a *alma*", diz ele, "mesmo após a morte, uma certa afeição pelo seu corpo, uma afinidade proporcional à violência com que a sua união foi rompida, vemos muitos espíritos errando em desespero em torno dos seus restos terrestres; vemo-los até mesmo procurando ansiosamente os restos

pútridos de outros cadáveres e se recreiam no sangue recentemente vertido que parece infundir-lhes, por um momento, vida material.

"Os deuses e os anjos", diz Jâmblico, "aparecem-nos na paz e na harmonia; os demônios maus fazem com que tudo se agite em confusão. (...) Quando às almas *comuns*, nos aparecem mais raramente, etc."

"A alma humana (o corpo astral) é um demônio que a nossa linguagem pode chamar gênio", diz Apuleio. "E um *deus imortal*, embora, em certo sentido, tenha nascido ao mesmo tempo que o corpo em que ela se encontra. Em conseqüência, podemos dizer que morre no mesmo sentido que dizemos que nasce".

"A alma nasce neste mundo depois de deixar *outro mundo (anima mundi)*, em que a sua existência precede aquela que conhecemos (na Terra). Assim, os deuses que consideram a sua conduta em todas as fases das várias existências e em seu conjunto punem-na às vezes por pecados cometidos durante uma vida anterior. Ela morre quando se separa de um corpo em que atravessou a sua vida como num barco frágil. E este é, se não me engano, o significado secreto da inscrição tumular, tão simples para o iniciado: 'Aos deuses manes que viveram'. Mas essa espécie de morte não aniquila a alma; apenas a transforma num *lémure*. Os *lémures* são os *manes* ou fantasmas, que conhecemos sob o nome de *lares*. Quando eles se distanciam e *nos propiciam uma proteção benéfica*, nós honramos nelas as divindades protetoras do fogo doméstico; mas, se os seus crimes as sentenciam a errar, chamamo-los estão *larvas*. Eles se tornam uma praga para o perverso e o *vão terror* dos bons."

Seria difícil tachar de ambigüidade essa linguagem, e, apesar disso, os reencarnacionistas citam Apuleio em apoio de sua teoria de que o homem passa por uma sucessão de nascimentos humanos físicos nesse planeta até que finalmente seja purgado das impurezas da sua natureza. Mas Apuleio diz muito claramente que chegamos a este mundo vindo de um outro, onde tivemos uma existência cuja lembrança perdemos. Da mesma maneira que um relógio passa de mão em mão e de sala em sala da fábrica, uma parte sendo acrescentada aqui e outra ali, até que a delicada máquina esteja perfeita, de acordo com o plano concebido na mente do mestre antes que a obra fosse iniciada - assim também, de acordo com a Filosofia antiga, a primeira concepção divina do homem toma forma pouco a pouco, nos muitos departamentos do ateliê universal, e o ser humano perfeito finalmente aparece em nossa paisagem.

Esta filosofia ensina a Natureza nunca deixa inacabada a sua obra; se frustra na primeira tentativa, ela tenta novamente. Quando ela faz evoluir um embrião humano, a intenção é que o homem se torne perfeito - física, intelectual e espiritualmente. O seu corpo deve crescer, amadurecer, desgastar-se e morrer; a sua mente deve expandir-se, amadurecer e ser harmoniosamente equilibrada; o seu espírito divino deve iluminar e confundir-se facilmente com o homem *interior*. Nenhum ser humano completa o seu grande círculo, ou o "círculo da necessidade", até que tudo isso não tenha sido feito. Assim como os retardatários de uma corrida lutam e se fatigam logo no início enquanto o vitorioso atinge o seu objetivo, assim também, na corrida da imortalidade, algumas almas ultrapassam em velocidade todas as outras e chegam ao fim, enquanto as miríades de seus competidores lutam sob o fardo da matéria, próximo da reta de partida. Algumas, desafortunadas, caem, abandonam a corrida e perdem toda oportunidade de ganhar o prêmio; outras levantam-se e empenham-se de novo na corrida. É isso o que o hindu teme sobre todas as coisas - a *transmigração* e a *reencarnação* em formas inferiores, mas contra esta contingência lhes deu Buddha remédio no menosprezo dos bens terrenos, a restrição dos sentidos, o domínio das paixões e a contemplação espiritual ou freqüente comunhão com *Âtman* ou a alma.

A ANTIGA DOUTRINA DA TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA. A CAUSA DA REENCARNAÇÃO. O MUNDO DO NIRVANA. (L. 2. pág .55).

A causa da reencarnação é a concupiscência e a ilusão que nos leva a ter como reais as coisas do mundo. Dos sentidos provêm a "alucinação", que chamamos contato; "do contato, a sensação (também ilusória) da sensação, a concupiscência e da concupiscência a enfermidade, a decrepitude e a morte".

"Assim, como as voltas de uma roda, há uma sucessão regular de mortes e nascimentos, cuja causa moral é o apego aos objetos existente, enquanto a causa instrumental é o *karma* [o poder que controla o Universo, imprimindo-lhe atividade, mérito e demérito]. Portanto, o grande objeto de todos os seres que se querem desembaraçar *dos sofrimentos do nascimento sucessivos* é encontrar a destruição da causa moral (...) o apego aos objetos existentes, ou o desejo do mal.(...) Aqueles em quem o desejo do mal está completamente destruído são chamados *Arhats*, que, em virtude de uma libertação, possuem faculdades taumatúrgicas. Em sua morte, o *Arhat* não se reencarna e invariavelmente atinge o Nirvana". Nirvana é o mundo das *causas*, em que todos os efeitos enganadores ou as ilusões de nossos sentidos desaparecem. Nirvana é a esfera mais elevada que se pode atingir. Os *Pitris* (os espíritos pré-adâmicos) são considerados como *reencarnados*, pelo filósofo budista, se bem que num grau superior ao do homem da terra. Eles não morrem, por sua vez? Os seus

corpos astrais não sofrem nem gozam, e não sentem a mesma maldição dos sentimentos ilusórios, como durante a encarnação?

Aquilo que o Buddha ensinou no século VI a.C., na Índia, foi ensinado por Pitágoras depois na Grécia e na Itália. Gibbon mostra quão profundamente os fariseus estavam impressionados com essa crença na transmigração das almas. O círculo de necessidade egípcio está gravado de maneira indelével nos vetustos monumentos da Antiguidade. E Jesus, quando curava um doente, invariavelmente utilizava a seguinte expressão: "Teus pecados te são perdoados". Isso é pura doutrina budista. "Os judeus disseram ao cego: 'Tu nasceste completamente no pecado, e queres nos instruir'. A doutrina dos discípulos [de Cristo] é análoga à do 'Mérito e Demérito' dos budistas; pois os doentes *se curavam se os seus pecados fossem perdoados.*" Mas essa *vida anterior* em que os budistas acreditavam não é uma vida neste planeta, (*Citação corrida pela própria H. P. B. "(...) não é uma vida no mesmo ciclo e na mesma personalidade.*") pois, mais do que qualquer outra pessoa, o filósofo budista apreciava a grande doutrina dos ciclos.

A SIGNIFICAÇÃO SECRETA DOS CICLOS E KALPAS. A MANIFESTAÇÃO DE BRAHMÂ. (L. 2. pág. 55).

As especulações de Dupuis, Volney e Godfrey Higgins sobre a significação secreta dos ciclos, ou dos *kalpas* e dos *yugas* dos bramânicos e dos budistas, pouco significaram, pois não possuíam a chave da doutrina espiritual esotérica neles contida. Nenhuma filosofia especulou sobre Deus como uma *abstração* mas considerou-O sob as Suas várias manifestações. A "Causa Primeira" da Bíblia dos hebreus, as "Monas" pitagóricas, a "Existência Una" do filósofo hindu e o "Ain-Soph" cabalístico - o *Ilimitado* - são idênticos. O *Bhagavat* hindu não cria; ele entra no ovo do mundo e emana dele como Brahmâ, da mesma maneira que a Díada pitagórica se desenvolve das Monas mais elevadas e solitárias. A Monas do filósofo de Samos é o Monas hindu (mente), "que não tem primeira causa (*apûrva*) ou causa material, nem está sujeito à destruição". Brahmâ, como Prajâ-pati, manifesta-se antes de tudo como "doze corpos", ou atributos, representados pelos doze deuses, que simbolizam: 1º) o Fogo; 2º) o Sol; 3º) o Soma, que dá a onisciência; 4º) todos os Seres Vivos; 5º) Vâyü, ou o éter material; 6º) a Morte, ou o corpo de destruição -Shiva; 7º) a Terra; 8º) o Céu; 9º) Agni, o Fogo Imaterial; 10º) Âditya, o Sol imaterial e feminino invisível; 11º) a Mente; 12º) o grande Ciclo Infinito, "que não pode ser interrompido". Depois disso, Brahmâ se dissolve no Universo visível, de que cada átomo é ele mesmo. Feito isto, a Monas não-manifesta, indivisível e indefinida, retira-se para a solidão imperturbada e majestosa da sua unidade. A divindade manifesta, uma Díada em princípio, torna-se agora uma Tríada; a sua qualidade trina emana incessantemente poderes espirituais, que se tornam deuses imortais (Almas). Cada uma dessas Almas deve unir-se por sua vez a um ser Humano e, a partir do momento que surge a sua consciência, iniciar uma série de nascimentos e mortes. Um artista oriental tentou dar expressão pictórica à doutrina cabalista dos ciclos. O quadro cobre toda uma parede interior de um templo subterrâneo situado na proximidade de uma grande pagode budista e é extremamente sugestivo. Tentemos fornecer uma idéia do seu plano, tal como nos lembramos dele.

Imaginaí um ponto no espaço como o ponto primordial; depois, como um compasso, traçai um círculo ao redor desse ponto; onde o começo e o fim da circunferência se unem, a emanação e a reabsorção também se encontram. O próprio círculo é composto de inumeráveis círculos menores, como os elos de um bracelete, e cada um desses elos menores forma o cinto da deusa que representa aquela esfera. Onde a curva do arco se aproxima do ponto extremo do semicírculo - o nadir do grande ciclo - em que o pintor místico situou o nosso planeta, a face de cada deusa sucessiva torna-se mais sombria e horripilante do que a imaginação européia possa conceber. Cada cinto está coberto de representações de plantas, animais e seres humanos, pertencentes à flora, à fauna e à antropologia dessa esfera em particular. Há uma certa distância entre casa uma dessas esferas, marcada propositalmente; pois, após o cumprimento dos círculos, através das diversas transmigrações, é atribuído à alma um templo de Nirvana temporário, um espaço de tempo em que o *Âtman* perde toda lembrança das penas passadas. O espaço etéreo intermediário é então preenchido com seres estranhos. Aqueles que se encontram entre o éter mais elevado e a Terra são as criaturas de "natureza mediana", espíritos da Natureza ou, como os cabalistas às vezes os chamam, elementais.

Este quadro é ou uma cópia de uma quadro descrito para a posteridade por Berosus, o sacerdote do templo de Belo, na Babilônia, ou o original. Mas a parede está coberta precisamente de criaturas análogas àquelas que foram descritas pelo semidemônio, ou semideus, Oannes, o homem-peixe caldeu, (...) seres horripilantes, produzidos por um princípio duplo" - a luz astral e a matéria grosseira.

A MISTERIOSA DOCTRINA DA REENCARNAÇÃO. (L. 2. pág. 58).

Apresentaremos, alguns fragmentos dessa misteriosa doutrina da reencarnação - tão distinta da metempsicose -, tal como nos foi dada por uma autoridade no assunto. A reencarnação, isto é, o aparecimento do mesmo indivíduo, ou antes, da sua Mônada astral, duas vezes no mesmo planeta (obs. corrigido por H.P.B. pg. 48 do volume I, onde escreve-se "planeta", leia-se CICLO e PERSONALIDADE), não é uma regra da Natureza; trata-se de uma exceção. É precedida por uma violação das leis de harmonia da Natureza e só ocorre quando esta, tentando restaurar o seu equilíbrio perturbado, atira violentamente de volta à vida terrena a Mônada astral que foi expedida do círculo de necessidade por crime ou por acidente. Assim, em casos de aborto, de crianças que morrem antes de uma determinada idade e de idiotismo congênito e incurável, o plano original da Natureza de produzir um ser humano perfeito foi interrompido. Visto que a matéria grosseira de cada uma dessas entidades se desagrega na morte, pelo vasto reino do ser, o espírito imortal e a Mônada astral do indivíduo - posta esta última em reserva para animar um outro arcabouço; e a primeira, para projetar a sua luz divina sobre a organização corpórea - devem tentar, uma segunda vez, levar adiante o propósito da inteligência criadora.

Se a razão tanto se desenvolve a ponto de se tornar ativa e discriminadora, não há reencarnação nesta Terra, pois as três partes do homem trino se reuniram e ele é capaz de continuar o seu caminho. Mas quando o novo ser não passou da condição de uma Mônada, ou quando, como no caso de um idiota, a trindade não foi completada, a centelha imortal que o ilumina deve entrar novamente no plano terrestre porque ela falhou na sua tentativa. (É óbvio, que a "reencarnação imediata" é negada e que a matéria do indivíduo é a personalidade astral, ou o complexo pessoal astro-mental, que também pode ser chamado de Ego astral, e não a individualidade ou Ego Reencarnante. O leitor deve prestar muita atenção a essa diferença. n. do Org.). De outra maneira as almas mortais ou astrais, e as imortais e divinas, não poderiam progredir em uníssono e passar a uma esfera superior. O espírito segue uma linha paralela à da matéria; e a evolução espiritual se efetua conjunta e simultaneamente com a evolução física.

Reencarnação

Glossário Teosófico de Helena P. Blavatsky, Editora Gruond, pág. 561."

“É a doutrina do renascimento, no qual acreditava Jesus e seus apóstolos, como toda gente daqueles tempos, porém negada hoje pelos cristãos que parecem não compreender a doutrina de seus próprios Evangelhos, visto que a Reencarnação é ensinada claramente na *Bíblia*, como o é em todas as demais escrituras antigas.

Através do processo da Reencarnação, a entidade *individual* e imortal, a Tríada Superior, transmigra de um corpo para outro, reveste-se de sucessivas e novas formas ou *personalidades* transitórias, percorrendo assim, no curso de sua evolução, uma após outra, todas as faces da existência condicionada nos diversos reinos da Natureza, com o objetivo de ir entesourando as experiências relacionadas com as condições de vida inerentes a elas, até que, uma vez terminado o ciclo de renascimentos, esgotadas todas as experiências e adquirida a plena perfeição do SER, o Espírito Individual, completamente livre de todas as travas da matéria, alcança a Libertação e retorna a seu ponto de origem, abismando-se novamente no seio do Espírito Universal, como a gota d'água no oceano. A filosofia esotérica afirma, pois, a existência de um princípio imortal e individual, que habita e anima o corpo do homem e que, com a morte do corpo, passa a encarnar outro corpo, depois de um intervalo mais ou menos longo de vida subjetiva em outros planos. Desse modo, as vidas corporais sucessivas se enlaçam com outras tantas pérolas no fio, sendo este fio o princípio sempre vivo e as pérolas as numerosas e diversas existências ou vidas humanas na Terra.

A filosofia exotérica, admite que o *Ego humano* pode encarnar apenas em formas humanas, pois só estas oferecem as condições através das quais são possíveis as suas funções; jamais poderá viver em corpo animais nem retroceder ao bruto, porque isso seria ir contra a lei da evolução”. (N. C. Resumo do texto original)

A OITAVA ESFERA, O HADES ALEGÓRICO. (L. 2. pág. 60).

Mesmo os ocultistas ocidentais modernos a negam, embora seja universalmente aceita nos países orientais. Quando, por meio dos vícios, de crimes medonhos e das paixões animais, um espírito desencarnado cai na oitava esfera - o Hades alegórico, e o *Gehenna* da Bíblia -, a mais próxima da nossa Terra, ele pode, com o auxílio do vislumbre de razão e de consciência que lhe restou, arrepende-se; isto quer dizer que ele, exercendo o resto de seu poder de vontade, esforçar-se por se elevar e, como um homem que se afoga, voltar uma vez mais à superfície. Nos *Oráculos caldaicos* de Zoroastro encontramos este, que diz, como advertência à Humanidade:

"Não olheis para baixo, pois um precipício existe abaixo da Terra
Que se estende *por uma descida de SETE degraus*, sob os quais
Está o trono da horrenda necessidade".

Uma ardente aspiração para se libertar dos seus males, um desejo bastante pronunciado hão de levá-lo uma vez mais à atmosfera da Terra. Aí ele vagueará e sofrerá mais ou menos uma solidão dolorosa. Os seus instintos hão de fazê-lo procurar com avidez o estabelecimento de contato com pessoas vivas. (...) Esses espíritos são os invisíveis, mas muito tangíveis, vampiros magnéticos; os demônios *subjetivos* tão bem conhecidos dos estáticos medievais, monjas e monges, e das "feiticeiras" tornadas tão famosas pelos *The Witches' Hammer*; e de determinados clarividentes sensitivos, segundo as suas próprias confissões. Eles são os demônios sangüinários de Porfírio, as *larvas* e as *lémures* dos antigos; os instrumentos diabólicos que enviaram tantas vítimas desafortunadas e fracas para a roda dentada e para a morte na fogueira. Orígenes afirma que todos os demônios que possuíram os endemoniados mencionados no *Novo Testamento* são "espíritos" *humanos*. É porque Moisés sabia tão bem o que eles eram, e quão terríveis eram as conseqüências para as pessoas fracas que se submetiam às suas influências, que ele editou a lei cruel e sanguinária contra as pretensas "feiticeiras"; mas Jesus, pelo de amor divino pela Humanidade, *curou-as* em vez de as *matar*. Mais tarde, o nosso clero, pretendendo ser o modelo dos princípios cristãos, seguiu a lei de Moisés e ignorou completamente a lei d'Aquele a quem chamavam seu "Deus Vivo", queimando dezenas de milhares dessas pretensas "feiticeiras".

SIGNIFICADO DO TERMO FEITIÇARIA. (L. 2. pág. 60).

Feitiçaria! Nome poderoso, que continha, no passado, a promessa da morte ignominiosa; e deve ser pronunciado, no presente, apenas para provar uma explosão de ridículo, uma avalanche de sarcasmos! Como é, então, que sempre existiram homens de inteligência e de erudição que nunca julgaram ser contrário à sua reputação de eruditos, ou à sua dignidade, afirmar publicamente a possibilidade de existência de algo como as "feiticeiras", na correta aceção da palavra? Um desses intrépidos campeões foi Henry More, o erudito de Cambrige, do século XVII.

As palavras *witch* ["feiticeira"] e *wizard* ["mágico"], o Dr. More, significam nada mais do que homem sábio [*wise Man*] ou mulher sábia [*wise woman*]. Na palavra *wizard*, isso fica claro desde o primeiro momento; e "a dedução mais simples e menos laboriosa do nome *witch* provém de *wit*, cujo adjetivo derivado seria *wittigh* ou *wittich*, e, por contração, mais tarde *witch*; da mesma maneira, o substantivo *wit* deriva do verbo *to weet*, 'saber'. De modo que uma *witch* nada mais é do que uma mulher sábia; e que corresponde exatamente à palavra latina *saga*, na expressão *sagae dictae anus quae multa sciunt* de Festo"

A VULNERABILIDADE DE ALGUMAS "SOMBRAS". (L. 2. pág. 62).

"Fecha a porta na cara do demônio, diz a *Cabala*, "e ele fugirá de ti, como se o perseguisses" - o que significa que não deves dar guarida a esses espíritos de obsessão por atraí-los a uma atmosfera da mesma natureza.

Esses demônios tentam introduzir-se nos corpos dos simples de espírito e dos idiotas e aí permanecer até que sejam desalojados por uma vontade poderosa e *pura*. Jesus Apolônio e alguns dos seus apóstolos tinham o poder de afastar os *demônios* purificando a atmosfera *interna e externa* ao paciente, bem como de forçar o hóspede indesejável a se retirar. Certos sais voláteis lhes são particularmente desagradáveis; e o efeito de certas substâncias químicas vertidas num pires, colocados sob a cama pelo Sr. Varley, de Londres, com o objetivo de manter à distância, à noite, alguns fenômenos físicos, confirma esta grande verdade. Os espíritos humanos puros ou mesmo simplesmente inofensivos nada temem, pois, desembaraçados da matéria *terrestre*, os compostos terrestres não os podem afetar; tais espíritos são como um *sopro*. Não acontece a mesma coisa com as almas presas à Terra e aos espíritos da Natureza.

Isto se refere àquelas *larvas* terrestres carnis, espíritos humanos degradados, com que os antigos cabalistas alimentavam a esperança de *reencarnação*. Mas quando, ou como? Num momento conveniente, e se auxiliados por um sincero desejo de correção e de arrependimento, inspirado por uma pessoa forte e simpática, ou pela vontade de um adepto, ou mesmo um desejo que emana de um espírito pecador, contanto que seja poderoso o suficiente para fazê-lo romper o julgo da matéria pecaminosa. Perdendo toda a consciência, esta Mônada uma vez brilhante é apanhada uma outra vez no turbilhão de nossa evolução terrestre, e atravessa novamente os reinos subordinados e de novo respira na qualidade de uma criança. Seria impossível computar o tempo necessário para que se cumpra esse processo. Dado que não existe percepção do tempo na eternidade, qualquer tentativa seria apenas um trabalho inútil.

A PREPARAÇÃO DE ORÁCULOS. (L. 2. pág. 63).

A maneira de obter oráculos foi praticamente desde a mais alta Antigüidade. Na Índia, essa sublime letargia é chamada "o sono sagrado de ***. Trata-se de um esquecimento em que o paciente é dirigido por determinados processos mágicos, suplementares por goles de suco de soma. O corpo do que dorme permanece durante muitos dias num estado que se assemelha à morte, e pelo poder do adepto é purificado da sua terrenalidade e preparado para tornar-se o receptáculo do esplendor do Augoeides imortal. Nesse estado, o corpo dorme reflete a glória das esferas superiores, como um espelho reflete os raios do Sol. O que dorme não tem consciência do tempo que passa, mas, ao despertar, após quatro ou cinco dias de transe, imagina que dormiu apenas momentos. Ele não se lembrará jamais do que os seus lábios proferiram; mas, como é o espírito que os dirige, eles só podem pronunciar a verdade divina. Durante um lapso de tempo, essa pobreza impotente se faz o escrínio da presença sagrada e converte-se num oráculo mil vezes mais infalível do que a pitonisa asfixiada de Delfos; e, diferentemente do seu frenesi mântico, que foi exibido à multidão, este sono sagrado é testemunhado apenas no recinto sagrado por aqueles poucos adeptos que são dignos de comparecer à presença do ADONAI.

A descrição que faz Isaías da purificação necessária a um profeta para que ele se torne digno de ser o porta-voz do céu aplica-se perfeitamente ao caso de que tratamos. Empregando uma metáfora que lhe era familiar, ele diz: "Um dos serafins voou para mim trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada e purificado o teu pecado".

ESPÍRITOS ELEMENTARES, TEM MEDO DA ESPADA. (L.2.pg.67).

Em Homero, temos Ulisses evocando o espírito do seu amigo, o adivinho Tirésias. Preparando-se para a cerimônia do "festival do sangue", Ulisses saca da sua espada e dessa maneira assusta os milhares de fantasmas atraídos pelo sacrifício. O amigo, o tão esperado Tirésias, não ousa aproximar-se enquanto Ulisses mantém a arma apavorante na mão. Enéias prepara-se para descer ao reino das sombras, e, assim que se aproxima da entrada, a Sibila que o guia dita ao herói troiano o seu conselho e lhe ordena sacar da sua espada e abrir para si uma passagem através da multidão espessa de formas errantes:

Pselo, em sua obra, conta a história de sua cunhada que foi posta num estado muito assustador por um *demônio* elementar que a possuía. Ela foi finalmente curada por um conjurador, um estrangeiro chamado Anaphalangis, que começou por ameaçar o ocupante invisível do seu corpo com uma *espada nua*, até que o desalojou. Pselo apresenta todo um catecismo da demonologia, em que se exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

"Tuque invade viam, vaginaque eripe ferrum".

Pselo, apresenta todo um catecismo da demonologia, em que exprime nos seguintes termos, tanto quanto nos lembramos:

"Quereis saber", perguntou o conjurador, "se os corpos dos espíritos podem ser feridos por espadas ou por qualquer outra arma? Sim, eles podem. Qualquer substância dura que os golpeie pode causar-lhes uma dor sensível; e, embora os seus corpos não sejam feitos de nenhuma substância sólida ou firme, eles a sentem, pois, em seres dotados de sensibilidade, não são apenas os seus nervos que possuem a faculdade de sentir, mas também o espírito que reside neles (...) o corpo de um espírito pode ser sensível em seu *todo*, bem como em cada uma das suas partes. Sem o auxílio de qualquer organismo físico, o espírito vê, ouve e, se o tocardes, sente o vosso toque. Se os dividirdes em dois, ele sentirá a dor como qualquer homem vivo, pois ele também é *matéria*, embora seja esta tão refinada que se torna geralmente invisível aos nossos olhos. (...) Uma coisa, todavia, o distingue do homem vivo; a saber, o fato de que quando os membros de um homem são divididos, as suas partes não podem ser reunidas muito facilmente. Mas cortai um *demônio* em duas partes, e o vereis imediatamente se recompor. Assim como a água ou o ar se reúnem após a passagem de um corpo sólido, que não deixa nenhum sinal, nada atrás de si, assim também o corpo de um demônio condensa-se novamente, quando a arma penetrante é retirada da ferida. Mas cada incisão feita nele não lhe causa menos dor. *Eis por que os demônios* teme a ponta de uma espada ou de qualquer arma pontiaguda. Que aqueles que os queiram ver sangrar façam a experiência".

Um dos eruditos mais sábios deste século, Bodin, o demonólogo, é da mesma opinião: os elementares humanos e cósmicos "são extremamente medrosos de espadas e de adagas". Também esta é a opinião de Porfírio, de Jâmblico e de Platão. Plutarco menciona-o várias vezes. Os teurgos praticantes sabiam-no muito bem e agiam de acordo com a sua informação; e um grande número deles afirma que "os demônios sofrem com qualquer incisão que seja feita em seus corpos".

FENÔMENOS, QUE PODEM OCORRER COM A ALMA. (L. 2. pág. 68).

Mas devemos abrir espaço agora para algumas narrativas dos filósofos antigos, que, ao mesmo tempo em que contam, vão nos explicando.

Em primeiro lugar, quanto às maravilhas, é preciso colocar Proclo. A sua lista de fatos, cuja maior parte ele apoia com citações de testemunhas - às vezes filósofos bastantes conhecidos -, é desconcertante. Ele registra, da sua época, muitos exemplos de pessoas mortas que foram encontradas em posição diferente nos seus sepulcros depois de terem sido colocadas sentadas ou em pé - fenômenos que ele atribuíam fato de elas serem *larvas* e que, diz "está relacionado pelos antigos de Aristetas, Epimênides e Hermodorus". Cita quatro casos semelhantes extraídos da *História* de Clearco, o discípulo de Aristóteles. 1º) Clenyomus, o ateniense. 2º) Policreto, um homem ilustre entre os etólios. Este fato está relatado pelo historiador Naumachius, que diz que Policreto morreu e retornou no nono mês após a sua morte. "Hiero, o efésio, e outros historiadores", diz o seu tradutor, Taylor, "atestam a verdade desse fato". 3º) Em Nocópolis, a mesma coisa aconteceu a um certo Eurynous, que ressuscitou no décimo-quinto dia após o seu enterro e viveu algum tempo depois disso levando um vida exemplar. 4º) Rufus, sacerdote da Tessália, voltou à vida no terceiro dia após a sua morte, com o objetivo de proceder a algumas cerimônias sagradas que havia prometido realizar; cumpriu o prometido, e morreu novamente para nunca mais voltar.

Diz Proclo: "Muitos outros escritores antigos recolheram histórias de pessoas que morreram aparentemente e depois ressuscitaram; e entre eles o filósofo Demócrito, nos seus escritos relativos ao Hades, e o maravilhoso Conotes, conhecido por Platão. Pois a morte não era, como parecia, um abandono completo de toda a vida do corpo, mas uma cessação, caudada por algum golpe, ou talvez uma ferida. Mas os laços da alma ainda continuavam atados à medula, e o coração conservava em suas profundezas o empíreuma da vida; tudo isto conservado, readquiria-se a vida, que se extinguiu, em virtude de se estar novamente adaptado à animação".

Ele diz ainda: "É evidente que é possível à alma deixar o corpo e voltar a entrar no corpo porque ele, que, de acordo com Clearchus, se serviu de uma *vara que atrai a alma* sobre um menino adormecido; e que convenceu Aristóteles, como Clearco relata em seu *Tratado sobre o sono*, de que a alma pode ser separada do corpo e de que ela entra num corpo e o usa como alojamento. Pois, golpeando o menino com a vara, ele atraiu e, como se diz, guiou a sua alma, com o objetivo de demonstrar que o corpo estava imóvel quando a alma [corpo astral] estava a uma certa distância dele, e que não lhe fizera nenhum mal. Mas a alma, guiada novamente para o corpo por meio da vara, deu-se conta, após a sua entrada, de tudo o que havia ocorrido. Nessas circunstâncias, assim, os espectadores e Aristóteles se convenceram de que a alma é distinta e separada do corpo".

A DIFERENÇA ENTRE O MÉDIUM E O MÁGICO. (L. 2, pág. 70).

O mágico difere do feiticeiro no fato de que, *enquanto este era um instrumento ignorante nas mãos dos demônios, o outro tornou-se se senhor pela intermediação poderosa de uma ciência*, que só estava ao alcance de poucos, e a que estes seres eram incapazes de desobedecer". Esta definição, estabelecida e conhecida desde os dias de Moisés.

O autor anônimo de *Art. Magic*, encontramos-lo o seguinte: "O leitor pode perguntar: em que consiste a diferença entre o médium e o mágico? (...) O médium é um ser por meio de cujo espírito astral outros espíritos se podem manifestar, fazendo sentir a sua presença por meio de diversos tipos de fenômenos. Seja qual for a natureza desses fenômenos, o médium é apenas um agente passivo em suas mãos. Ele não pode *nem ordenar* a sua presença, nem desejar a sua ausência; não pode nunca forçar a realização de qualquer ato especial, nem dirigir a sua natureza. O mágico, ao contrário, *pode convocar e dispensar os espíritos de acordo com a sua vontade*; pode realizar muitas façanhas de poder oculto através do seu próprio espírito; pode forçar a presença e a ajuda de espíritos de graus inferiores de ser do que o dele e efetuar transformações no reino da Natureza em corpos animados e inanimados".

Este erudito autor esqueceu-se de assinalar uma distinção notável que existe na mediunidade, com a qual deve estar totalmente familiarizado. Os fenômenos físicos são o resultado da manifestação de forças, por meio do sistema físico do médium, pelas inteligências inobservadas, e não importa qual classe. Numa palavra, a mediunidade física depende de uma organização peculiar do sistema *físico*; a mediunidade espiritual, que é acompanhada de uma certa manifestação de fenômenos subjetivos e intelectuais, depende de uma organização peculiar da natureza *espiritual* do médium. Assim como o oleiro pode fazer de uma bola de argila um belo vaso e, de uma outra, um vaso ruim, assim também, entre os médiuns físicos, o espírito astral plástico de um deles pode estar preparado para uma determinada classe de fenômenos, e o de outro, para uma classe diferente. Como regra geral, os médiuns que foram desenvolvidos para uma classe de fenômenos raramente mudam para uma outra, mas repetem a mesma performance *ad infinitum*.

A psicografia ou escrita direta de mensagens ditadas por espíritos é comum a ambas as formas de mediunidade. A escrita em si mesma é um fato físico objetivo, ao passo que os sentimentos que ela exprime

podem ser do caráter mais nobre. Estes dependem inteiramente do estado moral do médium. Não se exige que ele tenha instrução alguma para escrever tratados filosóficos dignos de Aristóteles, nem que seja um poeta para escrever versos que fariam honra a Byron ou a Lamartine; mas deve-se exigir que a alma do médium seja suficientemente pura para servir de canal para os espíritos capazes de dar uma forma elevada a sentimentos desse gênero.

Que não podemos resistir aos desejo de citar algumas linhas de um dos escritos sânscritos, tanto mais que ele incorpora aquela porção da filosofia hermética a que se refere ao estado antecedente do homem, que descrevemos em outro lugar de maneira bem menos satisfatória.

A Filosofia hermética aponta os estados antecedentes do Homem.

"O homem vive em muitas outras terras antes de chegar a esta. Miríades de mundos nadam no espaço em que a alma em estado rudimentar faz as suas peregrinações, antes que chegue ao grande e brilhante planeta chamado Terra, cuja função gloriosa é conferir-lhe *autoconsciência*. Só neste ponto é que ele se torna homem; em qualquer outra etapa desta jornada vasta e selvagem ele é apenas um ser embrionário - uma forma evanescente e temporária de matéria -, uma criatura de cuja alma elevada e aprisionada uma parte, mas apenas *uma parte*, resplandece; uma forma rudimentar, com funções rudimentares, sempre vivendo, morrendo, mantendo uma existência espiritual passageira tão rudimentar quanto a forma material de que emergiu; uma borboleta despontando da crisálida, mas sempre, à medida que avança, em novos nascimentos, novas encarnações, para daqui a pouco morrer e viver novamente, mas ainda dando um passo à frente, outra para trás, sobre o caminho vertiginoso, apavorante, cansativo e acidentado, até que desperte uma vez mais - para viver uma vez mais e ser uma forma material, um algo de poeira, uma criatura de carne e osso, mas agora - *um homem*".

UMA EXPERIÊNCIA PSÍQUICA. (L. 2. Pág. 72).

Fomos testemunhas, certa vez, na Índia, de uma experiência de habilidade psíquica entre um venerável *gosain* (Faquir, mendigo) e um feiticeiro (Um prestidigitador, diga-se) que nos ocorre agora em relação a esse assunto. Estávamos discutindo sobre os poderes relativos dos *Pitris* dos faquires - espíritos pré-adamitas e aliados invisíveis dos prestidigitadores. Concordou-se em fazer uma experiência de habilidades, e o autor destas linhas foi escolhido como árbitro. Fazíamos a sesta, próximos de um pequeno lago da Índia setentrional. Sobre a superfície das águas cristalinas flutuavam inúmeras flores aquáticas e largas folhas brilhantes. Cada um dos contendores tomou uma dessas folhas. O faquir, apoiando a sua contra o seu peito, cruzou as mãos sobre ela e entrou em transe momentâneo. Colocou, então, a folha sobre a água, com a superfície superior voltada para baixo. O prestidigitador pretendia controlar o "senhor da água", o espírito que reside na água gabou-se de forçar o *poder* a impedir que os *Pitris* manifestassem quaisquer fenômenos sobre a folha do faquir em *seu* elemento. Tomou a sua própria folha e a colocou sobre a água, depois de ter praticado sobre ela uma espécie de encantação selvagem. Ela, imediatamente, exibiu uma agitação violenta, ao passo que a outra folha continuava absolutamente imóvel. Ao final de alguns segundos, ambas as folhas foram retiradas. Sobre a folha do faquir vimos - uma indignação do prestidigitador - algo que se assemelha a desenhos geométricos formados de caracteres de um branco leitoso, como se os sucos da planta tivessem sido usados como um fluido corrosivo com que se pudesse escrever. Quando ela secou, e tivemos a oportunidade de examinar as linhas com cuidado, reconhecemos serem elas uma série de caracteres sânscritos elaborados com perfeição; o todo compunha uma frase que enfeixava um preceito de alta mortal. O faquir, acrescentou, não sabia ler nem escrever. Sobre a folha do prestidigitador, em vez de escrita, encontramos uma figura hedionda, demoníaca. Cada uma das folhas, portanto, trazia uma impressão ou um reflexo alegórico do caráter do contendor e indicava a qualidade de seres espirituais a que obedecia.



CAPÍTULO XI

MARAVILHAS PSICOLÓGICAS E FÍSICAS

AS PROPRIEDADES DO ÂKASA, O MISTERIOSO FLUÍDO VITAL. (L. 2. pág. 83.)

A insensibilidade do corpo humano ao impacto de golpes pesados e a resistência à penetração de instrumentos pontiagudos e de projeteis de arma de fogo são fenômenos bastante familiares à experiência de todos os tempos e países. Enquanto a Ciência é totalmente incapaz de dar-nos qualquer explicação razoável para o mistério, a questão não parece oferecer qualquer dificuldade aos mesmeristas, que estudaram tão bem as propriedades do fluído. O homem que com alguns poucos passes sobre um membro pode produzir uma paralisia local de modo a torná-lo completamente insensível a queimaduras, a cortes e a picadas de agulhas. Quantos aos adeptos da Magia, especialmente do Sião e das Índias Orientais, eles estão familiarizados demais com as propriedades do *Âkasa*, o misterioso fluído vital. O fluído astral pode ser comprimido sobre uma pessoa de modo a formar uma concha elástica, absolutamente impenetrável por qualquer objeto físico, por maior que seja a sua velocidade. Em resumo, este fluído pode igualar e mesmo ultrapassar em poder de resistência a água e o ar.

Na Índia, no Malabar, e em algumas regiões da África Central, os encantadores permitirão de bom grado a qualquer viajante que os alveje com seu fuzil ou revólver, sem tocar a arma ou selecionar as balas. Em *Travels in Timmannee, Kooranko and Soolima Countries*, de Laing, temos a descrição, feita por um viajante inglês - o primeiro homem branco a visitar tribos dos Soolimas, nas vizinhanças de Dialliba - de uma cena bastante curiosa. Um grupo de soldados escolhidos fez fogo contra um chefe que nada tinha para se defender senão alguns talismãs. Embora os seus fuzis estivessem convenientemente carregados e apontados, nenhuma bala o atingiu. Salverte narra um caso similar em sua *Filosofia da Magia*: "Em 1568, o príncipe de Orange condenou um prisioneiro espanhol a ser fuzilado em Juliers. Os soldados o amarraram numa árvore e o fuzilaram, mas ele era invulnerável. Os soldados então o despiram, para ver que armadura ele trajava, mas encontraram apenas um *amuleto*. Este lhe foi arrancado e ele tombou morto ao primeiro tiro".

Poucos anos atrás, vivia numa aldeia africana um abissínio que passava por ser um feiticeiro. Uma vez, alguns europeus, a caminho do Sudão, divertiram-se por uma ou duas horas alvejando-o com suas próprias pistolas e fuzis, um privilégio que ele lhes concedeu em troca de uma pequena contribuição. Um francês de nome Longlois fez fogo simultaneamente por cinco vezes, e as bocas das armas não estavam a mais de duas jardas do peito do feiticeiro. Em todas as vezes, simultaneamente à chama da detonação via-se a bala aparecer na boca da arma, tremer no ar e, então, depois de descrever uma pequena parábola, cair inofensivamente no solo. Um alemão do grupo, que estava em busca de penas de avestruz, ofereceu cinco francos ao mágico se ele lhe permitisse alvejá-lo com o fuzil tocando-lhe o corpo. O homem recusou em princípio; mas finalmente, depois de ter uma espécie de colóquio com alguém sob a terra, consentiu. O experimentador carregou cuidadosamente a arma e, pressionou a boca da arma contra o corpo do feiticeiro, depois de um momento de hesitação, atirou (...) o cano rebentou-se em fragmentos, assim como a coronha, e o homem saiu ileso.

Esse poder de invulnerabilidade pode ser concedido às pessoas pelos adeptos vivos e pelos espíritos. Em nosso próprio tempo, vários médiuns bem-conhecidos, na presença das mais respeitáveis testemunhas, não apenas seguraram pedaços de carvão e de fato colocaram seus rostos sobre o fogo sem chamuscar um cabelo.

Esse poder, que permite uma pessoa comprimir o Fluído Astral de modo a formar uma concha impenetrável sobre alguém, pode ser utilizado para dirigir, por assim dizer, um jato do fluído contra um dado objeto, com uma força fatal. Muitas vinganças tenebrosas foram praticadas dessa maneira; e em tais casos, os inquéritos dos magistrados jamais descobriram outra coisa que não uma morte súbita, consequência, aparentemente, de uma doença do coração, de um ataque apoplético, ou de alguma outra causa natural, mas não verdadeira.

ENCANTAMENTOS DE PÁSSAROS ATRAVÉS DA FORÇA DE VONTADE. (L. 2. pág. 85).

Em 1.864, na província francesa de Var, próximo à pequena aldeia de Brignoles, vivia um camponês de nome Jacques Péliissier, que ganhava a vida matando pássaros apenas por meio da *força de vontade*. Seu caso é relatado pelo conhecido Dr. H. D. d'Alger, a pedido de quem o singular caçador exibiu para vários

cientistas o seu método. A história é narrada como segue: "A cerca de quinze ou vinte pés de nós vi uma encantadora calhandra, que mostrei a Jacques. 'Olha-a bem, monsieur', disse ele, 'ela é minha'. Estendendo em seguida a mão direita para o pássaro, aproximou-se dele gentilmente. A calhandra pára, levanta e baixa a sua bela cabeça, bate as asas mas não pode voar; enfim, ela não pode mover-se e se deixa apanhar agitando as asas com um leve alvoroço. Examino o pássaro; seus olhos estão inteiramente fechados e seu corpo tem uma rigidez cadavérica, embora as pulsações do coração sejam bastantes audíveis; é um verdadeiro sono cataléptico, e todo o fenômeno prova incontestavelmente uma ação magnética. Quatorze pequenos pássaros foram presos dessa maneira, no espaço de uma hora; nenhum pôde resistir ao poder de mestre Jacques, e todos apresentavam o mesmo sono cataléptico; uma sono que, ademais, termina à vontade do caçador, de quem esses pequenos pássaros se tinham tornado humildes escravos.

"Pedi talvez uma centena de vezes a Jacques que devolvesse vida e movimento aos seus prisioneiros, que os encantasse apenas pela metade, de modo que eles pudessem saltitar pelo solo, e então que os subjugasse de novo completamente sob o encantamento. Todos os meus pedidos foram cumpridos à risca, e nenhuma falha foi cometida por esse extraordinário Nemrond, que finalmente me disse: 'Se desejares, matarei aqueles que me indicares, sem tocá-los'. Indiquei dois pássaros para a experiência e, a vinte e cinco ou trinta passos de distância, ele cumpriu em menos de cinco minutos o que havia prometido".

O traço mais curioso do caso em questão é que Jacques tinha completo poder sobre pardais, toldos, pintassilgos e calhandras; ele encantava às vezes as cotovias, mas, como diz ele, "elas me escapam em frequência".

Esse mesmo poder é exercido com maior força pelas pessoas conhecidas como domadores de feras selvagens. Nas margens do Nilo, alguns nativos podem encantar os crocodilos para fora da água com um assobio peculiarmente melodioso e doce, e agarrá-los impunemente, ao passo que outros possuem tais poderes sobre as serpentes mais mortais. Os viajantes contam que viram os encantadores cercados por bandos de répteis de que eles se desembaraçam à vontade.

Vimos na Índia uma pequena confraria de faquires reunidos em torno de um pequeno lago, ou antes de um profundo poço de água, cujo fundo estava literalmente atapetado de enormes crocodilos. Esses monstros anfíbios rastejam para fora da água e vêm aquecer-se ao Sol, a poucos pés dos faquires, alguns dos quais podem estar imóveis, perdidos na oração e na contemplação. Enquanto um desses santos mendicantes está à vista, os crocodilos são tão inofensivos quanto os gatos domésticos. Mas jamais aconselharíamos a um estrangeiro que se arriscasse a aproximar-se sozinho umas poucas jardas desses monstros. O pobre francês Pradin encontrou uma cova prematura num desses terríveis sáurios, comumente chamados pelos hindus de *mudalai*.

FENÔMENOS DE ANIMAÇÃO DE ESTÁTUAS. A MATÉRIA CÓPIA DE IDÉIAS ABSTRATAS. (L. 2. pág. 87).

Quando Jâmblico, Heródoto, Plínio ou algum outro escritor falam de sacerdotes que faziam as áspides descerem do altar de Ísis, ou de taumaturgos que domavam com um olhar os animais mais ferozes, eles passaram por mentirosos ou imbecis ignorantes. Quando os viajantes modernos nos contam as mesmas maravilhas realizadas no Oriente, eles são tratados como tagarelas entusiastas ou como escritores *pouco dignos de fé*.

O homem possui verdadeiramente uma tal poder, como vimos nos exemplos acima referidos. Quando a Psicologia e a Fisiologia se tornarem dignas do nome de ciências, os europeus convencer-se-ão do poder estranho e formidável que existe na vontade e na imaginação humana, seja ela exercida conscientemente ou não. E no entanto, como seria fácil realizar tal poder do *espírito*, se apenas pensássemos nesse grande turismo natural de que o átomo mais insignificante da Natureza é movido pelo *espírito*, que é *uno* em sua essência, pois a menor partícula dele representa o *todo*; e de que a matéria é, afinal, apenas a cópia concreta das idéias abstratas. A esse respeito, citemos alguns poucos exemplos do poder imperativo da vontade, ainda que *inconsciente*, de criar de acordo com a imaginação, ou antes pela faculdade de discernir imagens na luz astral.

Basta apenas lembrar o fenômeno muito familiar dos *stimata*, os sinais de nascença, em que os efeitos são produzidos pela ação involuntária da imaginação materna sob um estado de excitação. O fato de que a mãe pode controlar a aparência da criança por nascer era tão bem conhecido entre os antigos que os gregos abonados tinham o costume de colocar belas estátuas junto ao leito, para que a mãe tivesse constantemente um modelo perfeito diante dos olhos.

O poder da imaginação sobre a nossa condição física, mesmo depois de chegarmos à maturidade, demonstra-se de muitas maneiras. Na Medicina, o médico inteligente não hesita em atribuí-lo a um poder

curativo ou morbífico mais poderoso que as suas pílulas e poções. Ele o chama de *vis medicatrix naturae*, e seu primeiro objetivo é ganhar a confiança de seu paciente de modo tão completo que ele possa fazer a natureza extirpar a doença. O medo mata com freqüência; e a dor tem um tal poder sobre os fluidos sutis do corpo que ela não apenas desregula os órgãos internos mas também embranquece os cabelos.

DA GESTAÇÃO DO ÓVULO HUMANO. (L. 2. pág. 92).

Qual é a forma primitiva do futuro homem? Um grão, um corpúsculo, dizem alguns fisiologistas; uma molécula, um óvulo, dizem outros. Se pudéssemos analisá-lo - por meio do espectroscópio (instrumento para formar e analisar visualmente o espectro ótico de um corpo.) ou de outra maneira -, de que deveríamos esperar vê-lo composto? Analogicamente, poderíamos dizer, de um núcleo de matéria inorgânica, depositada pela circulação na matéria organizada do germe ovário. Em outras palavras, este núcleo infinitesimal do futuro homem é composto dos mesmos elementos que uma pedra - dos mesmos elementos que a terra, que o homem está destinado a habitar. Moisés é citado pelo cabalista como uma autoridade devido à sua observação de que a terra e a água são necessárias para um ser vivo, e portanto pode-se dizer que o homem surge primeiro como uma pedra.

Ao cabo de três ou quatro semanas, o óvulo assumiu as feições de uma planta, tendo uma extremidade se tornando esferoidal e a outra, cônica, como uma cenoura. Na dissecação, descobre-se que ele é formado, como a cebola, de lâminas ou pelúcidas muito delicadas que encerram um líquido. As lâminas se estreitam na extremidade inferior, e o embrião pende da raiz do umbigo como uma fruta do ramo. A pedra transformou-se agora, pela metempsicose, numa planta. A criatura embrionária começa então a projetar, de dentro para fora, os membros, e a desenvolver as suas feições. Os olhos são visíveis como dois pontos negros; as orelhas e a boca formam depressões, como os pontos de um abacaxi, antes de começarem a projetar-se. O embrião desenvolve-se num feto semelhante ao animal - na forma de um girino - e, como um réptil anfíbio, vive na água, e desenvolve-se a partir daí. Sua Mônada não se tornou ainda humana ou imortal, pois os cabalistas nos dizem que isso ocorre apenas na "quarta hora". Sucessivamente, o feto assume as características do ser humano, a primeira agitação do sopro imortal passa através de seu ser; ele se move; a Natureza lhe abre caminho; introdu-lo no mundo; e a essência divina estabelece-se no corpo da criança, onde habitará até o momento de sua morte física, quando o homem se torna um espírito.

Este misterioso processo de formação, que dura nove meses, os cabalistas o chamam de conclusão do "ciclo individual de evolução". Assim como o feto se desenvolve do *liquor amnii* no útero, do mesmo modo os mundos germinam do éter universal, ou fluído astral, no útero do universo. Essas crianças cósmicas, como os seus habitantes pigmeus, são inicialmente núcleos; depois óvulos; depois amadurecem gradualmente, e se tornam mães por sua vez, desenvolvem formas minerais, vegetais, animais e humanas. Do centro à circunferência, da vesícula imperceptível aos últimos limites concebíveis do cosmos, esses gloriosos pensadores, os cabalistas, seguem os traços dos ciclos que emergem dos ciclos, que contêm e são contidos em séries sem fim. Desenvolvendo-se o embrião em sua esfera pré-natal, o indivíduo em sua família, a família no Estado, o Estado na Humanidade, a Terra em nosso sistema, este sistema no universo central, o universo no cosmo, e o cosmo na Primeira Causa: - o Infinito e o Eterno. Assim caminha a sua filosofia da evolução:

"Todos são parte de um Todo Admirável,
cujo corpo é a Natureza; e Deus, a Alma".

"Mundos incontáveis
Repousam em seu regaço como crianças".

Para um estudante de filosofia oculta, que rejeita por sua vez o método de indução por causa dessas perpétuas limitações, e adota plenamente a divisão platônica de causas - a saber, a eficiente, a formal, a material e a final, assim como o método eleático de examinar qualquer proposição dada, é simplesmente natural raciocinar do seguinte ponto de vista da escola neoplatônica: 1º) O sujeito é ou não é como se supõe. Portanto, perguntamos: O éter universal, conhecido pelos cabalistas como "luz astral", contém eletricidade e magnetismo, ou não? A resposta deve ser afirmativa, pois a própria "ciência exata" nos ensina que entre esses dois agentes conversíveis que saturam o ar e a terra há uma constante troca de eletricidade e magnetismo. Resolvida a questão n.º 1, teremos que examinar o que acontece - 1º) a *ela* em relação *a si*. 2º) a *ela* em relação a *todas as outras coisas*. 3º) a *todas as outras coisas*, em relação a *ela*. 4º) a *todas as outras coisas* em relação a *si mesmas*.

RESPOSTAS. 1º) Em relação a *si*. As propriedades inertes previamente latentes na eletricidade tornam-se ativas sob condições favoráveis; e num dado momento a forma magnética é dotada pelo agente sutil e penetrante; e num outro, a forma da força elétrica é adotada.

2º) Em relação a *todas as outras coisas*. Ela é atraída por todas as outras coisas com as quais tem alguma afinidade, e repelida pelas demais.

3º) A todas as coisas em relação a *ela*. Ocorre que todas as vezes em que entram em contato com a eletricidade, elas recebem a impressão desta na proporção de sua condutividade.

4º) A todas as *outras coisas* em relação a *si mesmas*. Sob o impulso recebido da força elétrica, e proporcionalmente à sua molécula mudam as relações entre si; elas se separam forçosamente de modo a destruir o objeto que formam - orgânico ou inorgânico - ou, se anteriormente perturbadas, são postas em equilíbrio (como nos casos de doença); ou a perturbação pode ser apenas superficial, e o objeto pode ser impresso com a imagem de algum outro objeto encontrado pelo fluido antes de atingi-lo.

Para aplicar as propriedades acima ao caso em questão: Há diversos princípios bem-reconhecidos da ciência, como, por exemplo, e de que uma mulher grávida está física e mentalmente num estado de facilmente se suggestionar. A Fisiologia diz-nos que as suas faculdades intelectuais estão enfraquecidas, e que ela é afetada num grau incomum pelos eventos mais corriqueiros. Seus poros estão abertos e ela exsuda uma respiração cutânea peculiar; ela parece estar num estado receptivo e todas as influencias da Natureza. Os discípulos de Reichenbach afirmam que o seu estado *ódico* é muito intenso. Du Potet recomenda tomar-se precaução ao mesmerizá-la, pois teme que se lhe afete a criança. As doenças da mãe a atingem, e ela com frequência as absolve inteiramente; os sofrimentos e prazeres daquela regem sobre o seu temperamento, assim como sobre a sua saúde; grandes homens têm proverbialmente grandes mães, e *vice-versa*. "É verdade que a imaginação da mãe tem uma influência sobre o *feto*", admite Magendie, contradizendo assim o que afirma em outro lugar; e ele acrescenta que "o terror súbito pode causar a morte do feto, *ou retardar o seu crescimento*".

Éliphas Lévi, que é certamente dentre os cabalistas uma das maiores autoridades sobre certos assuntos, diz: "As mulheres grávidas estão, mais do que as outras, sob a influência da luz astral, que concorre para a formação das suas crianças, e lhes apresenta constantemente as reminiscências de formas de que estão repletas. É assim que mulheres muito virtuosas enganam a malignidade dos observadores por semelhanças equivocadas. Elas imprimem com frequência sobre o fruto de seu casamento uma imagem que as arrebatou num sonho, e assim as mesmas fisionomias se perpetuam de geração a geração".

"A utilização cabalística do pentagrama pode por conseqüência, determinar a fisionomia das crianças por nascer, e uma mulher iniciada poderia dar ao seu filho os traços de Nereu ou Aquiles, assim como os de Luiz XV ou Napoleão".

CONCEITOS SOBRE A IMAGINAÇÃO. O PODER DA MENTE SOBRE A MATÉRIA. (L. 2.

Pág. 97).

Que é imaginação? *Os psicólogos nos dizem que é o poder plástico e criativo da alma*; mas os materialistas a confundem com a fantasia. A diferença radical entre as duas foi no entanto tão claramente indicada por Wordsworth, no prefácio às suas *Lyrical Ballads*, que não se tem mais escusas para confundir as palavras. Pitágoras sustenta que a imaginação era a lembrança de estados espirituais, mentais e físicos anteriores, a passo que a fantasia é a produção desordenada do cérebro material.

Seja qual for a maneira pela qual encaremos e estudemos o assunto, a antiga filosofia que ensina que o mundo foi vivificado e fecundado pela idéia eterna, pela imaginação - o esboço abstrato e a preparação do modelo para a forma concreta - é inevitável. Se rejeitamos esta doutrina, a teoria de um cosmos que se desenvolve gradualmente a partir da desordem caótica, torna-se um absurdo, pois é altamente antifilosófico imaginar que a matéria inerte, movida exclusivamente pela força cega, e dirigida pela inteligência, se transforma espontaneamente num universo de harmonia tão admirável. Se a alma do homem é realmente uma emanção da essência dessa alma universal, um fragmento infinitesimal desse primeiro princípio criador, ela deve, necessariamente, participar em certo grau de todos os atributos do poder Demiúrgico. (Demiúrgico supremo poder que constituem o Universo.) Assim como o criador, que fraciona a massa caótica do morto, a matéria inativa, dando-lhes forma, também o homem, se conhecesse os seus poderes, poderia em certa medida, fazer o mesmo. Como Fídias, reunindo as partículas esparsas de argila e umedecendo-as com água, podia dar forma plástica à idéia sublime evocada por sua faculdade criativa, assim também a mãe que conhece o seu próprio poder pode dar à criança por nascer a forma que deseje. Ignorando seus poderes, o escultor produz apenas uma figura inanimada, embora encantadora, de matéria inerte; ao passo que a alma da mãe, violentamente afetada pela sua imaginação, projeta cegamente na luz astral uma imagem do objeto que a impressionou e que, por repercussão, se imprime sobre o feto. A ciência nos diz que a lei da gravitação assegura que qualquer deslocamento que ocorre no próprio coração da Terra é sentido por todo o universo, "e podemos imaginar que o mesmo fenômeno se produz em todos os movimentos moleculares que acompanham o pensamento". Falando a respeito da transmissão de energia através do éter universal ou luz astral, a mesma autoridade diz: "As fotografias contínuas de todos os acontecimentos são assim produzidas e conservadas. Uma grande porção de energia do universo é assim empregada em tais imagens.

Segundo Demócrito, a alma resulta da agregação de átomos, e Plutarco descreve a sua filosofia da seguinte maneira: "Existe um número infinito de substâncias, indivisíveis, sem diferenças entre si, sem

qualidades, e que se movem no espaço, onde estão disseminadas; quando elas se aproximam de outras, se unem, se entrelaçam e formam, por sua agregação, a água, o fogo, uma planta ou um homem. Todas essas substâncias, que ele chama de *átomos* em razão de sua solidez, não podem experimentar mudanças ou alteração. Mas, "acrescenta Plutarco", "não podemos fazer uma cor do que é incolor, nem uma substância ou alma do que não tem alma e qualidade". O Prof. Balfour Stewart diz que, apoiado nesta doutrina, John Dálton, "permitiu à mente humana compreender as leis que regulam as mudanças químicas, assim como representar para si o que nelas ocorre". Depois de citar, com aprovação, a idéia de Bacon segundo a qual os homens investigam perpetuamente os limites extremos da Natureza, ele edifica então uma regra pela qual ele e seus colegas filósofos em verdade deveriam pautar o seu comportamento. "Deveríamos", diz ele, "ser muito prudentes antes de abandonar qualquer ramo do conhecimento ou exercício do pensamento como inúteis".

A DESTRUIÇÃO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA. (L. 2. pág. 102).

Tal é a convicção que procuramos despertar em nossos lógicos e físicos. Como diz o próprio Stuart Mill, "não podemos admitir uma proposição como uma lei da Natureza, e no entanto acreditar num fato em real contradição com ela. Devemos negar o fato alegado, ou concordar em que erramos ao admitir a suposta lei". Hume cita a "firme e *inalterável* experiência" da Humanidade, que estabelece as leis cuja operação torna os milagres *ipso facto* impossíveis. A dificuldade está na sua maneira de utilizar o adjetivo em itálico (*inalterável*), pois tal teoria supõe que a nossa experiência jamais mudará, e que, como consequência, teremos sempre as mesmas experiências e observações em que basear o nosso julgamento. Ela supõe também que todos os filósofos terão os mesmos fatos sobre os quais refletir. Ela também ignora inteiramente os relatos de experiências filosóficas e descobertas científicas de que fomos temporariamente privados. Assim, devido ao incêndio da Biblioteca de Alexandria e à destruição de Nínive, o mundo foi privado, durante muitos séculos, dos dados necessários para se avaliar o verdadeiro conhecimento, esotérico e exotérico, dos Antigos. Mas, nestes últimos anos, a descoberta da pedra da Rosetta, os papiros de Ebers, d'Áubigny e outros, e a exumação das bibliotecas de placas abriram um campo de pesquisa arqueológica que levará provavelmente a modificações radicais nesta "firme e inalterável experiência".

CAPÍTULO XII

O ABISMO IMPENETRÁVEL

O INSTINTO NAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA. (L. 2. pág. 122).

O instinto do índio *blackfoot* de Macaulay é mais digno de fê do que a razão mais instruída e desenvolvida no que concerne ao sentido *interior* do homem que lhe assegura a sua imortalidade. O instinto é o dote universal da Natureza conferido pelo Espírito da própria Divindade; a Razão, o lento desenvolvimento de nossa constituição física, é uma evolução de nosso cérebro material adulto. O instinto, tal uma centelha divina, esconde-se no centro nervoso inconsciente dos moluscos ascidiáceos e manifesta-se no primeiro estágio de ação do seu sistema nervoso numa forma que o fisiólogo denomina ação reflexa. Ele existe nas classes mais inferiores dos animais acéfalos, bem como naqueles que têm cabeças distintas; cresce e se desenvolve de acordo com a lei da evolução dupla, física e espiritual; e, entrando no seu estágio consciente de desenvolvimento e de progresso nas espécies cefálicas já dotadas de sensorio e de gânglios simetricamente distribuídos, esta ação reflexa - que os homens de ciência denominam *automática*, como nas espécies inferiores, ou de *instintiva*, como nos organismos mais complexos que agem sob a influência do sensorio e do estímulo que se origina de sensação distinta - é sempre uma e a mesma coisa. É o instinto divino em seu progresso incessante de desenvolvimento. Esse instinto dos animais, que agem a partir do momento do seu nascimento nos limites prescritos para cada um pela Natureza e que sabem como, exceto em caso de acidente que procede de um instinto superior ao seu, preservá-los infalivelmente - esse instinto pode, se quiser uma definição exata, ser chamado de automático; mas ele deve ter, no interior do animal que o possui, ou *fora* dele, a *inteligência* de qualquer coisa ou de alguém para o guiar.

Essa crença, ao contrario, em vez de se chocar com a doutrina da evolução e do desenvolvimento gradual defendida pelos homens eminentes da nossa época, simplifica-se e completa-a. Ela prescinde de uma criação especial para cada espécie; pois, onde o primeiro lugar deve ser dado ao espírito informe, a forma e a substância material são de importância secundária. Cada espécie aperfeiçoada na evolução física apenas oferece mais campo de ação à inteligência dirigente para que ela aja no interior do sistema nervoso melhorado. O artista extrairá melhor as suas ondas de harmonia de um Éraré real do que o conseguiria de uma espineta do século XVI. Por isso, fosse esse impulso *instintivo* impresso diretamente sobre o sistema nervoso do primeiro inseto, ou cada espécie o tivesse desenvolvido em si mesma instintivamente por imitação dos atos dos seus semelhantes, como o pretende a doutrina mais aperfeiçoada de Herbert Spencer, isso pouco importa para o assunto de que tratamos. A questão diz respeito apenas à evolução *espiritual*. E se rejeitamos essa hipótese como acientífica e não-demonstrada, então o aspeto físico da evolução também cairá por terra por sua vez, porque uma é tão não-demonstrada quanto o outro e a intuição espiritual do homem não está autorizada a concatenar os dois, sob o pretexto de que ela seja "Não-filosófica". Desejemo-lo ou não, teremos de volta à velha dúvida dos *Banqueteadores* de Plutarco de saber se foi o pássaro ou se foi o ovo que primeiro fez a sua aparição no mundo.

Agora que a autoridade de Aristóteles está estremecida em seus fundamentos pela de Platão e que os nossos homens de ciência recusam toda autoridade - não, odeiam-na, exceto a sua própria; agora que a estima geral da sabedoria humana coletiva está no seu nível mais baixo - a Humanidade, encabeçada pela própria ciência, deve ainda retornar inevitavelmente ao ponto de partida das filosofias mais antigas. Nossa maneira de ver está perfeitamente expressa por um dos redatores da *Popular Science Monthly*. "Os deuses das seitas e dos cultos", diz Osgood Mason, "talvez estejam frustrados com o respeito a que estão acostumados, mas, ao mesmo tempo, está demonstrado no mundo, com uma luz doce e mais serena, a concepção, tão imperfeita quanto ainda possa ser, de uma alma consciente, originadora de coisas, ativa e que tudo penetra - a 'Super-alma', a Causa, a Divindade; não-revelada pela forma humana ou pela palavra, mas que preenche e inspira toda alma vivente no vasto universo de acordo com as suas medidas; cujo templo é a Natureza e cuja adoração é a admiração." Isto é puro platonismo, Budismo, e as idéias exaltadas mas justas dos primeiros arianos em sua deificação da Natureza. E tal é a expressão do pensamento fundamental de todo teósofo, cabalista e ocultista em geral; e, se a compararmos com a citação de Hipócrates, que demos acima, encontramos nela exatamente o mesmo pensamento e o mesmo espírito.

A criança carece de razão, pois que esta ainda está latente nela; e, durante esse tempo, ela é inferior ao animal em relação aos instinto propriamente dito. Ela há de se queimar e de se afogar antes de aprender que o fogo e a água destroem e constituem perigo para ela, ao passo que o gatinho evitará ambos

instintivamente. O pouco de instinto que a criança possui extingue-se à medida que a razão, passo a passo, se desenvolve. Poder-se-ia objetar, talvez, que o instinto não pode ser um dom espiritual, porque os animais o possuem em grau superior ao do homem, e os animais *não têm alma*. Tal é errônea e está baseada em fundamentos muito pouco seguros. Ela provém do fato de que a natureza interior do animal pode ser ainda menos sondada do que a do homem, que é dotado de fala e nos pode exhibir os seus poderes psicológicos.

Mas que outras provas, senão as negativas, temos nós de que o animal não possui uma alma que lhe sobreviva, ou que não seja imortal? No terreno estritamente científico, podemos aduzir tanto argumentos *a favor* quanto *contra*. Para dizê-lo mais claramente, nem o animal oferece prova alguma a favor da sobrevivência, ou mesmo contra ela, de suas almas após a morte. E do ponto de vista da experiência científica é impossível colocar aquilo que não tem existência objetiva no domínio de uma lei exata da ciência. Mas Descartes e Du Bois-Reymond esgotaram as suas imaginações sobre este assunto e Agassiz não pôde conceber a idéia de uma existência futura que não fosse partilhada pelos animais e mesmo pelo reino vegetal que nos cerca.

A PRIMEIRA CAUSA ETERNA. (L. 2. pág. 125).

Os filósofos esotéricos professavam que tudo na Natureza é apenas uma materialização do espírito. A Primeira Causa eterna é espírito latente, disseram eles, e matéria desde o começo. "No princípio era o verbo (...) e o verbo era Deus." Admitindo sempre que essa idéia de um Deus é uma abstração impensável para a razão humana, pretendiam eles que o instinto humano infalível dela se apoderasse como uma reminiscência de algo concreto para ele, embora fosse intangível para os nossos sentidos físicos. Com a primeira idéia, que emanou da Divindade bissexual e até então inativa, o primeiro movimento foi comunicado a todo o universo e a vibração elétrica foi instantaneamente sentida através do espaço sem fim. O espírito engendrou a força e a força, a matéria; e assim a divindade latente manifestou-se como uma energia criadora.

Quando, em que momento da eternidade, ou como? Essas questões ficarão sempre sem resposta, pois a razão humana é incapaz de compreender o grande mistério. Mas, embora o espírito-matéria tenha existido desde a eternidade, ele existia em estado latente; a evolução de nosso universo visível deve ter tido um começo. Para o nosso fraco intelecto, esse começo pode nos parecer ser tão remoto, que nos cause o efeito da própria eternidade - um período que não pode ser expresso em cifras ou palavras. Aristóteles concluiu que o mundo era eterno e que ele será sempre o mesmo que uma geração de homens sempre produziu uma outra, sem que jamais o nosso intelecto pudesse ter determinado um começo para tal coisa. Nisso, o seu ensinamento, em seu sentido exotérico, choca-se com o de Platão, que ensinava que "houve um tempo em que a Humanidade não se perpetuou"; mas ambas as doutrinas concordam em espírito, pois Platão acrescenta logo em seguida: "Seguiu-se a raça *humana terrestre*, em que a história primitiva foi gradualmente esquecida e o homem desceu cada vez mais baixo"; e Aristóteles diz: "Se houve um primeiro homem, ele deve ter nascido sem pai e sem mãe - o que repugna à Natureza. Pois não teria existido um primeiro ovo que desse nascimento aos pássaros, ou teria havido um primeiro pássaro que desse nascimento aos ovos; pois um pássaro provém de um ovo". Considerou que a mesma coisa fosse válida para todas as espécies, acreditando, com Platão, que tudo, antes de aparecer sobre a Terra, existiu primeiramente em espírito.

O mistério da primeira criação, que sempre foi o desespero da ciência, é indevassável, a menos que aceitemos a doutrina dos herméticos. Embora a matéria seja coeterna como o espírito, essa matéria não é certamente a nossa matéria visível, tangível e divisível, mas a sua sublimação extrema. O espírito puro é apenas um degrau superior. A menos que admitamos que o homem se tenha desenvolvido desse espírito-matéria primordial, como podemos chegar a uma hipótese razoável quanto à gênese dos seres animados? Darwin inicia a evolução das espécies desde o organismo ínfimo até o homem. O seu único erro deve ser o de aplicar o seu sistema a um fim errado. Pudessemos ele conduzir a sua pesquisa do universo visível para o invisível, ele estaria no caminho certo. Mas, então, ele estaria seguindo os passos dos herméticos.

DA DUALIDADE DA ALMA. E SUAS MANIFESTAÇÕES. (L. 2. pág. 126).

Aristóteles, em sua dedução filosófica *Sobre os sonhos*, mostra claramente essa doutrina da alma dupla, ou alma e espírito. "É necessário averiguar *em que porção* da alma aparecem os sonhos", diz ele. Todos os gregos antigos acreditavam não só que uma alma dupla, mas até mesmo que uma alma tripla existisse no homem. E até Homero denomina de, a alma animal, ou a alma astral, que o Sr. Draper chama de "espírito", de alma *divina* - termo com que Platão também designava o espírito superior.

Os jainistas hindus concebem que a alma, que eles chamam de *Jiva*, está unida desde a eternidade a dois corpos etéreos sublimados, um dos quais é invariável e consiste dos poderes divinos da mente superior; o outro é variável e composto das paixões grosseiras do homem, das suas afeições sensuais e dos atributos terrestres. Quando a alma se torna purificada após a morte, ela encontra o seu *Vaikârîka*, ou espírito divino, e se torna um deus. Os seguidores dos *Vedas*, os brâmanes sábios, explicam a mesma doutrina no *Vedanta*. De

acordo com o seu ensinamento, a alma, enquanto uma porção do espírito universal divino ou mente imaterial é capaz de se unir à essência da sua Entidade superior. O ensinamento é explícito; a *Vedanta* afirma que todo aquele que obtém o completo *conhecimento de seu deus* se torna um deus, embora esteja em seu corpo mental, e adquire supremacia sobre todas as coisas.

Citando da teologia védica a estrofe que diz que "Existe, na verdade, apenas uma Divindade, o Espírito Supremo; ele é da mesma natureza que a alma do homem", o Sr. Draper quer provar que as doutrinas budistas chegaram à Europa oriental por meio de Aristóteles. Acreditamos que esta asserção é inadmissível, pois Pitágoras, e Platão depois dele, ensinaram-na bem antes de Aristóteles. Se, por conseguinte, os platônicos posteriores aceitaram em sua dialética os argumentos aristotélicos sobre a emanação, isto só aconteceu porque as suas idéias coincidiam em algum aspecto com as dos filósofos orientais. O número pitagórico da harmonia e as doutrinas esotéricas de Platão sobre a criação são inseparáveis da doutrina budista da emanação; e o grande objetivo da Filosofia Pitagórica, a saber, libertar a alma astral dos laços da matéria e dos sentidos e torná-la, assim apta à contemplação eterna das coisas, é uma teoria idêntica à doutrina budista da absolvição final. É o Nirvana, interpretado em seu sentido correto; uma doutrina metafísica que os nossos eruditos sânscritos modernos mal começaram a entrever.

A "doutrina esotérica" não concede a todos os homens, por igual, as mesmas condições de imortalidade. "O olho nunca veria o Sol se ele não fosse da mesma natureza do Sol", disse Plotino. Só "por meio da pureza e da castidade superiores nós nos aproximaremos de Deus e receberemos, na contemplação d'Ele, o conhecimento verdadeiro e a intuição escreve Porfírio. Se a alma humana se descuidou durante a sua vida terrena de receber a iluminação de seu espírito divino, do Deus *interno*, não sobreviverá longo tempo a entidade astral à morte do corpo físico. Do mesmo modo que um mostro deformado morre logo após o seu nascimento, assim, também, a alma astral grosseira e materializada em excesso se desagrega logo depois de nascida no mundo suprafísico fica abandonada pela alma, pelo glorioso *Augoeides*. As suas partículas, que obedecem gradualmente à atração desorganizadora do espaço universal, escapam finalmente para fora de toda possibilidade de reagregação. Por ocasião da ocorrência de tal catástrofe, o indivíduo deixa de existir. Durante o período intermediário entre a sua morte corporal e a desintegração de forma astral, esta, limitada pela atração magnética ao seu cadáver horripilante, vagueia ao redor das suas vítimas e suga delas a sua vitalidade. O homem, tendo-se subtraído a todos os raios de luz divina, perde-se na escuridão e, em consequência, apega-se à Terra e a tudo o que é terreno.

Nenhuma alma astral, mesmo a de um homem puro, bom e virtuoso, é imortal no sentido estrito da palavra; "dos elementos ela foi formada - aos elementos deve voltar". Mas, ao passo que a alma do iníquo é absolvida sem redenção, a de qualquer outra pessoa, mesmo modernamente pura, simplesmente troca as suas partículas etéreas por outras ainda mais etéreas; e, enquanto permanecer nela uma centelha do *Divino*, o homem individual, ou antes o seu *Ego* pessoal, não morrerá. "Após a morte", diz Proclo, "a alma [o espírito] continua a permanecer no corpo aéreo [forma astral], até que esteja completamente purificado de todas as paixões irritáveis e voluptuosas (...) ela se livra então do corpo aéreo por uma *segunda morte*, como já o fizera com o seu corpo terrestre. É assim que os antigos dizem que existe um corpo celestial sempre unido à *alma* e que é *imortal, luminoso e da natureza da estrela*."

INSTINTO E A RAZÃO, EXPLICADA PELOS ANTIGOS. (L. 2. pág. 128).

Do *Instinto* e da *Razão*. De acordo com os antigos, a *Razão* procede do divino; o *Instinto* do puramente humano. O segundo (o instinto) é um produto dos sentidos, uma sagacidade compartilhada com os animais mais inferiores, mesmo aqueles que não têm razão; o outro (a razão) é o produto das faculdades reflexivas, que denota a judiciosidade e a intelectualidade humanas. Em consequência, um animal desprovido de poderes de raciocínio tem, no instinto inerente ao seu ser, uma faculdade infalível que é apenas uma centelha do divino que reside em cada partícula de matéria inorgânica - próprio espírito materializado. Na *Cabala* judaica, o segundo e o terceiro capítulo do *Gênesis* são explicados da seguinte maneira: Quando o segundo Adão foi criado "do pó", a matéria tornou-se tão grosseira, que ela reina como soberana. Dos seus desejos emanou a mulher, e Lilith possuía a melhor parte do espírito. O Senhor Deus, "passeando no Éden no *frescor do dia*" (o crepúsculo do espírito, ou a Luz Divina obscurecida pela sombra da matéria), amaldiçoou não só aqueles que cometeram o pecado, mas também o próprio solo e todas as coisas vivas - a tentadora serpente-matéria acima de tudo.

Quem, a não ser os cabalistas, é capaz de explicar este aparente ato de injustiça? Como devemos compreender esta maldição de todas as coisas criadas, inocentes de todo crime? A alegoria é evidente. A maldição é inerente à própria matéria. Segue-se que ela está condenada a lutar contra a sua própria grosseria para conseguir a purificação; a centelha latente do espírito divino, embora asfixiada, ainda permanece; e a sua

invencível atração ascensional obriga-a a lutar com dor e com suor a fim de se libertar. A lógica nos mostra que, assim como toda matéria teve uma origem comum, ela deve ter atributos comuns e que, assim como a centelha vital e divina encontra-se no corpo material do homem, também ela deve estar em cada espécie subordinada. A mentalidade latente, que, nos reinos inferiores, é considerada semiconsciência, consciência e instinto, é enormemente moderada no homem. A razão, produto do cérebro físico, desenvolve às expensas do instinto a vaga reminiscência de uma onisciência outrora divina - o espírito. A razão, símbolo da soberania do homem físico sobre os outros organismos físicos, é freqüentemente rebaixada pela instinto do animal. Como o seu cérebro é mais perfeito do que o de qualquer outra criatura, as suas emanações devem naturalmente produzir os resultados superiores da ação mental; mas a razão serve apenas para a consideração das coisas materiais; ela é incapaz de auxiliar o seu possuidor no conhecimento do espírito. Perdendo o instinto, o homem perde os seus poderes intuitivos, que são o coroamento e o ponto culminante do instinto. A razão é a arma grosseira dos cientistas - a intuição, o guia infalível do vidente. O instinto ensina à planta e ao animal o tempo propício para a procriação das suas espécies e guia a fera na procura do remédio apropriado na hora da doença. A razão - orgulho do homem - fracassa no refrear as propensões da sua matéria e não tolera nenhum obstáculo à satisfação ilimitada dos seus sentidos. Longe de levá-lo a ser o seu próprio médico, a sua sofisticação sutil leva-o muito freqüentemente à sua própria destruição.

Como tudo o mais que tem origem nos mistérios psicológicos, o instinto foi durante muito tempo negligenciado no domínio da ciência. "Vemos o que indicou ao homem o caminho para ele encontrar um alívio para todos os seus sofrimentos físicos", diz Hipócrates. "É o instinto das raças primitivas, quando a razão fria ainda não havia obscurecido a visão interior do homem. (...) A sua indicação jamais deve ser desdenhada, pois é apenas ao instinto que devemos os nossos primeiros remédios". Cognição instantânea e infalível de uma mente onisciente, o instinto é em tudo diferente da razão finita; e, no progresso experimental desta, a natureza divina do homem é amiúde completamente tragada quando ele renuncia à luz divina da intuição. Uma se arrasta, a outra voa; a razão é o poder do homem; a intuição, a presciência da mulher!

Plotino, discípulo do grande Ammonius Saccas, o principal fundador da escola neoplatônica, ensinou que o conhecimento humano tinha três degraus ascendentes: opinião, ciência e *iluminação*. Explicou-o dizendo que "o meio ou instrumento da opinião é o sentido, ou a percepção; o da ciência, a dialética; o da iluminação, a *intuição* [ou o instinto divino]. A esta última *subordina-se a razão*; ela é o conhecimento abstrato fundado na identificação da mente com o objeto conhecido".

COMPARAÇÕES ENTRE A PRECE, O DESEJO E A VONTADE. O MESMERISMO, E O ESPIRITISMO MODERNO. (L. 2. pág. 130).

A prece abre a visão espiritual do homem, pois prece é desejo, e o desejo desenvolve a VONTADE; as emanações magnéticas que precedem do corpo a cada esforço - mental ou físico - produzem a auto-sugestão e o êxtase. Plotino recomendava a solidão para a prece, como o meio mais eficiente de obter o que se pedia; e Platão aconselhava àqueles que oravam "permanecer em silêncio na presença dos seres divinos, até que eles removessem a nuvem de seus olhos e os tornassem aptos a ver *graças à luz que sai deles mesmos*". Apolônio sempre se isolava dos homens durante a "conversação" que mantinha com Deus e, quando sentia necessidade de contemplação divina ou prece, cobria a cabeça e todo o corpo nas dobras do seu branco manto de lã. "Quanto orares, *entra no teu aposento* e, após teres fechado a porta, ora a teu Pai em segredo", diz o Nazareno, discípulo dos essênios.

Todo ser humano nasceu com o rudimento de sentido inferior chamado *intuição*, que pode ser desenvolvido para aquilo que os escoceses conheciam como "segunda visão". Todos os grandes filósofos que, como Plotino, Porfírio e Jâmblico, empregaram esta faculdade ensinaram essa doutrina. "Existe uma faculdade da mente humana", escreve Jâmblico, "que é superior a tudo o que nasce ou é engendrado. Através dela somos capazes de conseguir a união com as inteligências superiores, ser transportados para além das cenas deste mundo e participar da vida superior e dos poderes peculiares dos seres celestiais."

Sem a *visão interior* ou intuição, os judeus nunca teriam tido a sua *Bíblia*, nem os cristãos teriam Jesus. O que Moisés e Jesus deram ao mundo foi o fruto de suas intuições ou iluminações; mas os teólogos que os têm sucedido, adulteraram dogmática e muitas vezes blasfemamente a sua verdadeira doutrina.

Aceitar a Bíblia como uma "revelação" e sustentar a fé numa tradução literal é pior do que um absurdo - é uma blasfêmia contra a majestade Divina do "Invisível". Se tivemos de julgar a Divindade e o mundo dos espíritos por aquilo que dizem os seus intérpretes, agora que a Filologia caminha a passos de gigante no campo das religiões comparadas, a crença em Deus e na imortalidade da alma não resistiria por mais um século aos ataques da *razão*. O que sustenta a fé do homem em Deus e numa vida espiritual vindoura é a *intuição*; esse produto divino de nosso íntimo que desafia as pantomimas do padre católico romano e os

seus ídolos ridículos; as mil e uma cerimônias do brâmane e seus ídolos; e as jeremiadas dos pregadores protestantes e o seu credo desolado e árido, sem ídolos, mas com um inferno sem limites e uma danação esperando ao final de tudo. Não fosse por essa intuição - imortal, embora freqüentemente indecisa por ser obscurecida pela matéria -, a vida humana seria uma paródia e a Humanidade, uma fraude. Esse sentimento inerradicável da presença de alguém *do lado de fora e do lado de dentro* de nós mesmo é tal, que nenhuma contradição dogmática, nenhuma forma externa de adoração pode destruir na Humanidade, façam os cientistas e o clero o que puderem fazer. Movida por tais pensamentos sobre a infinitude e a impessoalidade da Divindade, Gautama Buddha, o Cristo hindu, exclamou: "Como os quatro rios que se atiram ao Gânges perdem os seus nomes tão logo mesclam as suas águas com as do rio sagrado, assim também todos aqueles que acreditam em Buddha deixaram de ser brâmanes, xátrias, vaixiás e sudras!".

O *Velho Testamento* foi compilado e organizado segundo a tradição oral; as massas nunca conheceram o seu significado real, pois Moisés recebeu ordem de comunicar as "verdades ocultas" apenas aos velhos de setenta anos sobre os quais o "Senhor" soprava o *espírito* que pairava sobre o legislador. Maimônides, cuja autoridade e cujo conhecimento da História Sagrada dificilmente podem ser recusados, diz: "Quem quer que encontre o sentido verdadeiro do *livro do Gênese* deve ter o cuidado de não o divulgar. (...) Se uma pessoa descobrir o seu verdadeiro significado por si mesma, ou com o auxílio de outra pessoa, ela deve guardar silêncio; ou, se falar dele, deve falar apenas obscuramente e de uma maneira enigmática.

Esta confissão de que está escrito na Escritura Sagrada é apenas uma alegoria foi feita por outras autoridades judias além do Maimônides; pois vemos Josefo declarar que Moisés "*filosofou*" (falou por enigmas em alegoria figurativa) ao escrever o livro do *Gênese*. Eis por que a ciência moderna, não se preocupando em decifrar o verdadeiro sentido da *Bíblia* e permitindo que toda a cristandade acredite na letra morta da teologia judaica, constitui-se tacitamente em cúmplice do clero fanático. Ela não tem o direito de ridicularizar os registros de um povo que nunca os escreveu com a idéia de que eles pudessem receber essa interpretação estranha por parte das mãos de uma religião inimiga. Um dos caracteres mais tristes do Cristianismo é o fato de os seus textos sagrados terem sido dirigidos contra ele e de os ossos dos homens mortos terem sufocado o espírito da verdade!

"Os deuses existem", diz Epicuro, "mas eles *não* são o que a turba, supõe eles sejam". E, entretanto, Epicuro, julgado como de hábito por críticos superficiais, passa por materialista e é apresentado como tal.

Mas nem a grande Primeira Causa, nem a sua emanção - espírito humano, imortal - foram abandonadas "sem um testamento". O Mesmerismo e o Espiritismo moderno estão aí para atestar as grandes verdades. Por cerca de quinze séculos, graças às perseguições brutalmente cegas dos grandes vândalos dos primeiros tempos da história cristã, Constantino e Justiniano, a SABEDORIA antiga degenerou lentamente até mergulhar no pântano mais profundo da superstição monacal e da ignorância. O pitagórico "conhecimento das coisas que são"; a profunda erudição dos gnósticos; os ensinamentos dos grandes filósofos honrados em todo o mundo e em todos os tempos - tudo isto foi rejeitado como doutrinas do Anticristo e do Paganismo e levado às chamas. Com os últimos sete homens sábios do Oriente, o grupo remanescente dos neoplatônicos - Herméias, Priciano, Diógenes, Eulálio, Damácio, Simplicio e Isidoro -, que se refugiaram na Pérsia, fugindo das perseguições fanáticas de Justiniano, o reino da sabedoria chegou ao fim.

FENÔMENOS OCORRIDOS NO TIBETE. (L. 2. pág. 132).

E agora, lembraremos algumas coisas relatadas por viajantes que delas foram testemunhas no Tibete e na Índia e que os nativos guardam como provas práticas das verdades filosóficas e científicas transmitidas por seus ancestrais.

Em primeiro lugar, podemos considerar esse fenômeno notável que se pode contemplar nos tempos do Tibete e cujos relatos foram transidos à Europa por testemunhas oculares que não os missionários católicos - cujo depoimento excluiríamos por razões óbvias. No começo do nosso século, um cientista florentino, um céptico e correspondente do Instituto de France, tendo obtido a permissão de penetrar, sob disfarce, nos recintos sagrados de um templo budista em que se celebrava a mais solene de todas as cerimônias, relata os fatos seguintes, que diz ter presenciado. Um altar está preparado no templo para receber o Buddha ressuscitado, encontrado pelo clérigo iniciado e reconhecido por certos sinais secretos como reencarnado num bebê recém-nascido. O bebê, com apenas alguns dias de idade, é trazido à presença do povo e reverentemente colocado sobre o altar. Sentando-se repetidamente, a criança começa a pronunciar em voz alta e viril as seguintes frases: "Eu sou Buddha, eu sou seu espírito; eu, Buddha, vosso Taley-Lama, que abandonei meu corpo velho e decrépito no templo de *** e escolhi o corpo desta criancinha como minha próxima morada terrestre". O nosso cientista, tendo sido finalmente autorizado pelos sacerdotes a tomar, com a devida reverência, a criança em seus braços e levá-la a uma distância dos assistentes, suficiente para se convencer de

que não se estava praticando ventriloquismo, a criança olha para o acadêmico com graves olhos que "fazem a sua carne tremer", como ele afirma, e repete as palavras que pronunciara anteriormente. Um relato detalhado dessa aventura, atesta pela assinatura desta testemunha ocular, foi enviado a Paris, mas os membros do Instituto, em vez de aceitarem o depoimento de um observador científico de credulidade reconhecida, concluíram que o florentino, ou *estava sob a influência dum ataque de insolação*, ou havia sido enganado por um ardid engenhoso de acústica.

Embora, segundo o Sr. Stanislas Julien, tradutor francês dos textos sagrados chineses, exista em verso no *Lótus* que diz que "Um Buddha é tão difícil de ser encontrado quanto as flores de *Udumbara e de Palâsa*, se devemos acreditar em muitas testemunhas oculares, esse fenômeno realmente ocorre. Naturalmente a sua ocorrência é rara, pois só acontece na morte de todo grande Taley-Lama; e esses veneráveis cavalheiros vivem proverbialmente vidas muito longas.

O pobre Abade Huc, cujos livros de viagem pelo Tibete e China são bastante conhecidos, relata o mesmo fato da ressurreição de Buddha. Ele acrescenta, ainda, a curiosa circunstância de que o bebê-oráculo provou peremptoriamente ser uma mente velha num corpo jovem fornecendo aos que o inquiriam, "e que o conheceram em sua vida passada, os detalhes mais exatos da sua existência terrena anterior".

CONSEPCÕES SOBRE AS RELIGIÕES. (L. 2 pág. 137).

A afirmação prudente de Santo Agostinho, um nome favorito das conferências de Max Müller, que diz que "não há nenhuma falsa religião que não contenha alguns elementos de verdade", poderia ainda ser considerada como correta; ainda mais que, longe de ser original para o Bispo de Hipona, foi emprestada por ele das obras de Ammonius Saccas, o grande mestre alexandrino.

Este filósofo "versado em divindade", o *theodidaktos*, repetira à exaustão estas mesmas palavras e suas numerosas obras cerca de 140 anos antes de Santo Agostinho. Admitindo que Jesus era "um homem excelente, e amigo de Deus", ele sempre afirmou que o seu objetivo não era abolir a comunicação com os deuses e os demônios (espíritos), mas apenas purificar as religiões antigas; que "a religião da multidão caminhava de mãos dadas com a Filosofia e com ela dividia a sorte de ser gradualmente corrompida e obscurecida com presunções, superstições e mentiras puramente humanas; que ela devia, em consequência, ser levada de volta à sua *pureza original* por meio da purgação da sua escória e do seu estabelecimento em princípios filosóficos; e que o único objetivo do Cristo era reinstalar e restaurar em sua integridade primitiva a sabedoria dos antigos".

Foi Ammonius o primeiro a ensinar que toda religião se baseava numa mesma verdade' que é a sabedoria que está nos *Livros de Thoth* (Hermes Trimegisto), de que Pitágoras e Platão extraíram toda a sua filosofia. Ele afirmava que as doutrinas do primeiro estavam identicamente de acordo com os primeiros ensinamentos dos brâmanes - agora contidos nos *Vedas* mais antigos. "O nome *Thorth*, diz o Prof. Wilder, "significa um colégio ou uma assembléia", e não é improvável que os livros fossem assim chamados, pois eles continham os oráculos colecionados e as doutrinas da fraternidade sacerdotal de Mênfis. O rabino Wise sugere uma hipótese similar em relação às fórmulas divinas registradas nas Escrituras hebraicas. Mas os escritores indianos afirmam que, durante o reinado do rei Kansa, os *Yadus* [os *judeus*?], ou a tribo sagrada, abandonaram a Índia e migraram para o Oeste levando consigo os quatro *Vedas*. Havia certamente uma grande semelhança entre as doutrinas filosóficas e os costumes religiosos dos egípcios e dois budistas orientais; mas não se sabe se os livros herméticos e os quatro *Vedas* eram idênticos".

Mas uma coisa é certa: antes que a palavra filósofo fosse pronunciada pela primeira vez por Pitágoras na corte do rei dos filisianos, a "doutrina secreta" ou sabedoria era idêntica em todos os países. Em consequência, é nos textos mais antigos - aqueles mesmos contaminados por falsificações posteriores - que devemos procurar a verdade. E, agora que a Filosofia está de posse de textos sânscritos que se pode afirmar seguramente serem documentos anteriores à Bíblia mosaica, é dever dos eruditos apresentar ao mundo a verdade, e *nada mais que a verdade*. Sem considerações para com o preconceito cético ou teológico, eles devem examinar imparcialmente ambos os documentos - os *Vedas* mais antigos e o *Velho Testamento* -, e então decidir qual dos dois é a *Sruti ou Revelação* original e qual não é *Smriti*, que, como mostra Max Müller, significa apenas lembrança ou *tradição*.

Parece que os reverendos padres da Ordem dos Jesuítas aprenderam muitos artificios em suas viagens missionárias. Baldinger reconhece o seu mérito.

Cometário, em sua *Horae subcisivae*, narra que, certa vez, existiu uma grande rivalidade quanto a "milagres" entre os monges agostinianos e os jesuítas. Numa discussão levada a efeito o padre geral dos monges agostinianos, que era muito culto, e o dos jesuítas, que era muito *inculto*, mas dotado de conhecimento *mágico*, este propôs se resolvesse a questão colocando-se à prova os seus subordinados e

descobrir-se quais deles estariam mais dispostos a obedecer aos seus superiores. Logo depois, dirigindo-se a um dos seus jesuítas, disse: “Irmão Marcos, nossos companheiros têm frio; eu te ordeno, e nome da santa obediência que me juraste, traze aqui imediatamente fogo da cozinha e, em tuas mãos, alguns carvões incandescentes, para que eles se aqueçam enquanto os seguras”. O Irmão Marcos obedeceu instantaneamente e trouxe em ambas as mãos um punhado de brasas incandescentes, que segurou até que o grupo dissesse estar aquecido, após o que devolveu os carvões ao fogão da cozinha. O padre geral dos monges agostinianos abaixou a cabeça, pois nenhum de seus subordinados o obedeceria até esse ponto. O triunfo dos jesuítas foi, assim, reconhecido.

No Ocidente, um “sensitivo” tem de entrar em transe antes de se tornar invulnerável, por “guias” que o presidem, e desafiamos qualquer “médium”, em seu estado físico normal, a enterrar os braços até os cotovelos em carvão ardente. Mas no Oriente, quer o executor seja um lama santo ou um feiticeiro mercenário (estes são em geral chamados de “prestidigitadores”), ele não necessita de nenhuma preparação, nem se coloca num estado anormal para se capaz de segurar o fogo, peças de ferro em brasa ou chumbo fundido. Vimos na Índia meridional esses “prestidigitadores” que mantinham as suas mãos no interior de carvões ardentes até que estes fossem reduzidos a cinzas. Durante a cerimônia de *Siva-râtri*, ou a vigília noturna de Sivã, quando as pessoas passam noites inteiras velando e orando, alguns dos sivaítas chamam um prestidigitador tâmil que produziu os fenômenos mais maravilhosos apenas chamando em seu socorro um espírito que denominavam *Kutti-Shâttan* - o pequeno demônio.

Mas, longe de permitir que o povo pensasse fosse ele *guiado* ou “controlado” por esse gnomo - pois ele era um gnomo, fosse ele alguma coisa -, o homem, enquanto se debruçava sobre o seu inferno ardente, repreendeu soberbamente um missionário católico que aproveitou a ocasião para informar os espectadores que o miserável pecador “se havia vendido a Satã”. Sem remover as mãos e braços dos carvões ardentes nos quais ele se refrescava, o tâmil apenas voltou a cabeça e olhou com arrogância para o missionário afogueado. “O meu pai e o pai do meu pai”, disse ele, “tinham este ‘pequeno demônio’ às suas ordens. Por dois séculos o *Kutti* é um servidor fiel de nossa casa, e agora, Senhor, queres fazer crer ao povo que *ele* é meu dono! Mas eles sabem mais e melhor do que isso.” Em seguida, retirou calmamente as mãos do fogo e passou a executar outros prodígios.

Quanto aos poderes maravilhosos de predição e de clarividência apresentados por certos brâmanes, eles são bastantes conhecidos por todos os europeus que residem na Índia. Se estes, ao retornarem aos seus países “civilizados”, se riem de tais histórias, e algumas vezes até as negam completamente, eles apenas impugnam a sua boa fé, não o fato. Esses brâmanes vivem principalmente em “aldeias sagradas” e em lugares isolados, mormente na costa ocidental da Índia. Evitam cidades populosas e especialmente o contato com os europeus, e é muito raro que estes últimos consigam tornar-se íntimos dos “videntes”. Acredita-se geralmente que esta circunstância se deva à sua observância religiosa da casta; mas estamos firmemente convencidos de que em muitos casos a razão não é essa. Anos, talvez séculos, passarão antes que a verdadeira razão seja conhecida.

Quando às castas mais baixas - algumas das quais são chamadas pelos missionários de adoradores do Diabo, apesar dos esforços piedosos por parte dos missionários católicos para difundir na Europa relatos de partir o coração sobre a miséria dessas pessoas “vendidas ao Arquiniímigo”; e apesar das tentativas análogas, talvez um pouco menos ridículas e absurdas, dos missionários protestantes -, a palavra demônio, no sentido que lhe dão os cristãos, é uma não-entidade para elas. Elas acreditam em espíritos bons e em espíritos maus; mas não adoram nem temem o Diabo. A sua “adoração” é apenas uma precaução cerimoniosa contra espíritos “terrestres” e *humanos*, a quem temem mais do que aos milhões de elementais de diversas formas. Utilizam-se de todos tipos de música, incenso e perfumes em seus esforços de afugentar os “maus espíritos” (os elementares). Nesse caso, elas não devem ser mais ridicularizadas do que aquele cientista muito conhecido, um espiritista convicto, que sugeriu a posse de vitriolo e salitre em pó para manter à distância os “espíritos desagradáveis”; e não estão mais errados do que ele em fazer o que fazem; pois a experiência dos seus ancestrais, que se estendeu por muitos milhares de anos, ensinou-lhes a maneira de proceder contra essa vil “horda espiritual”. O que demonstra que se trata de espíritos *humanos* é o fato de que eles tentam muito freqüentemente satisfazer e apaziguar as “larvas” dos seus próprios parentes e das suas filhas, quando têm muitas razões para suspeitar de que estas não morreram com odor de santidade e de castidade. Chamam a tais espíritos de “*Kanyás*”, *virgens más*. O caso foi noticiado por muitos missionários, dentre os quais o reverendo E. Lewis. Mas esses piedosos cavalheiros insistem em que eles adoram demônios, quando nada fazem de semelhante; apenas tentam continuar mantendo boas relações com eles a fim de não serem molestados. Oferecem-lhes bolos e frutos e várias espécies de comida de que gostam quando estavam vivos, pois muitos deles experimentaram os efeitos da maldade desses “mortos” que retornam, cujas perseguições são as vezes

terríveis. É segundo este princípio que eles agem em relação aos espíritos de todos os homens perversos. Deixam sobre os seus túmulos, se foram enterrados, ou perto do lugar em que os seus restos foram cremados, alimentos e licores com o objetivo de mantê-los próximos desses lugares e com a idéia de que esses vampiros serão dessa maneira impedidos de voltar às suas casas. Isso não é adoração; é antes uma espécie prática de *espiritismo*. Até 1861, prevalecia entre os hindus o costume de mutilar os pés dos assassinos executados, na crença firme de que, deste modo, a alma desencarnada seria impossibilitada de vagar e de cometer mais ações más. Mais tarde, foi proibida, pela polícia, a continuação dessa prática.

Uma outra boa razão para se dizer que os hindus não adoram o “Diabo” é o fato de que eles não possuem nenhuma palavra com esse significado. Eles denominam esses espíritos de “*pûtam*”, que corresponde antes ao nosso “espectro”, ou diabrete malicioso; outra expressão que eles empregam é “*pey*” e o sânscrito *pisacha*, ambas significando fantasmas ou “retornados” - talvez duendes, em alguns casos. Os *pûtam* são os mais terríveis, pois eles são literalmente “espectros *obsessivos*”, que voltam à Terra para atormentar os vivos. Acredita-se que eles visitem geralmente os lugares em que os seus corpos foram cremados. O “fogo” ou os “espíritos de Sivã” são idênticos aos *gnomos* e às *salamandras* dos Rosa-cruzes; pois são pintados sob a forma de anões de aparência assustadora e vivem na terra e no fogo. O demônio cingalês chamado *Dewal* é uma robusta e sorridente figura feminina que usa um babado branco elisabetano ao redor do pescoço, e uma jaqueta vermelha.

Como o Dr. Warton observa muito justamente: “Não há noção mais estritamente oriental do que a dos dragões do romance e da ficção; elas estão entremisturados com todas as tradições de uma data antiga e conferem a elas uma espécie de prova ilustrativa de sua origem”. Não há escritos em que essas figuras sejam tão marcantes quanto nos detalhes do Budismo; registram particulares dos *nagãs*, ou serpente reais, que habitam as cavidades subterrâneas e correspondem às moradias de Tirésias e dos videntes gregos, uma religião de mistério e de escuridão na qual se pratica o sistema de adivinhação e da resposta oracular, ligada à inflação, ou de uma espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão espécie de possessão, que designa o próprio espírito de Píton, a serpente-dragão morta por Apolo. Mas os budistas não acreditam mais do que os hindus no demônio do sistema cristão - isto é, uma entidade tão distinta da humanidade quanto a própria Divindade. Os budistas ensinam que existem deuses inferiores que foram homens neste ou outro planeta, porém que ainda assim foram *homens*. Eles acreditam nos *nagãs*, que foram *feiticeiros* na terra, *pessoas más*, e que transmitem a outros homens maus e vivos o poder de empestar todos os frutos para os quais olhem, e até mesmo as vidas humanas. Quando um cingalês tem a fama de fazer murchar e morrer uma árvore ou uma pessoa para a qual olhe, diz-se que ele tem o *Nâga-Râjan*, ou o rei-serpente, dentro de si. Todo o interminável catálogo dos espíritos maus não compreende um único termo de designe um *diabo* no sentido que o clero cristão quer que o entendamos, mas apenas para pecados, crimes e pensamentos humanos *encarnados espiritualmente*, se assim podemos dizer. Os deuses-demônios azuis, verdes, amarelos e purpura, bem como os deuses inferiores de Yugamdhara, pertencem mais à espécie de gênios, e muitos são tão bons e benevolentes quanto as próprias divindades de *Nat*, embora os *nats* contem entre eles gigantes, gênios do mal e outros espíritos análogos que habitam o deserto do monte Yugamdhara.

A verdadeira doutrina de Buddha diz que os demônios, quando a natureza produziu o Sol, a Lua e as estrelas, *eram seres humanos* que, em virtude dos seus pecados, foram privados do seu estado de felicidade. Se cometem pecados maiores, sofrem punição maiores, e os homens condenados são considerados pelos budistas como *diabos*; ao passo que, ao contrário, os *demônios que morrem* (espíritos elementais) e nascem ou se encarnam como homens, e não cometem mais nenhum pecado, podem chegar ao estado de felicidade celestial. Isto é uma demonstração, diz Edward Upham em sua *History and Doctrine of Buddhism*, de que todos os seres, tanto divinos quanto humanos, estão sujeitos às leis da transmigração, que agem sobre todos, de acordo com a escala de atos morais. Esta fé, então, é um teste completo de um código de motivos e leis morais, aplicado à regulamentação e ao governo do homem, um experimento, acrescenta ele, “que torna o estudo do Budismo um assunto importante e curioso para o filósofo”.

Os hindus acreditam, tão firmemente quanto os sérvios ou os húngaros, em vampiros. Além disso, a sua doutrina é a mesma de Piérart, famoso spiritista e mesmerizador francês cuja escola floresceu há uma dezena de anos. “O fato de que um espectro venha sugar o sangue humano”, diz esse Doutor, “não é tão inexplicável quanto parece e aqui apelamos aos spiritistas que admitem o fenômeno da *bicorporeidade ou duplicação da alma*. As mãos que apertamos (...) esses membros ‘materializados’, tão palpáveis (...) provam claramente o que podem [os espectros astrais] em condições físicas favoráveis”.

Este honorável médico reproduz a teoria dos cabalistas. Os *Shedim* são a última das ordens dos espíritos. Maimônides, que nos conta que os seus concidadãos eram *obrigados* a manter um comércio íntimo com os seus mortos, descreve o festim de sangue que eles celebravam nessas ocasiões. Eles cavavam um

buraco, no qual se despejava *sangue fresco* e sobre o qual se colocava uma mesa; depois, os “espíritos” vinham e respondiam a todas as questões.

Piéart, cuja doutrina estava baseada na dos teurgos, manifesta uma ardente indignação contra a superstição do clero que exige, todas as vezes em que um cadáver é suspeito de vampirismo, que uma estaca lhe seja cravada no coração. Na medida em que a forma astral não está totalmente liberada do corpo, há a possibilidade de que ela seja forçada por atração magnética a entrar novamente nele. Às vezes ela poderá sair apenas até a metade, quando o cadáver, que apresenta a aparência de morte, for cremado. Em tais casos, a alma astral aterrorizada reentrará violentamente no seu invólucro; e, então, acontece uma dessas duas coisas: ou a vítima infeliz se contorce na tortura agonizante da sufocação, ou, se foi material grosseiro, ela se torna um vampiro. A vida bicorpórea começa; e esses desafortunados catalépticos enterrados sustentam as suas vidas miseráveis fazendo os seus corpos astrais roubar o sangue vital de pessoas vivas. A forma etérea pode ir aonde desejar; e, à medida que ela quebre o laço que a prende ao corpo, ela está livre para vaguear, invisível, e se alimentar de vítimas humanas. “De acordo com todas as aparências, este ‘espírito’ transmite então, por meio de um cordão de ligação misterioso e invisível, que talvez possa algum dia ser explicado, os resultados da sucção ao corpo material que jaz inerte no centro do túmulo, ajudando-o assim a perpetuar o estado de catalepsia.”

MANIFESTAÇÕES DE FENÔMENOS ENTRE OS ADEPTOS DA ÍNDIA. (L. 2. pág. 147).

Se tivermos de dar uma descrição completa das várias manifestações que ocorrem entre os adeptos na Índia e em outros países, encheríamos volumes inteiros, mas isso seria inútil, pois não haveria espaço para explicações. Eis por que escolhemos, de preferência, aqueles que têm equivalentes nos fenômenos modernos ou são autenticados por inquéritos legais. Horst tentou dar uma idéia de certos espíritos persas aos seus leitores e falhou, pois a mera menção de alguns deles pode colocar o cérebro de um crente ao inverso. Existem os *devas* (ou *Devas* - Um deus, uma divindade "resplandecente". (*Deva-Deus*, da raiz *div*, "brilhar", "esplandecer". Um *Deva* é um ser celestial, seja bom, mau ou indiferente.) e as suas especialidades; os *darwands* e os seus artificios sombrios; os *shedim* e os *jinn*; toda a vasta legião de yazatas amshâspands, espíritos, demônios, duendes e elfos do calendário persa; e, por outro lado, os judaicos serafins, querubins, Sephiroth, Malchim, Alohim; e, acrescenta Horst, "os milhões de espíritos astrais e elementais, de espíritos intermediários, fantasmas e seres imaginários de todas as raças e cores".

Mas a maioria desses espíritos nada tem a ver com os fenômenos consciente e deliberadamente produzidos pelos mágico oriental. Estes repudiam tal acusação e deixam aos feiticeiros a ajuda de espíritos elementais e de espetros elementares. O adepto tem um poder ilimitado sobre ambos, mas ele raramente o utiliza. Para a produção de fenômenos físicos ele convoca os espíritos da Natureza como *poderes* obedientes, não como inteligências.

Como gostamos sempre de reforçar nossos argumentos com testemunhos outros que não apenas os nossos, talvez fizéssemos bem em aprender a opinião de um jornal, o *Herald* de Boston, quanto aos fenômenos em geral e os médiuns em particular. Tendo experimentado tristes decepções com algumas pessoas desonestas, que podem ou não ser médiuns, o articulista resolveu certificar-se de algumas maravilhas que se dizia serem produzidas na Índia e as comparou com as da taumaturgia moderna.

"O médium dos dias atuais", diz ele, "oferece uma semelhança mais estreita, em métodos e manipulações, com o conjurador bem conhecido pela história do que com qualquer outro representante da arte mágica. O que se segue demonstra que ele ainda está longe das *performances* dos seus protótipos. Em 1615, uma delegação de homens muito cultos e renomados da English East Índia Company visitou o Imperador Jahângîr. No curso de sua missão, testemunharam muitas *performances* maravilhosas que quase os fizeram duvidar dos seus sentidos e estavam longe de qualquer explicação. A um grupo de feiticeiros e prestidigitadores bengaleses, que exibia a sua arte diante do Imperador, solicitou-se produzissem no local, e por meio de sementes, dez amoreiras. Eles imediatamente plantaram as dez sementes, que, em poucos minutos, produziram o mesmo número de árvores. A terra em que a semente havia sido lançada abriu-se para dar passagem a algumas filhas miúdas, logo seguidas por brotos tenros que rapidamente se elevaram, desenvolvendo folhas e brotos e ramos, que finalmente ganharam o ar pleno, abotoando-se, florindo e dando frutos, que amadureceram no local e provaram ser excelente. Tudo isso se passou num piscar de olhos. Figueiras, amendoeiras, mangueiras e nogueiras foram produzidas da mesma maneira, em condições análogas, fornecendo os frutos que a cada uma competia. Uma maravilha se sucedeu à outra. Os ramos estavam cheios de pássaros de bela plumagem que vojavam por entre as folhas e emitiam notas plenas de doçura. As folhas amarelavam caíam dos seus lugares, ramos e brotos secavam, e finalmente as árvores adentraram o solo, donde haviam saído há menos de uma hora.

"Um outro possuía um arco e mais ou menos cinqüenta flechas com pontas de aço. Lançou uma delas ao ar, quando, vede! a flecha se fixou num ponto do espaço situado a uma altura considerável. Outra flecha foi atirada, e outra logo após, e cada uma delas fixava-se no alto da precedente, de maneira a formar uma cadeia de flechas no espaço, exceto a última flecha, que, rompendo a cadeia, trouxe ao chão todas as flechas separadas.

"Instalaram-se duas tendas comuns, uma em face da outra, à distância de uma flechada. Essas tendas cuidadosamente examinadas pelos espectadores, como o são os aposentos dos médiuns, e se concluiu que estavam vazias. As tendas estavam firmemente presas ao chão. Os espectadores foram então convidados a escolher que animais ou pássaros desejavam saírem das tendas e lutassem entre si. Khaun-e-Jahaun pediu, com um acento muito marcado de incredulidade, para ver um combate entre avestruzes. Alguns minutos depois, um avestruz saiu de cada uma das tendas e se lançou ao combate com uma energia mortal, e logo o sangue começou a correr; mas estavam de tal maneira iguados em força que nenhum deles lograva vencer o outro, e foram finalmente separados pelos conjuradores e empurrados para dentro das tendas. Em seguida, todos os pedidos de animais e pássaros formulados pelos espectadores foram satisfeitos, sempre com os mesmos resultados.

"Instalou-se um grande caldeirão, dentro do qual se colocou uma grande quantidade de arroz. Sem o menor sinal de fogo, o arroz começou a cozinhar e do caldeirão foram retirados mais de uma centena de pratos de arroz cozido com um pedaço de ave sobre um deles. Esta façanha é realizada em escala muito menor pelos mais vulgares faquires dos nossos dias.

"Mas falta espaço para ilustrar, com exemplos do passado, como os exercícios miseravelmente monótonos - por comparação - dos médiuns dos nossos dias são pálidos e obscurecidos pelas façanhas de pessoas de outras épocas e mais hábeis. Não há uma só característica maravilhosa em qualquer um desses fenômenos ou dessas manifestações que não fosse, não, que seja hoje muito mais bem apresentado por outros executores hábeis cujas ligações com a Terra, e só com a Terra, são evidentes demais para serem negadas, mesmo quando o fato não fosse apoiado por seu próprio testemunho".

É um erro dizer que os faquires ou prestidigitadores sempre afirmarão que são auxiliados por espíritos. Nas evocações semi-religiosas - tais como as que o Govinda Svâmin de Jacolliot efetuou diante desse autor francês, que as descreveu, quando os espectadores desejavam manifestações psíquicas reais -, eles recorrerão aos *pitris*, seus ancestrais desencarnados, e a outros espíritos *puros*. Só os podem evocar por meio de preces. Quando a todos os outros fenômenos, eles são produzidos pelo mágico e pelo faquir de acordo com a sua vontade. Apesar do estado de abjeção aparente em que este último parece viver, ele é freqüentemente um iniciado dos tempos e está tão familiarizado com o ocultismo quando os seus irmãos mais ricos.

A MAGIA DOS CALDEUS. AS SUPERSTIÇÕES DA IDADE MÉDIA. (L. 2. pág. 149).

Os caldeus, que Cícero inclui entre os mágicos mais antigos, situavam a base de toda magia nos poderes interiores da alma do homem e pelo discernimento das propriedades mágicas das plantas, dos minerais e dos animais. Com a ajuda desses elementos, eles realizavam os "milagres" mais maravilhosos. A Magia, para eles, era sinônimo de religião e ciência. Foi só mais tarde que os mitos religiosos do dualismo masdeano, desfigurado pela Teologia cristã e evermerizado por certos padres da Igreja, assumiram a forma desagradável em que os encontramos expostos por escritores católicos como dês Mousseaux. A realidade objetiva do incubo e do súcubo medievais, essa superstição abominável da Idade Média que custou tantas vidas humanas, defendida por seu autor em todo um volume, é um produto monstruoso do fanatismo religioso e da epilepsia. Ela não tem forma *objetiva*; atribuir os seus efeitos ao Diabo é uma blasfêmia: implica que Deus, depois de criar Satã, permitiu-lhe adotar tal procedimento. Se devemos acreditar no vampirismo, só podemos fazê-lo se nos apoiarmos na força de suas proposições irrefragáveis da ciência psicológica oculta: 1º) A alma astral é uma entidade distinta separável do nosso *Ego* e pode correr e vaguear longe do corpo sem romper o fio da vida; 2º) O cadáver não está *completamente* morto e, ao passo que pode ser repenetrado por seu ocupante, este pode extrair dele emanções materiais que lhe permitam aparecer numa forma semiterrestre. Mas sustentar, como dês Mousseaux e de Mirville, a idéia de que o Diabo - que os católicos dotam de um poder que, em antagonismo, se iguala ao da Divindade Suprema - o transforma em lobos, serpentes e cães, para satisfazer a sua luxúria e procriar monstros, é uma idéia em que se encontram escondidos os germes da adoração do Diabo, da demência e do sacrilégio. A Igreja Católica, que não só nos ensina a acreditar nesta falácia monstruosa, mas também obriga os seus missionários a pregar este dogma, não tem necessidade de se voltar contra a adoração do Diabo por parte de algumas seitas parses e da Índia meridional. Ao contrário; pois, quando ouvimos os yezidi repetirem o provérbio muito conhecido "Sede amigos dos demônios; dai-lhes vosso bens, vosso sangue, vosso serviço, e não tereis necessidade de vos

preocupardes com Deus - *Ele não vos fará nenhum mal*", consideramos que eles são considerados em sua crença e em seu respeito para com o Supremo; a sua lógica é sábia racional; reverenciam Deus tão profundamente, a ponto de imaginar que Ele, que criou o universo e as suas leis, não é capaz de prejudicá-los, pobres átomos; mas os *demônios* existem; eles são *imperfeitos* e, em conseqüência, eles têm boas razões para os temer.

O DIABO E SUAS VÁRIAS METAMORFOSES. (L. 2 pág. 150.).

Em conseqüência, o Diabo, em suas várias metamorfoses, só pode ser uma falácia. Quando imaginamos que o vemos e o ouvimos e o sentimos, é mais freqüentemente o reflexo de nossa alma perversa, depravada e poluta que vemos, ouvimos e sentimos. O semelhante atrai o semelhante, dizem eles; assim, de acordo com a disposição segundo a qual a nossa forma astral escapa durante as horas de sono, de acordo com os nossos pensamentos, as nossas tendências e as nossas ocupações diárias, todos eles impressos claramente sobre a cápsula plástica chamada *alma humana*, esta última atrai para si seres semelhantes a si mesma. Donde alguns sonhos e visões serem puros e bonitos; outros, perversos e bestiais. A pessoa desperta, ou se dirige com pressa ao confessorário, ou se ri desse pensamento com indiferença empedernida. No primeiro caso, é-lhe prometida a salvação final, ao curso de algumas indulgências (que ela deverá comprar à Igreja) e talvez um Agostinho de purgatório ou mesmo do inferno. Que importa? não está ela segura da eternidade e da imortalidade, faça ela o que fizer? É o Diabo. Afugentemo-lo, com o sino, com o livro e com o hissope! Mas o "Diabo" volta, e freqüentemente o verdadeiro crente é forçado a desacreditar de Deus quando ele percebe claramente que o Diabo leva a melhor sobre o seu Criador ou Senhor. Ele é levado então à segunda emergência. Torna-se indiferente e se dá todo inteiro ao Diabo. Morre e o leitor conheceu as conseqüências nos capítulos precedente.

Este pensamento está magnificamente expresso pelo Dr. Ennermoser: "A Religião não lançou aqui [Europa e China] raízes tão profundas quanto entre os hindus", diz ele, fazendo alusão a essa superstição. "O espírito dos gregos e dos persas era mais volátil. (...) A idéia filosófica do princípio do bem e do mal e do mundo espiritual (...) deve ter auxiliado a tradição a formar visões (...) de formas celestiais e infernais e das distorções mais espantosas, que na Índia eram produzidas simplesmente por um fanático mais entusiasta; lá, o vidente *recebido pela luz divina*; aqui, perdido numa multidão de objetos externos com os quais confunde a sua identidade. Convulsões, acompanhadas da ausência do espírito longe do corpo, em países distantes, eram comuns aqui pois a imaginação era menos firme, e também menos espiritual.

"As causas externas também são diferentes; os modos de vida, a posição geográfica e os meios artificiais produzem modificações diversas. O modo de vida nos países asiáticos ocidentais sempre foi muito variável e, em conseqüência, ele perturba e distorce a ocupação dos sentidos, e *a vida exterior, em conseqüência, se reflete no mundo interno dos sonhos*. Os espíritos, portanto, são de uma variedade infinita de formas e levam os homens a satisfazerem as suas paixões, mostrando-lhes os meios para fazê-lo e descendo até mesmo aos mínimos detalhes, *o que é tão contrário* ao caráter elevado dos videntes indianos".

Que os estudiosos de ciência oculta faça a sua própria natureza tão pura e os seus pensamentos tão elevados quanto os dos videntes indianos, e ele poderá dormir sem ser molestado pelo vampiro, incubo ou súcubo. Ao redor da forma invisível daquele que dorme, o espírito imortal irradia um poder divino que o protege das investidas do mal, como se fosse uma parede de cristal.

CAPÍTULO XIII

REALIDADES E ILUÇÕES

OS PODERES OCULTOS DA NATUREZA. (L. 2 pág. 154).

Existem pessoas cujas mentes seriam incapazes de apreciar a grandeza intelectual dos antigos, mesmo nas ciências físicas, ainda que recebessem a mais completa demonstração de seu profundo saber e de suas realizações. Assim, por exemplo, elas rirão da idéia da eficácia dos talismãs. Que os sete espíritos do *Apocalipse* têm relação com os sete poderes ocultos da Natureza, eis algo que parece incompreensível e absurdo às suas frágeis mentes; e a mera idéia de um mágico que afirma poder realizar maravilhas por meio de ritos cabalísticos fã-las retorcer-se de riso. Percebendo apenas a figura geométrica traçada sobre um papel, um pedaço de metal, ou outra substância, elas não podem imaginar como alguém razoável seria capaz de conferir-lhes qualquer poder oculto. Mas aqueles que se deram ao trabalho de se informar sabem que os antigos realizaram grandes descobertas tanto na Psicologia como na Física e que as suas investigações deixaram poucos segredos ainda por descobrir.

Aplicai um pedaço de ferro sobre um ímã, e ele impregnar-se-á de seu princípio sutil e tornar-se-á capaz de comunicá-lo por sua vez a outro ferro. Ele não pesa mais nem parece diferente do que era antes. E, no entanto, uma das forças mais sutis da Natureza lhe penetrou a substância. Um talismã, em si talvez um mero pedaço de metal, um fragmento de papel, ou um retalho de um tecido qualquer, foi no entanto impregnado pela influência do maior de todos os ímãs, a vontade humana, com um poder para o bem ou para o mal de tão reais efeitos como a propriedade sutil que o aço adquiriu em seu contato com o ímã. Deixai que um sabujo fareje uma peça de roupa que foi trajada pelo fugitivo, e ele o seguirá através do pântano e da floresta até o seu refúgio. Dai um manuscrito a um dos “psicômetros” do Prof. Buchanan, qualquer que seja a sua antiguidade, e ele vos descreverá o caráter do autor, e talvez mesmo a sua aparência pessoal. Alcançai uma madeixa de cabelo ou qualquer outro objeto que esteve em contato com a pessoa de quem ser quer saber algo a uma clarividente, e ela entrará em simpatia com esta de modo tão íntimo que lhe poderá seguir passo a passo a vida.

Os criadores nos contam que os animais jovens não devem ser reunidos com os animais velhos; e os médicos inteligentes proibem os pais de permitirem que as crianças muito jovens ocupem suas camas. Quando Davi estava velho e fraco, suas forças vitais foram restabelecidas colocando-se uma jovem em estreito contato com ele a fim de que pudesse absorver-lhe a força. A falecida Imperatriz da Rússia, irmã de Guilherme I, imperador da Alemanha, estava tão fraca nos últimos anos de sua vida que os médicos lhe aconselharam seriamente a manter em seu leito à noite uma robusta e saudável jovem camponesa. Quem quer que tenha lido a descrição dada pelo Dr. Kerner da Vidente de Prevost, Mme. Hauffe, deverá recordar-se de suas palavras. Ela declarou repetidamente que se mantinha viva apenas devido à atmosfera das pessoas que a cercavam e às suas *emanações*, que eram vivificadas de maneira extraordinária pela sua presença. A vidente era simplesmente um vampiro *magnético*, que absorvia, atirando-se a ela, a vida daqueles que eram fortes o suficiente para lhe comunicarem a sua vitalidade na forma de sangue *volatilizado*. O Dr. Kerner observa que essas pessoas ressentiam dessa perda de força.

Graças a esses exemplos familiares da possibilidade de um fluido sutil comunicar-se de um indivíduo ao outro, ou à substância por este tocada, torna-se mais fácil compreender que, através de um determinada concentração da vontade, um objeto de outro modo inerte pode ser impregnado de um poder protetor ou destrutivo de acordo com o objetivo que se tem em vista.

Uma emanação magnética, produzida inconscientemente, é seguramente vencida por uma emanação mais enérgica com a qual entra em choque. Mas quando uma vontade inteligente e poderosa dirige a força cega, e a concentra num dado ponto, a emanação mais fraca dominará com freqüência a mais forte. Uma *vontade* humana tem o mesmo efeito sobre o *Ákasa*.

Certa feita, testemunhamos em Bengala uma exibição de força de vontade que ilustra um aspecto altamente interessante do assunto. Um adepto de Magia fez alguns passes sobre uma peça de estanho comum, o interior de uma marmita, que estava à sua frente, e, olhando-a atentamente durante uns poucos minutos, ele parecia recolher o fluido imponderável aos punhados e lançá-lo sobre a sua superfície. Quando o estanho foi exposto à plena luz do dia durante seis segundos, a superfície brilhante se cobriu imediatamente como um filme. Em seguida, manchas de uma cor escura começaram a surgir sobre a superfície da peça; e quando, cerca de três minutos depois, o estanho nos foi entregue, encontramos impressa sobre ela uma pintura, ou

melhor, uma fotografia da paisagem que se estendia à nossa frente; exata como a própria Natureza, de colorido perfeito. Ela permaneceu por cerca de oito horas e então lentamente se esvaneceu.

Este fenômeno explica-se facilmente. A vontade do adepto condensou sobre o estanho um filme de *Âkasa* que o transformou durante algum tempo numa chapa fotográfica sensibilizada. A luz fez o resto.

A ANIMAÇÃO DE ESTÁTUAS PRATICADAS PELOS ANTIGOS. (L. 2. pág. 156).

Certamente, não conseguimos ver em que o químico moderno é mesmo mágico do que o antigo teurgista ou o filósofo hermético, exceto nisso: os últimos, reconhecendo a dualidade da Natureza, têm um campo de pesquisa experimental duas vezes maior. Os antigos animavam estátuas, e os hermetistas chamavam à vida, tirando-as dos elementos, as formas de salamandras, gnomos, ondinas e silfos, que não pretendiam criar, mas simplesmente tornar visíveis mantendo aberta a porta da Natureza, de sorte que, sob condições favoráveis, elas pudessem se tornar visíveis. O químico põe em contato dois elementos contidos na atmosfera, e desenvolvendo uma força latente de afinidade, cria um novo corpo - a água. Nas pérolas esféricas e diáfanas que nascem dessa união de gases, nascem os germes da vida orgânica, e em seus interstícios moleculares escondem-se o calor, a eletricidade e a luz, exatamente como o fazem no corpo humano. Donde provêm esta vida numa gota d'água recém-formada pela união de dois gases? E o que é a água em si? Sofrem o oxigênio e o hidrogênio alguma transformação que oblitera suas qualidades simultaneamente com a obliteração de sua forma? Aqui está a resposta da ciência moderna: "Se o oxigênio e o hidrogênio existem como tais, na água, ou se são produzidos por alguma transformação desconhecida e inconcebível de sua substância, eis uma questão sobre a qual podemos especular, mas da qual nada sabemos". Nada sabendo sobre um assunto tão simples quanto a constituição molecular da água, ou o problema mais profundo do surgimento da vida nesse elemento, não faria bem o Sr. Maudsley em exemplificar o seu próprio princípio, e "manter uma *calma aquiescência à ignorância até que a luz se faça*".

As afirmações dos partidários da ciência esotérica de que Paracelso produzia, quimicamente, *homunculi* a partir de certas combinações ainda desconhecidas da ciência exata são, como de ordinário, relegadas ao depósito das fraudes desacreditadas. Mas por que? Se os *homunculi* não foram feitos por Paracelso, mas foram produzidos por outros adeptos, e isto há não mais de mil anos. Eles foram produzidos, de fato, exatamente de acordo com o mesmo princípio em virtude do qual o químico e o físico dão vida aos seus *animalcula*.

Desde tempos imemoriais a especulação dos homens de ciência tem tido por objeto saber o que é essa força vital ou princípios de vida. Só a "doutrina secreta" é capaz de fornecer a chave à nossa mente. A ciência exata reconhece apenas cinco poderes na Natureza - um *molar* e quatro *nucleares*; os cabalistas, sete; e nesses dois poderes adicionais está encerrado todo o mistério da vida. Um deles é o espírito imortal, cujo reflexo vincula-se por liames invisíveis até mesmo com a matéria inorgânica; a outra, deixamos a cada um descobrir por si mesmo. Diz o Prof. Joseph Le Conte: "Qual é a natureza da diferença entre o organismo vivo e o organismo morto? Não podemos descobrir *nenhuma*, física ou química. Todas as forças físicas e químicas extraídas do fundo comum da natureza, e encarnadas no organismo vivo, parecem estar ainda encarnadas no morto, até que pouco a pouco ele caia em decomposição. E no entanto a diferença é imensa, é incomensuravelmente grande. Qual é a natureza dessa diferença expressa na fórmula da ciência material? o que é que partiu, e para onde foi? Há aqui alguma coisa que a ciência não pode ainda compreender. E no entanto é essa coisa que desaparece na morte, e antes da decomposição, que representa no mais alto sentido a força vital!"

Por mais difícil, ou antes impossível que pareça à ciência descobrir o motor invisível, universal de tudo - a *Vida* -, explicar-lhe a natureza, ou mesmo sugerir uma hipótese razoável para ela, o mistério não passa de um pseudomistério, não apenas para os grandes adeptos e videntes, mas mesmo para os que acreditam genuína e firmemente num mundo espiritual. Para o simples crente, não favorecido com um organismo pessoal provido dessa sensibilidade nervosa e delicada que lhe permitiria - como ao vidente - perceber o universo visível refletido como num espelho no Invisível, e, por assim dizer, objetivamente, a *fé* divina permanece. Esta última está firmemente enraizada em seus sentidos interiores; em sua infalível intuição, com a qual a fria razão nada tem a ver, ele *sente* que ela não pode enganá-lo. Que os dogmas errôneos, invenções humanas, e a sofisticaria teológica se contradigam; que ambas se destruam, e que a sutil casuística de uma derrote o raciocínio de outra; a verdade permanece uma só, e não há uma só religião, seja ela cristã ou não, que não esteja firmemente edificada sobre a rocha dos séculos - Deus e o espírito imortal.

AS SESSÕES ESPÍRITAS NA ÍNDIA. (L. 2. pág. 159).

Todo animal é mais ou menos dotado da faculdade de perceber, se não espíritos, pelo menos algo que permanece no momento invisível ao homem comum, e só pode ser discernido por um clarividente. Fizemos centenas de experiências com gatos, cachorros, macacos de várias espécies, e, uma vez, com um tigre domesticado. Um espelho negro e redondo, conhecido como "cristal mágico", foi fortemente mesmerizado por um cavalheiro hindu nativo, que habitava anteriormente em Dindigul e agora reside em um local mais retirado, entre as montanhas conhecidas como Ghauts Ocidentais. Ele havia domesticado o filhote de um tigre, que lhe fora enviado da costa do Malabar, região da Índia em que os tigres são proverbialmente ferozes; e foi com esse interessante animal que fizemos nossas experiências.

Como os antigos marsi e psylli, os célebres encantadores de serpentes, esse cavalheiro afirmava possuir o misterioso poder de domar qualquer espécie de animal. O tigre fora reduzido a um crônico *torpor mental*, por assim dizer; e tornou-se tão inofensivo e dócil quanto um cachorro. As crianças podiam provocá-lo e puxá-lo pelas orelhas, e ele só tremia e gemia como um cachorro. Mas todas as vezes que o forçavam a olhar o "espelho mágico", o pobre animal caía instantaneamente numa espécie de frenesi. Seus olhos se enchiam de um terror *humano*; gemendo de desespero, incapaz de desviar os olhos do espelho, ao qual o seu olhar parecia preso por um encantamento magnético, ele se contorcia e tremia até cair em convulsões por medo de alguma visão que para nós permanecia desconhecida. Ele então se deitava, gemendo fracamente mas ainda olhando fixamente para o espelho. Quando este era retirado, o animal ficava ofegante e aparentemente prostrado por cerca de duas horas. O que via ele? Que retrato espiritual de seu próprio mundo *animal* invisível poderia produzir um efeito terrífico sobre o animal selvagem e naturalmente feroz e temerário? Quem pode dizê-lo? Talvez *aquele* que produziu a cena.

O mesmo efeito sobre animais foi observado durante as sessões espiritistas, com alguns veneráveis mendicantes; e também quando um sírio, meio pagão, meio cristão, de Kunankulam (Estado de Cochim), um reputado feiticeiro, foi convidado a reunir-se a nós a bem da experiência.

Éramos nove pessoas ao todo - sete homem e duas mulheres, uma das quais nativa. Além de nós, havia no quarto o jovem tigre, grandemente ocupado com um osso; um *vânderoo*, ou um macaco-leão, que, com a sua pele negra e a sua barba e bigode brancos, e olhos vivos e brilhantes, parecia a personificação da malícia; e um belo papa-figo dourado, limpando calmamente a sua causa de cores brilhantes num poleiro, colocado próximo a uma grande janela da varanda. Na Índia, as sessões "espiritistas" não ocorrem na escuridão, como na América, e não se requer nenhuma condição, a não ser silêncio total e harmonia. Estava-se portanto em plena luz do dia, que penetrava através das portas e janelas abertas, com um burburinho longínquo provindo das florestas circunvizinhas e a selva enviando-nos o eco de miríades de insetos, pássaros e animais. Estávamos instalados no meio de um jardim no qual a casa fora construída, e ao invés de aspirar a atmosfera sufocante de uma sala de sessões, estávamos cercados de ramalhetes de eritrina cor de fogo - a árvore coral -, inalando os aromas fragrantés das árvores e arbustos, e as flores da begônia, cuja pétala branca tremiam na brisa suave. Em suma, estávamos cercados de luz, harmonia, e perfumes. Grandes buquês de flores e arbustos, consagrados aos deuses nativos, tinham sido colhidos para a circunstância, e colocados nos cômodos. Tínhamos o manjerição suave, a flor de Vishnu, sem a qual nenhuma cerimônia religiosa pode ter lugar em Bengala; e os ramos da *Ficus religiosa*, a árvore dedicada à mesma divindade brilhante, entremisturando as suas folhas com as flores rosas do lótus sagrado e a tuberosa da Índia, ornamentavam profusamente as paredes.

Enquanto o "abençoado" - representado por um faquir sujo mas, não obstante, realmente santo - permanecia imerso em autocontemplação, e alguns prodígios espirituais eram realizados sob a direção de sua vontade, o macaco e o pássaro exibiam alguns poucos sinais de inquietude. Só o tigre tremia visivelmente a intervalos, e olhava fixamente para toda a peça, como se seus olhos verdes fosforescentes estivessem seguindo alguma presença invisível flutuando para cima e para baixo. Essa coisa ainda imperceptível aos olhos humanos devia ter-se tornado *objetiva* para ele. Quanto ao *vânderro* (macaco), toda a sua vivacidade tinha desaparecido; ele entorpecido, e repousava abandonado e sem movimento. O pássaro deu alguns poucos, se tanto, sinais de agitação. Havia um som como o de asas batendo suavemente no ar; as flores viajavam pela peça, deslocadas por mãos invisíveis; e como uma belíssima flor tingida de azul celeste caísse sobre as patas cruzadas do macaco, este teve um sobressalto nervoso, e procurou refugiar-se sob o manto branco de seu dono. Essas manifestações duraram cerca de uma hora, e seria muito longo relatar elas; a mais curiosa de todas foi a que fechou a série de maravilhas. Como todos se queixassem do calor, tivemos uma chuva de orvalho devidamente perfumado. As gotas caíam fortemente e abundantemente, e produziam uma sensação de frescor inexprimível, que refrescavam as pessoas sem molhá-las.

Quando o faquir deu a sua exibição de magia *branca* por encerrada, os "feiticeiros" ou os encantadores, como são chamados, prepararam-se para exibir seu poder. Fomos gratificados por uma série de maravilhas que os relatos dos viajantes tornaram familiares ao público, provando, entre outras coisas, o fato

de que os animais possuem naturalmente a faculdade da clarividência, e mesmo, ao que parece, a habilidade de discernir entre os bons e os maus espíritos. Todas as façanhas do feiticeiro foram precedidas de fumigações. Ele queimou ramos de árvores resinas e arbustos que enviavam colunas de fumaça. Embora não houvesse nada em tudo isso capaz de aterrorizar um animal que fizesse uso de seus olhos físicos, o tigre, o macaco e o pássaro exibiam um indescritível horror. Sugerimos a idéia de que os animais podiam ser aterrorizados pelos ramos incendiados, o costume familiar de acender fogueiras em volta do campo a fim de afastar as feras selvagens. Para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito, o sírio se aproximou do tigre agachado com um ramo de árvore *bael* (consagrada a Shiva), e a agitou diversas vezes sobre a sua cabeça, murmurando, nesse ínterim, os seus encantamentos. Os seus olhos saltavam das órbitas como bolas de fogo; sua boca espumava; ele se precipitava ao solo, como se procurasse um buraco no qual se esconder; ele soltava um rugido atrás do outro, o que causava centenas de ecos da selva e da floresta. Finalmente, lançando um último olhar ao ponto do qual os olhos não se haviam despregado, ele fez um esforço supremo, quebrou a corrente, e saltou pela janela da varanda, carregando uma peça de estrutura consigo. O macaco tinha fugido há muito, e o pássaro caíra do poleiro como que paralisado.

A VONTADE DEVE DOMINAR AS FORÇAS INTELECTUAIS E MATERIAIS. (L. 2. pág. 161).

"Certa vez, enquanto eu e outros estávamos no café com Sir Maswell, ele ordenou à sua doméstica que introduzisse o encantador. Pouco depois um esquálido hindu, quase nu, com um rosto ascético e bronzeado, fez a sua entrada. Em torno do pescoço, dos braços, das coxas e do corpo estavam enroladas as serpentes de diversos tamanhos. Depois de saudar-nos, ele disse: 'Deus esteja convosco, sou Chibh-Chondor, filho de Chibh-Gontnalh-Mava'.

"'Desejamos ver o que sois capaz de fazer', disse nosso anfitrião.

"'Eu obedeço às ordens de Shiva, que me enviou para cá', replicou o faquir, instalando-se sobre uma das lajes de mármore.

"As serpentes levantaram as cabeças e silvaram, mas sem mostrar a menor cólera. Tomando então uma pequena flauta, presa numa mecha do cabelo, ele emitiu sons quase inaudíveis, imitando o *tailapaca*, um pássaro que se alimenta de cocos quebrados. As serpentes se desenrolaram e uma após outra desceram ao chão. Assim que tocaram o solo, elevaram um terço de seus corpos, e começaram a acompanhar o ritmo da música de seu mestre. Subitamente o faquir largou o seu instrumento e fez diversos passes com as mãos sobre as serpentes, que eram em número de dez, e todas das espécies mais mortíferas de serpentes indianas. Seus olhos assumiram uma estranha expressão. Todos sentidos uma indefinível agitação, e tentamos desviar nossos olhos dele. Nesse momento um pequeno *shocra* (macaco), cuja tarefa era oferecer fogo num pequeno braseiro para acender cigarro, sucumbiu à sua influência, deitou-se e adormeceu. Cinco minutos se passaram, e sentimos que se as manipulações continuassem por mais alguns segundos todos adormeceríamos. Chondor então se ergueu e, fazendo mais dois passes sobre o *shocra*, disse-lhe: 'De fogo ao comandante'. O jovem macaco levantou-se, e sem hesitar aproximou-se de seu senhor e lhe ofereceu fogo. Ele foi beliscado, empurrado, até não se ter nenhuma dúvida de que ele estivesse adormecido. Ele não quis afastar-se de Sir Maswell até que o faquir lho ordenasse.

"Examinamos então as serpentes. Paralisada pela influência magnética, elas estavam estendidas ao longo do chão. Pegando-as, encontramos-las rígidas como bastões. Estavam num estado de completa catalepsia. O faquir então as despertou, após o que elas voltaram e novamente se enrolaram em torno de seu corpo. Perguntamo-lhe se podia fazer-nos experimentar a sua influência. Ele fez alguns poucos passes sobre nossas pernas e imediatamente perdemos o controle sobre esses membros; não podíamos deixar nossos assentos. Ele nos libertou tão facilmente quando nos tinha paralisado.

"Chibh-Chondor encerrou a sessão com experiências feitas sobre objetos inanimados. Por meio de passes simples na direção do objeto sobre o qual se desejava agir, e sem deixar o assento, ele diminuiu e extinguiu as lâmpadas das partes mais distantes da sala, deslocou a mobília, incluindo os divãs em que estávamos sentados, abriu e fechou portas. Percebendo um hindu que estava retirando água de um poço do jardim, ele fez um passe em sua direção, e a corda subitamente parou de descer, resistindo a todos os esforços do atônito jardineiro. Com outro passe, a corda desceu novamente.

"Perguntei a Chibh-Chondor: 'Empregais para agir sobre objetos inanimados o mesmo processo que utilizais sobre criaturas vivas?'

"'Tenho apenas um processo', respondeu.

"'Qual é ele?'

"'A vontade. O homem, que é o fim de todas as forças intelectuais e materiais, deve dominar a todas. Os brâmanes nada sabem além disso.'"

"Sanung Setzen", o Cel. Yule, "enumera uma variedade de atos maravilhosos que podem ser realizados através do Dharani (encantamentos místicos hindus). Tais são fincar um prego numa rocha sólida; dar vida ao morto; transformar um cadáver em outro; penetrar em todos os lugares, *como o faz o ar* (sob forma astral); voar; agarrar feras selvagens com as mãos; ler pensamentos; fazer remontar a corrente de água; comer ladrilhos; sentar-se no ar com as pernas dobradas, etc." Antigas lendas atribuem a Simão, o Mago, exatamente os mesmos poderes. "Ele fazia as estátuas andar; ele saltava no fogo sem se queimar; voava no ar; transformava as pedras em pão; modificava suas formas; apresentava dois rostos ao mesmo tempo; transformava-se em coluna; fazia as portas fechadas abrirem-se espontaneamente; fazia os utensílios de uma casa moverem-se, etc.

OS FENÔMENOS PSÍQUICOS, E AS ARTES MÁGICAS. (L. 2. pág. 162).

Existem certos homens que os tártaros veneram acima de tudo no mundo" diz o monge Ricold, "a saber, os *baxitae*, que são uma espécie de sacerdotes-ídolos. Eles são originários da Índia, pessoas de profunda sabedoria, *de boa conduta e de moral austera*. Eles são versados nas artes mágicas (...) exibem muitas ilusões, e predizem os eventos futuros. Por exemplo, dizia-se que o mais eminente deles era capaz de voar; mas a verdade, contudo, como ficou provado, é que ele não voava, mas caminhava perto da superfície do solo sem o tocar; e ele parecia sentar-se sem ter qualquer suporte para sustentá-lo. Este último fenômeno foi testemunhado por Ibn Batuta, em Delhi", acrescenta o Cel. Yule, que cita o monge em *Book of Ser Marco Polo*, "na presença do sultão Mahomet Tughlak"; e foi formalmente exibido por um brâmanes em Madras no presente século, um descendente dos brâmanes que Apolônio viu caminhando a dois côvados do solo. Isso foi descrito também pelo ilustre Francis Valentyn como sendo um espetáculo conhecido e praticado em seu próprio tempo na Índia. Conta-se, diz que um homem começa por sentar-se sobre três bastões reunidos para formar um tripode, após o que, primeiro um, depois o segundo e então o terceiro, todos os bastões são retirados, não caindo o homem, mas permanecendo sentado no ar! Falei com dois amigos que haviam testemunhado um fato dessa natureza, e um deles, posso acrescentar, não acreditando em seus próprios olhos, deu-se ao trabalho de verificar com um bastão se não havia algo sobre o qual o corpo se apoiasse; mas, como contou, ele não pôde sentir ou ver qualquer coisa.

Proezas como essas nada são se comparadas com as que fazem os prestidigitadores profissionais; "proezas", assinala o autor acima citado, "que poderiam passar por meras invenções se narradas por apenas um autor, mas que parecem merecer uma *séria atenção* quando são relatadas por vários autores, certamente independentes uns dos outros e escrevendo a longos intervalos de tempo e lugar. Nossa primeira testemunha é In Batuta, e será necessário citá-lo por extenso, assim como a outros, a fim de mostrar até que ponto as suas evidências concordam entre si. O viajante árabe estava presente por ocasião de um grande espetáculo na corte do Vice-rei de Khansa. "Nessa mesma noite um prestidigitador, que era um dos escravos de Khan, fez sua aparição, e o Emir lhe disse: 'Vem e mostra-nos algumas de tuas maravilhas!' Ele tomou então uma bola de madeira, com vários furos, pelos quais passaram longas correias de couro, e, segurando uma delas, arremessou a bola ao ar. Ela se elevou tão alto que a perdemos de vista (...) (Estávamos no interior da corte do palácio.) Restou então apenas uma parte da ponta de uma correia na mão do mágico, e ele pediu a um dos rapazes que a pegasse e que montasse nela. Ele o fez, subindo pela correia, e nós o perdemos de vista também! O mágico então o chamou por três vezes, mas, não obtendo nenhuma resposta, tomou uma faca, como se estivesse tomado de cólera, subiu pela correia, e desapareceu também! Logo ele jogou uma das mãos do rapaz, depois um pé, a outra mão, e o outro pé, depois o tronco, e por fim a cabeça! em seguida ele próprio desceu ofegante, e com as vestes manchadas de sangue beijou o solo à frente do Emir, e lhe disse algo em chinês. O Emir deu alguma ordem em resposta, e nosso amigo então apanhou os membros do rapaz, reuniu-os juntos em seus lugares, e deu-lhes um chute, e eis que lá estava o rapaz, que se plantou à nossa frente! Tudo isso me surpreendeu extraordinariamente, e tive um ataque de palpitações semelhante ao que em sobreveio outrora na presença do Sultão da Índia, quando ele me mostrou algo do mesmo gênero. Deram-me no entanto um cordial, que me curou do ataque. O Kaji Afkharuddin estava próximo de mim e disse: 'Senhor! creio que não houve nem subida, nem descida, nem mutilação, nem remendo! Tudo não passa de um *hocus-pocus*'!"

E quem duvida de que não se trata de uma "hocus-pocus", de uma ilusão, ou Mâyâ, como os hindus a chamam? Mas um tal ilusão é produzida, por assim dizer, diante de milhares de pessoas ao mesmo tempo, como a vimos durante um festival público, os meios pelos quais uma alucinação tão extraordinária pode ser produzida merecem a atenção da ciência! Quando por uma tal *mágica* um homem que está à vossa frente, numa sala, cujas portas tivestes o cuidado de fechar, estando as chaves em vossa mão, subitamente desaparece, se desvanece como um raio de luz, e não o vedes *em lugar nenhum* mas ouvis a sua voz de

diferentes partes da sala chamando-vos e rindo de vossa perplexidade, tal *arte* certamente não é indigna do Sr. Huxley ou do Dr. Carpenter. Não vale a pena consagrar-se tal estudo da mesma maneira que a esse outro mistério menor - como por que os galos cantam à meia-noite?

OS MISTÉRIOS, DA VONTADE DIRIGIDA. (L. 2. pág. 164).

Tendo sempre em mente que repudiamos a idéia do milagre, podemos agora perguntar que objeção lógica se pode fazer contra a afirmação de que a reanimação de mortos era realizada por muitos *taumaturgos*? Poderia ir mais longe e dizer que a força de vontade do homem é tão tremendamente potencial que pode reanimar um corpo aparentemente morto, fazendo retroceder a alma esvoaçante que ainda não rompeu o fio por meio do qual a vida unia a ambos. Dezenas de tais faquires permitiram que fossem enterrados vivos diante de milhares de testemunhas, e semanas depois ressuscitarem. E se os faquires têm o segredo deste possesso artificial, idêntico ou análogo à hibernação, por que não conceder que os seus ancestrais, os ginosophistas, e Apolônio de Tiana, que havia estudado com estes na Índia, e Jesus, e outros profetas e videntes, que conheciam mais sobre os mistérios da vida e da morte do que qualquer um dos nossos modernos homens de ciência, podiam ressuscitar homens e mulheres mortos? E por estarem familiarizados com este poder - esse *algo* misterioso "que a ciência ainda não conseguiu compreender", como confessa o Prof. Le Conte -, conhecendo, além disso, "de onde vem ele e para onde vai" Eliseu, Jesus, Paulo, Apolônio e ascetas entusiastas e sábios iniciados podiam chamar novamente à vida com facilidade todo homem que "não estivesse morto, mas apenas dormindo", e sem qualquer milagre.

Se as moléculas do cadáver estão impregnadas da Força Vital e das Forças químicas do organismo vivo, o que pode impedi-las de serem novamente postas em movimento, desde que conheçamos a natureza da Força Vital, e como comandá-la? O materialista não pode oferecer nenhuma objeção, pois para ele não se apresenta a questão de reinsuflar vida à alma. Para ele a alma não tem existência, e o corpo humano deve ser encarado simplesmente como um engenho vital - uma locomotiva que se movimentará após o fornecimento de calor e força, e parará quando estes cessarem. Para o teólogo, o caso oferece dificuldades maiores, pois, a seu ver, a morte corta por inteiro o vínculo que une o corpo a alma, e esta pode tanto retornar àquele sem um milagre quanto o recém-nascido pode ser compelido a voltar à sua vida fetal depois do parto e da secção do cordão umbilical. Mas o filósofo hermético coloca-se entre esses dois antagonistas irreconciliáveis, *senhor da situação*. Ele conhece a natureza da alma - uma forma composta de fluido nervoso e éter atmosférico - e sabe como a Força Vital pode tornar-se ativa ou passiva à vontade, desde que não haja nenhuma destruição definitiva de algum órgão necessário. As afirmações de Gaffarilus - que, a nosso ver, pareceram tão despropositadas em 1650 - foram posteriormente corroboradas pela ciência. Ele sustentava que todo objeto existente na Natureza, desde que seja artificial, quando queimado, retém a sua forma nas cinzas, em que permanece até a sua ressurreição. Du Chesne, um químico eminente, certificou-se do fato. Kircher, Digby e Vallemont demonstraram que as formas das plantas podiam ser ressuscitadas a partir das cinzas. Num encontro de naturalistas em 1834, em Stuttgart, uma receita para produzir tais experiências foi descoberta na obra de Oetinger. As cinzas de plantas queimadas contidas em pequenos frascos, quando aquecidas, exibiam novamente as suas formas, "Uma pequena nuvem obscura elevou-se do frasco, assumiu uma forma definida e apresentou a flor ou a planta de que consistiam as cinzas." (C. Crowe, *The Nighth-Side of Nature*, p.110) "O folheto terrestre", escreveu Oetinger, "permanece na retorta, ao passo que a essência volátil sobe, *como um espírito*, mas vazio de substância."

E, se a forma astral mesmo de uma planta ainda sobrevive nas cinzas, quando o corpo está morto, persistirão os cépticos em dizer que a alma do *homem*, o eu *interior*, se dissolve após a morte da forma mais grosseira, e que não existe mais? "Por ocasião da morte", diz o filósofo, "um corpo exsuda de outro, por osmose e através do cérebro; ele se mantém perto de seu antigo invólucro por um dupla atração, física e espiritual, até que este se decompunha; e se boas condições são dadas, a alma pode reabitá-lo e retomar a vida suspensa. Ela o faz durante o sono; ela o faz mais completamente em transe; e mais surpreendente obedecendo ao comando e com a assistência do adepto hermético. Jâmblico declarou que uma pessoa dotada desses poderes ressuscitadores é 'pleno de Deus'. Todos os espíritos subordinados das esferas superiores estão sob o seu comando, pois ele não é mais um mortal e sim um deus. Na *Epístola aos Corintos*, Paulo assinala que 'os espíritos dos profetas *estão sujeitos aos profetas!*'"

Algumas pessoas têm o poder natural e algumas outras o poder adquirido de extrair o corpo *interior do exterior*, a vontade, obrigando-o a fazer longas jornadas e a se tornar visível àquele a quem visita. Numerosos são os exemplos atestados por testemunhas irrecusáveis do "desdobramento" de pessoas que foram vistas e com quem se conversou a centenas de milhas dos lugares em que se sabia que as mesmas

pessoas estavam. Hermetismo, se podemos dar crédito a Plínio e a Plutarco, podia entrar em transe à vontade e então a *segunda* alma seguia para o lugar que lhe aprouvesse.

De acordo com Napier, Osborne, o major Lawes, Quenouillet, Nikiforovitch e muitas outras testemunhas modernas, os faquires, no decorrer de longo regime, preparo e repouso, mostraram que eram capazes de levar os corpos a um estado que lhes permitia serem enterrados a seis pés da terra por um período indefinido. Sir Claude Wade estava presente à corte de Rundjit Singh quando o faquir, mencionado pelo Honorable Cap. Osborne, foi enterrado vivo por seis semanas, numa caixa colocada numa cela três pés abaixo do nível do solo. Para prevenir a possibilidade de uma fraude, uma guarda composta de duas companhias de soldados foi destacada, e quatro sentinelas "foram incumbidas, revezando-se a cada duas horas, noite e dia, de guardar o edifício contra intrusos. (...) Abrindo-a", diz Sir Claude, "vimos uma figura encerrada num sudário de linho branco amarrado por uma corda acima da cabeça (...) o servente começou então a derramar água quente sobre a figura (...) as pernas e os braços estavam encolhidos e rijos, o rosto natural, a cabeça inclinada sobre o ombro, como a de um cadáver. Chamei então o médico que me assistia e pedi-lhe que viesse inspecionar o corpo, o que ele fez, mas não pôde descobrir nenhuma pulsação no corpo, nas têmporas ou nos braços. Havia, no entanto, *um calor sobre a região do cérebro*, que nenhuma outra parte do corpo exibia".

Lamentando que os limites de nosso espaço proibam citar os detalhes dessa interessante história, acrescentamos apenas que o processo de ressurreição incluía o banho com água quente, fricção, a retirada dos chumaços de cera e algodão das narinas e das orelhas, a fricção das pálpebras com *ghee*, ou manteiga clarificada, e, o que parecerá mais curioso a muitos, a aplicação de um bolo de trigo quente, de cerca de um polegar de espessura, "ao topo da cabeça". Depois de o bolo ter sido aplicado pela terceira vez, o corpo teve convulsões violentas, as narinas se inflaram, a respiração se iniciou, e os membros adquiriram a sua plenitude natural; mas a pulsação ainda era fracamente perceptível. "A língua foi então untada com *ghee*, as pálpebras dilataram-se e recuperaram a cor natural, e o faquir reconheceu os presentes e falou." Cumpriria assinalar que não apenas as narinas e as orelhas haviam sido tapadas, mas a língua tinha sido dobrada para trás, de modo a fechar a garganta, fechado assim efetivamente os orifícios à admissão de ar atmosférico. Quando estávamos na Índia, um faquir nos disse que isso era feito não apenas para prevenir a ação do ar sobre os tecidos orgânicos, mas também para resguardar contra o depósito de germes da decomposição, que no caso da animação suspensa causariam a decomposição exatamente como o fazem com qualquer outra carne exposta ao ar. Há também localidades em que um faquir se recusará a ser enterrado, tais como muitas regiões da Índia meridional, infestadas de formigas brancas, essas térmitas terríveis que se contam entre os inimigos mais perigosos do homem e de suas propriedades. Elas são tão vorazes que devoram tudo que encontram, com exceção, talvez, dos metais. Quando à madeira, não há nenhuma espécie pela qual elas não passem; e mesmo o tijolo e a argamassa oferecem pouca resistência aos seus formidáveis exércitos. Elas trabalham pacientemente através da argamassa, destruindo-a partícula por partícula; e um faquir, por mais santo que seja, e por mais resistente que seja o seu ataúde, não se arriscará a ver o seu corpo devorado quando for o momento de sua ressurreição.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE FÍSICA. (L. 2. Pág. 168).

A ciência vê o homem como uma agregação de átomos temporariamente unidos por uma misteriosa força chamada princípio de vida. Para o materialista, a única diferença entre um corpo vivo e um morto é que no primeiro essa força é ativa e no outro, latente. Quando extintas ou completamente latentes, as moléculas obedecem a uma atração superior, que as espalha e dissemina pelo espaço.

Essa dispersão deve ser a morte, se é possível conceber uma coisa como a morte, em que as próprias moléculas do corpo morto manifestam uma intensa energia vital. Se a morte é apenas a parada da máquina digestora, locomotiva e pensante, como pode a morte ser real e não relativa, antes que a máquina se quebre por completo e as suas partículas se dispersem? Enquanto algumas delas estão unidas, a força vital centrípeta pode sobrepulgar a ação centrífuga dispersiva. Diz Éliphas Lévi: "A mudança atesta o movimento, e o movimento apenas revela a vida. O cadáver não se decomporia se estivesse morto; todas as moléculas que o compõem estão vivas e lutam por separar-se. E imaginai que o espírito se liberta simplesmente para não mais existir? Que o pensamento e o amor podem morrer quando as formas mais grosseiras da matéria não morrem? Se a mudança deve chamar-se morte, morremos e renascemos todos os dias, pois a cada dia nossas formas sofrem uma mudança".

Os cabalistas dizem que um homem não está morto quando o seu corpo está enterrado. A morte nunca é súbita; pois de acordo com Hermes, nada se opera na Natureza por transições violentas. Tudo é gradual, e assim como é preciso um longo e gradual desenvolvimento para produzir o ser humano, do mesmo modo o tempo é necessário para retirar completamente a vitalidade da carcaça. "A morte não pode ser um fim

absoluto, assim como o nascimento não é um início verdadeiro. O nascimento prova a preexistência do ser, e a morte prova a imortalidade", diz o mesmo cabalista francês.

Embora acreditando implicitamente na ressurreição da filha de Jairo, o chefe da sinagoga, e em outros milagres bíblicos, os cristãos instruído, que de outro modo se sentiriam indignados ao se chamados de supersticiosos, acolhem fatos como o de Apolônio e a jovem que segundo o seu biógrafo foi ressuscitada por ele, com uma desdenhosa incredulidade. Diógenes Laércio, que menciona uma mulher ressuscitada por Empédocles, não é tratado com mais respeito; e o nome do taumaturgo pagão, aos olhos dos cristãos, é apenas um sinônimo para impostor. Nossos cientistas são, afinal, um pouco mais racionais; eles agrupam todos os profetas e apóstolos bíblicos e todos os fazedores de milagres pagãos em duas categorias de tolos alucinados e hábeis impostores.

Mas, deixando de lado a incrível ficção de Lazaro, selecionamos dois casos: a filha do chefe da sinagoga chamada novamente à vida por Jesus, e a noiva coríntia ressuscitada por Apolônio. No primeiro caso, desconsiderando por completo a significativa expressão de Jesus - "*Ela não está morta mas adormecida*", o clero força o seu deus a violar as suas próprias leis e oferecer injustamente a um o que nega a todos os outros, e sem nenhum melhor objetivo em vista do que o de produzir um milagre inútil. No segundo caso, não obstante as palavras do biógrafo de Apolônio, tão claras e precisas que não subsiste a menor razão para distorcê-las, eles acusam Filotrasto de deliberada impostura. Quem poderia ser mais honesto do que ele, quem menos acessível à acusação de mistificação, pois, descrevendo a ressurreição da jovem pelo sábio de Tiana, na presença de uma grande multidão, diz o biógrafo, "*ela parecia estar morta*".

Embora outras palavras, ele indica muito claramente um caso de animação suspensa; e, então acrescenta imediatamente, "como a chuva caía muito abundante sobre a jovem", enquanto estava ela sendo carregada à pira, "com a sua fase virada para cima, isto, *também*, poderia ter excitado os seus sentidos". Isso não mostra claramente que Filotrasto não viu *nenhum* milagre nessa ressurreição? Isso não implica, ademais, algo como a grande sabedoria e habilidade de Apolônio, "que como Asclepiades tinha o mérito de distinguir com um golpe de vista entre a morte real e a aparente"?

Uma ressurreição, depois de a alma e o espírito se terem inteiramente separado do corpo, e o último fio magnético se ter cortado, é tão impossível quanto para um espírito uma vez desencarnado reencarnar uma vez mais neste mundo, exceto nas circunstâncias descritas nos capítulos anteriores. "Uma folha, uma vez caída, não se religa ao ramo", diz Éliphas Lévi. "A lagarta torna-se uma borboleta, mas a borboleta não retorna ao estado de larva. A Natureza fecha a porta atrás de tudo que passa, e puxa a vida para a frente. As formas passam, o pensamento permanece, e não chama de volta o que uma vez se exauriu."

Por que se imaginaria que Asclepiades e Apolônio gozavam de poderes excepcionais para discernir a morte real? Tem qualquer moderna escola de Medicina este conhecimento para comunicar a seus estudantes? Que as suas autoridades respondam por eles. Os prodígios de Jesus e Apolônio são tão bem atestados que parecem autênticos. Se num e noutro caso a vida foi ou simplesmente suspensa, resta o fato importante de que por algum poder, peculiar a eles, os dois fazedores de milagres chamaram o aparentemente morto de volta à vida por um instante.

Mas, no caso do que os fisiologistas chamam "morte real", e que não o é realmente, o corpo astral se retirou; talvez a decomposição local se tenha manifestado. Como seria o homem trazido novamente à vida? A resposta é, o corpo interior deve ser forçado a reentrar no corpo exterior, e a vitalidade a ser redespertada neste último. O relógio parou, e deve estar quebrado. Se a morte é absoluta; se os órgãos não cessaram apenas de agir, mas perderam a suscetibilidade de ação renovada, então seria preciso lançar todo o universo no caos para ressuscitar o cadáver - seria preciso um milagre. Mas, como dissemos antes, o homem não morre quando está frio, rijo, sem pulso, sem respiração, e mesmo mostrando sinais de decomposição; ele não está morto quando é enterrado, nem depois, mas quando um certo ponto é atingido. Este ponto é, *quando os órgãos vitais se decompueram de tal maneira que, reanimando-se, eles não realizariam as suas funções costumeiras*; quando a mola central e a roda denteada da máquina, por assim dizer, estão de tal modo desgastadas pela ferrugem, que elas se quebrariam à primeira volta da chave. Até que esse ponto não seja atingido, o corpo astral pode ser forçado, sem milagre, a reentrar em seu primeiro tabernáculo, por um esforço de sua própria vontade, ou sob o impulso irresistível da vontade de alguém que conheça as potências da Natureza e saiba como dirigi-las. A centelha não se extinguiu, mas está apenas latente - latente como o fogo no sílex, ou o calor no ferro frio.

Nos casos da clarividência cataléptica mais profunda, tais como os obtidos por Du Potet, e descritos muito minuciosamente pelo falecido Prof. William Gregory, em suas *Letters on Animal Magnetism*, o espírito está tão desengajado do corpo que lhe seria impossível reentrar nele sem um esforço da vontade do mesmerizador. O paciente está praticamente morto, e, se deixado a si mesmo, o espírito escaparia para

sempre. Embora independente do invólucro físico semilivre ainda está unido a ele por um cordão magnético, descrito pelos clarividentes como de aspeto sombrio e nebuloso em contraste com o brilho inefável da atmosfera astral pela qual eles olham. Plutarco, relatando a história de Téspésio, que caiu de uma grande altura, e permaneceu por três dias aparentemente morto, conta-nos a experiência deste durante o seu estado de morte parcial. "Téspésio", diz ele, "observou então que era diferente dos mortos pelos quais estava cercado. (...) Eles eram transparentes e cercados de um brilho, mas ele parecia arrastar atrás de si uma radiação negra ou um linha de sombra." Toda a sua descrição, minuciosa e circunstanciada em seus detalhes, parece ser corroborada pelos clarividentes de todas as épocas, e, até onde esse testemunho pode ser admitido, é importante. Os cabalistas, como os vemos interpretados por Éliphas Lévi, em sua *Science des Esprits*, dizem que "Quando um homem cai em seu sono derradeiro, mergulha em primeiro lugar numa espécie de sonho, antes de ganhar consciência no outro lado da vida. Ele vê, então, numa bela visão, ou num pesadelo terrível, o paraíso ou o inferno, em que ele acredita durante a sua existência mortal. Eis por que acontece com freqüência a alma aflita volta violentamente à vida terrestre que acabou de deixar, e por que alguns que estavam realmente mortos, i.e., que, se deixados sós e quietos, teriam passado tranqüilamente para sempre num estado de letargia inconsciente, quando enterrados prematuramente voltam à vida no túmulo".

Lévi diz que a ressurreição não é impossível enquanto o organismo vital permanecer intato, e a alma astral ainda está ao alcance. "A Natureza", diz ele, "nada faz por sobressaltos, e a morte eterna é sempre precedida por um estado que partilha um pouco da natureza da letargia. É um torpor que um grande choque ou o magnetismo de uma vontade são capazes de sobrepujar." Lévi explica dessa maneira a ressurreição do homem morto ao contato com os ossos de Eliseu. Ele a explica dizendo que a alma estava errando nesse momento junto ao corpo; os convivas da cerimônia fúnebre, de acordo com a tradição, foram atacados por salteadores; e como o seu pavor se comunicasse simpaticamente a ela, a alma foi tomada de horror à idéia de ver seus restos profanados, e "reentrou violentamente no corpo para erguê-lo e salvá-lo". Aqueles que acreditam na sobrevivência da alma podem nada ver nesse incidente que tenha um caráter sobrenatural - trata-se apenas de uma manifestação perfeita da lei natural. Narrar a um materialista um caso como esse, ainda que bem atestado, seria uma tarefa inútil; o teólogo, sempre contemplando além da natureza uma providência especial, considera-o um milagre. Diz Éliphas Lévi: "Eles atribuíam a ressurreição ao contato com os ossos de Eliseu; e, logicamente, a adoração de relíquias data dessa época".

Balfour Stewart está certo - os cientistas "nada sabem, ou quase nada, da estrutura e das propriedades últimas da matéria orgânica ou inorgânica".

Estamos agora em terreno tão firme que daremos um novo passo adiante. *O mesmo conhecimento e o mesmo controle das forças ocultas, incluindo a força vital que possibilitou ao faquir deixar temporariamente e depois reentrar em seu corpo, e a Jesus, Apolônio e Eliseu de ressuscitarem os mortos, possibilitou aos antigos hierofantes animarem estátuas, e fazê-las agir como criaturas vivas.* É o mesmo conhecimento e poder que permitiram a Paracelso criar os seus *homunculi*; a Aarão transformar a sua vara numa serpente e num ramo florido; a Moisés cobrir o Egito com rãs e outras pestes; e ao teurgista egípcio de nossos dias vivificar a sua mandrágora pigméia, que tem vida física mas não alma. Não era mais surpreendente para Moisés, em condições favoráveis, chamar à vida grandes répteis e insetos, do que para nosso físico moderno, nas mesmas condições favoráveis, chamar à vida insetos menores, que ele chama de bactérias.

APOLONIO PODIA VER ATRAVÉS DE UM ESPELHO O PRESENTE E O FUTURO. (L. 2.

pág. 172).

Examinaremos agora, em relação aos fazedores de milagres e aos profetas antigos, as pretensões dos médiuns modernos.

Quando a atual e aperfeiçoada civilização européia ainda estava em seus começos, a filosofia oculta, já encanecida pela idade, especulava sobre os atributos do homem pela analogia com os de seu Criador. Mas tarde, indivíduos cujos nomes permanecerão para sempre imortais, inscritos no portal da história espiritual do homem, forneceram pessoalmente exemplos da extensão possível do desenvolvimento dos poderes divinos do *microcosmos*. Descrevendo as *Doctrines and Principal Teacher of the Alexandrian School*, diz o Prof. A. Wilder: "Plotino ensinava que há na alma um impulso de retorno, um amor, que a atrai internamente para a sua origem e centro, o bem eterno. Enquanto a pessoa que não compreende como a alma contém o belo em si, procurará por um esforço laborioso reconhecer a beleza no exterior, o homem sábio reconhece-a em si, desenvolve a idéia retirando-a de si mesmo, concentrando a sua atenção, e assim pairando sobre a fonte divina, cuja corrente flui dentro de si. Não se conhece o infinito por meio da razão (...) mas por uma faculdade superior à razão, entrando num estado em que o indivíduo, por assim dizer, cessa de ser o seu eu finito, em cujo estado a essência divina lhe é comunicada. Tal é o ÊXTASE".

A propósito de Apolônio, que afirmava que podia ver "o presente e o futuro num espelho claro", devido ao seu modo sóbrio de viver, o professor faz a seguinte bela observação: "Isto é o que se pode chamar de *fotografia espiritual*. A alma à câmara na qual os fatos e os eventos, o futuro, o passado e o presente, estão como que fixados; e a mente torna-se consciente deles. Além do nosso mundo ordinário, tudo é um dia ou um estado; o passado e o futuro estão compreendidos no presente".

A MEDIUNIDADE ENSINADA NA FILOSOFIA ANTIGA. (L. 2. pág. 173).

Eram "médiuns" esses homens semelhantes a Deus, como pretendem os espiritistas ortodoxos? De modo algum, se pelo termo compreendemos os "sensitivos doentes", que nasceram com uma organização peculiar, e que em proporção aos seus poderes se desenvolveram mais os menos sujeitos à influência irresistível de espíritos diversos, puramente humanos, elementares ou elementais. Isso é incontestável, se considerarmos todo indivíduo como um médium em cuja atmosfera magnética os habitantes das esferas invisíveis superiores podem mover-se, e agir, e viver. Neste sentido, toda pessoa é um médium. A mediunidade pode ser 1º) autodesenvolvida; 2º) motivada por influências estranhas; ou 3º) pode permanecer em estado latente por toda a vida. *O leitor deve ter em mente a definição do termo, pois, a não ser que isso claramente compreendido, a confusão será inevitável.* A mediunidade dessa espécie pode ser ativa ou passiva, repelente ou receptiva, positiva ou negativa. A mediunidade é medida pela quantidade da aura pela qual o indivíduo é envolvido. Ela pode ser densa, nebulosa, nociva, mefítica, nauseabunda para o espírito puro e atrair apenas aqueles seres abomináveis que se comprazem com ela, como a enguia o faz nas águas turvas, ou pode ser pura, cristalina, límpida, opalescente como a aurora. Tudo depende do caráter moral do médium.

Em torno de homens como Apolônio, Jâmblico, Plotino e Porfírio condensava-se este nimbo celeste. Ele era engendrado pelo poder de suas próprias almas em estreita harmonia com seus espíritos; pela moralidade e santidade sobre-humanas de suas vidas, e ajudados pela contínua contemplação estática interior. As puras influências espirituais podiam aproximar-se de tais homens. Radiando à sua volta uma atmosfera de beneficência divina, eles punham em fuga os maus espíritos. Não apenas não é possível a estes existirem em sua aura, mas eles não podem permanecer mesmo na de pessoas obcecadas, se o taumaturgo exerce a sua vontade, ou mesmo se aproxima delas. Isto é **MEDIAÇÃO**, não *mediunidade*. Tais pessoas são templos nos quais habita e espírito do Deus vivo; mas se o tempo está maculado pela admissão de paixões, pensamentos ou desejos, o mediador cai na esfera da feitiçaria. A porta está aberta; os espíritos puros se retiram e os maus entram de tropel. Isto ainda é mediação, ainda que má; o feiticeiro, assim como o mágico puro, forma a sua própria aura e submete à sua vontade os espíritos inferiores que lhe são afins.

Mas a mediunidade, como hoje se compreende e se manifesta, é uma coisa diferente. As circunstâncias, independentemente de suas própria vontade, podem, por ocasião do nascimento ou depois, modificar a aura de uma pessoa, de modo que manifestações estranhas, físicas e mentais, diabólicas ou angélicas, podem ocorrer. Tal mediunidade, assim como a mediação acima mencionado, existe na Terra desde que o homem nela fez a sua primeira aparição. A primeira é a submissão da carne fraca e mortal pelo controle e pelas sugestões de outros espíritos e inteligências que não o nosso próprio demônio imortal. É literalmente a *obsessão e a possessão*; e médiuns que se orgulham de ser escravos fieis de seus "guias", e que repudiam com indignação a idéia de "controlar" as manifestações, "não podem contestar o fato de maneira consistente. Essa mediunidade é simbolizada na história de Eva sucumbindo às artimanhas da serpente; de Pandora espremendo a caixa proibida e deixando escapar ao mundo a tristeza e o mal, e por Maria Madalena, que depois de ter sido obsedada por 'sete demônios', foi finalmente redimida pela luta vitoriosa de seu espírito imortal, tocado pela presença de um santo mediador, contra o obsessivo". Essa mediunidade, benéfica ou maléfica, é sempre *passiva*. Felizes são os puros de espírito, que repelem inconscientemente, graças à pureza de sua natureza interior, os sombrios espíritos do mal. Pois na verdade eles não têm outras armas de defesa a não ser a bondade e a pureza inata. A mediunidade, tal como é praticada em nossos dias, é um dom bem menos admirável do que o manto de Nesso.

"Conhece-se a árvores por seus frutos." Lado a lado com os médiuns passivos no progresso da história do mundo, aparecem os mediadores ativos. Nós os designamos por esse nome à falta de um melhor. Os antigos feiticeiros e mágicos, e os que tinham um "espírito familiar", comerciavam com os seus dons; e a mulher de Obeah de En-Dor, tão bem retratado por Henbry More, embora ela possa ter sacrificado um filhote para Saul, aceitava dinheiro de outros visitantes. Na Índia, os prestidigitadores, que, diga-se de passagem, o são menos do que muitos médiuns modernos, e os Essaoua, ou feiticeiros e encantadores de serpentes da Ásia e da África, todos exercem seus dons por causa do dinheiro. Não se dá o mesmo com os mediadores ou hierofantes. Buddha recusou o trono do pai para ser um mendicante. O "Filho do Homem não tinha onde repousar a cabeça"; os apóstolos eleitos não tinham "nem ouro, nem prata, nem bronze em suas bolsas".

Apolônio deu metade de sua fortuna a seus familiares, e a outra metade aos pobres; Jâmblico e Plotino eram célebres por sua caridade e abnegação; os faquires, ou santos mendicantes da Índia, são fielmente descritos por Jacolliot; os essênios pitagóricos e os terapeutas acreditavam que suas mãos definhariam ao contato com o dinheiro. Quando ofereciam dinheiro aos apóstolos para que comunicassem seus poderes espirituais, Pedro, embora a Bíblia o mostre como um covarde e por três vezes como um renegado, repelia indignado a oferta, dizendo: "Que teu dinheiro pereça contigo, pois pensas que o dom do Senhor pode ser comprado com dinheiro". Esses homens eram mediadores, guiados apenas por seu próprio espírito pessoal, ou alma divina, e servindo-se da ajuda de espíritos apenas até onde estes se conservassem no bom caminho.

Longe de nós o pensamento de lançar uma mácula injusta sobre os médiuns físicos. Exauridos por diversas inteligências, reduzidos pela influência predominante dos espíritos - à qual suas naturezas fracas e nervosas são incapazes de resistir - a um estado mórbido, que ao fim se torna crônico, eles são impedidos por essas "influências" de assumir outra ocupação. Eles se tornam mental e fisicamente incapazes para qualquer outra atividade. Quem pode julgá-los severamente quando, lançados numa situação extrema, são constrangidos a aceitar a mediunidade como um negócio? E o céu sabe, como bem o demonstraram os últimos acontecimentos, se essa profissão deve ser invejada por quem quer que seja! Não são os médiuns, os médiuns leais, *verdadeiros* e honestos que jamais censuráramos, mas seus patrões, os espiritistas.

Diz-se que Plotino, quando lhe pediram que assistisse à adoração pública dos deuses, respondeu altivamente: "Cabe a eles (os espíritos) virem a mim". Jâmblico afirmava e provava, por seu próprio caso, que nossa alma pode atingir a comunhão com as inteligências superiores, de "natureza mais elevada que a nossa própria", e expulsava cuidadosamente de suas cerimônias teúrgicas todos os espíritos inferiores, ou maus demônios, que ele ensinava os discípulos a reconhecer. Proclo, que "elaborou toda a teosofia e a teurgia de seus predecessores num sistema completo", de acordo com o Prof. Wilder, "acreditava com Jâmblico na possibilidade de obter um poder divino, que, ultrapassando a vida mundana, tornava o indivíduo um órgão da Divindade". Ele ensinava ainda que havia uma "senha mística que conduziria uma pessoa de uma ordem de seres espirituais a outra, mais e mais alto, até que ela chegasse ao divino absoluto". Apolônio desprezava os feiticeiros e os "adivinhos vulgares", e afirmava que era o seu "modo de vida sóbrio peculiar" que "produziu a acuidade dos sentidos e criou outras faculdades, de modo que coisas maiores e mais notáveis podiam ter lugar". Jesus proclamava ser o homem *o senhor do Sabbath*, e ao seu comando os espíritos terrestres e elementares fugiam de suas moradas temporárias; um poder que foi partilhado por Apolônio e por muitos da Irmandade dos Essênios da Judéia e do Monte Carmelo.

É inegável que deve ter havido boas razões para que os antigos perseguissem os médiuns *desregrados*. De outro modo, por que, ao tempo de Moisés e Davi e Samuel, teriam eles encontrado a profecia e a premonição, a Astrologia e a adivinhação, e mantido escolas e colégios nos quais esses dons naturais eram fortificados e desenvolvidos, ao passo que os feiticeiros e os que adivinhavam pelo espírito de *Ob* (*Ob* - Hebreu - A Luz astral, melhor dizendo, suas correntes daninhas, personificadas para os judeus como um Espírito, o Espírito de *Ob*.) foram condenados à morte? Mesmo ao tempo de Cristo, os pobres médiuns oprimidos foram lançados nos túmulos e lugares desertos fora dos muros da cidade. Por que essas injúrias aparentemente grosseiras? Por que o banimento, a perseguição e a morte terem sido a paga dos médiuns físicos daqueles dias, e todas as comunidades de taumaturgos - como os essênios - serem não apenas toleradas, mas reverenciadas? É porque os antigos, ao contrário de nós, podiam "provar" os espíritos e discernir a diferença entre espíritos bons e maus, os humanos e os elementais. Eles também sabiam que o relacionamento com espíritos *desregrados* trazia ruína para o indivíduo e desastre para a comunidade.

Essa maneira de ver a mediunidade pode ser insólita e talvez repugnante a muitos espiritistas modernos; mas é a visão ensinada na filosofia antiga, e demonstrada pela experiência da Humanidade desde tempos imemoriais.

AS QUALIDADES DO MÉDIUM, E AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS. (L. 2. pág. 176).

É um erro dizer que um médium tem *poderes* desenvolvidos. Um médium passivo não tem poder. Ele tem uma certa condição moral e física que produz *emanações*, ou uma *aura*, na qual as inteligências que o guiam podem viver e pela qual elas se manifestam. Ele é apenas o veículo através do qual *elas* exercem seu poder. Essa *aura* varia dia a dia, e, segundo as experiências do Sr. Crookes, mesmo de hora em hora. É um efeito externo que resulta de causas internas. A condição moral do médium determina a espécie dos espíritos que vêm; e os espíritos que vêm influenciam reciprocamente o médium, intelectual, física e moralmente. A perfeição de sua mediunidade está na razão da sua passividade, e o perigo em que ele incorre está no mesmo grau. Quando ele está completamente "desenvolvido" - perfeitamente passivo -, o seu próprio espírito astral pode ser paralisado, mesmo retirado de seu corpo, que é então ocupado por um elemental, ou, o que é pior,

por um monstro humano da oitava esfera, que dele se serve como se fosse o seu próprio corpo. Muito freqüentemente a causa dos crimes célebres deve ser procurada em tais possessões.

Como a mediunidade física depende da passividade, o seu antídoto é óbvio; *o médium deve cessar de ser passivo*. Os espíritos nunca controlam pessoas de caráter positivo que estão determinadas a resistir a todas as influências estranhas. Levam ao vício os fracos e os pobres de espírito que eles conseguem levar ao vício. Se os elementais que produzem milagres e os demônios desencarnados chamados de elementares fossem de fato os anjos guardiões, como se acreditou nos últimos trinta anos, por que não deram eles a seus médiuns fieis pelo menos boa saúde e felicidade doméstica? Por que os abandonam nos momentos críticos do julgamento, quando acusados de fraude? É notório que os melhores médiuns físicos são doentes, ou, às vezes, o que é ainda pior, inclinados a um ou outro vício anormal. Por que esses "guias" curadores, que fazem seus médiuns exercerem o papel de terapeutas e taumaturgos para outros, não lhes dão a dádiva de um robusto vigor físico? Os antigos taumaturgos e os apóstolos gozavam geralmente, se não invariavelmente, de boa saúde; seu magnetismo nunca trazia ao doente qualquer mácula física ou moral; e eles nunca foram acusados de VAMPIRISMO, como o faz muito justamente um jornal espírita contra alguns médiuns curadores.

Se aplicarmos a lei acima da mediunidade e da mediação ao tema da levitação, com que abrimos a presente discussão, que descobriremos? Temos aqui um médium e um indivíduo da classe dos mediadores, ambos levitados - o primeiro numa sessão, o segundo em oração ou em contemplação estática. O médium, por ser passivo, deve *ser elevado*; o estático, por ser ativo, deve levantar a si próprio. O primeiro é elevado por seus espíritos familiares - quaisquer que sejam eles e onde quer que se encontrem -, o segundo, pelo poder de sua própria alma anelante. Podemos qualificá-los indiscriminadamente de *médiuns*?

Poder-se-ia objetar, no entanto, que os mesmos fenômenos são produzidos tanto na presença de um médium moderno como na de um santo antigo. Sem dúvida; e assim era também nos dias de Moisés; pois acreditamos que o triunfo sobre os mágicos do Faraó por ele proclamado no *Êxodo* é simplesmente uma fanfarronice nacional da parte do "povo eleito". Que o poder que produziu os seus fenômenos produziu também o dos mágicos, os quais foram, aliás, os primeiros tutores de Moisés e o instruíram em sua "sabedoria", é muito provável. Mas mesmo naqueles dias eles parecem ter bem apreciado a diferença entre fenômenos aparentemente idênticos. A divindade tutelar nacional dos hebreus (que não é o Pai Supremo), (O Velho Testamento menciona um culto prestado pelos israelitas a mais de um deus. O *El Sahddai* de Abraão e Jacó não era o *Jeová* de Moisés, ou o Senhor Deus reverenciado por eles durante os quarenta anos no deserto. E o Deus do Exército de Amós não é, se devemos acreditar em suas próprias palavras, o Deus Mosaico, a divindade sinaíta, pois eis o que está escrito: "Eu odeio, eu desprezo as vossas festas (...) não me agradam as vossas oferendas (...) Por acaso oferecete-me sacrifícios e oferendas no deserto, durante quarenta anos, ó casa de Israel? (...) Não, mas fabricastes o tabernáculo de vosso Maloch e de vosso Chiun [Saturno], vossas imagens, estrela de vossos deuses, que fabricastes para vós (...) Por isso, vos deportarei (...) disse o *Senhor, cujo nome é O Deus dos Exércitos*" (*Amós, V, 21-7.*) proíbe expressamente, no *Deuterônio*, o seu povo de "imitar as abominações de outras nações. (...) passar *pelo fogo*, ou utilizar a *adivinhação*, ou ser um observador do tempo ou um encantador, ou um *magô*, ou um *consultor de espíritos familiares*, ou um necromancista".

Que diferença havia então entre os fenômenos que acima enumeramos quando produzidos pelas "outras nações" e quando realizados pelos profetas? Evidentemente, havia alguma boa razão para isso; e encontramos-lo na *Primeira Epístola*, IV, de João, que diz: "Não acrediteis em *qualquer* espírito, mas provai os espíritos para saber se vêm de Deus, porque muitos falsos profetas se introduziram no mundo".

O único padrão ao alcance dos spiritistas e dos médiuns de hoje pelo qual eles podem provar os espíritos é julgar: 1º) por suas ações e palavras; 2º) por sua prontidão em manifestar-se; e 3º) se o objeto em vista é digno da aparição de um "espírito *desencarnado*, ou se pode desculpar alguém por perturbar *os mortos*". Saul estava a ponto de destruir a si e a seus filhos, mas Samuel lhe perguntou: "Por que me incomodaste fazendo-me subir?". Mas as "inteligências" que visitam as salas de sessão espírita acorrem ao primeiro sinal de qualquer farsante que procura um passatempo para a sua ociosidade.

Exceto, a história de Saul e Samuel, não se encontra um único exemplo na Bíblia da "*evocação dos mortos*". No que concerne à sua legalidade, a asserção é contraditada por todos os profetas. Moisés decretou a pena de morte para aqueles que evocam os espíritos dos mortos, os "necromancistas". Em nenhum lugar do *Velho Testamento*, nem em Homero, nem em Virgílio a comunhão com os mortos é qualificada a não ser como necromancia. Fílon, o Judeu, faz Saul dizer que se ele banisse da face da Terra todos os adivinhos e necromancistas o seu nome lhe sobreviveria.

Uma das maiores razões para isso era a doutrina dos antigos, segundo a qual nenhuma alma provinha da "morada dos eleitos" retornará à Terra, salvo nas raras ocasiões em que a sua aparição poderia ser

solicitada para realizar algum grande objetivo em vista, e assim trazer algum benefício para a Humanidade. Neste último caso a "alma" não precisa ser *evocada*. Ela envia a sua poderosa mensagem ou por um *simulacro* evanescente de si mesma, ou por intermédio de mensageiro, que podem aparecer sob forma *material*, e personificar fielmente o falecido. As almas que podiam ser evocadas tão facilmente eram consideradas como um comércio pouco útil e não isento de perigo. Eram as almas, ou as *larvae* provindas da região infernal do limbo - o *Sheol*, as região conhecida pelos cabalistas como a oitava esfera, mas muito diferente do Inferno ou Hades ortodoxo dos antigos mitologistas. Horácio descreve essa evocação e a cerimônia que a acompanha, a Maimônides dá-nos detalhes do rito judeu, Toda cerimônia necromânticas era realizada em lugares elevados e em montanhas, e o sangue era utilizado para aplacar esses *vampiros* humanos.

"As almas", diz Porfírio, "preferem, a tudo mais, *sangue fresco derramado*, que parece restaurar-lhes por algum tempo certas faculdades da vida."

Quando às materializações, elas são profundamente relatadas nos textos sagrados. Mas, eram operadas sob as mesmas condições que nas sessões modernas? A escuridão, ao que parece, não era requerida naqueles dias de patriarcas e de poderes mágicos. Os três anjos que apareceram a Abrão beberam à plena luz do dia, pois "ele estava sentado na entrada da tenda, *no calor do dia*", diz o livro de *Gênese*. Os espíritos de Elias e de Moisés apareceram igualmente à luz do dia, e não é provável que Cristo e os Apóstolos estivessem escalando uma montanha durante a noite. Jesus é apresentado aparecendo a Maria Madalena no jardim. às primeiras horas do dia; aos Apóstolos, em três momentos distintos, e geralmente de dia; uma vez "quando já amanhecera". Mesmo quando o asno de Balaam viu o anjo "materializado", estava-se à plena luz da Lua.

Estamos dispostos a concordar com o autor em questão em que encontramos na vida de Cristo - e, podemos acrescentar, no *Velho Testamento* também - "um relato ininterrupto das manifestações psíquicas", mas nada sobre as *mediúnicas*, de caráter físico, se excetuarmos a visita de Saul a Sedecla, a mulher Obeah de En-Dor. Essa distinção é de vital importância.

De fato, a promessa do Mestre foi claramente expressa: "Em verdade, realizareis obras maiores do que estas", obras de mediação. De acordo com Joel, o tempo virá em que haverá uma expansão do espírito divino: "Vossos filhos e vossas filhas", diz ele, "profetizarão, vossos velhos verão sonhos, vossos jovens terão visões". O tempo chegou e eles fazem todas essas coisas agora; o Espiritismo tem seus videntes e mártires, seus profetas e curadores. Como Moisés, e Davi, e Joram, existem médiuns que recebem comunicações escritas de autênticos espíritos planetários e humanos.

Há poucos, pouquíssimos, oradores na tribuna espírita que falam por inspiração, e, se sabem o que diz, eles estão no estado descrito por Daniel: "Não me restou força alguma. Ouvei então o som de suas palavras: e ao ouvir o som de suas palavras, adormeci profundamente". E há médiuns, esses de que falamos, para os quais a profecia de Samuel poderia ter sido escrita: "O espírito do Senhor virá sobre ti, e entrarás em delírio com ele e *te transformarás em outro homem*". Mas onde, na longa lista de prodígios da Bíblia, podemos ler sobre guitarras voadoras, tambores ressonantes, e sinos batendo, oferecidos em quartos imersos em profunda escuridão como prova da imortalidade?

Quando Cristo foi acusado de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu, ele o negou, e replicou amargamente perguntando: "Por qual poder vossos filhos e discípulos os expulsaram?" Os spiritistas afirma que Jesus era um médium, que ele era controlado por um ou muitos espíritos; mas quando a imputação lhe foi feita diretamente, ele disse que nada tinha a ver com isso. "Não temos razão em dizer que és um samaritano, e que tens um demônio?" [*daimonion*, um Obeah, ou espírito familiar no texto hebraico]. Jesus respondeu, "Eu não tenho demônio".

OS ESPÍRITOS ELEMENTAIS. (L. 2. pág. 180).

"Os fenômenos psíquicos", quando ocorriam à parte dos ritos religiosos, na Índia, no Japão, no Tibete, no Sião, e outros países "pagãos", fenômenos centenas de vezes mais diversos e estonteantes do que jamais vistos na Europa ou na América civilizada, nunca foram atribuídos aos espíritos dos mortos. Os pitris nada têm a fazer em tais exibições públicas. E basta-nos apenas consultar a lista dos principais demônios ou espíritos elementais para descobrir que os seus próprios nomes indicam as suas profissões, ou, para dizê-lo mais claramente, o truque a que cada variedade deles é mais afeita. Temos assim o Mâdana, um nome genérico que indica os espíritos elementais perversos, metade burros, metade monstros, pois Mâdana significa aquele que olha como uma vaca. Ele é amigo dos feiticeiros maliciosos e ajuda-os a realizar os seus designios demoníacos de vingança atacando os homens e o gado com doença e mortes súbitas.

O *Sudâla-mâdana*, ou demônio do cemitério, corresponde aos nossos vampiros. Ele se compraz com os locais em que crimes e assassinios foram cometidos, junto aos túmulos e aos lugares de execução. Ele ajuda o prestidigitador em todos os fenômenos do fogo assim como Kutti Shâtana, os diabretes

trampolineiros. *Sudala*, dizem eles, é um demônio metade de fogo, metade de água, pois ele recebeu de Shiva permissão para assumir qualquer forma que desejasse e transformar uma coisa em outra; e quando não está no fogo, ele está na água. É ele que impede as pessoas "de verem o que *não* vêem". O *Sula-mâdana* é outro fantasma turbulento. Ele é o demônio da fornalha, experiente na arte de moldar e de cozer. Se vós tornais seus amigos, ele não vos injuriará; mas aí daquele que cai em sua ira. *Sula* significa cumprimentos e lisonjas, e porque ele geralmente se mantém sob a terra, é para ele que um prestidigitador deve olhar para obter ajuda para extrair uma árvore de uma semente num quarto de hora e fazer desabrochar os seus frutos.

Kumila-mâdana é a própria *ondina*. É um espírito elemental da água, e seu nome significa *rebentar como uma bolha*. É um diabrete muito amigo e alegre, e auxiliará um amigo em qualquer coisa relativa à sua esfera; fará chover e mostrará o futuro e o presente àquele que recorrerem à hidromancia ou à adivinhação por água.

Poruthû-mâdana é o demônio "lutador"; ele é o forte de todos; e sempre que há façanhas em que a força física é requerida, tais como as *levitações*, ou a domesticação de animais selvagens, ele auxiliará o realizador mantendo-o sobre o solo ou subjugará uma fera selvagem antes que o domador tenha tempo de pronunciar seu encantamento. Assim, todas as "manifestações físicas" têm a sua própria classe de espíritos elementais para supervisioná-las.

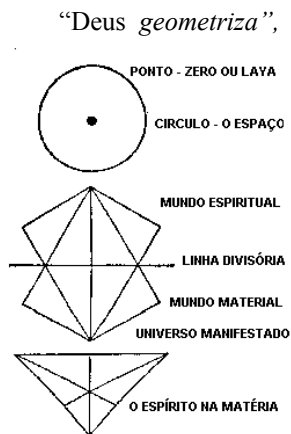
A levitação de um médium, seria um fenômeno puramente mecânico. O corpo inerte do médium passivo é elevado por um vórtice criado seja pelos espíritos elementais - possivelmente, em alguns casos, por espíritos humanos, e às vezes por meio de causas mórbidas, como nos casos de sonâmbulos doentes do Prof. Perty. A levitação do adepto é, ao contrário, um efeito eletromagnético. Ele tornou a polaridade de seu corpo oposta à da atmosfera (dizemos campos magnético da Terra), e idêntica à da Terra; por conseguinte, atraída pela primeira, mantendo a consciência nesse ínterim. Uma levitação fenomênica dessa natureza é possível também quando a doença modificou a polaridade corporal de um paciente, pois ela o faz sempre em grau maior ou menor. Mas, em tal caso, a pessoa levitada não teria provavelmente consciência de seu ato.

Os adeptos da ciência hermética conhecem tão bem esse princípio que explicam a levitação de seus próprios corpos, quando ela ocorre de modo imprevisto, dizendo que o pensamento está fixado tão intensamente sobre um ponto sobre eles que, quando o corpo está totalmente imbuído de força astral, ele segue a aspiração mental, e eleva-se no espaço tão facilmente quanto uma rolha, mantida sob a água, se eleva à superfície quando a sua força ascensional lhe permite fazê-lo. A vertigem que algumas pessoas sentem quando estão à beira de um abismo explica-se pelo mesmo princípio. As crianças que têm pouca ou nenhuma imaginação ativa, e em quem a experiência não teve tempo suficiente para incutir medo, raramente, ou nunca, se atordoam; mas o adulto de um certo temperamento mental, vendo o abismo e pintando em sua fantasia imaginativa as conseqüências da queda, deixa-se levar pela atração da Terra, e *a menos que o encanto da fascinação* seja quebrado, seu corpo lhe seguirá o pensamento até o fundo do precipício.

Que essa vertigem é puramente um caso de temperamento prova-o o fato de que algumas pessoas nunca experimentaram a sensação, e a pesquisa provavelmente revelará que tais pessoas são desprovidas da faculdade imaginativa. Temos um caso em mente - um cavalheiro que, em 1858, tinha tanto sangue frio que horrorizou as testemunhas permanecendo sobre a cimalha do *Arc de Triomple*, em Paris, com os braços cruzados, e os pés semi-elevados sobre a borda; mas, depois, sofrendo de miopia, foi tomado de pânico ao tentar cruzar uma passarela de mais de dois pés e meio de largura, que não oferecia perigo algum. Ele olhava para o chão, dava livre curso à sua imaginação, e cairia se não se sentasse rapidamente.

DEUS GEOMETRIZA DIZ PLATÃO. A ENERGIA MISTERIOZA IRRADIADA DO PONTO ZERO OU LAYA. (L. 2. Pág. 188).

"Prenha-te, diz o alquimista, "às quatro letras do tetragrama dispostas da seguinte maneira: As letras do nome inefável estão aí, embora não possas distingui-las de início. O axioma incomunicável está cabalisticamente nele encerrado, e é isso o que os mestres chamam de mágico." O arcano - as quatro emanações do Âkasa, o princípio de VIDA, que é representado em sua terceira transmutação pelo Sol ardente, o olho do mundo, ou de Osíres, como os egípcios o chamavam. Um olho que vela ternamente a sua filha mais jovem, esposa, e irmã - Ísis, nossa mãe Terra. Vede o que Hermes, o mestre três vezes grande, diz a respeito dela: "Seu pai é o Sol, sua mãe é a Lua". Ele a atrai e acaricia, e então a repele por uma força impulsora. Cabe ao estudante hermético observar seus movimentos, agarrar suas correntes sutis, guiar e dirigi-las com a ajuda do *atanor*, a alavanca de Arquimedes do alquimista. O que é este misterioso *atanor*? Pode o físico dizer-nos - ele que o vê e observa diariamente? Sim, ele o vê; mas compreende ele os caracteres secretamente cifrados traçados por um dedo divino sobre toda concha do mar na profundidade dos oceanos; sobre toda folha que treme na brisa; na estrela brilhante cujas linhas estelares não passam aos seus olhos de linhas mais ou menos luminosas de hidrogênio?



“Deus *geometriza*”, disse Platão. “As leis da Natureza são os pensamentos de Deus”, exclama Oersted, há 2.000 anos. “Seus pensamentos são imutáveis”, repetia o estudante solitário da tradição hermética, “é por isso que devemos procurar a Verdade na harmonia e no equilíbrio perfeito de todas as coisas.” E assim, procedendo da unidade indivisível, ele descobre duas forças contrárias, que emanam dela, cada uma agindo sobre a outra e produzindo o equilíbrio, e as três são apenas uma, a Mônada Eterna Pitagórica. O ponto primordial é um círculo; o círculo, quadrando-se a partir dos quatro pontos cardiais, torna-se quaternário, o quadrado perfeito, tendo em cada um de seus quatro ângulos uma letra do nome místico, o Tetragrama sagrado. São os quatro Buddhas que vieram e passaram; a *Tetraktys* pitagórica - absorvida e transformada pelo único NÃO-SER eterno.

A tradição declara que sobre o cadáver de Hermes, em Hebron, um Isarim, um iniciado, descobriu a tábua conhecida como *Smaragdine*. Ela contém, em algumas sentenças, a essência da sabedoria hermética. Àquele que os lêem apenas com os olhos do corpo, os preceitos nada sugerirão de novo ou extraordinário, pois ela começa simplesmente por dizer que não fala de coisas fictícias, mas do que é verdadeiro e certo.

“O que está embaixo é igual ao que está em cima, e o que está em cima é semelhante ao que está embaixo para realizar os prodígios de uma coisa.

“Assim como todas as coisas foram produzidas pela mediação de um ser, de igual maneira todas as coisas foram produzidas a partir deste *por adaptação*.

“Seu pai é o Sol; sua mãe é a Lua.

“É a causa de toda perfeição por toda a Terra.

“Seu poder é perfeito, *se ela se transforma em terra*.

“Separai a terra do fogo, o sutil do grosseiro, agindo com prudência e bom senso.

“Subi com a maior sagacidade da Terra ao céu, e então descei novamente à Terra, e reuni o poder das coisas inferiores e superiores; possuireis assim a luz de todo o mundo, e toda obscuridade afastar-se-á de vós.

“Essa coisa tem mais força do que a própria força, porque *ela dominará toda coisa sutil e penetrará toda coisa sólida*.

“Por ela foi o mundo formado (...).”

Essa coisa misteriosa é o agente universal, mágico, a Luz Astral, que, pela correlação de suas forças, fornece o alkahest, a pedra filosofal, e o elixir da vida a filosofia hermética chama-o *Azoth*, a alma do mundo, a virgem celeste, o grande Magnes, etc., etc. A ciência física conhece-a como “calor, luz, eletricidade e magnetismo”; mas ignorando as suas propriedades espirituais e o poder oculto contido no éter, rejeita tudo que ignora. Ela explica e retrata as formas cristalinas dos flocos de neve, suas modificações de um prisma hexagonal que produz uma infinidade de agulhas delicadas. Ela as estudou tão perfeitamente que calculou, com a mais extraordinária exatidão matemática, que todas essas agulhas divergem uma das outras por um ângulo de 60°. Pode ela dizer-nos a causa dessa “infinita variedade de formas estranhas”, cada uma das quais é um si uma figura geométrica perfeita? Essas corolas congeladas, semelhantes a estrelas e flores, podem ser, ao que supõe a ciência materialista, uma chuva de mensagens derramadas por mãos espirituais dos mundos superiores para os olhos espirituais inferiores lerem.

A cruz filosófica, as duas linhas que correm em direção opostas, a horizontal e a perpendicular, a altura e a largura, que a Divindade geometrizar divide um ponto de interseção, e que forma tanto o quaternário mágico quanto o científico, quando é inscrito no quadrado perfeito, é a base do ocultista. Em seu recinto místico repousa a chave mestra que abra a porta de toda ciência, tanto física como espiritual. Ela simboliza nossa existência humana, pois o círculo da vida circunscreve os quatro pontos da cruz, que representa sucessivamente o nascimento, a vida, a morte e a IMORTALIDADE. Tudo neste mundo é uma trindade completada pelo quaternário, e todo elemento é divisível segundo este mesmo princípio. A Filosofia pode dividir o homem *ad infinitum*, assim como a ciência física dividiu os quatro elementos primeiros e principais em várias dezenas de outros; ela não conseguirá modificar nenhum. Nascimento, vida e morte serão uma trindade completa apenas ao fim do ciclo. Mesmo que a ciência consiga modificar a imortalidade desejada em aniquilação, ela sempre será um quaternário, pois Deus “geometriza”!

É um axioma hermético o de que “a causa do esplendor e da variedade das cores mergulha profundamente nas afinidades da Natureza; existe uma aliança singular e misteriosa entre as cores e sons”. Os cabalistas põem a sua “natureza média” em relação direta com a Luz; e o raio verdade ocupa o ponto central entre outros, sendo colocado no meio do espectro. Os sacerdotes egípcios cantavam as *sete vogais* com um

hino dirigido a Serapis; e ao som da *sétima* vogal, e ao “sétimo raio” do Sol levante, a estátua de Memnon respondia. As recentes descobertas demonstram as maravilhosas propriedades da luz azul-violeta - o *sétimo* raio do espectro prismático, quimicamente o mais poderoso de todos, que corresponde à nota mais alta da escala musical. A teoria Rosa-cruz de que todo o universo é um instrumento musical é a doutrina pitagórica da música das esferas. Os sons e as cores são números espirituais; assim como os sete raios prismáticos procedem de um ponto do céu, do mesmo modo os sete poderes da Natureza, cada um deles um número, são as sete radiações da Unidade, o Sol espiritual central.

“Feliz aquele que compreende os números espirituais e que percebe a sua poderosa influência!”, exclama Platão. E feliz, podemos acrescentar, aquele que, percorrendo o labirinto da correlação de forças, não esquece de remontá-las ao Sol invisível!

CAPÍTULO XIV

SABEDORIA EGÍPCIA

A ORIGEM DOS EGÍPCIOS. (L. 2 pág. 192).

Como se deu o Egito a conhecer? Quando rompeu a aurora daquela civilização, cuja perfeição assombrosa é sugerida pelas peças e fragmentos que os arqueólogos nos fornecem? Ai de nós! os lábios de Memnon estão selados e não mais emitem oráculos; a Esfinge tornou-se, com sua mudez, uma charada maior do que o enigma proposto a Édipo.

O que o Egito ensinou a outros, ele certamente não o conseguiu pelo intercâmbio de idéias e de descobertas com os seus vizinhos semitas, nem deles recebeu estímulo. “Quanto mais aprendemos dos egípcios”, observa o autor de um artigo recente, “mais maravilhoso eles parecem ser!” De quem teria o Egito aprendido as suas artes assombrosas, cujos segredos morreram com ele? Ele não enviou agentes a todas as partes do mundo para aprender o que os outros sabiam; mas os sábios das nações vizinhas recorreram a ele para lograr o conhecimento. Encerrando-se orgulhosamente em seu domínio encantado, a formosa rainha do deserto criou maravilhas como que por artes de uma varinha mágica. “Nada”, “prova que a civilização e o conhecimento nasceram e prosperaram como ele como no caso de outros povos, mas tudo parece aplicar-se com a mesma perfeição, *às datas mais antigas*.”

Tão longe quanto possamos retroceder na História, até o reino de Menes, o mais antigo dos reis sobre o qual conhecemos alguma coisa, encontramos provas de que os egípcios estavam mais familiarizados com a Hidrostática e com a Engenharia Hidráulica do que nós próprios. A obra gigantesca de inverter o curso do Nilo - ou antes, do principal dos seus braços - e de levá-lo a Mênfis foi realizada durante o reinado desse monarca, que nos parece tão distanciado no abismo do tempo quanto uma estrela que brilha no ponto mais longínquo da abóbada celeste. Diz Wilkinson: “Menes calculou exatamente a resistência que era preciso vencer e construiu um dique cujas barreiras grandiosas e aterros enormes levaram a água para a direção leste e desde aquela época o rio está contido no seu novo leito”. Heródoto deixou-nos uma descrição poética mas precisa do lago Moeris, que leva o nome do Faraó que obrigou que este lençol artificial se formasse.

O historiador, na sua descrição, afirma que esse lago média cerca de 724.000 metros de circunferência e 90 de profundidade. Era alimentado, através de canais artificiais, pelo Nilo e servia para reservar uma parte do transbordamento anual para irrigação das terras que se situavam muitas milhas ao seu redor. Os seus portões, as suas represas e as suas eclusas contra enchentes e os mecanismos apropriados foram construídos com a maior habilidade.

AS PUNJANTES OBRAS DE ENGENHARIA EGÍPCIA. (L. 2. pág. 200).

Se voltarmos agora para a arquitetura, veremos passar diante de nossos olhos maravilhas indescritíveis. Referindo-se aos templos de Philae, Abu Simbel, Dendera, Edfu e Karnak, o Prof. Carpenter observa que “essas construções estupendas e belas (...) essa pirâmides e esses templos gigantescos” têm “uma vastidão e uma beleza” que “ainda impressionam após o lapso de muitos milhares de anos”. Ele está assombrado com “o caráter admirável do acabamento da obra; as pedras, em muitos casos, foram assentadas com uma exatidão tão surpreendente, que dificilmente uma faca poderia infiltrar-se entre as juntas”. Observou em sua peregrinação arqueológica diletante uma daquelas “curiosas coincidências” que Sua Santidade, o Papa, acharia interessante de estudo. Ele está falando do *Livro dos mortos* egípcio, esculpido sobre os velhos monumentos, e da crença antiga na imortalidade da alma. “Ora, é mais extraordinário”, diz o professor, “notar que não só esta crença, mas também a linguagem em que ela era expressa à época do Egito antigo, antecipou a da revelação cristã. Pois nesse *Livro dos mortos* são utilizadas frases que encontramos no *Novo Testamento* em relação ao do Juízo Final; e ele admite que este hierograma foi “gravado, provavelmente, 2.000 anos antes da Era de Cristo.”

De acordo com Bunsen, de quem se diz ter feito os cálculos mais perfeitos, a massa de alvenaria da pirâmide de Quéops mede 8.651.655 metros e pesaria 6.316.000 toneladas. A quantidade imensa de pedras quadradas mostra-nos a habilidade sem paralelo dos pedreiros egípcios. Falando da grande pirâmide, Kenrick diz: “As juntas são mal perceptíveis, não mais largas do que a espessura da folha de papel prateado e o cimento é tão retentivo, que fragmentos de pedras do revestimento continuam na sua posição original, apesar do lapso de muitos séculos e da violência com que elas foram retiradas”.

“A habilidade dos antigos pedreiros”, diz Bunsen, “revela-se acentuadamente na extração de blocos gigantes, dos quais foram cortados obeliscos e estátuas colossais - obeliscos de cerca de 27 metros de altura e estátuas de aproximadamente 20 metros, feitos de uma pedra!” Há muito mais. Eles não dinamitavam os blocos para esses monumentos, mas adotaram o seguinte método científico: em vez de usar grandes cunhas de ferro, que poderiam ter rachado a pedra, “eles cavaram um pequeno sulco por toda a extensão de, talvez, 30 metros, e aí inseriam, próximas umas das outras, um grande número de estacas de madeira seca, depois, despejavam água no sulco e as cunhas, inchando e estourando simultaneamente, com uma força tremenda, rompiam a pedra gigantesca, simplesmente como um diamante corta um vidro”.

Os geógrafos e os geólogos modernos demonstraram que esse monólito foram trazidos de uma distância prodigiosa e ficaram confusos nas suas conjecturas sobre como o transporte teria sido efetuado. Os velhos manuscritos dizem que isso foi feito com a ajuda de trilhos portáteis. Estes repousavam sobre bolsas infladas feitas de couro tornado indestrutível pelo mesmo processo usado para preservar as múmias. Esses engenhosos colchões de ar evitavam que os trilhos afundassem na areia profunda. Manetho menciona-os e observa que eles eram tão bem-preparados, que poderiam resistir, por muitos séculos, à deterioração.

A data das centenas de pirâmides do vale do Nilo é impossível de ser fixada por qualquer uma das regras da ciência moderna; mas Heródoto informa-nos que cada rei erigiu uma delas para comemorar o seu reino e servir como seu sepulcro. Mas Heródoto não disse tudo, embora ele soubesse que o objetivo *real* da pirâmide era muito diferente daquele que ele atribuiu. Não fossem os seus escrúpulos religiosos, ele teria podido acrescentar que, externamente, ela simbolizava o princípio criativo da Natureza e também ilustrava os princípios de Geometria, Matemática, Astrologia e Astronomia. Internamente, era um templo majestoso, em cujos recessos sombrios eram realizados os mistérios e cujas paredes freqüentemente testemunhavam as cenas de iniciação dos membros da família real. O sarcófago púrpura, que o Prof. Piazza Smyth, Astronomer-Royal novo e da Escócia, reduz à condição de um grande caixote para armazenar cereais, era a *pia batismal* da qual emergia o neófito, que então “nascia de novo” e se tornava um *adepto*.

A ANTIGA NASCIMENTO DOS FARAÓS. (L. 2 pág. 202).

Um dos *Livros de Hermes* afirma que uma das pirâmides repousa sobre uma praia marítima, “cujas ondas arremetem com fúria poderosa contra a sua base”. Isto implica que as características geográficas do país se modificaram e pode indicar que devemos atribuir a esses “celeiros”, “observatórios mágico-astroológico” e “sepulcros reais” um origem que antecedeu o sublevantamento do Saara e de outros desertos. Isto também implicaria uma antiguidade maior do que os poucos milênios de anos tão generosamente atribuídos a elas pelos egiptólogos.

Mas, apesar de tudo, a mão impiedosa do tempo caiu pesadamente sobre os monumentos egípcios que alguns deles teriam caído no esquecimento não fossem os *Livros de Hermes*. Rei após rei e dinastia passaram num cortejo cintilante diante dos olhos de geração sucessivas e suas famas se espalharam pelo globo habitável. O mesmo manto de esquecimento caiu sobre eles e igualmente sobre os seus monumentos, antes que a primeira de nossas autoridades históricas, Heródoto, preservasse, para a posteridade, a lembrança daquela maravilha do mundo, o grande Labirinto. A cronologia bíblica, aceita desde há muito tempo, limitou tanto as mentes não só do clero, mas também de nossos cientistas mal desagrilhoados, que, no tratamento dos restos pré-históricos de diferentes partes do mundo, se pode perceber neles um medo constante de ultrapassar o período de 6.000 anos até agora admitido pela Teologia como a idade do mundo.

Heródoto já mencionou o Labirinto em ruínas; não obstante, a sua admiração pelo gênio dos seus construtores não conheceu limites. Considerou-o muito mais maravilhoso do que as próprias pirâmides e, como testemunha ocular que foi, descreve-o minuciosamente. Os eruditos franceses e prussianos, bem como outros egiptologistas, concordam quanto à sua localização e identificaram as suas nobres ruínas. Além disso, confirmam a narrativa feita pelo velho historiador. Heródoto diz que encontrou ali 3 câmaras, metade ao nível do chão e metade abaixo dele. “As câmaras superiores”, diz ele, “eu mesmo as percorri e examinei em detalhes. Nas subterrâneas [que *devem existir até hoje*, como sabem todos os arqueólogos] os guardas do edifício não me deixaram entrar, pois ele as contém os sepulcros dos reis que construíram o Labirinto e também os dos crocodilos sagrados. As câmaras superiores, eu as vi e examinei com os meus próprios olhos e acho que elas excedem todas as outras obras humanas.” Na tradução de Rawlinson, Heródoto diz: “As passagens entre as casas e o meandro variados dos caminhos entre os pátios excitavam em mim uma admiração infinita à medida que eu passava dos pátios para as câmaras e dali para as colunatas, e das colunatas para outras casas, e novamente para casas não vistas anteriormente; todos pátio estavam circundados de claustros com colunatas de pedras brancas, e esculpidas também primorosamente. No ângulo

do Labirinto há uma pirâmide de 72 metros de altura, com grandes figuras esculpidas, na qual se entra por uma vasta passagem subterrânea”.

O PODER DE ÍSIS PARA CURAR DOENÇAS. - A DOCTRINA DE PITÁGORAS. (L. 2. pág. 211).

Diodoro, em sua obra sobre os egípcios, diz que Ísis era digna da imortalidade, pois todos as nações da Terra testemunham o poder dessa deusa para curar doenças por meio da sua influência. “Isto está provado”, diz ele, “não por fábulas, como entre os gregos, mas por fatos autênticos.” Galeno recorda muitos meios terapêuticos que eram conservados nos templos, nas alas específicas para as curas. Menciona também um remédio universal que em seu tempo era chamado de *Ísis*.



As doutrinas de muitos filósofos gregos, que foram instruídos no Egito, demonstram a sua profunda erudição. Orfeu, que, segundo Artepano, era discípulo de Moisés, e Pitágoras, Heródoto e Platão devem a sua filosofia aos mesmos templos em que o sábio Solon foi instruído pelos sacerdotes. “Aristides relata”, diz Plínio, “que as letras foram inventadas no Egito por uma pessoa cujo nome era Menos, quinze mil anos antes de Phoroneus, o mais antigo rei da Grécia.” Jablonski prova que o sistema heliocêntrico, assim como a esfericidade da Terra, eram conhecidas pelos sacerdotes do Egito desde tempos imemoriais. “Essa teoria”, acrescenta, “Pitágoras tomou-a dos egípcios, que a receberam dos brâmanes da Índia.” Fénelon, o ilustre arcebispo de Cambrai, em suas *Lives of the Ancient Philosophers*, dá crédito a Pitágoras e ao seu conhecimento e diz que, além de ensinar os seus discípulos que, dado que a Terra era redonda, os antípodas deviam ser uma realidade, uma vez que ela era totalmente

habitada, este grande matemático foi o primeiro a descobrir que as estrelas da manhã e da tarde eram a mesma estrela. Se considerarmos, agora, que Pitágoras viveu aproximadamente 700 anos a.C., por volta da décima-sexta olimpíada, e ensinou este fato num período tão longínquo, devemos acreditar que ele já era conhecido por outros antes dele. As obras de Aristóteles, Diógenes e Laércio e muitos outros em que se menciona Pitágoras demonstram que ele havia aprendido dos egípcios algo da obliquidade da elíptica, da composição estrelada da Via-Láctea e da luz emprestada da Lua.

Wilkinson, corroborado posteriormente por outros, diz que os egípcios dividiam o tempo, conheciam a verdadeira extensão do ano e a precessão dos equinócios. Registrando o surgimento e o desaparecimento dos astros, eles compreenderam as influências particulares que procedem das posições e das conjunções de todos os corpos celestiais e, por conseguinte, os seus sacerdotes, profetizando mudanças meteorológicas tão exatamente quanto os nosso astrônomos modernos, podiam, ademais astrologizar através dos movimentos astrais. Embora o solene e eloqüente Cícero possa estar parcialmente certo em sua indignação contra os exageros dos sacerdotes babilônicos, que “afirmam que preservaram em monumentos observações astronômicas que se estendem por um intervalo de 470.000 anos”. Ainda assim, o período em que a Astronomia chegou à sua perfeição com os antigos está *além* do alcance do cálculo moderno.

Está muito bem demonstrado o fato de que o meridiano verdadeiro foi corretamente determinado antes que a primeira pirâmide fosse construída. Eles possuíam relógios e quadrantes para medir o tempo; o seu côvado era a unidade estabelecida para a medida linear, correspondente a 1,707 pés da medida inglesa; segundo Heródoto, também era conhecida uma unidade de peso, quanto à moeda, possuíam anéis de ouro e de prata valorizados pelo peso; possuíam modalidades decimais e duodecimais de cálculo desde os tempos mais antigos e eram proficientes em álgebra: como poderiam eles, de outra maneira, colocar em operação poderes mecânicos tão imensos, se eles não tivessem compreendido a filosofia daquilo que chamamos de poderes mecânicos?

Também já foi provado que a arte de fazer linho e tecidos finos era um dos ramos do seu conhecimento, pois a *Bíblia* fala disso. José se apresentou ao Faraó com uma veste de linho, uma corrente de ouro e muitas outras coisas. O linho do Egito era famoso em todo o mundo. As múmias eram todas envolvidas nele e o linho continua magnificamente preservado. Plínio fala de uma certa peça de roupa enviada 600 anos antes de Cristo pelo rei Amasis a Lindus: cada fio do tecido era formado de 365 fios menores torcidos juntos. Heródoto nos dá, em sua descrição de Ísis e dos mistérios realizados em sua honra, uma idéia da beleza e da “maciez admirável do linho tecido pelos sacerdotes”. Estes usavam sapatos de papiro e vestimenta de *fino linho*, porque essa deusa foi a primeira que os ensinou a usá-los; e assim, além de serem chamados de *Isiaci*, ou sacerdotes de Ísis, eles eram conhecidos como *Linigera*, ou “os que vestem linho”. Esse linho era fiado e tingido naquelas cores brilhantes e vistosas, cujo segredo está agora entre as artes perdidas.

A PREPARAÇÃO DA MUMIA PELOS EGÍPCIOS. - ELES FABRICAVAM CERVEJA E VINHOS. (L. 2 pág. 216).

Mas é no processo de preparação das múmias que a habilidade desse povo maravilhoso se exemplifica no mais alto grau. Só aqueles que fizeram um estudo especial do assunto podem avaliar a dose de habilidade, de paciência exigida para a realização dessa obra indestrutível, que se efetuava durante meses a fio. Tanto a Química quanto a cirurgia eram chamadas a auxiliar. As múmias, se deixadas ao clima seco do Egito, parecem ser praticamente imperecíveis; e, mesmo quando removidas, após um repouso de milhares de anos, não apresentam sinais de alteração. “O corpo”, diz Heródoto, “era preenchido com mirra, cássia e outras gomas e, depois saturado com natrão (...)”. Seguiu-se, então, o maravilhoso enfaixamento do corpo embalsamado, tão artisticamente executado, que os bandagistas modernos profissionais estão perdidos de admiração para com a sua excelência. Diz o Dr. Granville: “(...) não existe uma única forma de bandagem conhecida pela cirurgia moderna de que não existam exemplos [*melhores e mais hábeis*] nos enfaixamentos das múmias egípcias. As tiras de linho não possuem nenhuma junta e se estendiam por quase 1.000 metros. Não havia um única fratura no corpo humano que não pudesse ser reparada com sucesso pelos médicos sacerdotais daqueles tempos remotos.

O Egito espremia as suas próprias uvas e fazia o seu próprio vinho. Nada de notável nisto, por enquanto, mas ele fermentava a sua própria cerveja, e em grande quantidade - dizem os nossos egiptólogos. O papiro de Ebers prova agora, se, dúvida, que os egípcios usavam a cerveja 2.000 anos antes de Cristo. A sua cerveja deve ter sido forte e excelente - como tudo o que faziam. O vidro era manufaturado em todas as suas variedades. Em muitas das esculturas egípcias encontramos cenas de pessoas soprando vidro e fazendo garrafas; ocasionalmente, durante pesquisas arqueológicas, encontraram-se vidros e cristais, e eles parecem ter sido muito bonitos.

OBRAS MUSICAIS DOS EGÍPCIOS. - O CONHECIMENTO DA MEDICINA. (L. 2, pg. 220).

Da mesma maneira, os egípcios mais antigos cultivavam as artes musicais e entendiam bem o efeito da harmonia musical e da sua influência sobre o espírito humano. Podemos encontrar nas esculturas e nas gravuras mais antigas cenas em que músicos tocam vários instrumentos. A música era usada no departamento de cura dos templos para curar distúrbios nervosos. Descobrimos em muitos monumentos homens tocando em conjunto num concerto; o regente marca o tempo com batidas de mãos. Assim, podemos provar que eles compreendiam as leis da harmonia. Possuíam a sua música sagrada, doméstica e militar. A lira, a harpa e a flauta eram usadas em concertos sagrados; para ocasiões festivas tinham a guitarra, a flauta simples ou dupla e as castanholas; para as tropas, e durante o serviço militar, tinham trombetas, tambores e címbalos.

Quanto ao seu conhecimento de Medicina, agora que um dos *Livros de Hermes* foi encontrado e traduzido por Ebers, os egípcios podem falar por si mesmos. As *manipulações curativas* dos sacerdotes - que sabiam como empurrar o sangue para baixo, interromper a circulação por alguns momentos etc. - parecem provar que eles conheciam a circulação do sangue.

Mas os egípcios não foram o único povo de épocas remotas cujas conseqüências os colocam em posição tão dominante aos olhos da posteridade. Ao lado de outros cuja história está atualmente ocultada pelas névoas da Antiguidade - Tais como as raças pré-históricas das duas Américas, de Creta, de Troia, dos Lacustres, do continente submerso da lendária Atlântida, agora alinhada entre os mitos -, os feitos dos fenícios quase os marcaram com o caráter de semideuses.

O GÊNESE BÍBLICO. (L. 2 pág. 230).

Mas a pesquisa moderna demonstrou, com evidência inimpugnável, que todo o quadro genealógico do décimo capítulo do Gênesis refere-se a heróis imaginários e que os versículos finais do nono são pouco mais do que uma parte da alegoria caldaica de Xisuthros e do dilúvio mítico, compilada e organizada para preencher o arcabouço de Noé. Mas supondo que os descendentes desses cananeus, “os malditos”, se indignassem com o ultraje não-merecido. Ser-lhe-ia muito mais fácil virar a mesa e responder a essa indireta, baseados numa *fábula*, como um *fato* provado por arqueólogos e estudiosos da simbologia - a saber, que Seth, o terceiro filho de Adão, o antepassado de todo Israel, o Ancestral de Noé e progenitor do “povo escolhido”, não é outro senão Hermes, o deus da sabedoria, também chamado Thoth, Tat, Seth, e *Sat-an*; e que ele era, além disso, quando considerado sob este aspecto mau, Typhon, o Satã egípcio, que também era *Set*. Para o povo Judeu - cujos homens cultos, como Filo ou Josefo, o historiador, consideram os seus livros mosaicos como uma alegoria - essa descoberta importa muito pouco. Mas para os cristãos, que, como des Mousseaux, muito tola mente aceitam as narrativas da *Bíblia* como história literal, o caso é muito diferente.

Concordamos com esse piedoso escritor no que diz respeito à afiliação; e sentimos a cada dia que passa que alguns dos povos da América Central serão identificados com os fenícios e com os israelitas mosaicos, bem como sentimos também que será provado que estes últimos se dedicaram pertinazmente à

mesma idolatria - se a idolatria existe - do Sol e à adoração da serpente, como os mexicanos. Há provas - provas bíblicas - de que dois dos filhos de Jacó, Levi e Dan, bem como Judá, casaram-se com mulheres cananéias e seguiram os cultos das suas esposas. Naturalmente, todo cristão protestará, mas a prova pode ser encontrada na *Bíblia* traduzida, mutilada como se pode vê-la hoje. Jacó, ao morrer, descreve assim os seus filhos: “Vem a ser Dan”, diz ele, “como uma *serpente* no caminho, uma *cerastes* na vereda, que morde a unha do cavalo para que caia para trás o seu cavaleiro. Eu esperei a tua salvação, Senhor!”. A respeito de Simão e de Levi, o patriarca (ou Israel) observa que eles (...) “são irmãos; instrumentos de *crueldade* estão em suas casas. Ó minha alma, não tome parte *no seu segredo*, não participe da *sua assembléia*” (Gênese, XLIX, 17-8 e 5-6). Bem, no original, as palavras “seu segredo” lêem-se O seu SOD. E *SOD* era o nome dos grandes mistérios de Baal, Adonais e Baco, que eram todos eles deuses do Sol e tinham serpentes como símbolos. Os cabalistas explicam a alegoria das serpentes ferozes dizendo que esse era o nome dado à tribo de Levi, a todos os *levitas* em suma, e que Moisés era o chefe dos *Sodales*. E este é o momento de provarmos nossas afirmações.

Moisés é mencionado por muitos historiadores antigos como um sacerdote egípcio; Manetho diz que ele era um Hierofante de Hierópolis e um sacerdote do culto do deus do Sol Osíris e que o seu nome era Osarsiph. Os historiadores modernos, que aceitam o fato de que ele “aprendera *toda* a sabedoria” dos egípcios, também devem submeter à interpretação correta da palavra sabedoria aquilo que se conhecia em todo o mundo como um sinônimo de *iniciação* nos mistérios sagrados dos *magos*. Nunca acometeu o leitor da *Bíblia* a idéia de que um estranho nascido em seu país e levado a um país estrangeiro *não pudesse ser e não fosse admitido* - não queremos dizer à iniciação final, o mistério maior de todos, mas pelo menos a partilhar do conhecimento do sacerdócio menor, ao qual pertenciam os mistérios *menores*? No *Gênese*, XLII, 32, lemos que nenhum egípcio podia sentar-se para comer pão com os irmãos de José, “pois isso é uma abominação para os egípcios”. Mas que os egípcios comeram “com ele (José) servidos à parte”. Isso prova duas coisas: 1º) que José, o que quer que tivesse no coração, havia, em aparência pelo menos, mudado a sua religião, casado com a filha de um sacerdote da nação “idólatra” e se tornado ele próprio um egípcio; de outra maneira, os nativos não teriam comido pão com ele. E 2º) que Moisés, posteriormente, se não fosse um egípcio de nascimento, tornou-se ao ser admitido no sacerdócio e, assim, era um SODALE. Por indução, a narrativa da “serpente de bronze” (o caduceu de Mercúrio ou Asclépio, o filho do deus Sol Apolo-Pítón) tornou-se lógica e natural. Devemos ter em mente que a filha do Faraó, que salvou Moisés e o adotou, é chamada por Josefo de *Thermethis*; e que este, segundo Wilkinson, é o nome da *áspide* consagrado a Ísis; além disso, diz-se que Moisés descende da tribo de *Levi*.

A IDENTIDADE DOS RITOS ANTIGOS. OS QUATRO ANCESTRAIS DA RAÇA HUMANA. (L. 2. pág. 232).

A identidade perfeita dos ritos, das cerimônias e das tradições, e mesmo dos nomes das divindades, entre os mexicanos e os babilônios e os egípcios antigos, é uma prova suficiente de que a América do Sul foi povoada por uma colônia que abriu caminho misteriosamente através do Atlântico. Quando? Em que período? A História silencia-se a esse respeito; mas aqueles que consideram que não existe tradição, santificada pelos séculos, que não tenha um determinado sedimento de verdade no seu centro, acreditam na lenda da *Atlântida*. Há, espalhado pelo mundo, um punhado de estudiosos refletidos e solitários que passam as suas vidas na obscuridade, longe dos rumos do mundo, estudando os grandes problemas dos universos físico e espiritual. Eles têm os seus registros secretos em que estão preservados os frutos dos labores escolásticos da longa linha de reclusos de que eles são os sucessores. O conhecimento dos seus ancestrais primitivos, os sábios da Índia, da Babilônia, de Nínive e da Tebas imperial; as lendas e as tradições comentadas pelos mestres de Solon, de Pitágoras e de Platão, nos saguões de mármore de Heliópolis e de Saís; tradições que, em sua época, já pareciam brilhar com luz vacilante por entre a cortina de fumaça do passado - tudo isso, e muito mais, está registrado num pergaminho indestrutível e passado com cuidado ciumento de um adepto a outro. Esses homens acreditam que a história da Atlântida não é uma fábula, mas argumentam que em épocas diferentes do passado ilhas imensas, e até continentes, existiram onde agora está um selvagem ermo de águas. Nos seus templos e bibliotecas submersos um arqueólogo encontraria, pudesse ele explorá-los, material suficiente para preencher as lacunas que agora existem naquilo que ele imagina ser a *história*. Eles dizem que numa época remota um viajante poderia atravessar o que é agora o Oceano Atlântico, apesar da distância que separa as terras, cruzando com barcos e de lado a outro por estreitos apertados que então existiam.

A nossa suspeita quanto ao relacionamento entre as raças cisatlânticas e transatlânticas é fortalecida pela leitura das maravilhas executadas por Quetzalcohuatl, o mágico mexicano. O seu cetro deve estar intimamente relacionado ao tradicional bastão de safira de Moisés, bastão que floresceu no jardim de Raquel-

Jethro, seu sogro, e sobre o qual estava gravado o nome inefável. Os “quatro homens” descritos como os quatro ancestrais reais da raça humana - “que não foram gerados pelos deuses, nem nascidos de mulher”, mas cuja “criação foi uma maravilha realizada pelo Criador”, e que foram feitos depois que falharam três tentativas de manufatura de homens - apresentam igualmente alguns pontos extraordinários de similaridade com as explanações exotéricas dos herméticos; eles também lembram inegavelmente os quatro filhos do Deus da teogonia egípcia. Além disso, como se poderia inferir, a semelhança desse mito com a narrativa relatada no *Gênese* parecerá evidente mesmo para um observador superficial. Esses quatro ancestrais “podiam raciocinar e falar, sua intuição era ilimitada e conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Quando eles renderam graças ao seu Criador por suas existências, *os deuses se assustaram* e sopraram sobre os olhos dos homens uma nuvem que só podiam ver a certa distância e não eram *os próprios deuses*”. Isso nos leva diretamente ao versículo do *Gênese* [III, 22]: “Veja! *o homem se tornou como um de nós* para conhecer o bem e o mal; e agora, que ofereça a sua mão, e tome também da árvore da vida”, etc. E, novamente, “enquanto *eles dormiam* Deus lhes deu esposas”, etc.

“Os quatro ancestrais da raça”, acrescenta Max Müller, “parecem ter tido uma vida longa, e quando, finalmente, morreram, eles desapareceram de maneira misteriosa e legaram aos seus filhos o que se chama de *Majestade Oculta*, que nunca devia ser revelada por mãos humanas. Não sabemos o que fosse isso.”

Se não existe nenhum relacionamento entre essa “Majestade Oculta” e a glória oculta da *Cabala* caldaica, de que se diz ter sido deixada por trás por Henoc quando este foi convertido de maneira tão misteriosa, então não devemos acreditar em nenhuma prova circunstancial. Mas não seria possível que esses “quatro ancestrais” da raça quíchua tipicamente em seu sentido esotérico os quatro progenitores sucessivos dos homens, mencionados no *Gênese*, I, II e VI? No primeiro capítulo, o primeiro homem é bissexual - “macho e fêmea os criou” - e corresponde às divindades herméticas das mitologias posteriores; o segundo, Adão, feito da “poeira do chão” e unissexual, corresponde aos “filhos de Deus” do cap. VI; o terceiro, os gigantes, ou *Nephilim*, que são apenas sugeridos na *Bíblia*, mas extensamente explicados em outro lugar; o quarto, os pais dos homens “cujas filhas eram louras”.

O DIABO É SOMBRA DE DEUS. (L. 2. pág. 234).

“Existe apenas uma luz e existe apenas uma escuridão” diz o provérbio siamês. *Daemon est Deus inversus*, o Diabo é a sombra de Deus, afirma o axioma cabalístico universal. A luz poderia existir se não fosse pela escuridão primordial? E o brilhante universo ensolarado não estirou pela primeira vez os seus braços infantis a partir dos cueiros da escuridão e do caos lúgubre? Se a “plenitude d’Aquele que preenche tudo em todos” do Cristianismo é uma revelação, devemos então admitir que, se existe um diabo, ele deve ser incluído nesta plenitude e ser uma parte daquilo que “preenche tudo em todos”. Desde tempos imemoriais, foi tentada a justificação da Divindade e a Sua separação do mal existente, e o objetivo foi alcançado pela Filosofia Oriental antiga com a fundação da *theodikê*; mas as suas idéias metafísicas sobre o *espírito caído* nunca foram desfiguradas pela criação duma personalidade antropomórfica do Diabo, como foi feito posteriormente pelas luzes diretoras da teologia cristã. Um demônio pessoal, que se opõe à Divindade e impede o progresso no seu caminho em direção à perfeição, só deve ser buscado na Terra no seio da Humanidade, não no céu.

É assim que todos os movimentos religiosos da Antiguidade, sem distinção de país ou clima, são a expressão dos mesmos pensamentos idênticos, cuja chave está na doutrina esotérica. Seria útil, sem estudar esta última, procurar confundir os mistérios ocultados durante séculos nos templos e nas ruínas do Egito e da Assíria, ou nos da América Central, da Colúmbia Britânica ou de Nagkon-Vat, no Camboja. Se cada um deles foi construído por uma nação diferente e se nem essa nação manteve relações com as outras durante séculos - também é certo que todos eles foram planejados e construídos sob a supervisão dos sacerdotes. E o clero de cada nação, embora praticasse ritos e cerimônias que podem ter diferido externamente, foi evidentemente iniciado nos mesmos mistérios tradicionais que foram ensinados em todo o mundo.

Desafiando a mão do Tempo, a vã pesquisa da ciência profana e os insultos das religiões reveladas desvendarão os seus enigmas a apenas alguns dos legatários daqueles aos quais foi confiado o MISTÉRIO. Os lábios frios e pétreos da uma vez oral Memnon e daquelas esfinges intrépidas mantêm os seus segredos bem guardados. Quem os deslacrará? Qual dos nossos anões materialistas modernos e dos nossos saduceus incrédulos ousará erguer o VÉU DE ÍSIS?

CAPÍTULO XV

ÍNDIA O BERÇO DE UMA RAÇA

A DOCTRINA SECRETA. (L. 2 pág. 249).

A "doutrina secreta" foi por muitos séculos semelhantes ao "homem das aflições" a que alude o profeta Isaías. "Quem acreditou em nossas palavras?", repetiram os seus mártires de geração em geração. A doutrina desenvolveu-se diante de seus perseguidores "como uma tenra planta ou como uma raiz plantada em solo árido; ela não tem forma, nem atrativos (...) é desprezada e rejeitada pelos homens; e eles lhe viram os rostos... Eles não a estimam".

Temos apenas que ignorar a sua letra que mata e agarra o espírito sutil de sua sabedoria oculta para descobrir dissimuladas nos *Livros de Hermes* - sejam eles o modelo ou a cópia de todos os outros - as evidências da verdade e da filosofia que sentimos que *deve* basear-se nas leis eternas. Compreendemos instintivamente que, por mais finitos que sejam os poderes do homem enquanto este ainda está encarnado, eles devem estar em estreita relação com os atributos de uma Divindade infinita; e tornamo-nos capazes de apreciar melhor o sentido oculto do dom prodigalizado pelos *Elohim a Adão*: "Vê, eu te dei tudo que está sobre a face da Terra (...) *subjuga-os* e "exerce teu poder" SOBRE TUDO.

OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO GÊNESE. (L. pág. 250).

Tivessem as alegorias contidas nos primeiros capítulos do *Gênese* sido mais bem-compreendidas, mesmo em seu sentido geográfico e histórico, que nada implica de esotérico, as pretensões de seus verdadeiros intérpretes, os cabalistas, dificilmente teriam sido rejeitadas por tanto tempo. Todo estudioso da Bíblia deve saber que o primeiro e o segundo capítulo do *Gênese* não podem ter saído da mesma pena. Ambos são evidentemente alegorias e parábolas, pois as duas narrativas da criação e povoamento de nossa Terra contradizem-se diametralmente em todos os detalhes de ordem, tempo, lugar e método empregados na chamada criação. Aceitamos as narrativas literalmente, e como um todo, rebaixamos a dignidade da Divindade desconhecida. Fazemo-la descer ao nível dos homens, e dotamo-la da personalidade peculiar do homem, que precisa do "frescor do dia" para refrescar-se; que descansa de suas tarefas; e que é capaz de raiva, vingança, e mesmo de tomar precauções contra o homem, "para que ele não estenda os braços e colha também da árvore da vida". (Uma tácida admissão da Divindade, diga-se de passagem, de que o homem *poderia fazê-lo*, se não fosse impedido simplesmente pela força.) Mas, reconhecendo a nuance alegórica da descrição do que se pode chamar de fatos históricos, colocamos imediatamente os nossos pés em terra firme.

Para começar - o jardim do Éden, enquanto localidade, não é de todo mito; ele pertence a esses marcos da história que revelam ocasionalmente ao estudante que a Bíblia não é inteiramente uma mera alegoria. "Éden, ou o hebraico, GAN-EDEN, que significa o parque ou o jardim do Éden, é um nome arcaico do país banhado pelo Eufrates e por muitos de seus afluentes, da Ásia e da Armênia ao Mar da Eritreia." No *Livro dos números* caldeu, a sua localização é designada por números; e no manuscrito Rosa-cruz cifrado, deixado pelo Conde St. Germain, ele é descrito por completo. Nas Tábuas assírias, é traduzido por *Gan-Dunâs* (corrigido para Kar-Dunâs). "Vede", diz o *Elohim* da *Gênese*, "o homem tornou-se como um de nós." Pode-se aceitar os *Elohim* num sentido como *deuses* ou poderes, e tomá-los em outro caso como *Aleim*, ou sacerdotes; os hierofantes iniciados no bem e no mal deste mundo; pois havia um colégio de sacerdotes chamado *Aleim*, e o chefe de sua casta, ou chefe dos hierofantes, era conhecido como *Yava-Aleim*. Ao invés de tornar-se um neófito, e olhar gradualmente o seu conhecimento esotérico por meio de uma iniciação regular, um *Adão*, ou homem, utiliza as suas faculdades intuitivas, e, induzido pela Serpente - a *Mulher* e a matéria - prova da Árvore da Sabedoria - a doutrina esotérica ou secreta - de modo ilegal. Os sacerdotes de Hércules, ou MEL-KARTH, O "Senhor" do Éden, trajavam "túnicas de pele". O texto diz: "E *Yava-Aleim* fez para Adão e sua mulher, KOTHNOTH OR" (*Gênese*, III, 21). A primeira palavra hebraica, *chitun*, é o grego, *chiton*. Ela se tornou uma palavra eslava por adoção da Bíblia, e significa uma *túnica*, uma vestimenta exterior.

Embora continha o mesmo substrato de verdade esotérica que todas as outras cosmogonias primitivas, a Escrita hebraica traz em si as marcas de sua dupla origem. Seu *Gênese* é simplesmente uma reminiscência do cativeiro babilônico. Os nomes de lugares, homens e mesmo de objetos podem ser traçados desde o texto original dos caldeus e dos acádios, seus progenitores e instrutores arianos. Contesta-se energeticamente que as tribos da Caldéia, Babilônia e Assíria fossem de algum modo apresentadas aos

brâmanes do Indostão; mas há mais provas a favor dessa opinião do que o contrário. Os semitas ou os assírios poderiam, talvez, chamar-se turânios, e os mongóis denomina-se citas. Mas se os acádios nunca existiram a não ser na imaginação de alguns filósofos e etnólogos, eles jamais seriam uma tribo turaniana, como alguns assiriólogos esforçaram-se por nos convencer. Eram simplesmente imigrantes a caminho da Ásia Menor, proveniente da Índia, o berço da Humanidade, e seus adeptos sacerdotes demoravam-se a separar e iniciar um povo bárbaro. Halévy provou a falácia da mania turaniana, no que concerne ao povo acádio, cujo nome já foi alterado dezenas de vezes; e outros cientistas provaram que a civilização babilônica não nasceu nem se desenvolveu naquela região. Foi importada da Índia, e os importadores foram os hindus bramânicos.

Assim, enquanto o primeiro, o segundo e o terceiro capítulo do *Gênesis* não passam de imitações desfiguradas de outras cosmogonias, o quarto capítulo, a partir do décimo sexto versículo até o final do quinto capítulo, fornece fatos puramente históricos, embora estes nunca tenham sido corretamente interpretados. Foram colhidos, palavras por palavras, do *Livro dos números* secreto da Grande Cabala Oriental. A partir do nascimento de Henoc, o primeiro pai reconhecido da franco-maçonaria, inicia-se a genealogia das chamadas famílias turanianas, arianas e semitas, se essas denominações estão corretas. Toda mulher é uma terra ou cidade evemerizada; todo homem é patriarca, uma raça, um ramo ou uma subdivisão de uma raça. As mulheres de Lamech dão a chave do enigma, que um bom erudito poderia facilmente decifrar, mesmo sem ter estudado as ciências esotéricas. “E Ad-ah gerou Jabal: ele foi o pai dos que viveram em tendas, e dos que têm gado”, a raça ariana nômade; “(...) e seu irmão era Jubal, que foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão; (...) e Zillah gerou Tatal-Cain, que ensinou aos homens como forjar o cobre e o ferro”, etc. Toda palavra tem um significado; mas não é uma revelação. É simplesmente uma compilação dos fatos mais históricos, embora a História esteja muito perplexa a esse respeito para saber como reivindicá-los. É do Euxino à Caximira, e além, que devemos procurar o braço da Humanidade, e dos filhos de Ad-ah; e deixar o jardim particular do Ed-en sobre o Eufrates aos colegas dos misteriosos astrólogos e magos, os Aleim. Não estranhemos que o vidente do norte, Swedenborg, recomende às pessoas procurarem a PALAVRA PERDIDA entre os hierofantes da Tartária, da China e do Tibete; pois é lá, e somente lá que ela hoje se encontra, embora a descobrimos inscrita sobre os monumentos das mais antigas dinastias do Egito.

A grandiosa poesia dos quatro *Vedas*; o *Livro de Hermes*; o *Livro dos números* caldeus; o *Códex nazareno*; a *Cabala* dos Tanaím; a *Sepher Yetzirah*; o *Livro da Sabedoria de Shlômôh* (Salomão); o tratado secreto sobre *Mukta e Baddha*, atribuído pelos cabalistas budistas a Kapila, o fundador do sistema Sânkhyâ; os *Brâmanas*, o *Bstan-hgyur* dos tibetanos; todos esses livros têm a mesma base. Variando apenas as alegorias, eles ensinam a mesma doutrina secreta que, uma vez completamente expurgada, provará ser a *Ultima Thule* da verdadeira filosofia, e revelará o que é essa PALAVRA PERDIDA.

A ÍNDIA ANTIGA.(L. 2, pág. 256).

Muitos são os eruditos que tentaram, com a sua melhor habilidade, fazer justiça à Índia antiga. Colebrooke, Sir William Jones, Barthelémy St.-Hilaire, Lassen, Weber, Strange, Burnouf, Hardy e finalmente Jacolliot, todos testemunharam as suas realizações na legislação, na ética, na filosofia e na religião. Nenhum povo do mundo jamais atingiu a grandeza de pensamento nas concepções ideais da Divindade e de sua prole, o HOMEM, do que os metafísicos e teólogos sânscritos. "Minhas queixas contra muitos tradutores e orientalistas", diz Jacolliot, "embora admire o seu profundo conhecimento, é que, não tenho vivido na Índia, faltam-lhes a justeza de expressão e a compreensão do sentido simbólico dos cantos poéticos, das orações e das cerimônias; incorrendo eles não raro em erros materiais, seja de tradução ou de julgamento".

Que é a Índia, o país menos explorado, e menos conhecido do que qualquer outro, a que todas as outras grandes nações do mundo devem as suas línguas, as suas artes, as suas ideologias e a sua civilização. O progresso dessa nação, que se estagnou séculos antes de nossa era, até paralisar-se por completo nas seguintes; mas em sua literatura achamos a prova irrefutável de suas passadas glórias. Se não fosse tão espinhoso o estudo do sânscrito, por certo se despertaria a inclinação pela literatura indiana, comparavelmente mais rica e copiosa que nenhuma outra. Até agora, o público em geral, em busca de informações, teve que contar com uns poucos eruditos que, não obstante a sua grande sabedoria e fidedignidade, não estão à altura de traduzir e comentar mais do que uns poucos livros extraídos do número quase incontável de obras que, não obstante o vandalismo dos missionários, ainda restaram para mostrar o poderoso volume da literatura sânscrita. E para cumprir tal tarefa requerer-se-ia o trabalho de toda a vida de um europeu. Eis por que as pessoas julgam apressadamente, e cometem com freqüência os erros mais crassos.

É com na força de evidências circunstanciais - a da razão e a da lógica - que afirmamos que, se o Egito deu à Grécia a sua civilização, e esta levou a Roma, o próprio Egito recebeu, naqueles séculos desconhecidos, quando reinava Menes, suas leis, suas instituições, suas artes e suas ciências da Índia pré-

védica; e que portanto é nessa antiga iniciadora dos sacerdotes - adeptos de todos os outros países - que devemos buscar a chave dos grandes mistérios da Humanidade.

E quando dizemos indiscriminadamente "Índia", não pensamos na Índia de nossos dias modernos; mas na do período arcaico. Nos tempos antigos, alguns países que agora conhecemos por outros nomes chamavam-se todos Índia. Havia uma Índia Alta, uma Baixa e uma Índia Ocidental, que é hoje a Pércia-Irã. Os países que agora se chamam Tibete, Mongólia, e Grande Tartária eram também considerados pelos escritores antigos como Índia.

OS REGISTROS DO GRANDE LIVRO. (L. 2. pág. 262).

Diz a tradição, e explicam os registros do *Grande Livro*, que muito antes da época de Ad-am e de sua curiosa mulher He-va, onde atualmente só se encontram lagos secos e desolados desertos nus, havia uma vasto mar interior, que se estendia sobre a Ásia central, ao norte da soberana cordilheira do Himalaia, e de seus prolongamento ocidental. Uma ilha, que por sua inigualável beleza não tinha rival no mundo, era habitada pelos últimos remanescentes da raça que precede a nossa. Essa raça podia viver com igual facilidade na água, no ar ou no fogo, pois possuía um controle ilimitado sobre os elementos. Eram os "Filhos de Deus"; não aqueles que viram as filhas dos homens, mas os verdadeiros *Elohim*, embora na Cabala oriental eles tenham um outro nome. Foram eles que ensinaram aos homens os segredos mais maravilhosos da Natureza, e lhe revelaram a "palavra" inefável e atualmente *perdida*. Essa palavra, que não é uma palavra, percorreu o globo, e ressoou ainda como um remoto eco no coração de alguns homens privilegiados. Os hierofantes de todos os Colégios Sacerdotais estavam a par da existência dessa ilha, mas a "palavra" era conhecida apenas pelos *Yava-Aleim*, ou mestres principais de todos os colégios; que a passavam ao seu sucessor apenas no instante da morte. Havia vários de tais colégios, e os antigos autores clássicos fazem menção a eles.

Já vimos que é uma das tradições universais aceitas por todos os povos antigo a de que houve muitas raças de homens anteriores às nossas raças atuais. Cada uma delas era muito distinta da precedente; e todas desapareceram quando a seguinte fez a sua aparição. No *Manu* mencionam-se claramente seis de tais raças que teriam se sucedido umas às outras.

A ANTIGÜIDADE DE MANU. - A ATLÂNTIDA, O CONTINENTE PERDIDO. (L. 2. pág. 263).

Desde *Manu-Svayambhuva* (o menor, que corresponde ao Adão Cadmo), que proveio de *Savayambhuva*, ou o Ser que existe por si mesmo, descenderam seis outros *Manus* (homens que simbolizam os progenitores), cada um dos quais deu origem a *uma raça* de homens. (...) Esses *Manus*, todos poderosos, dos quais *Svayambhuva* é o primeiro, produziram e dirigiram cada um, *em seu período - antara -*, este mundo composto de seres moveis e imóveis".

No *Siva-Purâna*, lê-se o seguinte:

“Ó *Siva*, deus do fogo, possas tu destruir meus pecados, como o fogo destrói a grama seca da floresta. É por teu poderoso Alentoque *Âdima* [o primeiro homem] e *Heva* [a perfeição da vida em sânscrito], *os ancestrais dessa raça de homens*, receberam a vida e cobriram o mundo com os seus descendentes”.

Não havia nenhuma comunicação por mar com a ilha, mas passagens subterrâneas conhecidas apenas pelos chefes comunicavam-se com ela em todas as direções. A tradição fala de muitas dessas majestosas ruínas da Índia. *Ellora*, *Elephanta*, e das cavernas de *Ajunta* (cadeia de *Chandon*), que pertenciam outrora a esses colégios, e com as quais se comunicavam subterrâneos. Quem poderá dizer que a *Atlântida* perdida - que é também mencionada no *Livro Secreto*, mas sob um outro nome pronunciado na língua sagrada - não existia naqueles dias? O grande continente perdido não poderia ter-se situado talvez ao sul da Ásia, estendendo-se da Índia à Tasmânia? (É uma estranha coincidência que quando a América foi descoberta pela primeira vez algumas tribos nativas a chamassem de *Atlanta*.) Se a hipótese atualmente tão contestada e positivamente negada por alguns sábios autores que a encaram como uma brincadeira de Platão algum dia se confirmar, estão os cientistas acreditarão talvez que a descrição do continente habitado por deuses não era de todo uma fábula. E eles poderão então compreender que as insinuações veladas de Platão e o fato de ele atribuir a narrativa a Sólon e aos sacerdotes egípcios foram, na verdade, apenas um meio prudente de comunicar o fato ao mundo e combinar habilmente verdade e ficção, de modo a desassociar-se de uma história que as obrigações impostas pela iniciação o proibiam de divulgar.

E como poderia o nome *Atlântida* ter sido inventado por Platão? *Atlântida* não é um nome grego, e sua construção não apresenta elementos gregos. *Brasseur de Bourbourg* tentou demonstrá-lo anos atrás, e *Baldwin*, em *Prehistoric Nations and Ancient América*, cita esse autor, que declara que “as palavras *Atlas e Atlântico* não encontram etimologia satisfatória em qualquer linguagem conhecida na Europa. Eles não são gregos, e não podem ser referidos a qualquer língua conhecida do Mundo Antigo. Mas na língua *Nahualt* (ou

tolteca) encontramos imediatamente o radical *a, atl*, que significa água, guerra, e o alto da cabeça. Dele provém uma série de palavras, como *atlan*, à margem ou no meio da água; da qual temos o adjetivo *Atlântico*. Temos também *atlaca*, combater. (...) Havia uma cidade de nome *Atlan* quando o continente foi descoberto por Colombo, na entrada do golfo de Urabe, em Darien, com um bom porto. Ela reduziu-se atualmente a um *pueblo* [aldeia] pouco importante, de nome Acla.

Não é extraordinário, para dizer o menos, encontrar na América uma cidade conhecida por um nome que contém um elemento puramente local, estranho ademais a qualquer outro país, na pretensa *ficção* de um filósofo do século IV a.C.? O mesmo se pode dizer do nome *América*, que seria mais justo reportar ao Meru, a montanha sagrada no centro dos *sete* continente, de acordo com a tradição hindu, do que a Américo Vespúcio. Aduzimos as seguintes razões em favor de nosso argumento:

1º) *Americ*, *Amerrique* ou *Amerique* é o nome dado na Nicarágua a um planalto ou a uma cadeia de montanhas que se localiza entre Juigalpa e Libertad, na província de Chontales, e que se estendem por um lado ao país dos Índios Carcas, e por outro ao país dos Índios Ramos.

Ic ou *ique*, como sufixo, significa grande, como *cacique*, etc.

Colombo menciona, em sua quarta viagem, a aldeia de *Cariyai*, provavelmente *Caïcai*. A localidade abundava em feiticeiros, ou curandeiros; e situava-se na região da cordilheira da América, a 3.000 pés de altura.

Todavia, ele não faz menção a esse nome.

O nome *América Província* apareceu pela primeira vez num mapa publicado em St. Dié, em 1507 (O livro de Waldseemüller deixou a gráfica a 25 de abril de 1507. No nono capítulo do livro, se lêem: “Mas agora que essas partes do mundo foram amplamente examinadas e uma outra quarta foi descoberta por Americu Vesputiu (ou se verá), não vejo razão para não a chamarmos de América, isto é, terra de Americus, pois Americus é o seu descobridor, homem de muita sagacidade, já que a Europa e Ásia receberam na antigüidade nomes de mulheres”). Até essa data, acreditava-se que a região já fazia parte da Índia. Em 1522, a Nicarágua foi conquistada por Gil Gonzáles de Ávila.

2º) “Os nórdicos, que visitaram o continente no século X, uma costa plana recoberta de espessa floresta”, chamaram-na *Markland, de mark*, floresta. O *r* devia soar de modo vibrante, como em *marrick*. Uma palavra semelhante encontra-se na região do Himalaia, e o nome da Montanha do Mundo, Meru, pronuncia-se em alguns dialetos Meruah, com a letra *h* fortemente aspirada. A idéia principal, contudo, é mostrar como dois povos podem aceitar talvez uma palavra de som semelhante, cada uma utilizando-a em seu próprio sentido, e aplicando-a ao mesmo território.

“É mais plausível”, diz o Prof. Wilder, “que o Estado da América Central, em que descobrimos o nome *Americ* significando [como o Meru hindu, poderemos acrescentar] grande montanha, tendo dado o nome ao continente. Vespúcio utilizaria o seu sobrenome se tivesse a intenção de denominar o continente. Se a teoria do Abade de Bourbourg, que aponta *Atlan* como a raiz de Atlas ou Atlântico, fosse reconhecida, as duas hipóteses poderiam perfeitamente estar em acordo. Como Platão não foi o único autor que tratou de um mundo além das colunas de Hércules, e como o oceano é ainda pouco profundo e apresenta plantas marinhas em toda a parte tropical do Atlântico, não é desrazoado imaginar que esse continente lá se elevava, ou que lá havia um mundo insular próximo. O Pacífico também oferece indicações de ter sido o populoso império insular dos amalios e javaleses - se não um continente entre Norte e Sul. Sabemos que a Lemúria no oceano Índico é o sonho dos cientistas (Lemúria é um nome sugerido por S. L. Sclater, por volta de 1874, para um continente antigo do Oceano Índico que unia Madagascar e a Malásia. O termo foi adotado pelos teósofos para a designação do *habitat* continental da Terceira Raça-Raiz.); e que Saara e a região central da Ásia foram outrora leitos oceânicos.

Para continuar a tradição, devemos acrescentar que a classe dos hierofantes dividia-se em duas categorias distintas: aqueles que eram instruídos pelos “Filhos de Deus” da ilha e eram iniciados na doutrina divina da revelação pura, e aqueles que habitavam a Atlântida perdida - se esse deve ser o seu nome - e que, sendo de outra raça, nasciam com uma visão que abarcava todas as coisas ocultas, e que suplantava tanto a distância quanto os obstáculos materiais. Em suma, eram a quarta raça de homens mencionada no *Popl-Vuch*, cuja visão era ilimitada e que conheciam todas as coisas ao mesmo tempo. Eles eram, talvez, o que hoje chamaríamos de “médiuns de nascença”, que não se esforçavam nem sofriam para obter os seus conhecimentos, nem os adquiriam ao preço de qualquer sacrifício. Assim, enquanto os primeiros caminhavam pela trilha de seus instrutores divinos, adquirindo seus conhecimentos passo a passo, e aprendendo ao mesmo tempo a discernir o bem do mal, os *adeptos* por nascimento da Atlântida seguiam cegamente as insinuações do grande e invisível “Dragão”, o Rei *Thevetat* (a Serpente do *Gênese*?). Thevetat não aprendeu nem adquiriu seus conhecimentos, mas, para emprestar um expressão do Dr. Wilder relativamente à Serpente tentadora, era

uma “espécie de Sócrates que conhecia sem ter sido iniciado”. Assim, sob as malévolas insinuações de seu demônio, Thevetat, a raça Atlântica tornou-se uma nação de *mágicos*, cruéis. Por essa razão, a guerra foi declarada, e a sua história é longa demais para narrar; pode-se encontrar-lhe a essência nas alegorias desfiguradas da raça de Caim, os gigantes, e na de Noé e sua justa família. O conflito chegou ao fim pela submersão da Atlântida; a qual encontra a sua imitação nas histórias do dilúvio babilônico e mosaico: Os gigantes mágicos morreram “(...) assim como toda a carne, e todo homem”. Todos exceto Xisuthrus e Noé, que são substancialmente idênticos ao grande Pai dos *Thlinkithianos* do *Popul-Vuh*, o livro sagrado dos guatemaltecos, que também fala de sua fuga num grande barco, como o Noé Hindu - *Vaivasvata*.

Se acreditamos na tradição, devemos dar crédito à história posterior, segundo a qual as alianças entre os descendentes dos hierofantes da ilha e os descendentes do Noé atlante deram origem a uma raça mista de homens justos e perversos. Por um lado, o mundo tinha seu Henoc, seu Moisés, seu Gautama Buddha, seus numerosos “Salvadores” e grandes hierofantes; por outro, seus “mágicos *por natureza*”, que, devido à falta de freio do poder da própria sabedoria espiritual, e à fragilidade das organizações físicas e mentais, perverteram involuntariamente os seus propósitos perversos. Moisés não tinha uma palavra de censura para os adeptos da profecia e de outros poderes que haviam sido instruídos nos colégios da sabedoria esotérica, mencionados na Bíblia. Suas denúncias reservavam-se àqueles que voluntariamente ou não degradavam os poderes herdados de seus ancestrais atlantes colocando-os a serviço de espíritos maus para dano da Humanidade. Sua cólera despertava contra o espírito de *Ob*, não contra o de *Od*. * *

AS RUINAS QUE COBREM AS DUAS AMÉRICAS. (L. 2 pg. 267).

As ruínas que cobrem as duas Américas, e que se encontram em muitas ilhas das Índias Ocidentais, são todas atribuídas aos atlantes submersos. Assim como os hierofantes do mundo antigo, o qual ao tempo da Atlântida, estava unido ao novo por terra, os mágicos da nação atualmente submersa dispunham de uma rede de passagens subterrâneas que corriam em todas as direções a propósito dessas misteriosas catacumbas, relataremos uma curiosa história que no foi contada por um peruano há muito tempo falecido, durante uma viagem que fazíamos juntos pelo interior de seu país. Deve haver alguma verdade nesse relato, pois ele nos foi confirmado posteriormente por um cavalheiro italiano, que viu o lugar e que, não fosse a falta de meios e de tempo, teria verificado ele mesmo a história, ao menos em parte. O informante italiano foi um velho sacerdote, que se inteirou do segredo durante a confissão de um índio peruano. Poderíamos acrescentar, além disso, que o sacerdote foi compelido a fazer a revelação, já que estava nesse momento sob a influência mesmérica do viajante.

A história concerne aos famosos tesouros do último rei inca. O peruano afirmou que desde o bem-conhecido e miserável assassinato deste rei por Pizarro, o segredo é conhecido por todos os índios, exceto os *mestiços*, que não são confiáveis. Reza o seguinte: O inca fora feito prisioneiro, e sua esposa ofereceu, para libertá-lo, um quarto cheio de ouro, “do chão ao teto, até onde o conquistador pudesse alcançar”, antes do pôr-do Sol do terceiro dia. Ela manteve a promessa, mas Pizarro quebrou a sua palavra, de acordo com os aventureiros espanhóis. Maravilhado com a exibição de tais tesouros, o conquistador declarou que não libertaria o prisioneiro, mas que o mataria, a menos que a rainha revelasse o lugar de onde provinha o tesouro. Ele havia ouvido que os incas tinham em algum lugar uma mina inexaurível; uma estrada ou túnel subterrâneo que corria por muitas milhas sob o solo, onde eram mantidos os tesouros acumulados da nação a infeliz rainha solicitou um prazo, e foi consultar os oráculos. Durante o sacrifício, o grande sacerdote mostrou-lhe no célebre “espelho negro” o assassinato inevitável do esposo, entregasse ela ou não os tesouros da coroa a Pizarro. A rainha ordenou então que se fechasse a entrada, que era uma abertura cavada na muralha rochosa de um precipício. Sob a direção do sacerdote e dos mágicos, o precipício foi então preenchido até o topo com imensos blocos de rocha, e a superfície coberta de modo a ocultar o trabalho. O inca assassinado pelos espanhóis e sua infeliz rainha suicidou-se. A cupidez dos espanhóis fracassou devido ao seu próprio excesso e o segredo dos tesouros enterrados foi guardado no coração de uns poucos peruanos fiéis.

AS ARTES MÁGICAS ANTIGAS E MODERNAS SÃO IDÊNTICAS. (L. 2, pág. 271).

Os “tempos antigos” são exatamente como os “tempos modernos”; nada mudou no que concerne às práticas mágicas, exceto que eles se tornaram ainda mais esotéricos e arcanos, e a cautela dos adeptos cresce na proporção da curiosidade dos viajantes. Hiuen-Tsang diz dos habitantes: “Os homens (...) amam o estudo, mas não o seguem com ardor. A ciência das fórmulas mágicas tornou-se para eles uma profissão regular”. Não contradiremos o venerável peregrino chinês a respeito desse ponto, e estamos propensos a admitir que,

no século VII, algumas pessoas fizeram “uma profissão” da Magia; também o fazem hoje *algumas* pessoas, mas não certamente os verdadeiros adeptos. Não seria Hiuen-Tsang, o pio corajoso homem, que arriscou a vida uma centena de vezes para ter a ventura de olhar a sombra de Buddha na caverna de Peshawer, que iria acusar os santos lamas e taumaturgos monásticos de fazerem “uma profissão” mostrando-a aos viajantes. A injunção de Gautama, contida em sua resposta ao rei Prasejajit, seu protetor, que o animou a fazer milagres, deve ter sempre estado na mente de Hiuen-Tsang. “Grande Rei”, disse Gautama, “eu não ensino a lei dos meus discípulos dizendo-lhes ‘Ide, e diante dos brâmanes e dos notáveis fazei, por meio de vossos poderes sobrenaturais, os maiores milagres de que um homem é capaz’. Eu lhe digo, quando ensino a lei, ‘Vivei, ó santos, *ocultando vossas grandes obras, e exibindo vossos pecados*’”.

Impressionado com os relatos das exibições mágicas testemunhas e registradas pelos viajantes de todas as épocas que visitaram a Tartária e o Tibete, o Cel. Yule conclui que os nativos devem ter “à sua disposição toda a enciclopédia dos espiritistas modernos. Duhalde menciona entre as suas bruxarias a arte de produzir por meio de invocações as figuras de Lao-tsé e suas divindades *no ar*; e de *fazer um pincel escrever respostas a perguntas sem que ninguém o toque*”.

Essa invocações pertencem aos mistérios religiosos de seus santuários; executada de outro modo, ou com vista *ao ganho*, elas são consideradas como *bruxaria*, necromancia, e rigorosamente proibidas. A arte de fazer um pincel escrever *sem contato* era conhecida e praticada na China e em outros países muitos séculos antes da era cristã. É o ABC da Magia nesses países.

A SOMBRA DE BUDDHA ADORADA POR HIUEN-TSANG.- O PODER DE INVOCAÇÃO DA ALMA. (L. 2 pág. 272).

Quando Hiuen-Tsang desejou adorar a sombra de Buddha, não foi aos "mágicos profissionais" que ele recorreu, mas ao poder de invocação de sua própria alma; ao poder da oração, da fé, e da contemplação. Tudo era sombrio e lúgubre próximo à caverna em que se acreditava que o milagre por vezes ocorria. Hiuen-Tsang entrou e começou as suas devoções. Ele fez 100 saudações, mas não viu nem ouviu nada. Então, julgando-se um pecador, gritou amargamente, e caiu em desespero. Mas no momento em que estava para renunciar a toda esperança, percebeu na muralha ocidental uma frágil luz, que desapareceu. Renovou as orações, dessa vez cheio de esperança, e novamente viu a luz, que brilhou e desapareceu novamente. Após isso, pronunciou um solene juramento: não deixaria a caverna até que tivesse a ventura de ver pelo menos a sombra do "Venerável dos Tempos". Teve que esperar ainda por muito tempo, pois apenas depois de 200 preces foi a caverna subitamente "banhada de luz, e a sombra de Buddha, de uma brilhante cor branca, elevou-se majestosamente sobre a muralha, como quando as nuvens repentinamente se abrem, e, de um golpe, descobrem a maravilhosa imagem de 'Montanha de Luz'. Um radiante esplendor iluminava os traços da fisionomia divina. Hiuen-Tsang estava perdido na contemplação e no prodígio, e não tirava os olhos do sublime e incomparável objeto". Hiuen-Tsang acrescenta em seu próprio diário, *Si-yu-Ki*, que é apenas quando o homem ora com fé sincera e recebeu do alto uma impressão secreta, que ele vê a sombra claramente, mas não pode gozar a visão por muito tempo.

A PERPETUAÇÃO DE UMA CRENÇA. (L. 2. pág. 281).

Para que uma crença se torne universal, é preciso que ela se fundamente sobre uma imensa acumulação de fatos, que visem a fortificá-la de uma geração a outra. À testa de tais crenças está a Magia, ou, se preferir - a Psicologia oculta. Quem, dentre aqueles que apreciam os seus tremendos poderes a partir de suas frágeis e semiparalisados efeitos em nossos países civilizados, ousaria negar em nossos dias as afirmações de Porfírio e Proclo, de que mesmo os objetos inanimados, tais como estátuas de deuses, poderiam ser postos em movimento e exibir um vida artificial por alguns instantes? Quem pode negar a afirmação? Aqueles que testemunham diariamente sobre as próprias assinaturas que viram mesas e cadeiras moverem-se e caminhar, e lápis escreverem, sem contato? Diógenes Laércio fala-nos de um certo filósofo, Stilpo, que dois exilado de Atenas pelo Aerópago, por ter ousado negar publicamente que a Minerva de Fídias era algo mais do que um bloco de mármore. Mas nosso século, depois de ter imitado os antigos em tudo o que era possível, mesmo em suas denominações, tais como "senado", e "cônsul", etc.; e depois de admitir que Napoleão, o Grande, conquistou três quartos da Europa aplicando os princípios de guerra ensinados por César e Alexandre, nosso século julga-se tão superior ao seus preceptores no que concerne à Psicologia que é capaz de enviar ao manicômio todos os que acreditam nas "mesas girantes".

Seja ela qual for, *a religião dos antigos é a religião do futuro*. Mais alguns séculos, e não haverá mais crenças sectárias em nenhuma das grandes religiões da Humanidade. Bramanismo e Budismo, Cristianismo e Maometismo desaparecerão diante do poderoso afluxo de fatos. "Derramarei meu espírito

sobre toda a carne", escreve o profeta Joel (*Joel II,28*). "Em verdade vos digo (...) fareis obras maiores do que estas", promete Jesus (*João XIV,12*). Mas isso só ocorrerá quando o mundo retornar à grande religião do passado; o *conhecimento* dos majestosos sistemas que precederam, em muito, o Bramanismo, e mesmo o monoteísmo primitivo dos antigos caldeus. Até então, devemos nos lembrar dos efeitos diretos do mistério revelado. Os únicos meios com a ajuda dos quais os sábios sacerdotes da Antigüidade podiam inculcar nos grosseiros sentidos das massas a idéia da Onipotência da *vontade* Criadora ou da CAUSA PRIMEIRA; a saber, a animação divina da matéria inerte, a alma nela infundida pela vontade potencial do homem, imagem microcós mica do grande Arquitecto, e o transporte de objetos pesados através do espaço e dos obstáculos materiais.

UMA CIÊNCIA DE NOME THEOPOEA. (L. 2. pág. 283).

Sabemos que desde os tempos mais remotos existiu uma ciência misteriosa e solene, sob o nome de *Theopoea*. Esta ciência ensinava a arte de conceder aos vários símbolos dos deuses vida e inteligência temporárias. Estátuas e blocos de matéria inerte tornavam-se animados sob a vontade poderosa do Hierofante. O fogo roubado por Prometeu caiu durante a batalha na Terra; durante a luta para abarcar regiões inferiores do firmamento e condensar-se nas ondas do éter cósmico como o *Ákasa* poderoso dos ritos hindus. Nós o respiramos e o absorvemos em nosso sistema orgânico repleto dele desde o instante de nosso nascimento. Mas ele só se forma poderoso sob o influxo da VONTADE e do ESPÍRITO.

Abandonado a si mesmo, este princípio de vida seguirá as leis da Natureza; e, de acordo com as circunstâncias, produzirá saúde e exuberância de *vida*, ou causará *morte* e dissolução. Mas, guiado pela vontade do adepto, ele se torna obediente; suas correntes restauram o equilíbrio dos corpos orgânicos, preenchem o vazio, e produzem milagres físicos e psicológicos, bem-conhecidos pelos mesmerizadores. Infundidos na matéria inorgânica e inerte, elas criam um aparência de vida, e portanto de movimento. Se faltar a essa vida uma inteligência individual, uma personalidade, então o operador deve enviar sua *scîn-lâc* (*Scîn-lâc* é um termo anglo-saxão que significa Magia, necromancia e feitiçaria, bem como aparição mágica, uma forma espectral, uma aparição ilusória ou um fantasma (*phantasma*). *Sîn-lâeca* é um mágico ou feiticeiro, e *scîn-lâece*, uma feiticeira. A arte pela qual se produzem aparições ilusórias era conhecida como *scîn-craeft*. N. do Org.), seu próprio espírito astral, para animá-la, ou utilizar o seu poder sobre a região do espírito da natureza para forçar um deles a *infundir* sua entidade no mármore, na madeira, ou no metal; ou, ainda, ser auxiliado pelos espíritos humanos. Mas este - exceto a classe dos viciosos e apegados à terra - não *infundirão* sua essência nos objetos inanimados. Deixam as espécies inferiores produzirem o simulacro de vida e animação, e apenas enviam sua influência através das esferas intermediárias, como um raio de luz divina, quando o pretenso "milagre é requerido para um bom propósito. A condição - e isso é uma lei da natureza espiritual - é a pureza de intenção, a pureza da atmosfera magnética ambiente, e a pureza pessoal do operador. É assim como um "milagre" pagão pode ser muito mais santo do que um milagre cristão.

Quem, dentre os que viram a atuação dos faquires na Índia meridional, pode duvidar da existência da *Theopoea* nos tempos antigos? Um céptico inveterado, ainda que ansioso para atribuir todos os fenômenos à prestidigitação, vê-se obrigado a comprovar os fatos; e tais fatos podem ser testemunhados diariamente, se assim se desejar. "Eu não uso", diz ele, falando de Chibh-Chondor, um faquir de Jaffnapatnam, "descrever todos os exercícios que ele apresentou. São coisas que ninguém ousa dizer mesmo depois de havê-las testemunhado, de medo que o acusem de ter sofrido uma inexplicável alucinação! E no entanto por dez, ou melhor, por vinte vezes, eu vi e revi o faquir obter resultados semelhantes sobre a matéria inerte. (...) Era apenas um brinquedo infantil para o nosso 'encantamento' fazer a chama dos candelabros, que haviam sido colocados, por sua ordem, nos cantos mais remotos do aposento, empalidecerem e extinguirem-se à sua vontade; fazer moveis caminharem, mesmo os sofás nos quais estávamos sentados, as portas se abrirem e fecharem repetidamente: e tudo isso sem deixar a esteira na qual estava sentado.

"Altera ele o curso natural dessas leis? 'Não, mas ele as faz agir utilizando forças que ainda nos são desconhecidas', dizem os crentes. Como quer que seja, assisti por vinte vezes a exibições similares, acompanhado dos homens mais distintos da Índia britânica - professores, médicos, oficiais. Não há um deles que não tenha assim resumido as suas impressões ao deixar a sala: 'Eis algo verdadeiramente terrível para a inteligência humana!' Todas as vezes que vi o faquir repetindo a experiência de reduzir as serpentes a um estado cataléptico, estado em que esses animais têm toda a rigidez de um ramo seco, meus pensamentos reportaram-se à fábula [?] bíblica que atribui um poder análogo a Moisés e aos sacerdotes do Faraó."

De fato, deve ser tão fácil dotar a carne do homem, do animal e do pássaro com um princípio de vida magnético quanto a mesa inerte de um médium moderno. Os dois prodígios são possíveis e verdadeiros, ou devem soçobrar, juntamente com os milagres dos dias dos Apóstolos, ou os dos tempos mais modernos da

Igreja Papal. Se Sisto V mencionou uma série formidável de espíritos vinculados a vários talismã, a sua ameaça de excomungar todos os que praticavam a arte não foi feita porque ele desejava que esse segredo permanecesse confinado no seio da Igreja? O que aconteceria se esses milagres "divinos" fossem estudados e reproduzidos com sucesso por todos os homens dotados de perseverança, de um forte poder magnético positivo e de uma resoluta vontade? Os recentes acontecimentos de Lourdes (supondo-se, naturalmente, que tenham sido honestamente relatados) provam que o segredo não se perdeu por completo; e se não há nenhum mesmerizador mágico escondido sob a batina e a sobrepeliz, então a estátua de Notre-Dame movimentar-se pelas mesmas forças que movem as mesas magnetizadas numa sessão espírita; e a natureza dessas "inteligências", pertencem elas à classe dos espíritos humanos, elementares ou dos elementais, depende de uma série de confissões. Todo aquele que conhece um pouco do Mesmerismo e do espírito caritativo da Igreja Católica Romana, não teria dificuldade em compreender que as incessantes maldições dos sacerdotes e dos monges; e os amargos anátemas tão prodigamente lançados por Pio IX - ele próprio um poderoso mesmerizador e, ao que se acredita, um *jetattore* (mau-olhado) - colocaram as legiões de elementares e elementais sob o comando dos Torquemadas desencarnados. São eles os "anjos" que pregam peças com a estátua da Rainha do Céu. Todo aquele que aceita o "milagre" e pensa de outro modo comete blasfêmia.

ANÁLISE DAS ARTES E CIÊNCIAS: NAS FILOSOFIA DO EGITO, DOS GREGOS, DOS CALDEUS E DOS ASSÍRIOS. (L. 2. pág. 287).

Assinalamos as descobertas nas artes, nas ciências, e na filosofia dos egípcios, dos gregos, dos caldeus e dos assírios; citaremos agora um autor que passou vários anos na Índia estudando a sua filosofia. Na célebre e recente obra *Cristna et le Christ*, descobriremos a seguinte tabulação:

Filosofia - Os antigos hindus criaram, desde o princípio, os dois sistemas de Espiritismo e materialismo, de Filosofia Metafísica e de Filosofia Positiva. A primeira ensinada na escola védica, cujo fundador foi Vyâsa; a segunda ensinada na escola sankyâ, cujo fundador foi Kapila.

"Ciência astronômica" - Eles fixaram o calendário, inventaram o zodíaco, calcularam a precessão dos equinócios, descobriram as leis gerais dos movimentos. Observaram e predisseram os eclipses.

"Matemática" - Inventaram o sistema decimal, a álgebra, os cálculos diferencial, integral e infinitesimal. Descobriram também a Geometria e a Trigonometria, e nessas duas ciências construíram e provaram teoremas *que só foram descobertas na Europa nos séculos XVII e XVIII*. Foram os brâmanes de fato que deduziram pela primeira vez a área de superfície de um triângulo a partir do cálculo de seus três lados, e calcularam a relação da circunferência com o diâmetro. Além disso, devemos restituir-lhes o quadrado da hipotenusa e a tábua impropriamente denominada pitagórica, que descobrimos gravada no *goparamad'água* da maior parte dos grandes pagodes.

"Física - Estabeleceram o princípio, ainda em vigor em nossos dias, de que o universo é um todo harmonioso, sujeito a leis que podem ser determinadas pela observação e pela experiência. Descobriram a hidrostática; e a famosa proposição de que todo o corpo submerso na água perde o seu próprio peso um peso igual ao volume d'água que desloca é apenas um empréstimo feito pelos brâmanes ao famoso arquiteto grego Arquimedes. Os físicos de seus pagodes calcularam a velocidade da luz, fixaram de maneira positiva as leis a que ela obedece em sua reflexão. E finalmente é fora de dúvida, segundo os cálculos de Sûrya-Siddharta, que eles conheciam e calcularam a força do vapor.

"Química - Conheciam a composição da água, e formularam para os gases a famosa lei, que só viemos a conhecer ontem, segundo a qual os volumes de gás estão na razão inversa da pressão que suportam. Sabiam como preparar os ácidos sulfúrico, nítrico e muriático; os óxidos de cobre, ferro, chumbo, estanho e zinco; os sulfuretos de zinco e ferro; os carboretos de ferro, chumbo, e soda; o nitrato de prata; e a pólvora.

"Medicina - Seus conhecimentos eram verdadeiramente surpreendentes. Em Caraka e Sushruta, os dois príncipes da Medicina hindu, encontra-se o sistema de que mais tarde Hipócrates se apropriou. Sushruta ensinou em especial os princípios da Medicina preventiva, ou higiene, que coloca bem acima da Medicina curativa - no mais das vezes, segundo ele, empírica. Estamos hoje mais avançados? Não é ocioso assinalar que os médicos árabes, que gozaram de uma merecida celebridade na Idade Média - Averróis, entre outros -, falam constantemente dos médicos hindus, considerando-os como mestres dos gregos e de si próprios.

"Farmacologia - Conheciam todos os simples, suas propriedades, seus usos, e a esse respeito ainda não cessaram de dar lições à Europa. Muito recentemente, receberam deles o tratamento da asma, pelo estramônio.

"Cirurgia - Nesse ramo não foram menos notáveis. Faziam a operação dos cálculos e lograram notável sucesso na operação da catarata, e na extração do feto, de que todos os casos incomuns e perigosos são descritos por Caraka com uma extraordinária exatidão científica.

“*Gramática* - Construíram a mais extraordinária língua do mundo - o sânscrito -, que deu origem à maior parte dos idiomas do Oriente, e dos países indo-europeus.

“*Poesia* - Praticaram todos os estilos, e revelaram-se mestres supremos em todos. *Sakuntalâ*, Avrita, a Fedra hindu, *Sâranga*, e milhar de outros dramas não foram suplantados por Sófocles ou Eurípedes, por Corneille ou Shakespeare. ‘O lamento de um exilado’, que implora a uma nuvem passageira que lhe leve as lembranças ao seu lar, aos parentes e amigos, a quem ele jamais verá, para se ter uma idéia do esplendor que esse estilo atingiu na Índia. Suas fábulas foram copiadas por todos os povos modernos e antigos, que não se deram o trabalho de dar cores diferentes aos temas desses pequenos dramas.

“*Música* - Inventaram a escala com as suas diferenças de tons e semitons muito antes de Guido d’Arezzo. Aqui a escala hindu:

Sa - Ri - Ga - Ma - Pa - Da - Ni - Sa.

“*Arquitetura* - Parecem ter esgotado tudo o que o gênio do homem é capaz de conceber. Zimbórios inacreditavelmente audaciosos; cúpulas cônicas; minaretes com rendas de mármore; torres góticas; hemiciclos gregos; estilo policromo - todos os gêneros de todas as épocas nela encontram, indicando claramente a origem e a época das diferentes colônias que, emigrando, levaram consigo as lembranças de sua arte nativa”.

Tais foram os resultados atingidos por essa antiga e imponente civilização bramânica.

Eis que podemos ler o que disse Manu, talvez há 10.000 anos antes do nascimento de Cristo:

“O primeiro germe de vida desenvolveu-se devido à água e ao calor” (*Manu*, livro I, *sloka* 8).

“A água sobre ao céu em vapores; desce do Sol com chuva, e da chuva nascem as plantas, e das plantas os animais” (Livro III, *sloka* 76).

Cada ser adquire as qualidades do ser que o precede imediatamente, de modo que, quanto mais um ser se distancia do primeiro átomo da série, mais ele é dotado de qualidades e perfeições” (livro I, *sloka* 20).

“O homem atravessará o universo, ascendendo gradualmente e passando através das rochas, das plantas, dos vermes, insetos, peixes, serpentes, tartarugas, animais selvagens, gado, e animais superiores. (...) Tal é o *grau inferior*” (*Ibid.*).

“Estas são as transformações declaradas da planta ao Brahmâ que devem operar-se neste mundo” (*Ibid.*).

“O grego”, diz Jacolliot, “é simplesmente o sânscrito. Fídias e Prexíteles estudaram na Ásia as obras-primas de Daouthia, Râmana, e Âryavosta. Platão desaparece diante de Jaimini e Veda-Vyâsa, que ele copia literalmente. Aristóteles empalidece diante do *Pûrva-Mimânsâ* e do *Uttara-Mimânsâ*, em que se descobrem todos os sistemas de filosofia que agora nos ocupamos em reeditar, desde o Espiritualismo de Sócrates e sua escola, o Ceticismo de Pirro, Montaigne, e Kant, até o *Positivismo de Littré*.”

Que aqueles que duvidam da exatidão deste parágrafo leiam a seguinte frase, extraída textualmente do *Uttara-Mimânsâ*, ou *Vedânta*, de Vyâsa, que viveu numa época que a cronologia bramânica fixa em 10.400 anos antes de nossa era:

“Podemos estudar os fenômenos, verificá-los e afirmar que são relativamente verdadeiros, mas como nada neste universo, nem pela percepção, nem pela indução, nem pelos sentidos, nem pela razão, é capaz de demonstrar a existência de uma Causa Suprema, que, num determinado ponto do tempo, teria dado origem ao universo, a Ciência não deve discutir nem a possibilidade, nem a impossibilidade desta Causa Suprema”.

BIOGRAFIAS:

Volumes I e II Ciência Ísis Sem Véu de HPB Editora Pensamento Ltda.

Livro O Sistema Solar de Arthur E. Powell Editora Pensamento Ltda.

O Homem Deus e o Universo de I. K. Taimni Editora Pensamento Ltda.

Compilado por Mario J.B. Oliveira.

LIVRO 3

TEOLOGIA I

CAPÍTULO I

A IGREJA: ONDE ESTÁ ELA?

AS ESTATÍSTICAS DA IGREJA. (L. 3. pág. 13).

Nos Estados Unidos da América, sessenta mil homens (60.428) receberam salários para ensinar a ciência de Deus e as Suas relações com as Suas criaturas.

Esses homens comprometem-se, por contrato, a transmitir-nos o conhecimento que trata da existência, caráter e atributos de nosso Criador; Suas leis e Seu governo; as doutrinas em que devemos acreditar e as obrigações que precisamos praticar. Cinco mil desses teólogos com o auxílio de 1.273 estudantes, ensinam esta ciência a cinco milhões de pessoas, de acordo com a fórmula prescrita pelo Bispo de Roma. Cinquenta e cinco mil (55.287) ministros e itinerantes, representando quinze diferentes denominações, cada uma contradizendo todas as outras, no que a questão teológicas maiores ou menores, instruem, em suas respectivas doutrinas, outras trinta e três milhões (33.500.000) de pessoas. Existem algumas centenas de milhares de Judeus; alguns milhões de fieis orientais de todas as espécies; e uns poucos que pertencem à Igreja grega.

O Deus dos unitaristas é um celibatário; a Divindade dos presbiterianos, metodistas, congregacionistas e as outras seitas protestantes ortodoxas, é um Pai sem esposa com um Filho idêntico ao próprio Pai. No esforço de se superarem umas às outras na ereção de suas sessenta e duas mil e tantas igrejas, casas de orações e salas de reunião em que se ensinam essas conflitantes doutrinas teológicas, gastou-se a soma de 334.485.581 dólares. Somente o valor dos presbíteros protestantes, nos quais se abriram os pastores e as suas famílias, é estimado em cerca de 54.114.297 dólares. Dezesesseis milhões (16.179.387) de dólares são destinados todo ano para cobrir as despesas correntes apenas das seitas protestantes. Uma igreja presbiteriana em Nova York custa cerca de um milhão de dólares; um altar católico, um quarto de milhão!

Não mencionamos a multidão de seitas menores, de comunidades e de extravagantes pequenas heresias originais desse país, que nascem num dia para morrer no outro, como os esporos de cogumelos, após um dia chuvoso. Não nos deteremos, também, para considerar os pretensos milhões de espiritistas, pois à maior parte deles falta a coragem de escapar-se de suas respectivas seitas religiosas. Eles são os Nicodemos clandestinos.

Pois bem, perguntamos como Pilatos, "O que é a Verdade?" Onde devemos procurá-la, no meio dessa multidão de seitas em guerra? Cada uma delas pretende basear-se na revelação divina, e cada uma afirma possuir as chaves das portas do céu. Estará qualquer uma delas na posse rara da Verdade? Ou devemos exclamar como o filósofo budista. "Há apenas uma verdade sobre a Terra, e ela é imutável; ei-la: - a *Verdade* não está na *Terra!*"

Embora tenhamos a intenção de trilhar por um caminho que foi exaustivamente batido pelos sábios eruditos que demonstraram que todo dogma cristão tem a sua origem num rito pagão, não obstante os fatos que eles exumaram desde a emancipação da ciência, nada perderão se forem repetidos. Além disso, propomos a examinar esses fatos de um ponto de vista diferente e talvez original: o das antigas filosofias esotericamente compreendidas. Referimo-nos, de passagem, a elas em nosso primeiro volume. Vamos utilizá-las como o modelo para a comparação dos dogmas cristãos e dos milagres, com as doutrinas e fenômenos da magia antiga, e da moderna "Nova Revelação", como o Espiritismo é chamado por seus devotos. Como os materialistas negam os fenômenos sem investigá-los, e como os teósofos, admitindo-os, oferecem-nos a pobre escolha de dois manifestos absurdos - o Demônio e os milagres -, pouco perderemos recorrendo aos teurgistas, e eles podem realmente ajudar-nos a lançar uma grande luz sobre um assunto muitíssimo obscuro.

CRENÇAS CRISTÃ, E PAGÃS COMPARADAS. (L.3.pág.16).

É portanto insensato os autores católicos despejarem a sua bilis em frases como estas: "Em inúmeros pagodes, a pedra fálica assume com freqüência, como o *baetylos* grego, a forma brutalmente indecente do *linga* (...) o Mahâ-Deva". Antes de macularem um símbolo, cujo sentido metafísico é por demais profundo

para os modernos campeões dessa religião do sensualismo *par excellence*, o Catolicismo romano, eles deveriam destruir as suas igrejas mais antigas e modificar a forma da cúpula de seus próprios templos. O Mahâ-Deva de Elefanta, a Torre Redonda de Bhagalpur, os minaretes do Islão - redondos ou pontudos - são os modelos originais do *Campanile* de São Marcos, em Veneza, da Catedral de Rochester, e do moderno Duomo de Milão. Todos esses campanários, torrinhas, zimbórios e templos cristãos reproduzem a idéia primitiva do *lithos*, o falo ereto. "A torre ocidental da Catedral de São Paulo, em Londres", diz o autor de *The Rosicrucians*, "é um dos dois *litóides* que sempre se encontram na frente de todos os templos, sejam cristãos ou pagãos. Além disso, em todas as igrejas cristã, "particularmente nas igrejas protestantes, onde figuram de modo mais conspícuo, as duas tábuas de pedra da Providência Mosaica são colocadas sobre o altar, disposta em díptico, como uma única pedra, cuja parte superior é arredondada. (...) A da direita é *masculina*, a da esquerda, *feminina*". Portanto, nem os católicos, nem os protestantes têm o direito de falar das "formas indecentes" dos monumentos pagãos, visto que eles ornamentam as suas próprias igrejas com seus símbolos do *linga* e do *yoni*, e até mesmo escrevem das leis de seu Deus sobre eles.

Outro detalhe que não hora de forma particular o clero cristão poderia ser traduzido pela Inquisição. As torrentes de sangue humano derramados por essa instituição *cristã* e o número de seus sacrifícios humanos não têm paralelo nos anais do Paganismo.

A Ísis egípcia era representada como uma Virgem Mãe por seus devotos, e segurando o seu filho, Hórus, nos braços. Em algumas estátuas e baixos-relevos, quando aparece só, ela está completamente nua ou velada da cabeça aos pés, Mas nos mistérios, em comum como quase todas as outras deusas, ela figura inteiramente velada da cabeça aos pés, como símbolo da castidade materna. Nada perderíamos se emprestássemos dos antigos um pouco do sentimento poético de suas religiões e da inata veneração que eles tinham por *seus* símbolos.

Não é injusto dizer que o último dos *verdadeiros* cristãos morreu com o último dos apóstolos diretos. Max Müller pergunta convincentemente: "Como pode um missionário em tais circunstância fazer à surpresa e às perguntas de seus alunos, a não ser que se refira à semente e lhes diga o que o Cristianismo pretendeu ser? A menos que lhes mostre que, como todas as outras religiões, o Cristianismo também tem a sua história; que o Cristianismo do século XIX não é o Cristianismo da Idade Média, e que o Cristianismo da Idade Média não era o dos primeiros Concílios; que o Cristianismo dos primeiros Concílios não era o dos apóstolos, e que só o que foi dito por Jesus foi verdadeiramente bem dito?"

Podemos assim inferir que a única diferença característica entre o Cristianismo moderno e as antigas fés pagãs é a crença do primeiro num demônio pessoal e no inferno. "As nações arianas não tinham nenhum demônio", diz Max Müller. "Platão, embora de caráter sombrio, era um personagem respeitabilíssimo; e Loki (o escandinavo), embora uma pessoa maligna, não era um diabo. A deusa alemã Hel, como Proserpina, também havia conhecido dias melhores. Assim, quando aos alemães se falava na idéia de um semítico Seth, Satã ou Diabolus semita, não se lhes infundia temor algum".

Pode-se dizer o mesmo do inferno. O Hades era um lugar muito diferente de nossa região eterna, e poderíamos qualificá-lo antes como um estágio intermediário de purificação. Também não o é o Amenti egípcio, a região de julgamento e purificação; nem o Adhera - o abismo de trevas dos hindus, pois mesmo os anjos caídos que nele foram precipitados por Shiva são autorizados por Parabrahman a considerá-lo como um estágio intermediário, no qual uma oportunidade lhes é concedida para se prepararem para graus mais elevados de purificação e redenção de seu miserável estado. O Gehenna do *Novo Testamento* era uma localidade situada fora dos muros de Jerusalém; e, ao mencioná-lo, Jesus empregava apenas uma metáfora comum. Onde então provêm o triste dogma do inferno, essa alavanca de Arquimedes da Teologia cristã, com a qual se conseguiu subjugar milhões e milhões de cristãos por dezenove séculos? Seguramente não das Escrituras judaicas, e aqui chamamos em testemunho qualquer erudito hebreu bem-informado.

A única menção, na *Bíblia*, a algo que se aproxima do inferno é o *Gehenna* ou Hinnom, um vale próximo a Jerusalém, onde se situava *Tophet*, local em que se mantinha perpetuamente acesa uma fogueira queimando os detritos para fins de higiene. O profeta Jeremias informa-nos que os israelitas costumavam sacrificar suas crianças a Maloch-Hércules nessa região; e mais tarde descobrimos os cristãos substituindo calmamente essa divindade por seu deus do *perdão*, cuja ira não pode ser aplacada, a não ser que a Igreja lhe sacrifique suas crianças não batizadas e os seus filhos mortos em pecado no altar da "danação eterna"!

Como chegaram os padres a conhecer tão bem as condições do inferno, a ponto de dividir as suas tormentas em duas categorias, a *poena danni* e a *poena sensus*, sendo a primeira a privação da visão beatífica; a segunda, as penas *eternas num lago de fogo e enxofre*? Se eles responderem que foi através do *Apocalipse* (XX, 10), "E o *demônio* que os seduzira foi arrojado no lago de fogo e enxofre, onde já se achavam a *besta* e o falso profeta que serão atordoados para todo o sempre", estamos preparados para demonstrar de onde o

próprio teólogo João retirou a idéia. Deixando de lado a interpretação esotérica de que o "demônio" ou o demônio tentador significa o nosso próprio corpo terrestre, que depois da morte certamente se dissolverá nos elementos *igneos* ou etéreos, a palavra "eterna" pela qual os nossos teólogos interpretam as palavras "para todo o sempre" não existe na língua hebraica, nem como palavra, nem como sentido. Não há nenhuma palavra hebraica que expresse exatamente a *eternidade*; *olam*, segundo Le Clerc, significa apenas um tempo cujo começo e cujo fim não são conhecidos. Embora demonstre que essa palavra não significa duração infinita, e que no *Velho Testamento* a expressão *para sempre* significa apenas um longo espaço de tempo, o Arcebispo Tillotson deturpou-lhe completamente o sentido, no que toca à idéia das tormentas do inferno. De acordo com a sua doutrina, quando se diz que Sodoma e Gomorra pereceram no "fogo eterno", devemos entender a expressão apenas no sentido de que o fogo não se extinguiu até as duas cidades terem sido inteiramente consumidas. Quanto ao fogo do inferno, deve-se entender as palavras no sentido estrito da duração infinita. Tal é a sentença do sábio teólogo. Pois a duração da punição dos depravados deve ser proporcional à beatitude eterna dos justos. Diz ele, "Esses [falando dos depravados] terão, *punição eterna*; mas os justos, *vida eterna*".

O SENTIDO ESOTÉRICO DO SOL. (L. 2. págs. 21).

O Rev. T. Swinden, comentando as especulações de seus predecessores, preenche todo um volume com argumentos, segundo ele incontestáveis, visando mostrar que o *Inferno se localiza no Sol*. Há dois versículos do *Apocalipse de São João* que dizem o seguinte: "E o quarto anjo derramou sua taça sobre o Sol, e concedeu-lhe o poder de abrasar os homens pelo fogo. E os homens então abrasados por um calor intenso puseram-se a blasfemar contra o nome de Deus". Isto é simplesmente uma alegoria pitagórica e cabalista. A idéia não é nova nem para Pitágoras nem para São João. Pitágoras colocava a "esfera de purificação no Sol", Sol esse que, com a sua esfera, ele localizava, ademais, no centro do universo, tendo a alegoria um duplo sentido: 1º Simbolicamente, o Sol físico representa a Divindade Suprema, o sol espiritual central. Chegando a essa região, todas as almas purificam-se de seus pecados, e unem-se para sempre com seu espírito, depois de sofrerem anteriormente em todas as esferas inferiores. 2º Colocando a esfera do fogo *visível* no centro do universo, Pitágoras simplesmente insinuou o sistema heliocêntrico, que fazia parte dos mistérios, e era comunicado apenas no grau mais elevado de iniciação. São João dá a seu Verbo um significado puramente cabalístico, que nenhum "padre", exceto aqueles que pertencem à escola neoplatônica, foi capaz de compreender. Por ter sido um discípulo de Amônio Saccas, Orígenes e entendeu, sendo por essa razão que o vemos negar corajosamente a perpetuidade das tormentas do inferno. Ele sustenta que não apenas os homens, mas inclusive os demônios (e por esse termo entendia os pecadores humanos desencarnados), após um período mais ou menos longo de punição, serão perdoados e finalmente reconduzidos aos céus. Em consequência dessa e de outras heresias, Orígenes foi, naturalmente, exilado.

EXISTE UM UNIVERSO ESPIRITUAL E INVISÍVEL. (L. 3. pág. 23).

Como os católicos tomando como prova os fenômenos psicológicos para provar a existência de um demônio pessoal, e o Conde de Gasparin, um antigo ministro de Louis Philippe, coletando inúmeros outros fatos para provar o contrário, os espíritas da França contraíram uma dívida de gratidão para com os seus adversários. A existência de um universo espiritual invisível povoado de seres invisíveis foi, então, inquestionavelmente demonstrada. Esquadrinhando as bibliotecas mais antigas, eles destilaram de seus relatos histórias a quintessência das provas. Todas as épocas desde os tempos de Homero até os dias atuais, forneceram os seus materiais mais preciosos e esses infatigáveis autores. Tentando provar a autenticidade dos prodígios produzidos por Satã nos dias que precedem a era cristã, assim como por toda a Idade Média, eles simplesmente estabeleceram as bases para o estudo do fenômeno em nossos tempos modernos.

Entusiasta ardente e inflexível, des Mousseaux transforma-se contudo, inconscientemente, no demônio tentador, ou - como ele costuma qualificar o Diabo - na "serpente da *Gênese*". Em seu desejo de apontar a presença do Maligno em todas as manifestações, ele apenas consegue demonstrar que o Espiritismo e a Magia não são coisas novas no mundo, mas irmãs gêmeas muito antigas, cuja origem deve ser buscada na remota infância de antigas nações como Índia, Caldéia, Babilônia, Egito, Pérsia e Grécia.

É evidente que des Mousseaux e de Mirville devem ter-se utilizado livremente das fontes literárias do Vaticano e de outros repositórios de conhecimentos católicos. Quando se tem tais tesouros em mãos - manuscritos originais, papiros, e livros pilhados das mais ricas bibliotecas pagãs; antigos tratados sobre Maria e Alquimia; e registros de todos os processos sobre feitiçaria, e das sentenças decorrentes, tais como cavalete, fogueira e tortura, pode-se facilmente escrever volumes de acusações contra o Demônio. Temos boas razões para afirmar que há centenas de obras valiosíssimas sobre as ciências ocultas que foram condenadas a remanescer para sempre interditas ao público, porém que são lidas e estudadas com atenção pelos

privilegiados que têm acesso à Biblioteca do Vaticano. As leis da Natureza são as mesmas tanto para o feiticeiro pagão, quanto para o santo católico; e um "milagre" pode ser produzidos tanto por um, como por outro, sem a menor intervenção de Deus ou do Demônio.

Mas os fenômenos psíquicos tinham começado a atrair a atenção da Europa, e o clero iniciou a grita de que o seu tradicional inimigo reaparecera sob outro nome, e os "milagres divinos" começaram também a surgir em lugares isolados.

Na Rússia, o clero sabe mais do que ninguém como impressionar os seus paroquianos, cuja piedade é sincera e a fé, poderosa sem milagres; e sabe que nada é melhor do que os milagres para semear a suspeita, a dúvida e finalmente o ceticismo que conduz diretamente ao ateísmo. Além disso, o clima é o menos propício, e o magnetismo da população média positivo e *são* demais para produzir fenômenos independentes; e a fraude não a solução. Por outro lado, nem na Alemanha protestante, nem mesmo na América, desde a época da Reforma, teve o clero acesso a qualquer uma das bibliotecas secretas do Vaticano. Em consequência, nada sabem sobre a magia de Alberto Magno.

Quanto ao fato de a América ter sido inundada de sensitivos e de médiuns, a razão para isso deve-se em parte à influência climática e especialmente ao estado psicológico da população. Desde a época da feitiçaria de Salem, há 200 anos, quando os comparativamente poucos colonos tinham um sangue puro e não adulterado em suas veias, apenas se ouviu falar a respeito de "espíritos" não de "médiuns" até 1840. Os fenômenos apareceram pela primeira vez entre os membros da "Igreja do Milênio", cujas aspirações religiosas, cujo modo peculiar de vida e cuja pureza moral e castidade física conduzem à produção de fenômenos independentes de natureza tanto psicológica como física. A partir de 1492, milhares e mesmo milhões de homens de vários climas e de diferentes hábitos e costumes invadiram a América do Norte e, casando-se entre si, modificaram substancialmente o tipo físico dos habitantes. Em que país do mundo a constituição física das mulheres pode ser comparada com a constituição delicada, nervosa e sensível da parte feminina da população dos Estados Unidos? Em nossa chegada a esse país, surpreendemo-nos com a delicadeza semitransparente da pele dos nativos de ambos os sexos. Comparai um operário ou operária irlandesa que trabalhe duramente com um representante de uma genuína família americana. Um trabalha tão duro quanto o outro; ambos têm a mesma idade, e ambos são igualmente saudáveis; entretanto, ao passo que as mãos de um, após uma hora de ensaboamento, exibirão uma pele um pouco mais macia do que a de um jovem crocodilo, as do outro, não obstante o seu uso constante, permitir-vos-ão observar a circulação do sangue sob a fina e delicada epiderme. Não deve surpreender, portanto, que enquanto a América é a estufa dos sensitivos, a maioria de seu clero, incapaz de produzir milagres divinos ou de qualquer outra espécie, nega intransigentemente a possibilidade de qualquer fenômeno, exceto aqueles produzidos por truques e prestidigitação. É natural também que o clero católico, que conhece praticamente a existência dos fenômenos mágicos e espirituais, e que acredita neles, embora temendo as suas consequências, tente atribuir todos eles à influência do Demônio.

A MAGIA PRATICADA PELO CLERO CRISTÃO. TEOGONIA COMPARADA, UMA NOVA CIÊNCIA. (L. 3. Pág. 29).

Onde podemos encontrar, nos anais da Magia européia, encantamentos mais hábeis do que na misteriosa solidão dos claustros? Alberto Magno, o famoso bispo e feiticeiro de Ratisbona, jamais foi superado em sua arte. Roges Bacon era um monge, e Tomás de Aquino um dos mais eminentes discípulos de Alberto. Trithemius, abade dos beneditinos de Spanheim, foi o mestre, amigo e confidente de Cornélio Agripa; e enquanto as confederações de teósofos se disseminaram amplamente pela Alemanha, onde nasceram, ajudando-se mutuamente, e lutando durante anos pela aquisição de conhecimento esotérico, todo aquele que conseguisse tornar-se o discípulo favorito de certos monges poderia ser rapidamente iniciado em todos os ramos importantes da sabedoria oculta.

Tudo isso faz parte da história e não pode ser negado. A Magia, em todos os seus aspectos, foi amplamente e quase abertamente praticada pelo clero até a Reforma. E mesmo aquele que foi outrora chamado de "Pai da Reforma", o famoso John Reuchin, autor de *Mundo maravilhoso* e amigo de Pico della Mirandola, o mestre e instrutor de Erasmo, de Lutero e de Melanchton, era cabalista e ocultista.

Em seu insaciável desejo de estender o domínio da fé cega, os primitivos arquétipos da Teologia cristã foram forçados a ocultar, na medida do possível, as suas verdadeiras fontes. Para esse efeito, eles queimaram ou destruíram, como se afirma, todos os manuscritos originais sobre *Cabala*, Magia e ciências ocultas que lhes caíram nas mãos. Eles supunham, em sua ignorância, que os escritos mais perigosos dessa espécie tinham desaparecido com o último gnóstico; mas um dia eles descobrirão o seu engano. Outros

documentos autênticos e igualmente importantes reaparecerão, talvez, "de maneira inesperada e quase miraculosa".

Existem estranhas tradições correntes em várias partes do Oriente - no Monte Athos e no Deserto de Nítria, por exemplo - entre certos monges, e entre doutos rabinos da Palestina, que passam suas vidas comentando o *Talmude*. Eles dizem que nem todos os rolos e manuscritos, que segundo a história teriam sido queimados por César, pela turba cristã em 389, e pelo general árabe Omar, desapareceram como se acredita comumente; e a história que eles contam é a seguinte: "Ao tempo da disputa pelo trono em 51 a.C. entre Cleópatra e o seu irmão Dionísio Ptolomeu, o Bruckion, que continha mais de setecentos mil rolos, todos guarnecidos de madeira e de pergaminhos *à prova de fogo*, estava em reparos, e uma grande porção dos manuscritos originais, que eram considerados os mais preciosos, e que não tinham duplicatas, foram guardados na casa de um dos bibliotecários. Como o fogo que consumiu o resto foi apenas resultado de um acidente, não se tomou nenhuma precaução nesse momento. Mas, acrescentam eles, várias horas se passaram entre o incêndio da frota, por ordem de César, e o instante em que os primeiros edifícios situados nas proximidades do posto queimaram por sua vez, e em que todos os bibliotecários, auxiliados por várias centenas de escravos afetos ao museu, conseguiram salvar os rolos mais preciosos. Tão perfeita e sólida era a fabricação do pergaminho, que enquanto, em alguns rolos, as páginas internas e a guarnição de madeira foram reduzidas a cinzas, em outros, a guarnição de pergaminho permaneceu intata. Esses detalhes foram todos escritos em grego, latim e em dialeto caldaico-siríaco, por um jovem douto de nome Theodas, um dos escribas empregados no museu.

A *Enciclopédia Britânica*, em seu artigo sobre Alexandria, diz: "Quando o templo de Serapis foi demolido (...) a valiosa biblioteca foi *pilhada* e destruída; e vinte anos depois as *prateleiras vazias* suscitaram o arrependimento (...) etc.". Mas não relata a sorte a sorte posterior dos livros *pilhados*.

Rivalizando com os ferozes adoradores de Maria do quarto século, os modernos perseguidores clericais do liberalismo e da "heresia" encerrariam voluntariamente todos os heréticos e seus livros em algum moderno Serapião e os queimariam vivos. A causa desse ódio é natural. A pesquisa moderna nunca desvelou tanto, como agora, o segredo. "Não é hoje a adoração dos santos e anjos" - disse o Bispo Newton, anos atrás - "em todos os respeitos, idêntica à adoração dos demônios dos primeiros tempos? Só o nome é diferente, a coisa é exatamente a mesma (...) exatamente os mesmos tempos, as mesmas imagens, que eram outrora consagrados a Júpiter e outros demônios, são agora consagrados à Virgem Maria e a outros santos (...) todo o Paganismo converteu-se e aplicou-se *ao Papismo*."

Por que não ser franco e acrescentar que "uma boa porção dele foi adotada também pelas religiões protestantes?"

A própria designação apostólica de *Pedro* origina-se dos mistérios. O Hierofante ou pontífice supremo portava o título caldeu *pether*, ou intérprete. Os nomes Phtah, Peth'r, a residência de Balsam, Patara, e Patras, os nomes das cidades oraculares, *pateres* ou *pateras* e, talvez, Buddha, tudo provêm da mesma raiz. Jesus diz: "Sobre esta *petra* edificarei minha Igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela", entendendo por *petra* o templo sobre a rocha, e por metáfora, os mistérios cristãos, cujos adversários eram os antigos deuses dois mistérios do mundo subterrâneo, adorados nos ritos de Ísis, Adónis, Átis, Sabásio, Dionísio e Elêusis. Nenhum *apóstolo* Pedro jamais esteve em Roma; mas o Papa, tomando o cetro de *Pontifex Maximus*, as chaves de Jano e Cibele, e adornando a sua cabeça cristã como o capelo da *Magna Mater*, copiado da tiara de Brahmâtma, o Supremo Pontífice dos iniciados da Índia antiga, tornou-se o verdadeiro Peter-Roma, ou *Petroma*. (A tiara do Papa é igualmente uma perfeita cópia da do Dalai-Lama do Tibete.).

A Igreja Católica Romana tem dois inimigos bem mais poderosos do que os "heréticos" e os "infiéis"; e esses são - a Mitologia Comparada e a Filologia.

A prova conclusiva é fornecida por muitos eruditos, e não cabe dúvida de que a Índia foi a *alma mater*, não apenas da civilização, das artes e das ciências, mas também de todas as grandes religiões da antigüidade, do Judaísmo e, por consequência, do Cristianismo, inclusive. Herder localiza o berço da humanidade na Índia, e mostra Moisés como um hábil e relativamente *moderno* compilador das antigas tradições bramânicas: "O rio que circunda o país (a Índia) é o sagrado Ganges, que toda a Ásia considera como o rio paradisiaco. Lá está também o bíblico Bihon, que não é outro senão o Indo. Os árabes o chamam assim até hoje, e os nomes dos países banhados por ele ainda entre os hindus". Jacolliot afirma ter traduzido todos os antigos manuscritos de folhas de palmeira que teve a sorte de ver permissão dos brâmanes dos pagodes. Numa dessas traduções, encontramos passagens que nos revelam a *indiscutível origem das chaves* de São Pedro, e o motivo da subsequente adoção do símbolo por Suas Santidades, os Papas de Roma.

Ele nos mostra, baseado no testemunho do *Agrushada Parikshai*, que traduz livremente como "o Livro dos Espíritos" (Pitris), que, séculos antes de nossa era, os *Iniciados* do templo escolhiam um Conselho

Superior, presidido pelo *Brahmâtma*, ou chefe supremo de todos esses *Iniciados*; que esse pontificado só podia ser exercido por um brâmane que alcançasse a idade de oitenta anos; que o *Brahmâtma* era o único guardião da fórmula mística, resumo de toda ciência, contida nas três misteriosas letras:

A

U

M

que significam *criação, conservação e transformação*. Só ele podia expor-lhe o significado na presença dos iniciados do terceiro e superior grau. Dentre os iniciados, todo aquele que revelasse aos profanos uma única verdade, ou mesmo o menor dos segredos confiados a seu cuidado, era condenado à morte. Aquele que recebia a confidência partilhava do mesmo destino.

"Finalmente, para coroar esse hábil sistema", diz Jacolliot, "existia uma palavra ainda superior ao misterioso monossílabo A U M, que tornava aquele que lhe possuía a chave igual ao próprio Brahmâ. Só o *Brahmâtma* possuía esta chave, e a transmitia ao seu sucessor numa caixa fechada.

"Essa palavra desconhecida, que nenhuma força humana pôde, mesmo hoje - quando a autoridade bramânica foi esmagada sob as invasões mongólicas e européias; quando todo pagode tem seu *Brahmâtma* -, *força-lhe a revelação*, era gravada num triângulo de ouro e preservada num santuário do templo de Asgartha, cujas chaves apenas o *Brahmâtma* possuía. Ele também portava sobre a sua tiara *duas chaves cruzadas*, seguras por dois brâmanes ajoelhados, símbolos de preciso depósito que tinha em guarda (...) Essa palavra e esse triângulo estavam gravados sobre a placa do anel que esse chefe religioso utilizava como um dos signos de sua dignidade; ambos eram também reproduzidos num sol dourado sob o altar, onde toda manhã o Sumo Pontífice oferecia o sacrifício do *sarvamedha*, ou sacrifício a todas as forças da natureza".

Não é isso bastante claro? E afirmarão ainda os católicos que foram os brâmanes de há 4.000 anos que copiaram o ritual, os símbolos e as vestes dos Pontífices romanos? Não ficaríamos nem um pouco surpresos.

Orígenes, Clemente de Alexandria, Calcídio, Metódio e Maimônides, com base na autoridade do *Targum de Jerusalém*, a maior autoridade ortodoxa dos judeus, afirmavam que as duas primeiras palavras no *Gênese* - BE-RÊSHÎTH, significam *Sabedoria*, ou *Princípio*, e que a idéia de que tais palavras significam "*no princípio*" jamais foi partilhada fora dos meios profanos, que não tinham permissão para penetrar mais profundamente no sentido esotérico da sentença. Beausobre, e depois dele Godfrey Higgins, demonstraram o fato. "Todas as coisas", diz a *Cabala*, "derivam, por emanção, de um princípio; e esse princípio é o Deus [*desconhecido e invisível*]. DEle emana imediatamente um poder substancial, que é a *imagem de Deus*, e a fonte de todas as subseqüentes emanções. Esse segundo princípio produz, pela *energia* [ou *vontade e força*] da emanção, outras naturezas, que são mais ou menos perfeitas, de acordo com seus diferentes graus de distância, na escala da emanção, da Fonte Primeira de existência, e que constitui diferentes mundos, ou ordens de ser, todos unidos ao poder eterno de que emanam. *A matéria não é senão o efeito mais remoto da energia emanativa* da Divindade. O mundo material recebe sua forma da ação imediata dos poderes bem abaixo da Fonte Primeira do Ser (...) Beausobre afirma ter Santo Agostinho, o maniqueu, dito o seguinte: 'E se por *Rêshîth* entendemos o *Princípio ativo* da criação, e não o seu *início*, nesse caso percebemos claramente que Moisés jamais pretendeu dizer que o céu e a Terra foram as primeiras obras de Deus. Ele apenas disse que Deus criou o céu e a Terra *por meio do Princípio*, que é Seu Filho. Não é ao *tempo* que ele se refere, mas ao autor imediato da criação". Os anjos, segundo Agostinho, foram criados antes do firmamento, e, de acordo com a interpretação esotérica, o céu e a Terra foram criados depois deles, emanados do *segundo* Princípio, ou o Logos - a Divindade criadora. "A palavra *princípio*", diz Beausobre, "não significa que o céu e a Terra foram criados antes de qualquer outra coisa, pois, para começar, os *anjos* foram criados antes disso; porém que Deus fez tudo através de Sua Sabedoria, que é Seu Verbum, e que a Bíblia cristã chamou de *Princípio*", adotando assim o sentido exotérico da palavra conferido às multidões. A *Cabala* - tanto oriental, quanto a judia - mostra que inúmeras *emanções* (as Sefiroth judias) originaram-se do *Primeiro* Princípio, o principal dos quais era a Sabedoria. Essa Sabedoria é o Logos de Filon e Miguel, o chefe dos Aeôns (ou EONS, Espíritos Estrelares) gnósticos é o Ormasde dos persas; *Minerva*, deusa da sabedoria, dos gregos, que emanou da cabeça de Júpiter e a Segunda Pessoa da Trindade cristã. Os primeiro padres da Igreja não tiveram de quebrar a cabeça em demasia; eles encontraram uma doutrina adrede preparada que existia em todas as teogonias milhares de anos antes da era cristã. Sua Trindade não é senão o trio das Sefiroth, as primeiras três *luzes* cabalistas que, segundo Moisés Nachmanides, "*Jamais foram vistas por alguém*, não havendo nenhum defeito nelas, nem qualquer desunião". O primeiro número eterno é o Pai, ou o *caos* primitivo, invisível e

incompreensível dos caldeus, do qual emana o *Inteligível*. O Pthah egípcio, ou "o *Princípio de Luz* - não a luz em si, e o Princípio de Vida, embora não tenha em si *nenhuma vida*". A Sabedoria pela qual o Pai criou o céus é o *Filho*, ou o andrógino cabalista Adão-Cadmo. O Filho é o mesmo tempo o *Râ* Masculino, ou Luz da Sabedoria, Prudência ou *Inteligência*, Sefirah, a Sua parte feminina, e desse ser dual procede a terceira emanção, Binah ou Razão, a segunda Inteligência - o Espírito Santo dos cristãos. Por conseguinte, trata-se estritamente falando, de uma TETRAKTYS ou quaternidade, consistindo da Primeira Mônada Ininteligível, e de sua tríplice emanção, que constitui propriamente a nossa Trindade.

Como então não constatar de imediato que, se os cristãos não tivessem propositadamente desfigurado em sua interpretação e tradução o texto do *Gênese* mosaico, para adaptá-lo às suas próprias concepções, teria sido impossível sua religião com seus dogmas atuais. Uma vez compreendida a palavra *Rêshîth* em seu novo sentido de *Princípio* e não de *Início*, e aceita a doutrina anatematizada das emanções, a posição da Segunda Pessoa da Trindade torna-se insustentável. Pois, se os anjos são as *primeiras* emanções divinas oriundas da Substância Divina, que existiam *antes* do Segundo Princípio, então o *Filho* antropomórfico é, na melhor das hipóteses, uma emanção como aqueles, e pode tanto ser o Deus *hipostaticamente* quanto nossas obras visíveis são nós mesmo. Que essas sutilezas metafísicas jamais entraram na cabeça do honesto e sincero Paulo (apóstolo) é evidente; e tanto mais o é porque, como todos os judeus eruditos, ele estava bem familiarizado com a doutrina das emanções e jamais pensou em deturpá-la. Como pode alguém imaginar que Paulo identificava o *Filho* com o *Pai*, quando ele nos diz que Deus criou Jesus "um pouco menor do que os anjos" (*Hebreus*, II, 9), e um pouco maior do que Moisés! "Pois esse HOMEM foi considerado de maior glória do que Moisés" (*Hebreus*, III, 3). Ignoramos quais ou quantas falsidades foram interpoladas posteriormente nos *Atos* pelos padres da Igreja; mas é evidente que Paulo sempre considerou a Cristo como um homem "cheio de Espírito de Deus", eis um ponto que não admite discussão: "No *archê* era o *Logos*, e o *Logos* estava com *Theos*" (*João*, I, I.).

A *Sabedoria*, a primeira emanção de Ain-Soph; o Protogonos, a Hypostasis; o Adão-Cadmo dos cabalistas, o Brahmâ dos hindus; o Logos de Platão, e o "Início" de São João - são o *Rêshîth*, do *Livro do Gênese*. Se corretamente interpretado, ele subverte, como assinalamos, o elaborado sistema da teologia cristã, pois prova que atrás da Divindade *criadora* há um deus SUPERIOR; um planejador e arquiteto; e que o primeiro é apenas o Seu agente executor - uma simples FORÇA!

"Todos sabem", escreveu Fausto, o grande maniqueu do século IV, "que os Evangelhos não foram escritos por Jesus Cristo, nem por seus apóstolos, mas muito tempo depois por algumas pessoas desconhecidas, que, julgando com razão que não lhes dariam crédito quando constassem coisas que não haviam testemunhado, encabeçaram suas narrativas com os nomes dos apóstolos ou dos discípulos contemporâneos".

Ao comentar o assunto, A. Franck, o sábio e erudito judeu do Instituto e tradutor da *Cabala*, expressa a mesma idéia. "Não temos razão", pergunta ele, "em considerar a Cabala como um precioso vestígio da filosofia religiosa do Oriente, que, transportado para Alexandria, se misturou à doutrina de Platão, e sob o nome usurpado de Dionísio, o Areopagita, bispo de Atenas, convertido e consagrado por São Paulo, foi assim capaz de penetrar no misticismo da Idade Média?"

Diz Jacolliot: "O que é então essa filosofia religiosa do Oriente, que penetrou no simbolismo místico da cristandade? Respondemos: Essa filosofia, traços da qual encontramos entre os magos, os caldeus, os egípcios, os cabalistas hebreus e os cristãos, não é outra senão a dos brâmanes hindus, discípulos dos *pitris*, ou espíritos residentes nos mundos invisíveis que nos cercam".

Mas se os gnósticos foram destruídos pelas perseguições, a *Gnose*, baseada na secreta ciência das ciências, ainda vive. Ela é a terra que ajuda a mulher e está destinada a abrir sua boca para engolir o Cristianismo medieval, o usurpador e assassino da doutrina do grande Mestre. A *Cabala* antiga, a *Gnose*, ou o conhecimento tradicional *secreto*, jamais ficou sem os seus representantes, em qualquer época ou país. As trindades dos iniciados, reveladas à história ou ocultadas sob o véu impenetrável do mistério, foram preservadas e fixadas através das idades. Elas foram conhecidas como Moisés, Aholiab e Bezaleel, o filho de Uri, o filho de Hur, como Platão, Fílon e Pitágoras, etc. Na Transfiguração, vemo-las como Jesus, Moisés e Elias, os três Trismegisto; e os três cabalistas Pedro, Tiago e João - cuja *revelação* é a chave de toda a sabedoria. Descobrimo-las no crepúsculo da história judia como Zoroastro, Abraão e Terah, e depois como Henoc, Ezequiel e Daniel.

Quem, dentre aqueles que sempre estudaram as filosofias antigas, que compreende intuitivamente a grandeza de suas concepções, a infinita sublimidade de seus conceitos sobre a Divindade, pode hesitar, por um instante, de dar preferência à suas doutrinas sobre a Teologia incompreensível, dogmática e contraditória das centenas de seitas cristãs? Quem, tendo uma vez lido Platão e penetrado o seu *tò óv*, "a quem ninguém

jamaís viu, exceto o Filho", [de duvidar de que Jesus foi um discípulo da mesma doutrina secreta que instruiu o grande filósofo? Pois, como já mostramos antes, Platão nunca afirmou ser o criador de tudo que escreveu, mas deu todo o crédito a Pitágoras, que, por sua vez, assinalava o remoto Oriente como a fonte de que derivaram sua informação e sua filosofia. Colebrooke mostra que Platão o confessa em suas epístolas, e diz que ele extraiu seus ensinamentos das doutrinas antigas e sagradas!. Além disso, é inegável que as teologias de todas as grandes nações concordam entre si e mostram que cada uma é parte de "um todo estupendo". Como os demais iniciados, vemos Platão em grandes dificuldades para ocultar o verdadeiro significado de suas alegorias. Toda vez que o assunto toca os maiores segredos da *Cabala* oriental, segredo da verdadeira cosmogonia do universo e do mundo *ideal* preexistente, Platão esconde sua filosofia na mais profunda escuridão. Seu *Timeu* é tão confuso que só um *iniciado* pode compreender-lhe o sentido secreto. E Mosheim pensa que Fílon encheu suas obras com passagens diretamente contraditórias com o único propósito de ocultar a verdadeira doutrina. Pelo menos uma vez, vemos um crítico na pista certa.

E essa própria idéia da Trindade, assim como a doutrina tão amargamente condenada das emanações, qual é a sua mais remota origem? A resposta é fácil, e as provas estão agora às mãos. Na mais sublime e profunda de todas as filosofias, a da universal "Religião da Sabedoria", os primeiros traços da qual a pesquisa histórica agora encontra na antiga religião pré-védica da Índia. Como assinala o muito caluniado Jacolliot, "Não é nas obras religiosas da Antigüidade, tais como os *Vedas*, o *Zend-Avesta*, a *Bíblia*, que temos de procurar a exata expressão das dignas e sublimes crenças daquelas épocas".

"A sagrada sílaba primitiva, composta das três letras A-U-M, na qual está contida a Trimûrti [Trindade] Védica, deve ser mantida em segredo, como outro triplo *Veda*", diz *Manu*, no Livro XI, Sloka 266.

Svayambhû é a Divindade não revelada; é o Ser que existe por si; é o germe central e imortal de tudo que existe no universo. Três trindades emanam e nele se confundem, formando uma *unidade* Suprema. Essas trindades, ou a tríplice *Trimûrti*, são: Nara, Nârî e Virâj - a Tríadi *inicial*; Agni, Vâyû e Sûrya - a Tríada *manifesta*; Brahmâ, Vishnu e Shiva, a Tríada *criadora*. Cada uma dessas Tríadas torna-se menos metafísicas e mais adaptada à inteligência vulgar à medida em que desce. A última torna-se assim apenas o símbolo em sua expressão concreta; conclusão necessária de uma concepção puramente metafísica. Ao lado de Svayambhû, há as dez *Sephiroth* dos cabalistas hebreus, os dez *Prajâpatis* hindus - o Ain-Soph dos primeiros, que corresponde ao grande *Desconhecido*, expresso pelo A U M místico dos últimos.

Diz Franck, o tradutor da *Cabala*:

"Os dez Sephiroth (...) dividem-se em *três classes*, cada uma das quais nos apresenta a divindade *sob um aspeto diferente*, embora o todo permaneça uma *Trindade indivisível*."

"Os primeiros três Sephiroth são puramente intelectuais no que concerne à Metafísica; expressam a identidade absoluta da existência e do pensamento, e formam o que os modernos cabalistas chamam de mundo inteligível" - que é a primeira manifestação de Deus.

"Os três seguintes (...) fazem-nos conceber Deus em um de seus aspectos, como a identidade entre bondade e sabedoria; noutro aspeto, eles nos mostram, no bem Supremo, a origem da beleza e da magnificência [na criação]. Por isso, eles se chamam *virtudes*, ou constituem o *mundo sensível*."

"Finalmente, sabemos, pelo último desses atributos, que a Providência Universal, o Artista Supremo, é também *Força absoluta*, a causa Todo-Poderoso, e que, ao mesmo tempo, essa causa é o *elemento gerador de tudo que existe*. São estes últimos Sephiroth que constituem o *mundo natural*, ou a natureza em sua essência e em seu princípio *ativo, natrua naturans*".

Essa concepção cabalística revela-se idêntica à da filosofia hindu. Todo aquele que ler Platão e seu diálogo *Timeu* encontrará essas idéias fielmente reproduzidas pelo filósofo grego. Além disso, a imposição do segredo era tão estrita para os cabalistas, como o era para os iniciados de Adyta e os iogues hindus.

"Fecha tua boca, para que não fales *disto* [o mistério], e teu coração, para que não pense em voz alta; e se teu coração escapar, trá-lo de volta, pois tal é o objetivo de nossa aliança".

"Esse é o segredo que dá morte: fecha tua boca para não revelá-lo ao vulgo; comprime teu cérebro para que nada escape dele e caia noutra parte" (*Agrushada-Pariskshai*).

Mas, se o conhecimento dos poderes ocultos da Natureza abre a percepção espiritual do homem, alarga-lhe as faculdades intelectuais, e o leva infalivelmente a uma veneração mais profunda do Criador, por outro lado a ignorância, a estreiteza dogmática e um medo infantil de contemplar o fundo das coisas levam invariavelmente ao fetichismo e à superstição.

Quando Cirilo, o Bispo de Alexandria, abraçou abertamente a causa de Ísis, a deusa egípcia, e a antropomorfizou em Maria, a mãe de Deus, e a controvérsia trinitária estalou, desde esse momento, a doutrina egípcia da emanação do Deus criador oriundo de Emepht começou a ser torturada de mil maneiras, até que o Concílio concordou com a sua adoção na forma atual, que vem a ser o Ternário desfigurado dos cabalistas

Salomão e Filon! Mas como sua origem era ainda por demais evidente, deram o nome de Cristo ao *leste*", ao *Adão-Cadmo*, ao *Verbo*, ao *Logos*, identificando-o em essência e existência com o *Pai ou Ancião dos Dias*. A Sabedoria *oculta*, segundo o dogma cristão, tornou-se idêntica e coeterna com a sua emanção, o *Pensamento divino*.

O DOGMA DA REDENÇÃO. (L. 3, pág. 44).

Se pararmos agora para considerar outro dos dogmas fundamentais da cristandade, a doutrina da redenção, podemos remontá-lo com facilidade ao Paganismo. Essa pedra angular de uma Igreja que se acredita erguida sobre rocha firme, há muitos séculos, foi agora escavada pela ciência, e revelou provir dos gnósticos. O Prof. Draper demonstra que esse dogma era pouco conhecido nos dias de Tertuliano, e que ele se "*originou* entre os gnósticos heréticos". Não nos permitiremos contradizer tão sábia autoridade, a não ser para sugerir que ele se "*originou* tanto entre eles, como o seu Cristos "Ungido" e a Sophia. O primeiro, eles o modelaram com base no original do "Rei Messias", o princípio masculino da sabedoria, e a segunda, da terceira Sefiroth, da *Cabala* caldaica, e ainda de Brahmã e Sarasvatí, ambos hindus, e dos pagãos Dionísio e Demeter. E aqui estamos em solo firme, visto que está agora provado que o *Novo Testamento* jamais surgiu em sua forma completa, tal como agora o encontramos, a não ser 300 anos depois da época dos apóstolos, e que o *Zohar* e outros livros cabalísticos datam do primeiro século de nossa era, se é que não são mais antigos.

Os gnósticos partilharam de muitas das idéias essênias; e os essênios já possuíam os seus mistérios "maiores" e "menores", pelo menos dois séculos antes de nossa era. Eles eram os *ozarim ou iniciados*, os descendentes dos hierofantes egípcios, em cujo país haviam estado durante vários séculos antes de terem sido convertidos ao monasticismo budista pelos missionários do rei Asoka, amalgamando-se depois com os cristãos primitivos. Existiram provavelmente antes de os antigos templos egípcios terem sido destruídos e arruinados durante as incessantes invasões dos persas, dos gregos e de outras hordas conquistadoras. Os hierofantes representavam sua *redenção* no mistério da Iniciação, muitos séculos antes do surgimento dos gnósticos e mesmo dos essênios. Tal mistério era conhecido entre os hierofantes como o BATISMO DE SANGUE, e considerado não como uma expiação para a "queda do homem" no Éden, mas simplesmente como uma expiação para os pecados passados, presente e futuros da Humanidade ignorante, mas, não obstante, corrompia. O Hierofante tinha a opção de oferecer sua vida pura e imaculada como um sacrifício para sua raça aos deuses com os quais procurava se reunir, ou a vida de uma vítima animal. A primeira opção dependia inteiramente de sua própria vontade. No último momento do solene "novo nascimento", o iniciador passava a "palavra" ao iniciado, e imediatamente após ter-lhe colocado nas mãos uma arma, ordenava-lhe que o *golpeasse*. É essa a verdadeira origem do dogma cristão da redenção.

Na verdade, numerosos foram os "Cristos" dos séculos pré-cristão. Mas eles morreram desconhecidos do mundo e desapareceram tão silenciosamente como misteriosamente da vista dos homens, como Moisés do topo de Pisgah, a montanha de Nebo (sabedoria oracular), após ter deposto suas mãos sobre Josué, que assim se tornou "cheio do espírito da sabedoria" (*i.e., iniciado*).

O MISTÉRIO DA EUCARISTIA. (L. 3, pág. 45).

O mistério da Eucaristia não é também propriedade exclusiva dos cristãos. Godfrey Higgins prova que ele foi instituído muitas centenas de anos da "Ceia Pascal", e diz que "o sacrifício do pão e do vinho era comum a muitas nações antigas". Cícero menciona-o em suas obras, e surpreende-se com a estranheza do rito. Um significado esotérico se lhe associou desde o início do estabelecimento dos mistérios, e a Eucaristia é um dos ritos mais antigos. Entre os hierofantes, ela tinha quase que o mesmo significado que para os cristãos. Ceres era o *pão*, e Baco era o *vinho*; o primeiro significava a regeneração da vida a partir da semente, e o segundo - a uva - o emblema da sabedoria e do conhecimentos; a acumulação do espírito das coisas, e a fermentação e a conseqüente força desse conhecimento esotérico, juntamente, simbolizadas pelo vinho. O mistério relacionava-se com o drama do Éden. Afirma-se que ele foi ensinado pela primeira vez por Jano, que foi também o primeiro a introduzir nos templos os sacrifícios do "pão" e do "vinho", em comemoração à "queda na geração" sob o símbolo da "semente". "Sou a verdadeira vinha, e meu Pai é o vinhateiro", diz Jesus [João, XV, 1], aludindo ao conhecimento secreto que podia comunicar. "Não mais beberei o fruto da vinha, até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus" [Marcos, XIV, 25].

O festival dos mistérios eleusianos tinha início no mês de Boedromion, que corresponde ao mês de setembro, o templo da vindima, e se estendia do 15º ao 22º dia do mês, isto é, por *sete* dias. O festival hebreu da Festa dos Tabernáculos começava no 15º dia e terminava no 22º dia do mês de Ethanim (outubro) que Dunlap mostra derivar de Adonim, Adonia, Attenim, Ethanim; e essa festa é chamada no *Êxodo* (XXIII, 16)

de festa da *colheita*. "Todos os homens de Israel se reuniram junto do rei Salomão, no mês de Ethanim, durante a festa, que é o sétimo mês".

Plutarco pensa que as festas das tendas sejam tiros báquicos, não eleusinos. Assim "evocava-se diretamente a Baco", diz ele. O culto *Sabaziano* era sabático; os nomes Evius, ou Hevius, e Luaios são idênticos a *Hivita* e *Levita*. O nome francês Louis provém do hebraico *Levi*; Iacchus é Iao ou Jeová; e Baal ou Adon, como Baco, era um deus fálico. "Quem pode subir à montanha [o lugar elevado] do Senhor?", pergunta o santo rei Davi, "quem pode ficar de pé no lugar de seu *Kadesh*?" (*Salmos*, XXIV, 3). *Kadesh* pode significar, num sentido, *consagrar, venerar, sacrificar*, e também iniciar ou pôr de lado; mas também significa o ministério de ritos lascivos (o culto de Vênus) e a verdadeira interpretação da palavra *Kadesh* é claramente traduzida em *Deuteronômio*, XXIII, 17; *Oséias*, IV, 14; e *Gênese*, XXXVIII, do versículo 15 ao 22. Os "santos" *Kadeshuth* da *Bíblia* eram idênticos, no que diz respeito aos deveres de seu ofício, às donzelas *Nautch* dos pagodes hindus mais recentes. Os *Kadeshim* hebraicos ou *galli* viviam "no Templo do Senhor, onde as mulheres teciam véus para o bosque", ou busto de Vênus-Astartê, diz o sétimo verso do capítulo 23 de *II Reis*.

A dança executada por Davi ao redor da arca era a "dança circular" que teria sido prescrita pelas Amazonas para os mistérios. Tal era a dança das filhas de Shioh (*Juizes*, XXI, 21, 23 *et passim*), e a dos profetas de Baal (*I Reis*, XVII, 26). Trata-se simplesmente de uma característica do culto sabau, pois denotava o movimento dos planetas em torno do Sol. Que a dança era um frenesi báquico, não resta dúvida. O sistro era utilizado nessa ocasião, e o motejo de Micol e a resposta do rei são muito expressivas. "O rei de Israel se fez louvar hoje, descobrindo-se na presença das servas como se descobriria um homem de nada". E Davi respondeu: É diante do Senhor, que eu danço [ou ajo luxuriantemente], e ainda me humilharei". Quando lembramos que Davi esteve entre os tírios e os filisteus, onde esses ritos eram comuns; e que ele arrebatou essa terra da casa de Saul, com a ajuda de mercenários de seus pais, a aceitação e talvez a introdução de tal culto pagão pelo frágil "salmista" parece muito natural. Davi nada sabia de Moisés, ao que parece, e, se ele introduziu o culto de Jeová, não o fez em seu caráter monoteísta, mas simplesmente no de muitos deuses das nações vizinhas - uma divindade tutelar a quem deu preferência, e a quem escolheu dentre "todos os outros deuses".

Seguindo em sua ordem o estudo dos dogmas cristãos, se concentramos nossa atenção naquele que provocou as lutas ferozes até o seu reconhecimento, o dogma da Trindade, o que encontramos? Encontramo-lo, como já se mostrou, a Nordeste do Indo; e remontando à Ásia Menor e à Europa, reconhecemo-lo em vários povos que nada tinham de algo como uma religião estabelecida. As mais antigas escolas caldeias, egípcias e mitraicas o ensinavam. O deus solar caldeu, Mitha, era chamado de "Triplo", e a idéia trinitária dos caldeus era uma doutrina dos acádios, que pertenciam a uma raça que foi a primeira a conceber uma Trindade metafísica. Os caldeus eram uma tribo dos acádios - de acordo com Rawlinson - que viviam na Babilônia desde tempos ancestrais. Eram os turânios, segundo outros, e instruíram os babilônios nas primeiras noções religiosas. Mas esses acádios, quem eram eles? Os cientistas que lhes conferem uma origem turaniana fazem-nos os inventores dos caracteres cuneiformes; outros os chamam de sumerianos; outros, ainda, chamam suas línguas, da qual (por muito boas razões) não subsiste nenhum vestígio, de casdeanas, caldaicas, protocaldaicas, casco-cíticas, e assim por diante. A única tradição digna de crédito é que esses acádios instruíram os babilônios nos mistérios, e lhes ensinaram a língua sacerdotal ou dos *mistérios*. Esses acádios eram tão simplesmente uma tribo dos brâmanes hindus, agora chamados de arianos - e sua língua vernacular o sânscrito (Lembramos a esse respeito que o Cel. Vans Kennedy há muito externou sua opinião de que a Babilônia fora, outrora, sede da língua sânscrita e da influência bramânica.) dos *Vedas*; é a língua sagrada ou dos mistérios, aquela que, mesmo em nosso próprio século, é utilizado pelos faquires hindus e pelos brâmanes iniciados em suas evocações mágicas. Essa língua tem sido empregada desde tempos imemoriais, e ainda o é pelos iniciados de todos os países, e os lamas tibetanos afirmam que é nesse idioma que surgem os misteriosos caracteres sobre as folhas e o córtex do Kumbum sagrado.

Jaccoliot, que se deu ao trabalho de penetrar nos mistérios da iniciação bramânica traduzindo e comentando a *Agrushada-Parikshai*, confessa o seguinte:

"Pretende-se também, sem que tenhamos podido verificar a afirmativa, que as evocações mágicas eram pronunciadas numa língua particular, e que era proibido, sob pena de morte, traduzi-las nos dialetos vulgares. As raras expressões que fomos capazes de reter, como - *L'rhom, h'hom, sh'hrûm, sho'rhim*, são fato muito curiosas, e não parecem pertencer a qualquer idioma conhecido".

Todo aquele que viu um faquir ou um lama recitando seus Mantras e suas conjurações sabe que ele jamais pronuncia as palavras de modo audível quando se dispõe a realizar algum fenômeno. Seus lábios se movem, e ninguém jamais ouvirá a terrível fórmula pronunciada, exceto no interior dos templos, e mesmo aí

em cauteloso sussurro. Essa era então a língua agora batizada respetivamente por todos os cientistas, e, de acordo com suas propensões imaginativas e filológicas, de casdo-semítica, cítricas, protocladaicas, etc.

No *Livro de Hermes*, expõe "Poimandres" todo o dogma da Trindade aceito pelos cristãos enunciado em sentenças distintas e inequívocas. "A luz sou eu", diz Poimandres, o PENSAMENTO DIVINO. "Sou o *Nous* ou inteligência, e sou teu Deus, mais antigo do que o Princípio Humano que escapa das Trevas. Sou o Germe do Pensamento, a PALAVRA resplendente, o FILHO de Deus. Sabe que o que assim vês e ouves em Ti é o *Verbum* do Mestre, é o Pensamento, que é Deus, o Pai (...) O oceano celestial, o ÉTER, que flui de leste a oeste, é o Sopro do Pai, o Princípio dador da vida, o ESPÍRITO SANTO!" "Pois eles não estão separados, e sua união é VIDA."

Por mais antiga que possa ser a origem de Hermes, perdidos nos desconhecidos dias da colonização egípcia, existe no entanto uma profecia muito antiga, relacionada, segundo os brâmanes, diretamente ao Krishna hindu. É de fato estranho, para dizer o mesmo, que os cristãos pretendam basear sua religião numa profecia da *Bíblia*, que não existe em nenhum lugar nesse livro. Em que capítulo ou verso prometeu Jeová, o "Senhor Deus", enviar a Adão e Eva um Redentor que viria salvar a Humanidade? "Porei uma hostilidade entre ti e a mulher", diz o Senhor Deus à serpente, "e entre tua linhagem e a dela; ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirá o calcanhar".

Nessas palavras, não há a menor alusão a um Redentor, e a mais sutil das inteligências não poderia extrair delas, tal como figuram no terceiro capítulo da *Gênese*, qualquer referência àquilo que os cristãos pretendem encontrar. Por outro lado, nas tradições e no *Livro de Manu*, Brahmâ promete diretamente ao primeiro casal enviar-lhes o caminho da salvação.

"É dos lábios de um mensageiro de Brahmâ, que nascerá em Kurukshetra, Matsyam e na terra de Pañchâla, também chamada Kanya-Kuba [montanha da Virgem], que todos os homens da Terra aprenderão seu dever", diz *Manu* (Livro II, slokas 19 e 20).

Os mexicanos chamam o Pai de sua Trindade de Izamna, o Filho, Bacab, e o Espírito Santo, de Echuak, "e dizem que a receberam [a doutrina] de seus ancestrais". Entre as nações semitas, podemos remontar a Trindade aos dias pré-históricos do fabuloso Sesostris, que é identificado por mais de um crítico com Nimrod, "o poderoso caçador". Manetho faz o oráculo recriminar o rei, e este pergunta em seguida: "Diz-me ó forte no fogo, quem, mais do que eu, poderia subjugar todas as coisas? E quem, depois de mim?" E o oráculo disse: "Em primeiro lugar, Deus, logo o Verbo, e, depois, o Espírito".



CAPÍTULO II

CRIMES CRISTÃOS E VIRTUDES PAGÃS

ARTES OCULTAS PRATICADAS PELO CLERO, E AS CABEÇAS FALANTES. (L. 3. pág. 61).

Já foi muitas vezes atestado o fato de que o Papa Silvestre II foi acusado publicamente pelo Cardeal Benno de ser feiticeiro e encantador. A impudente "cabeça oracular" feita por sua Santidade era da mesma espécie daquela fabricada por Alberto Magno. Esta última foi reduzida a pedaços por Tomás de Aquino, não porque fosse obra de um "demônio" ou fosse habitada por ele, mas porque o espectro que estava fixado no seu interior, por poder mesmérico, falava incessantemente e a sua verborrêia atrapalhava o eloqüente santo na resolução dos seus problemas matemáticos. Essas cabeças e outras estátuas falantes, troféus da habilidade mágica dos monges e dos bispos, eram fac-símile dos deuses "animados" dos templos antigos. A acusação contra o Papa foi validada naquela época. Demonstrou-se também que ele era constantemente servido por "demônios" ou espíritos. Benedito IX, João XX e os Gregórios VI e VII, todos conhecidos como mágicos. O último Papa, além disso, foi o famoso Hildebrando, de quem se dizia ser perito em "extrair relâmpagos das suas mangas". Uma expressão que faz o Sr. Howitt, um venerado escritor espiritista, pensar que "aí está a origem do famoso trovão do Vaticano".

"A Santa Inquisição", esta instituição imortal do Cristianismo não ficou sem o seu Dante que lhe cantasse uma louvação. "Macedo, um jesuíta português", diz o autor de *Demonologia*, "descobriu a 'origem da Inquisição' no paraíso terrestre e se atreve a alegar que Deus foi o primeiro a exercer as funções de um inquisitor contra Caim e os operários de Babel!" (Encontramos algumas afirmações interessantes do Livro *Conflict between Religion and Science* do Prof. Draper. à p. 246, ele diz: "As famílias dos condenados eram lançadas a uma ruína irrecuperável. Llorente, o historiador da Inquisição, salienta que Torquemada e os seus colaboradores, no curso de dezoito anos, queimaram no poste 10.220 pessoas, 6.860 em efígie e puniram 97.321! (...) Com repugnância e indignação indizíveis, ficamos sabendo que o governo papal ganhou muito dinheiro com a venda aos ricos de indulgências que os livrassem da Inquisição".)

Em lugar algum, durante a Idade Média, foram as artes da magia e da bruxaria mais praticadas pelo clero do que na Espanha e em Portugal. Os mouros eram profundamente versados em ciências ocultas e em Toledo, Servilha e Salamanca estiveram, numa escola de Magia. Os cabalistas desta última cidade eram hábeis em todas as ciências abstrusas; conheciam as virtudes das pedras preciosas e de outros minerais e extraíam da Alquimia os seus mais profundos segredos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE DIABOS, ARTIGOS DE FÉ E A BÍBLIA. (L. 3 pág. 69).

Já mencionamos a confissão de um eminente prelado a respeito de que a eliminação de Satã da Teologia seria fatal para a perpetuidade da Igreja. Mais isto só é parcialmente verdadeiro. O Príncipe do Pecado não mais existiria, mas o pecado sobreviveria se o Diabo fosse aniquilado, os *Artigos de fé* e a *Bíblia* continuariam a existir. Em suma, haveria ainda uma revelação pretensamente divina e a necessidade de intérpretes que se dizem inspirados. Devemos, portanto, considerar a autenticidade da *Bíblia* em si mesma. Devemos, estudar as suas páginas e ver se elas, na verdade, contêm os mandamentos da Divindade ou se são apenas um compêndio de tradições antigas e de mitos antiquados. Devemos tentar interpretá-las por nós mesmos - se possível. Quanto aos pretensos intérpretes, a única assimilação possível que podemos encontrar para eles na *Bíblia* é compará-los ao homem descrito pelo sábio rei Salomão nos seus *Provérbios*, ao perpetrador dessas "seis coisas (...) ou sete (...) que o Senhor odeia" e que são uma abominação para Ele, a saber: "um olhar *altivo*, uma língua *mentirosa* e mãos que derramam *sangue inocente*; um coração *que maquina malvadíssimos projetos*, pés prontos para correr ao mal; uma *testemunha falsa* que profere mentiras e o que semeia *discórdias entre seus irmãos*".

"Quando os demônios", diz Agostinho, "se insinuam nas criaturas, começam por se conformar à vontade de cada um. (...) A fim de atrair os homens, começam por seduzi-los, simulando obediência. (...) Como se poderia saber, sem instrução dos próprios demônios, do que eles gostam e o que eles odeiam; o nome que atraí, ou aquele que os força a obedecer, toda essa arte, em suma, da magia, a síntese da ciência dos mágicos?"

A esta impressionante dissertação do "Santo", acrescentamos que nenhum mágico jamais negou que tivesse aprendido a arte por intermédio dos "espíritos", quer estes tivessem agido sobre ele, um médium, independentemente da sua vontade, ou tivesse sido ele iniciado na ciência da "evocação" por seus ancestrais

que a conheceram antes dele. Mas quem ensinou o exorcista, o padre que se reveste de uma autoridade não só sobre o mágico, mas também sobre todos esses “espíritos”, aos quais denomina demônios e *diabos* desde o momento em que eles obedecem apenas a ele? Ele deve ter aprendido em algum lugar e com alguém a manejar o poder que ele pretende possuir. Pois, pergunta Agostinho, “(...) *como se poderia saber, sem instrução dos próprios demônios (...) o nome que atrai, ou o que os força a obedecer?*”

É inútil observar que conhecemos de antemão a resposta: “A Revelação (...) do dom *divino* (...) O Filho de Deus; não, o próprio Deus, por intermédio do Seu Espírito, que desceu sobre os apóstolos como o fogo pentecostal e que agora se diz obscurecer todo padre que pretende exorcizar por glória ou por dom.

AS FILOSOFIAS COMPARADAS. (L. 3, pág. 82).

Nunca houve nem haverá uma filosofia verdadeira - pagã, gentia, judaica ou cristã - que tenha seguido a mesma linha de pensamento. Gautama Buddha reflete-se nos preceitos de Cristo; Paulo e Filon, o Judeu, são ecos fieis de Platão; e Amônio Saccas e Plotino conseguiram a sua glória imortal combinando os ensinamentos de todos os grandes mestres da verdadeira filosofia. "Provei todas as coisas; predei-vos ao que é bom" - parece ser a dívida de todos os irmãos do mundo. Menos para os intérpretes da *Bíblia*. A semente de Reforma foi plantada no dia em que o segundo capítulo da *Epístola Católica de São Tiago* entrou em conflito com o capítulo 11 da *Epístola aos Hebreus*, no mesmo *Novo Testamento*. (Dá-se o testemunho da Fé.) Quem acredita em Paulo não pode acreditar em Tiago, Pedro e João. (Do livro *A Sabedoria Tradicional* de H.P.B. pg. 192. HPB cita o seguinte: “*Fé na Autoridade, e Fé na Intuição; a primeira é credulidade e superstição humanas, e a outra Crença e Intuição humanas. A Fé na autoridade, é baseada simplesmente em fontes humanas, ao passo que na Intuição ela têm como base à lógica e razão rigorosas, ou seja, à Fé do referido Apostolo.*) Para serem cristãos como seu apóstolo, é preciso que os paulinos combatam Pedro "face a face"; e, se Pedro "deve ser censurado" e se *estava errado*, então ele não era infalível. Como pode então o seu sucessor (?) se orgulhar da sua infalibilidade? Todo reino dividido contra si mesmo está certo da ruína; e toda casa dividida contra si mesma com certeza ruirá. Uma pluralidade de mestres é tão fatal em religião, quanto em política. O que Paulo pregou foi pregado por qualquer outro filósofo místico. "Mantende-vos *firmes na liberdade* em que Cristo vos fez livres e não vos *sujeiteis novamente ao jugo da servidão!* - exclama o honesto filósofo-apóstolo; e acrescenta, profeticamente inspirado: "Mas, se vos morderdes e vos devorardes uns aos outros, cuidado para que não sejais destruídos uns pelos outros". (Gálatas, V, 1,15.).

A TRADIÇÃO DO RITUAL CABALÍSTICO, COMPARADO AO CATÓLICO ROMANO. (L. 3, pág. 83).

Eis a tradução do *Ritual cabalístico* e daquilo que se conhece geralmente como *Ritual romano*. Este último foi promulgado em 1851 e 1852, sob a sanção do Cardeal Engelbert, Arcebispo de Malines, e do Arcebispo de Pais. Falando sobre ele, o demonólogo des Mousseaux afirma: "É o ritual de Paulo V, revisto pelo mais erudito dos papas modernos, Benedito XIV, contemporâneo de Voltaire".

CABALÍSTICO (judaico e pagão)

Exorcismo do Sal

O Padre-Mágico abençoa o Sal e diz: "*Criatura de Sal*, que a SABEDORIA [de Deus] esteja em ti; que ela preserve de toda corrupção *as nossas mente e os nossos corpos*. Por Hokhmael, [Deus da sabedoria] e pelo poder de *Ruah* Hokhmael [Espírito do Espírito Santo] que os Espíritos da matéria (espíritos maus) fujam diante dele. (...) *Amém*."

Exorcismo da Água (e das Cinzas)

"Criatura da Água, eu te exorcizo (...) pelos *três nomes* que são Netzah, Hode e Yesod [trindade cabalística], no começo e no fim, por Alfa e Ômega, que estão no Espírito Azoth [Espírito Santo, ou a '*Alma Universal*'], eu te exorcizo e adjuro. (...) Água errante, que o Senhor te comande pelas *asas do touro e de sua espada flamejante*." (O querubim postado à porta leste do Éden.)

Exorcismo de um Espírito Elemental

"Serpente, em nome do Tetragrammaton, o Senhor; Ele te ordena, pelo anjo e pelo leão.

CATÓLICO ROMANO

Exorcismo do Sal

O Padre abençoa o Sal e diz: "*Criatura de Sal*, eu te exorcizo em nome do Deus vivo (...) *sê a saúde da alma e do corpo!* Por toda parte onde fores lançados, *que o espírito impuro seja posto em fuga*. (...) *Amém*".

Exorcismo da Água

"Criatura da água, em nome de Deus Todo-Poderoso, do Pai, do Filho e do Espírito Santo (...) *sê exorcizado*. (...) Eu te adjuro em nome do Cordeiro (...) O mágico diz *touro* ou *boi - per alas tauri*] do Cordeiro que caminha sobre o basilisco e a alfazema e que esmaga sob seus pés o leão e o dragão."

Exorcismo do Diabo

(.....)

"Anjo da escuridão, obedece e foge com esta água santa [exorcizada]. Água em cadeias obedece a esse sinal, e retira-te diante do sopra. Serpente móvel, arrasta-te a meus pés, ou sê torturada por *este fogo sagrado* e evapora-te diante desse incenso santo. Que a água volte à água [o espírito elemental da água]; que o fogo queime e o ar circule; que a terra volte à terra em virtude do Pentagrama, que é a Estrela da Manhã, e em nome do Tetragrammaton que é traçado no centro da *Cruz de Luz. Amém.*"

"Ó Senhor, que aquele que carrega consigo o terror fuja, atacado pelo terror e que seja vencido. Ó tu, que és a Serpente Antiga (...) treme diante da mão daquele que, tendo triunfado das torturas do inferno [?] - *devictis gemitibus inferni* - chamou as almas à luz. (...) Quanto mais decaíres, mais terrível será a tua tortura (...) por parte d'Aquele que reina sobre os vivos e os mortos (...) e que julgará o século pelo fogo, *saeculum per ignem*, etc. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém".

O SINAL DA CRUZ, NOS RITOS SAGRADOS. (L. 3. pág. 84).

Seria realmente muito doloroso tirar de Roma, de uma única vez, todos os seus símbolos; mas é preciso fazer justiça aos hierofantes despojados. Muito tempo antes que o sinal da Cruz fosse adotado como símbolo cristão, ele era empregado como um sinal secreto de reconhecimento pelos neófitos e pelos adeptos. Diz Lévi (Éliphas Lévi): "O sinal da Cruz adotado pelos cristãos não pertence exclusivamente a eles. Ele é cabalístico e representa as oposições e o equilíbrio quaternário dos elementos. Constatamos, na estrofe oculta do *Pater*, que havia originalmente duas maneiras de fazê-lo, ou pelo menos duas formulas muito diferente de expressar o seu significado - uma reservada aos padres e aos iniciados; e outra, comunicada aos neófitos e aos profanos. Assim, por exemplo, o *iniciado*, levando a mão à frente, diz: *A Ti*; então ele acrescentava *pertencem*; e continuava, enquanto levava a mão ao peito - *o reino*; ao ombro direito - e o perdão. Então ele juntava as mãos, acrescentando: *através dos ciclos geradores: 'Tibi sunt Malkhuth, et Geburah et Hesed, per Aeonas'* - um sinal da Cruz *total* e magnificamente cabalístico, que as profanações do gnosticismo fizeram a Igreja militante e oficial *perder* completamente".

O APÓSTOLO PAULO, PERTENCIA AO "CIRCULO" DOS INICIADOS. (L. 3. pág. 86).

O Apóstolo dos Gentios era corajoso, franco sincero e muito culto; o Apóstolo da Circuncisão era covarde, cauteloso, *insincero* e muito ignorante. Não há nenhuma dúvida de que Paulo foi, parcialmente pelo menos, se não totalmente, iniciado nos mistérios teúrgicos. A sua linguagem, a fraseologia tão peculiar aos filósofos gregos, certas expressões usadas pelos iniciados são muitos sinais audíveis para essa suposição. Nossa suspeita foi reforçada por um artigo muito bem escrito, publicado em jornais nova-iorquinos, intitulado *Paul and Plato*, em que seu autor emite uma observação notável e, para nós muito precisa. Nas suas *Epístolas aos Coríntios*, ele nos mostra um Paulo abundante em "expressões sugeridas pelas iniciações de Sabazius e Elêusis e pelas leituras dos filósofos [gregos]. Ele [Paulo] se diz um *idiôtes* - uma pessoa ignorante no que concerne à Palavra, mas não à *gnosis* ou conhecimento filosófico. 'Dizemos sabedoria entre os prefetos ou iniciados' - escreve ele - 'não a sabedoria divina num mistério, secreta - que *nenhum dos arcontes deste mundo conheceu*'. (*I Coríntios, II, 6, 7, 8.*)

O que mais quer o apóstolo dizer com estas palavras inequívocas, senão que ele próprio, que fazia parte dos *mystae* (iniciados), falava de coisas expostas e explicadas apenas nos mistérios? A "sabedoria divina num mistério que nenhum dos *arcontes deste mundo conheceu*" faz evidentemente alguma referência direta ao *basileus* da iniciação eleusiniana que *ele conhecia*. O *basileus* pertencia à comitiva do grande hierofante e era um *arconte* de Atenas; e, assim, era um dos principais *mystae*, pertencente aos mistérios *interiores*, aos quais apenas um número muito seletos e pequeno tinha acesso. Os magistrados que supervisionavam os eleusinos eram chamados arcontes.

Uma outra prova de que Paulo pertencia ao círculo dos "iniciados" repousa no seguinte fato. Sua cabeça foi tosquiada em Anchrea (onde Lúcio Apuleio foi iniciado) porque "ele tinha um voto". Os *nazars* - ou os postos à parte -, como vemos nas Escrituras judaicas, tinham de cortar seus cabelos, que usavam longos, e que "nenhuma navalha tocou" em tempo algum, e sacrificá-los no altar da iniciação. E os *nazars* eram uma classe de teurgos caldeus. Veremos depois que Jesus pertenceu a essa classe.

Paulo declara que "De acordo com a graça de Deus que me foi dada, como sábio arquiteto lancei o fundamento".

Esta expressão, arquiteto, usada apenas *uma vez* em toda a *Bíblia*, e justamente por Paulo, pode ser considerada como uma verdadeira revelação. Nos mistérios, a terceira parte dos ritos era chamada *Epopteia*, ou revelação, recepção dos segredos. Em substância, ela significa aquele estágio de clarividência divina em que tudo o que pertence a esta Terra desaparece e a visão terrena é paralisada e a alma pura e livre une-se ao seu Espírito, ou Deus. Mas a significação real da palavra é "vigilante", de *eu me vejo*. Em sânscrito, a palavra *avâpta* tem o mesmo significado, e também o de *obter*. A palavra *epopteia* é um composto, de sobre e de, ver, ou ser um vigilante, um inspetor - também utilizada para um arquiteto. O título de mestre-pedreiro, na Franco-maçonaria, deriva daí, no sentido que ele tinha nos mistérios. Em consequência, quando Paulo se diz ser um

"arquitecto", ele está usando uma palavra eminentemente cabalística e maçônica, e que nenhum dos outros apóstolos utiliza. Assim, ele se declara um *adepto*, que tem o direito de *iniciar* outros.

Se pesquisarmos nessa direção, como esses guias seguros, os mistérios gregos e a *Cabala*, diante de nós, será fácil encontrar a razão secreta pela qual Paulo foi tão perseguido e odiado por Pedro, João e Tiago. O autor da *Revelação* era um cabalista judeu *pur sang*, com toda a aversão aos mistérios herdada por ele de seus ancestrais. (*Não é necessário afirmar que o Evangelho segundo São João não foi escrito por João, mas por um platônico ou gnóstico pertencente à escola neoplatônica.*) O ciúme que sentia durante a vida de Jesus estendeu-se a Pedro; e foi só depois da morte do seu Mestre comum que vemos os dois apóstolos - dos quais o primeiro vestiu a Mitra e o Petalón dos rabinos judaicos - pregar com tanto zelo o rito da circuncisão. Aos olhos de Pedro, Paulo, que o humilhara, e ao qual considerava ser superior a ele em "conhecimentos gregos" e Filosofia, devia parecer naturalmente um mágico, um homem poluído com a "Gnoses", com a "sabedoria" dos mistérios gregos - e, talvez, "Simão, o Mago". (O fato de Pedro ter perseguido o "Apóstolo dos Gentios", com esse nome, não implica necessariamente que não existisse um Simão, o Mago, individualmente distinto de Paulo. Ele deve ter-se tornado um nome genérico de ofensa. Theodoret e Crissóstomo, os primeiros e mais prolíficos comentadores do gnosticismo daquela época, parecem fazer de Simão um rival de Paulo e afirmam que eles trocaram muitas mensagens entre si. O primeiro, um diligente propagandista daquilo que Paulo chama de "antítese da Gnose" (*I Timóteo, VI,20*), deve ter sido um espinho doloroso nas costelas do apóstolo. Há provas suficientes da existência real de um Simão, o Mago.)

Quanto a Pedro, a crítica bíblica já mostrou que ele talvez não tivesse nada a ver com a fundação da Igreja latina em Roma, senão fornecer o pretexto de que o astucioso Irineu se aproveitou para fazer beneficiar essa Igreja com o novo nome do apóstolo - *Petros* ou *Kêphas*, um nome que se prestava tão bem, com um jogo de palavra, para ser associado ao de *Petroma*, o duplo jogo de tabletes de pedra usados pelo Hierofante nas iniciações durante o mistério final. Nisso, talvez, repouse escondido todo o segredo das pretensões do Vaticano. Como o Prof. Wilder tão bem sugere: "Nos países orientais, a designação Pether, [em fenício e em caldaico, um intérprete] parece ter sido o título desse personagem [o Hierofante]. (...) Há nesses fatos uma reminiscência das circunstâncias peculiares da lei mosaica (...) assim como a pretensão do Papa de ser o sucessor de Pedro, o Hierofante ou intérprete da religião cristã".

Uma inscrição encontrada no túmulo da Rainha Menthu-hetep, da 11ª dinastia (2.782 a.C.), que se reconheceu ter sido transcrita do sétimo capítulo do *Livro dos mortos* (que data de pelo menos 4.500 a.C.), é mais do que sugestiva. Esse texto monumental contém um grupo de hieróglifos que, interpretados, se lêem:

PTR. RF. SU.
Peter - ref - su.

A palavra, **PTR**, foi interpretada, parcialmente devido a uma outra palavra escrita num outro grupo de hieróglifos, sobre uma estrela, sob a forma de um olho aberto. Bunsen menciona ainda outra explicação de PTR - "mostrar". "Parece-me" - observa ele - "que nosso PTR é literalmente a forma 'Patar' do velho aramaico e do hebraico, que ocorre na história de José como a palavra específica para *interpretação*; donde *Pitrun* deva ser o termo para interpretação de um texto, de um sonho". Num manuscrito do século I, uma combinação de textos demóticos e gregos, provavelmente um dos poucos que escaparam miraculosamente ao vandalismo cristão dos séculos II e III, quando todos esses manuscritos preciosos foram queimados sob acusação de Magia, encontramos diversas vezes repetidas uma frase que, talvez, possa lançar luzes sobre essa questão. Com relação a um dos heróis principais do manuscrito, constantemente referido como "o Iluminador Judeus" ou Iniciado, acredita-se que ele só se comunique com o seu *Patar*; esta palavra está escrita em caracteres caldaicos, e é associada, uma vez com o nome *Shimeon*. Muitas vezes, o "Iluminador", que raramente interrompe sua solidão contemplativa, nos é mostrado habitando uma caverna e ensinando, não oralmente, mas por intermédio do *Patar*, as multidões de discípulos ávidos de aprender que se postavam do lado de fora. O *Patar* recebe as palavras de sabedoria aplicando o ouvido a um buraco circular escavado num tabique que ocupa o instrutor dos seus ouvintes e as transmite à multidão, com explicações e comentários. Este era, com pequenas modificações, o método utilizado por Pitágoras, que, como sabemos, nunca permitiu que os seus neófitos o vissem durante os anos de provação, mas os instruída postado atrás de uma cortina que fechava a entrada da sua caverna.

Mas, fosse o "iluminador" do manuscrito grego-demótico idêntico a Jesus ou não, continua válido o fato de que o vemos servir-se de um termo usado nos "mistérios" para designar aquele que mais tarde a Igreja católica elevará à categoria de porteiro do Reino do Céu e de intérprete da vontade de Cristo. A palavra Patar ou Peteer coloca ambos, mestre e discípulo, no círculo da iniciação e em relação com a "Doutrina Secreta". O

grande Hierofante dos antigos mistérios nunca permitiu que os candidatos o vissem ou ouvissem pessoalmente. Ele era o *deus ex machina*, a Divindade invisível que preside, transmitindo sua vontade e suas instruções por meio de um intermediário; e, 2.000 anos depois, descobrimos que os Taley-Lamas do Tibete seguiram por séculos o mesmo programa tradicional durante os mistérios religiosos mais importantes do Lamaísmo. Se Jesus conheceu o significado secreto do título que ele atribuiu a Simão, então ele era um iniciado; de outra maneira, ele não o teria conhecido; e se ele era um iniciado dos essênios pitagóricos, dos magos caldaicos ou dos padres egípcios, então a doutrina ensinada por ele era apenas uma porção da "Doutrina Secreta" ensinada pelos hierofantes pagãos aos poucos adeptos selecionados admitidos aos áditos sagrados.

OS RITOS E VESTIMENTAS CERIMONIAIS. (L. 3. pág. 89).

Por ora indicaremos sumariamente a extraordinária similaridade - ou antes identidade, deveríamos dizer - de ritos e de vestimenta cerimonial do clero cristão com os dos babilônios, dos assírios, dos fenícios, dos egípcios e de outros pagãos da Antigüidade.

Se quisermos descobrir o modelo da tiara papal, devemos procurar os anais das lâminas assírias antigas. Convidamos o leitor a prestar a sua atenção à obra ilustrada do Dr. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*. Na p.64, reconhecerá prontamente a cobertura da cabeça de São Pedro no turbante usado pelos deuses ou anjos na antiga Assíria, "onde ela figura coroada por um emblema da trindade masculina" (a cruz cristã). "Podemos mencionar, de passagem", acrescenta o Dr. Inman, que, da mesma maneira que os católicos romanos adotaram a mitra e a tiara da 'raça maldita de Ham', também adotaram o cajado episcopal dos áugures da Etrúria e a forma artística que emprestam aos seus anjos foi tomada aos pintores e aos fabricantes de urnas da Magna Grécia e da Itália Central".

"Imaculada é Nossa Senhora Ísis", é a legenda inscrita numa gravura de Serapis e Ísis, descrita por King, em *The Gnostics and their Remains*, 'Imaculada é Nossa Senhora Ísis', termos idênticos que foram aplicados posteriormente à personagem que se lhe seguiu em forma, títulos, símbolos, ritos e cerimônias (...) Assim, seus devotos transferiram ao novo sacerdócio as antigas insígnias da sua profissão, a obrigação do celibato, a tonsura e a sobrepeliz, omitindo, infelizmente, as abluções freqüentes prescritas pelo antigo credo".

Diante do santuário de Júpiter Ammon estavam suspensos sinos tilintantes, e era ao som dessas campainhas que os padres recebiam os seus augúrios; "um sino dourado e uma romã (...) ao redor da fimbria do manto", foi o resultado obtido entre os judeus mosaicos. Mas no sistema budista, durante os serviços religiosos, os deuses do Deva-Loka são sempre invocados e convidados a descer sobre os altares por meio de soar dos sinos suspensos nos pagodes. O sino da mesa sagrada de Shiva, em Kuhama, está descrito em Kailâsa e todo *vihâra* ou Lamaseria budista tem os seus sinos.

Vemos, assim, que os sinos usados pelos cristãos provêm diretamente dos tibetanos budista e dos chineses. As contas e os rosários têm a mesma origem e foram usados pelos monges budistas por cerca de 2.300 anos. Os *lingas* dos tempos hindus são decorados em certas datas com grandes bagas provenientes de uma árvore consagrada a Mahâ-Deva e enfiadas em forma de rosário. O título de "monja" [*nun*, em inglês - N.T.] é uma palavra egípcia e tinha para os egípcios o mesmo significado atual; os cristãos nem se deram ao trabalho de traduzir a palavra *Nonna*. A auréola dos santos foi usada pelos artistas antediluvianos da Babilônia toda vez que desejavam honrar ou deificar a cabeça de um mortal.

AS VIRTUDES DO DIVINO MANU. A GRADUAÇÃO DOS MISTÉRIOS. (L. 3. pág. 92).

"Ninguém que não tenha praticado, durante toda a sua vida, 10 virtudes que o divino Manu exige como um dever, pode ser iniciado nos mistérios do concílio", dizem os livros hindus de iniciação.

Essas virtudes são: "a resignação; o hábito de fazer o bem em vez do mal; a temperança; a probidade; a pureza; a castidade; o domínio dos sentidos físicos; o conhecimento das Escrituras Sagradas; o da alma [espírito] *Superior*; a veracidade; a paciência". Só essas virtudes devem dirigir a vida de um verdadeiro iogue. "Nenhum adepto indigno deverá sujar com a sua presença as fileiras de iniciados santos durante 24 horas". O adepto é tido como acusado, se violar qualquer um desses votos. Certamente a prática dessas virtudes é incompatível com a noção de uma adoração do *diabo* ou de uma vida de lascívia!

Quando homens como Pitágoras, Platão e Jâmblico, famosos por sua moralidade serena, tomavam parte nos mistérios e falavam dele como veneração, não convém aos nossos críticos modernos julgá-los tão precipitadamente tendo como base apenas o seu aspeto externo. Jâmblico fornece as descrições dos mais audaciosos; e a sua explicação, vinda de uma mente sem preconceito, deveria parecer perfeitamente plausível. "Exibições desse tipo", diz ele, "nos mistérios, pretendiam livrar-nos das paixões licenciosas, satisfazendo-nos a visão e ao mesmo tempo eliminando todo pensamento mau, por meio da *santidade terrível* que

acompanhava esses ritos". "Os homens mais sábios e melhores do mundo pagão", acrescenta o Dr. Warburton, "são unânimes em dizer que os mistérios foram instituídos puros e se propunham aos fins mais nobres pelos meios mais louváveis".

Embora pessoas de ambos os sexos e de todas as classes pudessem participar desses ritos célebres, e mesmo que uma certa participação fosse obrigatória, pouco numerosos eram aqueles que atingiam a iniciação final e mais elevada. A gradação dos mistérios foi-nos dada por Proclo, no quarto livro da sua *Teologia de Platão*. "O rito perfectivo [teletê] precede a *iniciação*, o apocalipse final, *epopteia*." Teon de Esmirna, na sua *Matemática*, também divide os ritos dos mistérios em cinco partes: "a primeira consiste na purificação prévia, pois *os mistérios não são transmitidos a todos* que os querem receber; mas há algumas pessoas que são impedidas pela voz do arauto (...) pois é necessário que aqueles que não desejam ser excluídos dos mistérios, sejam primeiramente, aprimorados por certas purificações às quais se seguem os ritos sagrados: mas a recepção dos ritos sagrados sucede à purificação. A terceira parte é denominada *epopteia*, ou recepção. E a quarta, que é o fim e o objetivo da revelação, consiste em *enfaixar a cabeça e cingi-la com as coroas* (...) após o que ele [o iniciado] se torna um portador do archote, ou um Hierofante dos mistérios, ou exerça outra função qualquer no ofício sacerdotal. Mas a quinta, que é o resultado de todas as anteriores, é *a amizade e a comunhão interior com Deus* (...). E este era o último e o mais solene dos mistérios.

Houve escritores que perguntaram freqüentemente qual seria o significado desta pretensão de "amizade e comunhão interior com Deus". Autores cristãos negaram as pretensões dos "pagãos" em relação a essa "comunhão", afirmando que só os santos cristãos foram e eram capazes de desfrutá-la; cépticos materialistas escarneceram das idéias de ambos. Após longos séculos de materialismo religioso e de estagnação espiritual, ficou bastante difícil, se não impossível, estabelecer com clareza as pretensões de cada parte. Os gregos antigos, que uma vez acorreram em multidões ao Agora de Atenas, com o seu altar ao "Deus Desconhecido", não mais existem; e os seus descendentes acreditam firmemente que encontraram o "Desconhecido" no Jeová dos judeus. Os êxtases divinos dos cristãos primitivos deram lugar a visões de caráter mais moderno, em relação perfeita com o progresso e a civilização. O "Filho do Homem" que aparecia nos êxtases embevecidos dos primeiros cristãos, vindo do sétimo céu, numa nuvem de glória e cercado de anjos e serafins alados, cedeu lugar a um Jesus mais prosaico e ao mesmo tempo mais comercial. Este nos é mostrado agora fazendo uma visita matinal a Maria e Marta na Betânia; sentando-se na "*otomana*" com sua irmã caçula, admiradora da "ética", enquanto Marta passa o tempo na cozinha preparando a refeição. E logo a imaginação febril de um pregador blasfemo e arlequin do Brooklin, o Rev. Dr. Talmage, no-la representa atarefada, "suor na frente, o jarro numa mão e pinças na outra (...) na presença de Cristo", repreendendo-o vivamente por permitir que sua irmã 'fizesse sozinha' todo o serviço".

Desde o nascimento da concepção solene e majestosa da Divindade não-revelada dos antigos adeptos até essas descrições caricaturais daquele que morreu na Cruz por sua devoção filantrópica para com a Humanidade, muitos séculos se passaram e parece que o seu peso apagou, quase completamente, todo sentido de uma religião espiritual dos corações de seus seguidores confessos. Não espantam então, que a frase de Proclo não seja mais compreendida pelos cristãos e seja rejeitada como um "capricho" pelos materialistas, que, em sua negação, são menos blasfemos e ateus do que muitos dos reverendos e membros das igrejas.

A DOCTRINA HINDU DOS PITRIS. (L. 3. pág. 99).

No livro I do Gênese hindu, *o Livro da Criação* de Manu, os *pitris* são chamados de ancestrais *lunares* da raça humana. Eles pertencem a uma raça de seres diferentes da nossa e eles não podem ser chamados propriamente de "espíritos humanos" no sentido em que os espiritualistas usam esse termo. Eis o que se diz deles:

"Eles [os deuses] criaram então os Yakshas, os Râkchasas, os Pisâchas (Pisâchas, demônios da raça dos gnomos, dos gigantes e dos vampiros.), Gandharvas (Gandharvas, demônios bons, serafins celestiais, cantores.), as Apsarasas, e os Asuras, os Nâgas (Os Asuras e os Nâgas são os espíritos titânicos e o dragão ou espírito com cabeça de serpente.) os Sarpas e os Suparnas e os Pitris - *ancestrais lunares da raça humana*" (Ver *Institutes of Manu*, livro I, sloka 37, onde os *pitris* são chamados de "progenitores da Humanidade").

Os *pitris* são uma raça de espíritos distintos que pertencem à hierarquia mitológica, ou antes à nomenclatura cabalística, e devem ser incluídos entre os gênios bons, os *daemons* dos gregos, ou os deuses inferiores do mundo invisível; e, quando um faquir atribui os seus fenômenos aos *pitris*, ele só quer dizer aquilo que os antigos filósofos e teúrgicos pretendiam, quando afirmavam que todos os "milagres" eram obtidos com a intervenção dos deuses, ou dos *daemons* bons e maus, que controlam os poderes da Natureza, os *elementais*, que são subordinados ao poder daquele "que sabe". Um faquir chamaria uma aparição ou um fantasma humano de *palît*, e um espírito feminino de *pichalpâtî*, não de *pitri*. É verdade que *pitarah* significa

(no plural) pais, ancestrais; e *piratâi* é um parente; mas essas palavras são usadas com um sentido bastante diferente do que o dos pitris invocados nos mantrãs.

Afirmar, diante de um brâmane devoto ou de um faquir, que qualquer pessoa pode conversar com os espíritos dos mortos seria chocá-lo e isso lhe pareceria uma blasfêmia. A última estrofe do *Bhâgavata-Purâna* não diz que essa felicidade suprema só está reservada aos santos *sanyâsins*, aos gurus e aos iogues?

Muito tempo antes de serem desembaraçadas de seus envoltórios mortais, as almas que só praticaram o bem, como as dos *sannyâsins* e dos *vanaprasthas*, adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam no *svarga*. " (Mansão Celestial, paraíso.)

Nesse caso, os pitris, em vez de gênios, são os espíritos, ou antes, as almas dos desencarnados. Mas eles se comunicarão livremente apenas com aqueles cuja atmosfera for pura como as suas e a cujas *kalâsas* (invocações) poderosas eles podem responder sem risco de colocar em perigo a sua pureza celestial. Quando a alma do invocador alcançou o *sâyujya*, ou identidade perfeita de essências com a Alma Universal, quando a matéria é finalmente conquistada, então o adepto pode entrar livremente na comunhão de todos os dias e de todas as horas com aqueles que, embora aliviados de suas formas corpóreas, ainda estão progredindo por meio de uma série infundável de transformações inerentes na aproximação gradual do *Paramâtman*, ou a grande Alma Universal.

A COMUNHÃO BRAMÂNICA DOS EGÍPCIOS. DESCIDA DA ALMA PARA A GERAÇÃO. (L. 3, pág. 102).

Mesmos o episódio da Matrona Baubo - cujo modo excêntrico de consolação foi imortalizado nos mistérios menores - é explicado de uma maneira muito natural pelos mistagogos imparciais. Ceres-Deméter e as sua peregrinações terrestres à procura de sua filha são as representações evemerizadas de um dos assuntos mais metafísicos-psicológicos jamais tratados pela mente humana. É uma máscara para a narrativa transcendente dos videntes iniciados; a visão celestial da alma liberada do novo iniciado descrevendo o processo pelo qual a alma que ainda não encarnou desce pela primeira vez à matéria. "Bem-aventurado aquele que viu essas *coisas comuns* do mundo inferior; ele conhece tanto o fim da vida quanto a sua origem divina em Júpiter", diz Píndaro. Taylor demonstra, com base em mais de um iniciando, que os "espetáculos dramáticos dos mistérios menores eram destinados pelos antigos teólogos, os seus autores, a representar de uma *maneira oculta* a condição da alma impura investigada de um corpo terrestre por uma natureza material e física (...) que, na verdade, a alma, até ser purificada pela filosofia, morre após unir-se ao corpo (...)"

O corpo é o sepulcro, a prisão da alma, e muitos padres cristãos admitiam com Platão que a alma é *punida* por sua união com o corpo. Esta é a doutrina fundamental dos budistas e de muitos brâmanes também. Quando Plotino observa que "quando a alma desceu para a geração [da sua condição *semidivina*], ela participa do mal e é levada para muito longe, num estado oposto à sua pureza e integridade primitiva, para ser completamente imersa em algo que nada mais é do que uma queda num lamaçal", ele está apenas repetindo os ensinamentos de Gautama Buddha. Se devemos acreditar nos iniciados antigos, devemos aceitar a sua interpretação dos símbolos. E se, além disso, vemo-los coincidir perfeitamente com os ensinamentos dos maiores filósofos e se vemos que o que sabemos simboliza o mesmo significado nos mistérios modernos do Oriente, então devemos acreditar que eles têm razão.

Se Deméter era tida como a alma intelectual, ou antes a alma *astral*, metade emanção do espírito e metade corrompida pela matéria por sua sucessão de evoluções espirituais - podemos compreender facilmente a significação da Matrona Baubo, a Encantadora, que antes de conseguir reconciliar a alma, Deméter, com a sua nova posição, viu-se obrigada a assumir as formas sexuais de uma criança. Baubo é a *matéria*, o corpo físico, e a alma astral intelectual, ainda pura, não pode ser atirada em sua nova prisão terrestre a não ser que se apresente sob a forma de uma criança inocente. Até este momento, Deméter, ou *Magna-mater*, a Alma, vaga e hesita e sofre; mas, tendo bebido da poção mágica preparada por Baubo, esquece as suas penas; por um certo tempo ela se separa dessa consciência inteligente mais elevada que possuía antes de entrar no corpo de uma criança. A partir desse momento ela tentará reencontrá-la; e quando a idade da razão chaga a uma criança, a luta - esquecida durante os anos de infância - recomeça. A alma está colocada entre a matéria (o corpo) e o intelecto superior (o seu espírito imortal ou *Nous*). Qual dos dois ela conquistará? O resultado da batalha da vida reside na Tríade. (Tríade Superior, ou Corpo Espiritual, Âtma, Buddhi e Manas). É uma questão de alguns anos de desfrute físico na Terra e - se ela cometeu abusos - de dissolução do corpo terrestre, seguida da morte do corpo astral, que assim é impedido de se unir ao espírito superior da Tríade; só este nos confere a imortalidade individual; ou, por outro lado, a possibilidade de nos tornarmos *mystae* imortais; iniciados antes da morte do corpo nas verdades divinas da vida futura. Semideuses embaixo e DEUSES em cima.

Esse era o objetivo dos mistérios, tachado de diabólicos pela Teologia e ridicularizado pelos simbologistas modernos. Negar que há no homem certos poderes arcanos que ele desenvolve, pelo estudo psicológico, até o grau mais elevado, torna-se um Hierofante e então transmiti-lo a outros sob as mesmas condições de disciplina terrena é acusar de falsidade e de loucura os melhores, os mais puros e os mais sábios homens da Antigüidade e da Idade Média. Eles nunca permitiram que alguém suspeitasse daquilo que era dado ao Hierofante na última hora. E, entretanto, Pitágoras, Platão, Plotino, Jâmblico, Proclo e muitos outros conheciam os mistérios e afirmaram a sua realidade.

Seja no "tempo interior", ou através do estudo privado da teurgia, ou pelo esforço de toda uma vida de trabalho espiritual, todos eles obtiveram a prova prática dessas possibilidades divinas para o homem na Terra em sua luta com a vida para merecer a vida na eternidade. Platão faz no *Fedro* (250 B, C) uma alusão ao que devia ser a última *epopteia*: "(...) iniciados nesses *mistérios*, aos quais é justo chamar de os mais sagrados de todos os mistérios (...) estamos livres das molestações dos males que nos esperariam períodos futuros. Da mesma maneira, em consequência dessa *iniciação* divina, tornamo-nos *espectadores de visões divinas* inteiras, simples, imóveis que têm sede na luz pura". Essa frase nos mostra que eles tinham *visões*, deuses, espíritos. Como Taylor observa corretamente, podemos concluir, dessa passagens emprestadas às obras dos iniciados, que "a parte mais sublime da *epopteia* (...) consistia na visão dos próprios deuses resplandecentes de luz", ou espíritos planetários superiores. A afirmação de Proclo a respeito desse assunto é inequívoca: "Em todas as iniciações e em todos os mistérios, os deuses apresentam-se sob muitas formas e surgem numa *variedades de estados*. E, às vezes, na verdade, eles se apresentam à visão numa luz sem forma; às vezes essa luz está de acordo com *uma forma humana*, e às vezes assume um estado diferente".

"Tudo que existe *sobre a Terra é a semelhança e a SOMBRA de algo que existe na esfera* enquanto a coisa resplendente [o protótipo da alma-espírito] permanece numa condição *imutável*; o mesmo acontece com a sua sombra. Mas, quando a *coisa resplendente* se retira para longe de sua sombra, a vida também se retira para longe. E, entretanto, essa mesma luz é a sombra de algo mais resplendente do que ela mesma". Assim fala o *Desâtîr*, deixando ver assim a identidade das doutrinas esotéricas com as dos filósofos gregos.

A segunda afirmação de Platão confirma nossa crença de que os mistérios dos antigos eram idênticos às iniciações, tal como são hoje em dia praticadas pelos adeptos budistas e hindus. As visões mais elevadas, as mais *verdadeiras*, são produzidas, não por estáticos *naturais* ou "médiums", como às vezes erradamente se diz, mas por uma disciplina regular de iniciações graduais e de desenvolvimento de poderes *psíquicos*. Os *mystai* eram colocados em contato íntimo com aquilo que Proclo chama "naturezas místicas", "deuses resplendentes", porque, como diz Platão, "nós éramos puros e imaculados, libertos dessa *vestimenta que nos cerca*, e que denominamos corpo, ao qual estamos ligados como uma ostra à sua concha".

A DOCTRINA DOS PITRIS PLANETÁRIOS. (L. 3, pág. 104).

Assim, a doutrina dos pitris planetários e terrestres foi revelada *totalmente* na Índia antiga, como a conhecemos em nossos dias, apenas no momento da iniciação e aos adeptos dos graus superiores. São muito os faquires que, embora puros e honestos e devotados, nunca viram a forma astral de um pitri *humano* puro (um ancestral ou pai), senão no momento solene da sua primeira e última iniciação. É na presença de seu instrutor, o guru, e só antes que o *vatu*-faquir seja enviado ao mundo dos vivos, com sua vara de bambu de sete nós para sua proteção, que ele é colocado repentinamente face a face com a PRESENÇA desconhecida. Ele a vê e se prostra aos pés da forma evanescente, mas não lhe é confiado o grande segredo da sua evocação; pois ele é o mistério supremo da sílaba sagrada. O AUM contém a evocação da Tríade védica, a *Trimûrti* Brahmâ, Vishnu e Shiva, dizem os orientalistas; ela contém a evocação de *algo mais real e objetivo do que essa abstração trina* - dizemos nós, contradizendo respeitosamente os eminentes cientistas. É a Trindade do próprio Homem, em vias de se tornar imortal por meio da união solene do seu EGO - o corpo exterior, grosseiro, não sendo o invólucro levado em consideração nessa trindade humana. É quando essa Trindade, antecipando a reunião final triunfante além das portas da morte corpórea, torna-se durante alguns segundos uma UNIDADE, que o candidato é autorizado, no momento da iniciação, a contemplar seu Ego futuro. É assim que devemos interpretar o *Desâtîr* persa quando ali se fala do "Resplendente"; os filósofos-iniciados gregos, do Augoeides - a brilhante "visão sagrada que reside na luz pura"; em Porfírio, quando diz que Plotino se uniu ao seu "deus" quatro vezes durante a sua vida.

"Na Índia antiga, o mistério da Tríade, conhecido apenas dos iniciados, não podia, sob pena de morte, ser revelado ao vulgo", diz Brihaspati.

Acontecia o mesmo nos mistérios da antiga Grécia e da Samotrácia. *O mesmo acontece hoje*. Ele está nas mãos dos adeptos e deve continuar sendo um mistério para o mundo, enquanto o erudito materialista o

considerar uma falácia indemostrável, uma alucinação insana e enquanto o teólogo dogmático o condenar como uma armadilha do Diabo.

A comunicação *subjetiva* com os espíritos humanos, divinos, dos que nos precedem na terra silenciosa da bem-aventurança é dividida na Índia em três categorias. Sob a orientação espiritual de um guru ou *sannyâsin*, o *vatu* (discípulo ou neófito) começa a *sentir* a presença deles. Se não estivesse sob a tutela imediata de um adepto, ele seria controlado pelos invisíveis e estaria completamente a sua mercê, pois, entre essas influências, ele é incapaz de discernir o bom do mau. Feliz do sensitivo que estiver seguro da pureza de sua atmosfera espiritual!

A esta consciência subjetiva, que é o *primeiro* grau, acrescenta-se, após algum tempo, o da clariaudiência. Este é o *segundo* grau ou estágio do desenvolvimento. O sensitivo - quando não foi submetido a um treinamento psicológico - agora ouve claramente, mas ainda é incapaz de discernir; é incapaz de verificar as suas impressões e está desprotegido contra os poderes astuciosos do ar que freqüentemente o enganam com vozes e palavras. Mas há a influência do guru; ela é o escudo mais poderoso contra a intrusão dos *Bhûtnâ* (demônio?) na atmosfera do *vatu* (discípulo ou neófitos), consagrado aos pitris puros, humanos e celestiais.

O *terceiro* grau é aquele em que o faquir ou qualquer outro candidato sente, ouve e vê; e em que ele pode produzir, quando quiser, os *reflexos* dos pitris no espelho da luz astral. Tudo depende dos seus poderes psicológicos e mesméricos, que sempre são proporcionais à intensidade da sua *vontade*. Mas o faquir nunca controlará o *Âkasa*, o princípio espiritual da vida, o agente onipotente de todo fenômeno, no mesmo grau em que o faria um adepto da terceira e mais elevada iniciação. E os fenômenos produzidos pela vontade desses últimos geralmente não circulam pelos mercados a satisfação dos investigadores clamorosos.

A unidade de Deus, a imortalidade do espírito, a crença na salvação apenas por nossos atos, mérito e demérito - esses são os principais artigos de fé da religião-sabedoria e as bases do Vedismo, do Budismo, do Parsismo; e constatamos que também o foram para o antigo Osirismo quando nós, abandonamos o deus-sol popular ao materialismo da ralé.

"O PENSAMENTO escondia o mundo no silêncio e na escuridão. (...) Então o Senhor que existe por Si mesmo, e que não deve ser divulgado aos sentidos externos do homem, dissipou a escuridão e manifestou o mundo perceptível."

"Aquele que pode ser percebido apenas pelo espírito, aquele que escapa aos órgãos dos sentidos, aquele que não tem nenhuma parte visível, que é eterno, a lama de todos os seres, aquele que nenhum pode compreender exibiu todo o Seu esplendor."

Este é o ideal do Supremo, no pensamento de todo filósofo hindu.

"Dentre todos os deveres, o principal é adquirir o conhecimento da alma suprema [O Espírito]; esta é a primeira de todas as ciências, *pois só ela confere imortalidade ao homem.*"

E os nossos cientistas falam do Nirvana de Buddha e do Moksha de Brahmâ como uma aniquilação completa! É assim que alguns materialistas interpretam os seguintes versos.

"O homem que reconhece a *Alma Suprema* em sua própria casa, como também na de todas as criaturas, e que é igualmente justo para todos [homens ou animais], obtém a mais feliz de todas as sortes, a de ser finalmente *absorvido* no seio de Brahmâ."

A doutrina do Moksha e do Nirvana, tal como foi compreendida pela escola de Maz Muller, não pode ser comparada com os inúmeros textos que se lhe poderiam opor, se desejasse, como uma refutação final. Há, em muitos pagodes, esculturas que contradizem totalmente essa acusação. Pedi a um brâmane que vos exprime o Moksha, dirigi-vos a um letrado budista e solicitai-lhe que vos defina o significado de Nirvana. Ambos responderão que em nenhuma dessas religiões o Nirvana representa o dogma da imortalidade do espírito. Que alcançar o Nirvana significa a absorção na grande Alma Universal, e que esta representa um *estado*, não um ser individual ou um deus antropomórfico, como alguns concebem a grande EXISTÊNCIA. Que um espírito, ao chegar a esse estado, se torna uma *Parte* do *Todo* integral, mas nunca perde a sua individualidade. Doravante, o espírito vive espiritualmente, sem temor de modificações posteriores de formas; pois a forma pertence à matéria, e o estado de *Nirvana* implica uma purificação completa e um livramento final até mesmo da partícula mais sublime de matéria.

Essa palavra *absorvido*, quando se demonstra que os hindus e os budistas acreditam na *imortalidade* do espírito, deve significar necessariamente união íntima, nunca aniquilação. Que os cristãos os chamem de idólatras, se ainda ousam fazê-lo, em presença da ciência e das últimas traduções dos livros sagrados sânscritos; eles não têm o direito de apresentar a filosofia especulativa dos sábios antigos como uma inconsistência e os próprios filósofos como loucos ilógicos. Com muito mais razão, poderíamos acusar os judeus antigos de *niilismo*. Não há uma única palavra nos Livros de Moisés - ou dos profetas - que, tomada

literalmente, implique a imortalidade do espírito. Entretanto, todos judeu devoto espera ser "recolhido no seio de A-Braham".

SOCRATES, PROVA O PERIGO DA MEDIUNIDADE DESTREINADA. (L. 3. pág. 106).

Os hierofantes e alguns brâmanes foram acusados de terem administrado bebidas fortes ou anestésicos aos seus *epoptai* para produzir visões que eles deveriam considerar como realidades. Eles se serviram e ainda se servem de beberagens sagradas que, como o Soma, possuem a propriedade de liberar a forma astral dos laços da matéria; mas nessas visões há muito pouco que se possa atribuir à alucinação, como nos vislumbres que o cientista, com ajuda do seu instrumento ótico, consegue do mundo microscópico. Um homem não pode perceber, tocar e conversar com o espírito puro por meio de nenhum dos seus sentidos corporais. Só um espírito pode conversar com um espírito e vê-lo; e mesmo a nossa alma astral, o *Doppelgänger*, é muito grosseira, muito tingida pela matéria terrena para que confiemos inteiramente em suas percepções e insinuações.

O caso de Sócrates nos prova o perigo da mediunidade *destreinada* e como os sábios antigos, que o haviam compreendido, tinham razão em tomar suas precauções a esse respeito. O velho filósofo grego era um "médium"; em consequência, nunca fora iniciado nos mistérios, pois essa era a lei rigorosa. Mas ele possuía o seu "espírito familiar", como se dizia, o seu *daimonion*, e este conselheiro invisível tornou-se a causa de sua morte. Acredita-se geralmente que, se ele não foi iniciado nos mistérios, é por que ele mesmo não o quis. Mas os *Anais secretos* nos informam que foi porque ele não podia ser admitido aos ritos sagrados, e isso, precisamente, por causa da sua mediunidade. Havia uma lei contra a admissão não só daqueles que se sabia praticavam a *feitiçaria*, mas também daqueles que se acreditava possuírem um "espírito familiar". A lei era justa e lógica, porque um médium genuíno é mais ou menos irresponsável; e as excentricidades de Sócrates se explicam, de certa maneira, por este fato. Um médium deve ser *passivo*; e se ele tem uma fé cega no seu "espírito-guia", permitirá que este o domine, em vez de ser dominado pelas regras do santuário. Um *médium* dos tempos antigos, como o "médium" moderno, estava sujeito a *entrar em transe* sob dependência da vontade do "poder" que o *controlava*; assim, não se podia confiar a ele os terríveis segredos da iniciação final, "que não deveriam ser revelados, sob pena de morte". O velho sábio, em momentos descuidados de "inspiração espiritual", revelou aquilo que nunca havia aprendido e, assim, foi condenado à morte como ateu.

Como, então é possível, tomando-se exemplos de Sócrates, em relação às visões e às maravilhas dos *epoptai* do Templo Interior, afirmar que esses videntes, teurgos e taumaturgos fossem todos eles "espíritos-médium". Nem Pitágoras, Platão ou qualquer um dos últimos neoplatônicos mais importantes; nem Jâmblico, Longino, Proclo ou Apolônio de Tiana - nenhum deles foi médium; se o fossem, não teriam sido admitido nos mistérios, Taylor diz que "A afirmação das visões divinas nos mistérios está claramente confirmada por Plotino. E em suma, aquela evocação mágica formava uma parte do ofício sacerdotal dos mistérios e essa era a crença universal de toda a Antigüidade muito tempo antes dos primeiros platônicos" - tudo isto prova que, além da "mediunidade" natural existia, desde o começo dos tempos, uma ciência misteriosa, discutida por muitos, mas só conhecida por poucos.

O uso dessa ciência comporta o desejo de reintegrar nosso único e verdadeiro lar - o pós-vida, e o desejo de uma união mais íntima com nosso espírito; o seu abuso é a bruxaria, a feitiçaria, a magia *negra*. Entre as duas está colocada a "mediunidade" natural; uma alma revestida de matéria imperfeita, um agente apropriado para uma ou para a outra e inteiramente dependente do ambiente da vida, da hereditariedade constitucional - tanto física quanto mental - e da natureza dos "espíritos" que atrai para si. Uma bênção ou uma maldição, conforme o caso, a menos que o médium seja purificado do lixo terrestre.

A razão pela qual, em todas as épocas, muito pouco se sabe a respeito dos mistérios da iniciação é dupla. A primeira já foi explicada por mais de um autor e repousa na terrível penalidade que se seguia à menor indiscrição. A segunda corresponde às dificuldades sobre-humanas, aos perigos que o candidato corajoso dos tempos antigos tinha de enfrentar, e vencer ou morrer na tentativa, quando, o que é ainda pior, ele não perdia sua razão. Não havia perigo real para aquele cuja mente se tivesse espiritualizado completamente e que, desta maneira, estivesse preparado para as visões mais terríveis. Aquele que reconhecia o poder de seu espírito imortal e nunca duvidava em nenhum momento da sua proteção onipotente, nada tinha a temer. Mas infeliz do candidato em quem o menor temor físico - filho doentio da matéria o fizesse perder a visão da fé em sua própria invulnerabilidade. Aquele que não confiava totalmente em sua aptidão moral para aceitar o peso desses segredos extraordinários era condenado.

O Talmude conta a história dos quatro Tannaim, que, em termos alegóricos, deviam entrar no *jardim de delícias*, isto é, ser iniciados na ciência oculta e final.

"De acordo com os ensinamentos dos nossos santos mestres, os nomes dos quatro que entraram no jardim de delícias são Ben Asai, Ben Zoma, Aher e Rabbi A'qibah (...)

"Ben Asai olhou e - perdeu a visão.

"Ben Zoma olhou e - perdeu a razão.

"Aher cometeu depredações na plantação" [misturou tudo e falhou]. "Mas Aïbah, que entrara em paz, saiu dali em paz, pois o santo cujo nome seja abençoado lhe disse 'Este velho homem é digno de nos servir com glória'."

A. Franck, em sua *La Kabbale*, diz-nos que "os comentadores eruditos do *Talmude*, os rabinos da sinagoga, explicam que o *jardim de delícias* em que as quatro personagens entraram não é senão esta ciência misteriosa, a mais terrível de todas as ciências *para os intelectos fracos, e que leva diretamente à loucura*". Aquele que tem o coração puro e que estuda com o objetivo de se aperfeiçoar e dessa maneira consegue mais facilmente a imortalidade prometida, não deve ter temor algum; mas aquele que faz da ciência das ciências um pretexto pecaminoso para seus motivos mundanos, deve temer. *Estes jamais resistirão às evocações cabalísticas da iniciação suprema.*

CAPÍTULO III

AS DIVISÕES ENTRE OS CRISTÃOS PRIMITIVOS.

A SEMELHANÇA ENTRE O CRISTIANISMO PRIMITIVO E O BUDISMO. AS PRIMEIRAS SEITAS. (L. 3. pág. 116).

Clemente descreve Basilides, o gnóstico, como "um filósofo devotado à contemplação das coisas divinas". Essa muito apropriada expressão poderia ser aplicada a muitos fundadores das seitas mais importantes que mais tarde foram englobadas numa única - esse estupendo composto de dogmas ininteligíveis forjado por Irineu, Tertuliano, e outros, que agora recebe o nome de Cristianismo. *Se tais seitas devem ser chamadas de heresias, então o Cristianismo primitivo deve ser incluído entre elas.* Basilides e Valentino precederam a Irineu e Tertuliano; e os dois últimos padres tiveram menos fatos do que os dois primeiros gnósticos para mostrar que sua *heresia* era plausível. Nem o direito divino, nem a verdade asseguraram o triunfo de seu Cristianismo; apenas o destino lhes foi favorável. Podemos afirmar, com toda razão, que não há nenhuma de todas essas seitas - o Cabalismo, o Judaísmo, e inclusive o nosso atual Cristianismo - que não tenha nascido dos dois ramos principais desse tronco-mãe, a outrora religião universal, que precedeu a época védica - falamos do Budismo pré-histórico que se fundiu mais tarde no Bramanismo.

A religião que mais se assemelhou aos ensinamentos dos poucos numerosos apóstolos primitivos - religião pregada pelo próprio Jesus - [e a mais antiga de ambas, o Budismo. Este, tal como foi ensinado em sua pureza primitiva, e levado à perfeição pelo último dos Buddhas, Gautama, baseava sua ética moral em três princípios fundamentais. Ele afirmava: 1º: que todas as coisas existem como resultado de causas naturais; 2º: que a virtude acarreta a sua própria recompensa, e o vício e o pecado sua própria punição, e o 3º: que o estado do homem neste mundo é de provação. Neste três princípios se fundamentam todos os credos religiosos, que podem resumir-se em Deus e a imortalidade individual do espírito. Apesar da confusão dos dogmas teológicos posteriores; apesar da aparente incompreensibilidade das abstrações metafísicas que convulsionam a Teologia de cada uma das grandes religiões da Humanidade, assim que estas forem estabelecidas em base seguras, descobrir-se-á que a religião acima mencionada é a essência de toda filosofia religiosa, com exceção do Cristianismo moderno. Foi ela a religião de Zoroastro, de Pitágoras, de Platão, de Jesus, e mesmo de Moisés, embora os ensinamentos do legislador judeu tenham sofrido piedosas falsificações.

Faremos um breve estudo das numerosas seitas que se reconheceram a si mesma como cristã; quer dizer, que acreditaram num *Cristos*, ou num UNGIDO. Procuraremos também explicar esta última expressão do ponto de vista cabalístico, mostrando-lhe o reaparecimento em todo sistema religioso. Seria proveitoso, ao mesmo tempo, observar até que ponto os primeiros apóstolos, Paulo e Pedro, concordavam em suas pregações sobre a nova Revelação.

Muitas e boas obras foram escritas recentemente, refutando essa absurda pretensão. Entre outras, assinalamos *The Christ of Paul*, que a demole de modo muito engenhoso. O autor prova: 1º: que nenhuma Igreja foi estabelecida em Roma antes do reino de Antônio, o Pio; 2º: que, como Eusébio e Irineu concordam em que Lino foi o segundo Bispo de Roma, em cujas mãos "os abençoados apóstolos" depuseram a Igreja após havê-la fundado, isto só pode ter ocorrido entre os anos 64 e 68; 3º: que esse intervalo de anos caiu durante o reino de Nero, pois Eusébio afirma que Lino manteve seu ofício durante doze anos, tendo começado seu episcopado em 69, um ano após a morte de Nero, e vindo a morrer em 81. Em seguida, o autor prova, com argumentos irrefutáveis, que Pedro não poderia estar em Roma no ano 64, uma vez que se encontrava então na Babilônia, de onde escreveu sua primeira epístola, cuja data é fixada, pelo Dr. Lardner e outros críticos, nesse exato ano. Mas acreditamos que o seu melhor argumento consiste na prova de que não estava no caráter do covarde Pedro arriscar-se numa vizinhança tão estreita com Nero, que "alimentava as feras do Anfiteatro com a carne e os ossos dos cristãos" àquela época.

Talvez a Igreja de Roma não tenha estado de acordo ao escolher como seu fundador titular o apóstolo que negou por três vezes o seu Mestre no momento de perigo; e que, além disso, com exceção de Judas, provocou o Cristo de tal modo a ponto de receber o epíteto de "Inimigo". "Afasta-te de mim, SATÃ", exclama Jesus, reprovando o insultuoso apóstolo. (*Marcos, VIII, 33*).

Existe uma tradição grega que jamais foi aceita no Vaticano. Essa Igreja remonta sua origem a um dos chefes gnósticos - Basilides, talvez -, que viveu sob Trajano e Adriano, ao fim do século I e início do II. No que respeita a essa tradição particular, se o gnóstico é Basilides, então deveremos aceitá-lo como uma

autoridade suficiente, pois ele pretende ter sido discípulo do Apóstolo Mateus, e pupilo de Gláucias, este um discípulo do próprio São Pedro. Se o relato que se lhe atribui é autêntico, o Comitê Londrino para a Revisão da Bíblia faria bem em acrescentar um novo capítulo aos Evangelhos de Mateus, Marcos e João, contando a história da negação de Cristo por Pedro.

A tradição de que estamos falando afirma que, quando, apavorado pela acusação do servidor do sumo-sacerdote, o apóstolo negou por três vezes o seu Mestre, e o galo cantou, Jesus, que então atravessava a galeria sob a guarda dos soldados, virou-se e, encarando a Pedro, disse: "Em verdade, Pedro, eu te digo que me negarás por todos os séculos vindouros, e jamais pararás enquanto não te tornares velho, e estenderás as mãos e um outro te cingirá e te levará para onde não queres" (*João XXI, 18.*) A última parte desta sentença, dizem os gregos, está relacionada com a Igreja, e profetiza a sua constante apostasia de Cristo, sob a máscara da falsa religião. Mais tarde, a passagem foi inserida no cap. XXI de *João*, mas todo esse capítulo foi denunciado como falsificação, antes mesmo de se ter descoberto que esse *Evangelho* jamais foi escrito em suma pelo Apóstolo João.

O simples fato de que Pedro permaneceu até o fim como um "apóstolo da circuncisão" fala por si mesmo. *Quem quer que tenha edificado a Igreja de Roma, não foi Pedro.* Se fosse esse o caso, os sucessores desse apóstolo deveriam se submeter à circuncisão, ao menos por amor à fidelidade, e para mostrar que as afirmações dos Papas não carecem de fundamento. O Dr. Inman afirma que o relato diz que "em nossos tempos cristãos, os Papas devem ser perfeitos em sua vida privada", mas não sabemos se eles devem se submeter às exigências da lei levítica judaica. Os primeiros quinze bispos cristãos de Jerusalém, a começar de Tiago e incluindo Judas, foram todos judeus circuncidados.

O SIGNIFICADO DO TERMO NAZAR E NAZARENO. (L. 3. pág. 120).

Podemos de fato dar crédito a essa amizade entre Pedro e seus antigos correligionários, uma vez que descobrimos em Theodoret a seguinte afirmação: "Os nazarenos são judeus, que veneravam o UNGIDO [Jesus] como um homem *justo* e que utilizam o *Evangelho* segundo Pedro". (*Theodoret, Haeret. fabul., II,II.*) Pedro era um nazareno, de acordo com o *Talmude*. Ele pertencia à seita dos nazarenos mais recentes, que discordavam dos seguidores de João, o Batista, e que vieram a constituir uma seita rival; a qual - como reza a tradição - foi instituída pelo próprio Jesus.

A história diz que as primeiras seitas cristãs eram nazarenas, como João Batista, ou ebionitas, entre os quais se acham inúmeros parentes de Jesus; ou essênias (*iessaens*), os *therapeutae*, de que os nazarenos eram um ramo. Todas essas seitas, que apenas na época de Irineu começaram a ser consideradas como heréticas, eram mais ou menos cabalísticas. Elas acreditavam na expulsão dos demônios por meio de encantamentos mágicos, e praticavam esse método; Jervis aplica aos nabateanos e a outras seitas similares o epíteto de "errantes exorcistas judeus", significando a palavra *árabe nabae* "errar" e a hebraica, *naba*, "profetizar". O *Talmude* chama indiscriminadamente a todos os cristãos de *Nozari*. Todas as seitas gnósticas acreditavam igualmente na Magia. Irineu, ao descrever os seguidores de Basilides, diz: "Eles utilizam imagens, invocações encantamentos, e todas as outras coisas que pertencem à Magia". Dunlap, como base na autoridade de Lightfoot, mostra que Jesus era chamado de *Nazaraios*, por referência a seu exterior pobre e humilde; "pois Nazaraios significa separação, alienação de outros homens".

O verdadeiro significado da palavra *nazar*, é devotar-se ou consagrar-se ao serviço de Deus. Como substantivo, significa uma *diadema* ou um emblema de tal consagração, uma cabeça assim consagrada. Afirma-se que José era um *nazar*. "A cabeça de José, o vértice do nazar entre seus irmãos." Sansão e Samuel, Shimshôn e Shemûêl) são descritos como *nazars*. Porfírio, ao tratar de Pitágoras, diz que este foi purificado e iniciado na Babilônia por Zar-adas, o chefe do colégio sagrado. Não se poderia supor, por conseguinte, que Zoro-Aster era o *nazar* de Ishtar, tendo Azr-adas ou Na-Zar-Ad o mesmo significado na troca de idiomas? Esdras, era um sacerdote e escriba, um hierofante, e o primeiro colonizador hebreu da Judéia foi Zoro-Bel ou o Zoro ou *nazar* da Babilônia.

As Escrituras judias indicam dois cultos e religiões distintos entre os israelitas; o culto de Baco sob a máscara de Jeová, e o dos iniciados caldeus a que pertenciam alguns dos *nazars*, os teurgistas, e uns poucos profetas. As sedes de todos esses cultos localizavam-se todas na Babilônia e na Caldéia, onde se reconhecem claramente duas escolas rivais de magos. Aqueles que duvidarem desta afirmação terão nesse caso de explicar a discrepância entre a história e Platão, que, de todos os homens de sua época era, sem dúvida, um dos mais bem informados. Referindo-se aos magos, ele os mostra instruindo os reis persas (a respeito de) Zoroastro, como filho ou sacerdote de Oromasdes; e no entanto, Dario, na inscrição de Behistun, vangloria-se de ter restaurado o culto de Ormasde e de ter destruído os ritos mágicos! Evidentemente, havia duas escolas mágicas distintas e antagônicas. A mais antiga e a mais esotérica de ambas era a que, satisfeita com seus

conhecimentos inexpugnáveis e com seu poder secreto, consentia em aparentemente renunciar à sua popularidade exotérica, depondo sua supremacia nas mãos do reformador Dario. Os gnósticos posteriores mostraram a mesma prudente política, acomodando-se em todas as partes às formas religiosas predominantes, mas permanecendo secretamente fiéis às suas próprias doutrinas essenciais.

MOISÉS UM INICIADO. OS ENSINAMENTOS MINISTRADOS POR JESUS. (L. 3. pág. 120).

Seja o que for que agora se acredite ter sido Moisés, demonstraremos que ele era um iniciado. A religião mosaica era, na melhor das hipóteses, um culto do Sol e da serpente, diluído, por algumas poucas nações monoteístas, antes que estas fossem introduzidas à força nas chamadas Escrituras inspiradas" por Esdras, ao tempo em que ele pretendia ter reescrito os livros mosaicos. Seja como for, o *Livro dos números* foi escrito mais tarde; e é tão fácil seguir nele o culto do Sol e da serpente, quanto em qualquer história pagã. O relato das serpentes de fogo é uma alegoria, em mais de um sentido. As "serpentes" eram os *levitas* ou os *ofitas*, que formavam a escola de Moisés (ver *Êxodo*, XXXII, 26); e a ordem do "Senhor" a Moisés, para dobrar a cabeça do povo "diante do Senhor contra o Sol", que é o emblema desse Senhor, não deixa margem e equívocos.

Os *nazars* ou profetas, assim como os nazarenos, eram uma casta oposta ao culto de Baco, de modo que, em comum com todos os profetas iniciados, eles se mantinham fiéis ao espírito das religiões simbólicas e ofereciam uma forte oposição às práticas idólatras ou exotéricas da letra morta. Essa a razão pela qual os profetas foram, com tanta frequência, lapidados pelo populacho, sob a instigação dos sacerdotes que tinham todo o interesse em favorecer as superstições populares. Otfried Müller mostra quanto os mistérios órficos diferiam dos ritos *populares* de Baco, embora os *Orphikoi* sejam conhecidos por terem seguido o culto de Baco. O sistema de puríssima moralidade e de severo ascetismo promulgado nos ensinamentos de Orfeu, e seguido estritamente por seus partidários, é incompatível com a lascívia e a grosseira imoralidade dos ritos populares. A fábula de Aristeu que persegue Eurídice na floresta, onde há uma serpente que lhe causa a morte, é uma alegoria muito clara, que foi, em parte, explicada nos tempos primitivos. Aristeu é a *força bruta*, que persegue Eurídice, a doutrina esotérica, na floresta em que a serpente (emblema de todos os deuses solares, e cultuado sob seu aspecto grosseiro mesmo pelos judeus) a mata; ou seja, força a verdade a tornar-se ainda mais esotérica, e a buscar proteção no mundo inferior, que não é o inferno de nossos teólogos. Além disso, a sorte de Orfeu, esfaçalhado pelas bacantes, é outra alegoria para demonstrar que os ritos grosseiros e populares são sempre mais bem-vindos do que a verdade divina mais simples, provando a grande diferença que deve ter existido entre o culto esotérico e o popular. Visto que os poemas de Orfeu e de Museu foram perdidos desde os tempos mais recuados, de modo que nem Platão nem Aristóteles reconheceram qualquer coisa autêntica nos poemas que ainda existiam em seu tempo, é difícil dizer com precisão em que consistiam seus ritos peculiares. Temos, no entanto, a tradição oral, e dela podemos tirar várias inferências; essa tradição assinala que Orfeu trouxe sua doutrina da Índia, sendo a sua religião a dos antigos magos - aquela à qual pertencem os iniciados de todos os países, a começar de Moisés, os "Filhos dos Profetas", e os ascéticos *nazars* (que não devem ser confundidos com aqueles contra os quais tropejaram Oséias e outros profetas) e terminando com os essênios. Esta última seita era composta de pitagóricos, antes que seu sistema tivesse sido mais degenerado do que aperfeiçoado pelos missionários budistas, que, como Plínio nos diz, se estabeleceram nas costas do Mar Morto, muitos séculos antes de seu tempo, "*per saeculorum millia* (Plínio, *Nat. Hist.*, V. XV)". Mas se, por um lado, esses monges budistas foram os primeiros a estabelecer comunidades monásticas e inculcar a estrita observância das regras monacais dogmáticas, por outro lado, foram também os primeiros a impor e popularizar as severas virtudes exemplificadas por Sâkyamuni (o fundador do Budismo, o Senhor Gautama), e que foram anteriormente exercitadas em casos isolados de bem conhecidos filósofos e seus seguidores; virtudes pregadas dois ou três séculos depois por Jesus, praticadas por uns poucos ascetas cristãos, gradualmente abandonadas e inteiramente esquecidas pela Igreja cristã.

Os *nazars* iniciados sempre obedeceram a essa regra, que havia sido seguida antes deles pelos adeptos de todos os tempos; e os discípulos de João foram apenas um ramo dissidente dos essênios. Por conseguinte, não podemos confundi-los com todos os nazars mencionados no *Velho Testamento*, e que são acusados por Oséias de se terem separado ou se consagrado a *Bosheth*; o que implicava a maior abominação possível. Inferir, como o fazem alguns críticos e teólogos, que isto significa abandonar a *castidade* ou a continência, é perverter seu verdadeiro significado ou ignorar totalmente a língua hebraica. O décimo primeiro verso do primeiro capítulo de Miquéias explica parcialmente o termo, em sua velada tradução: "Passai, ó habitante de Saphir, etc." e no texto original a palavra é *Bosheth*. Certamente, nem Baal, nem Iahoh Kadosh, com seu Kadeshim, eram deuses de ascética virtude, embora a *Septuaginta* os chame, assim como aos *galli* - os sacerdotes perfeitos -, de iniciados e consagrados. O grande *Sod do kadeshim*, traduzido nos Salmos

LXXXIX, 7, como "assembléia de santos", não era senão um mistério dos "santificados" no sentido dado a esta palavra por Webster.

A seita dos anziretas existiu muito tempo antes das leis de Moisés (Cf. Números, VI,2; Munk, Palestina, p.169), e teve origem entre o povo, em guerra aberta contra os "escolhidos" de Israel, a saber, o povo da Galiléia, a antiga *olla-podrida* das nações idólatras, onde foi erguida Nazara, a atual Nasra. Foi em Nazara que os antigos naziretas mantiveram seus "mistérios de vida" ou "assembléias" (como figura agora a palavra na tradução), que não passavam de mistérios secretos de iniciação, totalmente distintos em sua forma prática populares que eram realizadas em Biblos em honra de Adónis. Visto que os verdadeiros iniciados da Galiléia desterrada adoravam o verdadeiro Deus e desfrutavam visões transcendentais, o que faziam os "escolhidos" nesse mesmo tempo? Ezequiel no-lo diz (cap. VIII) quando, ao descrever o que viu, ele diz que a *forma* de uma mão o pegou pelos cabelos e o transportou da Caldéia a Jerusalém. "E lá estavam setenta dos senadores da casa de Israel. (...) 'Filho do Homem, viste o que os anciões (...) estão fazendo no escuro?', pergunta o "Senhor". "Na porta da casa do Senhor (...) estavam as mulheres sentadas a chorar por Tamuz" (Adónis). Não podemos realmente supor que os pagãos jamais ultrapassaram o povo "escolhido" em certas vergonhas abominações de que os seus próprios o acusavam com tanta freqüência. Não é preciso ser um erudito em língua hebraica para admitir essa verdade; basta ler a *Bíblia* na tradução e meditar sobre as palavras dos "santos" profetas.

Tal foi a razão do ódio dos nazarenos posteriores aos judeus ortodoxos - seguidores da Lei Mosaica *exotérica* - externo, aquilo que o vulgo conhece; público, exterior. O oposto a esotérico ou oculto -, que foram sempre acusados de adorar a *Iurbo-Adunai*, ou Senhor Baco. Passando sob o disfarce de *Adoni-Iahoh*, (texto original, *Isaiás, LXI,1*), Iahoh e Senhor Tsavaötih, o Baal-Adónis, ou Baco, cultuado nos bosques e nos *Jardins* ou mistérios *públicos*, transforma-se enfim, sob a mão polidora de Esdras, no Adonai de Masorah - o Deus Único e Supremo dos cristãos!

"Não adorarás o Sol cujo nome é Adunai", diz o *Codex* dos nazarenos; "cujo nome é também *Kadesh* [*Salmos, XXXIX, 7.*] e El-El. Esse Adunai elegerá para si uma nação, a qual se reunirá em *multidões* [seu culto será exotérico] (...) Jerusalém tornar-se-á o refúgio e a cidade dos *Abortivos*, que se aperfeiçoarão [circuncidarão] por meio da espada (...) e adorarão a Adunai [*Codex nazaraeus, I, p.47*]."

Os nazarenos mais antigos, que eram os descendentes dos *nazars* da Escrituras, e cujo último líder proeminente foi João Batista, embora considerados pouco ortodoxos pelos escribas e fariseus de Jerusalém, eram, não obstante, respeitados, nunca tendo sido molestados. Mesmo Herodes "temia a multidão" porque considerava João um profeta (*Mateus, XIV, 5*). Mas os seguidores de Jesus pertenciam, evidentemente, a uma seita que se tornou um espinho ainda mais exasperante em seu flanco. Ela surgia como uma *heresia* dentro de outra heresia; pois enquanto os nazars dos tempos antigos, os "Filhos dos Profetas eram cabalistas caldeus, os adeptos da nova seita dissidente revelaram-se reformadores e inovadores desde o início. A grande semelhança observada por alguns crítico entre os ritos e as observações dos cristãos primitivos e os dos essênios pode ser explicada sem a menor dificuldade. Os essênios, como já observamos, eram missionários budistas convertidos que, ao mesmo tempo, invadiram o Egito, a Grécia e mesmo a Judéia, a partir do reino de Asoka, o zeloso propagandista; e ao passo que é evidentemente aos essênios que pertence a honra de terem tido o reformador nazareno Jesus como pupilo, descobrimos que este, no entanto, discordou de seus primeiros mestres quando a inúmeras questões de observância formal. Não podemos chamá-lo de essênio, pelas razões que indicaremos mais adiante, nem de nazari ou de nazário da seita mais antiga. O que Jesus *foi* podemos descobri-lo no *Codex nazaraeus*, nas injustas acusações dos gnósticos de Bardesane.

"Jesu Mesio é *Nebu*, o falso Messias, o destruidor da religião antiga", diz o *Codex*. Ele é o fundador da seita dos novos nazars, e, como o indicam claramente as palavras, um seguidor da doutrina budista em hebraico, a palavra *naba*, significa "falar com inspiração"; e, *nebo* é um deus de sabedoria. Mas *Nebo* é também Mercúrio, e Mercúrio é *Buddha* no monograma hindu dos planetas. Além disso, descobrimos que os talmudistas afirmavam que Jesus era inspirado pelo gênio de Mercúrio.

O reformador nazareno pertencia, sem duvida alguma, a uma dessas seitas; embora seja talvez impossível decidir absolutamente a qual delas. Mas o que é plenamente evidente é que ele pregava a filosofia de Buddha-Sâkyamuni - nome do fundador do budismo o Senhor Gautama -. Denunciados pelos últimos profetas, amaldiçoados pelo Sanhedrim, os nazars - que se confundem com os outros do mesmo nome, "que se consagraram à vergonha" - foram secreta, se não abertamente, perseguidos pela sinagoga ortodoxa. Torna-se então claro por que Jesus foi tratado com tanto desdém desde o começo, e chamado depreciativamente de "o Galileu". Nataniel pergunta - "De Nazaré pode sair algo de bom?" (*João, I,46*), no início de sua carreira, e apenas porque ele sabe que se trata de um *nazar*. Não indica isto claramente que mesmo os nazars mais antigos não eram realmente hebraicos, mas antes uma classe de teurgistas caldeus? Além disso, visto que o

Novo Testamento é conhecido por seus erros de tradução e falsificações transparentes dos textos, podemos como razão suspeitar que a palavra Nazaré substituiu o termo *nasaria* ou *nazari*; e que o texto original rezava: "De um nozari, ou um nazareno pode sair algo de bom?", isto é, de um seguidor de São João Batista, com o qual nós o vemos associado desde o início de sua entrada em ação, após ter estado desaparecido por um período de aproximadamente vinte anos. Os equívocos do *Velho Testamento* nada são comparados aos dos *Evangelhos*. Nada mostra melhor do que essas evidentes contradições o sistema da piedosa fraude sobre o qual repousa a doutrina do Messias. "Este é o *Elias* que deve vir", diz *Matheus* de João Batista, forçando assim uma antiga tradição cabalística no quadro das evidências (XI, 14). Mas quando, ao se dirigirem ao próprio Batista, eles lhe perguntam (*João, I, 21*), "És tu o *Elias*?", ele diz "*Não sou!*" Quem sabe mais - João ou seu biógrafo? Qual é a revelação divina?

O objetivo de Jesus, como foi evidentemente o de Gautama Buddha, consistia em prestar um largo benefício à Humanidade, produzindo uma reforma religiosa que lhe daria uma religião de pura ética; até então, o verdadeiro conhecimento de Deus e da Natureza permaneciam exclusivamente nas mãos das seitas esotéricas e de seus adeptos. Visto que Jesus utilizava *óleo* e que os essênios nunca usaram senão água pura, não se pode dizer que ele foi um essênio no sentido estrito da palavra. Por outro lado, os essênios foram também "postos de lado"; eles eram curadores (*asaya*) e habitavam no deserto como todos os ascetas.

Mas, embora não se abstinhasse de vinho, Jesus poderia se manter um nazareno. Pois no cap. VI de *Números*, vemos que, após o sacerdote ter agitado a cabeleira de um nazarita em oferenda diante do Senhor, "em seguida, um nazarita pode beber vinho" (VI, 20). a severa reprimenda do reformador ao povo que não se satisfazia com nada é expressa na seguinte sentença: "Veio João, que não come e não bebe, e dizeis: 'O demônio está nele'. (...) Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: 'Eis aí glutão e beberrão [*Lucas, VII, 33-4*]". Apesar disso, ele era um essênio e um nazareno, pois podemos vê-lo enviando uma mensagem a Herodes para dizer que era alguém que expulsava demônios e que realizava curas, mas na verdade chamando-se a si mesmo de profeta e declarando-se igual aos outros profetas.

BATISMO, UM DIREITO DERIVADO. (L. 3. pág. 124).

O batismo é um dos ritos mais antigos e foi praticado por todas as nações em seus mistérios, como abluções sagradas (Banho de todo o corpo ou parte dele.) Dunlap parece derivar o nome dos *nazars* de *nazah*, "aspersão"; Bahâk-Ziwa é o gênio que chamou o mundo à existência tirando-o da "água obscura", dizem os nazarenos; e o *Persian, Arabic and English Lexicon* de Ricahardson afirma que a palavra *Bahâk* significa "chuva". Mas o Bahâk-Ziwa dos nazarenos não pode ser confundido tão facilmente com Baco, que "era e deus da chuva", pois os nazars foram os maiores adversários do culto de Baco. "Baco foi criado pelas Hyades, as ninfas da chuva", diz Preller; e Dunlap mostra, ademais, que, ao término dos mistérios religiosos, os sacerdotes batizavam (lavavam) seus monumentos e os untavam com óleo. Mas tudo isso é apenas uma prova indireta. Não é preciso provar que o batismo do Jordão era apenas um substituto dos ritos *exotéricos* de Baco e das libações em honra de Adónis ou Adónis - de quem os nazarenos tinham horror -, no propósito de demonstrar que essa seita nasceu dos "mistérios" da "Doutrina Secreta"; e seus ritos não podem em absoluto ser confundidos com os do populacho pagão, que simplesmente caiu na fé idólatra e irracional de todas as multidões plebéias. João foi o profeta desses nazarenos, e na Galiléia ele foi chamado de "Salvador"; mas não foi ele quem fundou essa seita cujas tradições remontam à mais alta antiguidade da teurgia caldaico-acadiana.

"Os primeiros israelitas plebeus eram cananitas e fenícios, com o mesmo culto de adoração aos deuses fálicos - Baco, Baal ou Adon, Iacchos - Iao ou Jeová;" mas mesmo entre esses sempre houve uma classe de adeptos *iniciados*. Depois, o caráter dessa *plebe* foi modificado pelas conquistas assírias; e, finalmente, as colonizações persas superpuseram as idéias e os costumes fariseus e orientais, de que derivam o *Velho Testamento* e as instituições mosaicas. Os reis-sacerdotes asmoneus promulgaram o cânone do *Velho Testamento* em oposição aos Livros Secretos ou *Apocrypha* dos judeus alexandrinos - os cabalistas. Até a época de João Hircano eles foram asideus (chasideim) e fariseus (pârsis), mas tornaram-se saduceus ou zadoquitas - partidários da regra sacerdotal em oposição à regra rabínica. Os fariseus eram dóceis e intelectuais; os saduceus, intolerantes e cruéis.

Diz o *Codex*: "João, filho de Aba-Saba-Zacharia, conhecido por sua mãe *Anasabet* em seu centésimo ano, batizou durante quarenta e dois anos, quando Iesu Messias veio ao Jordão a fim de ser batizado por João. Mas ele *perverterá* a doutrina de João, alterando o batismo do Jordão, e pervertendo as sentenças da justiça."

O batismo de *água* transformou-se no do Espírito Santo, em consequência, decerto, da idéia predominante entre os padres de instituir uma reforma e tornar os cristãos diferentes dos nazarenos de São João, dos nabateanos e dos ebionistas, a fim de dar lugar aos novos dogmas. Não apenas os sinóticos nos dizem que Jesus batizava como João, mas os próprios discípulos de João se queixavam disso, embora Jesus

não possa ser certamente acusado de seguir um rito puramente báquico. Os parênteses no verso 2 de *João IV*: "(...) ainda que o próprio Jesus não batizasse", são tão canhestros que indicam uma evidente interpolação. *Mateus* faz João dizer que aquele que viria depois não os batizaria com água, "mas com o *Espírito Santo* e com fogo". *Marcos, Lucas e João* corroboram essas palavras. Água, fogo e espírito, ou Espírito Santo, todos têm sua origem na Índia, como iremos demonstrar.

Mas tal sentença apresenta uma estranha peculiaridade. Ela é abertamente negada em *Atos*, XIX, 2-5. Apolos, um judeu de Alexandria, pertencia à seita dos discípulos de São João; foi batizado e instruído a outros nas doutrinas do Batista. E não obstante, quando Paulo, aproveitando habilmente sua ausência em Corinto, encontra alguns discípulos de Apolos em Éfeso, e lhes pergunta se haviam recebido o *Espírito Santo*, recebe ele essa ingênua resposta: "Nunca ouvimos dizer que há um Espírito Santo". "Em que fostes batizados?", pergunta ele. "*No batismo de João*", dizem eles. Faz-se então Paulo repetir as palavras atribuídas a João pelos sinóticos, e esses homens "foram batizados em nome de Jesus", exibindo, além disso, no mesmo instante, o usual dom poliglota que acompanha a descida do Espírito Santo.

Qual a conclusão a tirar? São João Batista, que é chamado de "percussor", para que "a profecia pudesse ser cumprida", o grande profeta e mártir, cujas palavras tinham um significado tão importante aos olhos de seus discípulos, anuncia o "Espírito Santo" aos seus ouvintes; faz as multidões se reunirem à margens do Jordão, onde, na grande cerimônia do batismo de Cristo, o prometido "Espírito Santo" aparece por entre os céus abertos, e a multidão ouve a voz, e no entanto ainda há discípulos de São João que "nunca ouviam dizer que há um Espírito Santo"!

Na verdade, os discípulos que escreveram o *Codex nazaraeus* estavam certos. Mas não foi Jesus, e sim aqueles que vieram depois dele e tergiversaram a *Bíblia* para servir aos seus objetivos, que "*perverteram*" a doutrina de João, *modificaram* o batismo do Jordão e perverteram as sentenças da justiça".

É inútil objetar que o *Codex* atual foi escrito séculos depois de os apóstolos diretos de João Batista terem feito seu trabalho de pregação. Tal é o caso dos nossos *Evangelhos*. Quando esse espantoso diálogo entre Paulo e os "batistas" teve lugar, Bardesanes ainda não havia feito a sua aparição e a seita não era considerada uma "heresia". Além disso, podemos julgar quão pouco a promessa de São João Batista referente ao "Espírito Santo" e a própria manifestação do "Espírito" afetaram seus discípulos, pela animosidade que estes mostraram para com os discípulos de Jesus, e por certa espécie de rivalidade manifestada desde o princípio. Ou melhor, tão pouco está João Batista seguro da identidade de Jesus como o esperado Messias que, depois da famosa cena do batismo no Jordão, e da confirmação oral do próprio Espírito Santo de que "*Este é o meu Filho amado*" (*Matheus, III, 17*), descobrimos "o Precursor", em *Mateus*, XI, 3, enviando de sua prisão dois discípulos para perguntar a Jesus: "És tu aquele que há de vir, ou deveremos esperar *outro*?"!

Essa flagrante contradição deveria, por si só, já ter satisfeito às mentes esclarecidas quanto à putativa inspiração divina do *Novo Testamento*. Mas podemos perguntar ainda: Se o batismo é um sinal de regeneração, e uma prática instituída por Jesus, por que os cristãos não batizam tal como Jesus aqui o faz, "com o Espírito Santo e com fogo", em vez de seguir o costume dos nazarenos? Ao fazer essas evidentes interpolações, que possível motivo teria tido Irineu para fazer as pessoas acreditarem que o epíteto de nazareno, dado a Jesus, provinha apenas da residência de seu pai em Nazaré, e não de sua filiação à seita dos *nazaria*, os curadores?

Esse expediente de Irineu foi muito infeliz, pois desde tempos imemoriais os profetas dos tempos antigos haviam trovejado contra o batismo de fogo, tal como praticado por seus vizinhos, que comunicava o "espírito da profecia", ou o Espírito Santo. Mas o caso era de desespero; os cristãos eram universalmente chamados de nazarenos e iessênios (segundo Epifênio), e Cristo se alinhava simplesmente como um profeta e curador judeu - pois era assim que seus discípulos a si mesmo chamavam, e como tal eram vistos por seus seguidores. Em tal situação, não havia lugar, seja para uma nova Divindade; e como Irineu se entregou à tarefa de manufaturar a ambas, teve de dispor dos materiais disponíveis, preenchendo as lacunas com as suas próprias férteis invenções.

JESUS UM VERDADEIRO NAZARENO. BATISMO COMO RITO DE INICIAÇÃO. (L. 3 pág. 126.)

Se queremos nos assegurar de que Jesus era um verdadeiro nazareno - embora com idéias de uma nova reforma -, não devemos buscar a prova nos *Evangelhos* traduzidos, mas nas versões originais de que dispomos. Tischendorf, em sua tradução do grego, da passagem de *Lucas*, IV, 34, chama-o "Iesou Nazarene"; e no texto siríaco lê-se "iasua, tu o *nazaria*". Portanto, se levarmos em conta tudo o que é enigmático e incompreensível nos quatro *Evangelhos*, revisados e corrigido em sua forma atual, veremos facilmente por nós mesmos que o verdadeiro e original Cristianismo, tal como pregado por Jesus, encontra-se apenas

chamadas heresias sírias. Somente delas podemos extrair noções claras sobre o que era o Cristianismo original. Tal era a fé de Paulo, quando Tertulo, o orador, acusou o apóstolo diante do governador Félix. Ele se queixava de que "encontramos esse homem (...) suscitador de tumultos (...) chefe *da seita dos nazarenos*"; e, ao passo que Paulo nega todas as outras acusações, confessa que "segundo o caminho que chamam de heresia, *sirvo ao Deus de meus pais*". Essa confissão vale por toda uma revelação. Ela mostra 1º: que Paulo admitia pertencer à seita dos nazarenos; 2º: que ele servia ao *Deus de seus pais*, não ao Deus cristão trinitário, de quem ele nada sabe, e que só foi inventado depois de sua morte; e 3º: que essa infeliz confissão explica satisfatoriamente que o tratado dos *Atos dos Apóstolos*, juntamente com o *Apocalipse* de João, que num dado momento foi completamente rejeitado, ficaram ambos fora do cânone do *Novo Testamento* durante um longo período de tempo.

Em Biblos, os neófitos, assim como os hierofantes, após terem participado dos mistérios, eram obrigados a jejuar e a ficar em solidão por algum tempo. Um jejum e uma preparação muito rigorosa eram exigidos, tanto antes como depois das orgias báquicas e eleusinas; e Heródoto menciona, com medo e veneração, o LAGO de Baco, no qual "eles [os sacerdotes] davam, de noite, representações de sua vida e de seus sofrimentos Nos sacrifícios mítricos, durante a iniciação, uma cena preliminar de morte era simulada pelo neófito, que precedia à cena que o mostrava "renascendo pelo rito do *batismo*". Uma parte dessa cerimônia ainda é encenada nos dias de hoje pelos maçons, quando o neófito, qual o seu Grande Mestre Hiram Abiff, jaz morto, sendo despertado pelo forte aperto da garra do leão.

Os sacerdotes eram circuncidados. O neófito não podia ser iniciado sem ter participado dos mistérios solenes do LAGO. Os nazarenos eram batizados no Jordão, e não podiam ser batizados em qualquer outro lugar. Eles também eram circuncidados, e deviam jejuar antes e depois da purificação pelo batismo. Afirmase que Jesus jejuou no deserto durante quarenta dias, imediatamente após o seu batismo. Até os dias de hoje há, na parte exterior de todos os templos na Índia, um lago, uma corrente ou um reservatório cheio de água sagrada, no qual os brâmanes e os devotos hindus se banham diariamente. Tais locais de água consagrada são necessários em todos os templos. Os festivais de banho, ou ritos *batismais*, ocorrem duas vezes por ano; em outubro e abril. Cada um dura dez dias; e, como no Egito e na Grécia antiga, as estátuas de seus deuses, deusas e ídolos são imersas nas águas pelos sacerdotes, sendo o objetivo da cerimônia livrá-las do pecado de seus adoradores, com os quais elas são carregadas e poluídas, até serem purificadas pela água sagrada. Durante o ârati, a cerimônia de banho, o deus principal de todos os templos é transportado em solene profissão para ser batizado no mar. Os sacerdotes brâmanes, que carregam as imagens sagradas, são seguidos geralmente pelo Mahârâja - os pés descalços, e quase nu. *Por três vezes* os sacerdotes entram no mar; na terceira vez, levam consigo todas as imagens. Erguendo-as com orações repetidas por toda a congregação, o Sumo Sacerdote mergulha as estátuas dos deuses *por três vezes*, em nome da *Trindade mística*, na água, após o que ficam todos purificados. O hino órfico afirma que a *água* é o maior purificador dos homens e dos deuses.

Nossa seita nazarena, como se sabe, organizou-se por volta de 150 d.C., e viveu nas margens do Jordão, e na costa ocidental do Mar Morto, de acordo com Plínio e Flávio Josefo. Mas no *Gnostics* de King descobrimos, citada, outra afirmação de Josefo (Antiq., XV, 15), que diz que os essênios se haviam estabelecido nas costas do Mar Morto "milhares de séculos" antes do tempo de Plínio.

ZOROASTRO UM NOME GENÉRICO. (L. 3. pág. 128).

É natural, por conseguinte, que vejamos no nome de Zoroastro não um nome, mas um termo genérico a descoberta de cujo significado deixamos aos filósofos. *Guru*, em sânscrito, é um mestre espiritual; e, como Zaruastara significa, na mesma língua, aquele que reverencia Sol, por que seria impossível que, graças a algumas mudanças natural da linguagem, devido ao grande número de diferentes nações que se converteram ao culto do Sol, a palavra *guru-astara*, o mestre espiritual do culto do Sol, que se assemelha estreitamente ao nome do fundador dessa religião, se transformou gradualmente em sua forma primitiva Zuryastara ou Zoroastro? Opinam os cabalistas que houve apenas um Azaratusta e muitos *guruastaras* ou mestres espirituais, e que apenas um desses *guru*, ou antes, *huru-aster*, como é chamado nos antigos manuscritos, foi o instrutor de Pitágoras. A filosofia e aos nossos leitores deixamos a explicação pelo que ela vale. Pessoalmente, acreditamos nela, como acreditamos, quanto a esse assunto, muito mais na tradição cabalística do que na explicação dos cientistas, que até hoje ainda não conseguiram entrar em acordo sobre qualquer tema.

Aristóteles afirma que Zoroastro viveu 6.000 anos antes de Platão; Hermippus de Alexandria, que teria lido os livros genuínos dos zoroastrianos, embora Alexandre Magno seja acusado de tê-los destruído, mostra Zoroastro como pupilo de Agonaces (Agon-ach, ou o Deus Ahon), vivendo 5.000 anos antes da queda

de Tróia. Er ou Eros, cuja visão é relatada por Platão, na *República*, teria sido, segundo Clemente de Alexandria, Zardosht. Embora o mago que destronou Cambises tenha sido um meda, e Dario proclame que aboliu os ritos mágicos para estabelecer os de Ormasde, Xanthus de Lídia declara que Zoroastro havia sido o chefe dos magos!

Qual dos dois está errado? Ou ambos certos, falhando os intérpretes modernos em explicar a diferença entre Reformador e os seus apóstolos e seguidores? Esse lapso de nossos comentaristas lembra-nos o de Suetônio, que confundiu os cristãos com um certo Cristos, ou Cresto, como o grafa, e informa a seus leitores que Cláudio o baniu por causa da agitação que provocara entre os judeus.

Finalmente, e para voltar outra vez ao *nazars*, Plínio faz menção a Zaratus nas seguintes palavras: "Ele era Zoroastro e *Nazareno*". Visto que Zoroastro é chamado de *princeps* dos magos, e que *nazar* significa separado ou consagrado, não é tal palavra uma tradução hebraica de *mag*? Volney assim o crê. A palavra persa *na-zaran* significa milhões de anos, e diz respeito ao "Ancião dos Dias" caldeu. Daí o nome de nazars ou nazarenos, que se consagraram ao Deus Supremo, o Ain Soph cabalístico, ou o Ancião dos Dias, o "Ancião dos Anciãos".

Mas a palavra *nazar* pode ser encontrada também na Índia. No hindustani, *nazar* é a visão interna ou *sobrenatural*; *nazar-bandî* significa fascinação, um encantamento mesmérico ou mágico; e *nazarân* é a palavra para visão.

Contudo nosso ponto de vista de que as doutrinas secretas dos magos, dos budistas pré-védicos, dos hierofantes do Thoth ou Hermes egípcio, e dos adeptos de qualquer século ou nacionalidade, incluindo os cabalistas caldeus e os *nazars* judeus, eram *idênticos* desde o início. Quando empregamos o termo *budistas*, não fazemos em absoluto menção ao Budismo exotérico instituído pelos seguidores de Gautama Buddha, nem à moderna religião budista, mas à filosofia secreta de Sâkyamuni, que em sua essência é certamente idêntica à antiga religião da sabedoria do santuário, o Bramanismo pré-védico. O "cisma" de Zoroastro, tal como é chamado, é uma prova direta disso. Pois não houve um *cisma*, estritamente falando, mas apenas uma exposição parcialmente pública de verdade religiosas estritamente monoteísta, até então ensinadas apenas nos santuários, e que ele havia aprendido dos brâmanes. Zoroastro, o fundador original do culto solar não pode ser chamado de fundador do sistema dualista, nem foi ele o primeiro a ensinar a unidade de Deus, visto que nada ensinou além do que os brâmanes lhe haviam comunicado.

Se agora podemos provar - e podemos fazê-lo com base na evidência da *Cabala* e das tradições mais antigas da religião da sabedoria, a filosofia dos antigos santuários - que todos esses deuses, seja os dos zoroastristas, seja os do *Veda*, são apenas *poderes ocultos* da natureza personificados, servidores fiéis dos adeptos da sabedoria secreta - a Magia -, estaremos em terra firme.

Por conseguinte, quando dizemos que o Cabalismo e o Gnosticismo procedem do asdeísmo ou do Zoroastrismo, queremos afirmar a mesma coisa, a menos que lhes demos o significado de oculto *exotérico* - o que não é o caso. Assim também, e nesse mesmo sentido, fazemos eco a King, o autor de *The Gnostics*, e a diversos outros arqueólogos, afirmando que as duas primeiras escolas procedem do *Budismo*, que é ao mesmo tempo a mais simples e a mais satisfatória das filosofias, e que resultou numa das mais puras religiões do mundo. É apenas uma questão de cronologia decidir qual dessas religiões, que diferem apenas na forma externa, é a mais antiga, e, por conseguinte, a menos adulterada. Mas mesmo isso só toca indiretamente no assunto de que aqui tratamos. Já há muito tempo antes de nossa era, os adeptos, exceto na Índia, haviam cessado de se congregar em grandes comunidades; mas seja entre os essênios, seja entre os neoplatônicos, seja, ainda, entre as inúmeras seitas dissidentes que nasceram para morrer, as mesmas doutrinas, idênticas em substância e espírito, se não sempre em forma, são sempre encontradas. Por *Budismo*, por conseguinte, entendemos a religião que significa literalmente a doutrina da sabedoria e que precede em muitos séculos à filosofia metafísica de SIDDHÂRTHA-SÂKYAMUNI (Nome do fundador do Budismo).

A DOCTRINA DA TRANSMIGRAÇÃO PREGADA POR JESUS. (L. 3, pág. 131).

Após dezenove séculos de forçadas eliminações dos livros canônicos de toda sentença que poderia instalar o investigador no caminho correto, tornou-se muito difícil mostrar, para satisfação da ciência exata, que os adoradores "pagãos" de Adónis, seus vizinhos, os nazarenos, e os essênios pitagóricos, os terapeutas curadores, os ebionitas e outras seitas foram todos, com pouquíssimas diferenças, seguidores dos antigos mistérios teúrgicos. No entanto, graças à analogia e a um firme estudo do sentido *oculto* de seus ritos e costumes, podemos traçar-lhes as afinidades.

Foi dada a um contemporâneo de Jesus a possibilidade de mostrar à posteridade, interpretando a literatura mais antiga de Israel, a que ponto a Filosofia Cabalística concordava em seu esoterismo com a dos mais profundos pensadores gregos. Esse contemporâneo, ardente discípulo de Platão e Aristóteles, foi Filon, o

Judeu. Porque explica os livros mosaicos de acordo com um método puramente cabalístico, ele é o famoso escritor hebreu a quem Kingsley chama de Pai do Novo Platonismo.

É evidente que os terapeutas de Filon são um ramo dos essênios. Seu nome o indica - médicos. Daí, as contradições, as falsificações e outros desesperados expedientes para reconciliar as profecias do cânone judaico com a natividade e a divindade do Galileu.

Lucas, que era médico, é designado nos textos siríacos como *Asaya*, o essaiano ou essênio. Josefo e Filon descreveram bastante essa seita para não deixar nenhuma dúvida em nossa mente de que o Reformador nazareno, após ter recebido sua educação nas moradas essênias do deserto, e ter sido profundamente iniciado nos mistérios, preferiu a vida livre e independente de um *nazaria* errante, e assim se separou ou se *desnazarianou* deles, tornando-se um terapeuta viajante, um *nazaria*, um curador. Todo terapeuta, antes de deixar sua comunidade, tinha de fazer o mesmo. Tanto Jesus como João Batista pregaram o fim da Idade (O significado real da divisão em *eras* é esotérico e budista. Os cristãos não iniciados tão pouco o compreenderam que aceitaram as palavras de Jesus *literalmente* e acreditaram firmemente que ele falava fim do mundo. Já antes houvera muitas profecias sobre a era vindoura. Virgílio, na quarta *Écloga*, faz menção a *Metatron* - uma nova prole que terminará com a *idade de ferro* para renascer com a *idade de ouro*.), o que prova seu conhecimento da computação secreta dos sacerdotes e dos cabalistas, que partilhavam com os chefes das comunidades essênias o segredo exclusivo da duração dos ciclos. Esses últimos eram cabalistas e teurgistas; "tinham seus livros *místicos*, e prediziam os eventos futuros", diz Munk.

Dunlap, cujas pesquisas pessoais parecem ter sido coroadas de sucesso nessa direção, constata que os essênios, os nazarenos, os dositeus e algumas outras seitas já existiam antes de Cristo: "Elas rejeitavam os prazeres, *desprezavam as riquezas, amavam uns aos outros* em mais do que outras seitas, desprezavam o matrimônio, considerando o domínio sobre as paixões como uma virtude", diz ele.

Todas essas virtudes era pregadas por Jesus; e se devemos aceitar os Evangelhos como um padrão de verdade, Cristo era um partidário da metempsicose, um *reencarnacionista* - tal como esses mesmos essênios, que eram pitagóricos em todos os seus hábitos e doutrinas. Jâmblico afirma que o filósofo sammiano passou algum tempo com eles no monte Carmelo. Em seus discursos e sermões, Jesus sempre falou por parábolas e empregou metáforas com seus ouvintes. Esse hábito é também característico dos essênios e dos nazarenos; os galileus que habitavam em cidades e aldeias jamais foram conhecidos por empregarem tal linguagem alegórica. Na verdade, sendo alguns de seus discípulos galileu, como ele próprio, ficaram estes surpresos ao vê-lo empregar tal modo de expressão com o público. "Por que lhes falas por parábolas?", perguntavam com frequência. "Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não", foi a resposta, que era a de um iniciado. "É por isso que lhes falo por parábolas: porque vêem sem ver, e ouvem sem ouvir, nem entender." (Mateus, XII, 10-3) Além disso, vemos Jesus expressando ainda mais claramente seus pensamentos - e em sentenças que são puramente pitagóricas - quando, durante o *Sermão da Montanha*, diz:

"Não deis o que é sagrado aos cães,
Nem atireis as pérolas aos porcos;
Pois os porcos as pisarão
E os cães se voltarão e vos morderão."

O Prof. A. Wilder, o editor de *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, de Taylor, observa "uma idêntica disposição da parte de Jesus e Paulo para classificar suas doutrinas como esotéricas e exotéricas, `os mistérios do Reino de Deus para os apóstolos e `parábolas' para a multidão. `Pregamos a sabedoria', diz Paulo, `àqueles dentre eles que são *perfeitos*' (ou iniciados)".

Nos mistérios de Elêusis e em outros, os participantes eram sempre divididos em duas classes: os *neófitos* e os *perfeitos*. Os primeiros eram às vezes admitidos na iniciação preliminar: a representação dramática de Ceres, ou a alma, que desce ao Hades (Essa descida ao Hades significa a sina inevitável de toda alma que se une por algum tempo a um corpo terrestre. Essa união, ou essa sombria perspectiva para a alma de se ver aprisionada na sombria morada de um corpo, era vista por todos os filósofos antigos, e ainda hoje pelos budistas modernos, como uma punição.). Mas só aos "*perfeitos*" era concedido desfrutar dos mistérios do divino *Elysium*, a morada celestial do abençoado, sendo o Elísio inquestionavelmente um correlato do "Reino dos Céus". Contraditar ou rejeitar o que está acima seria apenas fechar os olhos à verdade.

A narrativa do Apóstolo Paulo, em sua segunda *Epístola aos Coríntios* (XII,2-4), impressionou a vários eruditos, bem versados nas descrições dos ritos místicos da iniciação dados por alguns clássicos, e que fazem alusão, sem nenhuma dúvida, à *Epotheia* final. "Conheci um certo homem que foi arrebatado ao Paraíso - *se em seu corpo, se fora do corpo*, não sei: Deus o sabe - e que ouviu palavras inefáveis, *que não é lícito ao homem repetir*." Essas palavras raramente foram consideradas pelos comentaristas, ao que sabemos,

como uma alusão às visões beatíficas de um vidente "*iniciado*". Mas a fraseologia é inequívoca. Essas coisas "*que não é lícito ao homem repetir*" são sugeridas pelas próprias palavras, e a razão que se dá para isso é a mesma que vemos repetida muitas vezes por Platão, Proclo, Jâmblico, Heródoto e outros clássicos. "Pregamos a SABEDORIA [apenas] àqueles que são PERFEITOS", diz Paulo [*I Coríntios, II, 6.*], sendo a seguinte a tradução clara e inegável dessa frase: "pregamos as doutrinas esotéricas mais profundas (ou finais) dos mistérios (que foram denominados *sabedoria*) apenas àqueles que são *iniciados*." Por conseguinte, no que diz respeito ao "homem que foi arrebatado ao Paraíso" - e que era evidentemente o próprio Paulo -, a palavra cristã Paraíso substituiu o nome Elísio. Para completar a prova, podemos relembrar as palavras de Platão, dadas noutra lugar, que mostram que, antes de um iniciado poder ver os deuses em sua luz mais pura, ele deve *libertar-se* de seu corpo; i.e., separar sua alma astral. Apuleio também descreve sua iniciação nos mistério da mesma maneira: "Aproximei-me dos confins da morte; e, tendo trilhado o limiar de Proserpina, retornei, após ter sido transportado por todos os elementos. Nas profundezas da meia-noite, vi o Sol faiscando com uma esplêndida luz, juntamente com os deuses *infernais e supernos*, e, ao me aproximar dessas divindades, paguei o tributo de uma devota adoração".

Portanto, em comum com Pitágoras e outros reformadores hierofantes, Jesus dividiu seus ensinamentos em exotéricos e esotéricos. Seguindo fielmente os procedimentos pitagóricos-essênios, ele jamais se sentou à mesa antes dizer "graças". "O sacerdote reza antes de se pôr à mesa", diz Josefo, descrevendo os essênios. Jesus também dividia seus seguidores em "neófitos", "irmãos" e "perfeitos", se podemos julgar pela diferença que fazia entre eles. Mas sua carreira, pelo menos como um rabino público, foi de duração curta demais para lhe permitir estabelecer uma escola regular própria; e com exceção, talvez, de João, não consta que ele tenha iniciado qualquer outro apóstolo. Os amuletos e talismã gnósticos são, antes de mais nada, emblemas das alegorias apocalípticas. As "sete vogais" estão estritamente relacionadas com os "sete selos"; e o título místico Abraxas partilha tanto da composição de *Shem ha-Mephosah*, "a palavra sagrada" ou nome inefável, como era o nome chamado: A palavra de Deus, que "ninguém conhecia, exceto ele próprio", como o expressa João.

O APOCALIPSE CABALISTICO. L. 3. pág. 133).

Seria difícil escapar às provas indiscutíveis de que o *Apocalipse* é obra de um cabalista iniciado, visto que essa *Revelação* apresenta passagens inteiras tomadas do Livro de *Enoch e Daniel*, sendo o segundo uma imitação abreviada do primeiro; e visto que, além disso, os gnósticos ofitas, que rejeitavam por completo o *Antigo Testamento*, por "provir de um ser inferior" (Jeová), aceitavam os profetas mais antigos, tais como Enoch, baseando sua fé nos ensinamentos desse livro. Mostraremos mais adiante como todos essas doutrinas estão estritamente relacionadas. Além disso, há a história das perseguições domicianas de mágicos e filósofos, que fornece uma prova tão boa como outra de que João era geralmente considerado um cabalista. Como o apóstolo havia sido incluído no rol dos cabalistas, sendo ademais de grande renome, o edito imperial o baniu não apenas de Roma, mas até do continente. Não eram os cristãos que - confundindo-os com os judeus, como o fazem vários historiadores - o imperador perseguia, mas os astrólogos e cabalistas.

JESUS CONSIDERADO COMO UM ADEPTO. (L. 3. pág. 133).

As acusações feitas a Jesus de praticar a magia egípcia foram numerosas, e, a um certo momento, universais, nas cidades em que ele era conhecido. Os fariseus, como afirma a *Bíblia*, foram os primeiros a acusá-lo, embora o Rabino Wise seja da opinião de que o próprio Jesus era um fariseu. O *Talmude* assinala claramente que Tiago, o Justo, pertencia a essa seita. Mas esses sectários são conhecidos por terem sempre lapidado todos os profetas que lhes denunciavam as más ações, e não é sobre esse fato que assentamos nossa afirmação. Eles o acusaram de feitiçaria, e de expulsar os demônios por Belzebu, seu príncipe, e com mais razão do que o clero católico, que mais tarde lançou a mesma acusação sobre mais de um mártir inocente. Mas Justino, o Mártir, afirma, com base em melhores autoridades, que os homens de sua época *que não eram judeus* sustentavam que os milagres de Jesus foram realizados por arte mágica a mesma expressão utilizada pelos cétricos daqueles dias para designar os atos de taumaturgia realizados nos templos pagãos. "Eles se arriscaram até a chamá-lo de mago e enganador do povo", lamenta o mártir. No *Evangelho de Nicodemos* (os *Acta Pilati*), os judeus apresentam a mesma acusação na presença de Pilatos. "Não te falamos que ele era um mago?" (*Evangelho segundo Nicodemos, II, 3* (Hone e Grynaeus). Celso admite a mesma acusação, e como um neoplatônico acredita nela. A literatura talmúdica está repleta de detalhes minuciosos, e sua maior acusação é de que "Jesus podia voar tão facilmente pelos ares como os outros podem caminhar". (Talmud: *Yôhânân*). Santo Agostinho afirmou que era crença geral de que ele havia sido iniciado no Egito, e de que escrevera livros a respeito da Magia, transmitidos a João. Havia uma obra intitulada *Magia Jesu Christi* que foi atribuída ao

próprio Jesus. Nas *Aprovações clementinas* lança-se a acusação a Jesus de não realizar seus milagres como um profeta judeus, mas como um mago, i.e., um iniciado dos templos "pagãos". (*Magia Jesu Christi I, LVIII.*)

Era então comum, como ainda o é hoje, entre o clero intolerante das religiões antagonicas, assim como entre as classes mais baixas da sociedade, e mesmo entre os patrícios que, por várias razões, haviam sido excluído de qualquer participação dos mistérios, acusar, às vezes, os mais altos hierofantes e adeptos de feitiçaria e magia negra. Assim, Apuleio, que havia sido iniciado, foi igualmente acusado de bruxaria, e de trazer consigo a imagem de um esqueleto - um poderoso agente, como se afirma, nas operações da arte negra. Mas uma das melhores e mais inquestionáveis provas de nossa afirmação pode ser encontrada no chamado *Museo Gregoriano*. Sobre o sarcófago, que é adornado de baixos-relevos que representam os milagres de Cristo, pode-se ver a figura de Jesus, que, na ressurreição de Lázaro, aparece sem barba "e equipado com um bastão na atitude clássica de um *necromante*, ao passo que o cadáver de Lázaro está embalsamado exatamente como uma múmia egípcia". (King *The Gnostics*, p. 145 (1ª ed.); o autor situa esse sarcófago entre as primeiras produções dessa arte que mais tarde inundou o mundo com mosaico e estampas representando as cenas e os personagens do "Novo Testamento".)

O SIGNIFICADO DE DEUS ENCARNADO. (L. 3. pág. 135).

Tudo isso aponta inegavelmente para o fato de que, com exceção de alguns raros autodenominados cristãos que posteriormente triunfaram, toda a porção civilizada dos pagãos que conheciam Jesus honrava-o como um filósofo, um *adepto* a quem colocavam no mesmo nível de Pitágoras e Apolônio. Onde então essa veneração de sua parte por um homem simples, tal como o representam os sinóticos, um carpinteiro judeu pobre e desconhecido de Nazaré? Enquanto Deus encarnado, tudo o que se diz a seu respeito não resiste ao exame crítico da ciência; enquanto um dos maiores reformadores, inimigo inveterado de todo dogmatismo religioso, perseguidor do fanatismo, mestre de um dos mais sublimes códigos de ética, Jesus é uma das maiores e mais bem-definidas figuras no panorama da história humana. Sua época se perde, gradualmente, nas nuvens do passado; sua teologia, baseada na fantasia humana e sustentada por dogmas indefensáveis, pode, ou melhor, deve perder a cada dia um pouco mais de seu imerecido prestígio; só a grande figura do reformador moral e do filósofo, longe de empalidecer, se torna a cada século mais pronunciada e mais bem-definida. Ela reinará suprema e universal até o dia em que toda a Humanidade reconhecer apenas um pai - o DESCONHECIDO, no alto - e apenas um irmão - toda a Humanidade, embaixo.

Numa carta *atribuída* a Lêntulo, senador e conhecido historiador, endereçada ao senado romano, acha-se uma descrição da aparência pessoal de Jesus. A carta em si, escrita em péssimo latim, passa por ser uma evidente falsificação, mas nela encontramos uma expressão que sugere muitos pensamentos. Embora falsa, é evidente que aquele que a inventou procurou não obstante seguir estritamente uma tradição. Assim, os cabelos de Jesus são representados como "ondulados e crespos" (...) caindo-lhe sobre os ombros, e "*separados ao meio segundo o costume dos nazarenos*". Esta última frase mostra: 1º: Que havia uma tradição, baseada na descrição bíblica de João Batista, o *nazaria*, e dos costumes dessa seita. 2º: Se Lêntulo tivesse sido o autor dessa carta, é difícil acreditar que Paulo nunca tivesse ouvido qualquer menção a ela; e se este tivesse conhecimento de seu conteúdo, ele jamais teria afirmado que é uma *vergonha* para os homens ter os cabelos longos, infamando assim ao seu Senhor e Deus Cristo. 3º: Se Jesus tivesse os cabelos longos e "separados ao meio, segundo o costume dos nazarenos" (assim como João, o único de seus apóstolos que seguia tal costume), então teríamos mais uma boa razão para dizer que Jesus deve ter pertencido à seita dos nazarenos, motivo pela qual foi chamado de NAZARIA e não por que era habitante de Nazaré, pois aqueles nunca tinham os cabelos longos. O nazireu que se *consagra* ao Senhor "não permitirá que a navalha lhe passe pela cabeça". "Ele será sagrado e deixará crescer livremente os cabelos", diz *Números* (VI,5). Sansão era um nazireu, e.i., consagrado ao serviço de Deus e nos cabelos estava a sua força. "Sobre a sua cabeça não passará navalha, porque o menino será nazireu de Deus desde o ventre da mãe" (*Juizes*, XIII, 5). Mas a conclusão final a inferir disso é a de que Jesus, que tanto se opôs a todas as práticas judias, *não* deixaria o cabelo crescer se não pertencesse a essa seita, que nos dias de João Batista já se havia tornado uma heresia aos olhos do Sanhedrin. O *Talmude*, ao falar dos nazareus ou nazarenos (que abandonavam o mundo, como os iogues e os eremitas hindus), chama-os de seita de médicos, de exorcistas errantes; o mesmo faz Jervis. "Eles percorriam o país, vivendo de esmolas e realizando curas." Epifânio diz que os nazarenos se aproximavam tanto quanto à heresia dos Coríntios, pois, embora possam ter existido "antes ou depois destes, eles são não obstante *sincrônicos*"; e acrescenta: "todos os cristãos naqueles tempos eram igualmente chamados *nazarenos*"!

A DOCTRINA DA PERMUTAÇÃO OU REVOLUTIO. (L. 3. pág. 136.)

Na primeira observação feita por Jesus a propósito de João Batista, vemo-lo afirmar que este é o "Elias, que deverá vir". Esta afirmação, no caso de não ser uma interpolação posterior para simular o cumprimento de uma profecia, dá a entender que Jesus, além de nazareno, também era cabalista e acreditava na reencarnação, pois nesta doutrina só estavam iniciados os essênios, nazarenos e discípulos de Simão, ben-Yohai, de Hillel, sem que nada soubessem dela os judeus ortodoxos nem os galileus. A seita dos saduceus negava a imortalidade da alma.

"Mas o autor desta *restitutio* foi nosso mestre Mosah, a paz seja com ele! Que foi a *revolutio* [transmigração] de Seth e de Helbel, para que pudesse cobrir a nudez de seu primeiro pai, Adão", diz a *Cabala*. Portanto, ao sugerir que João Batista era a *revolutio* ou transmigração de Elias, Jesus dá provas incontestáveis da escola a que pertencia.

Mas essa doutrina da permutação, ou *revolutio*, não deve ser entendida como uma crença na reencarnação. Que Moisés era considerado como a transmigração de Abel e Seth não implica que os cabalistas - os que foram *iniciados*, pelo menos - acreditassem que o espírito idêntico de qualquer dos filhos de Adão reapareceria sob a forma corporal de Moisés. Isso apenas mostra qual o modo de expressão que empregavam para assinalar um dos mistérios mais profundos da *Gnose* oriental, um dos artigos de fé mais majestosos da Sabedoria Secreta. Esse modo era propositalmente velado a fim de revelar e ocultar a verdade apenas pela metade. Implicava que Moisés, como outros homens divinos, havia alcançado o maior de todos os estados sobre a Terra - o mais raro de todos os fenômenos psicológicos - a união perfeita do espírito imortal com a *Diada* terrestre. A Trindade estava completa. Um *deus* havia encarnado. Mas quão raras são essas encarnações!

A EXPRESSÃO, "SOIS DEUSES" PARA OS CABALISTAS. (L. 3. pág. 137.)

A expressão "Sois deuses", que, para os nossos estudiosos bíblicos é uma mera abstração, tem para os cabalistas um significado vital. Todo espírito imortal que se irradia sobre um ser humano é um Deus - o Microcosmo do Macrocosmo, parte e parcela do Deus Desconhecido, a Causa Primária de que ele é uma emanção direta. Possui todos os atributos de sua fonte original. Entre esses atributos estão a onisciência e a onipotência. Dotado de tais atributos, mas incapaz de manifestá-los enquanto está no corpo, durante cujo período são obscurecidos, velados e limitados pelas faculdades da natureza física, o homem habitado pela divindade pode elevar-se muito acima de seus semelhantes, pôr em evidência seus conhecimentos divinos e fazer prova de poderes deíficos; pois, enquanto o resto dos mortais ao seu redor são *ensombrecidos* por seu EU divino, com todas as possibilidades de se tornarem imortais durante sua estada aqui, mas sem outra certeza do que seus esforços pessoais para conquistar o reino dos céus, o homem assim eleito já se tornou imortal enquanto está na Terra. Seu prêmio está assegurado. Doravante, ele viverá para sempre na vida eterna. Não apenas ele pode ter "domínio" sobre todas as obras da criação empregando a "excelência" do NOME (o inefável), mas será nesta vida, não, como Paulo afirma, "abaixo dos anjos". (*Essa contradição, que é atribuída a Paulo em Hebreus, fazendo-o dizer a propósito de Jesus no cap. I, 4: "Sendo tão superior aos anjos", para afirmar imediatamente a seguir, no cap. II, 9: "Vemos a Jesus, que fora feito, um pouco menor que os anjos", mostra a forma pouco escrupulosa com que os escritos dos Apóstolos foram tratados, se é que estes jamais escreveram o que quer que fosse.*)

Os antigos jamais sustentaram o pensamento sacrílego de que tais entidades perfeitas eram encarnações do Supremo, do Deus para sempre invisível. Nenhuma profanação da terrível Majestade ocupava qualquer lugar em suas concepções. Moisés e seus protótipos e tipos eram para eles apenas homens completos, deuses sobre a Terra, pois seus *deuses* (espíritos divinos) haviam penetrado seus tabernáculos santificados, os corpos físicos purificados. Os antigos chamavam deuses aos espíritos desencarnados dos sábios e heróis. Daí a acusação de politeísmo e de idolatria por parte daqueles que foram os primeiros a antropomorfizar as abstrações mais sagradas e mais puras de seus ancestrais.

O sentido real e oculto dessa doutrina era conhecido por todos os iniciados. Os tannaim o comunicaram aos seus eleitos, os ozarim, nas solenes solidões das criptas e dos lugares desertos. Essa doutrina era esotérica e zelosamente guardada, pois a natureza humana era então igual à que é hoje, e a casta sacerdotal confiava tanto como hoje na supremacia de seu conhecimento, ambicionando a ascendência sobre as massas ignorantes; com a diferença, talvez, de que seus hierofantes podiam provar a legitimidade de suas afirmações e a plausibilidade de suas doutrinas, ao passo que hoje os *fiéis* devem se contentar com a fé cega.

Enquanto os cabalistas chamavam a essa misteriosa e rara ocorrência da união do espírito com o ônus mortal confiado ao seu cuidado, de "descida do Anjo Gabriel" (sendo este um nome genérico), o *Mensageiro da Vida*, e o anjo Metatron, e enquanto os nazarenos chamavam de *Hibil-Ziwa* o *Legatus* enviado pelo Senhor Excelso, ele era universalmente conhecido como o "Espírito Ungido".

Foi, portanto, a aceitação dessa doutrina que levou os gnósticos a firmarem que Jesus era um homem ensombrecido pelo *Cristos*, ou Mensageiro da Vida, e que seu lancinante grito na cruz, "*Eloi, Eloi, lama shâbahthani*", lhe foi arrancado no instante em que sentiu que essa inspiradora Presença o havia finalmente abandonado, pois - como alguns o afirmaram - sua fé também o abandonara quando estava na cruz.

Os primeiros nazarenos, que devem ser alinhados entre as seitas gnósticas, embora acreditando que Jesus era um profeta, sustentavam a seu respeito a mesma doutrina do "ensombrecimento" divino de certos "homens de Deus", enviados para a salvação das nações, e para chamá-las ao caminho do bem. "A mente divina é eterna, e é para luz, disseminada através de esplêndido e *imenso espaço* (pleroma). É a Geradora dos Aeons. Mas um destes se transforma em Matéria [Caos] produzindo movimento confusos (*turbulentos*); e por meio de uma parte da luz *celeste* ele a conformou numa boa constituição para o uso, mas foi o começo de todo o mal. O Demiurgo [da matéria] reclamou as honras divinas. Por conseguinte, Cristo ("o ungido"), o príncipe dos Aeons [poderes] (*expeditus*), e, *tomando a forma* de um devoto judeu (Iesu), *deveria conquistá-lo*, mas, *pondo-o* [o corpo] *de lado*, partiu para as alturas". ("Segundo os nazarenos e os gnósticos, o Demiurgo, o criador do mundo material, não é o Deus supremo", (ver Dunlap, Söd, tehn Son of the Man.) Explicaremos mais adiante o pleno significado do nome *Cristos* e o seu sentido místico.

O DOGMA DOS GNÓSTICOS. (L. 3. pág. 138).

E agora, a fim de tornar tais passagens mais inteligíveis, tentaremos definir, da maneira mais breve possível, os dogmas em que, com diferenças insignificantes, quase todas as seitas gnósticas acreditavam. Foi em Éfeso que floresceu nessa época o colégio mais célebre, em que tanto as doutrinas abstratas do Oriente como a filosofia de Platão eram ensinadas. Ele era o foco das doutrinas "secretas" universais; o misterioso laboratório de onde nasceu, vazada na elegante fraseologia grega, a quintessência da filosofia budista, zoroastrista e caldaica. Ártemis, o gigantesco símbolo concreto das abstrações teosófico-panteístas, a grande mão Multimamma, andrógina e padroeira das "escrituras de Éfeso", foi conquistada por Paulo; mas, embora os zelosos convertidos dos apóstolos tenham pretendido queimar todos os livros sobre as "artes curiosas", muitos deles restaram, possibilitando-lhes o estudo assim que o seu zelo esfriou. Foi de Éfeso que se irradiou quase toda a *Gnose*, que antagonizava ferozmente com os dogmas de Irineu; e foi ainda Éfeso, com seu numerosos ramos colaterais do grande colégio dos essênios, que revelou ser o viveiro de todas as especulações cabalísticas que os *tannaim* haviam trazido do cativeiro. "Em Éfeso", diz J. Matter, "as noções da escola judaica-egípcia haviam então recentemente chegado para engrossar a vasta confluência de doutrinas gregas e asiáticas, de modo que não é de surpreender que os mestres aí se tenham desenvolvido para tentar a combinação da religião recentemente pregada pelo Apóstolo com as idéias há muito estabelecidas nesse local."

Se os cristãos não se tivessem limitado às *Revelações* de uma pequena nação, aceitando o Jeová de Moisés, as idéias gnósticas jamais teriam sido acusadas de *heresia*; uma vez desembaraçado de seus exageros dogmáticos, o mundo teria possuído um sistema religioso baseado na pura filosofia platônica, e muito se teria ganho certamente com isso.

Vejamos agora quais são as maiores *heresias* dos gnósticos. Escolheremos Basilides como o modelo para as nossas comparações, pois todos os fundadores das outras seitas gnósticas se agruparam ao seu redor, como um sistema planetário que toma luz de seu Sol.

Basilides afirma que havia tomado todas as suas doutrinas do Apóstolo Mateus, e de Pedro, através de Gláucias, seu discípulo. De acordo com Eusébio, ele publicou vinte e quatro volumes de *Interpretações dos Evangelhos*, os quais todos foram queimados, fato que nos faz supor que continham mais verdades do que a escola de Irineu estava preparada para negar. Ele afirma que o Pai desconhecido, Eterno e Incriado, tendo dado nascimento em primeiro lugar ao *Nous*, à Mente, esta emanou de si mesma o *Logos*. O *Logos* (o "Verbo" de João) emanou por sua vez as *Phronêsis*, as Inteligências (espíritos divino-humanos). Das *Phronêsis* nasceu *Sophia*, a sabedoria feminina, e *Dynamis* - a força. Tais foram os atributos personificados da misteriosa divindade, o quintérnio gnóstico, que simboliza as cinco substâncias espirituais, mas inteligíveis, as virtudes pessoais ou os seres exteriores da divindade desconhecida. Essa é uma idéia eminentemente cabalística. Ela é ainda mais budista. O sistema primitivo da Filosofia Budista - que precedeu em muito Gautama Buddha - baseia-se na substância incriada do "Desconhecido", o *Âdi-Buddha* (*). Essa Mônada eterna e infinita possui, como próprios de sua essência, cinco atos de sabedoria. Destes, por meio de cinco atos separados de *Dhyâna*, ela emitiu cinco *Dhyâni-Buddhas*; estes, como Âdi-Buddha, são imóveis em seu sistema (passivo). Nem Âdi, nem qualquer dos cinco *Dhyâni-Buddhas* jamais se encarnou, mas sete de suas emanações tornaram-se avatâras, i.e., encarnaram-se nesta Terra.

(* *Âdi-Buddha* - Os cinco fazem misticamente dez. Eles são Andrógino. "Tendo dividido seu corpo em duas partes, A Sabedoria Suprema tornou-se macho e fêmea" (Manu, livro I, sloka 32). Muitas idéias budistas primitivas se acham no Bramanismo.

A idéia predominante de que o último dos Budistas, Gautama, é a nona encarnação de Vishnu, ou o *ново* Avatâra, é parcialmente refutada pelos Brâmanes, e totalmente rejeitada pelos eruditos teólogos budistas. Estes últimos insistem em que o culto de Buddha é muito mais antigo do que qualquer adoração bramânica dos Vedas, que eles chamam de literatura secular. Os Brâmanes mostram eles, provêm de outros países, e estabeleceram sua heresia sobre as *divindades* populares já aceitas. Conquistaram a terra pela espada, e conseguiram sepultar a verdade, edificando uma teologia própria sobre as ruínas da Teologia mais antiga de Buddha, que havia prevalecido durante séculos. Eles admitem a divindade e a existência espiritual de alguns dos deuses vedantistas; mas, como no caso da hierarquia angélica cristã, eles acreditam que todas essas divindades são muito inferiores, mesmo aos Buddhas encarnados. Não admitem a criação do universo Físico. Espiritual e *invisivelmente*, ele existe desde a Eternidade, e só se torna visível para os sentidos humanos. Por ocasião de sua primeira manifestação, Ele foi chamado do Reino do Invisível para o Visível por meio do impulso de Âdi-Buddha - a "Essência". Os Brâmanes computam vinte e duas dessas manifestações visíveis do universo governadas pelos Buddhas, e outras tantas destruições dele, pelo fogo e pela água, em sucessões regulares. Após a última destruição pelo dilúvio, ao fim do ciclo precedente (o cálculo exato, que compreende vários milhões de anos, é um ciclo secreto), o mundo, durante a presente idade de Kali-Yuga - *Mahâ-Bhadra-Kalpa* - foi governado, sucessivamente, por quatro Buddhas, o último dos quais foi Gautama, "Santo". O quinto, Maitreya-Buddha, está ainda por vir. Ele é o esperado Rei Messias cabalístico, o Mensageiro da Luz, o Saoshyant, o Salvador persa, que virá montado num cavalo *branco*. É também o Segundo Advento dos cristãos. Ver o *Apocalipse* de São João.)

Descrindo o sistema de Basilides, Irineu, citando os gnósticos declara o seguinte:

"Quando o Pai incriado e *sem nome* viu a corrupção da Humanidade, enviou o seu *Nous* primogênito ao mundo, na forma de Cristo, para a redenção de todos os que acreditam nele, por meio da força daqueles que fabricaram o mundo [o Demiurgo e seus seis filhos, os genii planetários. Ele surgiu entre os homens como o homem Jesus, e realizou milagres. Esse Cristo *não morreu* pessoalmente, pois Simão, o Cirenaico, sofreu em seu lugar, *emprestando-lhe sua forma corporal*, pois a Força Divina, o *Nous* do Pai Eterno, *não é o corpóreo e não pode morrer*. Portanto, todos aquele que afirma que Cristo morreu é ainda escravo da ignorância; todo aquele que nega tal afirmação está livre, e compreendeu o desígnio do Pai". (Irineu. Adv. Haer., I, XXIV, 4.)

Até aqui, e tomando-o em seu sentido abstrato, nada vemos de blasfemo neste sistema. Ele pode ser uma *heresia* contra a teologia de Irineu e Tertuliano (Tertuliano virou ele próprio a mesa, rejeitando, mais tarde, as doutrinas pelas quais lutara com tanto rigor, e tornando-se um montanista.), mas não é certamente sacrílego contra a idéia religiosa em si, e a todo pensador imparcial ela parece muito mais compatível com a dignidade divina do que o antropomorfismo do cristianismo atual. Os cristãos ortodoxos chamavam os gnósticos de *Docetae*, ou Ilusionistas, por acreditarem que Cristo não sofreu nem poderia sofrer realmente a morte - no corpo físico. Os livros bramânicos mais recentes contêm, de igual modo, muita coisa que repugna ao sentimento e à idéia reverente da Divindade; e, assim como os gnósticos, os Brâmanes explicam as lendas que poderiam chocar a dignidade dos seres espirituais, que se chama de deuses, atribuindo-os a *Mâyâ*, ou ilusão.

Não se deve esperar que um povo, instruído e nutrido através de séculos sem fim entre todos os fenômenos psicológicos que as nações civilizadas (!) observam, mas rejeitam como incrível ou indignos, tenha seu sistema religioso compreendido, e menos ainda apreciado. As especulações mais profundas e mais transcendentais dos antigos metafísicos da Índia e de outras nações baseiam-se todas nesse grande princípio budista e bramânico que subjaz a todo o conjunto de suas metafísicas religiosas - a *ilusão* dos sentidos. Tudo o que é finito é ilusão, tudo o que é eterno e infinito é realidade. Forma, cor, o que ouvimos e sentimos ou vemos com nossos olhos mortais, tudo isso só existe na medida em que cada um de nós o concebe através dos sentidos. O universo para um cego de nascença não existe em forma ou cor, mas existe em sua *privação* (no sentido aristotélico), e é uma realidade para os sentidos espirituais do cego. Vivemos todos sob o poderoso domínio da fantasia. Apenas os *originais* superiores e invisíveis emanados do pensamento do Desconhecido são seres, formas e idéias reais e permanentes; na Terra, vemos apenas seus reflexos, mais ou menos corretos, e sempre dependentes da organização física e mental da pessoa que os contempla.

Séculos incontáveis antes de nossa era, o Místico hindu Kapila, que é considerado por muitos cientistas como um céptico, uma vez que o julgam com a sua habitual superficialidade, expressou magnificamente essa idéia nos seguintes termos:

"O homem [o homem físico] vale tão pouco que é coisa árdua fazê-lo compreender sua própria existência, e a Natureza. Talvez o que consideramos como universo, e os vários seres que parecem compô-lo, nada tenham de real, e não passem de produto da ilusão contínua - *mâyâ* - de nossos sentidos".

E diz o moderno Schopenhauer, repetindo essa idéia filosófica de 10.000 anos de idade: "A Natureza não existe *per se* (...) A Natureza é a ilusão infinita de nossos sentidos." Kant, Schelling e outros metafísicos disseram o mesmo, e suas escolas sustentam tal idéia. Visto que os objetos dos sentidos são sempre enganosos e flutuantes, não podem ser uma realidade. Só o espírito é imutável; portanto - é o único que é ilusório. Tal é a pura doutrina budista. A religião da *Gnose* (conhecimento), ramo mais evidente do Budismo, baseava-se por

completo nesse dogma metafísico. *Cristos* sofreu *espiritualmente* por nós, e muito mais agudamente do que fez o ilusório Jesus enquanto o seu corpo estava sendo torturado na Cruz.

O *Cristos* grego tem vários sentidos, tais como "ungido" (óleo puro, *crisma*), e outros. Em todas as línguas, embora o sinônimo da palavra signifique essência pura ou sagrada, ela representa a primeira emanção da Divindade invisível, que se manifesta tangivelmente no espírito. O Logos grego, o Messias hebraico, o Verbum latino e o Virāj (o filho) hindu são identicamente os mesmos; representam uma idéia de entidades coletivas - de chamadas que se destacam de um centro eterno de Luz.

"O homem que cumpre atos piedosos, mas interesseiros [visando exclusivamente à sua salvação], pode alcançar as fileiras dos *devas* [santos]; mas aquele que cumpre desinteressadamente os mesmos atos piedosos vê-se liberto para sempre dos cinco elementos" (da matéria). "Percebendo a Alma Suprema em todos os seres e todos os seres na Alma Suprema, oferecendo sua própria alma em sacrifício, ele se identifica com o Ser que brilha em seu próprio esplendor". (*Manu*, livro XII, sloka 90, 91.)

Assim, *Cristos*, como unidade, não passa de uma abstração: uma idéia geral que representa a agregação coletiva das inúmeras entidades espirituais que são as emanações da PRIMEIRA CAUSA infinita, invisível, incompreensível - os espíritos individuais dos homens, erroneamente chamados de almas. Eles são os filhos divinos de Deus, dos quais apenas alguns dominam os homens - mas estes a maioria; alguns permanecem para sempre espíritos planetários, e alguns - a frágil e rara minoria - se unem durante a vida em alguns homens. Seres divinos como Gautama Buddha, Jesus, Lao-Tsé, Krishna e uns poucos outros uniram-se permanentemente com seus espíritos - portanto, tornaram-se deuses sobre a Terra. Outros como Moisés, Pitágoras, Apolônio, Plotino, Confúcio, Platão, Jâmblico e alguns santos cristãos, tendo assim se reunido por intervalos, alinharam-se na história como semideuses e guias da Humanidade. Uma vez libertos de seus tabernáculos terrestres, suas almas liberadas, doravante unidas eternamente com seus espíritos, reúnem-se à hoste resplandecente, que está unida numa solidariedade espiritual de pensamento e ação, e que é chamada "a unguida". Daí a afirmação dos gnósticos que, sustentando que *Cristos* sofreu espiritualmente pela Humanidade, queriam subentender que foi seu Espírito Divino quem mais sofreu.

OS PRECEITOS DE MANU. (L. 3. pág. 143).

Abri agora o *Livro de Manu*, e lede:

"A resignação, a ação de dar o bem pelo mal, a temperança, a probidade, a pureza, a repressão dos sentidos, o conhecimento dos *Sâstras* [os livros sagrados], e da alma suprema, a veracidade e a abstinência da ira, tais são as dez virtudes em que consiste o dever (...) Aquele que estudarem esses dez preceitos de dever, e depois de os terem estudado, a eles conformarem suas vidas, alcançarão o estado supremo".

Se *Manu* não escreveu essas palavras muitos milhares de anos antes da era cristã, pelo menos nenhuma voz em todo o mundo ousará negar-lhes uma antigüidade de alguns séculos. O mesmo vale no caso dos preceitos do Budismo.

Se voltarmos ao *Pratimoksha-Sûtra* e a outros tratados religiosos dos budistas, leremos os seguintes dez mandamentos:

1. Não matarás nenhuma criatura viva.
2. Não roubarás.
3. Não quebrarás teu voto de castidade.
4. Não mentirás.
5. Não revelarás os segredos dos outros.
6. Não desejarás a morte de teus inimigos.
7. Não desejarás as riquezas de outros.
8. Não pronunciarás palavras injuriosas e obscenas.
9. Não carias na luxúria (deitar em leito macio ou abandonar-se à lassidão).
10. Não aceitarás ouro ou prata.

"Mestre, que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?", pergunta um homem a Jesus. "Observa os mandamentos. "Quais?" "Não matarás, não cometerás adultério, não roubaras, não prestarás falso testemunhos", é a resposta.

"O que deverei fazer para ter a posse da Bodhi?" [conhecimento da verdade eterna], pergunta um discípulo ao seu mestre budista. "Qual é o caminho pelo qual se pode tornar um Upâsaka?" "Observa os mandamentos." "Quais são eles?" "Abstém-se durante toda tua vida do assassinio, do roubo, do adultério e da mentira", responde o mestre.

Preceitos análogos, como se pode constatar. Preceitos divinos, cuja observância purificaria e exaltaria a Humanidade. Mas são eles mais divinos quanto pronunciados por uma boca do que por outra? Se é divino trocar o mal pelo bem, a enunciação desse preceito por um nazareno lhe dá mais força do que a enunciação por um filósofo indiano ou tibetano? Vemos que a Regra de Ouro não se originou com Jesus; que sua origem está na Índia. Sem embargo de tudo o que fizemos, não podemos negar a Sakyamuni uma antiguidade de pelo menos vários séculos antes do nascimento de Jesus. Ao buscar um modelo para o seu sistema de ética, por que não poderia Jesus ter ido antes aos pés dos Himalaias do que aos pés do Sinai, se tão-somente as doutrinas de Manu e Gautama se harmonizavam exatamente com a sua própria filosofia, ao passo que as de Jeová lhe eram abomináveis e terríficas? Os hindus ensinavam a trocar *o mal pelo bem*, mas o mandamento javético rezava: "olho por olho, dente por dente".

JEOVÁ É IDÊNTICO A BACO. (L. 3. pág. 144).

Sustentariam ainda os cristãos a identidade do "Pai" de Jesus com Jeová, se pudesse aduzir uma prova suficiente clara de que o "Senhor Deus" não é outro senão o Baco pagão, Dionísio? Pois bem, a identidade do Jeová do Monte Sinai com o deus Baco é praticamente indiscutível. O Nome é Yava, ou Iao, segundo Diodorus e Lydus, que é o nome *secreto* do deus dos mistérios fenício; e ele foi realmente adotado pelos caldeus, para quem designava igualmente o nome secreto do criador. Em toda parte em que Baco era adorado, havia a tradição de Nisa e uma caverna em que ele era erguido. Beth-San ou Scythopolis, na Palestina, trazia essa designação; havia um local semelhante no Monte Parnaso. Mas Diodorus declara que Nisa se localizava entre a Fenícia e o Egito; Eurípedes afirma que Dionísio veio à Grécia oriundo da Índia; e Diodorus acrescenta seu testemunho: "Osíris foi erguido em Nisa, na Arábia Feliz; ele era filho de Zeus, e seu nome deriva do pai [nominativo Zeus, genitivo *Dios*], chamando-se então o local de *Dios-Nysos*" - o Zeus ou Júpiter de Nisa. Essa identidade de nome ou título é muito significativa. Na Grécia, Dionísio ocupava uma eminência superada apenas por Zeus, e diz Píndaro:

"Assim governa o Pai Zeus e todas as coisas, e Baco Também."

Mas, fora da Grécia, Baco era o todo-poderoso "Zagreus, o deus supremo". Moisés parece tê-lo adorado pessoalmente e em conjunto com o populacho no Monte Sinai; a menos que admitamos que ele era um sacerdote *iniciado*, um adepto, que sabia como levantar o véu que cobre o culto exotérico, porém manteve o segredo. "*E Moisés edificou um altar, e o chamou de Jeová-NISSI*", ao *Iao-Nisi!* Que melhor prova para mostrar que o deus do Sinai era indiferentemente Baco, Osíris e Jeová? S. Sharpe acrescenta também seu testemunho de que o local em que Osíris nasceu "era o monte Sinai, chamado pelos egípcios de Monte Nissa". A Serpente Brônzea era uma *nahash*, e o mês da Páscoa judaica, *nisan*.

Se o "Senhor Deus" mosaico era o único Deus vivo, e Jesus, Seu único Filho, como explicar a fala rebelde deste último? Sem hesitação ou qualquer outra explicação, ele subverte a *lex talionis* judaica e a substitui pela lei da caridade e da abnegação. Se o *Velho Testamento* é uma revelação divina, o que será então o *Novo Testamento*? Devemos crer num Deus que se contradiz no curso de uns poucos séculos? Era Moisés um inspirado, ou *não* era Jesus o filho de Deus? Esse é o dilema de que os teólogos nos devem tirar. E é desse mesmo dilema que os gnósticos tentaram resgatar o nascente Cristianismo.

Há dezenove séculos que a Justiça espera por comentadores inteligentes que apreciem essa diferença entre o ortodoxo Tertuliano e o gnóstico Marcion. "Como pode um deus", indagou Marcion, "quebrar os seus próprios mandamentos? Como pode ele defender a idolatria e o culto das imagens, e no entanto ordenar a Moisés que erija uma serpente de bronze? Como pode ordenar: "Não roubarás", e no entanto ordenar que os israelitas *espoliem* os egípcios de seu ouro e de sua prata?" Antecipando os resultados da crítica moderna, Marcion nega que se possa atribuir a Jesus as chamadas profecias messiânicas. Escreve o autor de *Supernatural Religion*: "O Emanuel de *Isaias* [VII, 14; cf. VIII, 4] não é Cristo; a 'Virgem', sua mãe, é simplesmente uma 'jovem' [uma *almeh* do templo]; e os sofrimentos do Servo de Deus (*Isaias*, LII, 13-LIII, 3) não são predições da morte de Jesus".

CAPÍTULO IV

AS COSMOGONIAS ORIENTAIS E OS RELATOS BÍBLICOS

COMPARAÇÕES ENTRE OS SISTEMAS, INDIANO, CALDEU E OFITA. (L.

3. pág. 154).

Os dos ofitas, que assumiram uma forma definitiva na época de Marcion e dos basilideanos, encontramos a razão para as *heresias* de todas as outras seitas. Como todos os outros gnósticos, eles rejeitavam completamente a Bíblia mosaica. Não obstante, exceto algumas deduções originais de alguns dos fundadores mais importantes de diversos ramos do gnosticismo, a sua filosofia não era nova. Passando pela tradição cabalística caldaica, ela tomou os seus materiais nos livros herméticos e, se procurarmos mais longe ainda por sua especulações metafísicas, nós a encontramos enleada entre os dogmas de Manu e na gênese primitiva hindu pré-sacerdotal. Muitos dos nossos antiquários eruditos remontam as filosofias gnósticas ao Budismo, o que não diminui de maneira alguma os seus nem os nossos argumentos. Repetimos mais uma vez: *o Budismo é a fonte primitiva do Bramanismo*. Não foi contra os *Vedas* primitivos que Gautama protestou. Foi contra a religião sacerdotal e oficial de seu país; e os brâmanes, a fim de dar lugar e autoridade às suas castas, preencheram, num período posterior, os manuscritos antigos com slokas (versos) interpolados, com os quais queriam provar que as castas haviam sido predeterminadas pelo Criador pela razão de que cada classe de homens provinha de um dos membros nobres de Brahmâ. A filosofia de Gautama Buddha era aquela que, desde os tempos imemoriais, se ensinava no segredo impenetrável dos santuários internos dos pagodes. Não devemos nos surpreender, portanto, quando encontramos, em todos os dogmas fundamentais dos gnósticos, os dogmas metafísicos tanto do Bramanismo quanto do Budismo. Eles afirmavam que o *Velho Testamento* era a revelação de uma ser inferior, uma divindade subordinada, e que não continha uma única frase da sua *Sophia*, a Sabedoria Divina. Quanto ao *Novo Testamento*, ele perdera a sua pureza quanto os compiladores introduziram interpolações. A revelação da verdade foi sacrificada por eles para a promoção dos seus fins egoístas e para a manutenção de suas querelas. Essa acusação não parece ser muito improvável para aquele que está a par da luta constante entre os defensores da circunscrição e da "Lei" e os apóstolos que renegaram o Judaísmo.

Os ofitas gnósticos ensinavam a doutrina das emanações, tão odiosa aos partidários da unidade na Trindade, e *vice-versa*. A Divindade Desconhecida, para eles, *não tinha nome*; mas a sua primeira emanação feminina era chamada Bythos ou Profundidade (Grande Abismo ou Caos). Correspondia à Shekînah (Luz Primordial) dos cabalistas, o "Véu" que oculta a "Sabedoria" no *cranium* da mais superior das *três* cabeças. Como a Mônada pitagórica, essa Sabedoria *sem nome* era a *Fonte* de Luz, e *Ennoia* ou *Mente* é a própria Luz. Esta era chamada também de "Homem Primitivo", como o Adão-Cadmo, ou o antigo Adão da *Cabala*. Na verdade, se homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus, então era igual à sua criatura em forma e figura - por conseguinte, ele é o "Homem Primitivo". O primeiro Manu, o que desenvolveu de *Svayambhû*, "o que existe, não revelado, em sua própria glória", também é, em certo sentido, o homem primitivo, para os hindus.

Assim, o Bythos "sem nome e não-revelado", seu reflexo feminino, e Ennoia, a *Mente* revelada que procede de ambos, ou seu Filho, são as contrapartidas da primeira Tríade caldaica, bem como da Trimûrti bramânica. Comparemos: em todos os sistemas vemos A GRANDE CAUSA PRIMEIRA, o UM, o germe primordial, o TODO sublime e não-revelado, que existe por si mesmo. No

PANTEÃO HINDU

Brahman-Dyaus

(N.C. Sobre o assunto ver Etimologia de IAO cap. VII).

CALDAICO

Ilu, o Ain Soph cabalístico

OFITA

o Sem Nome, ou o Nome Secreto.

Quando o Eterno desperta do seu sono e deseja manifestar-se, divide-se em macho e fêmea. Torna-se então em cada um dos sistemas:

A DIVINDADE DE DUPLO SEXO, o Pai e a Mãe universais.

NA ÍNDIA

Brahmâ

Nâra (macho),

Nârî (fêmea).

NA CALDÉIA

Eikon ou Ain Soph.

Anu (macho),

Anata (fêmea).

NO SISTEMA OFITA

Espírito Sem Nome

Abrasax (macho),

Bythos (fêmea).

Da união dos dois emana um terceiro, ou Princípio criativo - o FILHO, ou o Logos Manifesto, o Produto da Mente Divina.

NA ÍNDIA
Virâj o Filho

NA CALDÉIA
Bel, o Filho

NO SISTEMA OFITA
Ophis (outro nome de Ennoia), o Filho).

Além disso, cada um desses sistemas tem um Trindade masculina tríplice, procedendo cada uma por si mesma de uma Divindade feminina. Assim, por exemplo:

NA ÍNDIA
A Trindade - Brahmâ, Vishnu, Shiva - em UM, que é *Brahma* (gênero neutro), que cria e é criado pela Virgem Nârî (a Mãe de fecundidade perpétua).

NA CALDÉIA
A Trindade - Anu, Bel, Hoa (ou Sin, Samas, Bin) – que se reúne em UM que é Anu (de Sexo duplo) pela Virgem Mylitta.

NO SISTEMA OFITA
A Trindade formada pelo Mistério chamado Sigê, Bythos, Ennoia. Eles se tornam UM, que é *Abrasax*, da Virgem *Sophia* (ou *Pneuma*), que é uma emanação de Buthos e do deus-Mistério e que por meio deles faz emanar Cristos.

Para deixá-lo mais claro, o Sistema Babilônico reconhece em primeiro lugar - o Um (*Ad*, ou *Ad-ad*), que nunca é nomeado, porém que é reconhecido em pensamento como o *Svayambhû* hindu. A partir daí ele se manifesta como *Anu* ou *Ana* - o único acima de tudo - *Monas*. Depois vem o Demiurgo chamado *Bel* ou *El*, que é o poder ativo da Divindade. O terceiro é o princípio da Sabedoria, *Hea* ou *Hoa* que também governa o mar e o mundo inferior. Cada um deles tem sua esposa divina - *Anata*, *Belita* e *Davkina*. Elas, todavia, não são senão *Saktis* (energia feminina ativa dos deuses) e não são especialmente reconhecidas pelos teólogos. Mas o princípio feminino é designado por Mylitta, a Grande Mãe, também chamada Ishtar. Quanto aos três deuses masculinos, temos a Triade ou Trimûrti, e, acrescentando-lhe Mylitta, o *Arba* ou Quaternário (a Tetraktys de Pitágoras), que aperfeiçoa e potencializa tudo. Assim, temos os modos de expressão indicados acima. O diagrama caldaico que segue pode servir como ilustração para todos os outros:

<u>TRÍADA</u>	Anu, Bel, Hoa,	Mylitta-Arba-il, ou Deus quaternário
----------------------	----------------------	--

torna-se, entre os cristãos:

<u>TRINDADE</u>	Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo,	Maria, ou mãe desses três Deuses, dado que são apenas um, ou a Tetraktys celestial cristã.
------------------------	--	--

Em consequência, Hebron, a cidade dos kabiri, era chamada Kîryath-Arba, cidade dos Quatro. Os kabiri eram *Axieros*, o nobre Eros, *Axiokersos*, o honorável ornado de chifres, *Axiokersa*, Deméter e *Casmilos*, Hoa, etc. (Kabiri, *Axiokersa*, são Divindades e deuses "os poderosos").

O dez pitagóricos denota o *Arba-il* ou o Quaternário Divino, emblematizado pelo *linga* (Um signo ou símbolo de criação abstrata. A Força converte-se no órgão de procriação masculino apenas nesta Terra.) hindu: Anu, 1; Bel, 2; Hoa, 3, que fazem 6. A Triade e Mylitta, representando 4, perfazem dos Dez.

Embora seja chamado de "Homem Primitivo", Ennoia, que é, como Pimandro egípcio, o "Poder do Pensamento Divino", a primeira manifestação inteligível do Espírito Divino em forma material, ele é como o Filho "Unigênito" do "Pai Desconhecido" de todas as outras nações. Ele é o emblema da primeira aparição da Presença Divina em suas próprias obras de Criação, tangível e visível, e em consequência, compreensível. O Deus-mistério, ou a Divindade nunca-revelada, fecunda por meio da Sua Vontade Bythos, a profundidade insondável e infinita que existe no silêncio (*Sigê*) e na escuridão (para o nosso intelecto) e que representa a idéia abstrata de toda a natureza, o Cosmos eternamente produtivo. (Bythos termo gnóstico que significa "Profundidade" ou "grande abismo", Caos. Equivalente a "espaço", antes que nele se tenha formado alguma coisa a partir dos átomos primordiais, que existem eternamente em suas profundezas, segundo os ensinamentos de Ocultismo.) Como nem o princípio masculino nem o feminino, reunidos na idéia de uma Divindade bissexual nas concepções antigas; podiam ser compreendidos por um intelecto humano comum, a teologia de cada povo de criar, para a sua religião, um Logos ou palavra manifesta, de uma ou de outra forma. Para os ofitas e outros gnósticos, que extraíram os seus modelos diretamente de originais mais antigos, o Bythos não-revelado e sua contrapartida masculina produziram Ennoia e os três, por sua vez, produziram Sophia, completando assim a Tetraktys, que fará emanar o Cristos, a essência mesma do Espírito do Pai. Sob o aspeto do Um não-revelado, ou Logos oculto em seu estado latente, ele existiu por todo o sempre no *Arba-il*, a abstração metafísica; portanto, ele é UM com os outros enquanto

unidade, recebendo estes últimos (e todos eles), indiferentemente, os nomes de Ennoia, Sigê (silêncio), Bythos, etc. Sob seu aspeto revelado, ELE é Andrógino: Cristos e Sophia (Sabedoria Divina), que originam o homem Jesus. Irineu demonstra que ambos, Pai e Filho, amaram a beleza (*formam*) da mulher primitiva, que é Bythos - Profundidade - e também Sophia, e que, por sua vez, produziu conjuntamente Ophis e Sophia (de novo uma unidade bissexuada), sabedoria masculina e feminina, das quais uma é o Espírito Santo não - revelado, ou antiga Sophia - o *Pneuma* - a "Mãe (intelectual) de todas as coisas"; a outra, a revelada, ou Ophis, representa a sabedoria divina que desceu à matéria, ou Deus-homem-Jesus, que os ofitas gnósticos representavam por uma serpente (Ophis).

Fecundada pela Luz Divina do Pai e do Filho, o espírito supremo e Ennoia, Sophia produz por sua vez duas outras emanções - um Chistos perfeito, a segunda Sophia-Akhamôth imperfeita a partir da hokhmôth (sabedoria simples), que se torna a mediadora entre os mundos intelectuais e material.

Cristos era o mediador e o guia entre Deus (o Supremo) e tudo o que de espiritual havia no homem; Akhamôth - a Sophia mais jovem - exercia a mesma função entre o "Homem Primitivo", Ennoia, e a matéria. Já explicamos o que havia de misterioso no significado do termo geral *Cristos*.

No sistema ofita, Sophia, a Sabedoria Andrógina, também é o espírito feminino, ou a fêmea hindu Nârî (Nârâyana), movendo-se na superfície das águas - o caos, ou a matéria futura. Ela a vivifica à distância, mas não toca o abismo das trevas. É incapaz de fazê-lo, pois a Sabedoria é puramente intelectual e não pode agir diretamente sobre a matéria. Portanto, Sophia é obrigada a recorrer a seu Parente Supremo, mas, embora a vida proceda em primeiro lugar da Causa Inobservada e de seu Ennoia, nenhum deles pode, mais do que ela, ter algo em comum com o caos inferior em que a matéria assume sua forma definitiva. Assim, Sophia é obrigada a empregar nessa tarefa a sua emanção *imperfeita*, que é de natureza mista, metade espiritual e metade material.

A única diferença entre a cosmogonia ofita e a dos nazarenos de São João é uma troca de nomes. Encontramos um sistema idêntico na *Cabala*, no *Livro do mistério (Liber misterii)*. Esses três sistemas, especialmente o dos cabalistas e dos nazarenos, que foram os *modelos* para a cosmogonia ofita, pertencem ao gnosticismo oriental puro. O *Codex nazaraeus* começa da seguinte maneira: "O Supremo Rei da Luz, Mano, o primeiro grande UM", etc., sendo este último a emanção de Ferho - a VIDA desconhecida, sem forma. Ele é o chefe dos Eons, dos quais procedem (ou se originam) cinco raios refulgentes de luz Divina. Mano é o *Rex Lucis*, o Bythos-Ennoia dos ofitas. Ele é a Lua Manifesta que rodeia a mais elevada das três cabeças revelando, Cristos o "Apóstolo Gabriel" e o primeiro Legado ou mensageiro da luz. Se Bythos e Ennoia são o nazareno Mano, então a Akhamôth de natureza dupla, semi-espiritual e semimaterial, deve ser Pthahil, considerada segundo seu aspeto espiritual; mas, se a consideramos conforme sua natureza grosseira, é o "Spiritus" dos nazarenos.

Pthahil, que é o reflexo do seu pai, o Senhor Abathur, a terceira vida - assim como a Sophia primogênita é também a terceira emanção -, é o "homem mais novo". Apercebendo-se dos seus vãos esforços para criar um mundo material perfeito, o "Spiritus" chama em sua ajuda uma das suas progenitoras, o *Karabtanos-Ialdabaôth* (O espírito do desejo cego ou animal; símbolo do Kâma-rûpa. Espírito "sem sentido ou juízo".), que não tem razão nem judiciousidade ("matéria cega"), para se unir a ela para criar algo de definitivo com essa matéria confusa (*turbulentos*), tarefa que ela só é capaz de realizar depois de ter produzido, com esta união com *Karabtanos*, as sete estrelas. Como os seis filhos ou gênios do Ialdabaôth gnósticos, eles produzem então o mundo material. A mesma história se repete com relação a Sophia-Akhamôth. Enviada por seu parente puramente espiritual, a Sophia primordial, para criar o mundo de *formas visíveis*, desceu ao caos e, dominada pela emanção da matéria, perdeu o seu caminho. Todavia, ambiciosa para criar um mundo de matéria-prima para si, ela se ocupou em flutuar daqui para ali sobre o abismo negro e deu vida e movimento aos elementos inertes, até que, irremediavelmente emaranhada na matéria, como Pthahil, ela é representada sentada imersa no lodo e incapaz de dele se safar; mas, pelo contato com a própria matéria, ela produz o *Criador* do mundo material. Ele é o Demiurgo, chamado pelos ofitas de Ialdabaôth, e, como mostraremos, o pai do Deus judaico na opinião de algumas seitas e na de outras, o Próprio "Senhor Deus". É neste ponto da cosmogonia cabalístico-gnóstica que começa a *Bíblia* mosaica. Tendo aceitado o *Velho Testamento* judaico como seu modelo, não espanta que os cristãos fossem forçados, pela posição excepcional em que foram colocados por sua própria ignorância, a extrair dele o melhor que pudessem.

A IDENTIDADE DE JESUS, E O "DEUS DESCONHECIDO. (L. 3. pág. 159).

Os primeiros grupos de cristãos, que Renan afirma não passarem de sete a doze homens em cada *igreja*, pertenciam, sem sombra de dúvida, às classes mais pobres e mais ignorantes. Não tinham, nem podiam ter, a menor idéia das doutrinas altamente filosóficas dos platônicos e dos gnósticos e, evidentemente, sabiam

muito pouco sobre a nova religião que se acabava de fabricar. Para esses [homens] - que, na qualidade de judeus, foram esmagados pelo domínio tirânico da "lei", tal como a compreendiam os anciãos das sinagogas, e, na qualidade de pagãos, sempre foram excluídos, como as castas mais baixas ainda o são na Índia, dos mistérios religiosos -, o Deus dos judeus e o "Pai" pregado por Jesus eram a mesma pessoa. As disputas que reinaram desde os primeiros anos que se seguiram à morte de Jesus, entre os partidários paulinos e os petrinus, tiveram um efeito deplorável. O que um grupo fazia, o outro considerava um dever sagrado desfazer. Se as *Homilias* são tidas como apócrifas e não podem ser admitidas como uma medida infalível para a animosidade que reinava entre os dois apóstolos, temos a *Bíblia*, e as provas que ela fornece a esse respeito são inumeráveis.

Irineu parece tão irremediavelmente emaranhado em seus esforços estéreis para explicar, pelo menos no que concerne às aparências externas, as doutrinas verdadeiras de muitas seitas gnósticas e as apresentar ao mesmo tempo como "heresias" abomináveis, que, deliberadamente ou por pura ignorância, ele as confunde de uma tal maneira que poucos metafísicos seriam capazes de as desembaraçar sem o auxílio da *Cabala* ou do *Codex*. Assim, por exemplo, ele é incapaz de estabelecer a diferença entre os ofitas e nos diz que eles chamavam de "*Hominem*", o "Deus de tudo", e a sua mente de o SEGUNDO homem ou o "*Filho do Homem*". Theodoret afirma a mesma coisa, ele que viveu mais de dois séculos depois de Irineu e que fez uma grande confusão com a ordem cronológica em que as diferentes seitas se sucederam. Nem os sethianistas (um ramo dos nazarenos judaicos) nem os ofitas, uma seita puramente grega, jamais pretendiam alguma coisa desse tipo. Irineu contradiz as suas próprias palavras ao descrever, em outro lugar, as doutrinas de Cenrinthus, o discípulo direto de Simão, o Mago. Ele diz que Cenrinthus ensinava que o mundo não foi criado pelo PRIMEIRO DEUS mas por uma virtude (*virtus*) ou poder, um Aeon tão distanciado da Causa Primeira que ele ignora até mesmo AQUELE que *está acima de todas as coisas*. Este Aeon dominou Jesus, engendrou-o fisicamente através de José por meio de uma mulher que não era virgem, mas apenas a esposa desse José, e Jesus nasceu então como todos os homens. Considerado deste ponto de vista físico de sua natureza, Jesus foi chamado de o "filho do homem". Foi só depois de seu *batismo* que o *Cristos*, o ungido, desceu dos principados celestes sob forma de pomba, e o proclamou, através de Jesus, "o Pai DESCONHECIDO" (Irineu, *Op. cit.*, I, XXVI, 1.).

Se, portanto Jesus fosse considerado, do ponto de vista físico, como um filho de um homem e, do ponto de vista espiritual, como o *Cristos*, que o eclipsou, como poderia então o "DEUS DE TUDO" o "Pai Desconhecido", ser chamado de *Homo* pelos gnósticos, um HOMEM, e a sua Mente de Ennoia, o SEGUNDO homem, ou *filho do homem*? Nem na *Cabala* oriental, nem no Gnosticismo, o "Deus de tudo" jamais foi antropomorfizado. É só a primeira emanção, ou antes a segunda - pois Shekhinah, Sefirah, Profundidade e outras virtudes femininas primeiramente manifestadas também são emanções - que são chamadas de "homens primitivos". Assim, Adão-Cadmo, Ennoia (ou *Sigé*), os *Logoi* em suma, são os "filhos unigênicos", mas não os *Filhos* do Homem, denominação que pertence propriamente ao *Cristos*, o filho de Sophia (a primogênita) e do homem primitivo que o produz através da sua própria luz vibratória, que emana da fonte ou *causa* de tudo, por conseguinte a *causa* de sua luz também, o "Pai Desconhecido". Há uma grande diferença, estabelecida pela metafísica gnóstica, entre o primeiro Logos não-revelado e o "ungido", que é o *Cristos*. Ennoia pode ser chamado, como o compreende Filon, de *Segundo* Deus, mas só ele é o "homem Primitivo e Primeiro", e de maneira alguma o Segundo, como Theodoret e Irineu o consideram. É só o desejo crônico deste último de associar de todas as maneiras Jesus, mesmo em seu *Contra as heresias*, ao Deus *Supremo*, o que o levou a tantas falsificações.

A idéia de identificar o Deus *Desconhecido* mesmo, como o *Cristos*, o ungido - o Aeon que o eclipsou -, deixando-se o homem Jesus completamente fora da questão, nunca passou pela cabeça dos gnósticos, nem dos apóstolos diretos de Paulo, apesar do que poderiam fazer crer todas as falsificações que pudessem ser acrescentadas.

Já nas primeiras tentativas de se comparar os manuscritos originais, com os que os sucederam, ficou bastante claro até que ponto essas falsificações deliberadas são audaciosas e desesperadas. Na edição que o Bispo Horsley preparou das obras de Sir Issac Newton, muitos manuscritos sobre assuntos teológicos foram prudentemente subtraídos à publicação. O artigo conhecido como *Descida de Cristo ao inferno*, que também está no Credo dos Apóstolos, não se encontra nos manuscritos dos séculos IV ou VI. Trata-se evidentemente de uma interpolação, copiada das fábulas de Baco e de Hércules e imposta à cristandade como um dogma de fé. A esse respeito, o autor do prefácio (David Casley e o Catálogo, publicado em Londres, em 1734) ao *Catalogue of the Manuscripts of the King's Library* (prefácio, p. XXIV) observa: "Espero que a inserção do artigo *Descida de Cristo ao Inferno*, no Credo dos Apóstolos, seja tão facilmente explicada, quanto a *inserção desse versículo*" (a saber, *Primeira Epístola de São João*, V, 7).

Ora, esse versículo se lê hoje da seguinte maneira: "Pois há três que prestam testemunho no Céu" o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e os três são Um". Esse versículo, que "devia ser lido nas igrejas", sabe-se hoje que é espúrio. Não se encontra "em nenhum manuscrito grego, exceto naquele de Berlim", que foi transcrito de alguma paráfrase interpolada entre as linhas. Na primeira e na segunda edições de Erasmo, impressas em 1516 e 1519, essa alusão às três testemunhas celestes está *omitida*; e o texto não está contido em nenhum manuscrito grego escrito antes do século XV. Não foi mencionado pelos escritores eclesiásticos gregos, nem pelos padres latinos primitivos, tão ansiosos por aceitar qualquer prova que os ajudasse a estabelecer as suas trindades; e foi omitido por Lutero em sua versão alemã.

Cai assim por terra a coluna mais sólida da doutrina trinitária. Uma outra falsificação, não menos evidente, é citada pelo editor do *Novo Testamento Apócrifo*, segundo as palavras de Sir Isaac Newton. Newton observa que "o que os latinos fizeram a esse texto (*Primeira Epístola de São João, V, 7*), os gregos fizeram ao de São Paulo" (*I Timóteo, III, 16*). Pois, mudando o para ϵ , a abreviatura de $\epsilon\acute{o}s$ [Deus], no manuscrito de Alexandria, do qual se fizeram cópias posteriores, lê-se hoje: '*Grande é o mistério da Divindade, DEUS manifesto na carne*'; ao passo que todas as versões antigas, dentre as quais a de Jerônimo, lêem: '*Grande é o mistério da divindade, QUE SE manifestou na carne*'. Newton acrescenta que, as discussões sobre essa falsificação estão terminadas, aqueles que lêem DEUS manifesto na carne, em vez de *divindade que se manifestou na carne*, consideram essa passagem como "um dos textos mais óbvios e mais pertinentes à discussão".

E fazemos novamente a pergunta: Quem foram os primeiros cristãos? Aqueles que foram prontamente convertidos pelas simplicidade eloqüente de Paulo, que lhes prometeu, em nome de Jesus, a *libertação* dos laços estreitos do eclesiasticismo. Eles entenderam apenas uma coisa: eram os "filhos da promessa" (*Gálatas, IV, 28*). A "alegoria" da *Bíblia* mosaica lhes fora desvelada; a aliança "do Monte Sinais, que gera filhos para a servidão", foi Agar (*ibid., 24*), a antiga sinagoga judaica, e ele a estava "na servidão com os filhos" com relação a Jerusalém, a nova e livre, "a mãe de todos nós". Por um lado, a sinagoga e a lei que perseguia todos aqueles que ousava ultrapassar a linha estreita da beatitude e do dogmatismo; por outro, o Paganismo com as suas sublimes verdades filosóficas ocultas à visão, desvelando-se apenas a poucos e deixando as massas procurarem desesperadamente quem fosse o Deus, neste panteão superlotado de divindades e subdivindades. Para os outros, o apóstolo da circuncisão, apoiado por todos os seus seguidores, prometia, se eles obedecessem à "lei", uma vida futura e uma ressurreição da qual não faziam idéia. Ao mesmo tempo, nunca perdeu uma só oportunidade de contradizer Paulo, sem o nomear todavia, mas indicando-o tão claramente que é quase impossível duvidar de quem seja aquele a quem Pedro se refere. Embora ele possa ter convertido alguns homens, que acreditavam na ressurreição mosaica prometida pelos fariseus ou caíram nas doutrinas niilistas dos saduceus, ou professavam o gentilismo politeísta da plebe pagã, que não reconhece nenhum futuro após a morte, a não ser um nada lúgubre - não achamos que a contradição sistemática dos dois apóstolos tenha contribuído para fortalecer sua obra de proselitismo. Obtiveram pouco sucesso no seio das classes pensantes eruditas, como a história eclesiástica demonstra claramente. Onde estava a verdade? E onde a palavra inspirada de Deus? Por um lado, como vimos, eles ouviram o apóstolo Paulo explicar que das duas alianças, "coisas que são uma alegoria", a antiga, a do Monte Sinais, "que gera filhos para a servidão", era *Agar*, a escrava; e o próprio Monte Sinais correspondia a "Jerusalém", que agora está "na servidão" com os seus filhos circuncisos; e a nova aliança era Jesus Cristo - a "Jerusalém do alto e livre", e, por outro lado, Pedro, que o contradizia e chegava até a injuriá-lo. Paulo exclama veementemente: "Desterrai a escrava e o seu filho" (a velha *lei* e a sinagoga). "O filho da escrava não herdará com o filho da mulher livre". "Permaneçei firmes, portanto, na liberdade com que Cristo nos fez livres; não vos submetais novamente ao jugo da servidão. (...) Vede, eu, Paulo, eu vos digo que, se vos fazeis circuncidar, Cristo não vos aproveitará nada!" (*Gálatas, IV, 30; V, 1-2*). E o que é que Pedro escreve? O que quer ele dizer com estas palavras: "Porque falando palavras arrogantes de vaidade (...) Prometendo-lhes a *liberdade*, quando eles mesmos são escravos da corrupção: porque todo que é vencido, é também escravo daquele que o venceu. (...) Porque, se *depois de se terem retirado* das corrupções do mundo pelo conhecimento do Senhor e Salvador (...) se deixam delas vencer e enredar (...) *melhor lhes era não ter conhecido o caminho da religião*, do que depois de o ter conhecido tornar para trás, deixando *aquele mandamento santo que lhes fora dado*" (*2 Pedro II, 18-31*).

Pedro certamente não faz alusão aos gnósticos, pois eles nunca viram "o mandamento santo que lhes fora dado"; Paulo sim. Eles nunca prometeram a "libertação" da servidão, mas Paulo o fez repetidas vezes. Além disso, Paulo rejeita a "velha aliança", Agar, a escrava; e Pedro a ela se agarra com todas as suas forças. Paulo advertiu o povo contra os *poderes e as dignidades* (os anjos inferiores dos cabalistas); e Pedro, como

mostraremos a seguir, respeita-os e *condena aqueles que não o fazem*. Pedro prega a circuncisão e Paulo a proíbe.

Mais tarde, quando todas essas asneiras, contradições e invenções foram forçosamente adaptadas ao quadro laboriosamente elaborado pelo clero da casta episcopal da nova religião, à qual se deu o nome de Cristianismo, e quando o próprio quadro caótico foi astuciosamente preservado de uma exame mais aprofundado, por meio de uma formidável coleção de penitências eclesiásticas e de anátemas, destinados a manter à distância os curiosos sob o pretexto falso de sacrifício e de profanação dos mistérios divinos, e quando milhões de pessoas foram massacrados em nome de Deus da misericórdia - nesse momento apareceu a Reforma. Ela merece, sem dúvida, o seu nome, no sentido paradoxal da palavra. Ela abandonou Pedro e diz que escolhe Paulo para seu único líder. E o apóstolo que vociferou contra a velha lei da servidão, que deu liberdade total aos cristãos de celebrar o Sabbath ou abandoná-lo, que rejeita tudo o que é anterior a João Batista - é agora proclamado o porta-bandeira do Protestantismo, que se apega à *velha* lei mais do que os judeus, aprisiona aquele que consideram o Sabbath como o fizeram Jesus e Paulo e ultrapassa a sinagoga do primeiro século em intolerância dogmática!

Mas, então perguntaremos ainda, quem *eram* os primeiros cristãos? Sem dúvida alguma os ebionistas; e, a esse respeito, seguimos a opinião dos melhores críticos. "Não há dúvida de que o autor [das *Homilias clementinas*] era um representante do Gnosticismo, *que foi, certa vez, a forma mais pura da cristandade primitiva*. (...)" E quem eram os ebionistas? Os discípulos e seguidores dos nazarenos primitivos, os gnósticos cabalistas. No prefácio do *Codex nazaraeus*, o tradutor afirma: "Que os nazarenos não rejeitassem (os Aeons) é natural. Pois eles eram os instrumentos dos ebionistas, e estes admitiam esse fato".

Além disso, Epifânio, o Homero cristão das *Heresias*, diz-nos que "Ebion conhecida os nazarenos, a forma dos ceríntios (que supõem que o mundo foi elaborado pelos anjos) e a denominação de Cristãos". Uma denominação sem dúvida aplicada muito mais corretamente a eles do que aos (chamados) cristãos ortodoxos da escola de Irineu e do Vaticano posterior. Renan mostra que os ebionistas reuniam em sua seita todos os parentes sobreviventes de Jesus. João Batista, seu primo e *precursor*, era o Salvador aceito pelos nazarenos e o seu profeta. Seus discípulos moravam do outro lado do Jordão, e o autor de *Sôd, the Son of the Man* prova, clara e peremptoriamente, que a cena do batismo do Jordão ocorreu no local do culto a Adônais. "Do outro lado do Jordão e além do lago moravam os nazarenos, uma seita que se acredita já ter existido quando do nascimento de Jesus e tê-lo compreendido entre os seus membros. Eles devem ter-se estendido ao longo da margem oriental do Jordão e ao sudeste, entre os árabes (*Gálatas, I, 17, 21, : II, 11*) e entre os sabeus na direção de Basra; e, ainda, eles devem ter-se dirigido para o norte do Líbano até a Antioquia, e também *para o nordeste*, até o estabelecimento nazareno de Beroea, onde São Jerônimo se encontrou. Os mistérios de Adónis ainda prevalecem no Deserto; nas montanhas, Aiá Adonai ainda era um grito".

"Unido (*conjunctus*) aos nazarenos, todos (ebionita) ensinava aos outros a sua própria iniquidade e resolveu que Cristo *nascera da semente de um homem*", escreve Epifânio.

E, se eles, o fizeram, devemos acreditar que conheciam sobre o seu profeta contemporâneo muito mais do que Epifânio quatrocentos anos mais tarde. Theodoret, como fizemos ver em outro lugar, descreve os nazarenos como judeus que "veneram o Ungido como um homem justo" e utilizam o *evangelho* chamado "*Segundo São Pedro*". Jerônimo encontrou, na biblioteca reunida em Cesaréia pelo mártir Panfílio, *evangelho* idêntico e original, escrito em hebraico por Mateus, o apóstolo publicano. "*Recebi dos nazarenos*, que usavam [esse Evangelho] em Beroea, na Síria, *permissão* para traduzi-lo", escreve ele por volta do final do século IV. "No *Evangelho* que os *nazarenos* e os *ebionistas* utilizam", acrescenta Jerônimo. "e que traduzi recentemente do hebraico para o grego e que a maioria das pessoas diz ser o *verdadeiro Evangelho de São Mateus*", etc. (Jerônimo, *Comment. to Matthew*, livro II, cap.13. Jerônimo acrescenta que foi escrito em caldaico, mas com letras hebraicas [*Dial. contra Pelag., III, 2*].

A CRENÇA DOS VERDADEIROS CRISTÃOS PRIMITIVOS. (L. 3. pág. 165).

À crença dos verdadeiros cristãos primitivos.

Depois de ter produzido Ialdabaôth - de *ialda*, criança, e de *baôth*, uma terra desolada, uma desolação - Sophia-Akhamôth sofreu a tal ponto como o contato com a matéria, que, após uma luta extraordinária, ela escapa finalmente do caos pantanoso. Embora ignore o pleroma, a religião da sua mãe, ela alcançou o espaço mediano e chegou a sacudir as partículas materiais que estavam ligadas à sua natureza espiritual; depois disso, construiu imediatamente uma barreira infranqueável entre o mundo da inteligência (espíritos) e o mundo da matéria. Ialdabaôth é, assim, o "filho da escuridão", o criador do nosso mundo pecaminoso (e a sua porção física). Ele segue o exemplo de Bythos e produz de si mesmo seis espíritos estelares (filhos). Todos eles têm a sua própria imagem e reflexos uns dos outros, que se tornam mais escuros

à medida que se afastem do seu pai. Com este, eles habitam sete regiões dispostas com uma escala, que começa abaixo do espaço mediano, a região da sua mãe, Sophia-Ahamôth, e termina com a nossa Terra, a sétima região. Eles são, assim, os gênios das sete esferas planetárias, das quais a mais inferior é a região da nossa Terra (a esfera que a circunda, nosso éter). Os nomes respectivos desses gênios das esferas são *Iao, Tsabaôh, Adonaios, Eloaios, Horaios, Astaphaios*. Os quatro primeiros, como todos sabem, são os nomes místicos do "Senhor Deus" judaico, sendo este, como afirma C. W. King, "rebaixado pelos fitas para as denominações dos subordinados do Criador; os dois últimos são os dos Gênios do Fogo e da Água".

Ialdabaôth, que muitas seitas consideravam como o Deus de Moisés, não era um espírito puro; era ambicioso e orgulhoso e, rejeitando a luz espiritual do espaço mediano que sua mãe Sophia-Akhamôth lhe oferecia, pôs-se ele próprio a criar um mundo para si mesmo. Ajudado por seus filhos, os seis gênios planetários, ele fabricou o homem, mas não obteve êxito na primeira tentativa. Era um monstro; sem alma, ignorante e que caminhava sobre quatro patas no chão como uma fera material. Ialdabaôth viu-se obrigado a implorar a ajuda de sua Mãe Espiritual. Ela lhe transmitiu um raio da sua Luz e assim animou o Homem e o dotou de Alma. E então teve início a animosidade de Ialdabaôth contra sua própria criatura. Seguindo o impulso da luz Divina, o homem aumentou mais e mais o volume das suas aspirações; muito cedo ele começou a apresentar não a imagem do seu Criador Ialdabaôth, mas antes do Ser Supremo, o "Homem Primitivo", Ennoia. Então o Demiurgo foi dotado de cólera e inveja; e, ficando seu olho invejoso sobre o abismo de matéria, seu olhar, envenenado pela paixão, refletiu-se repentinamente nele como num espelho; o reflexo tornou-se animado e do abismo sai Satã, serpente, Ophiomorphos - "a incorporação da inveja e da esperteza. Ele é a união de tudo o que é mais abjeto na matéria como o ódio, a inveja e a astúcia de uma inteligência espiritual".

Depois disso, e sempre com rancor face à perfeição do homem, Ialdabaôth criou os três da Natureza: o mineral, o vegetal e o animal, com todos os seus instintos perniciosos e pensamentos maus. Imponente para aniquilar a Árvore do Conhecimento, que cresce em sua esfera e em cada uma das regiões planetárias, mas determinado a afastar o "homem" da sua protetora espiritual, Ialdabaôth proibiu-o de comer do seu fruto, com medo de que ele revelasse à Humanidade os mistérios do mundo superior. Mas Sophia-Akhamôth, que amava e protegia o homem que ela animara, enviou o seu próprio gênio, Ophis, sob a forma de uma serpente, para induziu o homem a transgredir o mandamento egoísta e injusto. E o "homem" de repente tornou-se capaz de compreender os mistérios da criação.

Ialdabaôth vingou-se, então, punindo o primeiro par, pois o homem, através do seu *conhecimento*, já havia conseguido uma companheira feita de suas metades espiritual e material. Aprisionou o homem e a mulher num calabouço de matéria, no corpo tão indigno de sua natureza, e no qual o homem ainda está encerrado. Mas Akhamôth ainda o protegeu. Ele estabeleceu entre a sua região celestial e o "homem" uma corrente de Luz Divina e continua a lhe fornecer iluminação *espiritual*.

Seguem-se, então as alegorias que abrangem a idéia de dualismo, ou a luta entre o bem e o mal, o espírito e a matéria, que se encontra em toda cosmogonia e cuja fonte também deve ser procurada na Índia. Os tipos e os antítipos representam os heróis desse panteão gnóstico, empregados das idades mitopoéticas mais antigas. Mas, nessa personagens - Ophis e Ophiomorphos, Sophia e Sophia-Akhamôth, Adão-Cadmo e Adão, os gênios planetários e os Aeons divinos - podemos reconhecer facilmente os modelos das nossas cópias bíblicas - os patriarcas evemerizados. Encontramos os arcanjos, os anjos, as virtudes e os poderes, com outros nomes, nos *Vedas* e no sistema budista. O Ser Supremo avéstico, Zeruana, ou "Tempo Ilimitado", é o tipo de todas essas "Profundidades", "Coroas" gnósticas e cabalísticas e mesmo do Ain Soph caldaico. Os seis Amshâspands, criados pela "Palavra" de Ormusde, o "Primogênito", têm seus reflexos em Bythos e suas emanações, e o antítipo de Ormusde-Ahriman e seu *devas* também participam da composição de Ialdabaôth e os seus seis gênios planetários *materiais*, embora não sejam totalmente maus.

Akhamôth, entristecida com os males que afligiram a Humanidade, apesar da sua proteção, suplica à sua celeste Sophia - seu antítipo - que interceda junto à PROFUNDIDADE desconhecida para que ela envie *Cristos* (o filho e a emanação da "Virgem Celestial") em socorro da Humanidade que estava perecendo. Ialdabaôth e os seus filhos da matéria privam da luz divina a Humanidade. O homem deve ser salvo. Ialdabaôth já enviou o seu próprio agente. João Batista, da raça de Seth, que ele protege - como um profeta do seu povo, mas apenas uma pequena porção o ouviu - os nazarenos, os oponentes dos judeus, porque eles adoravam Iurbo-Adunai. (Iurbo e Adonai, segundo os ofitas, são nomes de Iao-Jeová, uma das emanações de Ialdabaôth. "Iurbo é chamado de Adonai pelos Abortos [os judeus]" (*Codex nazaraeus*, vol. III, p. 73). Akhamôth dissera a seu filho, Ialdabaôth, que o reino de *Cristos* seria apenas temporal e, assim, induzindo-o a enviar um precursor. Além disso, *o fez causar* o nascimento do *homem* Jesus da Virgem Maria, o seu próprio tipo da Terra, "pois a criação de um personagem material só poderia ser obra do Demiurgo; estava fora do alcance de

um poder superior. Logo que Jesus nasceu, *Cristos*, o perfeito, unindo-se a Sophia [sabedoria e espiritualidade], desceu através das sete regiões planetárias, assumindo em cada uma delas uma forma análoga e ocultando dos gênios a sua verdadeira natureza, ao mesmo tempo em que atraía para si as centelhas de Luz Divina que eles retinham em sua essência. Assim, *Cristos* entrou no *Homem* Jesus no momento do seu batismo no Jordão. A partir desse momento Jesus começou a operar milagres; antes disso, ignorava completamente a sua missão". (King, *The Gnostics and their Remains*, p. 31. [p.100 na 2ª ed.].)

Ialdabaôth, descobrindo que *Cristos* estava levando ao fim o seu próprio reino da matéria, excitou os judeus contra ele e Jesus foi condenado à morte *. (No *Evangelho de Nicodemos*, Ialdabaôth é chamado de Satã pelo autor piedoso e anônimo; evidentemente, uma das últimas flechas que ele atira contra seu inimigo já meio aniquilado. "Quanto a mim", diz Satã, desculpando-se ao príncipe do inferno. "eu o tentei [a Jesus] e excitei o meu velho povo, o judeu, com zelo e cólera contra Ele" (hone, apocr. N.T., Nicod., XV, 9.). De todos os exemplos da ingratidão cristã, este parece ser o mais conspicuo. Os pobres judeus foram, primeiro, roubados dos seus livros sagrados e, depois, num "Evangelho" espúrio, são insultados pela representação de Satã que pretende que eles sejam o seu "velho povo". Se eles fossem o seu povo, e ao mesmo tempo o "povo escolhido de Deus", então o nome desse Deus deveria ser escrito Satã e não Jeová. Isso é lógico, mas duvidamos que seja cortês para o "Senhor Deus de Israel"). * Bem como em J. J. Grynau, *Monumenta S. Patrum Orthodoxographa*, etc. (Basileia, 1569, fol.), vol. I, tomo II, p.643 ff. (N. do Org.). Uma vez na cruz, *Cristos* e Sophia abandonaram o seu corpo e retornaram à sua própria esfera. O corpo material do homem Jesus foi abandonado à terra, mas sendo dado a ele um corpo feito de *éter* (alma astral). "A partir desse momento, ele consistia apenas de *Alma* e de *Espírito*, razão pela qual os discípulos não o reconheceram após a ressurreição". Nesse estado espiritual de um *simulacrum*, Jesus permaneceu sobre a Terra durante mais dezoito meses. Nesta última permanência, recebeu de Sophia o conhecimento perfeito, a verdadeira Gnose que ele comunicou a alguns dos apóstolos que eram capazes de a receber.

"Depois, acendendo ao espaço mediano, sentou-se à direita de Ialdabaôth, mas invisível a ele, e dali reúne todas as almas que foram purificadas pelo conhecimento de Cristo. Quando tiver reunido toda a Luz Espiritual que existe na matéria, no império de Ialdabaôth, a redenção será cumprida e o mundo será destruído. Essa é a significação da reabsorção de toda a Luz Espiritual no Pleroma ou Plenitude, donde Ele desceu na origem." (King, op. cit., p. 31 [p. 100 na 2ª ed.].)

JESUS JAMAIS AFIRMOU SER DEUS. (L. 3. pág. 172).

É dos mais sugestivos o fato de não haver uma única palavra nas chamadas *Escrituras* sagradas que mostre que Jesus foi considerado como um Deus por seus discípulos. Eles não lhe renderam honras divinas nem antes, nem depois da sua morte. Suas relações com ele, se limitavam às de discípulos e "mestres", títulos que lhe davam, da mesma maneira com que os seguidores de Pitágoras e Platão se dirigiam aos seus respectivos mestres. Quaisquer que sejam as palavras que se atribuíam a Jesus, a Pedro, a Paulo e a outros, nenhuma delas é um ato de adoração de sua parte e o próprio Jesus nunca declarou a sua identidade com *seu Pai*. (Devemos ter em mente, todavia, as palavras proferidas por Jesus, conforme relatadas em *João*, X, 30 e XVII, 11, 22, onde se esclarece definitivamente sua identidade ou unicidade com o Pai. (N. do Org.). Ele acusou os fariseus de *lapidar* os seus profetas, não de deicídio. Ele se intitulava o filho de Deus, mas cuidou de afirmar repentinamente que todos eles eram filhos de Deus, o Pai Celestial de todos. Pregado dessa maneira, ele não fazia senão repetir a doutrina ensinada séculos antes por Hermes, Platão e outros filósofos. Estranha contradição! Jesus, a quem devemos adorar como o único Deus vivo, diz, logo após a sua Ressurreição, a Maria Madalena: "Ainda não subi a meu Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que vou para meu Pai e vosso Pai, e para meu Deus e vosso Deus!" (*João*, XX, 17.)

Quer dizer isto que ele está de identificando com seu Pai? "*Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus*" implica, por parte dele, um desejo de ser considerado em perfeita igualdade com seus irmãos - nada mais do que isso. Theodoret escreve: "Os hereges concordam conosco a respeito do começo de todas as coisas. (...) Dizem, porém, que não existe um Cristo (Deus), mas sim um lá no alto e um aqui embaixo. E que este último *morou anteriormente em muitos*; mas o *Jesus*, eles dizem num momento que ele vem *de Deus*, e em outro chamam-no de um ESPÍRITO". Esse espírito é o *Cristos*, o *mensageiro* da vida, que às vezes é chamado de Anjo *Gabriel* (em hebraico, o poderoso de Deus) e que, para os gnósticos, ocupava o lugar do Logos, ao passo que o Espírito Santo era considerado *Vida*. Entre os nazarenos, entretanto, o *Spiritus* ou Espírito Santo era menos honrado. Enquanto quase todas as seitas gnósticas consideravam - no um Poder Feminino, ao qual davam o nome de *Binah*, [ou] *Sophia*, o Intelecto Divino - entre a seita nazarena ele era o *Spiritus Feminino*, a geradora de todas as coisas da *matéria*, o caos em seu aspeto mau, tornado *túrbido* pelo Demiurgo. No momento da criação do homem, "havia luz do lado do PAI, e havia luz [luz material] do lado da MÃE. E este é o 'homem dual', diz o *Zohar*. "Naquele dia [o último] morrerão os sete estelares maldispostos, também os filhos do homem que reconhecerem o *Spiritus*, o [falso] Messias, o Deus e a MÃE do SPIRITUS morrerão".

Jesus reforçava e ilustrava as suas doutrinas com sinais e maravilhas; e, se deixarmos de lado as pretensões daqueles que o deificaram, ele não fez senão o que fizeram antes dele outros cabalistas; e *só eles*, nessa época, pois dois séculos depois as fontes de profecia estavam completamente secas e, dessa estagnação de "milagres" públicos, originou-se o ceticismo da seita incrédula dos saduceus. Descrevendo as "heresias" daquela época. Theodoret, que não tinha nenhuma idéia do significado oculto da palavra *Cristos*, o mensageiro *ungido*, lamenta que eles (os gnósticos) afirmem *que esse Mensageiro ou Delegatus mude seu corpo de vez em quando e "entre em outros corpos e se manifeste de maneira diferente em cada vez*. E esses [os profetas obscurecidos] servem-se de encarnações e de invocações de vários demônios e de batismos na confissão de seus princípios. (...) Eles abraçam a Astrologia e a Magia e o erro matemático" (?), diz ele.

Esse "erro matemático", de que se lamentou o piedoso escritor, levou posteriormente à redescoberta do sistema heliocêntrico, tão errôneo quanto ainda possa ser, e foi esquecido desde a época em que um outro "mágico" o ensinou - Pitágoras. Assim, as maravilhas de curas e as *taumaturgias* de Jesus, que ele transmitiu aos seus seguidores, mostram que estes aprendiam, na sua comunicação diária com Ele, a teoria e a prática da nova ética, dia-a-dia, no intercâmbio familiar da amizade íntima. A fé crescia progressivamente, como a de todos os neófitos, ao mesmo tempo em que crescia o conhecimento. Não devemos esquecer que Josefo, que certamente estava a par desse assunto, chama de "uma ciência" à habilidade de expulsar demônios. Esse crescimento da fé é particularmente visível no caso de Pedro, que, não possuindo fé suficiente para caminhar sobre a água, indo de barco até o seu Mestre, tornou-se finalmente um taumaturgo suficientemente hábil a ponto de Simão, o Mago, como se crê, lhe oferecer dinheiro para que lhe ensinasse o segredo da arte de curar e de realizar outras maravilhas. E Felipe, diz-se, tornou-se um *Aethrobat* tão bom quanto Abaris, de memória pitagórica, mas menos hábil que Simão, o Mago.

Não existe nas *Homilias*, como também nas obras dos apóstolos, indicações algumas de que os amigos e os seguidores de Jesus o considerassem mais do que um profeta. Essa idéia está claramente estabelecida nas *Homilias clementinas*. Excetuando o fato de Pedro aí desenvolver um pouco longamente demais o seu ponto de vista sobre a identidade do Deus mosaico com o Pai de Jesus, toda a obra é dedicada ao monoteísmo (Admite-se um só Deus). O autor mostra-se severo, tanto contra o politeísmo (Admite-se muitas Divindades), quanto contra a pretensão à divindade de Cristo. Parece ignorar completamente o Logos, e a sua especulação limita-se à Sophia, a sabedoria gnóstica. Não há nenhum indício de uma Trindade hipostática, mas o mesmo obscurecimento da sabedoria gnóstica (*Cristos e Sophia*) é atribuído, no caso de Jesus, como nos de Adão, Enoch, Noé, Abraão, Isaac, Jacó e Moisés. Todas essas personagens são colocadas no mesmo nível e chamadas "profetas verdadeiros" e as sete colunas do mundo. Mais do que isso, Pedro nega veementemente a queda de Adão e, com ele, a doutrina da expiação, tal como foi ensinada pela Teologia cristã, ruí por terra, *pois Ele a combate como uma blasfêmia*. A teoria de Pedro sobre o pecado é a dos cabalistas judeus, e mesmo, ou de certa maneira, a platônica. Adão não só nunca pecou, mas, "como um profeta verdadeiro, possuído do Espírito de Deus, que, mais tarde, desceu sobre Jesus, *ele não podia pecar*". Em suma, toda a obra exhibe a crença do autor na doutrina cabalista da permutação. A *Cabala* ensina a doutrina da transmigração do espírito; "Mosah é a *revolutio* de Seth e Hebel."

"Dize-me, quem é que ocasiona o renascimento (a *revolutio*)?" - perguntou-se ao sábio Hermes. "Os Filhos de Deus, o *homem único*, pela vontade de Deus" - foi a resposta do "gentio."

O FILHO DE DEUS E O ESPÍRITO IMORTAL. O CRISTIANISMO PRIMITIVO. (L. 3. pág. 174).

O "filho de Deus" é o espírito imortal atribuído a todo ser humano. É esta entidade divina que é o "*homem único*", pois o escrínio que contém a nossa alma, e a própria alma, são semi-entidades e, sem o seu obscurecimento, o corpo e a alma astrais não são senão uma *Diada* animal. É preciso a Trindade para perfazer o "homem" completo e permitir-lhe continuar sendo imortal a cada "renascimento", ou *revolutio*, através das esferas subseqüentes e as ascendentes, cada uma das quais o aproxima do reino refulgente da luz eterna e *Absoluta*.

(N.C. Relacionado à esse tema, o Livro da autora "A Sabedoria Tradicional, pg. 121 diz o seguinte:

"**I. *Âtma (ou Âtman)*** - o "Eu Superior" não é nem o seu Espírito nem o meu, mas assemelha-se à luz do Sol que brilha sobre tudo. É o "*princípio divino*" difuso universalmente e é inseparável de seu *Meta*-Espírito uno e absoluto assim como o raio do sol é inseparável da luz solar.

I *Buddhi* (a alma espiritual) é apenas o seu veículo. Nenhum deles separadamente, nem os dois coletivamente, são de maior utilidade ao corpo do homem que a luz do sol e seus raios o são para granito enterrado sob a terra, *a menos que o Duo divino seja assimilado por, e refletido em, a consciência*. Nem *Âtman* nem *Buddhi* são jamais alcançados pelo Karma, por que o primeiro é o mais elevado aspecto do Karma. [*Karma* - Fisicamente Ação; metafisicamente Lei de causa e efeito.], seu agente de *SI MESMO* em um aspecto, e o outro é inconsciente *neste plano*. Esta consciência ou mente é:

III. Manas, a derivação ou produto numa forma refletida de *Ahamkâra*, "a concepção do Eu" ou EGO-IDADE. É, portanto, quando unido inseparavelmente aos dois primeiros, chamado de EGO ESPIRITUAL e *Tajasa* (o radiante). Esta é a real Individualidade ou o homem divino. É esse Ego que - tendo encarnado originalmente na forma humana insensível animada por, mas consciente (uma vez que não tinha consciência), da presença em si mesmo da Mônada dual - fez da forma humanóide *um homem real*. É esse Ego, esse "Corpo Causal" que obscurece todas as personalidades em que Karma o força a encarnar; e é esse Ego o responsável por todos os pecados cometidos através de e durante cada novo corpo ou personalidade - as máscaras evanescentes que escondem o Indivíduo verdadeiro durante a longa série de renascimentos.

"O PRIMOGÊNITO de Deus, que é o 'Véu sagrado', a 'Luz das Luzes', é aquele que envia a *revolutio* do Delegatus, pois ele é o *Primeiro Poder*", diz o cabalista.

"O *Pneuma* (espírito) e *dynamis* (poder), que vêm de Deus, não devem ser considerados como nada menos que o *Logos*, que é *também* [?] o Primogênito para Deus", responde um cristão.

"Os anjos e os poderes estão no céu!" diz Justino, dando assim expressão a uma doutrina puramente cabalista. Os cristãos adotaram-na do *Zohar* e das seitas heréticas e, se Jesus as mencionou, não foi nas sinagogas oficiais que aprendeu a teoria, mas diretamente nos ensinamentos cabalistas. Nos livros mosaicos, elas são mencionadas raramente e Moisés, que estava em comunicação direta com o "Senhor Deus", preocupa-se muito pouco com elas. A doutrina era secreta e considerada herética pela sinagoga ortodoxa. Josefo lembra os hereges essênios ao dizer: "Aqueles que foram admitidos entre os essênios devem jurar não comunicar suas doutrinas a ninguém, *a menos que essa pessoa as tenha recebido como eles*, e também preservar os livros *pertencentes à sua seita e os nomes dos anjos*". (Josefo, *Jewish Wars*, II, VIII, 7). Os saduseu Olimpo aos deuses e aos semideuses, ou "espíritos". Apenas os cabalistas e os teurgos aderiam a essa doutrina desde tempos imemoriais e, em conseqüência, Platão e Fílon, o Judeu, depois dele, seguido primeiramente pelos gnósticos e depois pelos cristãos.

Assim, se Josefo nunca escreveu a famosa interpolação a respeito de Jesus, forjada por Eusébio, por outro lado, ele descreveu, nos essênios, todas as características principais que encontramos nos nazarenos. Para orar, eles procuravam a solidão. "Quando tu oraes, entra no teu aposento (...) e ora a teu Pai que está em segredo" (*Mateus*, VI, 6). "Tudo que foi dito por eles [pelos essênios] é mais forte do que um juramento. Eles se abstêm de prestar juramento". "Mas eu vos digo que não presteis nenhum juramento (...) Que vossa palavra seja sim, sim, não, não" (*Mateus*, V, 34-7).

Os nazarenos, bem como os essênios e os terapeutas, acreditavam mais nas suas próprias interpretações do "sentido oculto" das Escrituras mais antigas, do que nas leis mais recentes de Moisés. Jesus, como vimos antes, sentia uma veneração muito pequena para com os mandamentos do seu predecessor, com quem Irineu tanto ansiava compará-lo.

Os essênios "entraram nas casas *daquelas que eles nunca viram anteriormente* como se fossem seus amigos íntimos". Esse era incontestavelmente o costume de Jesus e de seus discípulos.

Epifânio, que situa a "heresia" ebionista no mesmo nível da dos nazarenos, também observa que os nazários se situavam logo após os Coríntios, tão injuriados por Irineu.

A VERSÃO JUDAICA DO NASCIMENTO DE JESUS. (L. 3. pág. 177).

A versão judaica do nascimento de Jesus está relatada no *Sepher-Toledoth-Yeshu* com as seguintes palavras:

"Maria, tendo-se tornado mãe de um Filho, chamado de Yehôhûah, e tendo o menino crescido, ela e confiou aos cuidados do Rabino Elhânân, e a criança fez rápidos progressos nos conhecimentos, pois ele era bem-dotado de espírito e de compreensão.

"O Rabino Yehôshûah, filho de Perahiah, continuou a educação de Yehôshûah (Jesus), depois de Elhânân, e o *iniciou* no conhecimento *secreto*; mas, tendo o rei Jannaeus ordenado matar os iniciados, Yehôshûah Ben-Perahiah fugiu para Alexandria, no Egito, levando consigo o menino."

Durante a permanência em Alexandria, continua a história, foram recebidos na casa de uma senhora rica e erudita (a personificação do Egito). O jovem Jesus achou-a bela, não obstante "*um defeito nos olhos*", e o declarou ao seu mestre. Ouvindo-o, o mestre ficou tão zangado com o fato de o seu discípulo ter encontrado algo de bom no país da servidão, que "ele o amaldiçoou e expulsou o jovem de sua presença". Segue-se então uma série de aventuras contadas em linguagem alegórica que demonstram que Jesus completou a sua iniciação na *Cabala* judaica com uma aquisição adicional da sabedoria secreta do Egito. Quando a perseguição cessou, ambos retornaram à Judéia. (*Talmude* babilônico, *Mishnah Sanhedrin*, cap. XI, fol. 107 b, e *Mishnah sotah*, cap. IX, fl. 47 a. Ver também Éliphas Lévi, *La science des esprits*.)

Os agravos verdadeiros impostos a Jesus são mencionados pelo erudito autor de *Tela Ígnea Satanae* (as flechas de fogo de Satã) como sendo dois: 1º: que ele descobriu os grandes mistérios dos seus Templos por ter sido iniciado no Egito; e 2º: que ele os profanara aos expô-los ao vulgo, que não os compreendia e os desfigurava. Eis o que dizem:

"Existe, no santuário de Deus vivo, uma pedra cúbica, sobre a qual estão esculpidos os caracteres sagrados, cuja combinação dá a explicação dos atributos e dos poderes do nome incomunicável. Essa explicação é a chave secreta de todas as ciências ocultas da Natureza. É o que os hebreus chamam de *Schem ha-Mephorash*. Esta pedra está guardada por dois leões de ouro, que rugem quando alguém se aproxima. Jamais se perde de vista os portes do templo e a porta do santuário abre-se apenas uma vez ao ano, para admitir apenas o Sumo Sacerdote. Mas Jesus, que aprendera no Egito os 'grandes segredos' durante a iniciação, fabricou para seu próprio uso chaves invisíveis e, assim, pôde penetrar no santuário sem ser visto. (...) Copiou os caracteres gravados na pedra cúbica e os escondeu em sua coxa (Arnóbio conta a mesma história de Jesus e narra como ele foi acusado de roubar ao santuário os nomes secretos do Santíssimo; foi com o conhecimento desses nomes que ele pôde operar todos os milagres. *Adv. gent.*, I, 43.); depois, saindo do templo, meteu-se pelas estradas e começou a espantar as pessoas com os seus milagres. Os mortos eram ressuscitados à sua ordem, os leprosos e os obsedados eram curados. Ele obrigou as pedras, que jaziam há séculos no fundo do mar, a subirem à superfície até que formassem uma montanha, de cujo pico ele pregava". O *Sepher-Toledoth* diz ainda que, *incapaz de deslocar* a pedra cúbica do santuário, Jesus fabricou uma de argila, que mostrou às nações e a fez passar pela verdadeira pedra cúbica de Israel.

Essa alegoria, como as outras desse tipo de livro, deve ser "*lida nas entrelinhas*" - tem o seu significado secreto e deve ser lida duas vezes. Os livros cabalísticos explicam o seu significado místico. O mesmo talmudista diz, mais adiante, em essência, o seguinte: Jesus foi lançado à prisão e ali permaneceu por quarenta dias; depois foi flagelado como um rebelde sedicioso; depois apedrejado como blasfemador numa praça chamada Lud e finalmente crucificado. "Tudo isso" - explica Lévi - "porque revelou ao povo as verdades que eles [os fariseus] teriam guardadas para seu próprio uso. Ele havia adivinhado a teologia oculta de Israel, havia-a comparado com a sabedoria do Egito e havia deduzido a razão de uma síntese religiosa universal".

Apesar da circunspecção com que devemos aceitar qualquer coisa que as fontes judaicas afirmem sobre Jesus, é preciso reconhecer que em algumas coisas elas parecem ser mais corretas em suas afirmações (quando o seu interesse direto não é posto em causa) do que os nossos bons mas zelosos padres. Uma coisa é certa: Tiago, o "Irmão do Senhor", nada diz sobre a *ressurreição*. Não chama Jesus nem de "Filho de Deus", nem de Cristo-Deus. Apenas uma vez, falando de Jesus, chama-o, de "Senhor da Glória", mas os nazarenos faziam a mesma coisa quando falavam de seu profeta *Yôhânân bar Zachariah*, ou João, filho de Zacarias (São João Batista). Suas expressões favoritas para o seu profeta são as mesmas usadas por Tiago ao falar de Jesus. Um homem nascido "da semente de um homem", "Mensageiro da Vida", da Luz, "meu Senhor Apóstolo", "Rei brotado da Luz", e assim por diante. "Não queirais pôr a fé de nosso *Senhor* JESUS Cristo, o *Senhor da Glória*", etc., diz Tiago em sua epístola (II, 1), dirigindo-se talvez a Cristo como DEUS. "A paz esteja consigo, meu *Senhor* JOÃO Abo Sabo, Senhor da Glória!" diz o *Codex nazaraeus* (II, 9), que se sabe dirigir-se a um profeta. "Condenastes e matastes o *Justo*", diz Tiago (v, 6). "Yôhânân (João é o *Justo*, ele veio no caminho da *justiça*", diz *Matheus* (XXI, 32, texto siríaco).

Tiago nem mesmo chama Jesus de *Messias*, no sentido que lhe atribuem os cristãos, mas alude ao cabalístico "Rei Messias", que é Senhor de Tsabaôth (v, 4) e repete muitas vezes que o "Senhor" virás, mas em nenhuma parte o identifica com Jesus. "Tende pois paciência, irmão, até a vinda do Senhor. (...) Tende paciência, pois a vinda do Senhor *está próxima*" (V. 7, 8). E ele acrescenta: "Tomai, irmãos, ao profeta [Jesus] *que falou em nome do Senhor* como um exemplo de aflição, de trabalho e de paciência". Embora nesta versão a palavra "profeta" esteja no plural, trata-se de uma falsificação deliberada do original, cujo propósito é evidente. Tiago, logo depois de ter citado os "profetas" como um exemplo, diz: "Vede (...) vós *ouvistes* qual foi a paciência de Jó e *vistes o fim* do Senhor" - combinando assim os exemplos desses dois caracteres admiráveis e colocando-os num mesmo nível de perfeita igualdade. O próprio Jesus não glorificou o profeta do Jordão? "Mas que saístes a ver? Um profeta? Certamente vos digo, e ainda mais do que um profeta. (...) Na verdade vos digo que entre os nascidos *de mulheres* não se levantou outro profeta maior que João Batista.

Os nazarenos eram conhecidos como baptistas, sabeus e cristãos de João [mandeus]. Sua crença era a de que o Messias não era o Filho de Deus, mas apenas um profeta que seguiria João. "Yôhânân, o Filho de Abo Sabo Zachariah, diria a si mesmo: 'Aquele que crer em minha *justiça* e em meu BATISMO será recebido em minha associação; partilhará comigo do assento que é a morada da vida, do supremo Mano e do fogo vivo" (*Codex Nazaraeus*, II, p. 115). Orígenes observa que "há alguns que dizem que João [Batista] era *ungido* (Christos)" (Orígenes, In Lucam homiliae, Hom. XXIV, cap. III). O Anjo Rasiel dos cabalistas é o Anjo *Gabriel* dos nazarenos e foi o escolhido pelos cristãos, dentre toda a hierarquia celeste, para ser o mensageiro da "anunciação". O gênio enviado pelo "Senhor da Celsitude" é chamado também de GABRIEL Legatus. Paulo deve ter tido os nazarenos em mente quando disse: "E depois de todos os outros, ele [Jesus]

também foi visto de mim *como dum aborto*" (*I Coríntios, XV, 8*), lembrando assim aos seus ouvintes a expressão usual dos nazarenos, que chamavam os judeus de "abortos, ou nascidos fora do tempo". Paulo orgulha-se de pertencer a uma heresia.

Quanto as concepções metafísicas dos gnósticos, que viram em Jesus o Logos e o Ungido, começaram a ganhar terreno, os cristãos primitivos separaram-se dos nazarenos, que acusaram Jesus de perverter as doutrinas de João e de modificar o batismo do Jordão. Diz Milman que, "na medida em que ele (o Evangelho) *ultrapassou* as fronteiras da Palestina e o nome de 'Cristo' adquiriu santidade e veneração nas cidades orientais, ele se tornou uma espécie de *personificação metafísica*, enquanto a religião perdeu seu objeto moral e assumiu o caráter de uma *teogonia especulativa* (Hist. of Christianity, p. 200; ed. original 1840). O único documento semi-original que nos chegou da época apostólica primitiva é os *Logia* de Mateus. A doutrina verdadeira e autêntica permaneceu nas mãos os nazarenos, nesse *Evangelho segundo São Mateus*, que contém a "doutrina secreta", os "Diabos de Jesus", mencionados por Papias. Esses ditos eram, sem dúvida, da mesma natureza dos pequenos manuscritos que eram colocados nas mãos dos neófitos, candidatos às Iniciações nos mistérios, que continham os *aporrheta*, as revelações de alguns ritos importantes e de símbolos. Não fosse assim, por que Mateus teria tomado tantas precauções para mantê-los em "segredo"?

JESUS - Também chamado de Cristo ou Jesus Cristo. É preciso estabelecer uma distinção entre o Jesus histórico e o Jesus mítico. O primeiro era essênio e nazareno e foi mensageiro da Grande Fraternidade para pregar os antigos ensinamentos divinos, que deveriam ser a base de uma nova civilização. Pelo espaço de três anos foi Mestre divino dos homens e percorreu a Palestina, levando vida exemplar por sua natureza, compaixão e amor a humanidade. Operou quantidade enorme de prodígios, ressuscitando mortos, curando doentes, devolvendo a visão aos cegos, fazendo andar os paralíticos e realizando muitos outros atos que, por seu caráter extraordinário, foram qualificados de "milagrosos". A sublimidade de suas doutrinas ressalta principalmente em seu célebre Sermão da Montanha. Como Iniciado que era, ensinou também doutrinas esotéricas, porém as reservava unicamente para "os poucos", isto é, para seus discípulos eleitos. Ao Jesus históricos foram atribuídos vários feitos legendários, que o converteram em outro personagem puramente mítico, uma verdadeira cópia do deus Krishna, tão venerado na Índia. Glossário Teosófico de H. P. Blavatsky - ed. Ground).

OS CATÓLICOS ROMANOS TRANSFORMARAM MARIA MÃE DE JESUS. (L. 3. pág. 179).

Foram os católicos romanos que transformaram Maria, a mãe de Jesus, numa *deusa*. Aos olhos de todos os outros cristãos ela era uma mulher, fosse o seu nascimento imaculado ou não. De acordo com a lógica estrita, Jesus confessou que João era *maior* do que ele próprio. Veja-se como a linguagem do Anjo Gabriel, ao se dirigir a Maria, coloca as coisas no seu devido lugar: "Bendita sois vós entre as *mulheres*". Essas palavras são inequívocas. Ele não a adora como a Mãe de Deus, nem a chama de *deusa*. Ele também não se dirige a ela como "Virgem", mas chama-a de *mulher* e só a considera superior às outras mulheres porque a sua extrema pureza lhe proporcionou uma melhor sorte.

O CRISTIANISMO PRIMITIVO, SUAS SENHAS E SEUS GRAUS DE INICIAÇÃO. (L. 3. pág. 180).

O Cristianismo primitivo teve suas imposições de mão, suas senhas e seus graus de iniciação. As inumeráveis jóias e amuletos gnósticos são provas evidentes desse fato. Ele é uma ciência simbólica. Os cabalistas foram os primeiros a embelezar o Logos universal, com termos como "Luz da Luz", o Mensageiro da VIDA e da LUZ, e essa expressão foram adotadas *in toto* pelos cristãos, com a adição de quase todos os termos gnósticos, tais como Pleroma (plenitude), Arconte, Aeôns, etc. Quanto aos termos "Primogênito", o Primeiro e "Filho Unigênito" - eles são tão velhos quanto o mundo. Hipólito demonstra que a palavra "Logos" existia já entre os brâmanes. "Os *brâmanes* dizem que o Deus *É Luz*, não aquela que se pode ver, nem como a do Sol ou do fogo; mas eles têm um *Deus LOGOS*, não o articulado, o Logos da Gnose, pelos qual os MISTÉRIOS mais altos da Gnose são vistos pelos sábios". Os *Atos* e o quarto *Evangelho* abundam em expressões gnósticas. As expressões cabalísticas "o Primogênito de Deus emanado do Alto", junto com *aquele que É o "Espírito do Ungido"*, e ainda "eles o chamaram o unguento do Supremo" foram reproduzidas em Espírito e em substância pelo autor do *Evangelho segundo São João*. "Aquele era a *luz verdadeira*" e "a Luz brilha nas Trevas". "E a PALAVRA foi feita carne". "E sua *plenitude* [pleroma] tem tudo o que recebemos", etc. (*João i*).

O "Cristo", então, e o "Logos" existiram séculos antes do Cristianismo; a Gnose oriental foi estudada muito antes da época de Moisés e é preciso buscar a origem de todas essas doutrinas nos períodos arcaicos da filosofia asiática primitiva. A segunda *Epístola* de São Pedro e o fragmento de Judas, preservados no *Novo Testamento*, mostram, por sua fraseologia, que eles pertencem à Gnose oriental cabalística, pois usam as mesmas expressões dos gnósticos cristãos que elaboraram uma parte do seu sistema com base na *Cabala* oriental. "Atrevidos, por vontade própria, eles [os ofitas] não temem injuriar as DIGNIDADES", diz Pedro (*2 Pedro, II, 10*), o modelo original das injúrias posteriores de Tertuliano e de Irineu. "Da mesma

maneira [como Sodoma e Gomorra] também estes sonhadores *asquerosos* contaminam a carne, desprezam o DOMÍNIO e injuriam as DIGNIDADES", diz Judas (8), repetindo as mesmas palavras de Pedro e utilizando expressões consagradas na *Cabala*. *Domínio* é o "Império", o *décimo* Sefhiroth cabalístico. Os *Poderes* e as DIGNIDADES são os gênios subordinados dos Arcanjos e dos Anjos do *Zohar*. Essas emanções são a vida mesma e a alma da *Cabala* é do Zoroastrianismo; e o próprio *Talmude* no seu estado atual, foi todo emprestado do *Zend-Avesta*. Em conseqüência, adotando o ponto de vista de Pedro, de Judas e de outros apóstolos judaicos, os cristãos tornaram-se uma seita dissidente dos persas, pois não interpretam o sentido de todos esses *Poderes* da maneira como os verdadeiros cabalistas. A admoestação de Paulo, aos seus convertidos, contra a adoração dos anjos, mostra o quanto ele apreciava, desde essa época, os perigos de se emprestar de uma doutrina metafísica a filosofia que só poderia ser corretamente interpretada pelos seus adeptos letrados, os magos e os tannaim judaicos. "Que nenhum homem, numa aparência de humildade e por um *culto dos anjos*, vos arrebate e se abandone às suas visões e se encha de um vão orgulho pelos seus pensamentos carnis", é a sentença deixada à porta de Pedro e dos seus defensores. No *Talmude*, Miguel é o Príncipe da Água, que tem *sete* espíritos inferiores subordinados a ele. Ele é o patrono, o anjo guardião dos judeus, como nos informam Daniel (X, 21) e os ofitas gregos, que o identificaram ao seu Ophiomorphos, a criação personificada da inveja e da malignidade de Ialdabaôth, o Demiurgo (Criador do mundo *material*); e ele pretende provar que ele era também Samuel, o príncipe hebraico dos maus espíritos, ou *devas* persas, que os judeus consideravam naturalmente como blasfemadores. Mas Jesus sancionou alguma vez essa crença nos anjos, exceto no caso de eles serem mensageiros e subordinados de Deus? E aqui a origem das últimas divergências entre as crenças cristã se liga diretamente a esses dois pontos de vista primitivos contraditórios.

DAÉVAS - Também chamado de DEVA - um deus, uma divindade "resplandecente". *Deva-Deus*, da raiz div, "brilhar", "resplandecer". Um Deva é um ser celestial, seja bom, ou mau ou indiferente. Os Devas habitam "os três mundos" ou três planos superiores ao nosso. Há trinta e três grupos ou trezentos e trinta milhões deles. [Os Devas são, na Índia, o mesmo que os anjos e arcanjos entre os cristãos. O príncipe destes gênios celestes ou divindades inferiores é Indra, rei do firmamento ou céu. Deva como adjetivo, significa: divino, celeste, glorioso, resplandecente etc. G. Teosófico Editora Grund.

Paulo, acreditando em todos esses poderes ocultos do mundo "inobservado", mas sempre "presente", diz: "Marchais segundo o AËON desse mundo, segundo o *Arconte* (Ialdabaôth, o *Demiurgo*) que tem o domínio do ar" e "Não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra os *domínios*, os *poderes*: os senhores das trevas, a maldade dos espíritos das regiões superiores". Essa frase: "Estais mortos no pecado e no erro" pois "marchais segundo o *Arconte*", ou Ialdabaôth, o Deus e o criador da matéria para os ofitas, demonstra inequivocamente que: 1º: Paulo, apesar de algumas dissensões com as doutrinas mais importantes dos gnósticos, partilhava mais ou menos das suas noções cosmogônicas sobre as emanções, e 2º: que ele sabia perfeitamente que esse Demiurgo, cujo nome judaico era Jehovah, *não* era o Deus pregado por Jesus. Ora, se compararmos a doutrina de Paulo com os princípios religiosos de Pedro e Judas, veremos que eles não só adoraram Miguel, o Arcanjo, mas também *reverenciaram* SATÃ, porque este último, antes da sua queda, também era um anjo! Eles o faziam abertamente, e maltratavam os gnósticos por falarem "mal" dele. Ninguém pode negar o que segue: Pedro, denunciando aqueles que não temem injuriar as "*dignidades*", acrescenta imediatamente "Enquanto os anjos, superiores em força e em poder, *não fazem acusações* contra elas [as dignidades] diante do Senhor" (II, 11). O que são essas dignidades? Judas, em sua Epístola Geral, torna a palavra clara como o dia. As *dignidades* são os DIABOS!! Lamentando o desrespeito mostrado pelos gnósticos em relação aos *poderes e às dignidades*, Judas emprega como argumento as mesmas palavras de Pedro: "Quando Miguel, o Arcanjo, disputando *com o diabo*, altercava sobre o corpo de Moisés, *não se atreveu a fulminar-lhe sentenças de blasfemo*, mas disse: Manda-te o Senhor"(I, 9). Está claro? Se não está a *Cabala* se encarrega de nos fazer saber o que eram as *dignidades*.

Considerando que o *Deuteronomio* nos diz que o "Senhor" enterrou Moisés num vale do país de Moab (XXXIV, 6) e que "ninguém conheceu até hoje o seu sepulcro", esse *lapsus linguae* de Judas dá uma coloração muito pronunciada às afirmações de alguns dos gnósticos. Eles só afirmavam o que foi ensinado secretamente pelos próprios cabalistas judaicos; a saber: que o Deus supremo era Desconhecido e Invisível; que "o Rei da Luz é um olho fechado"; que Ialdabaôth, o segundo Adão judaico, era o verdadeiro Demiurgo; e que Iao, Adonai, Tsabaôth e Elói eram a emanção quaternária que constituía a unidade do Deus dos hebreus - Jeová. Além disso, este também era por eles chamados de Miguel e de Samael, mas considerado como um anjo, muitos graus inferiores à Divindade. Afirmando essa crença, os gnósticos corroboravam os ensinamentos do maior dos doutores judaicos, Hillel, e outros Hillel, e outros teólogos babilônicos. Josefo mostra a grande deferência que a Sinagoga oficial de Jerusalém testemunhava pela sabedoria das escolas da Ásia Central. Os colégios de Sura, Pumbeditha e Sahardea eram considerados por todas as escolas da Palestina como a sede do ensino esotérico e teológico. A versão caldaica do *Pentateuco*, elaborada pelo célebre teólogo babilônico Onkelos, era considerada como a mais autorizada; e é de acordo com esse rabino

que Hillel e os outros tannaim, depois dele, afirmavam que o Ser que apareceu a Moisés na sarça ardente, no Monte Sinai, e que em seguida o enterrou, era o *anjo* do Senhor, Memra, e não o Senhor; e que este, que os hebreus do *Velho Testamento* tomavam por *Iahoh*, era apenas Seu mensageiro, um dos Seus filhos, ou emanações. Tudo isso estabelece apenas uma conclusão lógica - a saber, que os gnósticos eram muito superiores aos discípulos, do ponto de vista da educação e de informação geral, e mesmo em termos de um conhecimento dos princípios religiosos dos próprios judeus. Estando perfeitamente a par da sabedoria caldaica, os discípulos bem-intencionados, piedosos, fanáticos e ignorantes, incapazes de compreender completamente ou de extrair o espírito de seu próprio sistema, eram levados em suas discussões a adotar termos de uma lógica convincente, tais como "bestas selvagens", "porcos", "cães" e outros epítetos tão livremente empregados por Pedro (apóstolos).

A DOCTRINA DE ARCANJOS E ANJOS, NA TEOLOGIA CRISTÃ. (L. 3. pág. 184).

A teologia cristã, tomando a doutrina dos arcanjos e dos anjos diretamente da *Cabala* oriental, da qual a *Bíblia* mosaica é apenas uma cópia alegórica, deveria pelo menos lembrar-se da hierarquia inventada por ela para essas emanações personificadas. As hostes dos querubins e dos serafins, que geralmente rodeiam as Madonas católicas em suas pinturas, pertencem, com os Elohim e os Beni Elohim dos hebreus, ao *terceiro* mundo cabalístico, o *Yetzirah*. Este mundo é apenas um grau mais alto do que *Asiah*, o quarto mundo e o mais inferior, no qual residem os seres mais grosseiros e mais materiais - os *klippoth*, que se satisfazem no mal e na malignidade, e cujo chefe é *Belial*!

Explicando, à sua maneira, naturalmente, as várias "heresias" dos dois primeiros séculos, Irineu diz: "Nossos heréticos afirmam (...) que PROPATÔR só é conhecido do *filho unigênito*, isto é, da *mente*" (o Nous). Foram os velentianos, seguidores do "mais profundo doutor da gnose", Valentino, que afirmaram que "existia um AIÔN perfeito, que existiu antes de Bythos", ou Bythos (a Profundidade), "chamado Propatôr".

Na metafísica religiosa dos hebreus, o Altíssimo é uma abstração; ele é "sem forma ou ser", "sem semelhança com nenhum outro". E até Filon define o Criador como o *Logos* que vem depois de Deus, "o SEGUNDO DEUS". "O *segundo* DEUS que é sua SABEDORIA". Deus é NADA, ele é sem nome, eis porque o chamam *Ain Soph* - sendo que a palavra *Ain* significa *nada*. Mas se, de acordo com os judeus antigos, Jeová é o Deus, e Ele Se manifestou muitas vezes a Moisés e aos profetas, e se os cristãos anatematizaram os gnósticos que negaram o fato - como é, então, que lemos no quarto Evangelho que *'Nenhum homem viu Deus EM TEMPO ALGUM*, mas o Filho *unigênito* (...) é aquele que o fez conhecer"? [I, 18]. As mesmas palavras dos gnósticos, em espírito e em substância. Essa frase de São João - ou antes de quem escreveu o Evangelho que agora leva o seu nome - derrota todos os argumentos petrinos contra Simão, o Mago, inapelavelmente. As palavras são repetidas e enfatizadas no cap. VI, 46: "*Não que alguém tenha visto o Pai*, senão só aquele que é de Deus, esse [Jesus] é o que tem visto o Pai" - e é justamente essa objeção que Simão adianta nas *Homilias*. Essas palavras provam que, ou o autor do quarto evangelho ignorava totalmente a existência das *Homilias*, ou então que ele *não* era João, amigo e companheiro de Pedro, que ele contradiz com esta afirmação enfática. Seja como for, essa frase, como muitas outras que poderiam ser citadas com proveito, tende a confundir completamente o Cristianismo com a Gnose oriental e, por conseguinte, com a *CABALA*.

Ao passo que as doutrinas, o código de ética e as práticas da religião cristã foram adaptadas do Bramanismo e do Budismo, suas cerimônias, vestimentas e cortejos foram tomados em bloco do Lamaísmo. Os mosteiros católicos romanos de monges e de monjas são cópias bastante servis de casas religiosas similares do Tibete e da Mongólia, e exploradores interessados na questão nos países budistas, obrigados a reconhecer esse fato desagradável, não tiveram outra alternativa senão, com um anacronismo que ultrapassou todos os limites, atribuir a ofensa de plágio a um sistema religioso que a sua própria mãe Igreja havia espoliado. Esse estratagema serviu a seu objetivo e teve a sua época. Chegou, finalmente, a hora em que esta página da história dever ser escrita.

CAPÍTULO V

OS MISTÉRIOS DA CABALA.

N. Compilador **AIN SOPH** - O "Ilimitado" ou Infinito; a divindade que emana e se expande. Na Cabala, o Ancião dos Anciões; o Eterno; a Causa Primeira. Para os cabalistas caldeus primitivos, Ain Soph era "sem forma ou ser", sem qualquer semelhança com outra coisa. A Divindade é Não-Coisa, é inanimada e, portando chamada Ain Soph, Ain significa Nada.

SEPHIROTH - [Plural de Sephira]. - São as dez emanações da Divindade; a mais elevada é a formada pela concentração do *Ain Soph Aur* ou Luz infinita e cada Sephira produz, por emanação, outro Sefirah. Os nomes dos dez *Sephiroth* são: 1º) *Kether*, a Coroa; 2º) *Chokmah*, Sabedoria; 3º) *Binah*, Inteligência; 4º) *Chesed*, Misericórdia; 5º) *Geburah*, Poder; 6º) *Tiphereth*, Beleza; 7º) *Netzach*, Vitória; 8º) *Hod*, Esplendor; 9º) *Jesod*, Fundamento; 10º) *Malkuth*, Reino. (G. Teosófico de H. P. B.)

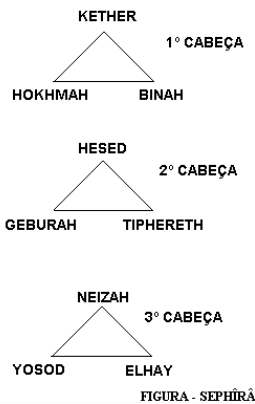
Os "Dez Membros" do "Homem Celeste" são os Dez Sephiroth, mas o primeiro "Homem Celeste" é o Espírito Não Manifesto do Universo, não devendo jamais ser desvirtuado e confundido com o Microsopo ou Microcosmo, a Face ou Aspecto Menor, o protótipo do homem no plano terrestre. O Microcosmo, como dissemos, é o Logos manifesto, e há muitos destes Logos. (A Doutrina Secreta de H.P.B.).

AS VÁRIAS REPRESENTAÇÕES DAS DIVINDADES, "AIN-SOPH E AS SEPHIRÓTH". (L. 3. pág. 191).

Daremos atenção, agora, a alguns dos mais importantes mistérios da *Cabala*, e estudaremos suas relações com os mitos filosóficos de várias nações.

Na mais antiga *Cabala* oriental a Divindade é representada como três círculos em um, cercados por uma certa exalação caótica ou fumacenta. No prefácio do *Zohar*, que transforma os três círculos primordiais em TRÊS CABEÇAS, descreve-se sobre estas uma exalação ou fumaça, nem preta, nem branco, mas incolor, e circunscrita num círculo. Essa é a Essência desconhecida. A origem da imagem judaica pode ser talvez remetida ao *Poimandres*

de Hermes, o *Logos* egípcio, que aparece numa nuvem de natureza úmida, como fumaça que dela escapa. No *Zohar*, o Deus supremo é, como mostramos no capítulo anterior, e como no caso das filosofias hindus e budista, uma pura abstração, cuja existência objetiva é negada pelos últimos. É Hokhmanh, a "SABEDORIA SUPREMA", que não pode ser compreendida pela reflexão, e que repousa dentro e fora do CRÂNIO de LONGO ROSTO (Sefirah), a mais elevada das três "Cabeças". É o "Ain Soph infinito", a Não-Coisa.



N. C. Acrescentamos a figura SEPHIRÁ, criamos três triângulo, afim de que o leitor, tenha um ponto de referência para as explicações do texto.

As "três cabeças", superpostas umas às outras, foram evidentemente tomadas dos três triângulos místicos dos hindus, que também aparecem superpostos. A "cabeça" superior contém a *Trindade no Caos*, da qual brota a trindade manifesta. Ain Soph, o eterno irrevelado, que é ilimitado e incondicionado, não pode criar, e por conseguinte parece-nos um grande erro atribuir a ele um "pensamento criador", como o fazem habilmente os intérpretes.

Em todas as cosmogonias, essa Essência suprema é *passiva*; se infinita, ilimitada e incondicionada, ela não pode ter nenhum *pensamento* ou *idéia*. Ela age não como resultado da volição, mas em obediência à sua própria natureza, e *de acordo com a fatalidade da lei de que ela própria é a encarnação*. Portanto, para os cabalistas hebreus, Ain Soph é não-existente, pois é incompreensível aos nossos intelectos finitos, e por conseguinte não pode existir para as nossas mentes. Sua primeira emanação é, Kether, a coroa. Ao ocorrer o momento para um período ativo, produz-se uma expansão natural dessa essência Divina de dentro para fora, obediente à lei eterna e imutável. Dessa Luz Eterna e Infinita (que para nós é trevas) se emite uma substância espiritual. Essa sendo a Primeira Sefirah, que contém em si as outras nove Sephiroth, ou inteligências. Em sua totalidade e unidade, elas representam o homem arquétipo, Adão-Cadmo, o que em sua individualidade ou unidade ainda é dual, ou bissexual, o Digamos grego, pois ele é o protótipo de toda a Humanidade. O temos, assim três trindades, cada qual contida numa "cabeça". Na primeira cabeça, ou face (a *Trimurti* hindu de três faces), encontramos *Kether*, o primeiro andrógino, no ápice do triângulo superior, que emite *Hokhmah*, ou Sabedoria, uma potência masculina ativa - também chamada *Yáh* - e *Binah*, ou Inteligência, uma potência feminina e passiva, também representada pelo nome *Yahweh*. Essas três formam a primeira Trindade, ou "face", das Sephiroth. Essa Tríade emanou *Hesed*, ou misericórdia, uma potência ativa

masculina, também chamada *Eloah*, da qual emanou *Geburah*, ou justiça, também chamada *Pa'had*, uma potência passiva feminina; da união de ambas produziu-se *Tiphereth*, beleza, clemência, o Sol espiritual, conhecido por seu nome divino *Elohim*; e a segunda Triade, "face" ou "cabeça", se formou. Essa emanaram, por sua vez, a potência masculina *Netzah*, Firmeza, ou *Yehovah-Tsabaôth*, que deu origem à potência passiva feminina Hod, Esplendor, ou *Elohim-Tsabaôth*; as duas produziram Yesod, Fundação, que é o poderoso existente, *El Hay*, propiciando assim a terceira trindade ou "cabeça". A décima Sefirah é antes uma Díada, e é representada nos diagramas como o círculo inferior. É *Malkhuth*, ou Reino, e *Shekhinah*, também chamad' *Adonai* e *Cherubim* entre as hostes angélicas. A primeira "cabeça" é chamada de mundo Intelectual; a segunda "cabeça" é o Sensual, ou o mundo da Percepção, e a terceira é o mundo material ou físico.

O UNIVERSO ANTES DE TER UMA FORMA. A PRIMEIRA RELIGIÃO SABEDORIA. (L. 3. pág. 192).

"Antes de ter dado forma ao universo" - diz a *Cabala* -, "antes de ter produzido qualquer forma, ele era só, sem forma ou semelhança com o que quer que seja. Quem, então, pode compreendê-lo, tal como era antes da criação, visto que não tinha forma? Por conseguinte, é proibido representá-lo por qualquer forma, similitude, ou mesmo por seu nome sagrado, por uma simples letra, ou um simples ponto. (...) O Ancião dos Anciões, o Desconhecido dos Desconhecidos tem uma forma, mas não tem nenhuma forma, porque ele não pode ser compreendido. Quando assumiu uma forma pela primeira vez em Sefirah, sua primeira emanção, nove luzes esplêndidas dele emanaram".

Voltaremos agora à cosmogonia esotérica hindu e à definição daquele "que é e não é".

"Daquele que É, desse Princípio imortal que existe em nossas mentes mas não pode ser percebido pelos sentidos, nasce Purusha, o masculino e o feminino divinos, que se torna *Nârâyana*, ou Espírito Divino que se move nas águas."

Svayambhû, a essência desconhecida dos brâmanes, é idêntico a Ain Soph, a essência desconhecida dos cabalistas. Assim como para estes, o Nome Inefável não pode ser pronunciado pelos hindus, sob pena de morte. Na antiga Trindade primitiva da Índia, que pode com certeza ser considerada como pré-Védica, o *germe* que fecunda o *princípio da mãe*, o ovo mundano, ou o útero universal, chama-se *Nara*, o *Espírito*, ou o Espírito Santo, que emana da essência primordial. Tal como Sefirah, a emanção mais antiga, é chamada de *ponto primordial*, e de *Cabeça Branco*, pois é o ponto da luz divina que surge das trevas insondáveis e infinitas. No *Manu* é "NARA", ou o Espírito de Deus, que movimenta "Ayana [Caos, ou lugar de movimento], e por isso é chamada de NÂRÂYANA, o que se move nas águas". Em Hermes, o egípcio, lemos: "No início do tempo, nada havia no caos". Mas quando o *Verbo*, que brotou do vazio como uma "fumaça sem cor", fez sua aparição, então "este *Verbo*, se moveu sobre o princípio úmido". E no Gênesis [I,2], lemos o seguinte: E as trevas cobriam o abismo [caos], e o Espírito de Deus se movia sobre as águas". Na *Cabala*, a emanção do princípio passivo primordial (Sefirah), dividindo-se em duas partes, ativa e passiva, emite Hokhmah-Sabedoria e Binah-Yehovah, em conjunto com esses dois acólitos, que completam a Trindade, torna-se o Criador do Universo abstrato, sendo o mundo físico a produção de poderes posteriores e ainda mais materiais. Na cosmogonia hindu, Svayambhû emite Nara e Nârî, sua emanção bissexual, e dividindo suas partes em duas metades, masculina e feminina, essas fecundam o ovo cósmico, no qual desenvolve Brahmâ ou antes *Virâj*, o Criador. "O ponto de partida da mitologia egípcia" - diz Champollion - "é uma Tríada (...) a saber, Kneph, Neith e Phtah; e Amon, o masculino, o pai; Mult, o feminino, a mãe; e Khonsu, o filho."

AS DEZ SEPHIRÔTH, SÃO CHAMADOS DE "SENHORES DE TODOS OS SERES". (L. 3. pág. 193).

As dez Sefiroth são cópias tomadas dos dez Prajâpatis criados por Virâj, chamados de "Senhores de todos os seres", e correspondentes aos patriarcas bíblicos.

Justino, o Mártir, explica algumas das "heresias" de sua época, mas de maneira bastante insatisfatória. *Ele assinala, contudo, a identidade de todas as religiões do mundo em seus pontos de partida.* O primeiro *início* se abre invariavelmente com a divindade *desconhecida e passiva*, que produz de si mesmo um certo poder ou virtude ativa, "Racional", que às vezes é chamada de SABEDORIA, às vezes do FILHO, e ainda de Deus, Anjo, Senhor e LOGOS. Este último termo se aplica às vezes à primeira emanção, mas em vários sistemas ele procede do primeiro raio andrógino ou duplo produzido no início pelo invisível. Filon descreve essa sabedoria como masculina e feminina. Mas embora sua primeira manifestação tenha um início, pois procede de *Olam* (Aiôn, tempo), o maior de todos os Aeôns, quando emitidos dos Pais, ela permanece com ele *antes de todas as criações*, pois é parte dele. Por conseguinte, Filon, o Judeu, chama Adão-Cadmo de "mente" (a Ennoia de Bythos, no sistema gnósticos). "Que a mente seja chamada de Adão."

O LIVRO DO GÊNESE UMA COMPILAÇÃO DAS LENDAS DO MUNDO ANTIGO. (L. 3. pág. 193).

Estritamente falando, é difícil conceber o *Livro do Gênese* judaico como outra coisa que uma chispa do tronco da árvore cósmica da Cosmogonia universal, traduzida nas alegorias orientais. Assim como todo ciclo é sucedido por um ciclo, e uma nação após outra vem ao placo do mundo para representar o seu breve papel, no majestoso drama da vida humana, cada novo povo deriva das tradições ancestrais à sua própria religião, dando-lhe uma cor local, e assinalando-a com suas características individuais. Embora cada uma dessas religiões tenha os seus traços distintos, pelos quais, na falta de outros vestígios arcaicos, a categoria física e psicológica pode ser estimada, todas preservam uma vinculação comum a um protótipo. Esse culto primordial não era outro senão a primitiva "religião da sabedoria". As *Escrituras* israelitas não são exceção. Sua história nacional - se podem elas reclamar qualquer autonomia antes do retorno da Babilônia, onde não eram mais do que seitas migratórias dos párias hindus - não pode remontar a antes de Moisés; e se esse sacerdote anteriormente egípcio deve, por causa da necessidade teológica, ser transformado num patriarca hebreu, devemos insistir em que a nação judia seja retirada dos juncos do Lago Moeris. Abraão, seu pretense pai, pertence à mitologia universal. É bastante provável que ele seja um dos numerosos aliados de *Zeruan* (Saturno), o rei da idade de ouro, que é também chamado de Ancião (emblema do tempo).

Está agora demonstrado pelos assiriólogos que nos antigos livros caldeus, Abraão é chamado de Zeru-an, - um homem rico em ouro e prata, um príncipe poderoso. Ele é também chamado de Zarouan e Zarman - um velho decrépito.

A TORRE DE BABEL, CONSTRUÍDA PELOS DESCENDENTES DE SEM. (L. 3. pág. 194).

Diz Eupolemos que Abraão nasceu em Camarina ou Ur, uma cidade de arautos da Verdade, e que inventou a *Astronomia*. Josefo afirma o mesmo de Terah, pai de Abraão. A Torre de Babel foi construída tanto pelos descendentes diretos de Sem como por aqueles "malditos" Cam e Canaã, pois naqueles tempos os povos eram "um só" e a "terra inteira falava a mesma língua"; Babel era apenas um Torre astrológica e seus construtores eram astrólogos e adeptos da primitiva religião da sabedoria, ou ainda do que nós chamamos de doutrina secreta.

Sibila de Berossian diz: Antes da Torre, Zeru-an, os Titãs e Yapetosthes governavam a Terra; Zeru-an queria ser o supremo, mas os seus dois irmãos resistiram, até que sua irmão Astlik interveio e os apaziguou. Ficou combinado que Zeru-an deveria governar, mas os seus filhos homens seriam condenados à morte, e os fortes titãs foram designados para cumprir essa tarefa.

OS MISTÉRIOS DO ESPÍRITO HUMANO, E A COROA IMORTAL. (L. 3. pág. 195).

Elam, outro dos filhos de Sem, é Olam, e se refere a uma ordem ou ciclo de acontecimentos. No *Eclesiastes*, III, 11, é denominado "mundo". Em *Ezequiel*, XXVI, 20, de "dos velhos tempos". No *Gênese*, III, 22, a palavra tem o sentido de "para sempre"; e no cap. IX, 16, de "eterno". Finalmente, o termo é completamente definido, no *Gênese*, VI, 4, com as seguintes palavras: "Havia *Nephilim* (gigantes, homens caídos ou titãs) na Terra". A palavra é sinônimo de Aeôns. Em provérbios, VIII, 23, se lê: "Fui construído de *Olam*, de *Rosh* (sabedoria)". Com essa sentença, o sábio rei cabalista se refere a um dos mistérios do espírito humano - a coroa imortal da natureza trina do homem. Ao mesmo tempo que deve ser entendido como está acima, deve ser interpretado cabalisticamente significado que o eu (ou o meu eterno *Ego* imortal) ou a entidade espiritual foi fundido desde a eternidade infinita e inominável, por meio da sabedoria criativa do Deus desconhecido. Na tradução canônica se lê: "Desde a eternidade fui constituída e desde o princípio, antes de a Terra ser criada", o que é um contra-senso ininteligível, sem a interpretação cabalística. Quando Salomão é levado a dizer que era "desde o início... enquanto Ela (a Divindade Suprema) ainda não tinha feito a Terra... nem a parte mais elevada da poeira do mundo... eu estava lá, "e" quando Ele lançou os alicerces da Terra... então eu estava com Ele, *como alguém criado com Ele*" o que os cabalistas significam com o *Eu*, a não ser o seu próprio espírito divino, uma gota derramada daquela fonte eterna de Luz e Sabedoria - o espírito universal da Divindade?

O facho de glória emitido por Ain Soph da mais alta das três cabeças cabalísticas, através do qual "todas as coisas brilham na Luz" o facho que sai através do *Primus* Adão, é o Espírito Individual de todo Homem. "E cada dia me deleitava com (Ain Soph) ele brincando o tempo todo diante dele... e as minhas delícias eram `estar com os filhos dos homens', acrescenta Salomão no mesmo capítulo dos *Provérbios* (30-1). O espírito imortal se compraz nos *filhos dos homens*, pois, sem o espírito nada mais havia do que dualidades (corpo físico e alma astral, ou aquele *princípio de vida* que anima até mesmo a menor das formas do reino

animal). Todavia, vimos que a doutrina ensina que esse espírito não pode se unir ao homem quando há matéria e tendências muito grosseiras de sua alma animal, que sempre o estarão expulsando devido ao seu grande número. Por essa razão, Salomão, que foi induzido a falar sob inspiração do próprio espírito que o possui durante toda a sua vida, proferiu as seguintes palavras de sabedoria: "Ouvi-me, meu filho" (o homem dual), "bem-aventurados os que guardam os meus caminhos... Bem-aventurado o homem que me ouve, e que vela diariamente à entrada da minha casa... Aquele que me achar, *achará a vida*, e obterás a salvação do Senhor... Aquele porém que pecar *contra mim* fará mal à *sua alma*... e ama a *morte*" (Provérbios, VIII, 32-6).

Este capítulo, como foi interpretado por alguns teólogos, aplica-se, como tudo o mais, a Cristo, o "Filho de Deus", que repetidamente afirma que quem o seguir obterá a vida eterna e vencerá a morte. Mas até mesmo em sua tradução distorcida pode-se demonstrar que ele se refere a qualquer coisa que não o pretense Salvador. Se aceitássemos isso nesse sentido, então a Teologia cristã de retornar, *nolens volens*, ao Avernoísmo e ao Budismo; em suma, à doutrina da emanção. Pois Salomão diz: "Eu fui constituído de *Olam e Rosh*, sendo ambos parte da Divindade; e dessa forma o Cristo não seria, como a sua doutrina prega, o próprio Deus, mas apenas uma *emanção* Dele, como o Cristo dos gnósticos. Onde, o sentido da personalidade gnóstica da eternidade, palavra que significa ciclos ou determinados períodos da eternidade e, ao mesmo tempo, representa uma hierarquia de seres celestiais - os espíritos. Portanto, o Cristo algumas vezes é denominado de a "Eternidade". Mas a palavra "eterno" é errônea com relação aos Aeôns. Eterno é o que não tem começo e nem fim; no entanto, as *emanções* ou Aeôns, embora tivesse sido absolvidas na essência divina da eternidade, uma vez emanadas individualmente, têm princípio. Podem, portanto, ser *infindáveis* em sua vida espiritual, mas nunca eternas.

Essas emanções intermináveis da única *Causa Primeira*, que foram todas transformadas pela imaginação popular nos diversos deuses, espíritos, anjos e demônios, eram consideradas tão pouco imortais que a todas se atribuiu uma existência limitada. E essa crença, comum a todos os povos da Antigüidade, aos magos caldeus bem como aos egípcios, e mesmo até hoje é mantida pelos bramanista e pelos budista, mais gloriosamente evidencia o monoteísmo dos antigos sistemas religiosos. Essa doutrina chama o período de vida de todas as divindades inferiores "um dia de Parabrahman". Depois de um ciclo de quatro bilhões, trezentos e vinte milhões de anos humanos - diz a tradição - a própria Trindade, com todas as divindades menores, será aniquilada, juntamente com o universo, e deixará de existir. Em seguida, gradativamente, um outro universo emergirá de pralaya (dissolução), e os homens sobre a Terra serão capazes de compreender SVAYAMBHŪ como ele é. Isoladamente, a causa primordial existirá para sempre, em toda a sua glória, enchendo o espaço infinito. Que prova melhor poderia ser acrescentada, do profundo sentimento de reverência com o qual o "pagão" considera a única Suprema causa eterna e todas as coisas visíveis e invisíveis?

A CRENÇA NA ETERNIDADE, E A INDESTRUTIBILIDADE DA MATÉRIA. (L. 3. pág. 196).

Essa é novamente a fonte de onde os antigos cabalistas tiraram as suas doutrinas idênticas. Se os cristãos entendem o Gênesis a seu modo, e ao aceitar literalmente esses textos impõem a crença da criação do mundo a partir do nada à massa inculta, atribuindo além disso a esse mundo um *começo*, certamente não são os tannaim, os únicos intérpretes do sentido oculto da *Bíblia* que merecem ser censurados. Eles nunca acreditaram, mais do que qualquer outro filósofo, nas criações espontâneas, limitadas ou *ex nihilo*. A *Cabala* sobreviveu para mostrar que a sua filosofia era precisamente a dos modernos budistas do Nepal, os *Svâbhâvikas*. Eles acreditam na *eternidade e na indestrutibilidade da matéria* e, a partir disso, em muitas criações e destruições anteriores de mundos, antes do nosso próprio. "Existiram mundos que pereceram." "A partir disso podemos ver que o Único Sagrado abençoado seja o Seu nome, criou e destruiu sucessivamente diversos mundos, antes de criar o mundo atual; e quando Ele criou este mundo disse: 'Isso me agrada; os anteriores não me agradaram.'" Além disso, eles acreditavam, da mesma forma que os *svâbhâvikas*, agora chamados ateístas, que tudo procede (é criado) de sua própria natureza e que logo que o primeiro impulso é dado pela Força Criativa inerente na "Substância autocriada", ou Sefirah, tudo evolui de si mesmo, segundo o seu modelo, o mais espiritual protótipo que precede na escala da criação infinita. "O ponto indivisível que não tem limite e não pode ser compreendido (porque é Absoluto), se expande do íntimo, e forma uma grandeza que serve de veste (de véu) para o ponto indivisível. ... Ele, também, se expande do interior... Portanto, *tudo foi originado através* de uma constante agitação elevadora, e dessa forma finalmente o mundo se originou."

A TRINDADE CABALISTA, UM MODELO DA TRINDADE CRISTÃ. (L. 3. pág. 197).

A trindade cabalística é um dos modelos da Trindade Cristã. "A Secular, cujo nome é santificado, tem três cabeças, que perfazem uma só." *Tria capita exsculpta sunt, unum intra, et alterum supra alterum.* "Três cabeças estão introduzidas uma na outra, e uma sobre a outra. A primeira cabeça é a Sabedoria Oculta (*sapientia abscondita*). Embaixo dessa cabeça está a SECULAR (Mônada Pitagórica), o mais secreto dos mistérios; uma cabeça que não é cabeça (*caput quod non est caput*); ninguém pode saber o que existe nesta cabeça. Nenhum intelecto é capaz de compreender esta sabedoria." Esse *Senior Sanctissimus* é envolvido pelas três cabeças. Trata-se da eterna LUZ da Sabedoria; e a sabedoria é a fonte de onde se originaram todas as manifestações. "Essas três cabeças incluídas em UMA CABEÇA (que não é cabeça); e essas três são curvadas para baixo (protegidas) por PEQUENA FACE (o Filho) e através delas todas as coisas brilham na Luz." "Ain Soph emite um raio de Luz a partir de *El* ou *Al* (o mais elevado Deus da Trindade), e a Luz segue com o raio, entra, passa através e sai do *Primus* Adão (Cadm), que está *oculto* até que o plano das disposições (*statum dispositionis*) esteja pronto; esse raio passa por ele da cabeça até os pés; e nele (não Adão oculto) está a imagem de UM HOMEM."

"Quem quiser ter assim um vislumbre da unidade sagrada, deve considerar uma chama surgindo de um carvão em brasa ou de uma lâmpada acesa. Em primeiro lugar, verá uma Luz dupla - uma branco e brilhante, uma preta ou azul: a luz branco está *acima*, ascendendo uma Luz direta, enquanto que a Luz azul ou preta, está *abaixo* e se parece com a base da precedente, ainda que ambas estejam tão intimamente interligadas que constituem uma única chama. A base, entretanto, formada pela Luz azul ou preta, está ligada novamente com a matéria ardente que está *embaixo* dela. A Luz branco nunca muda de cor, sempre permanece branco; no entanto, são observadas várias sombras na Luz mais baixa, ao mesmo tempo que na Luz que está mais abaixo de todas, além de tudo se observa que ela toma duas direções: *acima*, ela está unida com a Luz branco e embaixo com a matéria ardente. Ora, essa está constantemente se consumindo, perpetuamente ascende à Luz superior, e assim tudo se funde numa só unidade."

Essas eram as idéias seculares da Trindade na unidade, como se ela fosse uma abstração. O homem, que é o microcosmo do macrocosmo, ou do arquetípico homem celestial, Adão-Cadm, é igualmente trino; pois ele se constitui de *corpo, Alma e Espírito*.

"Tudo que é criado pelo 'Ancião dos Anciões' pode viver e existir apenas por meio de um macho e uma fêmea", diz o *Zohar*. Apenas Ele, de quem ninguém pode dizer "Tu", porque ele é o espírito da CABEÇA BRANCO em que as "TRÊS CABEÇAS" estão unidas, é Incriado. Do fogo sutil, um dos lados da Cabeça Branco, e do "ar sutil", do outro lado, emanar Shekhinah, o seu véu (o Espírito Sagrado tornado feminino). Esse alento, "diz *Idrah Rabbah*" é o mais secreto (*occultissimus*) atributo do Ancião dos Dias. O Ancião dos Anciões é o *Oculto do Oculto*. Todas as coisas são Ele, Ele está oculto de todos os lados. O *cranium* da CABEÇA BRANCO não tem começo, mas o seu fim tem um reflexo brilhante e uma *perfeição* que é o nosso universo."

OS GNÓSTICOS E OS NAZARENOS PERSONIFICAM O PRIMEIRO E O SEGUNDO HOMEM. (L. 3. pág. 198).

Os gnósticos, bem como os nazarenos, fazendo a alegoria da personificação dizem que o *Primeiro e o Segundo* homem amaram a beleza de Sophia (Sephirah), a primeira mulher, e dessa forma o Pai e o Filho fecundaram a "*Mulher*" celestial e de sua primordial escuridão procriaram a luz visível (Sephirah é a Luz Invisível ou Espiritual), "a que chamaram de CRISTO UNGIDO, ou Rei Messias". Este Cristo é o *Adão de Barro* que antes de sua queda, com o espírito de Adonai, seu Pai, e Shehina Adonai, sua mãe, sobre ele; porque o *Primus* Adão é Adonai ou Adónis. A primordial existência se manifesta por sua sabedoria e produz o Logos *Inteligível* (toda a criação visível). Essa sabedoria foi venerada pelos Ofitas na forma de uma serpente. Até hoje, nós vemos que a primeira e a segunda vida são os dois Adões, ou o primeiro e o segundo homem. No presente jaz *Eva*, ou a ainda não nascida *Eve* espiritual, e ela está dentro do Adão *Primordial*, pois ela é uma parte dele mesmo, que é andrógino. A Eva de barro, ela que será chamada de "a mãe de tudo o que vive" no Gênese, está dentro de Adão, o segundo. E agora, a partir do momento de sua primeira manifestação, o *SENHOR MANO*, A sabedoria Ininteligível, desaparece da cena da ação. Ela se manifestará apenas como Shekhinah, a GRAÇA; pois, a CORONA é "a mais íntima Luz de todas as Luzes", e portanto é a própria essência das "trevas".

Na *Cabala*, Shekhinah é a nona emanção de Sephirah (Na Cabala Sephirah, ou a "Sagrada Anciã", é a Inteligência Divina), que contém todos os dez Sephiroth dentro de si mesma. Ela pertence à terceira Tríada e é produzida juntamente com *Malkhuth* ou "Reino", do qual ela é a contrapartida feminina. Além disso, assegura-se que ela é mais elevada que qualquer desses, pois ela é a "Glória Divina", o "véu", ou "a veste" de

Ain Soph. Os Judeus, cada vez que ela é mencionada no *Targumin*, dizem que ela é a glória de Jeová, que mora no tabernáculo, manifestando-se como uma nuvem visível; a "Glória" que descansa no assento sagrado do *Sancta Sanctorum*.

No sistema nazareno ou bardesiano, que pode ser denominado de Cabala dentro da Cabala, o Ancião dos Dias - *Antiquus Altus* - que é o Pai do Demiurgo do Universo, é chamado a *Terceira* Vida, ou *Abathur*; e ele é o Pai de *Pthahil*, que é o arquiteto do universo visível, que ele chama à existência pelos poderes de seu gênio, sob ordem do "Maior de Todos"; o Abathur corresponde ao *Pai* de Jesus na posterior Teogonia cristã. Então, essas duas *Vidas* superiores são a coroa dentro da qual mora o maior *Ferho*. "*Ferho* existia antes que qualquer criatura viesse à vida." Esta é a Primeira Vida, em forma e invisível, em que existe o vivente Espírito da *Vida*, Mais elevada GRAÇA. São UM a partir da eternidade, pois são Luz e a CAUSA da Luz. Portanto, correspondem à *Sabedoria* cabalística oculta e à oculta Shekhinah - o Espírito Sagrado. "Essa Luz que se manifesta é a veste do Oculto Sagrado, "diz *Idrad Zutah*. E o "homem celestial" é o Adão Superior". Ninguém conhece os seus caminhos, exceto *Macroprosopus*" (Face longa) - o deus superior *ativo*. "Não como eu estou escrito quero ser lido; neste mundo o meu nome será escrito Jeová e lido Adonai", diz acertadamente o Rabino. Adonai é Adão-Cadmo; ele é ambos, PAI E MÃE. Por essa dupla meiação, o Espírito do "Ancião dos Anciões" desce sobre *Microprosopus* (Pequena Face) ou o Adão do Éden, e o "Senhor Deus assoprou em suas narinas o alento vital".

Quando a mulher se separou de seu andrógino, e se tornou uma individualidade distinta, a primeira história se repetiu novamente. Ambos, Pai e Mãe, os dois Adões, amam a sua beleza; e, em seguida, seguem a alegoria da tentação e da queda. Está na *Cabala*, bem como no sistema dos ofitas, em que ambos, Ophis e Ophiomorphos são emanações emblemáticas de serpentes, as precedentes representando a eternidade, a sabedoria e o espírito (como no magismo caldeu do culto, a áspide e a Doutrina da Sabedoria, nos velhos tempos), e mais tarde em Cuning, Envy e Matter. Tanto o espírito como a matéria são serpentes; e Adão-Cadmo se torna Ophis que tenta a si mesmo - homem e mulher - a sabedoria da "Árvore do bem e do Mal", a fim de ensiná-los nos mistérios da sabedoria espiritual. A Luz tenta as Trevas, e as Trevas atraem a Luz, pois as trevas são a *matéria* e "a Mais elevada Luz não brilha em sua *Tenebrae*". Com a sabedoria sobrevem a tentação do Ophiomorphos e esta prevalece. O dualismo de qualquer religião existente é revelada pela queda. "Eu recebi um homem *do Senhor*" exclama Eva, quando o Dualismo, Caim e Abel - mal e bem - nasceu. "E Adão conheceu Hua, a sua mulher (*astu*), e ela engendrou e deu à luz *Kin*, e disse: *Kanithi aish ath Yahveh* - Eu recebi ou obtive um marido, por *Yahveh (Ish-homem)*".

AS VISÕES APOCALÍPTICAS. (L. 3. pág. 202).

No Apocalipse de João, o Teólogo, se diz: "Eu voltei-me e vi... no meio dos *sete candeeiros* alguém semelhante ao Filho do Homem... sua cabeça e seu cabelo pareciam lá, brancos como neve; e seus olhos pareciam uma como chama de fogo... e seus pés eram semelhantes ao latão fino quando está numa fornalha ardente" (I,12,-5). *João* repete nessa passagem, como se sabe bem, as palavras de Daniel e de Ezequiel. "O Ancião dos Dias... cujo cabelo era branco como pura lã... etc." E "a semelhança de um homem... acima do trono... e a semelhança do fogo, e ela tinha refulgência a toda a volta". O fogo é "a glória do Senhor". Pthahil é o filho do homem, a Terceira Vida, e sua parte superior está representada tão branca como a neve; enquanto está em pé perto do trono do fogo ardente, ele tem a aparência de uma chama.

Todas essas visões "apocalíptica" baseiam-se na descrição da "cabeça branca" de *Zohar*, em quem está unidade a trindade cabalista. A cabeça branca, "que oculta em seu crânio o espírito", e que é rodeada pelo fogo sutil. A "semelhança de um homem" é aquela de Adão-Cadmo, através de quem passa o facho de luz representado pelo fogo. Pthahil é o *Vir Novissinis* (o homem mais novo), o filho de Abathur, sendo esse último o "homem" ou a *terceira* vida (A primeira Díada andrógina, considerada como uma *unidade* em todas as computações secretas, é, por conseguinte, o Espírito Santo.), agora o terceiro personagem da Trindade. *João* vê "alguém semelhante ao filho do homem", segurando em sua mão direita sete estrelas, e de pé entre "sete candeeiros dourados (*Apocalipse*, I). Pthahil ocupa sua "posição no alto", segurando a vontade de seu pai, "o mais elevado Aeon que tem sete cetros e sete gênios, que astronomicamente representam os sete planetas ou estrelas. Ele está em pé "brilhando nas vestes do Senhor, resplandecente por meio dos gênios". Ele é o Filho do seu Pai, a Vida, e de sua mãe, o Espírito, ou Luz. No *Evangelho segundo São João*, Logos é representado como aquele em quem havia "Vida, e a vida era a *Luz* dos homens" (I, 4). Pthahil é o Demiurgo, e seu pai criou o universo visível da matéria através dele. N *Epístola de Paulo aos Efésios* (III, 9), diz-se que Deus "*criou todas as coisas* por meio de Jesus." No *Codex*, a VIDA - Progenitora diz: "Levante-se, vá nosso filho ungido em primeiro lugar, ordenando para todas as criaturas". "Assim como o Pai que vive me enviou", diz Cristo, "Deus enviou o seu filho ungido para que nós possamos viver" (João, VI, 57; I João, IV, 9).

Finalmente, tendo concluído a sua obra na Terra, Pthahil se eleva até o seu Pai Abathur. "Meu pai me enviou... Eu vou ao Pai", repete Jesus.

Deixando de lado as disputas teológicas do Cristianismo, que tenta fundir o Criador Judaico do primeiro capítulo do Gênese com o "Pai" do *Novo Testamento*, Jesus a afirma repetidamente do seu Pai: "Ele está *oculto*". Certamente ele não teria denominado desta forma o sempre-presente "Senhor Deus" dos livros mosaicos, que Se mostrou a Moisés e aos Patriarcas, e que finalmente permitiu que os anciãos de Israel olhassem para Ele ("Então subiram Moisés e Abraão, Nadab e Abiú, e os setenta anciãos de Israel. E eles viram o Deus de Israel", Êxodo, XXIV, 9-10.). Quando Jesus se pôs a falar no templo em Jerusalém como da "Casa de seu Pai", ele não se referia à construção física, que ele afirmava poder destruir e reconstruir em três dias, mas ao templo de Salomão, o cabalista sábio, que indicava em seus *Provérbios* que cada homem é o templo do Senhor, ou do seu próprio espírito divino. Este termo "Pai que está oculto", nós também vemos tanto na *Cabala* como no *Codex nazareus*, e em outros lugares.

Nós podemos rastrear essa denominação de um Deus "secreto" ainda mais para trás. Na *Cabala*, o "Filho" do Pai *oculto* que reside na luz e na glória, é o "Ungido", o *Zeir-Anpîn*, que une a si mesmo todas as Sefirot, ele é o Cristo, ou o homem celestial. É através de Cristo que o Pneuma, ou o Espírito Sagrado, cria "todas as coisas", (Efésios, III, 9), e produz os quatro elementos, o ar, a água, o fogo e a terra.

O "Filho do Homem" é um título que não deveria ser usado a não ser por cabalistas. Exceto, como verificamos acima, no *Velho Testamento*, ele é usado apenas por um único profeta - Ezequiel, o cabalista. Em suas relações mútuas e misteriosas, os Aeons ou Sefirot são representados na *Cabala* por um grande número de círculos, e algumas vezes pela figura de um HOMEM, que é simbolicamente formado a partir desses círculos. Este homem é *Zeir-Anpîn*, e os 243 números de que a sua figura se constitui, se relacionam com as diferentes ordens da hierarquia celestial. A idéia original dessa figura, ou antes, o seu modelo, pode ter sido extraída do Brahmã hindu, e as várias castas, representadas por algumas partes do seu corpo, como sugere King em seu *Gnostics*. Em um dos maiores e mais bonitos templos - caverna, em Ellora, dedicado à Visvakarman, filho de Brahmã, existe uma representação deste Deus e de suas qualidades. Para alguém acostumado com a descrição de Ezequiel da "semelhança das quatro criaturas viventes" cada uma das quais possuía quatro faces e as mãos de um homem embaixo de suas asas, etc., a figura de Ellora deve certamente parecer absolutamente *Bíblica*. Brahmã é denominado o pai do "homem" bem como de Júpiter e de outros deuses elevados.

A REPRESENTAÇÃO BUDISTA DO MONTE MERU. (L. 3. pág. 205).

É na representação budista do Monte Meru, chamado pelos birmaneses *Myénmo*, e pelos siameses de *Sineru*, que nós encontramos um dos originais de Adão-Cadmo, *Zeir-Anpîn*, o "homem celestial", e de todos os Aeons, Sefirot, poderes, domínios, tronos, virtudes e dignidade da *Cabala*. Entre duas colunas, que são unidas por um arco, cuja abóbada é em forma de meia-lua. Este é o domínio em que reside a Suprema Sabedoria do Âdi-Buddha, a Divindade Suprema e Invisível. Ao lado desse ponto central mais elevado, vem o círculo da emanção direta do Desconhecido - o círculo de Brahmã segundo alguns hindus, do primeiro avatã de Buddha, segundo outros. Isso corresponde ao Adão-Cadmo e às dez Sefirot. Nove dessas emanções são circundadas pela décima, e ocasionalmente são representadas por pagodes, cada um portanto um nome que exprime uma das qualidades principais da Divindade manifesta. Abaixo, então, vêm os sete estágios, ou esferas celestiais, sendo esferas circulada por um mar. Essas são as mansões celestiais dos *devatãs*, ou desses, cada um deles perdendo um pouco de sua santidade e pureza, à medida que se aproximam da Terra. Em seguida vem o próprio Meru, formado por círculos inumeráveis dentro de três círculos maiores, representando a Trindade do homem; e para alguém familiarizado com o valor numérico das letras dos nomes bíblicos, como o da "Grande Besta", ou o de Mithras, e outros, trata-se de um assunto fácil estabelecer a identidade dos deuses-Meru com as emanções, ou com as Sefirot dos cabalistas. Também os gênios dos nazarenos, com as suas missões especiais, são todos eles encontrados nesses mitos mais antigos, numa mais perfeita representação do simbolismo da "doutrina secreta", como era ensinada em eras arcaicas.

O conjunto é rodeado por *Mahã-Samudra*, ou o grande mar - a luz astral e o éter dos cabalistas e dos cientistas; e dentro do círculo central aparece "a semelhança com um homem". Ele é o Akhamôth dos nazarenos, a unidade dupla, ou o homem andrógino: a encarnação celestial, e uma representação perfeita de *Zeir-Anpîn* (pequena face) o filho de *Arikh-Aripîn* (face longa). Agora, essa semelhança é representada em muitas lamaserias por Gautama Buddha, o último dos *avatãras* encarnados. Ainda mais embaixo, sob Meru, fica a morada da grande *Nâga* (literalmente "serpente", no Panteão hindu, é o nome dos espíritos dragão e serpente), que é chamada de *Râjâ-Nâga*, a serpente-rainha - a serpente do Gênese, a *Ophis* gnósticas - e a deusa da terra, *Bhûmayî-Nârî*, que receia o grande dragão, pois ela é Eve, "a mãe de tudo o que vive". Ainda

mais embaixo está a oitava esfera, as regiões infernais. As regiões mais superiores de Brahmâ são rodeadas pelo Sol, pela Luz e pelos planetas, os sete astrais dos nazarenos e justamente dessa maneira são descritos no *Codex*.

Estes são os sete demônios impostores que iludiram os filhos de Adão: O nome de um deles é *Sol*, do outro é *Spiritus Venereus*, Astro; do terceiro é *Nebu*, Mercurius, *um falso Messias*; ... o nome é Sin, *Luna*; o quinto é *Khîyûn*, Saturno; o sexto é *Bel*, Zeus; o sétimo *Nerig*, Marte." Em seguida há "*Sete Vidas procriadas*", sete bons Astrais, "os quais são de Kebar-Ziwa, e são aqueles brilhantes, que brilham com forma e esplendor próprios que provêm do alto... No portal da CASA DA VIDA, o trono está dignamente colocado para o Senhor do Esplendor, e há TRÊS habitações". As habitações da *Trimûrti*, a trindade hindu estão colocadas ao lado da chave da abóbada - a meia-lua dourada, na representação de Meru. "E havia sob os seus pés [do Deus de Israel] como uma obra de pedra de safira." (Êxodo, XXIV, 10). Sob a meia-lua está o céu de Brahmâ, toda pavimentada com safiras. O paraíso de Indra é resplandecente com mil Sóis; o de Shiva (Saturno) fica no nordeste; seu trono é feito de lápis-lazuli e o chão do céu é de ouro incandescente. "Quando ele senta no trono, ele arde em chamas até a altura dos rins."

Nesse deus reconhecemos a descrição dada por Ezequiel, no primeiro capítulo de seu livro, de sua visão, em que ele apreende a "semelhança de um homem" nas quatro criaturas viventes, que têm "quatro faces, quatro asas", que têm um par de "pés retilíneos que cintilam como a cor do bronze queimado... e seus anéis estavam cheios de olhos em volta de todos os quatro". Trata-se do trono e do céu de Shiva que o profeta descreve ao dizer "... e havia algo parecido com um trono, com a aparência de uma safira... e eu vi como a cor de âmbar [ouro] na aparência de fogo à sua volta... de seus rins e até mais para cima, e da aparência dos seus rins até mais para baixo, eu vi como aparência de fogo". (Ezequiel, I, 26, 27). "E seus pés eram semelhantes ao latão fino quando está numa fornalha ardente" (Apocalipse, I,15). "E a semelhança do semblante deles era... uma tinha o rosto de um querubim, e o rosto de um leão... eles também tinham o rosto de um boi e o rosto de uma água" (Ezequiel, I, 10; X, 14). Essa aparência quádrupla, encontramos nos *dois querubins* de ouro, nas duas extremidades do arco; essas quatro *faces* simbólicas foram adotadas, mais tarde, pelos evangelistas, uma por cada um como se pode verificar facilmente nas figuras de Mateus, Marcos, Lucas e João, prefixadas em seus respectivos evangelhos, na Vulgata Romana e nas Bíblias gregas.

A identidade de Saturno com Shiva é mais corroborada ainda, se considerarmos o emblema deste último, o *damaru*, que é uma ampulheta, para mostrar a evolução do tempo, representada por esse deus na sua capacidade de destruição. O boi *Nandi*, o *vâhana* de Shiva e o mais sagrado emblema desse deus, é reproduzido no Ápis egípcio e no boi criado por Ormasde e morto por Ahriman. A religião de Zoroastro, baseada na "doutrina secreta", foi mantida pelo povo de Eritene; era a religião dos persas quando eles conquistaram os assírios. Desde aí, é fácil delinear a introdução desse emblema de VIDA representado pelo boi, em cada sistema religioso. O colégio dos magos o aceitou com a mudança da dinastia; Daniel é descrito como um rabino, o chefe dos astrólogos babilônios e dos magos; e por essa razão vemos os pequenos bois assírios e os atributos de Shiva reaparecendo de forma pouco modificada nos querubins dos judeus talmudísticos, assim como detectamos o boi Ápis nas esfinges ou nos querubins do Arco Mosaico; e como os encontramos há alguns milhares de anos mais tarde, na companhia de um dos evangelistas cristãos, Lucas.

Quem alguma vez viveu tempo suficiente na Índia para se familiarizar, mesmo superficialmente, com as divindades nativas, deve verificar a semelhança entre Jeová e outros deuses, ao lado de Shiva Como Saturno, este último sempre foi muito respeitado pelos talmudistas. Ele foi reverenciado pelos cabalistas alexandrinos como o inspirador direto da lei e dos profetas; um dos nomes de Saturno era Israel, e nós mostraremos, em tempo, a sua semelhança de certa maneira, com Abraão, que Movers e outros sugeriram há muito tempo. Portanto, não deve nos causar espanto que Valentino, Basilides e os gnósticos ofitas colocassem a morada de seu Ialdabaôth, que também tanto é um destruidor, como um criador, no planeta Saturno; pois foi ele que ditou a lei no deserto e falou pela boca dos profetas. Se forem necessárias mais provas, nós as mostraremos no testemunho da própria *Bíblia* canônica. Em *Amos*, o Senhor se encolarizou com o povo de Israel. Ele rejeitou a queima de seus sacrifícios e ofertas e não ouviu as suas preces, mas indagou de Amos, "eles ofereceram sacrifícios e oferendas para mim no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? Porém, eles usaram o tabernáculo de teu Maloch e *Chium* tuas imagens, a *estrela de teu deus*"(v. 25, 26). Quem eram Maloch e *Chium*, a não ser Baal-Saturno-Shiva, e *Chium*, Khîyûn, o mesmo Saturno cuja estrela os israelitas usaram para si mesmos? Parece não haver escapatória neste caso; todas essas divindades são idênticas.

O SALVADOR DA HUMANIDADE. (L. 3. pág. 208).

Saashyant de Zoroastro é moldado no décimo avatâra bramânico, e o quinto Buddha dos seguidores de Gautama; e nós encontramos o anterior, depois de ter passado a parte integrante para o sistema cabalístico

do rei Messias, refletido no apóstolo Gabriel dos nazarenos, e Hibil-Ziwa, o *Legatus*, mandado para a Terra pelo Senhor da Celsitude e da Luz; todos esses - hindus e persas, budistas e judaicos, o Cristo dos gnósticos e o Philonean Logos são encontrados combinados no "Mundo feito carne" do quarto *Evangelho*. O Cristianismo inclui todos estes sistemas, improvisados para se adaptar às circunstâncias. Se considerarmos o *Avesta* - encontraremos ali, o sistema dual que prevalece no esquema cristão. A luta entre Ahriman, as Trevas, e Ormasde, a Luz, tem continuado no mundo, desde o começo dos tempos. Quando chega o pior e parecer que Ahriman (trevas) conquistou o mundo, e corrompeu toda a Humanidade, *então aparecerá o Salvador* da Humanidade, Saoshyant. Ele virá montado num cavalo branco e seguido por um exército de gênios bons, igualmente cavalgando corcéis brancos como leite. E isso encontramos copiado de modo fideligno do Apocalipse: "Eu vi o céu aberto, e eis que apareceu um *cavalo branco*; e o que estava montado em cima dele se chamava o Fiel e o Verdadeiro... E seguiam-no os exércitos que estão no céu em cavalos brancos" (Apocalipse, XIX, 11, 14) O próprio Saoshyant nada mais é que a posterior *permutação* do Vishnu hindu. A figura deste deus pode ser encontrada até os dias de hoje, representada como o Salvador, o "Preservador" (a proteção do espírito de Deus), no templo de Râma. O quadro o apresenta em sua décima encarnação - O *Kalki-avatâra*, que está por vir - como um guerreiro armado montado num cavalo branco. Agitando sobre a sua cabeça a espada [da] destruição, na outra mão segura um escudo formado de anéis concêntricos, emblema dos ciclos que revolvem de grandes eras, pois Vishnu assim aparecerá no fim de *Kali-Yuga*, correspondendo ao fim do mundo esperado por nossos adventistas. "E de sua boca saía uma espada de dois gumes... e na sua cabeça estavam postos muitos diademas" (Apocalipse, XIX, 12, 15). Frequentemente, Vishnu é representado com algumas coroas superpostas na suas cabeça. "E eu vi um anjo de pé no Sol" (17). O *cavalo branco é o cavalo do Sol*. Saoshyant, o salvador persa, também nasceu de uma virgem, e no fim dos dias virá como um redentor para regenerar o mundo, porém será precedido por dois profetas, que virão para anunciá-lo. Em consequência, os judeus que têm Moisés e Elias estão agora esperando pelo Messias. "Em seguida virá a *ressurreição* geral, quando os bons entrarão imediatamente nesta morada feliz - a terra regenerada; e Ahriman e seus anjos (os demônios), e os maus, serão purificados por imersão em um lago de metal derretido... Daí por diante, todos gozarão de felicidade imutável e, liderados por Saoshyant, para sempre cantarão louvores para o Sempiterno." O que acima é a perfeita repetição de Vishnu em seu décimo avatar, porque então ele arremessará os maus nas moradas infernais, nas quais, depois de se purificar, eles serão perdoados - mesmo aqueles demônios que se rebelaram contra Brahmã, e foram violentamente derrubados no abismo sem fundo, por Shiva; como também os "abençoados" irão morar com os deuses, acima do Monte Meru.

Orígenes sustentava firmemente que a doutrina do castigo eterno era errônea. Acreditava que no segundo advento de Cristo mesmo os demônios que figuravam entre os condenados seriam perdoados. A condenação eterna é uma invenção *cristã* posterior (Cf. Orígenes, *De principis*, I, V, II, X; III, VI).

Tendo traçado desta maneira as semelhanças de visões no que diz respeito ao Logos, ao Metatron e ao Mediador, como são encontrados na *Cabala* e no *Codex* dos nazarenos cristãos e dos gnósticos, o leitor está preparado para apreciar a audácia do esquema patrístico ao reduzir a figura puramente metafísica em forma concreta e fazê-la aparecer como se o dedo da profecia tivesse sido apontado para Jesus, como o Messias por vir, desde tempos imemoriais. Um *theomythos* que pretende simbolizar o dia por vir, perto do encerramento do grande ciclo, quando as "boas novas" dos céus proclamarem a irmandade universal e a fé comum da Humanidade, o dia da regeneração - violentamente distorcido como se fosse um fato consumado.

"Por que me chamaste de bem? não há nenhum *bem*, a não ser *um*, *que é Deus*," disse Jesus. É essa a linguagem de Deus? da segunda pessoa da Trindade, que é idêntica à Primeira? E se este Messias, ou Espírito Santo dos gnósticos e das trindades pagãs, vieram em sua pessoa, o que ele quis dizer com distinguir entre ele mesmo, o "Filho do Homem" e o Espírito Santo? "E quem quer que fale uma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas àquele que blasfemar contra o Espírito Santo não será perdoado", diz ele. E como considerar a maravilhosa identidade dessa linguagem própria, com os preceitos enunciados, séculos atrás, pelos cabalistas e pelos iniciados "pagãos"? Dentre vários exemplos, selecionamos alguns.

"Nenhum dos deuses, nem homem ou Senhor, pode ser *bom*, a não ser *somente o próprio Deus*", diz Hermes.

"Ser um homem bom é impossível, apenas Deus possui esse privilégio", repete Platão, com uma ligeira modificação.

Seis séculos antes de Cristo, o filósofo chinês Confúcio, disse que sua doutrina era simples e fácil de compreender (Lun Yü, cap. 5. inciso 15). Ao que um dos seus discípulos acrescentou: "A doutrina de nosso mestre consiste em ter sempre bondade no coração, e em fazer aos outros o que gostaríamos que eles nos fizessem".

"Jesus de Nazaré, um homem aprovado por Deus entre vocês por seus milagres", exclamou Pedro, muito tempo depois da cena do Calvário. "Havia um *homem* enviado por Deus, cujo nome era João" diz o

quarto Evangelho, posicionando dessa forma (João) Batista em condições de igualdade com Jesus. João Batista num dos mais solenes atos de sua vida, o de batizar o Cristo, não pensa que vai batizar *um Deus*, porém usa a palavra *homem*. "Este é aquele de quem eu disse, depois de mim vem *um homem*." Falando de si mesmo, Jesus disse, "Ele busca matar-Me, *um homem* que lhes contou a verdade, que *eu ouvi de Deus*". Até mesmo o homem cego de Jerusalém, curado pelo grande taumaturgo, cheio de gratidão por seu benfeitor, ao narrar o milagre, não chama Jesus de Deus, mas diz simplesmente, "..... *um homem* que é chamado Jesus, fez o corpo". (João, IX, 11).

Não encerramos a lista por falta de outros exemplos e provas, mas simplesmente porque o que dissemos agora já foi repetido e demonstrado por outros, muitas vezes e antes de nós. No entanto, não existe mal mais incurável que o fanatismo cego e irrazoável. Poucos são os homens que, como o Dr. Priestley, têm a coragem de escrever: "Nada encontramos parecido à divindade atribuída a Cristo antes de Justino, Mártir (A. D. 141), que, sendo um filósofo, transformou-se num cristão".

O VERDADEIRO CRISTIANISMO ENCONTRADO NO BUDISMO, E EM OUTRAS RELIGIÕES PAGÃS. (L. 3 pág. 210).

Maomé (nasceu em 571 d.C.) apareceu quase seiscentos anos depois do presumido deicídio (A denominação da morte que os judeus deram a Cristo). O mundo grego-romano ainda estava convulsionado por dissensões religiosas, resistindo a todos os editos imperiais do passado e ao Cristianismo compulsório. Enquanto o Concílio de Trento discutia a *Vulgata*, a unidade de Deus silenciosamente suplantou a Trindade, e logo os maometanos eram mais numerosos que os cristãos. Por que? Porque o seu profeta nunca procurou identificar-se com Allah. De outro modo, se pode afirmar, com segurança, que ele nunca viveria para ver florescer a sua religião. Até os dias de hoje, o Maometanismo fez e ainda está fazendo mais prosélitos do que o Cristianismo. Buddha Siddhârtha veio como um simples mortal, séculos antes de Cristo. A ética religiosa de sua fé é presentemente encontrada, excedendo de longe em beleza moral, qualquer coisa jamais sonhada pelos tertulianos e pelos agostinianos.

O verdadeiro espírito do Cristianismo pode ser encontrado totalmente apenas no Budismo; parcialmente, ele se revela em outras religiões "pagãs". Buddha nunca fez de si mesmo um deus, nem foi endeusado por seus seguidores. Os budistas, no momento, são conhecidos por exceder em número os cristãos; eles são perto de 500.000.000. Enquanto isso, casos de conversão se tornaram raros entre os budistas, os bramanistas, os maometanos e os judeus, como para mostrar como são infrutíferas as tentativas dos nossos missionários; o ateísmo e o materialismo disseminam as suas úlceras gangrenosas e corroem mais profundamente, a cada dia, o próprio coração do Cristianismo. Não há ateus entre a população pagã, e aqueles poucos que existem entre os budistas e bramanistas, foram infectados pelo materialismo, e sempre podem ser encontrados nas grandes cidades densamente povoadas por europeus, e apenas entre as classes educadas. O Bispo Kidder, diz com muita veracidade: "se um homem sábio tivesse de escolher a sua religião a partir dos que a professam, talvez o Cristianismo fosse a sua última escolha"!

Desde os primórdios do Cristianismo, quando Paulo reprovou a *Igreja* de Corinto pelo crime "como isso é chamado entre os gentios - de alguém poder possuir a mulher do seu pai"; e por fazer da "anta Ceia" um motivo de *deboche* e de beberagem (*1 Corintos V, 1*), a profissão do nome de Cristo tem sido muito mais um pretexto do que a prova do sentimento sagrado. Entretanto, a forma correta deste Verso é: "Onde quer que se ouça falar dessa prática lasciva como a que se vê entre as nações pagãs - a de possuir ou mesmo se casar com a mulher do seu pai". A influência persa poderia ser indicada nesta forma de linguagem. A prática não existiu "em nenhum lugar entre as nações", exceto na Pérsia, onde foi estimada como especialmente meritória. Daí, também, as histórias judias de Abraão casando-se com sua irmã, Nahor com sua sobrinha, Amram com a irmã do seu pai, e Judah com a viúva de seu irmão, cujos filhos parecem ter sido legitimados. As tribos arianas valorizavam casamentos endógamos, enquanto que os tártaros e todas as nações bárbaras exigiam que todas as uniões fossem exógamas.

Havia apenas um apóstolo de Jesus, digno deste nome, e esse era Paulo. Entretanto, as suas *Epístolas* foram desvirtuadas por mãos dogmáticas antes de ser admitidas no Canon; a sua concepção da grande figura divina do filósofo que morreu por sua idéia ainda pode ser traçada em suas referências às várias nações Cristãs. Acontece apenas que quem quiser entendê-lo melhor ainda precisa estudar o Logos Philoneo, refletido de vez em quando no *Sabda* hindu (Logos) da escola Mimãnsâ.

Quanto aos outros apóstolos, aqueles cujos nomes estão antepostos no *Evangelho*, nós não podemos acreditar muito em sua veracidade quando os vemos atribuindo ao seu Mestre milagres envolvidos por circunstâncias lembradas, se não nos mais velhos livros da Índia, ao menos naqueles antedatados ao Cristianismo, e na própria fraseologia das tradições. Quem, em seus dias de simples e cega credulidade, não

se maravilhou com a comovente história dada no *Evangelho segundo Marcos e Lucas* da ressurreição da filha de Jairo? Quem alguma vez duvidou de sua originalidade? E, ainda assim, a história é inteiramente copiada do *Harivansa*, e é lembrada entre os milagres atribuídos a Krishna. Nós traduzimos da versão francesa:

“O Rei Angashuma contratou os esposais de sua filha, a bela Kalâvatî, com o jovem filho de Vâmadeva, o poderoso Rei de Antavedi, chamado Govinda, a ser celebrado com grande pompa.

“Mas quando Kalâvatî estava se divertindo nos arvoredos com as suas amigas, ela foi picada por uma serpente e morreu. Angashuma dilacerou as suas roupas, cobriu-se de cinzas, e amaldiçoou o dia em que nasceu.

“De repente, um grande rumor se espalhou através do palácio, e os seguintes gritos eram ouvidos, repetidos mil vezes: ‘Pasya pitaram; pasya gurum!’ ‘Vejam o Pai! Vejam o mestre! Então Krishna se aproximou, sorrindo, apoiando-se no braço de Arjuna... ‘Mestre!’ gritou Angashuna, arremessando-se aos seus pés, inundando-os com as suas lágrimas: ‘Veja minha pobre filha!’ e ele mostrou-lhe o corpo de Kalâvatî, estendido sobre uma esteira...

“‘Por que se lamenta?’ replicou Krishna, com voz gentil. *‘Não vê que ela está dormindo? Ouça o som de sua respiração, semelhante ao do vento noturno que estremece as folhas das árvores. Veja, as suas faces ficando coradas, os seus olhos, cujos cílios tremulam como se estivesse para abrir os olhos; os seus lábios palpitam como para falar; ela está dormindo, estou lhe dizendo; e segure! veja, ela se move Kalâvatî! levante-se e ande!’*

“Mal Krishna tinha falado, quando a respiração, o calor, o movimento e a vida retornaram pouco a pouco ao cadáver, e a pequena menina, obedecendo à ordem do semideus, levantou-se de sua esteira, juntando-se às companheiras. No entanto, a multidão maravilhada gritou: ‘Este é um Deus, uma vez que a morte para ele não mais que um sono’.

Todas essas parábolas são reforçadas pelos cristãos, como a adição de dogmas que, por seu caráter extraordinário, deixaram bem para trás as concepções selvagens do Paganismo. Os cristãos, a fim de acreditar numa divindade, acharam necessário matar o seu Deus, para que eles mesmo vivessem!

E agora, o Supremo, o desconhecido, o Pai da Graça e da Misericórdia e sua hierarquia celestial são manipulados pela Igreja como se fossem uns tantos astros teatrais e extras assalariados! eis séculos antes da era cristã, Xenófanes divulgou esse antropomorfismo, numa sátira imortal, lembrada e preservada por Clemente da Alexandria:

“Há um Deus Supremo acima de todos os deuses, mais divino que os mortais,
Cuja forma não é parecida com a dos homens, como também não é semelhante a sua natureza;
Mas os fúteis mortais imaginaram que como eles mesmos, os deuses são procriados
Com sensações humanas, com voz e membros corpóreos;
Dessa forma, se os bois ou os leões tivessem mãos e pudessem trabalhar à moda dos homens,
E pudessem esculpir com cinzel ou pintar a sua concepção da divindade
Então os cavalos retratariam os deuses como cavalos, os bois os representariam como bois,
Cada tipo de animal representa o Divino, com a sua forma e dotado com a sua natureza”.

E ouçam Vyâsa - o poeta panteísta da Índia que, como todos os cientistas podem provar, pode ter vivido, como Jacolliot, bem uns cinqüenta mil anos atrás - discursando sobre Mâyâ, a ilusão dos sentidos:

O CULTO AS DIVINDADES. (L. 3. Pág. 212).

Todos os dogmas religiosos servem para ofuscar a razão humana. ... O culto às divindades, sob as alegorias em que está escondido o respeito às leis naturais, afasta a verdade, em benefício das superstições mais desprezíveis" (Vyâsa-Maya) (**Vyâsa** - Literalmente "*aquele que desenvolve ou amplia*", um revelador, porque o que ele explica, interpreta e amplia é um mistério para o profano. **Mâyâ** - Ilusão. O poder cósmico que torna possível a existência fenomenal e as percepções da mesma.)

Deve-se à cristandade, a pintura de Deus Poderoso segundo o modelo da abstração cabalista do "Ancião dos Dias". De antigos afrescos dos tetos das catedrais, de missais católicos, e de outros ícones e imagens, agora nós o encontramos representado pelo pincel poético de Gustave Doré. A Sua respeitável e desconhecida majestade, que nenhum *pagão* ousou reproduzir de forma concreta, figura na *Bíblia Ilustrada* de Doré, pertencente ao nosso século. Pisando nas nuvens que flutuam no meio do ar, atrás dele as trevas e o caos e o mundo sob os seus pés, um majestoso homem idoso está de pé, sua mão esquerda segurando suas roupas flutuantes em volta do corpo, a sua mão direita erguida num gesto de comando. Ele disse a Palavra, e de sua pessoa altamente emanava uma eflúgência de Luz - O Shekinah. Como uma concepção poética, a obra honra o artista, mas valorizará ela a Deus? Melhor o caos atrás Dele, do que a Sua figura; pois no caos, ao menos, temos um mistério solene. De nossa parte, preferimos o silêncio dos antigos pagãos.

No seu imoderado desejo de encontrar provas da autenticidade do *Novo Testamento*, os melhores homens, os mais eruditos estudiosos, até mesmo entre os protestantes divinos, freqüentemente caíram em deploráveis armadilhas. Não podemos acreditar que tão culto comentarista como Cônego Westsott, poderia ter-se mantido na ignorância dos escritos cabalísticos e talmudístico. Como então, o vemos citando, com serena certeza, apresentando "as notáveis semelhanças com o *Evangelho de São João*", das passagens da obra *O Cordeiro de Hermes*, que são máximas completas da literatura cabalística? "A visão que Hermes dá da natureza e do trabalho de Cristo não é menos harmoniosa que a doutrina apostólica, e ela oferece notáveis analogias como o *Evangelho de São João*... Ele (Jesus) está uma pedra mais alto que as montanhas, capaz de manter o mundo inteiro, secular, e ainda tendo um portão novo!... Ele é mais velho que a criação, assim ele pode aconselhar-se com o Pai sobre a criação que ele fez... Ninguém pode chegar até ele a não ser através do seu Filho".

"Deus", diz Hermes, "plantou um vinhedo, isto é, Ele criou os povos e lhes deu Seu Filho; e o Filho... ele mesmo redimiu os seus pecados, etc."; isto é, o Filho lavou-os em sangue, e comemorando isto, os cristãos bebem vinho em sua comunhão. Na *Cabala* revela-se que o Ancião dos Anciões ou o "*Face Longa*" plantou um vinhedo, significando o último a Humanidade; e a vinha simbolizando a Vida. O Espírito do "Rei Messias" é, portanto, mostrado lavando as suas vestes *no vinho* que vem de cima, da criação do mundo. Adão, ou A-dão é "sangue". A vida da carne está no sangue (*nephesh*-alma). E Adão-Cadmo é o Único-Criado. Noah também plantou um vinhedo, o viveiro alegórico da futura Humanidade. Como uma consequência da adoção da mesma alegoria, nós a encontramos no *Codex nazareno*. Sete vinhas são procriadas, que surgem de Kabar-Ziwa, e Ferho (ou Parcha) Raba as rega. Quando os abençoados subirem entre as criaturas de Luz, eles verão Kabar-Ziwa, *Senho* da Vida, e a Primeira VINHA! Essa metáfora cabalísticas são, dessa forma, repetidas naturalmente no *Evangelho segundo São João* (XV, 1); "Eu sou a verdadeira videira, e o meu Pai é o agricultor." No *Gênese* (XLIX, 10-1), o moribundo Jacó é levado a dizer: "Não se tirará o cetro de Judah [os filhotes de leão], nem general que proceda de sua coxa, até que venha Shiloh... Amarrando à *vinha*, o seu jumento e o chicote do seu jumento na vinha escolhida; ele lavou as suas vestes no *vinho*, e o seu manto *no sangue das uvas*". Shiloh é o "Rei Messias" assim como o Shiloh de Efraim, que se tornou a sede e o lugar do santuário. No *Targum de Onkelos*, o babilônio, lê-se as palavras de Jacó: "Até que venha o Rei Messias". A profecia falhou, tanto no sentido cristão, como no judaico-cabalista. O cetro partiu de Judah, quer o Messias há tenha vindo ou esteja por vir, a menos que acreditemos, como os cabalistas, que Moisés foi o primeiro Messias, que transferiu a sua alma para Joshua - Jesus. (Devemos lembrar ao leitor, a esse propósito, que Josué e Jesus são um único e mesmo nome. Nas Bíblias eslavas Josué lê-se - Iessus (ou Jesus) Navin.)

Hermes diz: "E, no meio da planície ele me mostrou uma grande pedra *branca* que aparecera na planície, e a rocha era mais alta que as montanhas, retangular de forma a poder sustentar o mundo inteiro; mas aquela rocha era velha, tendo um portão esculpido nela, e a escultura do portão me parecia recente". No Zoar, nós encontramos: "Para 40.000 mundos superiores o *branco* do crânio de Sua Cabaça (do mais Sagrado Ancestral *in abscondito*) se estende... Quando *Zeir* [a primeira reflexão e imagem do seu Pai, o Secular dos Seculares] abrir, através do mistério dos setenta nomes de Metratron, descendo em Yetzírah (o terceiro mundo), um novo portão... o *Spiritus Decisarius* cortará e dividirá as vestes (Shekinah) em duas partes... Na vinda do Rei Messias, da sagrada pedra cúbica do Templo *uma luz branca* surgirá durante quarenta dias. Essa se expandirá, até *encerrar o mundo inteiro*... Nessa ocasião o Rei Messias permitirá a sua revelação e será visto saindo do portão do jardim de Odan [Éden]. Ele será revelado no país de Galil. Quando os pecados de Israel forem expiados, ele levará o povo através *do novo portão* para o lugar do julgamento. "*No Portão da Casa da Vida*, o trono está preparado para o *Senhor do Esplendor*."

E, "Esta *pedra* e este *portão* são o Filho de Deus. 'Como, Senhor', eu disse, à pedra é velha e o portão é novo?' Ouça!, Ele disse, 'e entenda, ó homem ignorante. O *Filho de Deus é mais velho que toda a Sua criação*, assim, foi o conselheiro do Pai em Sua obra de criação; e por isso ele é velho'".

Ora, essas duas afirmativas não são apenas puramente cabalísticas, sem nem mesmo uma mudança de expressão, mas são igualmente bramânicas e pagãs. "*Vidi virum excellentem, coeli terraeque conditore natu majorem*. ... Eu vi o mais excelente (superior) HOMEM, que é mais velho por nascimento que o criador do céu e da Terra", diz o *Codex* cabalista. O Dionísio Eleusiano, cujo nome particular era *Iacchos* (Iaccho, Iahoh) - o Deus de quem se esperava a liberação das almas - era considerado mais velho que o Demiurgo. Nos mistérios de Anthesteria e Limnae (os lagos), depois do costumeiro batismo pela purificação com água... os *Mystae* eram induzidos a passar através de outra porta (portão), um portão específico para esse propósito, que era chamado de "portão de Dionísio" e "portão *dos purificados*".

No *Zohar*, conta-se aos cabalistas que o mestre de obras, o Demiurgo, disse ao Senhor: "Deixe-nos fazer o homem à Sua imagem". Nos textos originais do primeiro capítulo do *Gênese*, está: "E o *Elohim*

(traduzido como o Supremo Deus), que era o mais elevado dos deuses e dos poderes, disse: Deixe-nos fazer o homem à nossa (?) imagem, segundo a nossa semelhança". Nos *Vedas*, Brahmâ se aconselhou com Parabrahman, sobre o melhor modo de criar o mundo.

Citando Hermes, Cônego Westcott, mostra-o perguntando: "e por que o portão é *novo*, Senhor?" eu disse. Ele respondeu: "porque ele foi manifestado no último dia da Providência; por essa razão o portão novo foi feito, a fim de que, os que forem salvos, possam entrar no reino de Deus".

Neste trecho há duas particularidades dignas de nota. Para começar, ele atribui ao "Senhor" uma afirmação falsa, do mesmo caráter daquela enfatizada pelo apóstolo João e que trouxe, num período posterior, tantas disputas inconvenientes à totalidade dos ortodoxos cristão, que aceitavam literalmente as alegorias apostólicas. Como o Messias, Jesus *não* foi manifestado no último dos dias; pois o último estava ainda por chegar, contrariando um grande número de profecias divinamente inspiradas, seguidas conseqüentemente de esperanças frustradas, do testemunho de sua vinda imediata. A crença de que os "últimos dias" viessem, era natural, uma vez que a vinda do Messias fosse conhecida. A segunda peculiaridade é encontrada no fato de que a *profecia* não poderia ser aceita, pois mesmo em sua determinação aproximada ela constitui uma contradição direta de *Marcos*, que fez com que Jesus atestasse distintamente que nem os anjos, nem o próprio Filho, conheciam tal dia e tal hora. A isso podemos aduzir, que como a crença inegavelmente se originou com o *Apocalipse*, isso deveria ser uma prova evidente por si mesma, de que isso pertence aos cálculos peculiares dos cabalistas e dos santuários pagãos. Foi o cômputo secreto de um ciclo, que, de acordo como o seu cálculo, deveria se encerrar na parte final do primeiro século. Também deve ser aceito como prova concludente, o fato de que o *Evangelho segundo São Marcos*, bem como o atribuído a *João*, e o *Apocalipse*, foram escritos por homens, nenhum dos quais estava bastante familiarizado com o outro. Primeiramente, o Logos foi definido definitivamente como *petra* (rocha) por Filon; a palavra, além disso, como mostraremos em outro lugar do livro, significa na língua dos caldeus e dos fenícios "intérprete". Justino, o Mártir, o chama em suas obras de "anjo" e faz uma nítida distinção entre o Logos e o Criador. "A Palavra de Deus é Seus Filho... e ele também é chamado Anjo e Apóstolo, pois declara tudo o que devemos saber (interpretar), e é enviado para declarar tudo o que está à vista."

"Aedan Inferior é distribuído em seus próprios caminhos, em trinta e duas margens de caminhos, embora ainda não sejam conhecidas de ninguém exceto de *Zeis*. Mas ninguém conhece o AEDAN SUPERIOR nem Seus caminhos, exceto o Face Longa" - o Deus Supremo. *Zeir* é o *gênio* nazareno que é chamado Hibil-Ziwa, e Gabriel Legatus - também de "apóstolo Gabriel". Os Nazarenos sustentavam, aos lado dos cabalistas, que mesmo o Messias que tinha de vir não conhecia o "*Aedar Superior*", a Divindade oculta; ninguém a conhecia exceto o *Deus Supremo*. Dessa forma, mostrou que acima da Suprema Divindade Inteligível, há uma ainda mais secreta e não revelada. *Zeir-Anpîn* é o terceiro Deus, enquanto o "Logos", segundo Filon, o Judeu, é o segundo. Isso é revelado nitidamente no *Codex*. "O falso Messias dirá: Eu sou Deus, filho de Deus, meu Pai me enviou para cá. Eu sou o primeiro *Legate*, eu sou Hibil-Ziwa, eu vim do alto! Mas desconfie dele; pois ele não será Hibil-Ziwa, Hibil-Ziwa não permitirá que o vejam nesta era." Daí o fato da crença de muitos gnósticos, de que não foi Hibil-Ziwa (o Arcanjo Gabriel) quem "ofuscou" Maria, porém Ialdabaôth (o *criador do mundo*), que formou o "*corpo material* de Jesus; *Cristo* se uniu a essa corpo, apenas na hora do batismo, no rio Jordão.

Podemos duvidar da afirmação de Nork, segundo a qual "*o Berêshith Rabbah*, a parte mais antiga do *Midrah Rabboth*, era conhecido dos padres da Igreja numa tradução grega"?

Mas se, por um lado, eles estavam suficientemente familiarizados com os diferentes sistemas religiosos de seus vizinhos a ponto de erigirem uma nova religião que se pretendia ser distinta de todas as outras, sua ignorância do *Velho Testamento*, deixando de lado a questão mais complicada da metafísica grega, parece-nos hoje deplorável. "Assim, por exemplo, em *Mateus*, XXVII, 9 e s., a passagem oriunda de *Zacarías*, XI, 12, 13, é atribuída a *Jeremias*", diz o autor de *Supernatural Religion*. "Em *Marcos* I, 2, uma citação de *Malaquias*, III, 1, é atribuída a *Isaiás*. Em *I Coríntios*, II, 9, uma passagem citada como *Escritura Sagrada* não se encontra no *Velho Testamento*, sendo tomada, como afirmam Orígenes e Jerônimo, de uma obra apócrifa, *A Revelação de Elias*, sendo esta passagem de igual modo citada pela chamada *Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios* (XVI, 8)." Quando se pode confiar nos piedosos padres em suas explicações de diversas heresias podemos ilustrá-lo no caso de Epifânio, que tomou erroneamente a Tétrada sagrada de Pitágoras, chamada na *Gnose* valentiana de Kol-Arbas, por um *chefe herético*. O que devemos pensar das fraudes involuntárias e das falsificações deliberadas dos ensinamentos daqueles cujas concepções diferiram das deles; a canonização da Aura Plácida (brisa gentil) mitológica; no par das mártires cristãs - Santa Aura e Santa Plácida; a deificação de uma *lança* e de uma *capa*, sob os nomes de São Longinus e Santo Amphibolus; e as citações dos profetas, que não se acham em nenhum profeta; e poderíamos muito bem

perguntar se a chamada religião de Cristo jamais foi outra coisa que não um delírio incoerente, desde a morte do Grande Mestre.

Tão maliciosos eram os santos padres em sua tenaz perseguição às pretensas "heresias", que os veremos contar, sem hesitação, as inverdades mais flagrantes, e inventar narrativas inteiras, no propósito de convencer os ignorantes com argumentos que de outro modo careceriam de qualquer base. Se o erro em relação à Tétrada teve origem, de início, como simples consequência de uma fraude não premeditada de Hipólito, as explicações de Epifânio e outros que caíram no mesmo erro absurdo têm uma aspeto mais inocente. Quando Hipólito denuncia gravemente a grande heresia da Tétrada, Kol-Arbas, e afirma que o imaginário chefe gnóstico é "Colarbasus, que tenta explicar a religião por medidas e números", podemos simplesmente rir. Mas quando Epifânio, com abundante indignação, elabora sobre o tema "que é a Heresia XV", e, pretendendo estar perfeitamente a par do assunto, acrescenta que "um certo Heracleon segue os passos de Colarbasus, o que é a Heresia XVI", então à acusação de fraude deliberada.

Se esse zeloso *Cristão* pode se vangloriar sem rubor de ter "feito exilar, graças à sua informação, setenta mulheres, mesmo de alta estirpe, por meio das seduções de almas que ele havia conseguido convencer a participar de sua seita", ele nos fornece boas razões para condená-lo. Assinala C. W. King, muito habilmente, a esse respeito, que "podemos suspeitar que esse digno renegado se salvou nesse caso do destino de seus companheiros de religião denunciando seus cúmplices, na abertura da perseguição".

E assim, um após outro, pereceram os gnósticos, únicos herdeiros dos poucos restos da verdade não adulterada do Cristianismo primitivo. Tudo era confusão e desordem nesses primeiros séculos, até o momento em que todos esses dogmas contraditórios foram finalmente impingidos ao mundo cristão, e a discussão foi proibida. Por vários séculos, tornou-se um sacrilégio, punível com severas penalidades, e mesmo com a morte, procurar compreender aquilo que a Igreja havia tão convenientemente elevado ao nível de mistério *divino*. Mas como os cristãos bíblicos se havia devotado a "pôr a casa em ordem", os papéis foram invertidos. Os crentes pagãos acorrem agora de todas as partes do globo para reclamar o seu quinhão, e a Teologia cristã começa a ser suspeita de bancarrota. Tal é o triste resultado do fanatismo das seitas "ortodoxas", que, para emprestar uma expressão do autor de *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, jamais foram, como as gnósticas, "as mais polidas, as mais sábias e as mais dignas do nome cristão". E, se nem todos "sentissem o cheiro do alho", como Renan o disse, nenhum desses santos cristãos, por outro lado, jamais teria hesitado em derramar o sangue de seus vizinhos, se as concepções destes últimos não estivessem de acordo com as suas.

E assim todos os nossos filósofos foram arrastados pelas massas ignorantes e supersticiosas. Os filaleteus, os amantes da verdade, e sua escola eclética pereceram; e lá, onde a jovem Hipatia ensinava as doutrinas filosóficas superiores e lá, onde Amônio Saccas explicara que "tudo o que Cristo tinha em mente era reinstalar e restaurar em sua primitiva integridade a sabedoria dos antigos - de pôr um limite ao domínio predominante da superstição (...) e exterminar os vãos erros que haviam se enraizado nas diferentes religiões populares". Não mais os preceitos saídos da boca do "filósofo instruído em Deus", mas outros expostos pela encarnação de uma superstição cruel e diabólica.

"Se teu pai" - escreve São Jerônimo - "se deita em tua porta, se tua mãe descobre a teu olhos e seio que te nutriu, esmaga o corpo sem vida de teu pai, esmaga o seio de tua mãe, e, com os olhos secos, refugia-te no Senhor que te chama"!!

Essa sentença é igualada, se não superada, por esta outra, pronunciada num espírito semelhante. Ela emana de outro pai da Igreja primitiva, o eloqüente Tertuliano, que espera ver todos os "filósofos" no fogo infernal do Gehena. "Como seria magnífica essa cena! (...) como eu riria! Como eu regozijaria! Como eu triunfaria ao ver tantos reis ilustres que passam por ter subido ao céu gemendo com Júpiter, seu deus, nas trevas inferiores do inferno! Queimariam então os soldados que perseguiram o nome de Cristo num fogo mais cruel do que aquele que acenderam para os santos!"

Essas expressões sanguinárias ilustram o espírito do Cristianismo até o presente. Mas ilustram elas os ensinamentos de Cristo? De modo algum. Como diz Éliphas Lévi: "O Deus em nome do qual esmagaríamos o seio de nossa mãe, nós o veremos no futuro, um inferno largamente aberto a seu pés, e uma espada exterminadora em suas mãos (...) Moloch queimava as crianças por apenas uns poucos segundos; estava reservado aos discípulos de um deus que se pretendia ter morrido para redimir a Humanidade na cruz, criar um novo Moloch cuja pira é eterna!"

CAPÍTULO VI

AS DOCTRINAS ESOTÉRICAS DO BUDISMO PARODIADAS NO CRISTIANISMO

AS DECISÕES DO CONCÍLIO DE NICEIA. (L. 3. pág. 223).

Nicéia I, Concílio de.

Primeiro dos encontros ecumênicos do cristianismo, convocado pelo imperador Constantino e realizado em 325, na cidade de Nicéia, hoje Iznik, na Turquia. Condenou o arianismo e promulgou o credo conhecido como Símbolo de Nicéia.

©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Heresia

Disputas cristológicas entre Oriente e Ocidente. O reconhecimento do cristianismo com o Edito de Milão e sua posterior conversão em religião oficial do Império Romano fizeram da igreja um centro de lutas políticas, especialmente entre Oriente e Ocidente. A primeira ocasião de controvérsia surgiu com a doutrina de Ário, sacerdote que, de sua comunidade em Alexandria, negava a natureza divina de Jesus Cristo. O imperador Constantino convocou o primeiro concílio ecumênico em Nicéia, no ano 325, e sugeriu a expressão "o Filho é consubstancial ao Pai". Sufocado militarmente, o arianismo difundiu-se entre os povos germânicos mas, na Espanha visigoda, chegou a perdurar como doutrina oficial até o ano 589.

Durante o século V, de fato, o problema de como conciliar a natureza divina com a humana na pessoa de Cristo dividiu as duas grandes escolas teológicas. A de Antioquia, mais racionalista e realista, insistiu no aspecto humano; a de Alexandria, propensa à especulação mística, no lado divino. A disputa entre Antioquia e Alexandria sofreu a interferência das flutuações do patriarcado de Constantinopla e do imperador, que temia a fragmentação do império.

Na linha da escola de Antioquia, Nestório defendeu com tal ênfase a tese das duas naturezas de Cristo que o apresentou como duas pessoas, de onde se deduz que Maria não era mãe de Deus (theotokos). Essa doutrina foi condenada pelo Concílio de Éfeso (431). Entre os séculos V e VIII a escola de Alexandria, que impusera suas teses em Éfeso, acentuou sua posição até o ponto de defender que em Cristo só havia uma natureza, a divina (monofisistas), ou uma vontade (monoteletas). Essas doutrinas foram condenadas nos concílios de Calcedônia (451) e Latrão (649).

©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Nicéia II, Concílio de.

Sétimo concílio ecumênico das igrejas cristãs, realizado em 787 na antiga cidade de Nicéia, atualmente Iznik, na Turquia. Convocado para resolver a Controvérsia Iconoclasta, iniciada em 726, disciplinou o sentido da veneração das imagens.

©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Não devemos nos esquecer de que a Igreja cristã deve os seus *Evangelhos* canônicos atuais e, por conseguinte, todo o seu dogmatismo religiosos, ao *Sortes Sanctorum*. Incapaz de se pôr em acordo sobre quais eram os mais inspirados divinamente, dentre os numerosos Evangelhos existentes à sua época, o misterioso Concílio de Nicéia resolveu deixar à intervenção miraculosa da decisão sobre essa questão embaraçante. Esse Concílio de Nicéia pode muito bem ser chamado de misterioso. Havia mistério, em primeiro lugar, no número místico dos seus 318 bispos, a que Barnabé (*Epístola de Barnabé, VIII, 11-3; ed. por Hone, Londres, 1820.*) deu muita importância; além disso, não há concordância entre os escritores antigos quanto à época e ao local de realização dessa reunião, nem mesmo sobre quem seria o bispo que a presidiu. (Mosheim, *An Eccl. Hist.*, cent. IV, parte II, cap. V, inciso 12.)

Não obstante o grandiloquente elogio de Constantino (Socrates Scholasticus, *Eccl. Hist.*, I, IX.), Sabino, o Bispo de Heracléia, afirma que, "exceto Constantino, o imperador, e Eusébio Panfilio, esses bispos eram um conjunto de criaturas *iletradas, simples*, que não compreendiam coisa alguma" (Ibid., I, VIII.) - o que equivale a dizer que eram um bando de imbecis. Essa era aparentemente a opinião de Papias, que nos conta do pouco de magia executada para saber quais eram os Evangelhos *verdadeiros*. No seu *Synodicon* desse Concílio, Papias diz [que], tendo "posto promiscuamente todos os livros apresentados à escolha do Concílio sob a mesa da comunhão de um igreja, eles [os bispos] pediram ao Senhor que os escritos *inspirados* fossem deixados sobre a mesa, ao passo que os espúrios ficassem sob ela - e *isso realmente aconteceu*" (Fabrício, *Bibl. graeca*, livro VI. cap. III, 34, "Synodus Nicaena"). Mas ninguém nos diz quem ficou com as chaves da câmara conciliar durante aquela noite!

Com base na autoridade das testemunhas eclesiásticas, portanto, tomamos a liberdade de dizer que o mundo cristão deve sua "Palavra de Deus" a um processo adivinatório, pelo qual a Igreja, em seguida, condenou vítimas infelizes como conjuradores, encantadores, mágicos, feiticeiros e vaticinadores e os queimou aos milhares! Falando desse fenômeno verdadeiramente divino da escolha dos manuscritos, os padres da Igreja dizem que o próprio Deus preside as *Sortes*. Agostinho confessa que ele próprio usou essa

espécie de adivinhação. Mas as opiniões, como também as religiões reveladas, estão aptas a se modificarem. Aquele que por quase mil e quinhentos anos foi imposto à cristandade como um livro em que toda e qualquer palavra foi escrita sob a supervisão direta do Espírito Santo e onde nenhuma sílaba, nenhuma vírgula, poderia ser modificada sem o cometimento de um sacrilégio - esse livro está agora sendo retratado, revisado, corrigido e tosquiado em versículos inteiros, em alguns casos em capítulos inteiros. E, assim, tão logo uma nova edição venha a lume, seus doutores o aceitarão como uma nova "Revelação" do século XIX, sob o risco de serem considerados infleis. Assim, vemos que, tanto no *interior* quanto no *exterior* dos seus recintos, a Igreja infalível deve ser acreditada mais do que seria razoavelmente conveniente. Os ancestrais dos nossos teólogos modernos encontraram justificativa para as *Sortes* no versículo que diz que "A sorte é lançada, mas toda decisão vem do Senhor" (Provérbios, XVI, 33. No Egito Antigo e na Grécia, bem como entre os israelitas, varetas e bolas chamadas "sortes adivinhatórias sagradas" eram usadas para essa espécie de oráculos nos templos. O sacerdote interpretava o desejo do deus segundo as figuras pela justaposição acidental dessas sortes.), e agora os seus herdeiros diretos afirmam que "o Diabo é quem decide".

OS SÍMBOLOS DA CRUZ E DO PEIXE. (L. 3. pág. 225).

De acordo com King e com outros numismatas e arqueólogos, a cruz foi colocada naquele lugar como um símbolo da vida eterna. Como um Tao, ou cruz egípcia, era utilizada nos mistérios báquicos e eleusinos. Símbolos do duplo poder gerador, era colocada sobre o peito do iniciado, após o cumprimento do seu "novo nascimento", e depois que os *mystai* retornassem do seu batismo no mar. Era um sinal místico de que seu nascimento espiritual se regenerara e unira sua alma astral com seu espírito divino e de que ele estava pronto para ascender em espírito às moradas bem-aventuradas da luz e da glória - as Eleusínia. (Os Mistérios ELESIANOS, remonta ao ano de 1.800^o.C., e segundo Epifânio, era praticado nos dias de Inaco.) O Tao era um talismã mágico, ao mesmo tempo que um emblema religioso. Foi adotado pelo cristãos através dos gnósticos e dos cabalistas, que o usaram corretamente, como suas jóias testemunham, e que tinham o Tao (ou cruz *ansata*) dos egípcios e a cruz latina dos missionários budistas que a haviam trazido da Índia (onde ela ainda pode ser encontrada) dois ou três séculos a.C. Os assírios, os egípcios, os americanos antigos, os hindus e os romanos possuíam-na com várias, mas muito pequenas modificações de forma. Até uma época muito avançada na Idade Média, foi considerada um encanto poderoso contra a epilepsia e a possessão demoníaca; e o "signo de Deus vivo", trazidos na visão de São João pelo anjo que vinha do Este "para marcar os servidores de nosso Deus em suas testas", era o mesmo Tao místico - a cruz egípcia. No vitral de Saint-Denis (França), esse anjo está representado marcando com esse sinal a fronte do eleito; a legenda diz: SIGNUM TAY. King, o autor de *Gnostics*, lembra-nos nesse livro que "essa marca é geralmente trazida por Santo Antônio, um recluso egípcio". O verdadeiro significado do Tao nos é dado pelo São João cristão, pelo Hermes egípcio e pelos brâmanes hindus. É evidente que, para o apóstolo, pelo menos, ele significava o "nome Inefável", como ele denomina esse "sinal do Deus vivo" poucos capítulos adiante, o "*nome do Pai escrito em suas frentes*".

O Brahmâtna, o chefe dos iniciados hindus, possuía sobre a cobertura da sua cabeça suas chaves cruzadas, símbolo do mistério da vida e da morte; e, em alguns pagodes budistas da Tartaria e da Mongólia, a entrada de uma câmara no templo, que geralmente continha a escada que leva ao *dagoba* interior (Dagoba é um pequeno templo de forma globular em que são preservadas as relíquias de Gautama.), e os pórticos de alguns *prachidas* (Os *prachidas* são construções de todas as formas e dimensões, como os nossos mausoléus, e são consagrados a oferendas votivas aos mortos.) estão ornamentados com uma cruz formada de dois peixes, que se encontra também em alguns zodíacos budistas. Não nos espantaríamos em saber que o emblema sagrado dos túmulos das catacumbas, em Roma, a *vesica piscis*, deriva desse mesmo signo zodiacal budista. É fácil formar uma idéia do quanto essa figura geométrica se difundiu nos símbolos mundiais pelo fato de que há uma tradição maçônica segundo a qual o templo de Salomão foi construído sobre três fundações que formavam o "Tao triplo", o três cruces.

No seu sentido místico, a cruz egípcia deve a sua origem, como emblema, à compreensão, pela filosofia primitiva, de um dualismo andrógino de toda manifestação da natureza, que procede do ideal abstrato de uma divindade igualmente andrógina, ao passo que o emblema cristão é um simples efeito do acaso. Se a lei mosaica tivesse prevalecido, Jesus teria sido apedrejado (Os registros talmúdicos afirmam que, após ter sido enforcado, ele foi apedrejado e sepultado sob a água, na junção de dois rios. Mishnah Sanhedrin, VI, 4; Talmude da Babilônia, mesma cláusula, 48a, 67a [citado por E. Renan]). O crucifixo era um instrumento de tortura e tão comum entre os romanos, quanto desconhecido das nações semíticas. Era chamado "Árvore da Infância". Só mais tarde é que ele foi adotado como símbolo cristão; mas, durante as duas primeiras décadas, os apóstolos olhavam para ele com horror. Não é certo que João tivesse em mente a cruz cristã quando falava

do "sinal do Deus vivo", mas o Tao *místico* - o Tetragrammaton, ou nome poderoso, que, nos talismãs cabalísticos mais antigos, era representado pelas quatro letras hebraicas que compõem a Palavra Sagrada.

(N. C. - **Tetragrammaton** - "Quando, no princípio, o seu Pai \ ..., o Inconcebível, o Sem-Existência e em Sexo \ o Ain-Soph cabalístico \, desejou que o seu Inefável \ o Primeiro Logos ou Eon \ nascesse, e que o seu Invisível se revestisse de uma forma, sua boca se abriu e pronunciou o Verbo, semelhante a Ele mesmo. Este Verbo (Logos), como permanecesse próximo, manifestou-se sob a forma do Uno Invisível, demonstrando assim o que era. O Nome \ Inefável \ foi articulado \ por meio do Verbo \ da seguinte maneira. Ele \ o Supremo Logos \ pronunciou a primeira Palavra de seu Nome... que era uma combinação \ sílaba \ de *quatro* elementos \ letras \. Depois foi acrescentada a segunda combinação, também composta de *quatro* elementos. Em seguida, a terceira de *dez* elementos, que foi sucedida pela quarta, com *doze* elementos. A pronúncia de todo o nome compreende, portanto *trinta* elementos e *quatro* combinações. Cada elemento tem suas próprias letras, seu caráter, pronúncia, agrupamento e semelhanças peculiares; mas nenhum deles percebe a forma daquilo de que é o elemento, nem entende a voz do seu vizinho; contudo, o som que cada um emite diz tudo \ o possível \ quando ele julga ser bom chamar ao todo... E são estes sons que manifestam na forma de Eon Sem Existência e Não-Gerável; e são estas formas que se chamamos Anjos que perpetuamente contemplam a Face do Pai \ o Logos, o "Segundo Deus", que permanece próximo a Deus, o "Inconcebível", segundo Filon \". do Livro A Doutrina Secreta de H. P. B. Volume II.)

Sabe-se que os emblemas cristãos mais antigos - antes da representação da aparência corporal de Jesus - foram o Carneiro, o Bom Pastor e o *Peixe*. A origem deste último emblema, que tanto embarçou os arqueólogos, torna-se, assim, compreensível. Todo o segredo repousa no fato, facilmente perceptível, de que, ao passo que na *Cabala* o Rei Messias é chamado de "Intérprete ou Revelador do Mistério e mostrado como a *quinta* emanção, no *Talmude* - por razões que explicaremos agora -, o Messias é muito freqüentemente designado como "DAG" ou Peixe. Trata-se de uma herança dos caldeus e tem relação - como o próprio nome indica - com o Dagon babilônio, o homem-peixe, que foi o instrutor e o intérprete do povo, a quem ele apareceu. Abarbanel explica o nome, dizendo que o sinal de sua vinda (do Messias) "é a conjunção de Saturno e Júpiter no signo de *Pisces*". Em conseqüência, na medida em que os cristãos queriam a todo preço identificar o seu Cristo com o Messias do *Velho Testamento*, eles o adotaram tão prontamente, que se esqueceram de que a sua verdadeira origem datava de uma época bastante anterior ao Dagon babilônico. Para termos uma idéia da extensão em que os cristãos primitivos confundiam o ideal de Jesus com qualquer dogma cabalístico, basta consultar a linguagem com que Clemente de Alexandria se dirigiu a seus irmãos em religião.

Quando debatiam sobre a escolha do símbolo mais apropriado para lhes lembrar Jesus, Clemente os advertiu com as seguintes palavras: "Gravai sobre a gema do vosso anel *uma pomba, ou um barco empurrado pelo vento* [o Argha], ou *um peixe*". Estava o bom padre, ao escrever essa sentença, obsedado pela lembrança de Josué, filho de Nun (chamado *Jesus* nas versões gregas e eslava); ou havia ele esquecido a interpretação real desses símbolos pagãos? Josué, filho de, ou Nave (*Navis*), poderia com absoluta propriedade adotar a imagem de um *barco*, ou mesmo a de um peixe, pois Josué significa Jesus, filho de deus-peixe; mas era realmente muito arriscado conectar os emblemas de Vênus, de Astartê e de todas as deusas hindus - o *argha*, a *pomba* e o *peixe* - com o nascimento "imaculado" de seu deus! Parece que nos primeiros dias do Cristianismo existia uma diferença muito pequena entre Cristo, Baco, Apolo e Krishna hindu, a encarnação de Vishnu, cujo primeiro avatar originou este símbolo do peixe.

No *Bhâgavata-Purâna* bem como em muitos outros livros, mostra-se o deus Vishnu assumindo a forma de um peixe com uma cabeça humana, a fim de reencontrar os *Vedas* perdidos durante o dilúvio. Tendo ajudado Vaivasvata a escapar com toda a sua família na arca, Vishnu, tomado de piedade pela Humanidade fraca e ignorante, permaneceu com eles durante algum tempo. Foi esse deus que os ensinou a construir casas, a cultivar a terra e a agradecer à Divindade desconhecida, que ele representava, por meio da construção de templos e da instituição de uma adoração regular; e, como ele continuasse metade peixe, metade homem, todo o tempo, a cada pôr-do-sol ele voltava ao oceano, onde passava a noite.

"Foi ele"- diz o livro sagrado - "que ensinou os homens, após o dilúvio, tudo o que era necessário à sua felicidade.

"Certa vez ele mergulhou na água e nunca mais voltou, pois a terra se cobrira novamente com vegetação, frutos e gado.

"Mas ele ensinara aos brâmanes o segredo de todas as coisas" (*Bhâgavata-Purâna*, VIII, 24).

Até aqui, vemos nessa narrativa o *duplo* da história fornecida pelo babilônico Berosus sobre Oannes, o peixe-homem, que não é outro senão Vishnu - a menos, na verdade, que admitamos que foi a Caldéia que civilizou a Índia!

Talvez possamos lançar luzes adicionais sobre essa embaraçante questão do peixe-símbolo se lembrarmos ao leitor que, de acordo com o *Gênese*, o primeiro dos seres vivos criados, o primeiro tipo de vida animal, foi o peixe. "E Elohim disse: 'Que as águas produzam em abundância criaturas que *possuem vida*' (...) e Deus criou grandes baleias (...) e a manhã e a tarde construíram o *quinto dia*" [*Gênese*, I, 20-3]. Jonas foi engolido por um grande peixe e lançado para fora três dias depois. Os cristãos consideram esse fato como

uma premunição dos três dias de sepultura de Jesus que precederam a sua ressurreição - embora a afirmação dos três dias seja tão fantasiosa quanto todo o resto e também seja adotada para enquadrar com a ameaça de destruição do templo e de sua reconstrução em *três* dias. Entre o sepultamento e a alegada ressurreição transcorreu apenas *um dia* - Sabbath judaico -, pois ele foi enterrado na tarde da sexta-feira, ressuscitado na aurora do domingo. Todavia, sejam quais forem as circunstâncias que devam ser tomadas com uma profecia, a história de Jonas não pode ser considerada uma delas.

É significativo que essa dupla denominação de "Messias" e "Dag" (peixe), dos talmudistas, pudesse ser aplicada ao Vishnu hindu, o Espírito "Conservador" e a segunda pessoa da trindade bramânica. Essa divindade, que já se havia manifestado, ainda é considerada como o futuro Salvador da Humanidade e Redentor escolhido, que ressurgirá em sua décima encarnação ou *avatâra*, como o Messias dos judeus, para conduzir os bem-aventurados e restituir-lhes os primeiros *Vedas*. No seu primeiro avatar, pretende-se que Vishnu tenha aparecido à Humanidade sob a forma de um peixe. No templo de Râma, há uma representação desse deus que corresponde perfeitamente à de Dagon, tal como Berosus no-lo apresenta. Ele possuía o corpo de um homem que saía da boca de um peixe e segura em suas mãos o *Veda* perdido. Vishnu, além disso, é o deus da água, em certo sentido, o Logos do Parabrahman, pois, como as três pessoas da divindade manifestada intercambiam constantemente seus atributos, vemo-lo, no mesmo templo, representado reclinado sobre a serpente de sete cabeças, Ananta (eternidade) e se movendo, como o *Espírito* de Deus, sobre a superfície das águas originais.

Vishnu é, evidentemente, o Adão-Cadmo dos cabalistas, pois Adão é o Logos ou o primeiro Ungido, da mesma maneira que o segundo Adão é o Rei Messias.

Lakshmî, a contrapartida passiva ou feminina de Vishnu, o criador e o conservador, também é chamada Âdi-Mâyâ. Ela '[e a "Mãe do Mundo", Devamatrî, a Vênus-Afrodite dos gregos; também Ísis e Eva. Ao passo que Vênus nasceu da espuma do mar, Lakshmî brota da água, quando da agitação do mar; nascida, ela é tão bela, que todos os deuses se apaixonam por ela. Os judeus, emprestando os seus tipos onde os pudessem conseguir, calcaram a sua primeira mulher no padrão de Lakshmî. É curioso que Viracocha, o Ser Supremo do Peru, significa, literalmente, "espuma do mar".

Já dissemos acima que, de acordo com os cálculos secretos peculiares aos estudiosos da ciência oculta, Messias é a quinta emanção, ou potência. Na *Cabala* judaica, em que os dez Sephiroth emanam de Adão-Cadmo (colocado abaixo da coroa), ele vem em quinto lugar. Assim também no sistema gnóstico; assim também no budista, em que o quinto Buddha - Maitreya - aparecerá em seu último advento para salvar a Humanidade antes da destruição final do mundo. Se Vishnu é representado em sua futura e última aparição como o *décimo* avatar ou encarnação, é apenas porque cada unidade, considerada como um andrógino, manifesta-se duplamente. Os budistas que rejeitam essa encarnação bissexual reconhecem apenas cinco. Assim, ao passo que Vishnu fará sua última aparição na sua décima encarnação, Buddha cumprirá o mesmo em sua quinta. (Os Sephiroth cabalísticos são dez, ou cinco pares).

TRANSCRIÇÃO DE PASSAGEM DE ESCRITURA HINDU. (L. 3 pág. 232.)

"Quando este mundo saiu das trevas, os princípios elementares sutis produziram a semente vegetal que animou as plantas em primeiro lugar; das plantas, a vida passou para corpos fantásticos que nasceram do *ilus das águas*; depois, através de uma série de formas e de animais diversos, ela chegou ao HOMEM." (Bhâgavata-Purâna, livro XII, cap. 9 e 10).

"Ele [o homem, antes de sê-lo] passara sucessivamente através das plantas, dos vermes, dos insetos, dos peixes, das serpentes, das tartarugas, do gado e dos animais selvagens; esse é o grau inferior."

"Essas são, desde Brahmâ até os vegetais, as transmigrações que ocorrem neste mundo." (Manu, livro XII, 42; livro I, 50).

Na cosmogonia de Sanchoniathon, os homens também evoluíram do *ilus* do caos, e aí encontramos a mesma evolução e transformação das espécies.

E agora daremos a tribuna ao Sr. Darwin: "Eu acredito que os animais descendem, no máximo, de quatro ou cinco progenitores".

E ainda: "Posso inferir, por analogia, que provavelmente todos os seres orgânicos que viveram sobre esta terra descenderam de uma mesma forma primordial. (...) Considero todos os seres, não como criações especiais, mas como os descendentes lineares de alguns poucos seres que viveram muito tempo *antes do depósito da primeira camada do sistema siluriano*."

E ainda: "Posso inferir, por analogia, que provavelmente todos os seres orgânicos que viveram sobre a terra descenderam de um mesma forma primordial. (...) Considero todos os seres, não como criações especiais, mas como os descendentes lineares de alguns poucos seres que viveram muito tempo *antes do*

depósito da primeira camada do sistema siluriano". (Período do Paleozóico, precedido pelo Ordoviciano e seguido pelo Devoniano. O Período Siluriano ocorreu aproximadamente à 30 milhões de anos, segundo a ciência atual.).

Em suma, viveram no caos de Sanchoniathon e no *ilus* de Manu. Vayâsa e Kapila vão mais além de Darwin e Manu. "Eles vêem em Brahmâ apenas o nome do germe universal; *eles negam a existência de uma Causa Primaria* e pretendem que tudo o que existe na natureza se desenvolveu apenas em consequência de forças materiais e fatais", diz Jacolliot.

Afirmações do Sr. Jacolliot:

"Perguntamos um dia a um brâmanes do pagode de Chidambaram, que pertence à *escola cética dos naturalistas de Vyâsa*, se ele acreditava na existência de Deus, Ele nos respondeu, sorrindo: *'Aham eva Parabrahman'* - 'Eu mesmo sou um deus'.

"O que quereis dizer com isto?"

"Quero dizer que tudo que existe sobre a terra, por mais humilde que seja, é uma porção imortal da matéria imortal".

Essa teria sido a resposta que acudiria a todo filósofo antigo, cabalista ou gnóstico, dos primeiros tempos. Ela contém o espírito mesmo dos mandamentos délficos e cabalísticos, pois a filosofia esotérica resolveu, séculos atrás, a questão de saber o que o homem era, é e será. Se as pessoas que acreditam no versículo da *Bíblia* que ensina que "O Senhor Deus formou o homem da poeira do chão e soprou em suas narinas o alento da vida", rejeitam ao mesmo tempo a idéia de que todo átomo dessa poeira, como toda partícula dessa "alma viva", contém "Deus" me si mesma, então lamentamos a lógica desse cristão. Ele ignora os versículos que precedem. Deus abençoa igualmente todas as feras dos campos e toda a criatura viva, na água, como no ar, e Ele a todas elas dota de *vida*, que é um sopro de Seu próprio Espírito, e da *alma* do animal. A Humanidade é o Adão-Cadmo do "Desconhecido", Seu microcosmo e Seu único representante na Terra, e todo homem é um deus na Terra.

Poderíamos perguntar a esse erudito francês, que parece tão familiarizado com todos os slokas dos livros de Manu e de outros escritores védicos, o significado dessa frase que ele conhece tão bem:

"As plantas e a vegetação revelam um grande número de formas por causa das suas ações precedentes; estão cercadas pela escuridão, mas, não obstante, estão dotadas de uma alma interior e sentem igualmente o prazer e a dor".

Se a Filosofia hindu ensina a presença de um grau de *alma* nas formas mais inferiores da vida vegetal, e mesmo em todos os átomos do espaço, como é possível que ela recusasse o mesmo princípio ao homem? E se ela admite o espírito imortal no homem, como pode ela logicamente negar a existência da fonte original - não direi a primeira, mas a Causa eterna? Nem os racionalistas, nem os sensualistas, que não são capazes de compreender a metafísica indiana, deveriam julgar a ignorância dos metafísicos hindus segundo os seus próprios critérios.

O grande ciclo, como observamos anteriormente, inclui o progresso da Humanidade desde seu germe no homem primordial sob a forma espiritual, até o abismo mais profundo da degradação a que ele puder chegar - cada etapa sucessiva na descida sendo caracterizada por uma força e consistência da forma física maiores do que o anterior - e termina com o Dilúvio. Mas enquanto o grande ciclo, ou idade, cumpre o seu curso, sete ciclos menores são percorridos, cada um deles marcando a evolução de uma nova raça que procede da raça anterior, num mundo novo. E cada uma dessas raças, ou grandes tipos da Humanidade, se subdivide em famílias, e estas em nações e tribos, como vemos hoje os habitantes da Terra divididos em mongóis, caucasianos, indianos, etc.

PARA OS ANTIGOS A CIÊNCIA ERA ESPIRITUAL, E A RELIGIÃO CIENTÍFICA. (L. 3. pág. 234).

Antes de mostrar, por meio de diagramas, a semelhança estreita que existe entre as filosofias esotéricas de todos os povos antigos, por meio de diagramas, a semelhança estreita que existe entre as filosofias esotéricas de todos os povos antigos, embora geograficamente remotos uns dos outros, seria útil explicar brevemente as idéias reais que estão na base de todos esses símbolos e de todas essas representações alegóricas que tanto têm embaraçado os comentadores não-iniciados. Melhor do que qualquer outra coisa, isso pode mostrar que Religião e Ciência estavam mais intimamente ligadas do que gêmeos, nos dias de outrora; que as duas formavam um só corpo desde o momento da concepção. Com atributos mutuamente conversíveis, a Ciência era espiritual e a Religião era científica. Como o homem andrógino do primeiro capítulo do *Gênesis* - "macho e fêmea", passivo e ativo; criado à imagem do Elohim. A Onisciência desenvolveu a onipotência, essa última exigia o exercício daquela, e assim o gigante possuía domínio sobre todos os quatro reinos do mundo. Mas, como o segundo Adão, esses andróginos estavam destinados a "cair e

perder os seus poderes" tão logo as duas metades da dualidade se separassem. O fruto da Árvore do Conhecimento dá a morte sem o fruto da Árvore da Vida. O homem deve conhecer *a si mesmo* antes de poder conhecer a gênese última, mesmo dos seres e poderes cuja natureza é ainda menos desenvolvida do que a sua. O mesmo acontece com a Religião e a Ciência; unidas elas eram infalíveis, pois a intuição espiritual estava ali para confirmar as limitações dos sentidos físicos, a ciência exata rejeita o auxílio da voz interior, ao passo que a religião se torna simplesmente teologia dogmática - cada uma delas é um cadáver sem alma.

O CICLO DA CIÊNCIA ESOTÉRICA. (L. 3. pág. 234).

A doutrina esotérica, então, ensina, como o Budismo e o Bramanismo, e até mesmo a perseguida *Cabala*, que a Essência una, infinita e desconhecida existe desde toda a eternidade e que, em sucessões regulares e harmoniosas, ela é passiva ou ativa. Na fraseologia poética de *Manu*, essas contradições são chamadas o "Dia" e a "Noite" de Brahmâ. Este pode estar "desperto" ou "adormecido". Os *Svâbhâvikas*, ou filósofos da mais antiga escola de Budismo (que ainda existe no Nepal), especulam apenas sobre a condição ativa dessa "Essência", que eles chamam de *Svabhavat*, e consideram insensato teorizar sobre o poder abstrato e "incognoscível" em sua condição passiva. Eis por que são chamados de ateus tanto pela Teologia cristã, quanto pelos cientistas modernos nenhum dos dois é capaz de entender a lógica profunda da sua filosofia. Aquela não admitirá nenhum outro Deus que não os poderes *secundários* personificados que edificaram às cegas o universo visíveis e que se transformou no Deus antropomórfico dos cristãos e o Jeová troando entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os budistas e os *Svâbhâvikas* como os "positivistas" dos tempos arcaicos. Se nos inclinarmos a um ponto de vista parcial da filosofia destes últimos, talvez os nossos materialistas estejam corretos em suas opiniões. Os budistas pretendem que não haja *um* Criador, mas uma infinidade de *poderes criadores*, que formam coletivamente a substância única eterna, cuja *essência* é inescrutável - e, portanto, não é um assunto apropriado para a especulação de um verdadeiro filósofo. Sócrates recusou-se invariavelmente a discutir o mistério do ser universal, e, entretanto, ninguém o acusaria de ateísmo, exceção feita aos que procuraram a sua destruição. Ao inaugurar um período ativo, diz a *Doutrina Secreta*, uma expansão dessa essência Divina, *que age de dentro para fora*, ocorre em obediência à lei eterna e imutável, e o universo fenomenal ou visível é o resultado de uma longa cadeia de forças cósmicas colocadas progressivamente em movimento. Da mesma maneira, quando a condição passiva é retomada, ocorre uma contradição da essência Divina e a obra anterior da criação é aniquilada gradual e progressiva. O universo visível se desintegra, seu material se dispersa - e a "escuridão", solitária e abandonada, recobre uma vez mais a superfície do "abismo". Para empregar uma metáfora que poderia comunicar mais claramente a idéia, uma exalação da "essência desconhecida" produz o mundo e uma inalação o faz desaparecer. *Esse processo tem-se repetido desde toda a eternidade e nosso universo atual é apenas um, de uma série infinita que não teve começo, nem terá fim.*

Não podemos, por conseguinte, construir nossas teorias baseadas nas manifestações visíveis da Divindade, nos seus fenômenos naturais objetivos. Aplicar a esses princípios viradores o nome de Deus é peruil e absurdo. Também se poderia dar o nome de Benvenuto Cellini ao fogo que funde o metal, ou ao ar que esfria depois de ter passado pelo molde. Se a Essência espiritual íntima sempre oculta, e abstrata para as nossas mentes, que age nessas forças deve ser relacionada com a criação do universo físico, ela só o pode ser no sentido que lhe deu Platão. Ela poderia ser chamada, no melhor dos casos, de edificador do universo abstrato que se desenvolveu gradualmente no Pensamento Divino em que ela jazia em estado latente.

Tentaremos mostrar, o significado esotérico de Gênese e a sua concordância perfeita com as idéias de outras nações. Veremos que os seis dias de criação possuem um significado insuspeitado por muitos comentadores, que exercitam as suas habilidades até o ponto máximo tentando reconciliá-las com a Teologia cristã e a Geologia não-cristã. Por mais desfigurado que possa estar o *Velho Testamento*, ele ainda conserva em seu simbolismo o suficiente do original, em seus pontos principais, para mostrar sua semelhança com as cosmogonias das nações mais antigas do que a dos judeus.

Reproduzimos aqui os diagramas das cosmogonias hindu e caldaico-judaica. A antigüidade do diagrama dos primeiros pode ser inferida do fato de que muitos dos pagodes bramanicos foram desenhados e construídos com base nessa figura, chamada de Sri-Yantra". E contudo, vemos que os cabalistas judeus e medievais o tinham em grande estima e que lhe deram de "selo de Salomão Seria muito fácil encontrar a sua origem, uma vez que somos lembrados da história do rei-cabalista e das suas relações com o Rei Hiram e com Ophir - o país dos pavões, do ouro e do marfim -, cujas terras devemos procurar na Índia Antiga.

DIAGRAMA HINDU

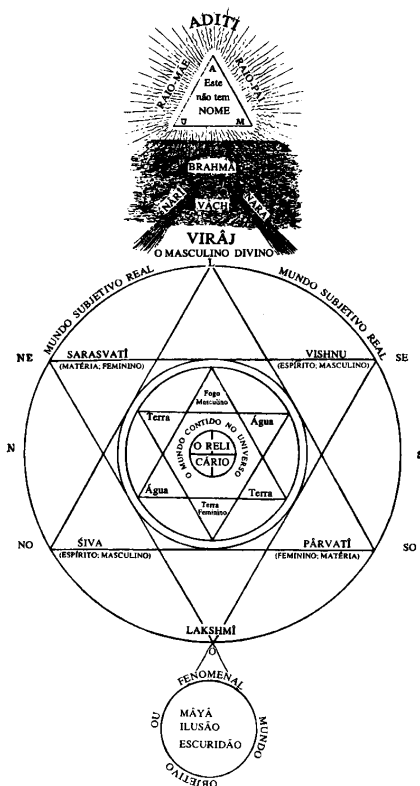
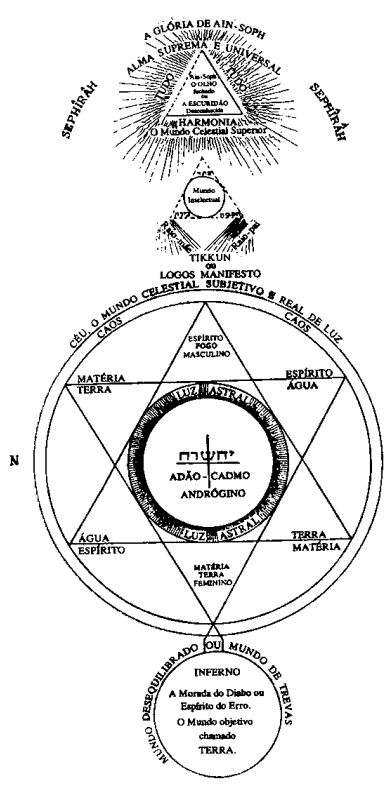


DIAGRAMA CALDAICO



EXPLICAÇÃO DOS DOIS DIAGRAMAS

QUE REPRESENTAM:
OS PERÍODOS CAÓTICOS E FORMADORES, ANTES E DEPOIS QUE NOSSO UNIVERSO COMEÇASSE A EVOLUIR.

DO PONTO DE VISTA ESOTÉRICO BRAMÂNICO, BUDISTA E CALDAICO, QUE CONCORDAM EM TODOS OS PONTOS COM A TEORIA EVOLUTIVA DA CIÊNCIA MODERNA.

A DOCTRINA HINDU

O Triângulo Superior

Contém o Nome Inefável. É o AUM que só deve ser pronunciado Mentalmente, sob pena de morte. O Parabrahman Não-revelado, o Princípio Passivo; o "mukta" absoluto e incondicionado, que não pode entrar na condição de um Criador, pois este, a fim de *pensar, querer e agir*, deve ser finito e condicionado (*baddha*); por conseguinte, em um sentido, deve ser um ser finito.

"ELE (Parabrahman) foi absorvido no não-ser, imperceptível, sem qualquer atributo distinto, inexistente para os nossos sentidos. Foi absorvido no seu sono (para nós) eterno e (para ele) periódico", pois era uma das "Noites de Brahmā". Portanto, ele não é a *Primeira*, mas a Causa Eterna. Ele é a Alma das Almas, que nenhum ser pode compreender nesse estado. Mas "aquele que estuda os Mantras secretos e compreende a *Vāch* (o Espírito ou voz oculta dos Mantras, a manifestação ativa da Força latente) aprenderá a compreendê-lo em seu aspeto "revelado".

A DOCTRINA CALDAICA

O Triângulo Superior

Contém o Nome Inefável. É Ain-Soph, o, Ilimitado, o Infinito, cujo nome só é conhecido pelos iniciados e não pode ser pronunciado em voz alta sob pena de morte. Não mais do que Parabrahman, Ain-Soph não pode criar, pois ele está na mesma condição de não-ser; ele é [Ain] inexistente enquanto se encontra em seu estado latente ou passivo em *Olam* (o tempo ilimitado e infinito); como tal, não é o Criador do universo visível, nem é o *Or* (Luz). Transformar-se-á nele mais tarde, quando o período de criação o tiver compelido a expandir a Força dentro de si, segundo a Lei de que é a essência corporificadora. "Aquele que aprende a conhecer, o *Merkabah* e o *la'hash* (fala secreta ou encantação) aprenderá o segredo dos segredos."

Tanto "Ele, quanto Ain-Soph, em sua primeira manifestação de Luz, emergindo da Escuridão, podem resumir-se no Svabhavat, a Substância Eterna Auto-existente não-criada que produz tudo; ao passo que tudo o que for de sua essência é produzido por sua própria natureza.

O Espaço que Circunda o Triângulo Superior

Quando a "Noite de Brahmâ" chegou ao fim e sou a hora de o Auto-existente manifestar-Se por revelação, ele tornou sua glória visível ao enviar de sua Essência um Poder ativo, que, feminino no começo, torna-se subsequentemente andrógino. É *Aditi*, o "Infinito", o Ilimitado, ou antes o "Desmedido". Aditi é a "mãe" de todos os deuses, e Aditi é o Pai e Filho. "Quem nos levará de volta ao Grande Aditi, para que eu possa ver pai e mãe?" É em conjunção com essa Força Feminina que o Pensamento Divino mas latente produz a grande "Profundidade" - água. "A água nasceu de uma transformação da luz (...) e de uma *modificação* da água nasceu a terra, diz *Manu* (livro I, 78). "Sóis filhos de Aditi, nascida da água, vós que sóis nascidos da terra, ouvi meu chamado. "Nessa água (ou caos primitivo) o andrógino "Infinito, que, com a Eterna, forma a primeira Tríada abstrata, representada por AUM, depositou a vida universal. É o Ovo Mundano, em que ocorre a gestação de Purusha, ou o Brahmâ Manifesto. O germe que fecundou o Princípio-Mãe (a água) é chamado *Nara*, o Espírito Divino ou Espírito Santo, e as próprias águas são uma emanção dela, *Nârî*, enquanto o Espírito que se move sobre as águas é chamado de *Nârâyana*. "Naquele ovo, o grande Poder permaneceu inativo todo o ano do Criador, a cujo Final, por seu próprio pensamento, fez com que o ovo se dividisse." A metade superior tornou-se o céu, a inferior a terra (ambos em sua forma ideal, não em sua forma manifesta). Assim, essa segunda Tríada, apenas um outro nome para a primeira (nunca pronunciado em voz alta), e que é a Trimûrti *secreta* e primordial pré-védica verdadeira, consistia de

Nara, Pai-Céu,

Nârî, Mãe-Terra,
Virâj, o Filho-ou Universo.

A Trimûrti, que compreende Brahmâ, o Criador, Vishnu, o Conservador, e Shiva, o Destruidor e Regenerador, pertence a um Período posterior. É uma ilusão antropomórfica, inventada para uma compreensão popular das massas não-iniciadas. O *Dikshita*, o iniciado, conhecia muito mais e melhor. Assim, essa profunda alegoria - com cores de uma fábula ridícula, dada no *Aitareya-Brahmanam*, que resultou nas representações, em alguns templos, de Brahmâ-Nara, sob a forma de um touro, e sua filha, Aditit-Nârî, na de uma bezerra - contém a mesma idéia metafísica da "queda do homem", ou do Espírito na geração - a matéria. O Espírito Divino Que-tudo-impregna, personificado sob os símbolos do Céu, do Sol e do Calor (fogo) - a correlação das forças cósmicas - fecunda Matéria ou Natureza, filha do Espírito. E o próprio Brahmâ se vê forçado a se submeter, e a suportá-la, à penitência das maldições de outros deuses (Elohim) em razão desse incesto. (Ver Coluna correspondente.) De acordo com a lei imutável e, por conseguinte, fatal, Nara e Nârî são ao mesmo tempo Pai e Filha. A Matéria, por suas transformações infinitas, é o produto gradual do Espírito. A unificação de uma Causa Suprema Eterna exigiu essa correlação; e, se a natureza é o produto ou o efeito dessa Causa, ela deve, por sua vez, ser fecunda pelo mesmo Raio divino que produziu a própria natureza. As alegorias cosmogônicas mais absurdas, se analisadas sem preconceito, estão sempre baseadas numa necessidade estrita e lógica.

O Espaço que Circunda o Triângulo Superior

Quando chegou o período ativo, Ain-Soph emitiu, de sua própria essência eterna, Sephirah, o Poder ativo, chamado de Ponto Primordial, e a Coroa, Kether. Foi só através dela que a "Sabedoria Desmedida" pôde dar uma forma concreta ao seu Pensamento abstrato. Dois lados do triângulo superior, o lado direito e a base, são formados de linhas interrompidas; o terceiro, o do lado esquerdo é formado por uma linha pontilhada. É através deste lado que emerge Sephirah. Espalhando-se em todas as direções, ela circunda finalmente todo o triângulo. Nessa emanção do princípio ativo feminino, a partir do lado esquerdo do triângulo místico, pressagia-se a criação de Eva a partir do lado esquerdo de Adão. Adão é o Microcosmo do Macrocosmo e é criado à imagem de Elohim. Na Árvore da Vida, (Etz Haiyim] a Tríada tripla está disposta de maneira que os três Sephiroth masculinos fiquem à direita, os três femininos à esquerda, e os quatro princípios que os unem no centro.

Do Orvalho Invisível que cai da "Cabeça" Superior, Sephirah cria a água primordial, ou o caos assumindo forma. É o primeiro passo para a solidificação do Espírito, que, através de várias modificações, produzirá a terra. "É preciso terra e água para fazer uma alma vivente", diz Moisés.

Quando Sephirah emerge, da Divindade latente, como um poder ativo, ela é feminina; quando assume o papel de um Criador, torna-se masculino; eis por que é andrógina. Ela é o "Pai e a Mãe Aditi" da cosmogonia hindu. Após ter meditado sobre a "Profundidade", o "Espírito de Deus" produz a sua própria imagem na água, o Útero Universal, simbolizado em *Manu* pelo Ovo Dourado. Na cosmogonia cabalística, Céu e Terra estão personificados por Adão-Cadmo e pelo segundo Adão. A primeira

Triada Inefável, contida na idéia abstrata das "Três Cabeças", era um "nome de mistério". Ela se compunha de Ain-Soph,

Sephirah e Adão-Cadmo, o Protogonos, sendo este idêntico ao primeiro, pois que era bissexual. Em toda a Tríada existe um macho, uma fêmea e um andrógino. Adão -Sephirah é a Coroa (Kether). Ele se empenha na obra da criação, produzindo em primeiro lugar Hokhmah, Sabedoria Masculina, uma potência masculina ativa, representada por, Yâh, ou as Rodas da Criação, [*Ophanim*], das quais procedeu Binah, Inteligência, potência feminina e passiva, que é *Yahveh*, que vemos figurar na *Bíblia* como o Supremo. Mas este *Yahveh* não é o *Yod-heva* cabalístico. O *binário* é a pedra angular da *Gnosis*. Assim como o binário é a Unidade que se multiplica e que é autocriadora, os cabalistas mostram que o Ain-Soph passivo "Desconhecido" faz emanar de si mesmo Sephirah, que, tornando-se luz visível, produz, diz-se, Adão-Cadmo. Mas, no sentido oculto, Sephirah e Adão são uma mesma luz, latente e ativa, invisível e visível. O segundo Adão, como o tetragrama humano, produz por sua vez Eva, em um dos seus lados. É com essa segunda Tríada que os cabalistas se ocuparam, dificilmente fazendo uma referência ao Supremo e ao Inefável e nunca chegando a fazer qualquer declaração escrita. Todo conhecimento relativo a este último foi partilhado oralmente.

É o *segundo* Adão, então, é a unidade representada por *Yod*, emblema do princípio cabalístico masculino, e, ao mesmo tempo, ele é Hokhmah, *Sabedoria*, enquanto *Binah* ou *Yehovah* é Eva; o primeiro Hokhmah emanado de Kether, ou o andrógino, Adão-Cadmo, e o segundo, Binah, de Hokhmah.

"O ser nasceu do não-ser" diz um verso do *Rig-Veda*. O primeiro ser teve de se tornar andrógino e finito, em virtude mesmo da sua criação como um ser. E assim, mesmo a Trimûrti sagrada, que contém Brahmâ, Vishnu e Shiva, terá fim quando a "noite" de Parabrahman suceder ao "dia" atual, ou período de atividade universal. A segunda Tríada, ou antes a primeira - pois a mais suprema é apenas uma abstração pura -, é o mundo intelectual. A *Vâch* que a circunda é uma transformação mais definida de Aditi. Além da sua significação oculta no Mantra secreto, *Vâch* é personificada como o poder ativo de Brahmâ que procede dele.

Nos *Vedas* ela fala de si mesma como a alma suprema e universal. "Trago o Pai sobre a cabeça [da mente universal]; e *minha origem está no meio do oceano* e, portanto, penetro todos os seres. (...) Dando origem a todos os seres, eu passo como a brida [Espírito Santo]. Estou acima desse céu, além dessa terra; e *aquilo que o Grande Ser for, eu o sou*". Literalmente, *Vâch* é a fala, o, poder de despertar, por meio do arranjo métrico contido no número de sílabas dos Mantras, os poderes correspondentes no mundo invisível. Nos mistérios sacrificiais, *Vâch* desperta o Brahmâ (*Brahmâ jinvati*), ou o poder que repousa latente na base de toda operação mágica. Ela existe desde toda a eternidade como *Yajña* (sua forma latente), em estado dormente em Brahmâ desde o "não-começo" e procede dele sob a forma de *Vâch* (o poder ativo). É a chave da "Traividya", a três vezes sagrada ciência que ensina os *Yajus* (os mistérios sacrificiais). Tendo falado da Triada não-revelada e da primeira triada dos Sefiroth, chamada de "mundo intelectual", pouco resta a ser dito. Na grande figura geométrica que tem um triângulo duplo, o círculo central representa o mundo no universo.

O triângulo duplo pertence a uma das mais importantes, senão a mais importante delas, figura mística da Índia. É o emblema da Trimûrti, ou três em um. O triângulo que tem o ápice voltado para cima indica o princípio masculino; voltado para baixo, o feminino; os dois tipificam, ao mesmo tempo, o espírito e a matéria. Esse mundo no universo infinito é o microcosmo no macrocosmo, como na *Cabala* judaica.

É o símbolo do útero do universo, o ovo terrestre, cujo arquiteto é o ovo mundano dourado. É desse seio espiritual da mãe Natureza que procedem todas as grandes salvadores do universo - os avatares da Divindade invisível.

"Daquele que é e que, portanto, não é, do não-ser, Caída Eterna, nasceu o ser Purusha", diz Manu, o legislador. Purusha é o "macho divino", o *segundo* deus, e o avatar, ou o Logos de Parabrahman e seu filho divino, que por sua vez produziu Virâj, o filho, ou o tipo ideal do universo. "Virâj inicia a obra da criação ao produzir os dez Prajâpati, 'os senhores de todos os seres'". De acordo com a doutrina de Manu, o universo está sujeito a uma sucessão periódica e interminável de criações e dissoluções, períodos de criação que são chamados *Manvantaras*.

"É o germe [que o Espírito Divino produziu de sua própria substância] que nunca perece no ser, pois ele se torna a alma do Ser e, no período de *pralaya* [dissolução], torna a se absorver no *Espírito Divino*, que repousa desde toda a eternidade em Svayambhû, o Auto-existente".

Como mostramos, nem os Svâbhavikas - filósofos budistas - nem os brâmanes acreditam numa criação do universo *ex nihilo*, mas acreditam na *Prakriti*, as indestrutibilidade da matéria. A evolução das espécies e o sucessivo aparecimento de diversos tipos novos estão claramente mostrados em *Manu*.

"Da terra, do calor e da água nasceram todas as criaturas, animadas, produzidas pelo germe que o Espírito Divino extraiu de sua própria substância. Assim, Brahmâ estabeleceu as séries de transformações da planta até o homem, e do homem até a essência primordial. (...) Entre elas, cada ser (ou elemento) sucessivo adquire a qualidade do precedente; e, à medida que galga um dos graus, ele é dotado de novas propriedades".

Se combinarmos com *Yod*, as três letras que formam o nome de Eva, teremos o divino tetragrama, pronunciado IEVO-HEVAH, Adão e Eva, Jehovah, masculino e feminino, ou idealização da Humanidade corporificada no primeiro homem. É assim que podemos provar que, enquanto os cabalistas judaicos, em comum com os seus mestres iniciados, os caldeus e os hindus, adoravam o Deus Supremo e Desconhecido, no silêncio sagrado dos seus santuários, as massas ignorantes de todas as nações adoravam algo que era certamente menos do que a Substância Eterna dos budistas, os chamados ateus.

Como Brahmâ, a divindade manifestada no *Manu* mítico, ou o primeiro homem (nascido de Svayambhû, ou o Auto-existente) é finito, assim também Jeová, corporificado em Adão e Eva, é apenas um deus humano. Ele é o símbolo da Humanidade, uma mistura do bem com uma porção do mal inevitável; de espírito caído na matéria. Adorando Jeová, simplesmente adoramos a natureza, corporificada no homem, metade espiritual e metade material, no melhor dos casos: somos panteístas, quando não adoradores de fetiches, como os judeus idólatras, que sacrificavam em lugares elevados, nos bosques, ao princípio masculino e feminino personificado, ignorando IAÓ, o "Nome Secreto" Supremo dos Mistérios Shekinah é a *Vâch* hindu, adorada nos mesmos termos. Embora seja mostrada na Árvore da Vida cabalística como procedente da nona Sefiroth, Shekinah é o "véu" de Ain-Soph e a "veste" de Jeová. O "véu", que durante longas eras ocultou o verdadeiro Deus supremo, o Espírito universal, e mascarou Jeová, a divindade exotérica, fez com que os cristãos o aceitassem como o "pai" do Jesus iniciado.

Todavia, os cabalistas, bem como os *Dikshita* hindus, conheciam o poder de Shekinah ou *Vâch* e o chamavam de "sabedoria secreta" [*Hokhmah nistharah*]. O triângulo representou um papel importante no simbolismo religioso de toda grande nação, pois, em toda parte, ele representou os três grandes princípios - espírito, força e matéria; ou o princípio ativo (masculino), passivo (feminino) e o dual ou correlativo que participa de ambos e os mantém unidos.

Era o *Arba* ou "quaternário" *kabiri*, sumariados na unidade da Divindade suprema. Encontra-se nas pirâmides egípcias, cujos lados iguais se elevam até se perderem num ponto culminante. No diagrama cabalístico, o círculo central da figura bramânica é substituído pela cruz; a perpendicular celestial e a linha de base horizontal terrestre.

Mas a idéia é a mesma: Adão-Cadmo é o tipo da humanidade como uma totalidade coletiva, na unidade de Deus criador e do espírito universal. "Daquele que é sem forma, o inexistente (também a Causa eterna, mas *não* a Primeira), nasceu o homem celeste." Mas após ter criado a forma do homem celeste [Adam Illa-ah], ele "usou-a como veículo no qual ele desceu", diz a *Cabala*. Assim, Adão-Cadmo é o avatar do poder oculto. Após isso, Adão cria ou engendra, pelo poder combinado do Sefiroth, o Adão terrestre.

A obra de criação também é iniciada por Sefirah na criação dos dez Sefiroth (que são os Prajâpati da *Cabala*, pois eles são igualmente os Senhores de todos os seres).

O *Zohar* afirma a mesma coisa. Segundo a doutrina cabalística, houve mundos antigos (*Zohar*, III, p. 292b). Tudo retornará um dia àquilo de onde procedeu. "Todas as coisas de que este mundo consiste, tanto o espírito, quanto o corpo, voltarão ao seu princípio e às razões de onde precederam" (*Zohar*, II, 218b). Os cabalistas também defendem a indestrutibilidade da matéria, embora sua doutrina seja ainda mais cuidadosamente encoberta

do que a dos hindus. A criação é eterna e o universo é a "veste" ou "o véu de Deus" - Shekinah; e este é imortal e eterno como Aquele no seio em que ele sempre existiu. Todo o mundo é estabelecido com base no padrão do seu predecessor, e cada vez mais grosseiro e material que o precedente. Na *Cabala*, todos eles tinham o nome de centelhas. [*Zohar*, III, p. 292.b] Finalmente, nosso mundo atual grosseiramente material foi formado.

Esta, acreditamos, é a verdadeira teoria dos evolucionistas modernos.

Na narrativa caldaica do período que precede à gênese de nosso mundo, Berosus fala de um tempo em que nada existia a não ser a escuridão, e um abismo de águas, povoado de monstros horríveis, "produziu um princípio duplo. (...) Naquelas criaturas estavam combinados os membros de todas as espécies de animais. Além delas, havia peixes, répteis, serpentes e outros animais monstruosos, que assumiam as formas e as feições uns dos outros".

DOCTRINA CABALISTA DA COSMOGONIA. (L. 3. pág. 239).

Temo a seguinte afirmação no primeiro livro de Manu: "Sabei que a soma de 1.000 eras divinas compõe a totalidade de um dia de Brahmâ; e que uma noite é igual a um dia". Mil eras divinas são iguais a 4.320.000.000 anos humanos nos cálculos bramânicos.

"Na expiração de cada noite, Brahmâ, que estava adormecido, desperta e [pela energia do movimento] emana de si mesmo o espírito, que em sua essência *É*, e entretanto não *É*."

"Movido pelo desejo de criar, o Espírito [a primeira das emanações] opera a criação e dá nascimento ao éter, no qual os sábios reconhecem a faculdade de transmitir o som.

"O éter engendra o ar, cuja natureza é tangível [e que é necessário vida].

"Por uma transformação do ar, a luz é produzida.

"[Do ar e] da luz [que engendra o calor], forma-se água [e a água é o útero de todos os germes vivos].

Durante todo o imenso período de criação progressiva, que se estende por 4.320.000.000 anos, o éter, o ar, a água e o fogo (calor) estão constantemente produzindo matéria sob o impulso do Espírito, ou do Deus *não-revelado* que preenche toda a criação, pois ele está em tudo, e tudo está Nele.

No *Sepher Yetzîrah*, o livro cabalístico da Criação, seu autor repetiu evidentemente as palavras de Manu. Nele, a Substância Divina está representada como se tivesse existido sozinha desde a eternidade, desmedida e absoluta; e fez emanar de si mesma o Espírito. "O Espírito de Deus vivo é Um, abençoado seja Seu nome, que vive para sempre! Voz, Espírito e Palavra - eis o Espírito Santo"; e esta é a Trindade cabalística abstrata, tão sem-cerimônia antropomorfizada pelos padres. Desse UM triplo emanou todo o Cosmo. Primeiramente, o elemento criador; e depois o número TRÊS, *Água*, que procede do ar; *Éter* ou *Fogo* completam o quaternário místico, o Arba-il. "Quando o Oculto quis revelar-Se, produziu primeiramente um ponto [ponto primordial, ou o primeiro Sefirah, ar ou Espírito Santo], deu-lhe uma forma sagrada [os dez Sefirot, ou o homem celeste] e a recobriu com uma rica e esplêndida veste, *que é o mundo*". "Ele fez do vento os seus mensageiros, e, do Fogo flamejante, os seus servidores", diz o *Yetzîrah*, mostrando o caráter cósmico dos anjos evemerizados posteriores, e que o Espírito permeia os mínimos átomos do Cosmo. (É interessante lembra *Hebreus*, 1,7 em relação a essa passagem. "Aquele que faz dos seus anjos [mensageiros], espíritos, e dos ministros [servos, aqueles que prestam auxílio], chama de fogo". A semelhança é demasiado viva para que deixemos de inferir que o autor de *Hebreus* estava tão familiarizado com a "Cabala" quando costumam os seus adeptos.)

Quando o ciclo da criação chega ao seu final, a energia da palavra manifesta está enfraquecida. Só ele, o Inconcebível, é imutável (sempre latente), mas a Força Criadora, embora também seja eterna, ela também, porque esteve ali desde o "não-começo", deve sujeitar-se aos ciclos periódicos de atividade e de repouso; como ela teve *começo* em um dos seus aspetos, quando de sua primeira emanação, ela também deve, por conseguinte, ter um fim. Assim, a tarde sucede o dia, e a noite da divindade se aproxima. Brahmâ está adormecido pouco a pouco. Em um dos livros do *Zohar* lemos a seguinte afirmação:

"Enquanto Moisés velava sobre o monte Sinai em companhia da Divindade, que uma nuvem ocultava à sua visão, sentiu uma grande temor se apoderar dele e perguntou repentinamente: 'Senhor, onde estás (...) dormes, Senhor?' E o *Espírito* lhe respondeu: 'Eu nunca durmo; se eu dormir por um momento sequer *antes da minha hora*, toda a Criação entrará em dissolução em um instante!'" E Vâmadeva Modaliyar descreve a "noite de Brahmâ", ou o segundo período da existência Divina Desconhecida, com as seguinte palavras:

"Estranhos rumores se fazem ouvir, os quais procedem de todos os lugares. (...) São os precursores da Noite de Brahmâ; o *crepúsculo ergue-se no horizonte* e o Sol desaparece atrás do trigésimo grau de *Makara* (signo do zodíaco) e não chega ao signo de *Mina* (o *pisce* zodiacal, o signo de peixes). Os gurus dos pagodes, designados para velar pelo *râsi-chakra* [Zodíaco], já podem quebrar seus círculos e instrumentos, pois são doravante inúteis.

"A luz enfraquece gradualmente, o calor diminui, os lugares inabitáveis multiplicam-se sobre a Terra, o ar torna-se mais e mais rarefeito; as fontes de água secam, os grandes rios vêem exaustas as suas ondas, o oceano mostra o seu leito de areia e as plantas morrem. Os homens e os animais diminuem de estatura dia-a-dia. A vida e o movimento perdem sua força, os planetas mal podem gravitar no espaço; extinguem-se um a um, como uma lâmpada que a mão do *chakra* [servo] não enche mais. Sûrya (o Sol) vacila

e se apaga, a matéria entra em dissolução (*pralaya*) e Brahmâ retorna a Dyaus, o Deus Não-revelado, e, cumprida a sua tarefa, adormece. Outro dia passou, a noite se estende e continua até a futura aurora.

"Agora, os germes de tudo o que existe entram novamente no Ovo Dourado do Seu Pensamento, como nos diz o divino Manu. Durante Seu repouso pacífico, os seres animados, dotados dos princípios de ação, interrompem as suas funções e toda sensação (*manas*) adormece. Quando todos são absolvidos na ALMA SUPREMA, essa alma de todos os seres dorme em completo repouso, até o dia em que ela resume sua forma e desperta novamente de sua escuridão primitiva."

OS DEZ AVATARAS MÍSTICOS DE VISHNU. (L. 3, pág. 241).

Se examinarmos os dez avataras místicos de Vishnu, nós os veremos relacionados na seguinte progressão:

1. Matsya-Avatâra: como peixe. Este será igualmente o seu décimo e último avatar, ao final do Kali-yuga.

2. Kûrma-Avatâra: como uma tartaruga.

3. Varâha: como um javali.

4. Nara-Sinha: como um *homem-leão*; último estágio animal.

5. Vâmana: como um anão; primeiro passo em direção à forma humana.

6. Parasu-Râma: como um herói, mas ainda um homem imperfeito.

7. Râma-Chandra: como o herói do *Ramâyana*. Um homem perfeito fisicamente; seu parente próximo, amigo e aliado Hanuman, o macaco-deus. O *macaco dotado de fala*.

8. Kisna-Avâtara: o Filho da Virgem Devakî, formado por Deus, ou antes pelo Deus Vishnu manifesto, que é idêntico a Adão-Cadmo. (A Essência Primacial ou Última *não têm nome* na Índia. É indicada às vezes por "Isso" ou por "Este". "Este [Universo] em sua origem não era nada. Não havia céu, nem terra, nem atmosfera. Aquele ser inexistente (*Asat*) disse 'Serei'.) Krishna também é chamado Kâneya, o Filho da Virgem.

9. Gautanma-Buddha, Siddhârtha, ou Sâkya-Muni. (Os budistas rejeitam a doutrina de que seu Buddha seria uma encarnação de Vishnu.)

10. Esse Avatar ainda não se cumpriu. É aguardado para o futuro, como o Advento dos cristãos, cuja idéia foi, sem dúvida alguma, copiada dos hindus. Quando Vishnu apareceu pela última vez, ele virá como um "Salvador". De acordo com a opinião de alguns brâmanes, ele se manifestará sob a forma de *Kalki* (cavalo branco). Outros afirmam que ele o montará. Esse cavalo é o envoltório do espírito do mal, e Vishnu o montará, invisível a todos, até que o tenha conquistado pela última vez. O *Kalki-Avatâra*, ou a última encarnação, divide o Bramanismo em duas seitas. A dos Vaishnava recusa-se a reconhecer as encarnações do seu deus Vishnu sob formas literalmente animais. Eles afirmam que essas formas devem ser tomadas em sentido alegórico.

Nessa relação dos avatares, encontramos a evolução gradual e a transformação de todas as espécies desde o lado pré-siluriano de Darwin até o *ilus* de Sanchoniathon e Berosus. Começando com a era azóica, correspondente ao *ilus* em que Brahmâ implanta o germe criador, passamos pelas eras paleozóica e mesozóica, cobertas pela primeira e pela segunda encarnações como o peixe e a tartaruga; e pela cenozóica, que abrange as encarnações nas formas animal e semi-humana do javali e do homem-leão; e chegamos ao quinto período, culminante com a "era da mente, ou idade do homem", cujo símbolo na mitologia hindu é o anão - a primeira tentativa da natureza na criação do homem. Nessa relação é preciso considerar a sua idéia principal, e não julgar o grau de conhecimento dos filósofos antigos por meio da aceitação literal da forma popular em que ele nos é apresentado no grande poema épico *Mahâbarata* e num de seus capítulos, a *Bhagavad-Gîtâ*.

Até mesmo as quatro eras da cronologia hindu contêm uma idéia mais filosófica do que parece superficialmente. Elas as define de acordo com os estados psicológicos ou mental e físico do homem durante esse período. Krita-yuga, a idade de ouro, a "idade da alegria", ou inocência espiritual do homem; Tretâ-yuga, a idade da prata, ou do fogo - o período da supremacia do homem e dos girantes e dos filhos de Deus; Dvâpara-yuga, a idade do bronze - uma mistura, já de pureza e de impureza (espírito e matéria), a idade da dúvida; e, finalmente, a nossa, a Kali-yuga, ou idade de ferro, ou escuridão, miséria e tristeza. Nessa idade, Vishnu chegou a se encarnar em Krishna, a fim de salvar a humanidade da deusa *Kâlî*, consorte de Shiva, o aniquilador de tudo - a deusa da morte, da destruição e da miséria humana. *Kâlî* é o melhor emblema para representar a "queda do homem"; a queda do espírito na degradação da matéria, com todos os seus resultados terríveis. Devemos nos livrar de *Kâlî* para conseguir o *Moksha*, ou Nirvana, a morada da Paz abençoada e do Espírito.

Para os budistas, a última encarnação é a quinta. Quando vier o Maitreya-Buddha, então nosso mundo atual será destruído e um novo mundo, e melhor, o substituirá. Os quatro braços de toda Divindade hindu são os emblemas das quatro manifestações anteriores de nossa terra, após seu estado invisível, enquanto a cabeça tipifica o quinto e último *Kalki-Avatâra*, quando a terra será destruída e o poder de Budh - a Sabedoria (de Brahmâ, para os hindus)- será novamente chamada a se manifestar - como um *Logos* - para criar o mundo futuro.

Nesse esquema, os deuses masculinos tipificam o Espírito e seus atributos divinos, ao passo que suas contrapartes femininas - as *Sakti* - representam as energias ativas desses atributos. A Durgâ (virtude ativa) é uma força sutil, invisível, que corresponde a Shekînah - a vestimenta de Ain-Soph. Ela é a Sakti por cujo intermédio o "Eterno" passivo faz surgir o universo visível a partir da sua primeira concepção ideal. Cada um desses três personagens da Trimûrti exotérica utiliza a sua *Sakti* como um Vâhana (veículo). Cada um deles é, o momento, a forma que está sentada no carro misterioso de Ezequiel.

Não vemos menos claramente expressa, nessa sucessão de Avatares, a verdadeira idéia filosófica de uma evolução espiritual e física simultânea dos animais e do homem. A partir de um peixe, o progresso dessa transformação dual faz passar a forma física pela tartaruga, pelo javali e pelo homem-leão; e, depois, aparecendo no anão humano, mostra *Parasu-Râma*, uma entidade fisicamente perfeita e espiritualmente não-desenvolvida, até levar a Humanidade personificada num homem divino ao ápice da perfeição e espiritual - um deus sobre a Terra. Em Krishna e nos outros Salvadores do mundo reconhecemos a idéia filosófica do desenvolvimento dual progressivo compreendida pelo *Zohar* e tão claramente expressa por ele. O "Homem Celeste", que é o Protogonos, Tikkun, o primogênito de Deus, ou a Forma ou Idéia universal, engendra Adão. Eis por que este é de nascimento divino na Humanidade e dotado dos atributos de todos os dez Sefiroth. São eles: Sabedoria, Inteligência, Justiça, Amor, Beleza, esplendor, Firmeza, etc. Eles fazem dele o Fundamento ou Base, "o poderoso ser vivo", [El-Hay], e a coroa da criação, colocando-o assim como o Alfa e o Ômega para reinar sobre o "reino" - Malkhuth. "O homem é ao mesmo tempo a consequência e o mais alto grau da criação", diz o *Zohar*. "Logo que o homem foi criado, tudo estava completo, inclusive os mundos superiores e os mundos inferiores, pois tudo está compreendido no homem. Ele reúne em si mesmo todas as formas."

Mas isto não diz respeito à nossa Humanidade degenerada; é só ocasionalmente que nascem homens que são os tipos daquilo que o homem deveria ser e não é. As primeiras raças de homens eram espirituais e os seus corpos protoplásticos não eram compostos das substâncias grosseiras e materiais que entram na composição dos homens de hoje. Os primeiros homens foram criados com todas as faculdades da Divindade, com poderes bastante superiores aos das legiões angélicas, pois eles eram emanações diretas de Adão-Cadmo, o homem primitivo, o Macrocosmo; ao passo que a Humanidade atual é em muitos graus inferior mesmo à do Adão terrestre, que era o Microcosmo, ou "o mundo em miniatura". Zeir-Anpîn, a figura mística do Homem, consiste de 243 números, e vemos nos círculos que se sucedem uns aos outros que foram os anjos que emanaram do "Homem Primitivo", não os Sefiroth dos anjos. Em consequência, o homem devia ser, desde o começo, um ser que possuía uma natureza ao mesmo tempo progressiva e regressiva. Tendo no ápice do ciclo divino, ele se afastou gradualmente do centro de Luz, adquirindo em cada esfera inferior a que chegava (mundos habitados por uma raça diferente de seres humanos) uma forma física mais sólida e perdendo uma parte das suas faculdades *divinas*.

Na "queda de Adão" devemos ver, não a transgressão pessoal do homem, mas apenas a lei da evolução dual. Adão, ou o "Homem", dá início à sua carreira de existência com a sua permanência no jardim do Éden, "vestido de vestes celestiais, *uma veste de luz celeste*" (*Zohar*, II,229b); mas, quando foi expulso, é "vestido" por Deus, ou a Lei Eterna de Evolução ou necessitarismo, com túnicas de pele. Mas, mesmo sobre essa terra de degradação material - em que a centelha divina (Alma, uma corrupção do Espírito) devia começar a sua progressão física numa série de aprisionamentos a partir da pedra até o corpo de um homem -, se ele exercitar a sua VONTADE e chamar a sua divindade em seu socorro, o homem pode transcender os poderes do anjo. "Não sabeis que havemos de julgar os anjos?" pergunta Paulo (1 *Corintos*, VI,3). O homem real é a Alma (Espírito), ensina o *Zohar*. "O mistério do homem terrestre vem após o mistério do homem celeste (...) o sábio pode ler os mistérios na face humana" (II,76a).

Esta é outra das muitas frases pelas quais Paulo pode ser reconhecido como um iniciado. Por razões que já enunciadas, consideramos mais dignas de genuinidade certas Epístolas dos Apóstolos, agora consideradas como apócrifas, do que muitas passagens suspeitas dos *Atos*. E encontramos corroboração deste ponto de vista nas *Epístolas de Paulo a Sêneca e de Sêneca a Paulo*. Em uma mensagem, Paulo chama Sêneca de "meu respeitável mestre", ao passo que Sêneca se dirige ao apóstolo simplesmente como "Irmão".

Não temos mais direito de julgar o Bramanismo e o Budismo pelas formas absurdas e às vezes repugnante do culto popular, do que julgar a verdadeira religião da filosofia judaica pelos absurdos da *Bíblia*

exotérica. Se quisermos procurar a essência verdadeira da filosofia de *Manu* e da *Cabala*, reconheceremos que Vishnu é, da mesma maneira que Adão-Cadmo, a expressão do próprio universo e que suas encarnações são personificações concretas e variadas das manifestações desse "Todo Assombroso". "Eu sou a Alma, ó Arjuna. Eu sou a Alma que existe no coração de todos os Seres; e Eu sou o começo o meio, e também o fim das coisas existentes" - diz Krishna aos seu discípulo, na *Bhagavad-Gîtâ* (cap. X).

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o começo e o fim (...) Eu sou o primeiro e o último", diz Jesus a João (*Apocalipse*, I,8,17).

Brahmâ, Vishnu e Shiva são uma trindade numa unidade, e, como a trindade cristã, são mutuamente conversíveis. Na doutrina esotérica, eles são uma única e mesma manifestação daquele "cujo nome é sagrado demais para ser pronunciado e cujo poder é majestoso e infinito demais para ser imaginado". Assim, descrevendo-se os Avatares de um deles, todos os outros estão incluídos na alegoria, com uma modificação de forma, mas não de substância. É dessas manifestações que emanaram os muitos mundos anteriores e que emanará aquele que deve vir.

Além do fato de o *Râmâyana* ser o maior poema épico do mundo - a fonte e a origem da inspiração de Homero -, esse Avatar oculta um dos problemas científicos dos tempos modernos. Os brâmanes cultos da Índia nunca compreenderam a alegoria da famosa guerra entre homens, gigantes e macacos, senão como uma alegoria da transformação das espécies. Estamos persuadidos de que se os acadêmicos europeus se dirigissem a alguns brâmanes culto nativos em busca de informações, em vez de rejeitar unânime e incondicionalmente a sua autoridade, e se eles, com Jacolliot - contra quem se ergueram - procurassem luz nos documentos mais antigos espalhados em profusão por todos os pagodes do país, eles aprenderiam lições curiosas, mas muito úteis. Se alguém perguntar a um brâmanes *erudito* sobre a razão do respeito devido aos macacos - respeito que se origina na história dos feitos valorosos de Hanunman, o generalíssimo e fiel aliado do herói do *Râmâyana* -, essa pessoa abandona imediatamente a idéia errônea de que os hindus atribuem honras divinas a um *deus*-macaco. Talvez aprendesse - se o brâmanes o julgasse digno de uma explicação - que os hindus vêem no macaco apenas aquilo que Manu queria que ele fosse: a transformação da espécie mais diretamente relacionada com a da família humana - uma ramo bastardo enxertado em seu próprio tronco antes da perfeição final desta última. (Um cientista de Hanover publicou recentemente uma obra intitulada *Über die Auflösung der Arten durch natürliche Zuchtwahl*, em que mostra, com grande ingenuidade, que Darwin estava completamente enganado ao remontar a origem do homem ao macaco. Ao contrário, ele afirma que é o macaco que se desenvolveu do homem. Que, no começo, a Humanidade foi, moral e fisicamente, os tipos e os protótipos da nossa atual raça e da dignidade humana, por sua beleza de forma, regularidade de traços, desenvolvimento craniano, nobreza de sentimentos, impulsos heróicos e grandeza de concepções ideais. Isso é pura filosofia bramânica, budista e cabalística. Seu livro é copiosamente ilustrado com diagramas, tabelas, etc. Ele afirma que o envelhecimento e a degradação do homem, moral e fisicamente, podem ser facilmente verificados através das transformações etnológicas até os nossos dias. E, como uma porção já degenerou em macacos, também o homem civilizado dos dias de hoje será sucedido, pelo menos, sob a ação da inevitável lei da necessidade, por descendentes semelhantes. Se pudermos julgar o futuro pelo presente, parece bastante possível que um corpo tão não-espiritual e materialista como o dos nossos cientistas termine como *simiae* e não como serafins.). Ele aprenderia, além disso, que aos olhos dos "gênios" cultos, o homem espiritual ou interior é uma coisa e que o seu envoltório físico, terrestre, é outra. Que a natureza *física*, a grande combinação de correlações físicas de forças que avançam em direção à perfeição, foi obrigada a se servir do material que tinha em mãos; ela modela e remodela enquanto prossegue e, terminado a sua obra no homem, apresenta-o apenas como um tabernáculo apropriado ao obscurecimento do espírito Divino. Mas este dá ao homem o direito de vida e de morte sobre os animais inferiores a ele, na escala da *natureza*, ou o direito de os torturar. Exatamente o contrário. Além de ser dotado de uma alma - que qualquer animal, e mesmo qualquer planta, também possui mais ou menos -, o homem tem uma alma imortal *racional*, ou *Nous*, que deveria torná-lo pelo menos igual em magnanimidade ao elefante, que caminha cuidadosamente para não esmagar os animais mais frágeis do que ele. É esse sentimento que faz com que os brâmanes e os budistas construam hospitais para animais doentes, e até mesmo para insetos, e a preparar refúgios onde eles possam terminar os seus dias. É esse mesmo sentimento, ainda, que faz com que o sectário jainista sacrifique metade da sua vida a varrer do seu caminho os insetos inúteis e impotentes e a não privar da vida mesmo os menores dos seres; e é ainda esse sentido da mais elevada benevolência e de caridade para com os fracos, por abjetos que possam parecer, que os faz honrar uma das modificações da sua própria natureza dual que posteriormente deu lugar, na crença popular, à metempsicose. Nenhum sinal dela existe nos *Vedas*; e, sendo a verdadeira interpretação dessa doutrina discutida extensamente em *Manu* e nos livros sagrados budistas e limitada desde o início às castas sacerdotais cultas, não devemos espantar com idéias absurdas do povo a seu respeito.

Houve evolucionistas antes do dia em que Noé mítico teve de, na *Bíblia*, flutuar em sua arca; e os cientistas antigos estavam mais bem informados, e tinham as suas teorias mais bem definidas, do que os evolucionistas modernos.

Platão, Anaxágoras, Pitágoras, as escolas eleatas da Grécia, bem como os antigos colégios sacerdotais caldaicos - todos eles ensinaram a doutrina da evolução dual; a doutrina da transmigração das almas referia-se apenas ao progresso do homem de um mundo a outro, após a morte nessa Terra. Toda filosofia digna desse nome ensinava que o *espírito* do homem, se não a *alma*, era preexistente. "Os Essênios", diz Josefo, "acreditavam que as almas eram imortais e que elas desciam dos espaços etéreos para se acorrentarem aos corpos". Filon, o Judeu, por sua vez, diz que "o ar está cheio delas [das almas]; aquelas que estão próximas da Terra, descendo para se ligarem aos corpos mortais, retornam a outros corpos, desejosas que são de viver neles". No *Zohar*, a alma implora a sua liberdade diante de Deus: "Senhor do Universo! Estou feliz neste mundo, e não quero ir para outro mundo, onde eu serei uma criada e estarei exposta a todas as espécies de poluições" A doutrina da necessidade fatal, a Lei eternamente imutável, é afirmada na resposta da Divindade: "Contra a tua vontade tornar-te-ás um embrião e contra a tua vontade tu nascerá". A luz seria incompreensível sem a escuridão, para torná-la manifesta por contraste; o bem não seria o bem se não existisse o mal, para mostrar a natureza sem preço de benefício; é assim que a virtude pessoal não teria nenhum direito ao mérito, se ela não atravessasse a fornalha da tentação. Nada é eterno e imutável, exceto a Divindade Oculta. Nada do que é finito - seja porque teve um começo ou porque terá um fim - pode permanecer estacionário. É preciso avançar ou recuar; e uma alma que tem sede de reunir-se ao seu espírito, o único a lhe conferir imortalidade, deve purificar-se através de transmigrações cíclicas, avançando para a única Terra da Bem-aventurança e do Repouso Eterno, chamada de "O Palácio do Amor", [*hekal ahabah*], no *Zohar*; de "Moksha", na religião hindu; de "Pleroma da Luz eterna, entre os gnósticos e de Nirvana, pelos budistas. Os cristãos chamam-na de "Reino dos Céus" e pretendem terem sido os únicos a encontrar a verdade, ao passo que não fizeram mais do que inventar um novo nome para uma doutrina que é tão velha como o homem.

Está no *Zohar* a prova de que a transmigração da alma não tem relação alguma com a condição do homem sobre essa Terra *após* a morte, não obstante os numerosos erros de seus tradutores. "Todas as almas que se alienaram do Santo Ser - louvado seja Seu nome - no céu, lançaram-se a um abismo no momento mesmo da sua existência e anteciparam o momento de seu retorno a esta Terra. (...) Vinde e vede quando a alma chega à morada do Amor. (...) A alma não pode enfrentar essa luz sem vestir o manto luminoso. Pois, exatamente como a alma enviada para a Terra veste uma veste terrestre para aqui se preservar, também ela recebe uma veste brilhante para ser capaz de olhar sem perigo no espelho cuja luz procede do Senhor da Luz." Além disso, o *Zohar* ensina que a lama não pode chegar à Terra da Bem-aventurança se não tiver recebido o "beijo sagrado", ou a reunião da alma *com a substância de que ela emanou* - o espírito. Todas as almas são duais, e, ao passo que são o princípio feminino, o espírito é masculino. Enquanto aprisionado no corpo, o homem é uma trindade, a menos que a sua poluição seja tal, que tenha provocado seu divórcio do espírito. "Infeliz da alma que prefere para seu divino marido [espírito] o casamento terrestre com seu corpo terrestre", recorda um texto do *Livro das Chaves*.

Essas idéias sobre as transmigrações e a trindade do homem eram sustentadas por muitos dos padres cristãos primitivos. Foi a confusão entre alma e espírito, feita pelos tradutores do *Novo Testamento* e pelos antigos tratados filosóficos, que ocasionou tantos mal-entendidos. Foi também uma das muitas razões por que Buddha, Plotino e muitos outros iniciados são agora acusados de desejar a extinção total de suas almas - "absorção na Divindade" ou "reunião com a alma universal" - que, segundo as idéias modernas, significa aniquilação. A alma animal deve, naturalmente, ser desintegrada em suas partículas, antes de ligar a sua essência pura ao espírito imortal. Mas os tradutores, tantos dos *Atos* quanto das *Epístolas*, que fixaram as bases do *Reino dos Céus*, e os comentadores modernos do *Sûtra da Fundação do Reino da Retidão* budista, malbarataram o sentido do grande apóstolo do Cristianismo e do grande reformador da Índia. Os primeiros suprimiram a palavra, de maneira que nenhum leitor imagina que ela tenha alguma relação com a *alma*; e, com esta confusão entre *alma* e *espírito*, os leitores da *Bíblia* só podem formar uma idéia errada desse assunto; e os intérpretes do sûtra não conseguiram compreender o significado e o objeto dos quatro graus do *Dhyâna* budista.

A TRINDADE DO HOMEM ENSINADA PELO APOSTOLO PAULO. (L. 3. pág. 246).

Nos escritos de Paulo, a entidade do homem está dividida em uma Trindade - carne, existência psíquica ou *alma* e a entidade obscurecedora e ao mesmo tempo interior ou ESPÍRITO. A sua fraseologia é muito clara quando ele ensina a *anastasis*, ou a continuação da vida daqueles que morrem. Ele afirma que há

um corpo *psíquico* semeado no corpo corruptível e um corpo espiritual que se eleva em substância incorruptível. “O primeiro homem é da Terra e o segundo é celeste.” Mesmo *Tiago* (III, 15) identifica a alma ao dizer que “sua sabedoria não vem lá do alto, mas é terrena, *psíquica*, *demoníaca* (ver texto grego). Platão, falando da Alma (*psichê*), observa que, “quando ela se alia ao *Nous* [substância divina, um deus, assim como *psychê* é uma deusa], ela faz tudo bem e felizmente; mas é diferente quando ela se liga a *anoia*” (Quando está ligada a Mente Inferior. N.C.). Àquilo que Platão chama *Nous*, Paulo chama de *Espírito*; e Jesus faz do *coração* aquilo que Paulo diz da *Carne*. A condição natural da Humanidade é o que: Por intermédio de Adão veio a primeira (a morte) e por Cristo, a última (ressurreição), pois foi ele o primeiro a ensinar publicamente à Humanidade o “Caminho Nobre” para a vida Eterna, como Gautama ensinou o mesmo Caminho para o Nirvana. Para cumprir os dois objetivos há apenas um caminho, segundo os ensinamentos de ambos. “Pobreza, castidade, contemplação ou prece íntima; desdém para com a riqueza e as alegorias ilusórias desse mundo.”

“Entrai nesse Caminho e ponde um fim à tristeza; em verdade o Caminho foi proclamado por mim, que descobri como amortecer os golpes da aflição. Vós deveis, por vós mesmos, fazer esse esforço; *os Buddhas são apenas pregadores*. Os avisados que adentrem o Caminho estão livres da servidão do Impostor (Mâra). (Mâra - O Deus da Tentação, o Sedutor, que tratava de afastar Buddha de seu Sendeiro. É denominado “Destruidor” e “Morte” (da Alma).

Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva para a destruição. (...) Segui-me. (...) Todo aquele que ouve estas palavras e não as observa será comparado ao homem insano” (*Mateus*, VII, 13-26). “*Eu não posso fazer de mim mesmo coisa alguma*” (*João*, V, 30). “Os cuidados deste mundo e o engano das riquezas sufocam as palavras” (*Mateus* XII, 22)., dizem os cristãos; e é só se desembaraçar de todas as ilusões que o budista entra no “Caminho” que o levará “para longe das vagas agitadas do oceano da vida” e o conduzirá “Para a calma Cidade da Paz, à alegria verdadeira e ao repouso do Nirvana”.

Também os filósofos gregos foram tornados mais obscuros do que místicos pelos seus tradutores muito sábios. Os egípcios adoravam o Espírito Divino, o Um Único, sob a forma de NOUT. É incontestável que foi dessa palavra que Anaxágoras tirou seu denominativo *Nous*, ou, como ele o chama, - a Mente ou Espírito autopotente. “Todas as coisas”, diz ele, “existiam no caos; então veio *Nous* e introduziu a ordem”. Ele também denomina de *Nous* o Um que governava os muitos. Segundo ele *Nous* era Deus; e o *Logos* era o homem, a emanção daquele. Os poderes externos perceberam os *fenômenos*; só o *Nous* reconheceu os *noumena*, ou coisas subjetivas. esta é uma noção puramente budista e esotérica.

Foi aí que Sócrates encontrou seu fio condutor e o seguiu, e Platão depois dele, assim como todo o mundo do conhecimento interior. Onde o antigo mundo jônico-italiano culminou em Anaxágoras, o novo mundo começou com Sócrates e Platão. Pitágoras fez da *Alma* uma unidade automotora, com três elementos - o *Nous*, o *phrên* e o *thumos*; ela partilha esses dois últimos com os animais; só o primeiro é seu *eu* essencial. Assim se refuta a acusação de que ele ensinava a transmigração; ele não a ensinava mais do que Gautama-Buddha, apesar de a população hindu o ter transformado [o ensinamento de Buddha] numa superstição popular, após a sua morte. se Pitágoras a emprestou de Buddha, ou se Buddha a emprestou de qualquer outro - isto não tem a mínima importância; a doutrina esotérica é a mesma.

A escola platônica é ainda mais explicada em relação a esse tema.

O verdadeiro eu está na base de tudo. Sócrates ensinava, portanto, que ele possuía um (*daimonion*), um algo espiritual que o punha na trilha para a sabedoria. Ele próprio não sabia nada, mas esse algo o colocou no caminho do tudo aprender.

Platão veio depois dele com uma investigação completa do princípios do ser. Havia um *Agathon*, Deus Supremo, que produziu em sua própria mente um *Paradeigma* (latim), “ou seja um modelo ou padrão” de todas as coisas.

Ele ensinou que no homem estava “o princípio imortal da alma”, um corpo mortal e uma espécie de alma mortal distinta”, que estava colocada num receptáculo do corpo, separada da outra; a parte imortal estava na cabeça, a outra estava no tronco.

É evidente que Platão considerava o homem interior como constituído de duas parte - uma era sempre a mesma, formada da mesma entidade da Divindade, e a outra era mortal e corruptível.

“Platão e Pitágoras” - diz Plutarco - “dividem a alma em duas partes, a racional (noética) e a irracional (*agnoia*)”; “a parte da alma do homem que é racional é eterna, pois embora ela não seja Deus, é o produto de uma divindade eterna; mas a parte da alma que é desprovida de razão (*agnoia*) morre”.

“O homem, diz ainda Plutarco, “é composto, e estão errados aqueles que pensam que ele é composto de apenas duas partes. Pois eles imaginam que a compreensão faça parte da alma, mas eles se enganam nisso

não menos do que aqueles que fazem da alma uma parte do corpo; pois a compreensão (*Nous*) é muito superior à alma, assim como a alma é melhor e mais divina do que o corpo. Ora, essa composição da alma com a compreensão produz a razão; e, com o corpo, a paixão; desta, uma é o começo ou princípio do prazer e da dor e a outra, da virtude e do vício. Dessas três partes reunidas e compactadas, a Terra forneceu o corpo, a Lua, a alma, e o Sol, a compreensão para a geração do homem.

“Ora, das mortes que morremos, *uma faz do homem dois de três*, e a outra *um* de [sobre] dois. A primeira ocorre na região e na jurisdição de Ceres (Ceres - Lat. - Em grego, Demeter. Como aspecto feminino do Pai-Éter, Júpiter, é esotericamente o princípio produtor do Espírito onipenetrante, que anima todo germe no Universo material.). Os atenienses dizem ainda que os mortos são consagrados a Ceres. Quanto à *outra morte*, ela ocorre na Lua ou na região de Prosérpina. É assim que o que é terrestre permanece com uma e é o celeste Hermes (Divino) que habita a outra. Este arranca violentamente a alma do corpo; mas Prosérpina, suavemente e durante muito tempo, separa a compreensão da alma. Por essa razão ela é chamada de *Monogenês*, unigênita, ou antes *que-engendra- apenas-um*, pois a melhor parte do homem torna-se isolada quando é separada por ela. Ora, uma e outra acontecem de acordo com a natureza. Ordena a Sorte quer toda alma, com ou sem compreensão (*Nous*), uma vez retirada do corpo, vague durante algum tempo, mas não o mesmo tempo para todas, na região situada entre a Terra e a Lua. Pois aqueles que foram injustos e dissolutos sofrem aí a punição devida às suas ofensas; mas os bons e virtuosos são aí retidos até que sejam purificados e tenham, por expiação purgado todas as infeções que possam ter contraído com o corpo, como por exemplo pela doença, vivendo na parte mais doce do ar chamada Campinas de Pluto, onde permanecem durante algum tempo determinado e fixado anteriormente. E então, como se retornassem de uma peregrinação ou de um longo exílio de sua pátria, têm um gosto de alegria, como o que era experimentado principalmente por aqueles que se iniciavam nos Mistérios sagrados, misturando com temor, admiração e esperança a cada um”.

O *daimonion* de Sócrates era esse *Nous*, mente ou compreensão do divino. “O *Nous* de Sócrates”, diz Plutarco, “era puro e não estava misturado com o corpo mais do que a necessidade exigisse. (...) Toda alma possui alguma parcela de *Nous*, razão, um homem não pode ser um homem sem ela; mas, de conformidade com a proporção em que cada alma está misturada com a carne e o desejo, ela se transforma e se torna irracional em consequência da dor e do prazer. Cada alma não se mistura de uma única maneira; algumas mergulham no corpo e, assim durante essa vida, seus corpos são corrompidos pelo desejo e pela paixão; outras estão parcialmente misturadas, mas a parte mais pura [*Nous*] permanece sempre *fora do corpo*. Ela não mergulhou no corpo, mas paira acima dele e troca [obscurece] a parte mais externa da cabeça do homem; ela cumpre o efeito de uma corda que sustentaria e dirigiria a parte rebaixada da alma, enquanto esta for obediente e não se deixar dominar pelos desejos da carne. A parte que mergulhou no corpo é chamada de *alma*. Mas a parte incorruptível é chamada *Nous* e o *vulgo pensa que ela está neles*, como também imagina que a imagem refletida por um espelho está naquele espelho. Mas os mais inteligentes, que sabem que ela está fora, chamam-na *Daemon*”(um deus, um espírito).

“A alma, como um sonho, escapa-se rápida, mas não imediatamente após ter-se separado do corpo, porém mais tarde, quando está só e separada da compreensão (*Nous*). (...) A alma - moldada e formada pela compreensão (*Nous*), e moldado e formando o corpo, abraçando-o por todos os lados - recebe dele uma impressão e uma forma; de maneira que, embora separada da compreensão e do corpo, ela conserva ainda a sua figura e a sua semelhança por longo tempo, a ponto de poder, com razão, receber o nome de imagem.

“E a Lua é o elemento dessas almas, porque as almas se dissolvem nela, como os corpos dos mortos o fazem na Terra. Na verdade, dentre estes, aqueles que foram virtuosos e honestos, que viveram uma vida quieta e filosófica, sem se meterem em questões inoportunas, dissolvem-se rapidamente; porque, abandonados pelo *Nous* compreensão, e não fazendo uso das paixões corporais, desaparecem rapidamente.”

Até mesmo Irineu, inimigo mortal e infatigável de toda heresia grega e “pagã”, explica a sua crença na trindade do homem. O homem perfeito, segundo ele, consiste de *carne, alma e espírito*. “(...) carne, anima et spiritu: el altero quidem salvante et figurante, qui est spiritus; altero quod unitur et formatur, quod est caro; id vero quod inter haec est duo, quod est anima; quae aliquando quidem subsequens spiritum, elevatur ab eo; aliquando autem consentiens carni, decedit in terrenas concupiscentias”.

E Orígenes, no seu *Comentário Epistolar aos Romanos*, diz: “Há uma divisão tríplice no homem - o corpo ou carne, a parte mais baixa de nossa natureza, sob a qual a antiga serpente inscreveu por meio do pecado original a lei do pecado e pela qual somos tentados para as coisas vis e todas as vezes em que somos vencidos pela tentação, associados ao Diabo; o espírito, no qual ou pelo qual exprimimos a semelhança da natureza divina em que o Melhor Criador, a partir do arquétipo da sua própria mente, gravou com seu dedo (isto é, seu espírito) a Lei eterna da honestidade; por ele estamos reunidos (aglutinados) a Deus e feitos um com Deus. Na terceira, a alma é o mediador entre esses dois, mas, do mesmo modo que, numa república

facciosa, só se pode ser aliado de um ou de outro partido, ela é chamada de um lado e de outro e é livre para escolher o partido ao qual deve aderir. Se, renunciando à carne, ela tende para o partido do espírito, torna-se espiritual; mas, se inclina para os desejos da carne, ela se degenera em corpo”.

Platão define a *alma* como “o movimento que é capaz de se mover”. “A alma é a mais antiga de todas as coisas e o começo do movimento.” “A alma foi gerada antes do corpo, e o corpo é posterior e secundário, pois ele é, de acordo com a natureza, governado pela alma governante.” “A alma que administra todas as coisas que são movidas em todos os sentidos, administra também os céus.”

“A alma, então, dirige todas as coisas no céu, e na Terra, e no mar, por seus movimentos - cujos nomes são desejar, considerar, cuidar de, consultar, formar opiniões verdadeiras e falsas, estar em estado de alegria, tristeza, confiança, temor, ódio, amor, bem como todos os outros movimentos primários acrescentados a estes (...) sendo ela uma deusa, sempre escolhe como um aliado o NOUS, um deus, e disciplina todas as coisas correta e felizmente; mas quando se associa a *anoia* - e não a *Nous* - faz tudo exatamente ao contrário.”(Platão, As leis, X, 896-897B.)

O VERDADEIRO BUDISMO. (L. 3. pág. 249).

Nessa linguagem, como nos textos budistas, o negativo é tratado como existência essencial, A *aniquilação* inclui-se numa exegese similar. O estado positivo é um ser essencial, mas não se manifesta como tal. Quando o espírito, segundo a tese budista, entra no *Nirvana*, perde a sua existência objetiva, mas conserva a subjetiva. Para as mentes objetivas, isto é tornar-se absolutamente nada; para as subjetivas, coisa-alguma, nada que possa ser manifestado pelos sentidos.

Essas citações, embora longas, são necessárias ao nosso propósito. Melhor do que tudo, elas mostram a concordância existente entre as mais antigas filosofias "pagãs" - não "iluminadas pela luz da revelação divina", para usar essa curiosa expressão de Laboulaye em relação a Buddha - e o Cristianismo primitivo de alguns padres. A filosofia pagã, bem como o Cristianismo, todavia, devem suas idéias elevadas sobre a alma e o espírito do homem e sobre a Divindade desconhecida ao Budismo e ao Manu hindu. Não espanta que os maniqueus afirmassem que Jesus era uma permutação de Gautama; que Buddha, Cristo e Mani eram uma e a mesma pessoa, pois os ensinamentos dos dois primitivos eram idênticos. Foi a doutrina da Índia antiga que Jesus professou quando pregava a renúncia completa ao mundo e às suas vaidades, a fim de chegar ao reino dos Céus, Nirvana, onde "nem se casa, nem se dá em casamento, mas onde se vive como os anjos".

Foi ainda a filosofia de Siddhârtha-Buddha que Pitágoras expôs, quando dizia que o *ego* era eterno com Deus e que a alma atravessa vários estágios (os *Rûpa-lokas* hindus) para chegar à excelência divina; entretanto, o *thumos* voltava à Terra e o *phrên* era ilimitado. Assim, a *metempsicose* era apenas uma sucessão de disciplinas através dos refúgios celestes, para que se desembaraçasse da mente exterior, para separar o *Nous do phrên*, ou alma, o "Viññâna-skandha" budista, o princípio que vive do *Karma* e dos *skandhas* (grupos). É este último - a personificação metafísica das "ações" do homem, boas ou más - que, após a morte do seu corpo, se encarnam, por assim dizer, e reúnem os seus compostos invisíveis e imortais num corpo novo, ou antes num ser etéreo, o *duplo* do que o homem era *moralmente*. É o corpo astral do cabalista e as "ações encarnadas" que formam o novo eu consciente, pois seu *Ahamkara* (o ego, autoconsciência), dado a ele pelo Mestre soberano (o sopro de Deus), [que] nunca pode perecer, pois é imortal *per se* na qualidade de um espírito; donde o sofrimento do *eu* recém-nascido, até que se liberte de todo pensamento, desejo ou paixão terrenos.

Vemos agora que os "quatro mistérios" da doutrina budista foram pouco compreendidos e apreciados como a "sabedoria" de que fala Paulo e pregada "entre aqueles que são *perfeitos*" (iniciados), a "sabedoria-mistério" que "nenhum dos *Arcontes* desse mundo conheceu". O quarto grau do Dhyana budista, o fruto do Samâdhi, que leva à perfeição última, ao *Visodhana* (termo traduzido corretamente por Burnouf como "*aperfeiçoado*"), foi totalmente mal-interpretado por outros, e mesmo por ele próprio. Definindo a condição de Dhyana, Saint-Hilaire afirma que:

"Finalmente, tendo chegado ao quarto grau, o asceta não possui mais sentimento de beatitude, por obscuro que ele possa ser (...) ele também perdeu toda a memória (...) atingiu a impassibilidade, tão próxima do Nirvana quanto possível (...) Todavia, essa impassibilidade absoluta não impede que o asceta adquira, nesse momento preciso, a *Oniciência* e o *poder mágico*; uma *flagrante contradição*, com que os budistas se preocupam tanto quanto muitos outros".

E por que eles haveriam de se preocupar com ela, quando essas contradições não são, de fato, contradições? Não nos convém falar agora das contradições nas religiões de outros povos, quando as da nossa suscitaram, além dos três grandes corpos conflitantes - Romanismo, Protestantismo e Igreja Oriental -, mil e uma seitas minúsculas muito curiosas. Seja como for, eis aqui um termo aplicado à mesma coisa pelos

"mendicantes" sagrados budistas e por Paulo, o Apóstolo. Quando este último diz: "Se eu puder conseguir a *ressurreição* dos mortos [o Nirvana], será porque já paguei o seu preço ou atingi a perfeição" (fui iniciado), utilizando assim uma expressão comum entre os iniciados budistas. Quando um asceta budista chega ao "quarto grau", ele é considerado um *rahat*. Produz toda a sorte de fenômenos apenas com o poder de seu espírito liberado. Um *rahat*, dizem os budistas, é aquele que adquiriu o poder de voar pelo ar, de se tornar invisível, de comandar os elementos e de executar todo tipo de maravilhas comuns e erradamente chamadas de *meipo* (milagres). Ele é um homem *perfeito*, um semideus. Ele se tornará um deus quando alcançar o Nirvana; pois, como os iniciados de ambos os Testamentos, os adoradores de Buddha sabem que eles "são deuses".

"O Budismo genuíno, franqueando as barreiras entre a mente finita e infinita, estimula os seus seguidores a aspirar, *por seus próprios esforços*, àquela perfectibilidade divina - de que o homem é capaz, segundo o seu ensinamento e que, conquistada, torna o homem *um deus*", diz Brian Houghton Hodgson.

Tristes e desolados foram os caminhos e cobertas de sangue as trilhas tortuosas por que o mundo dos cristãos foi levado a abraçar o Cristianismo de Irineu e de Eusébio. E, no entanto, a menos que aceitemos os pontos de vista pagãos, como a nossa geração poderia ter resolvido o problema dos mistérios do "reino dos céus"? O que mais o mais piedoso e culto dos cristãos sabe do destino futuro e do progresso dos nossos espíritos imortais do que o filósofo gentio de outrora ou o "pagão" moderno que vive além do Himalaia? Pode ele se gabar de saber tanto, embora trabalhe na chama brilhante da revelação "divina"? Vimos um budista fiel à religião dos seus pais, tanto em teoria quanto na prática; e, cega, quanto pudesse ser a sua fé, absurdas que fossem as suas noções sobre alguns pontos doutrinários particulares, enxertos posteriores de um clero ambicioso - apesar de tudo isso o seu Budismo, nos trabalhos práticos, é muito mais semelhante à imagem de Cristo em ação e em espírito, do que vemos na vida média dos nossos padres e ministros cristãos. Só o fato de que sua religião lhe ordena "honrar sua própria fé e jamais denegrir a de outros" é suficiente. Ele coloca o lama budista infinitamente mais alto do que qualquer padre ou clérigo que creia ser seu dever sagrado amaldiçoar o "gentio" publicamente e sentenciá-lo e à sua religião à "condenação eterna". O Cristianismo torna-se, a cada dia, uma religião de puro emocionalismo. A doutrina de Buddha baseia-se inteiramente em obras práticas. Um amor geral para com todos os seres, humanos e animais, é o seu núcleo. Um homem que sabe que, se não trabalhar, morrerá de fome, e compreende que não há um bode expiatório para carregar por ele as suas iniquidades - este homem está dez vezes mais certo de se tornar um homem virtuoso, do que aquele a quem se ensina que o assassinio, o roubo e a libertinagem se lavam (brancos como a neve) num instante, se ele acreditar num Deus que, para usar uma expressão de Volney, "já tomou alimentos na Terra e agora se converteu no alimento de seu povo".

CAPÍTULO VII

AS PRIMEIRAS HERESIAS E AS SOCIEDADES SECRETAS

OS NAZARENOS, OS OFITAS E OS DRUSOS MODERNOS. (L. 3. pág. 256).

Trataremos nos dois capítulos seguintes das mais importantes seitas secretas cristãs - as chamadas “Heresias”, que se difundiram entre o primeiro e o quarto séculos de nossa era.

Lançando rapidamente a vista nos ofitas e nos nazarenos, passaremos às suas cisões que ainda existem na Síria e na Palestina, sob o nome de drusos do Monte Líbano, e próximo a Basra ou Bassorah, sob o nome de mandeus, ou Discípulos de São João. Todas essas seitas têm uma conexão imediata com o nosso assunto, pois pertencem à família cabalística, tendo outrora abraçado a secreta “Religião da Sabedoria” e reconhecido como Supremo o Deus dos Mistérios do *Inefável Nome*. Dando notícia dessas numerosas sociedades secretas do passado, iremos compará-las com outras tantas sociedades modernas. Concluiremos com uma rápida análise dos jesuítas, e desse venerável pesadelo da Igreja católica romana - a Franco-maçoneria moderna. Todas essas fraternidades antigas e modernas - excetuada a moderna Franco-maçoneria - estiveram e estão mais ou menos relacionadas com a Magia - tanto prática como teoricamente, e todas elas - *sem exceção* da Franco-maçoneria - foram e ainda são acusadas de demonolatira, blasfêmia e imortalidade.

Uma após outra, a maré do tempo engolfou as seitas dos primeiros séculos, não deixando subsistir senão uma única em sua integridade primitiva. Esta única existe, ainda ensina a doutrina de seu fundador, ainda exemplifica sua fé em obras de força. As areias movediças que engoliram todas as outras conseqüências da agitação religiosa dos tempos de Jesus, com seus relatos, relíquias e tradições, lhe forneceram terra firme. Expulsos de sua terra natal, seus membros encontraram refúgio na Pérsia, e hoje ainda o viajante ansioso pode conversar com os descendentes diretos dos “Discípulos de João”, que ouviram, nas margens do Jordão, o “homem enviado por Deus” por quem foram batizados e em quem acreditaram. Esse povo curioso, que conta com cerca de 30.000 almas, é erroneamente chamado de “Cristãos de São João”, mas, na verdade, deveria ser conhecido por seu antigo nome, nazareus, ou pelo novo mandeus.

A designação que se lhes dá de Cristãos é totalmente errônea. Eles não acreditam em Jesus como Cristo, nem aceitam sua expiação, não aderem à sua Igreja e não o reverenciam suas “Escrituras Sagradas”. Nem cultuam ao Deus-Jeová dos judeus e dos cristãos, circunstância que prova naturalmente que seu fundador, João Batista, também não lhe prestava culto. E se assim for, que direito tem ele a um lugar na *Bíblia*, ou na galeria de retratos dos santos cristãos? Além disso, se Ferho era seu Deus, e se ele foi “um homem enviado por Deus”, deve ter sido enviado pelo Senhor Ferho, e foi em seu nome que ele batizou e pregou. Ora, se Jesus foi batizado por João, a conclusão a que se chega é que ele foi batizado de acordo com a fé do Batista; portanto, também Jesus acreditava em Ferho, ou Faho, como o chamam; tal inferência parece ser corroborada pelo seu silêncio em relação ao nome de seu “Pai”. E por que pareceria ridícula a hipótese de que *Faho* não é senão uma das muitas corruptelas de Fho, ou Fo, que é o nome pelo qual os tibetanos e os chineses chamam o Buddha? No Norte do Nepal, Buddha é invocado com muito mais freqüência pelo nome *Buddha*. O livro de *Mahāvansa* mostra como o trabalho de proselitismo do Budismo se iniciou bastante cedo no Nepal; e a história ensina que os monges budistas invadiram a Síria e a Babilônia no século anterior à nossa era, e que Buddhasp (*Nosdhisattva*), o pretenso caldeu, foi o fundador do Sabianismo ou *batismo*.

Qual era o credo dos verdadeiros batistas, *al-Mughtasilah*, ou nazarenos, explicamo-lo noutras partes, pois eles são os mesmos nazarenos de quem já tanto falamos, e cujo *Codex* citamos. Perseguidos e ameaçados de aniquilação, eles encontraram refúgio na comunidade nestoriana, permitindo-se assim o serem arbitrariamente classificados como cristãos, mas, assim que a oportunidade se ofereceu, separaram-se e hoje, passados vários séculos, não merecem sequer nominalmente a denominação. Que sejam assim chamados, não obstante, pelos autores eclesiásticos, não é difícil de compreender. Eles conhecem muito bem o Cristianismo primitivo para se ignorá-los por completo, pois testemunhar contra eles com suas tradições, sem o estigma da heresia, viria destruir a confiança no que eles podem dizer.

Não se pode negar-lhe o legado da doutrina batista; suas tradições não apresentam um única falha. O que eles ensinam hoje, seus antecessores ensinaram na própria época em que fizeram sua aparição na história. Eles são os discípulos daquele João que anunciou o advento de Jesus, que o batizou e que declarou que ele (João) não era digno de desamarrar as sandálias. Quando ambos - o Mensageiro e o Messias - estavam no Jordão, e quando o mais velho consagrava o mais jovem - seu próprio primo, também, humanamente falando - os céus se abriram e o Próprio Deus, na forma de uma pomba, desceu num raio de luz sobre o seu “Amado

Filho"! Se esse relato é correto, como podemos explicar a infidelidade dos nazarenos sobreviventes? Longe de acreditar que Jesus era o Filho Único de Deus, eles na verdade afirmaram aos missionários persas, que, no século XVII, foram os primeiros a revelá-los aos europeus, que o Cristo no *Novo Testamento* era "um falso mestre", e que o sistema judeu, assim como o de Jesus (?), vieram do reino das trevas ! Quem o saberia melhor do que eles? Onde se podem encontrar testemunhas vivas mais fiéis? Os clérigos cristãos nos querem impingir um Salvador ungindo e anunciado por João, e os discípulos desse mesmo Batista, desde os primeiros séculos, estigmatizaram esse personagem ideal como um impostor, e a seu putativo Pai, Jeová, como "um Deus espúrio", o Ialdabaôth dos ofitas! Infelizmente para o Cristianismo, o dia virá em que algum destemido e honesto erudito persuadirá seus pares mais velhos a lhe permitirem traduzir o conteúdo dos livros secretos e compilar suas antigas tradições! Uma estranha ilusão faz com que alguns autores pensem que os nazarenos não têm nenhuma outra literatura sagrada, nenhuma outra relíquia literária do que as quatro obras doutrinárias, esse curioso volume repleto de Astrologia e Magia que eles são instados a ler atentamente no pôr-do-Sol (domingo).

Essa busca da verdade conduz-nos, de fato, a caminho tortuosos. Muitos são os obstáculos que a astúcia eclesiástica colocou no caminho de nossa descoberta da fonte primeira das idéias religiosas. O Cristianismo está em julgamento, e assim tem sido desde que a ciência se sentiu bastante, forte para agir como um Promotor Público. A presente obra expõe uma parte do processo. Quantas verdades há nessa Teologia? Através de que seitas elas tem sido transmitida? *Donde provém ela primariamente?* Para respondê-lo, devemos traçar a história da Religião Mundial, tanto através das seitas cristãs como através das de outras grandes subdivisões religiosas da raça, *pois a Doutrina secreta é a Verdade*, e a religião que a conservou de forma menos adulterada é a que mais se aproxima do divino.

ETIMOLOGIA DE IAÔ. (L. 3. pág. 259).

O primeiro *esquema* (Encontra-se no cap. IV) - o dos ofitas -, desde o início, difere da descrição dada pelos padres, na medida em que torna Bythos, a profundidade, uma emanção feminina, e lhe atribui um lugar que corresponde ao de Pleroma, mas numa região muito superior, ao passo que os padres nos asseguram que os gnósticos davam o nome de Bythos à Causa Primária. Como no sistema cabalístico, ele representa o vazio ilimitado e infinito no qual está oculto nas trevas o motor Primeiro Desconhecido de tudo. Ele envolve como um véu: em suma, reconhecemos novamente o "Shekinah" do Ain-Soph. Tomado separadamente, o nome de **IAO**, Iao, assinala o centro superior, ou antes o presumido em que se supõe que o Desconhecido possa permanecer. Em torno de Iao, corre a legenda CEMEC EIAAM ABPAΣA=, "O eterno Sol-Abrasax" (o sol espiritual central de todos os cabalistas, representando em alguns diagramas destes últimos pelo círculo de Tiphereth).

Dessa região de insondável Profundidade surge um círculo formado de espirais, que, na linguagem do simbolismo, significa o grande ciclo, composto de ciclos menores. Enrolada em seu interior, de modo a seguir as espirais, repousa a serpente - emblema da sabedoria e da eternidade - o Andrógino Dual: o ciclo que representa *Ennoia*, a Mente Divina, e a Serpente - o Agathodaimôn, o Ophis - a Sombra da Luz. Ambos eram os Logoi dos ofitas; ou a unidade como Logos que se manifesta como um princípio duplo de bem e mal, pois, de acordo com suas concepções, esses dois princípios são imutáveis, e existem desde a eternidade, e continuarão a existir para sempre.

Este símbolo explica a adoração por esta seita da Serpente, como o Salvador, enrolada em torno do pão Sacramental, ou de um Tao. Como unidade, Ennoia e Ophis são o *Logos*; quando separados, um é Árvore da Vida (espiritual), o outro, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Por conseguinte, descobrimos Ophis incitando o primeiro par humano - a produção material de Ialdabaôth, mas que devia seu princípio espiritual a Sophia-Akhamôth - a comer o fruto proibido, embora Ophis represente a Sabedoria Divina.

A Serpente, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e a Árvore da Vida, são símbolos transplantados do solo da Índia. A *Arasamaram*, a árvore baniana, tão sagrada para os hindus, desde que Vishnu, durante uma de suas encarnações, repousou sob sua enorme sombra e aí ensinou filosofia e ciência à Humanidade, é chamada de Árvore do Conhecimento e Árvore da Vida. Sob a protetora ramada dessa rainha das flores, os gurus ensinam a seus pupilos as primeiras lições sobre a imortalidade e os iniciam nos mistérios da vida e da morte. Na tradição caldaica, os *Yava-ALEIM* do Colégio Sacerdotal passam por ter ensinado aos filhos dos homens como se tornarem iguais as eles. Até o presente, Foh-tchou, (Foh-tchou significa literalmente, em chinês, o senhor de Buddha, ou o mestre das doutrinas de Buddha-foh.) que vive em seu *Foh-Maëyu*, ou templo de Buddha, no topo do "Kuen-lun-shan", a grande montanha, produz seus maiores milagres religiosos sob uma árvore chamada, em chinês, de *Sung-Ming-Shu*, ou a Árvore do Conhecimento e a Árvore da Vida, pois a ignorância é morte, e só o conhecimento dá imortalidade. Esse maravilhoso

espetáculo ocorre de três em três anos, quando uma enorme multidão de budistas chineses se junta em peregrinação no local sagrado.

Ialdabaôth, o "Filho das Trevas" e o criador do mundo material, habitava o planeta Saturno, que o identifica ainda mais com o Jeová judeu, que era o próprio Saturno, de acordo com os ofitas, que lhe recusam o nome sinaitico. De Ialdabaôth emanam seis espíritos que habitam, respetivamente, com seu pai, os sete planetas. Estes são: Tsabaôth - Marte; Adonaios - Sol; Iao - Lua; Eloaios - Júpiter; Astaphaios - Mercúrio (espírito da água); e Horaios - Vênus, espírito do fogo.

Em suas dadas funções e descrição, os sete planetas são idênticos aos *Sapta-lokas* hindus, os sete locais ou esferas, ou os mundos superiores ou inferior, pois representam as sete esferas cabalísticas. Para os ofitas, eles pertencem às esferas inferiores. Os monogramas desses planetas gnósticos são igualmente budistas, diferindo estes últimos embora em pequena escala, dos usuais "casas" astrológicas.

O diagrama nazareno, exceto numa troca de nomes, é idêntico ao dos gnósticos, que, evidentemente, dele extraíram suas idéias, acrescentando umas poucas designações derivadas dos sistemas de Basilides e Valentino. Para evitar repetições, apresentaremos os dois quadros em paralelo.

Assim, descobriremos que, na Cosmogonia nazarena, os nomes de seus poderes e *genii* estão nas seguintes relações com os dos gnósticos:

NAZARENO

PRIMEIRA TRINDADE

Senhor FERHO - a Vida que não é Vida - o Deus Supremo. A *Causa* que produz a Luz, ou o Logos *in abscondito*. A água de Jordanus Maximus - a água da Vida, ou Ajar, o princípio feminino. Unidade numa Trindade, encerrada em ISH AMON.

SEGUNDA TRINDADE

(A manifestação da primeira)

1. Senhor MANO - o Rei da Vida e da Luz – *Rex Lucis*. A Primeira VIDA, ou o homem primitivo.

2. Senhor Jordão - manifestação ou emanção de Jordanus Maximus – as águas da graça. Segunda VIDA.

3. O Pai Superior - Abathur. Terceira VIDA. Essa Trindade produz também uma diada - Senhor Lehdoio, e Phtahil, o *genius* (o primeiro, uma emanção perfeita; o segundo, uma emanção imperfeita). Senhor Jordão - "o Senhor de todos os Jordão". manifesta NETUBTO (Fé *sem* Obras).

GNÓSTICO-OFITA

PRIMEIRA UNIDADE NUMA TRINDADE

IAÔ - o Inefável Nome da Divindade Desconhecida - Abraxas, e o "Abraxas, e o "Sol Espiritual Eterno", Unidade encerrada na Profundez, Bythos, princípio feminino - o círculo ilimitado, no qual repousam todas as formas ideais. Dessa Unidade emana a

SEGUNDA TRINDADE

(idem)

1. Ennoia - mente.

2. Ophis, o Agathodaimôn.

3. Sophia - Andrógina - sabedoria, que, por sua vez - fecundada pela Luz Divina -, produz Cristos e Sophia-Akhamôth (um, perfeito, a outra, imperfeita), como uma emanção. Sophia Akhamôth emana Ialdabaôth - o Demiurgo, que produz a criação material e sem alma. "Obras *sem* Fé (ou graça).

Ademais, os sete *genii* planetários ofitas, que emanam um do outro, reaparecem na religião nazarena, sob o nome de "Sete demônios impostores", ou estrelas, que "enganarão a todos os filhos de Adão". São eles: *Sol*; *Speritus Venereus* (o Espírito Santo, em seu aspeto material), a mãe dos "sete estrelas mas dispostos", que correspondem ao Akhamôth gnóstico; *Nebu*, ou Mercúrio, "Um falso Messias, que depravará o antigo culto de Deus"; SIN (ou Luna, ou Shuril); KHÏYÛN (ou Saturno); Bel-Júpiter; e o sétimo, *Nerig*, Marte (Codex Nazaraeus, I. p.55).

O *Cristos* dos gnósticos é o chefe dos sete Aeons, os sete espíritos de Deus segundo São João; os nazarenos têm também seus sete *genii* ou *bons Aeons*, cujo chefe é *Rex Lucis*, seu Cristo. Os *Sapta-Rishis*, os sete sábios da Índia, habitam os *Sapta-Puras*, ou as sete cidades celestiais.

Nas jóias ofitas de King, encontramos o nome de Iao repetido e amiúde confundido com o de Ievo, ao passo que este último representa simplesmente um dos *genii* antagônicos a Abraxas. A fim de que tais nomes sejam tomados como idênticos com o nome de Jeová judeu, não tardaremos em dar a explicação dessa palavra. Parece-nos muito estranho que tantos eruditos arqueólogos tenham tão pouco se empenhado para mostrar que há mais de um Jeová, e que o nome teve origem com Moisés. Iao é certamente um título do Ser Supremo, e diz respeito *apenas parcialmente* ao Inefável Nome; mas ele não se originou com os judeus, nem foi propriedade única destes. Mesmo se aprazou a Moisés conferir esse nome ao "Espírito" tutelar, a suposta divindade nacional protetora do "povo escolhido de Israel", não há nenhuma razão possível para que outras nacionalidades O recebam como o Deus Supremo e Único. Mas negamos sumariamente tal pretensão. Além disso, há o fato de que Yâho ou Iao era um "Nome dos mistérios" desde o início, pois jamais foram empregados antes da época do Rei Davi. Anteriormente, poucos ou nenhum nome próprio havia sido composto com *iah* ou *yah*. Parece antes que Davi, tendo estado entre os tirenses e os filisteus (2 *Samuel*),

deles tenha trazido o nome de Jeová. Ele nomeou Zadok sumo-sacerdote, e é daí que provêm os zadoquias ou saduceus. Viveu e reinou em primeiro lugar em Hebron, Habir-on ou cidade de Kabir, onde os ritos dos quatro (deuses dos mistérios) eram celebrados. Nem Davi, nem Salomão reconheciam a Moisés ou à sua lei. Eles aspiravam construir um templo a Iao, como as estruturas erigidas por Hirão a Hércules e Vênus, Adon e Astartê.

Diz Fürst: "O antiquíssimo nome de Deus - *Yâho* (...) que em grego se escreve 'Iaw, parece, à parte sua *etimologia*, ter sido um antigo nome místico da divindade suprema dos semitas. Foi assim que ele foi passado a Moisés, quando este teve a sua iniciação em HOR-EB - a *caverna* - sob a direção de Jethro, o sacerdote kenita ou cainita de Madiã. Na antiga religião dos caldeus, vestígios da qual se acham entre os neoplatônicos, a divindade suprema entronizada acima dos sete céus, que representa o princípio de luz espiritual *Nous* (Nous, a designação dada por Anaxágoras à Divindade Suprema, foi tomada do Egito, onde o chamavam NOUT) e que é concebida como um demiurgo, (Por um pequeno número, todavia, pois os criadores do universo material sempre foram considerados como divindades subordinadas ao Deus Supremo.) chamava-se 'Iaw, que era, como o Yâho hebreu, misteriosa e indizível (...) e cujo nome só era comunicado aos iniciados (...) Os fenícios tinham um deus supremo, cujo nome era trilitero (*literatrina*) e *secreto* (...) e que era 'Iaw.

Para compreender o sentido real e primitivo do termo 'IAO e a razão pela qual ele se tornou a designação para a mais misteriosa de todas as divindades, precisamos buscar a sua origem na fraseologia figurativa de todos os povos primitivos. Devemos, antes de mais nada, recorrer, para nossa informação, às fontes mais antigas. Num dos *Livros de Hermes*, por exemplo, afirma-se que o número DEZ é a mãe da alma, e que a *vida* e a *luz* estão nele unidos. Pois "o número 1 (um) nasce do espírito, e o número 10 (dez) da matéria", "a unidade fez o DEZ, o DEZ, a unidade".

Uma vez que reconhecemos o fato de que, entre todos os povos da mais alta Antigüidade, a concepção mais natural da Primeira Causa que se manifesta em suas criaturas - as quais não podiam deixar de lhe atribuir toda a criação - era a de uma divindade andrógina; de que o princípio masculino era considerado como o espírito invisível vivificante, e o feminino, a mãe Natureza, poderemos então compreender por que essa misteriosa causa veio a ser inicialmente representada (na escrita pictográfica, talvez) como a combinação do alfa e do Ômega dos números, um decimal, e depois como IAÔ, um nome trilitero, que contém em si uma profunda alegoria.

IAÔ, em tal caso, significaria - etimologicamente falando - o "Alento da Vida", gerado ou produzido entre um princípio natural masculino ereto e um princípio feminino como a forma de um ovo; pois, em sânscrito, *as* significa "ser", "viver ou existir", sendo sua significação original a de "respirar". "Foi com base nessa raiz", diz Max Müller, "em seu sentido original de 'respirar', que os hindus formaram *asu*, "alento", e *asura*, o nome de Deus, que significa, seja o "alento", seja o doador do alento". Seu sentido é certamente este último. Em hebraico, "Iâh" e "Iâh" significa "vida". Cornélio Agripa, em seu tratado sobre a *Preeminência da Mulher*, mostra que a palavra Eva sugere uma comparação com os símbolos místicos dos cabalistas, tendo o nome da mulher uma afinidade com o inefável Tetragrammaton, o nome mais sagrado da divindade. Os nomes antigos tinham sempre uma consonância com as coisas que representavam. Em relação ao misterioso nome da Divindade em questão, a insinuação até aqui inexplicável dos cabalistas quanto à eficácia da letra H, "que Abarão retirou de sua esposa Sarah" e "*colocou no meio de seu próprio nome*", torna-se clara.

Os tempos mais sagrados dos hindus são os do Jagan-nâtha. Essa divindade é reverenciada por todas as seitas da Índia igualmente, e Jagan-nâtha é chamado de "Senhor do Mundo". Ele é o deus dos mistérios, e seus templos, que são muito numerosos em Bengala, têm todos a forma de uma pirâmide.

Não há nenhuma outra divindade que forneça tal variedade de etimologista quanto Yâho, nem um nome que possa ser pronunciado de maneira tão diversa. Foi apenas associando-o com os pontos massoréticos que os rabinos das épocas posteriores conseguiram transformar Jeová em "Adonai" - ou Senhor. Philo Byblius grafa-o em caracteres gregos como 'IEYΩ (*IEVO*). Theodoret diz que os samaritanos pronunciavam tal nome com 'Iabé (Yabe), e os judeus *Aia*; Diodorus afirma que "os judeus relatam que Moisés chamava seu Deus de 'Iaϑ", o que a faria pronunciar como já indicamos - Iah-Ô. É com base na autoridade da própria *Bíblia*, por conseguinte, que afirmamos que antes de sua iniciação por Jethro, seu sogro, Moisés jamais ouviu a palavra Yâho. A futura Divindade dos filhos de Israel chama da pira ardente e dá Seu nome como "Eu sou o que sou", e especifica cuidadosamente que é o "Senhor Deus dos Hebreus" (*Êxodo*, III,18), não de outras nações. A julgar por seus próprios atos, através dos relatos judeus, temos dúvidas de que o Cristo, se tivesse surgido nos dias do Êxodo, seria bem recebido pela irascível Divindade sinaítica. Contudo, o "Senhor Deus", que se torna, segundo Sua própria confissão, Jeová apenas no sexto capítulo do *Êxodo* (versículo 3), vê sua veracidade posta em dúvida no *Gênese*, XXII, 9, 14, em cuja passagem *revelada* Abarão edifica um altar a *Jehovh-Jireh*.

Por conseguinte, pareceria natural estabelecer uma diferença entre o Deus dos mistérios 'Iaw, adotado desde a mais alta antigüidade por todos os que participavam do conhecimento esotérico dos sacerdote, e suas contrapartes fonéticas, tratadas com tão pouca reverência pelos ofitas e outros gnósticos. Tendo sido oprimidos, como o Azâzêl dos desertos, pelos pecados e iniquidades da nação judaica, parece agora difícil para os cristãos terem que confessar que aqueles a quem consideravam aptos a considerar o "povo eleito" de Deus - seus únicos predecessores no monoteísmo - eram, até um período muito tardio, tão idólatras e politeístas quanto os seus vizinhos. Os sagazes talmudistas escaparam por longos séculos da acusação, escondendo-se atrás da invenção massorética. Mas, como em todas as outras coisas, a verdade veio por fim à luz. Sabemos agora que Ihoh, deve ler-se Yâhoh e Yâh, não Jeová. Yâh dos hebreus é exatamente o Iacchos (Baco) dos mistérios; o Deus "de quem se espera a libertação das almas - Dioniso, Iacchos, Iachoh, Iahoh, Iao". Aristóteles, portanto, estava certo quando disse: "Joh, era Oromazdes e Ahriman Pluto, pois Deus do céu, Ahura-Mazda, monta uma carroça que o *Cavalo do Sol* segue". E Dunlap cita *Salmos*, LXVIII, 4 que diz:

"Louvai-o por seu nome Yâh,
Que monta os céus a um cavalo".

e então que "os árabes representavam Iauk (Iach) por um cavalo. O Cavalo do Sol (Dionísio)". Iah é um abrandamento de Iah", explica ele. "h e h são intercambiáveis; assim como também, e se abranda em h. Os hebreus exprimem a idéia da VIDA tanto por um h quanto por um h; como *hiah*, 'ser', *hiah*, 'ser'; Iah, Deus da Vida, Iah, 'Eu sou'. Podemos portanto repetir essas linhas de Ausônio:

"Os filhos de Ogyges chamam-me Baco; o Egito pensa que sou Osiris;
Os misianos chamam-me Phanaces; os indianos vêem-me como Dionísio;
Os ritos romanos fazem-me Liber; a raça árabe pensa que sou Adoneus;
Os lucanenses, o Deus Universal (...)"

E o povo eleito, Adónis e Jeová - poderíamos acrescentar.

Quão pouco se compreendeu a filosofia da antiga doutrina secreta, provam-nos as atrozes perseguições dos Templários pela Igreja, sob a acusação de adorarem o Demônio na forma de um bode - Baphomet! Sem aprofundar os antigos mistérios maçônicos, não há um só maçom - *dentre os que sabem alguma coisa*, que não esteja a par da verdadeira relação entre Baphomet e Azâzêl, o bode expiatório do deserto, cujo caráter e cujo significado foram inteiramente pervertidos nas traduções cristã. "Esse terrível e venerável nome de Deus", diz Lanci, bibliotecário do Vaticano, "através da pena dos glossários bíblicos, transformou-se num *demônio*, numa *montanha*, num *deserto*, num *bode*. Na *Royal Masonic Cyclopaedia*, de MacKenzie, o autor assinala com correção que "essa palavra deveria ser dividida em Azaz e El", pois ela "significa Deus da Vitória, mas é aqui empregada no sentido de *Autor da morte*, em contraste com Jeová, o *Autor da vida*; este último recebia um bode morto como oferenda". A Trindade hindu é composta de três personagens, que se podem converter numa única. A *Trimûrti* é uma, e, em sua abstração, indivisível. No entanto, vemos que uma divisão metafísica tem lugar desde o início. Ao passo que Brahmâ, embora coletivamente represente os três, permanecendo sob o pano, Vishnu é o Dador da Vida, o Criador, o Preservador, e Shiva é o *Destruidor*, a divindade *mortuária*. "Morte ao *doador da Vida*, vida ao *propiciador da Morte*. A antítese simbólica é grande e bela", diz Bliddon. "*Deus est Daemon inversus*" - essa frase dos cabalistas torna-se agora clara. É apenas o intenso e cruel desejo de apagar o último vestígio das antigas filosofias, pervertendo-lhe o sentido, por medo de que os seus próprios dogmas não lhe sejam corretamente atribuídos, que impele a Igreja Católica a exercer uma tal perseguição sistemática contra os gnósticos, os cabalistas e mesmo os relativamente inocentes maçõns.

Ai de nós! Quão pouco a divina semente, disseminada pelas mãos do humilde filósofo judeu, fincou raízes ou produziu qualquer fruto! Se aquele que verberou a hipocrisia, que lutou contra a prece pública, recriminando-lhe o exibicionismo inútil, pudesse lançar seu pesaroso olhar sobre a Terra, das regiões de beatitude eterna, veria ele que essa semente não caiu, nem num terreno estéril, nem à margem do caminho. Não, ela fincou fundas raízes no solo mais fértil; aquele enriquecido até a plethora pelo sangue e pela mentira humana.

O SIGNIFICADO DO NIRVANA. (L. 3. pág. 276).

Desde o dia mesmo em que o primeiro místico encontrou os meios de comunicação entre este mundo das hostes invisíveis, entre a esfera da matéria e a do puro espírito, concluiu ele que abandonar essa misteriosa ciência à profanação do vulgo seria perdê-la. Abusar dela levaria a Humanidade a uma rápida destruição; seria o mesmo que fornecer bombas explosivas a um grupo de crianças em dar-lhes fósforos. O primeiro adepto iniciou apenas uns poucos selecionados, e guardou o segredo das multidões. Ele reconheceu seu Deus e sentiu que o grande Ser estava consigo. O "Âtman", o Si-Mesmo, o poderoso Senhor e Protetor, assim que o homem o conheceu como o "Eu sou", o "Ego Sum", o "Asmi", deu a prova de todo o seu poder àquele que era capaz de reconhecer a "voz do silêncio". Desde os dias do homem primitivo, descritos pelo primeiro poeta védico, até a nossa época moderna, não houve um único filósofo digno desse nome que não tenha conquistado, no santuário silencioso de seu coração, a grande e misteriosa verdade. Se era um iniciado, ele a aprendeu como uma ciência sagrada; se não, como Sócrates, que repetia a si mesmo, assim como a todos os seus colegas, o nobre preceito, "Ó homem, conhece-te a ti mesmo", conseguiu reconhecer seu Deus em si mesmo. "Sois deuses", diz-nos o rei salmita, e vemos que Jesus lembra aos escribas que a expressão "Sois deuses" se dirigia a outros homens mortais, e que ele reclamava para si o mesmo privilégio sem incorrer em qualquer blasfêmia. E, como um eco fiel, Paulo, embora afirmado que somos todos "o templo do Deus vivo", acrescenta cautelosamente que afinal de contas todas essas coisas são apenas para os "sábios", e que não é "lícito" falar delas.

Portanto, devemos aceitar o convite, e anotar simplesmente que mesmo na fraseologia bárbara e torturada do *Codex nazaraeus*, encontramos a mesma idéia. Como uma corrente subterrânea, rápida e clara, ela flui sem misturar sua pureza cristalina com as ondas lodosas e pesadas do dogmatismo. Entenhamo-lá no *Codex*, assim como nos *Vedas*, no *Avesta*, no *Abhidharma*, tanto nos *Sânkhya-Sûtras* de Kapila como no *Quarto Evangelho*. Não podemos atingir o "Reino dos Céus" sem antes nos unir indissolivelmente como nossa *Rex Lucis*, o Senhor Esplendor e da Luz, nosso Deus Imortal. Devemos primeiro conquistar a imortalidade e "tomar o Reino dos Céus pela força", oferecido ao nosso eu material. "O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre; o segundo homem é o Senhor do céu (...) Vede, eu vos dou a conhecer um mistério", diz Paulo (*I Coríntios, XV, 47,51*). Na religião de Sâkya-Muni, que os eruditos comentadores se têm comprazido em considerar como puramente *niilista*, a doutrina da imortalidade é definida com muita clareza, não obstante as idéias européias, ou antes, cristãs, sobre o Nirvana. Nos livros sagrados jainistas de Pattana, o Gautama Buddha moribundo é assim interpelado: "Sobe ao *Nirvi* (Nirvana) saindo desse corpo decrépito ao qual foste enviado. Sobe à tua morada anterior, ó Abençoado Avatâra!" Isto nos parece o próprio oposto do Niilismo. Se Gautama é convidado a retornar à sua "morada anterior", e essa morada é o Nirvana, então é incontestável que a Filosofia Budista *não* ensina a aniquilação final. Assim como se pretende que Jesus apareceu a seus discípulos após a morte, do mesmo modo acredita-se ainda hoje que Gautama retorna do Nirvana. E se ele existe aí, tal estado não é um sinônimo de *aniquilação*.

Gautama, assim como todos os outros grandes reformadores, tinha uma doutrina para os seus "eleitos" e outra para as massas, embora o objetivo principal se sua reforma consistisse em iniciar a todos, na medida em que era permissível e prudente fazê-lo, sem distinção de castas ou riquezas, nas grandes verdades até então mantidas em segredo pela egoísta classe bramânica. Gautama Buddha foi o primeiro, na história humana, quem movido pelo generoso sentimento, reúne toda a Humanidade num único amplexo, convidando o "pobre", o "aleijado" e o "cego" à mesa do festival real, da qual excluiu aqueles que haviam até então se sentado a sós, em orgulhoso isolamento. Foi ele quem, como mão enérgica, abriu pela primeira vez a porta do santuário ao pária, ao decaído e a todos os "aflitos pelos homens" vestidos em ouro e púrpura, porém que eram amiúde mais dignos de piedade do que os proscritos a quem apontavam desdenhosamente o dedo. Tudo isso fez Siddhârtha seis séculos antes de outro reformador, tão nobre quanto bondoso, embora menos favorecido pela sorte, em outra terra. Se ambos, conscientes do grande perigo de fornecer a uma população inculta a espada de dois gumes do *conhecimento que dá poder*, deixaram na mais profunda sombra o quadrante mais interno do santuário, quem, familiarizado com a natureza humana, poderá censurá-los por isso? Mas, ao passo que um agiu por prudência, o outro foi forçado a adotar esse meio. Gautama deixou intacta a parte esotérica e mais perigosa do "conhecimento secreto", e viveu até a idade avançada de oitenta anos, com a certeza de ter ensinado as verdades essenciais, e de a elas ter convertido um terço do mundo; Jesus prometeu a seus discípulos o conhecimento que confere ao homem o poder de *produzir milagres ainda maiores do que aqueles que ele fizera*, e morreu, deixando apenas uns poucos homens fieis, a meio caminho do conhecimento, para lutarem com o mundo ao qual não podiam comunicar senão o que eles próprios conheciam pela metade. Mai tarde, seus seguidores desfiguraram a verdade ainda mais do que eles próprios o haviam feito.

Não é verdade que Gautama nunca ensinou qualquer coisa a propósito da vida futura, ou que ele negou a imortalidade da alma. Perguntem a qualquer budista inteligente quais são suas idéias sobre o Nirvana, e ele expressar-se-á como o fez o conhecido Wong Ching Foo, o orador chinês, agora em viagem a este país, numa recente conversa conosco sobre o *Niepan* (Nirvana). "Esse estado", observou ele, "segundo todos entendemos, significa uma reunião final com Deus, que coincide com a perfeição do espírito humano por sua libertação final da matéria. É exatamente o contrário da aniquilação pessoal".

O Nirvana significa a certeza da imortalidade pessoal no *Espírito*, não na *Alma*, que, como uma emanção finita, deve certamente desintegrar suas partículas - um composto de sensações humanas, paixões e anseios por alguma espécie objetiva de existência - antes que o espírito imortal do *Ego* esteja completamente livre, e por conseguinte certo de não mais sofrer qualquer forma de transmigração. E como pode o homem atingir esse estado, enquanto o *Upâdâna*, esse estado de anseio pela *vida* e mais vida, não desaparecer do ser senciente, do *Ahamkara* vestido, contudo, com um corpo sublimado? É o "Upâdâna", o intenso desejo, que produz a VONTADE, e é a *vontade* que desenvolve a *força*, e esta gera a *matéria*, ou qualquer objeto provido de forma. Assim, o *Ego* desencarnado, movido por esse desejo imortal que nele reside, fornece inconscientemente as condições de suas sucessivas autoprocriações em várias formas, que dependem de seu estado mental e de seu *Karma*, as boas e más ações de sua existência anterior, comumente chamadas de "mérito e demérito". Eis por que o "Mestre" recomendava a seus mendicantes o cultivo dos quatro graus de Dhyâna, o nobre "Caminho das Quatro Verdades", i.e., essa aquisição gradual da indiferença em face da vida ou da morte; esse estado de autocontenplação espiritual durante a qual o homem perde completamente de vista sua dupla individualidade física, composta de corpo e alma, e unindo-se com seu terceiro eu imortal, o *homem real e celeste*, mergulha, por assim dizer, na Essência divina, donde o seu próprio espírito procede como uma centelha oriunda de uma chama comum. Assim, o Arhat, o santo mendicante, pode alcançar o Nirvana quando ainda na Terra; e seu espírito, totalmente liberto dos entraves da "sabedoria psíquica terrestre e demoníaca", com a designação São Tiago, e sendo por natureza onisciente e onipotente, pode sobre a Terra, por meio simplesmente de seu *pensamento*, produzir os maiores fenômenos.

DA ANTIGUIDADE DAS RELIGIÕES. (L. 3, pág. 278).

Exceto uns poucos arqueólogos imparciais que reconhecem um claro elemento budista no gnosticismo, assim como em todas as seitas efêmeras, pouco conhecimento temos de autores que, escrevendo sobre o Cristianismo primitivo, conferiram ao assunto a sua devida importância. Não temos fatos suficientes para, pelo menos, sugerir algum interesse nesta direção? Não aprendemos que já nos dias de Platão havia "brâmanes" - leia-se missionários budistas, samaneus, samãs ou shamans - na Grécia, e que num dado momento eles invadiram o país? Não mostra Plínio que eles se estabeleceram nas costas do Mar Morto, por "milhares de anos"? Fazendo o devido desconto ao exagero, restam-nos ainda vários séculos antes de nossa era como margem. E não é possível que sua influência tenha deixado marcas mais profundas em todas essas seitas do que geralmente se acredita? Sabemos que a seita jainista afirma derivar o Budismo de seus dogmas - esse Budismo que existia antes de Siddhârtha, mais conhecido como Gautama Buddha. Os brâmanes hindus, a quem os orientais europeus negam o direito de conhecer qualquer coisa a respeito de seu próprio país, ou de entender sua linguagem e seus registros melhor do que aqueles que nunca estiveram na Índia, com base no mesmo princípio pelo qual os judeus são proibidos, pelos teólogos cristãos, de interpretar suas próprias Escrituras -, os brâmanes, dizíamos, têm registros autênticos. E estes mostram que a encarnação do regaço da Virgem Avany do primeiro Buddha - *Luz Divina* - teve lugar alguns milhares de anos antes de Cristo, na ilha do Ceilão. Os brâmanes rejeitam a afirmação de que ele foi um dos avatâra de Vishnu, mas admite o surgimento de um reformador do Bramanismo nesse época. A história da Virgem Avany e de seu filho divino, Sâyamuni, está registrada em um dos livros sagrados dos budistas singaleses - o *Culla-Niddesa*; e a cronologia bramânica fica a grande revolução budista e a guerra religiosa, e o desenvolvimento subsequente do Sâkya-muni no Tibete, na China, no Japão e em outros lugares, no ano 4.620 a.C.

É claro que Gautama Buddha, o filho do Rei de Kapila-vastu, e o descendente do primeiro Sâkya, através de seu pai, que era da casta guerreira, Kshatriya, não inventou sua filosofia. Filantrópico por natureza, suas idéias foram desenvolvidas e amadurecidas quando ele ainda estava sob a tutela de Tirthankara, o famoso guru da seita jainista. Esta afirma que o Budismo atual era um ramo divergente de sua própria filosofia, e que ela é a única a congregar os poucos seguidores do primeiro Buddha, a quem se permitiu ficar na Índia, após a expulsão de todos os outros budistas, provavelmente porque haviam assumido algum compromisso, abraçando certas noções bramânicas. É curioso, para dizer o mínimo, que três religiões dissidentes e inimigas, como Bramanismo, Budismo e Jainismo, concordem tão perfeitamente em suas tradições e cronologias quanto ao Budismo, e que nossos cientistas dêem ouvidos apenas às suas próprias

injustificadas e especulações e hipóteses. Se o nascimento de Gautama pode, com alguma razão, ser fixado por volta do ano 600 a.C., então os Buddhas precedentes devem ter algum lugar na cronologia. Os Buddhas não são deuses, mas simplesmente indivíduos protegidos pelo espírito de *Buddha* - o raio divino. Ou será que é porque, incapazes de sair da dificuldade pela ajuda apenas de suas próprias pesquisas, nossos orientistas preferem suprimir e negar o todo, a atribuir aos hindus o direito de conhecer algo sobre sua própria religião e história? Estranha maneira de descobrir a verdade!

O argumento comum aduzido contra a pretensão jainista, no tocante a ser a fonte da restauração do antigo Budismo, de que o dogma principal desta última religião é oposto à crença dos jainistas, não resiste à análise. Os budistas, dizem nossos orientistas, negam a existência de um Ser Supremo; os jainistas admitem um, mas protestam contra a afirmação de que "Ele" pode interferir no governo do universo. Os budistas não negam em absoluto tal coisa. Mas se algum erudito desinteressado pudesse estudar cuidadosamente a literatura jainista, nos milhares de livros preservados - os deveríamos dizer ocultos - em Râjputâna, Jaisalmer, em Pattan e outros lugares; e especialmente se ele pudesse apenas ter acesso aos mais velhos de seus volumes sagrados, descobriria uma perfeita identidade de pensamento filosófico, se não de ritos populares, entre os jainistas e os budistas. O *Âdi-Buddha* e o *Âdinâtha* (ou *Âdisvara*) são idênticos em essência e propósito. Mas, se seguirmos os traços dos jainistas, com seus reclamos quanto à possessão dos templos-cavernas mais antigos, e seus registros de um antigüidade quase incrível, dificilmente poderemos vê-los sob uma luz diferente daquela em que eles próprios se vêem. Devemos admitir com toda certeza que eles são os únicos verdadeiros descendentes dos primitivos proprietários da Índia antiga, desapossados por aquelas misteriosas hordas conquistadoras de brâmanes de pele clara que vemos, na aurora da história, surgir como os primeiros pioneiros nos vales do Jumná e do Ganges. Os livros dos *Sravakas* - os únicos descendentes dos Arhats, os jainistas primitivos, os eremitas nus das florestas de outrora, podíamos lançar alguma luz talvez sobre muitas questões enigmáticas. Mas terão os nossos eruditos europeus, na medida em que seguem à sua própria política, tido jamais acesso aos volumes *correto*? Temos nossas dúvidas a esse respeito. Perguntem a qualquer hindu digno de fé como os missionários trataram os manuscritos que por má sorte caíram em suas mãos, e julgai então se podemos censurar os nativos por tentarem salvar da profanação os "deuses de seus pais".

OS CRISTÃOS E OS CRESTÃOS. (L. 3. pág. 280).

Os gnósticos *cristãos* surgiram por volta do início do século II, e justamente na época em que os essênios desapareceram misteriosamente, o que indica que eles eram os essênios, e, ademais, *crististas* puros, isto é, acreditavam no que um de seus próprios irmãos havia pregado, e o compreenderam melhor do que ninguém. Insistir em que a letra Iota, mencionada por Jesus em *Mateus* (V, 18), indicava uma doutrina secreta relativa aos dez Aeons, basta para demonstrar a um cabalista que Jesus pertencia à Franco-maçonaria daqueles dias; pois "I", que é o Iota em grego, tem outros nomes em outras línguas; e é, como o era entre os gnósticos daqueles dias, uma senha, que significa o CETRO do Pai, nas fraternidades orientais que existem ainda hoje.

Mas nos primeiros séculos, esses fatos, mesmo se conhecidos, foram propositadamente ignorados, e não apenas negados à opinião pública na medida do possível, mas veementemente negados sempre que o assunto vinha à baila. As denúncias dos padres tornaram-se mais amargas na proporção da verdade que procuravam refutar.

"Deduz-se daí" - escreve Irineu, queixando-se dos gnósticos - "que eles não aceitam nem as Escrituras, nem a tradição". Devemos, portanto, nos espantar, quando mesmo os comentadores do século XIX, tendo apenas uns poucos fragmentos dos manuscritos gnósticos para comparar com os volumosos escritos de seus caluniadores, foram capazes de detectar a fraude em quase todas as páginas? Quanto mais os gnósticos polidos e eruditos, como todas as suas vantagens da observação pessoal e do conhecimento dos fatos, compreenderam o estupendo esquema de fraude que estava sendo consumado diante de seus próprios olhos! Porque acusariam eles a Celso por afirmar que sua religião se baseava por completo nas especulações de Platão, com a diferença de que as doutrinas deste eram muito mais puras e racionais do que as deles, quando vemos Sprengel, dezessete séculos depois, escrevendo o seguinte? - "Não apenas pensavam eles [os cristãos] descobrir os dogmas de Platão nos livros de Moisés, mas, além disso, pesavam que, introduzindo o platonismo no Cristianismo, *elevariam a dignidade dessa religião e a tornariam mais popular entre os pagãos.*"

Eles o introduziram tão bem que não apenas a Filosofia Platônica foi selecionada como uma base para a trindade, mas mesmo as lendas e as histórias míticas correntes entre os admiradores do grande filósofo - homenagem tradicional a todo herói digno de deificação - foram restauradas e utilizadas pelos cristãos. Sem ir para além da Índia, não tinham eles um modelo pronto para a "concepção miraculosa", na lenda de Perictionê, a mãe de Platão? A esse respeito, afirmava também a tradição popular que ela o havia concebido

imaculadamente, e que o deus Apolo era seu pai. Mesmo a anunciação por um anjo a José "num sonho", os cristãos a copiaram da mensagem de Apolo a Ariston, esposo de Perictionê, de que a criança a nascer dela era filho desse deus. Assim também, afirma-se que Rômulo era filho de Marte e da virgem Rêa Sílvia.

Tertuliano, de quem des Mousseaux faz a apoteose em companhia de seus outros semideuses, o vêem com olhos bem diferentes Reuss, Baur e Schwegler. A falacidade da afirmação e a inexatidão de Tertuliano, diz o autor de *Supernatural Religion*, são amiúde ostensivas. Reus caracteriza seu cristianismo como "*âpre, insolent, brutal, ferrailleur*. Carece de união e de caridade, e às vezes mesmo de *lealdade*, quando se vê diante de uma oposição (...) Se no século II, todos os partidos, com exceção de alguns gnósticos, eram intolerantes, Tertuliano era o mais intolerante de todos"!

A obra iniciada pelos primeiros padres foi completada pelo bombástico Agostinho. Suas especulações supratranscendentais sobre a Trindade; seu diálogo imaginário com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e as *revelações* e as veladas alusões a seus ex-irmãos, os maniqueus, levaram o mundo a cobrir o gnosticismo de opróbrio, e lançou em profunda sombra a insultada majestade do Deus único, adorado em reverente silêncio por todos os "pagãos".

Eis por que toda a pirâmide de dogmas do Catolicismo romano repousa, não sobre provas, mas sobre suposições. Os gnósticos haviam colocado os padres na parede com muita habilidade, e a *única salvação destes foi recorrer à fraude.* Durante quase quatro séculos, os grandes historiadores quase contemporâneos de Jesus não tiveram a menor notícia seja de sua vida, seja de sua morte. Os cristãos espantam-se com uma omissão tão incompreensível do que a Igreja considera o maior evento da história universal.

A primeira e a mais importante seita de que ouvimos falar é a de Nicolaitenses, de quem João, no *Apocalipse*, faz a voz em sua visão dizer que odeia sua doutrina. Esses Nicolaitenses eram os seguidores, contudo, de Nicolau de Antioquia, um dos "sete" escolhidos pelos "doze" para distribuir os fundos comuns aos prosélitos de Jerusalém (Atos, II, 44, 45; VI, 1-5), algumas semanas, ou talvez meses, depois da Crucificação; e um homem "de bom nome, cheio de Espírito Santo e de sabedoria" (versículo 3). Parece, pois, que o "Espírito Santo e a sabedoria" vindos do alto garantiam tão pouco contra as acusações de "heresia", como se os "eleitos" dos apóstolos jamais os houvessem protegido.

Seria fácil descobrir que espécie de heresia era essa que ofendia, mesmo se não tivéssemos outras fontes de informação mais autênticas, nos escritos cabalísticos. A acusação e a natureza precisa da "abominação" figuram no segundo capítulo do *Apocalipse*, versículo 14, 15. O pecado era simplesmente - o *matrimônio*. João era "virgem"; vários padres atestam o fato com base na autoridade da tradição. Mesmo Paulo, o mais liberal e o mais nobre de todos, encontra dificuldades para reconciliar a posição de um homem casado, com a de um fiel servo de Deus. Há também "uma diferença entre um esposa e uma virgem". Esta última cuida "das coisas do Senhor", e a outra apenas "de como pode agradar ao esposo". "Se alguém julga agir de modo inconveniente para com a sua virgem (...) que se casem. Mas aqueles que, no seu coração tomou firme propósito (...) e tem a força de vontade, e assim decidiu (...) conservar *sua virgem*, esse procede bem". Portanto, aquele que se casa "age bem" (...) mas aquele que não a dá em casamento procede melhor ainda". "Estás ligado a uma mulher?" pergunta ele. "Não procures mulher. Não estás ligado a uma mulher". (27) E assinalando que, de acordo com seu julgamento, ambos serão mais felizes se não se casarem, acrescenta, como grave conclusão: "E julgo que possui o Espírito de Deus" (40). Muito longe desse espírito de tolerância estão as palavras de João. Segundo sua visão, há "apenas cento e quarenta e quatro mil que foram *resgatados* da terra", "esses são os que não se contaminaram com mulheres: são virgens". Isso parece conclusivo; pois, exceto Paulo, nenhum desses primitivos *Nazari*, "apartados" e devotados a Deus, parece fazer uma grande diferença entre "pecado" com o relacionamento do matrimônio legal e a "abominação" do adultério.

Com tais opiniões e com tal estreiteza de espírito, é perfeitamente natural que esses fanáticos tenham começado por lançar essa *iniquidade* como uma mácula à face dos irmãos, prosseguindo em suas acusações. Como já mostramos, é apenas Epifânio que dá minuciosos detalhes dos "toques" e outros sinais de reconhecimentos entre os gnósticos. Por outro lado, é absurdo acreditar que pessoas como os gnósticos - que, de acordo com Gibbon, eram os homens mais ricos, mais orgulhosos, mais polidos e mais sábios dentre os que "se chamavam cristãos" - fossem culpados das ações reprováveis e libidinosas com que Epifânio se compraz em acusá-los. Mesmo se eles fossem como esse "grupo de maltrapilhos, quase nus, de rostos ferozes", que Luciano descreve como os seguidores de Paulo, hesitaríamos em acreditar em tal infame história. É muito menos provável que homens que eram não apenas platônicos, mas também cristãos, tenham sido culpados de ritos tão absurdos.

DA PUREZA DAS REFORMAS RELIGIOSAS. (L. 3. pág. 287).

Todas as grandes reformas religiosas foram puras em seu início. Os primeiros seguidores de Buddha, assim como os discípulos de Jesus, eram homens de mais alta moralidade. A aversão pelo vício experimentada pelos reformadores de todas as idades está comprovada nos casos de Sâkyamuni, Pitágoras, Platão, Jesus, São Paulo, Amônio Saccas. Os maiores líderes gnósticos - se tiveram menos sucesso - não foram menos virtuosos na prática, nem menos puros moralmente. Marcion, Basilides, Valentino eram famosos por suas vidas ascéticas. Os Nicolaitenses, que, se não pertenciam ao grande corpo dos ofitas, contavam entre as pequenas seitas que foram por ele absorvidas no início do século II, devem sua origem, como já mostramos, a Nicolau de Antioquia, "um homem de bom renome, cheio do Espírito Santo e de Sabedoria". Que absurda a idéia de que tais homens teriam instituído "ritos libidinosos"! Seria o mesmo que acusar Jesus de ter promovido os ritos similares que vemos praticados com tanta freqüência pelos cristãos medievais *ortodoxos* atrás da segura proteção dos muros monásticos.

O cristianismo dogmático e fabricado do período Constantino é simplesmente um rebento das numerosas seitas conflitantes, elas mesmas meias-castas, nascidas de pais pagãos. Cada uma delas poderia reivindicar seus representantes convertidos ao chamado corpo *ortodoxo* de cristãos. E como todo dogma recém-nascido tinha de ser aceito por maioria de votos, toda seita coloria a substância principal com a sua própria nuance, até o momento em que o imperador impunha ao mundo, como a *religião de Cristo*, essa miscelânea, de que ele evidentemente não entendia uma palavra. Fatigado por seus vãos esforços para aprofundar esse pântano insondável de especulações internacionais, incapaz de apreciar uma religião baseada na pura espiritualidade de uma concepção ideal, o Cristianismo entregou-se à adoração da força bruta representada pela Igreja edificada por Constantino. Desde então, entre os milhares de ritos, dogmas e cerimônias copiados do Paganismo, a Igreja só pode reivindicar uma única invenção, absolutamente original, a saber, a doutrina da condenação eterna, e um costume, o do anátema. Os pagãos rejeitavam a ambos com horror. "Uma execração é uma coisa temerária e terrível", diz Plutarco. "Por tal razão, a sabedoria de Atenas foi condenada por ter recusado a amaldiçoar Alcebiades [por profanação dos mistérios], quando o povo lhe pedia para fazê-lo; pois, ela era uma *sacerdotisa de preces, não de maldições*".

"Pesquisas aprofundadas mostrariam" - diz Renan - "que quase tudo no Cristianismo é mera bagagem trazida dos mistérios pagãos. O culto cristão primitivo nada é senão um *mistério*. Toda a política interna da Igreja, os graus de iniciação, o imperativo do silêncio, e a mesma de frases da linguagem eclesiástica, não têm outra origem. A revolução que sufocou o Pagamismo *parece* à primeira vista (...) uma ruptura absoluta com o passado (...) mas a *fé popular salvou seus símbolos mais populares do naufrágio*. O Cristianismo introduziu, de início, tão poucas modificações nos hábitos da vida privada e social que para muitos, nos séculos IV e V, é incerto se deve contá-los entre os pagãos ou entre os cristãos; muitos parecem ter trilhado um caminho indeciso entre os dois cultos." Falando mais adiante da *Arte*, que formou uma parte essencial da religião antiga, diz ele que "*foi difícil quebrar uma de suas tradições*. A arte cristã primitiva não passa, na verdade, de arte pagã em sua decadência, ou de natureza inferior. O Bom Pastor das catacumbas em Roma é uma cópia do Aristeu, ou do Apolo Nomios, que figura na mesma postura dos sarcófagos pagãos, e ainda traz a flauta de Pan no meio das quatro estações. Na tumba cristã do Cemitério de São Calixto, Orfeu encanta os animais. Noutro lugar, o Cristo como Júpter-Plutão, e Maria como Proserpina, recebem as almas que Mercúrio, portando um elmo de largas bordas e trazendo na mão o caduceu do condutor de almas (*psychopompos*), lhes leva, na presença das três parcas. Pégaso, o símbolo da apoteose; Psychê, o símbolo da alma imortal; o Céu, personificado por um homem velho; o rio Jordão, e Vitória, representada em inúmeros monumentos cristãos."

Como já mostramos alhures, a comunidade cristã primitiva era composta de pequenos grupos espalhados por toda parte, e organizados em sociedades secretas, com senhas e sinais. Para evitar as incessantes perseguições de seus inimigos, eles eram obrigados a buscar segurança e a se reunirem em catacumbas abandonadas, em locais inacessíveis das montanhas, e em outros esconderijos seguros. Toda reforma religiosa depara, em seu início, com tais dissabores. Desde a sua primeira aparição, vemos Jesus e seus doze discípulos reunindo-se à parte, em refúgios seguros no deserto, e entre os amigos de Betânia. Se a cristandade não se tivesse composto de "comunidades secretas" desde o início, a história teria mais *fatós* para relatar sobre seu fundador e seus discípulos do que aqueles que agora dispõe.

É verdadeiramente surpreendente constatar a pouca importância que a personalidade de Jesus exerceu sobre seu próprio século. Renan mostra que Filon, que morreu por volta do ano 50, e nasceu muitos anos antes de Jesus, vivendo na Palestina, onde a "boa nova" era pregada por todo o país, segundo os *Evangelhos*, jamais ouviu falar dele (Essa afirmação, infelizmente, é errada. Filon, o judeu, residiu principalmente em Alexandria, "a morada favorita dos judeus cultos" (Yonge, *The Works of Philo Judaeus*, Prefácio), mas visitou Jerusalém pelo menos

uma vez. N. do Org.) Josefo, o historiador, que nasceu três ou quatro anos após a morte de Jesus, menciona a sua execução numa breve sentença, e mesmo essas poucas palavras foram alteradas "por mão cristã", diz o autor da *Vida de Jesus*. Escrevendo no final do século I, quando Paulo, o erudito propagandista, conforme se alega, havia fundado tantas igrejas, e Pedro, estabelecido a sucessão apostólica, que a cronologia irinaico-euseviana pretende já contar com três bispos de Roma, Josefo, o cuidadoso enumerador e minucioso historiador mesmo das seitas mais insignificantes, ignora inteiramente a existência de uma seita cristã. Suetônio, secretário de Adriano, escrevendo na primeira quadra do século II, sabe tão pouco de Jesus ou de sua história a ponto de dizer que o Imperador Cláudio "baniu todos os judeus, que causavam contínuas perturbações, por instigação de um tal *Chêstos*", ou seja, Cristo, segundo podemos supor. O próprio Imperador Adriano, escrevendo ainda mais tarde, estava tão pouco impressionado com os dogmas ou com a importância da nova seita que, numa carta a Serviano, mostra acreditar que os cristãos eram adoradores de Serapis. "No século II", diz C. W. King, "as seitas sincréticas que haviam surgido em Alexandria, o berço do gnosticismo, encontraram em Serapis um tipo profético de Cristo como Senhor e Criador de tudo, e Juiz da vida e da morte". Portanto, ao passo que os filósofos "pagãos" jamais haviam considerado Serapis, ou antes a idéia abstrata que nele se encarnava, senão como uma representação da *anima mundi*, os cristãos antropomorfizaram o "Filho de Deus" o seu "Pai", não encontrando modelo melhor para ele do que o ídolo de um mito pagão! "Não há dúvida" - assinala o mesmo autor - "que a cabeça de Serapis, marcada como é sua face por uma grave e pensativa majestade, forneceu a primeira idéia para as imagens convencionais do Salvador". (King, *The Gnostic*, etc. p.68 [p. 161-62 na 2ª ed.]. Em *Symbolical Language of Ancient Art and Mythology*, de R. Payne Knight, Serapis é representada com longos cabelos, "penteados para trás e dispostos em madeiras que caem sobre seus ombros como os da mulher. Todo seu corpo está sempre envolto num traje que lhe desce até os pés" (§ CXLV). Essa é a imagem convencional de (Jesus) Cristo.)

Nas notas tomadas por um viajante - cujo episódio com os monges do Monte Athos foi mencionado acima - encontramos que, durante sua juventude, Jesus havia tido freqüentes contatos com os essênios pertencentes à escola pitagórica, e conhecidos como *koinobioi*. Acreditamos que Renan se equivocou quando afirma dogmaticamente que Jesus "ignorava por completo os nomes de Buddha, Zoroastro e Platão"; que ele jamais havia lido um livro grego ou budista, "embora mais de um elemento de sua doutrina procedesse do Budismo, do Parsismo e da sabedoria grega". Isso é conceder um meio-milagre, e dar muita oportunidade ao acaso e à coincidência. É um abuso de privilégio quando um autor, que afirma escrever fatos históricos, tira deduções convencionais de premissas históricas, e então chama sua biografia de - uma *Vida* de Jesus. Assim como qualquer compilador das lendas relativas à história problemática do profeta nazareno, não tem ele uma polegada de terreno seguro em que se apoiar; não se pode afirmar o contrário, exceto por vias dedutivas. No entanto, ao passo que Renan não tem um único fato solitário para mostrar que Jesus jamais havia estudado os dogmas metafísicos do Budismo e do Parsismo, ou tido conhecimento da filosofia de Platão, seus oponentes têm as melhores razões do mundo para suspeitar o contrário. Quando eles acreditam que - 1ª, todas as suas máximas têm um espírito pitagórico, quando não repetições *verbatim*; 2ª, seu código de ética é puramente budista; 3ª, seu modo de vida e seus atos são essênios; e 4ª, sua maneira mística de expressão, suas parábolas, e seus hábitos são os de um iniciado, seja grego, caldeu ou mágico (pois os "Perfeitos", que falaram da sabedoria *oculta*, pertenciam à mesma escola de saber arcaico em todo o mundo), é difícil escapar à conclusão lógica de que ele pertencia ao mesmo corpo de iniciados. É um pobre tributo pago ao Supremo, essa tentativa de impingir-Lher quatro evangelhos, nos quais, contraditórios como são, não há uma única narrativa, sentença ou expressão peculiar, cujo paralelo não possa ser encontrado em alguma doutrina ou filosofia mais antiga. Na verdade, o Todo-Poderoso - não fosse apenas para poupar às gerações futuras a sua atual perplexidade - poderia ter trazido Consigo, em Sua *primeira e única* encarnação na Terra, algo original - algo que traçasse uma linha distinta de demarcação entre Ele e os numerosos outros deuses encarnados pagãos, que haviam nascidos de virgens, e todos salvadores, mortos ou sacrificados para o bem da Humanidade.

Concessões demais foram feitas ao lado emocional da história. O que o mundo precisa é uma concepção menos exaltada, porém mais fiel, de uma personagem por cuja adoração aproximadamente metade da cristandade destronou o Todo-Poderoso. Não contradizemos o erudito mundialmente famoso, quando em sua *Vida de Jesus*, aduz com afirmações *históricas*. Contestamos apenas umas poucas asserções injustificáveis e insustentáveis que o narrador emotivo deixou escapar nas páginas, por outro lado tão belas, de sua obra - uma vida construída sobre meras probabilidades, mas de alguém que, se aceito como personagem histórica, tem maiores direitos ao nosso amor e à nossa veneração, falível como é em toda a sua grandeza, do que se o representamos como um Deus onipotente. É apenas neste último caráter que Jesus pode ser visto por todo espírito reverente como um fracasso.

Não obstante a escassez das obras filosóficas de que agora dispomos, poderíamos apresentar inúmeros exemplos da perfeita identidade entre as máximas pitagóricas, as hindus e as do *Novo Testamento*. Não há dúvida a esse respeito. O que é necessário é um público cristão que examine o que lhe for mostrado, e

que dê seu veredicto de maneira honesta. A fraude já teve sua hora, e cometeu o que havia de pior. "Não devemos nos assustar", diz o Prof. Müller, "se descobrimos traços de verdade cristã, entre os sábios e os legisladores de outras nações."

Após a leitura dos seguintes aforismos filosóficos, quem poderá acreditar que Jesus e Paulo jamais leram os filósofos gregos e indianos?

VERSÍCULOS DO NOVO TESTAMENTO

1. "Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam" (*Mateus, VI, 19*).
2. "E se tua mão te escandalizar, corta-a; é melhor para ti entrares mutilado *para a vida*, do que, tendo duas mãos, ir para o inferno", etc. (*Marcos, IX, 43*).
3. Não sabeis que sois um *templo de Deus*, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (*I Coríntios, III, 16*).
4. "Deste modo vos tornareis filhos de vosso Pai que está no Céu (...) sede perfeitos como o vosso *Pai* que está no céu *é perfeito*" (*Mateus, V, 45-8*).
5. "Fazei ao próximo o que desejais que o próximo vos faça."
6. "Ele faz nascer o seu Sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos" (*Mateus, V, 45*).
7. "Pois àquele que tem, lhe será dado (...) ao que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado" (*Mateus, XIII, 12*).
8. "Bem-aventurado os puros de coração, porque verão a Deus" (*Mateus, V, 8*).

MÁXIMAS DE SEXTO, O PITAGÓRICO, E DE OUTROS PAGAÇOS

1. "Possui apenas as coisas que ninguém te possa roubar."
2. É melhor queimar uma parte do corpo do que deixá-la no estado em que está, assim como é melhor para um homem depravado morrer que viver."
3. "Tendes em vós algo *semelhante a Deus*: portanto, considerai-vos *como o templo de Deus*."
4. "A melhor honra que se pode prestar a Deus é conhecê-lo e imitá-lo."
5. "O que não desejo que os homens me façam, eu também não faço para os homens" (Analetos de Confúcio, cap. V, XV; ver Max Müller, Chips, I, pp. 304 e s.).
6. "A Lua brilha mesmo na casa do Pecador" (Manu).
7. "Dá-se àquele que dão; rouba-se aqueles que roubam" (Ibid.).
8. "Só a pureza da mente permite ver a Deus" (ibid.) - ainda hoje uma máxima popular na Índia.

Platão não escondeu o fato de que extraiu suas melhores doutrinas filosóficas de Pitágoras, e que foi simplesmente o primeiro a reduzi-las a uma ordem sistemática, mesclando-se ocasionalmente com suas próprias especulações metafísicas. Mas o próprio Pitágoras obteve suas recônditas doutrinas, primeiro dos descendentes de Mochus, e depois dos brâmanes da Índia. Ele foi também iniciado nos mistérios dos hierofantes de Tebas, os magi persas e caldeus. Assim, podemos traçar, passo por passo, a origem de muitas de nossas doutrinas na Ásia Menor. Retirai do Cristianismo a personalidade de Jesus, tão sublime graças à sua incomparável simplicidade, e o que resta? A História e a Teologia comparada nos dão a melancólica resposta: "Um esqueleto esfarelado constituído dos mitos pagãos mais antigos"!

Enquanto o nascimento mítico e a vida de Jesus são uma cópia fiel do Krishna bramânico, seu caráter histórico de reformador religioso na Palestina, é o que mais se assemelha a Buddha, na Índia. Em mais de um sentido, sua grande semelhança nas aspirações filantrópicas e espirituais, assim como nas circunstâncias externas, sendo tudo verdadeiramente impressionante. Embora filho de um rei, ao passo que Jesus era apenas um carpinteiro, Buddha não pertencia por nascimento à alta casta dos brâmanes. Como Jesus, ele se sentiu insatisfeito com o espírito dogmático da religião de seu país, a intolerância do clero, sua exibição externa de devoção, e suas cerimônias e orações inúteis. Assim como Buddha rejeitou violentamente as leis e as regras tradicionais dos brâmanes, Jesus declarou guerra contra os fariseus e os orgulhosos saduceus. O que o nazareno fez como conseqüência de seu nascimento e de sua posição humilde, Buddha o fez como uma penitência voluntária. Ele viajava como um mendigo; e - ainda como Jesus -, no curso da vida, procurava de preferência a companhia dos publicanos e dos pecadores. Ambos tinham em mente tanto uma reforma social, como uma reforma religiosa; e, dando o golpe de misericórdia à antiga religião de seus países, ambos se tornaram o fundador de uma nova religião.

"A reforma de Buddha", diz Max Müller, "teve na origem muito mais um caráter social do que uma caráter religioso (...). O elemento mais importante da reforma budista sempre foi o seu código social e moral, não suas teorias metafísicas. *Esse código moral (...)* é um dos mais perfeitos de que o mundo tem notícia (...) e aquele cujas meditações procuravam libertar a alma do homem da miséria e do medo da morte, libertaram o povo da Índia da servidão degradante de uma tirania sacerdotal." Ademais, o conferencista acrescenta, por outro lado, que, se fosse diferente, "Buddha poderia ter ensinado a filosofia que lhe aprouvesse, e dificilmente lhe teríamos ouvido o nome. O povo não lhe teria notado a existência, e seu sistema cairia como uma gota no oceano da especulação filosófica, pelo qual a Índia tem sido inundada por todos os tempos."

ASPECTOS DA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS. (L. 3. pág. 291).

Ocorreu o mesmo com Jesus. Enquanto Filon, que Renan chama de irmão mais velho de Jesus, Hillel, Shammai e Gamaliel, são raramente mencionados - Jesus tornou-se um Deus! No entanto, puro e divino como era o código moral ensinado por Jesus, ele jamais poderia ser comparado como o de Buddha, não fosse a tragédia do Calvário. O que propiciou a deificação de Jesus foi sua morte dramática, o sacrifício voluntário de sua vida, que foi feito, como se pretende, para o bem da Humanidade, e o posterior dogma conveniente da expiação, inventado pelos cristãos. Na Índia, onde não se dá nenhum valor à vida, a crucificação teria produzido pouco efeito, se algum. Num país em que - como o sabem todos os indianistas - os fanáticos se condenam à morte lenta, em penitência que duram anos; em que as macerações mais terríveis são auto-inflingidas pelos faquires; em que jovens e delicadas viúvas, num espírito de bravata contra o governo, assim como por causa do fanatismo religiosos, sobem à pira funerária como um sorriso nas faces; em que, para citar as palavras do grande conferencista, "os homens na flor da idade se jogam sob o carro de Jaggeernâth, para serem esmagados até a morte pelo ídolo em que acreditam; em que o querelante que não consegue justiça se deixa morrer de fome à porta de seu juiz; em que o filósofo que pensa que aprendeu tudo que este mundo lhe pode ensinar, e que aspira pela absorção na Divindade, se joga tranqüilamente no Ganges, a fim de chegar à outra margem da existência", em tal país, mesmo uma crucificação teria passado despercebida. Na Judéia, e mesmo entre nações mais bravas que os judeus - os romanos e os gregos -, em que todos eram mais ou menos apegados à vida, lutando desesperadamente para conservá-la, o fim trágico do grande reformador deveria ter produzido uma profunda impressão. Os nomes de heróis menores como Mucius Scaevola, Horatius Cocles, a mãe dos Gracchi, e outros, chegaram à posteridade; e, durante nossos anos de escola, e mesmo depois na vida, suas histórias despertaram nossa simpatia e granjearam uma reverente admiração. Mas poderemos jamais esquecer o sorriso de desprezo de certos hindus em Benares, quando uma senhora inglesa, esposa de um clérigo, tentou impressioná-los com a grandeza do sacrifício de Jesus, ao dar sua vida para nós. Foi então que pela primeira vez ficamos impressionados com o papel que o grande drama do Calvário exerceu nos eventos subseqüentes da fundação da cristandade. Mesmo o imaginativo Renan foi impelido por esse sentimento a escrever, no último capítulo de sua *Vida de Jesus*, umas poucas páginas de singular e delicada beleza.

Apolônio, contemporâneo de Jesus de Nazaré, foi, como ele, um entusiasta fundador de uma nova escola espiritual. Talvez menos metafísico e mais prático do que Jesus, menos terno e perfeito em sua natureza, ele, não obstante, inculcou a mesma quintessência de espiritualidade, e as mesmas elevadas verdades morais. Seu grande erro consistiu em confiná-las por demais às classes superiores da sociedade. Enquanto o pobre Jesus pregava "Paz na terra e boa vontade para com os homens", Apolônio era o amigo dos reis, e privava com a aristocracia. Nasceu no seio desta, e era um homem de riqueza, ao passo que o "Filho do Homem", representando o povo, "não tinha onde repousar a cabeça"; não obstante, os dois "fazedores de milagre" exibiam uma impressionante similaridade de propósitos. Já antes de Apolônio havia aparecido Simão, o Mago, denominado "o grande Poder de Deus". Seus "milagres" são mais extraordinários, mais variados e mais bem atestados do que os dos apóstolos ou os do próprio filósofo galileu. O materialismo nega o fato em ambos os casos, mas a história o comprova. Apolônio seguiu a ambos; e quão grandes e renomados foram seus atos miraculosos em comparação como os do pretense fundador do Cristianismo, conforme afirmam os cabalistas, temos novamente a história e Justino o Mártir, para comprová-lo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE BUDDHA, JESUS E APOLÔNIO DE TIANA. (L. 3. pág. 292).

Como Buddha e Jesus, Apolônio foi um intransigente inimigo de toda a ostentação exterior de piedade, de toda a exibição de cerimônias religiosas inúteis e de toda a hipocrisia. Se, como o Salvador cristão, o sábio cristão, o sábio de Tyana tivesse, por preferência, buscado a companhia do pobre e do humilde; e se, ao invés de morrer confortavelmente, e com mais de cem anos de idade, tivesse sido um mártir voluntário, proclamado a verdade divina de uma cruz, seu sangue se teria provado tão eficaz para a subseqüente disseminação das doutrinas espirituais, como o do Messias cristão.

As calúnias atiradas contra Apolônio foram tão numerosas como falsas. Mesmo dezoito séculos depois da sua morte, ele foi caluniado pelo Bispo Douglas em sua obra contra os milagres. Nisso o justo Rev. Bispo colidiu contra os fatos históricos. Se estudarmos o assunto com um espírito imparcial, percebemos rapidamente que as éticas de Gautama Buddha, Platão, Apolônio, Jesus, Amônio Saccas, e seus discípulos, baseavam-se todas na mesma filosofia mística; que todos reverenciavam um Deus, seja O considerado como o "Pai" da Humanidade, que vive no homem como o homem vive nele, seja como o Incompreensível Princípio Criador; todos viveram vidas sublimes. Amônio, falando de sua filosofia, ensinava que sua escola datava dos dias de Hermes, que trouxe sua sabedoria da Índia. Tratava-se da mesma contemplação mística do iogue: a

comunhão do Brahman com seu próprio Eu luminoso - o "Átman". E esse termo hindu é cabalístico *par excellence*. O que é o Eu? - pergunta-se no *Rig-Veda*; "O Eu é o Senhor de todas as coisas (...) todas as coisas estão contidas nesse Eu; todos os eus estão contidos nesse Eu. O próprio Brâhman não é senão Eu", é a resposta. Diz *Idrah Rabbah*: "Todas as coisas são Ele, e em todas as partes Ele está *oculto*. O Adão-Cadmo dos cabalistas contém em si todas as almas dos israelitas, e está em todas as lamas", diz o *Zohar*. Os princípios fundamentais da Escola Eclética eram portanto idênticos às doutrinas dos iogues, os místicos hindus, e do Budismo primitivo dos discípulos de Gautama. E quando Jesus assegurava a seus discípulos que "o espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque *não O vê*, nem O conhece", está *com eles e neles*, que "estão nEle e Ele neles, ele apenas expunha a mesma doutrina que reconhecemos em toda filosofia digna desse nome.

Saint-Hilaire, o erudito e cético sábio francês, não acredita numa palavra da parte miraculosa da vida de Buddha; não obstante, ele é franco ao dizer que Gautama só é excedido por Cristo na grande pureza de sua ética e de sua moralidade pessoal.

"Não hesito em dizer", assinala Barthélemy Saint-Hilaire, "que, com exceção apenas de Cristo, não há, entre os fundadores de religiões, uma figura mais pura ou mais tocante do que a de Buddha. Sua vida é imaculada. Seu heroísmo constante iguala suas convicções (...) Ele é o modelo perfeito de todas as virtudes que prega; sua abnegação, sua caridade, a doçura inalterável de seu caráter não o abandonam em nenhum momento. Ele abandonou, aos vinte e nove anos, a corte de seu pai para tornar-se um monge e um mendigo (...) e quando morreu nos braços de seus discípulos, foi com a serenidade de um sábio que praticara a virtude por toda a vida, e que morre convencido de ter encontrado a verdade. Esse merecido panegírico não é mais vigoroso do que aquele que o próprio Laboulaye pronunciou, e que despertou a ira de des Mousseaux. "É mais do que difícil", acrescenta este último, "compreender como homens não assistidos pela revelação subiram tão alto e se aproximaram tão perto da verdade". É curioso que haja tantas almas elevadas "não assistidas pela revelação"!

E por que deveríamos nos espantar com o, fato de que Gautama morreu com serenidade filosófica? Como afirmam corretamente os cabalistas: "A morte não existe, e o homem jamais abandona a vida universal. Aqueles que pensamos estarem mortos ainda vivem em nós, assim como nós vivemos neles (...) Quanto mais se vive para os seus semelhantes, menos se deve temer a morte". E, poderíamos acrescentar, aquele que *vive* para a Humanidade faz muito mais por ela do que aquele que morre.

O *Inefável Nome*, em busca do qual tantos cabalistas - que não conheciam nenhum adepto oriental, ou mesmo europeu - consumiram em vão seus conhecimentos e suas vidas, repousa latente no coração de todos os homens. Esse nome mirífico que, de acordo com os antigos oráculos, "se lança nos mundos infinitos, pode ser obtido de duas maneiras: pela iniciação regular, e através da "pequena voz" que Elias ouviu na caverna de Horeb, a montanha de Deus. E "quando Elias a ouviu, *cobriu o rosto com o manto*, e saiu, e pôs-se à entrada da caverna. E veio-lhe uma voz (...)".

Quando Apolônio de Tiana desejava ouvir a "sigilosa voz", ele costumava envolver-se dos pés à cabeça com um manto de fina lã, após ter feito alguns passes magnéticos, e pronunciava, não o "nome", mas uma invocação bem-conhecida de todo adepto. Então, lançava o manto sobre a cabeça, e seu espírito translúcido ou astral se libertava. Nas ocasiões ordinárias, ele não trajava nenhuma veste de lã. A posse da combinação secreta do "nome" conferia ao hierofante o poder supremo sobre qualquer ser, humano ou não, inferior a ele em força de alma. Portanto, quando Max Müller nos fala da "Majestade Oculta" quixua, que jamais devia ser aberta por mãos humanas, o cabalista compreende perfeitamente qual o sentido da expressão, e não se surpreende ao ouvir a exclamação desse erudito filólogo: "Ignoramos do que se trata!"

Não podemos repetir suficientemente que é apenas através das doutrinas das filosofias mais antigas que se pode entender a religião pregada por Jesus. É através de Pitágoras, Confúcio e Platão que podemos compreender a idéia que subjaz ao termo "Pai" no *Novo Testamento*. O ideal platônico da Divindade, que ele chama de Deus eterno e invisível, o Criador e Pai de todas as coisas, é o próprio "Pai" de Jesus. Esse Ser Divino de quem o sábio grego diz que não pode ser nem invejoso, nem o criador do mal, pois não pode produzir senão o que é bom e justo, não é com certeza o Jeová mosaico, o "Deus ciumento", mas o Deus de Jesus, que "só é bom". Ele louvou Seu poder divino que a tudo abarca, e Sua onipotência, mas insinua que, por ser imutável, Ele não pode jamais alterar suas leis, i.e., extirpar o mal do mundo através de um milagre. Ele é onisciente, e nada escapa de Seu olhar vigilante. Sua justiça, que descobrimos encarnada na lei da compensação e da retribuição, não deixará um crime sequer sem punição, uma virgula sequer sem recompensa; e portanto declara que o único meio de honrar a Deus é cultivar a pureza moral. Ele rejeita por completo não apenas a idéia antropomórfica de que Deus teria um corpo material, mas rejeita com repulsa as

fábulas que atribuem paixões, querelas e crimes de toda sorte aos deuses menores. Ele nega com indignação que Deus Se permite ser prociado, ou antes subornado, por preces e sacrificios.

O *Fedro* de Platão expõe tudo o que o homem foi uma vez, e o que ainda pode vir a ser. "Antes de o espírito do homem cair na sensualidade e nela ser incorporado pela perda de suas asas, ele vivia entre os deuses do mundo aéreo espiritual, onde tudo é verdadeiro e puro". No *Timeu*, ele diz que "houve um tempo em que a Humanidade não se perpetuava, mas vivia na forma de espíritos puros." No mundo futuro, diz Jesus, "nem eles se casam, nem elas são dadas em casamento", mas "são como os anjos de Deus no Céu".

Quando lemos a verdadeira história de Buddha e do Budismo escrita por Müller, e as entusiásticas opiniões expressas por Barthélemy Saint-Hilarie e Laboulaye, e quando, finalmente, um missionário papal, uma testemunha ocular, e alguém que pode ser acusado de tudo, menos de parcialidade para com os budistas - queremos falar do Abade Huc -, não consegue senão expor a sua admiração pelo elevado caráter individual desses "cultores do demônio", devemos considerar a filosofia de Sâkyamuni como algo mais do que a religião de fetichismo e ateísmo que os católicos nos querem forçar a acreditar. Huc foi um missionário e seu primeiro dever consistia em considerar o Budismo como um rebento do culto de Satã. O pobre Abade Huc foi riscado da lista de missionários em Roma, após a publicação de seu livro de viagens. Isto ilustra quão pouco podemos aprender da verdade sobre as religiões de outros povos através dos missionários, quando seus relatos são preliminarmente revisados pelas autoridades eclesiásticas superiores, e os viajantes severamente punidos por falar a verdade.

Quando Marco Polo perguntou a homens que recebiam, e ainda recebem, a pecha de "ascetas obscenos", em suma, os fieis de certas seitas da Índia, geralmente chamados de "iogues", "se não tinham vergonha de andarem nus como o faziam", eles responderam ao indagador do século XII como o fariam a um missionário do século XIX: "Andamos nus", disseram eles, "porque nus viemos ao mundo, e nada desejamos possuir que seja deste mundo. Ademais, não temos conhecimento de um pecado da carne e, por conseguinte, não temos vergonha de nossa nudez, tal como vós não tendes ao mostrar vossas mãos e vossos rostos. Vós que conheceis os pecados da carne, vós tendes razão em vos envergonhar, e em cobrir vossa nudez".